



# CORRESPONDENTES

Bastidores, histórias e aventuras  
de jornalistas brasileiros pelo mundo



MEMÓRIA GLOBO

GLOBOLIVROS

# CORRESPONDENTES

BASTIDORES, HISTÓRIAS E AVENTURAS DE JORNALISTAS BRASILEIROS PELO  
MUNDO

MEMÓRIA GLOBO

MEMÓRIA GLOBO

GLOBOLIVROS

## SUMÁRIO

*[Pular sumário \[ » » \]](#)*

[PREFÁCIO](#)

[APRESENTAÇÃO](#)

[Sandra Passarinho](#)

[Lucas Mendes](#)

[Roberto Feith](#)

[Luís Fernando Silva Pinto](#)

[Ricardo Pereira](#)

[Sergio Motta Mello](#)

[Silio Boccanera](#)

[Renato Machado](#)

[Ernesto Paglia](#)

[Pedro Bial](#)

[Ilze Scamparini](#)

[Caco Barcellos](#)

[Sônia Bridi](#)

[César Tralli](#)

[Marcos Uchoa](#)

[Edney Silvestre](#)

[Jorge Pontual](#)

[Marcos Losekann](#)

[Roberto Kovalick](#)

[Rodrigo Alvarez](#)

[OS REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS](#)

ÍNDICE DE TERMOS PARA PESQUISA

REFERÊNCIAS

NOTAS

SOBRE A MEMÓRIA GLOBO

CRÉDITOS



Este livro faz uso da tecnologia *QR code*. Os códigos de barras em 2D levam você a um hotsite do Memória Globo, com conteúdo extra e exclusivo sobre os repórteres e repórteres cinematográficos destacados nesta obra: mais fotos, vídeos, reportagens e detalhes da trajetória de cada um deles.

Para ter acesso a esses links, basta escanear o *QR code* utilizando a câmera fotográfica do telefone celular ou tablet e um software de leitura do código, disponível na loja de aplicativos do seu aparelho. Ao ser escaneado, o *QR code* irá direcioná-lo para uma página do Memória Globo. Ou, se desejar, basta clicar no QR Code e você será direcionado para a página correspondente. Como se trata de acesso a um site, é necessário que o celular tenha a funcionalidade de navegação na web, bem como um plano de dados, ou esteja conectado a uma rede wi-fi.



## PREFÁCIO

Todo jornalista namora a História. Pode ser aquele que cobre o bairro, ele tem sempre aquele sentimento de que, no futuro, poderá dizer que testemunhou um momento importante da sua comunidade. Isso é verdadeiro para quem cobre todas as áreas – Economia, Política, Cultura, Cidade –, não tem exceção. O jornalista é apaixonado por revelar fatos e pessoas, fazer a cobertura dos eventos, com a satisfação de que, no futuro, olhará para trás e, com orgulho, poderá dizer que, como observador atento, participou disso e daquilo, viu isso e aquilo em primeira mão. Essa talvez seja a marca mais fascinante da profissão quando se tem em mente o prazer de quem a exerce.

O correspondente internacional é testemunha do mundo. Se aqueles de nós que presenciam a construção da História do seu bairro, da sua cidade, do seu país já desfrutamos dessa posição singular de observador especial, o correspondente internacional vê de perto a História do mundo, momentos que estarão nos livros de História de qualquer país. Não é à toa que seja um sonho de quase todo jornalista ser correspondente internacional.

É uma atividade difícil, longe da visão romântica que muitos têm. Porque é preciso realizar o seu ofício longe do seu país, numa língua estrangeira, quase sempre com poucos recursos, em situações muitas vezes adversas. Enquanto a maior parte dos jornalistas conta com o apoio de uma redação inteira, o correspondente está no front apenas em dupla: o responsável pelo texto ao lado do responsável pela imagem. E, ali, mesmo com as orientações da redação a léguas de distância, têm de tomar as decisões sem tempo para dividi-las com colegas, chefes, editores. É uma aventura, feita com método e responsabilidade, com certeza, mas uma aventura.

Por força da minha função, já realizei o sonho de muitos jornalistas, convidando-os para postos no exterior. E, nesses anos todos, consegui construir um perfil do correspondente ideal e, a partir dele, escolher aqueles que mais se enquadram no figurino.

Como regra geral, o correspondente tem de ter, além de um bom conhecimento das questões que movimentam o mundo, uma excelente bagagem cultural e, em um grau a mais que os outros, destemor, curiosidade e capacidade de improvisação em situações adversas. E, mais do que tudo, ser

um brasileiro que não queira agir e pensar como um local. O motivo é simples: o bom correspondente não é aquele que apenas cobre os fatos, mas aquele que cobre os fatos com o olhar do brasileiro. Só assim, as histórias, já em si fascinantes, seduzirão ainda mais o público a que se destinam. Não é fácil, porque os grandes acontecimentos já carregam uma atratividade imensa, mas é preciso tentar ver neles algo que os conecte com o Brasil, com os brasileiros. Os correspondentes que brilham são os mestres nesse quesito.

A Globo teve excelentes correspondentes internacionais, verdadeiros gigantes nesse ofício. Este livro conta a saga de vinte deles, simplesmente porque a história de todos não cabe num único volume (mas outros virão).

Desafiando os clichês, Sandra Passarinho foi nossa primeira correspondente na Europa. Em 1974, às pressas, embarcou do Rio de Janeiro com o repórter cinematográfico Orlando Moreira para cobrir a Revolução dos Cravos, que pôs fim à ditadura salazarista em Portugal. Numa época sem internet e telefonia ainda deficiente, era difícil saber o que ia encontrar, como se preparar. E só com dinheiro em espécie na bolsa. Não podia ser muito por restrições do governo, não podia levar cartão de crédito porque não existia. E lá foi ela com o Orlando, “a dupla do exército de Brancalone”, como ela conta. “Até hoje fico arrepiada quando me lembro dos soldados com cravos vermelhos na ponta das baionetas, foi maravilhoso. Essa cena que o Orlando captou virou um clássico da Revolução: a arma e a flor, um contraste que falava muito sobre aquele movimento.” E depois de dois meses em Portugal, lá foram eles pelo mundo. E, aos 24 anos, Sandra tornou-se correspondente.

Entre a década de 1970 do século XX e a primeira do século XXI, a evolução da tecnologia facilitou e agilizou o trabalho dos correspondentes. O relato de Lucas Mendes e Orlando Moreira sobre como foi mandar uma reportagem sobre o então presidente egípcio Anwar Sadat, em 1977, do Cairo para o Brasil, é exemplar das mudanças por que passou o trabalho do correspondente. “Ficamos de plantão por 24 dias e fizemos uma única matéria. Ainda usávamos filme. A moviola disponível para a edição era do tempo dos faraós. Estava coberta por um pano empoeirado, e o som parecia vir pelo túnel de uma pirâmide.” Nessa época, a Globo trabalhava com a cooperação das TVs locais de cada país para viabilizar a edição antes de enviar via satélite para o Brasil. Hoje, de um quarto de hotel, a internet permite mandar a reportagem em questão de minutos.

Todas essas dificuldades não tiram o sabor de testemunhas da História, como mencionei, que o correspondente tem o privilégio de ser. Todos os

relatos deste livro realçam essa emoção: Jorge Pontual vendo a destruição do espírito nova-iorquino depois dos atentados de 11 de setembro; Sílio Boccanera e Pedro Bial testemunhando o fim do comunismo com a Queda do Muro de Berlim; Marcos Uchoa chocado com a destruição do tsunami na Tailândia; Ricardo Pereira orgulhoso pela entrevista com Saddam Hussein e assustado com as consequências.

Em seus relatos, nossos correspondentes reencontraram sua história pessoal e souberam contá-la e traduzir, agora em livro, a emoção, a grandeza e os bastidores de todos esses acontecimentos que, anos antes, levaram aos espectadores brasileiros na forma de reportagem de televisão.

O público em geral, os estudantes de jornalismo, os colegas jornalistas, quem quer que goste de um bom livro, vai achar aqui a sua leitura. E chegará à conclusão que Pedro Bial resumiu tão bem sobre o trabalho dele e de seus colegas: “Meus olhos não se cansam de ver a História”.

Ali Kamel  
Diretor-Geral de Jornalismo

## APRESENTAÇÃO

*Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo* é uma obra de vinte autores, escrita entre lembrança e esquecimento, razão e emoção. Nela, repórteres que foram ou são correspondentes da Globo no exterior relatam situações curiosas, instigantes, trágicas, perigosas e divertidas, vivenciadas nos bastidores da reportagem. Partindo de postos de trabalho em onze cidades – Londres, Buenos Aires, Paris, Nova York, Washington, Roma, Tel Aviv, Jerusalém, Pequim, Tóquio e Berlim –, eles viajaram os cinco continentes para narrar acontecimentos que, mediados pela televisão, ficaram marcados também na memória de milhões de brasileiros.

Essas histórias, além de saborosas, são fonte confiável de informação. E, para isso, foi realizado um trabalho minucioso de pesquisa histórica. Processo esse que começou com a elaboração de roteiros de história oral para a realização de 89 entrevistas em áudio ou vídeo, que totalizam quase duzentas horas de gravação. O material foi lapidado em parceria com os vinte correspondentes e, depois, passou por um processo de checagem de datas, fatos e nomes de personagens. Nessa fase, foram consultadas 481 reportagens em vídeo do Acervo da Globo, 193 matérias publicadas em periódicos e vinte livros de referência. Um arquivo composto também por 730 fotografias, das quais 79 foram selecionadas para ilustrar este livro. Depois de editados, os depoimentos foram reunidos em capítulos, cada um deles assinado por um repórter, e organizados em ordem cronológica. O marco inicial é a data em que os jornalistas se tornaram correspondentes da Globo.

Após um ano de intenso trabalho, chegamos a mais de quinhentas páginas e expandimos a experiência de leitura para além do papel. Na internet, criamos um site especial que dá acesso a 274 reportagens citadas e oferece informações sobre uma centena de coberturas realizadas pelos correspondentes em conjunto com alguns repórteres cinematográficos, que também são homenageados nessa página virtual. Em um espaço extra, os 18 profissionais responsáveis por captar cenas históricas destacam, em 87 vídeos, suas principais matérias internacionais. E reforçam que jornalismo de televisão é, sobretudo, um trabalho de equipe.

Memória Globo



SANDRA PASSARINHO



A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS FOI UMA REVIRAVOLTA na vida de Sandra Passarinho. Aos 24 anos, a repórter juntou “uma muda de roupa” e embarcou na viagem que transformaria sua trajetória pessoal e profissional. Acompanhada do repórter cinematográfico Orlando Moreira, a jovem jornalista “caiu de paraquedas” no movimento pacífico que derrubou a ditadura em Portugal, que já durava quarenta anos. Era 25 de abril de 1974. Durante dois meses de muito trabalho e pouco sono, a primeira correspondente da Globo na Europa mergulhou na ebulição das ruas: selecionou fontes e construiu uma agenda de contatos que ganharia corpo em outras aventuras. Seu maior desafio: separar o fato do boato.

Com o fim do turbilhão inicial da Revolução, Sandra passou seis meses sem endereço fixo, até se estabelecer em Londres, em novembro daquele ano. Deslocava-se no ritmo dos acontecimentos, aprendendo a fazer jornalismo na prática.

Filha de pai lituano e mãe brasileira, Sandra Laukenickas nasceu no dia 14 de abril de 1950, no Rio de Janeiro, e descobriu a profissão por acaso. Desiludida com o fechamento do curso de Ciências Sociais da Ufrj pela ditadura militar, decidiu aceitar o convite de um amigo para fazer um estágio na Globo, em 1970. Gostou da experiência e prestou vestibular para Comunicação. Passou, mas detestou as aulas, que julgava distantes da realidade que via na emissora. Nessa época, também, virou Passarinho – seu sobrenome era difícil e resolveu incorporar o apelido que ganhou na redação ainda nos tempos de estagiária, por ser pequena e rápida. Passarinho não sabe quem começou a chamá-la assim: Amaury Monteiro, chefe de reportagem na época, ou Mauro Borja Lopes, o Borjalo, então diretor de programação. Ambos reclamavam a autoria. Mas o caso é que o apelido pegou.

Com vasta bagagem cultural e domínio de línguas estrangeiras, Sandra Passarinho foi convidada, em 1972, para ser editora do recém-criado *Jornal Internacional*, telejornal com ênfase em notícias de países estrangeiros, que era veiculado à noite.

Em 1974, foi convidada a inaugurar o posto de primeira correspondente da Globo na Europa, em Londres, onde permaneceu durante quase dez anos. Na capital britânica, o trânsito de pessoas de diferentes nacionalidades e a efervescência cultural a ajudaram a transpor a distância imposta pela frieza do

clima e dos ingleses. Sentiu-se abraçada pela cidade. Em 1981, se despediu da Globo para fazer o curso de Ciências Sociais na capital inglesa. Quatro anos depois, retornou ao Rio de Janeiro e passou a integrar a equipe do *Globo Repórter*. Desbravou o país de norte a sul, sempre procurando manter-se em trânsito, em pleno voo. Atualmente, é repórter especial da Globo no Rio.



## REVOLUÇÃO DOS CRAVOS PORTUGAL, 1974

Em 25 de abril de 1974, um golpe conduzido pelas Forças Armadas derrubou o regime ditatorial de Portugal, conhecido como Estado Novo, instituído por António de Oliveira Salazar em 1933. Diante da pressão dos militares, que contavam com o apoio em massa da população, o primeiro-ministro Marcello Caetano, sucessor de Salazar, se rendeu. A revolução, que teve como símbolo uma flor, marcou o fim do fascismo, da censura e da opressão para o povo português.

A Revolução dos Cravos foi uma revolução na minha vida. Eu era editora do *Jornal Internacional*, e o meu horário de trabalho começava no final da tarde. No dia 25 de abril, fazia um sol lindo no Rio de Janeiro, eu estava na praia. Quando cheguei em casa, tinha um recado: “Vai correndo para a redação porque estourou um negócio em Portugal, vamos colocar você num avião hoje”. Fui para a redação para entender a situação e, depois, corri para casa. Fiz uma malinha pequena, com duas mudas de roupa e levei pouco dinheiro, o suficiente apenas para alguns dias, já que naquela época não havia cartão de crédito. Eu e o repórter cinematográfico Orlando Moreira embarcamos para Madri, já que o aeroporto de Lisboa estava fechado. Para chegar em Portugal, teria que ser por terra.

Lá fomos nós. Aterrissamos em Madri no dia seguinte e tínhamos que mandar material para o Brasil, mas o quê? Cobrimos a repercussão do golpe na Espanha ouvindo gente na rua, sentindo o clima. No Rio, complementaram a reportagem com imagens de agência vindas de Portugal. A Espanha vivia uma ditadura tenebrosa do general Francisco Franco, muito pior do que a portuguesa.

Na noite do dia 26 de abril, dormimos em Madri, e, no dia 27, de manhã cedo, fomos para Lisboa de carro – foram doze horas de viagem, não comemos direito, foi uma confusão. Quando chegamos, as ruas estavam cheias de jovens. A Revolução era a primeira mudança que ocorria no país em muitos anos. Eu precisava contatar pessoas, entrevistar, mas eu nunca tinha estado ali antes. Como iria ser aquilo? Foi um período extremamente conturbado de trabalho, porque caímos no meio do maior acontecimento do mundo naquele momento. Éramos muito jovens, inexperientes e estávamos aprendendo a ser

correspondentes na prática – não tínhamos modelos para seguir, fazíamos o que achávamos que devíamos fazer.

## SEPARAR O FATO DO BOATO

Até eu me localizar, usava como referência em informação o escritório da UPI, a *United Press International*, que era nossa parceira. Dona Manuela Furtado era uma senhora que coordenava a operação internacional lá. Ela atendia os correspondentes, encaminhava para as ilhas de edição e sempre tinha um tempo para conversar. Dava dicas de quem procurar, quem era da polícia política e quem eram os perseguidos. Porque aquela revolução era um ninho com dados falsos, o que mais ouvíamos era boataria, e eu tinha que separar o fato do boato. Eu conversava com pessoas na rua, ouvia gente nos cafês, motoristas de táxi, os porteiros do hotel, pessoas de partidos políticos. E começamos a mandar o material que tínhamos para o Brasil, via satélite da Rádio e Televisão de Portugal, a RTP.

Também era uma confusão para gravar e editar, porque toda a imprensa do mundo estava lá, e a maior parte das equipes era mais bem equipada do que a nossa – esse exército de Brancaleone de dois. Estávamos competindo por um espaço. E, para isso, eu e Orlando precisávamos ficar sempre juntos, em sintonia fina, principalmente quando nos víamos cercados por multidões – um tomava conta do outro. Quando eu via alguma coisa legal, apontava. Quando ele via algo que lhe captasse a atenção, me chamava.

Em 1º de maio houve uma passeata a favor daquilo que era novo, do que estava chegando – a favor da mudança. Foi emocionante ver um milhão de pessoas nas ruas. Até hoje fico arrepiada quando me lembro dos soldados com cravos vermelhos na ponta das baionetas, foi maravilhoso. Essa cena, que o Orlando captou, virou um clássico da Revolução: a arma e a flor, um contraste que falava muito sobre aquele movimento.

Lembro que escrevi o texto daquela matéria enquanto andava. Levo sempre um caderninho e uma caneta comigo, é mais rápido. E além de todo o trabalho de produzir a reportagem, tínhamos que revelar o filme, editar e cuidar da transmissão para o Brasil. Às vezes, eu não sabia, por exemplo, o que exatamente havia sido exibido nos telejornais e o que tinha ficado de fora. Nós passávamos o dia inteiro na rua, correndo atrás de notícias, indo à agência (UPI) e à emissora de TV portuguesa. Falávamos com o Brasil apenas na transmissão e, por causa da diferença de horário, eu não tinha tanto contato quanto gostaria. Estávamos envolvidos no fato e, nesse turbilhão, bem lá no fundo, eu estava ali como repórter e também como participante. Eu me sentia

parte daquilo: chegava à noite no hotel e não conseguia dormir. Estava pregada, exausta, e ainda com todas aquelas imagens na memória.

## ENFIM, DEMOCRACIA

Naquela época, eu tinha um modelo ideológico na cabeça: olhava para a Revolução com esses olhos e acho que cometi alguns equívocos. Para mim, parecia ser o oposto do Brasil – tudo era falado, tudo era dito. Saímos do Brasil debaixo de uma ditadura: a última passeata que eu havia visto tinha sido a dos Cem Mil, em 1968, quando eu ainda era vestibulanda. Durante a minha vida adulta, nunca soube o que era liberdade de imprensa. Como nasci em 1950, fui uma criança com mais liberdade, mas não entendia. Quando eu tinha catorze anos houve o golpe militar, e a minha adolescência foi em um Brasil com censura. Eu não sabia o que era uma democracia verdadeira. Só fui ter consciência do que era uma democracia durante aquela cobertura: o que é as pessoas poderem falar? Isso mudou completamente a minha visão. Portugal é um país que tem tudo a ver com a nossa história, é de onde nós viemos, compartilhamos a mesma língua – foi uma injeção de vigor! Para uma jovem repórter, era realmente emocionante.

Eu estava a favor da Revolução dos Cravos. Fiz o meu texto sem objetividade porque estava muito apaixonada. Se eu visse o mesmo fato hoje, teria mais equilíbrio, mas, naquele momento, aquela era a verdade para mim.

Em Portugal, depois de certo tempo, o que se constatou? Que os militares dissidentes cometeram muitos erros, eram imaturos, estavam divididos, havia grupos com interesses diversos e houve uma virada de governo, quando entraram os civis. Mas, ainda assim, não houve violência, não era como as ditaduras na América Latina, até a forma de fazer revolução era diferente.

Ficamos lá dois meses, mas voltamos muitas outras vezes. Houve eleições, e o verdadeiro processo da redemocratização foi sendo realizado passo a passo. Depois, seguimos viajando pela Europa sem endereço fixo. E, assim, eu, com 24 anos, me tornei correspondente internacional. Foi um início de carreira maravilhoso.

“Os portugueses saíram às ruas cantando ‘Grândola, Vila Morena’.<sup>[1]</sup> Dançavam de alegria, se abraçavam e colocavam um cravo no cano dos fuzis dos soldados. Ao relembrar esse dia, me emociono. Tivemos a sorte e a felicidade de registrá-lo.” – Orlando Moreira<sup>[2]</sup>

## MORTE DE FRANCO, O GENERALÍSSIMO ESPANHA, 1975

Após 31 dias de agonia, o ditador espanhol Francisco Franco morreu em 20 de novembro de 1975 em um hospital em Madri. Sandra Passarinho cobriu o funeral do general, a posse do rei Juan Carlos, herdeiro político de Franco, e a abertura política que se seguiu. A Espanha se libertava de uma ditadura instaurada em 1939.

Nos primeiros seis meses na Europa, depois da Revolução dos Cravos, ficamos indo de um lugar para o outro e não morávamos em lugar algum: os acontecimentos se sucediam antes que a gente tivesse se fixado. Nesse meio-tempo, cobri as eleições gerais na França, um plebiscito sobre aborto na Itália e, no ano seguinte, em 1975, a morte do ditador espanhol Francisco Franco, que por sinal foi uma cobertura longa.

O Generalíssimo ficou doente, e a produção da Globo no Rio disse para eu ir para Madri. Ele estava no hospital. Não morreu subitamente – seu peso político era muito grande. Na verdade, Franco matou a vida política da Espanha – ele era a vida política do país e fazia isso com violência. Era preciso que o general passasse por essa longa agonia para que a sociedade pudesse se preparar. Lembro de ficar de plantão na porta do hospital durante horas. Era muito chato, porque essa espera me consumia.

A questão é que o momento da morte do Franco me pegou de surpresa: era madrugada em Madri. O meu colega Cláudio Nogueira, da Globo no Rio, me ligou no hotel: “Sandra, acorda, o homem morreu!”. Levantei na mesma hora para me arrumar, tomar um banho e comer qualquer coisa que eu achasse, pois não tinha comércio aberto àquela hora. Chamei o cinegrafista que me acompanhava e imediatamente fomos para o hospital e para as ruas.

O corpo de Franco foi levado no dia seguinte para o Palácio Real de Madri e ficou em exposição pública. Eram quilômetros de pessoas que aguardavam para vê-lo. O que mais ficou na minha cabeça foram as imagens dos velhos espanhóis, todos franquistas. Nas ruas, estava a Espanha conservadora, católica, reacionária. Os velhos tiravam o chapéu, abaixavam a cabeça. As senhoras rezavam o terço. Vários deles faziam o símbolo da falange, o gesto com o braço para cima.

Eu via ali a Espanha emergir como era, em sua dualidade, pois no funeral



basicamente não havia jovens. Os que estavam na rua celebravam a nova Espanha que iria nascer. Depois que Franco foi enterrado fora de Madri, sucederam-se dias de intensa movimentação política. Eu tinha que ouvir as pessoas, os partidos, a oposição e o povo sobre o que poderia acontecer.

Mesmo doente, o ditador ainda era uma imagem forte no país, como se fosse o pai da pátria dos franquistas. Ele tinha uma grande representatividade, e sua morte foi um choque geral, mesmo para as pessoas que ficaram aliviadas. O que vai ser do franquismo? E então veio o Juan Carlos.

## A POSSE DO REI JUAN CARLOS

O príncipe que virou rei era o herdeiro político e foi preparado por Franco. Juan Carlos, porém, se revelou uma pessoa livre daquelas amarras e efetivamente se tornou o chefe de Estado, dispondo-se a dar poder aos partidos para que promovessem a reorganização da vida política. Havia partidos que estavam na clandestinidade – diferente de Portugal, que se encontrava em um estado muito fragilizado para renascer politicamente depois da ditadura. Já os partidos espanhóis, que tinham sido reprimidos e estavam adormecidos durante a ditadura franquista, emergiram quase que inteiros, com foco, ponto de vista, organização. Tanto os da democracia cristã quanto os partidos comunista e socialista vinham com ideias e propostas. Isso já mostrava uma diferença de arranjo político-cultural entre Portugal e Espanha. Para mim, foi um aprendizado muito grande da história contemporânea.

O franquismo, entretanto, não viu seu fim assim tão depressa, porque era algo entranhado na cultura do país, principalmente nas pequenas coisas. Antes de cobrir a posse do Juan Carlos, estávamos eu e o cinegrafista na recepção do hotel para fazer o check-in. Ele ficou sentado me esperando, já que era eu quem resolvia a burocracia. No balcão, o atendente se voltou para mim e perguntou: “Onde é que está o seu chefe? É aquele rapaz?”. E eu disse que não, que era eu mesma. Mas ele não aceitou a minha resposta e quis falar com o cinegrafista mesmo assim. Foi até o sofá para saber quantas noites iríamos ficar. Eu fui atrás dele, bati boca. O que era aquilo? Era o franquismo: o homem dando ordens à mulher, e a mulher não podia chefiar o homem, ela sempre vinha em segundo plano. E, na cabeça do recepcionista, aquele casal formado pelo cinegrafista e a repórter era, em primeiro lugar, o cinegrafista mandando, e a repórter obedecendo. Ele não entendia que nós éramos de outro país e que lá não era assim. Não havia chefe ali, nós éramos uma dupla. No entanto, para registro, era eu que assinava, ficava com o dinheiro, porque normalmente em viagem é o repórter que leva o dinheiro. Mas, na cabeça daquele homem naquela recepção, aquilo não podia. Discuti para dizer que eu não aceitava aquele desrespeito e que eu era hóspede, ainda por cima, e ele não podia me tratar daquela maneira! Isso era o franquismo, era o conservadorismo do comportamento social, a Igreja, os militares e os políticos de direita e extrema-direita no controle.

Esse episódio me chamou muita atenção porque nunca havia me acontecido

algo parecido e nunca voltou a acontecer. Eu tive mais problemas como correspondente internacional por ser do Brasil, um país pobre que vivia uma ditadura militar, do que por ser mulher. Porque os colegas jornalistas e alguns entrevistados pensavam: “O que vocês vão falar da Espanha, da Grécia, de paí-ses que estão mudando para um aprimoramento democrático, se são de uma ditadura? Vocês vêm de um país onde a imprensa é tolhida!”. Os estrangeiros ficavam muito curiosos. Parecia irônico para eles que se falasse sobre a democracia que surgia na Europa. Eu explicava que era justamente o contrário, essa era uma forma de falar desses assuntos em um momento em que a nossa imprensa não podia falar sobre o seu próprio país. Qualquer oposição ao governo militar era proibida, mas era permitido falar da oposição ao governo reacionário espanhol ou português. E mostrávamos sem censura o que estava acontecendo ali. Eu fazia o que queria e mandava para o Rio, incluindo matérias sobre assuntos polêmicos, como aborto, Igreja Católica, libertação feminina, partidos políticos de esquerda. Tudo o que não se via mais na imprensa brasileira por causa da censura. Não sei se tudo ia ao ar daquele jeito, porque a finalização do trabalho obedece também a critérios editoriais sobre os quais não temos controle, ainda mais quando estamos do outro lado do mundo.

Mas, ainda assim, a censura às notícias nacionais foi o que, acho, fortaleceu a ideia do jornalismo internacional naquele momento: a limitação do noticiário nacional. Precisávamos mostrar que o mundo estava vivo!

Além disso, também causávamos espanto por sermos muito novos: éramos uma das equipes mais jovens nessas coberturas. Porque a função de correspondente na Europa e nos Estados Unidos era dada a pessoas que tinham mais experiência na profissão. Então, eles ficavam impressionados comigo. Só num país como o Brasil uma coisa dessas aconteceria, para o bem e para o mal. Era uma aposta, e acho que uma pessoa mais madura não faria um trabalho tão bom quanto o nosso, não teria tanto empenho. Porque eu estava aprendendo, tudo era novo. Eu me dispunha mais a brigar pelas matérias, por espaço – tanto nos telejornais quanto na fila do envio do material por satélite, já que, às vezes, os americanos compravam uma hora inteira do horário disponível, e nós tínhamos só dez minutos, e ainda precisávamos negociar uma brecha antes deles para não perdermos o prazo. Isso parecia chamar mais a atenção dos nossos colegas: ser jovem e vir do Brasil. Ser mulher vinha em terceiro lugar, porque havia muitas mulheres correspondentes na Europa: jornalistas, fotógrafas, cinegrafistas e até apresentadoras.

## LONDRES, 1974

Em 1974, Londres foi escolhida como sede do primeiro escritório da Globo na Europa. Para lá, foram deslocados os correspondentes Sandra Passarinho e Orlando Moreira. O investimento na cobertura internacional se intensificou com o aumento da censura prévia à imprensa brasileira na ditadura militar.

Nos seis meses entre a Revolução dos Cravos e a morte de Franco, eu e Orlando Moreira soubemos que seríamos a primeira equipe do novo escritório da Globo na Europa. Passamos a ter uma estrutura em Londres que não era, ainda, um escritório próprio, com equipamento que pertencesse à Globo. Era uma estrutura da Upitn – uma combinação da agência de notícias UPI com a ITN, *Independent Television News*, que era uma rede de TV independente inglesa. Então, usávamos a redação desse escritório, e lá eu escrevia matérias, editava, telefonava, mas não tínhamos um lugar fixo.

Foram muitas as dificuldades no início, tanto operacionais quanto pessoais, pois aconteceu uma coisa curiosa: quando viajávamos de um lado para o outro, eu estava o tempo todo com outras pessoas, noite e dia. Ficava cansada de tanto contato. Cheguei em Londres e vivi o oposto. Tudo bem, eu conversava com colegas, tinha coisas para acertar com eles, mas, no fim de semana, eu não falava com ninguém, não tinha com quem conversar! É uma experiência muito impressionante, porque, poxa, eu estava chegando, tinha um bom emprego, era jovem, estava naquela grande cidade, morava em um apartamento legal, mas ainda não tinha amigos. E as pessoas com quem eu trabalhava durante a semana ainda não tinham intimidade suficiente para me convidar para jantar, ir ao pub. E eu também não queria ligar para casa, queria romper esse laço. Eu queria descobrir a cidade à minha maneira.

Londres é uma cidade muito grande, radicalmente diferente de tudo o que eu havia conhecido antes. Diferente inclusive de Roma, Paris, Lisboa e Madri, cidades que, de alguma forma, te abraçam. Londres era uma cidade que não envolvia as pessoas com seus braços: os ingleses, insulares, tinham hábitos curiosos. Eu achava interessante o jeito deles, o caráter britânico, como viviam intensamente as suas coisas, eram menos europeus do que o resto da Europa. Até entrar e decifrar o código da vida local, demorou um pouco. Como me aproximar, o que dizer ou não dizer? Todo mundo fala do tempo, é verdade, mas falar do tempo é uma forma de se aproximar do outro sem

revelar intimidades e sem pedir para o outro que fale muito sobre si, uma maneira polida de dizer: “Estou aqui!”. E assim ia, um dia após o outro.

Nesse processo, comecei a conhecer gente. Passei a frequentar os pubs, apesar de não gostar de cerveja, porque é um local de confraternização. Lá, as pessoas se abrem bebendo, é quando você se aproxima dos outros. É um caminho, eu tive que me abrir para conhecer o outro. E já gostava da cidade, da língua, da televisão inglesa, tinha muita coisa interessante para ver. Fui me integrando, e a cidade acabou me recebendo.

Quando criamos o escritório, o jeito de trabalhar ficou mais organizado. Ainda assim, encontrávamos alguns desafios, mesmo em coberturas que pareciam simples.

## LUTANDO POR ESPAÇO

Foi o caso da cobertura da ordenação de dezoito padres pelo arcebispo conservador Marcel Lefebvre em 1979. Era uma missa na Suíça, e nós sabíamos da pauta com antecedência pelo escritório. O Lefebvre era uma autoridade eclesiástica católica, dissidente do Vaticano. Ele estava escolhendo bispos e padres à margem da Igreja, disputando com o papa. Era da extrema-direita da Igreja Católica, tanto que, depois, em 1988, foi excomungado. Eu e Orlando fomos fazer uma reportagem dessa missa na Suíça. Não sabíamos que seria um grande sufoco.

Para mim, foi horrível: os guarda-costas, que eram padres, nos empurravam, não nos deixavam chegar muito perto com o microfone. E eu sou pequena, fui muito empurrada, me puxavam pelo braço, me levantavam. Uma confusão. Não me lembro de ter passado por isso em nenhuma outra situação. Claro, foi difícilíssimo trabalhar assim. Quando finalmente conseguimos captar o material, tivemos que sair correndo com as imagens. E ainda tínhamos que revelar o filme e editar. Chegamos à emissora local tão em cima do horário de fechamento do *Jornal Nacional* que eu nem consegui gravar o texto da matéria! Escrevi rápido e não deu tempo de juntar áudio e vídeo, precisei narrar enquanto o material estava sendo enviado por satélite, pois, como o horário dessa transmissão é pago e custa uma fortuna, não tem como adiá-lo ou ultrapassá-lo. Por acaso, deu tudo certo: eu ia lendo o meu texto enquanto as imagens passavam. No fim, tudo casou perfeitamente. Podia ter dado errado e ter que repetir, mas ficou ótimo.

Continuamos a ter problemas operacionais e enfrentar confusões, mas eu não me sentia estranha trabalhando na Europa. Eu via tudo como um desafio, não como um obstáculo. E isso é importante. Tanto no jornalismo em geral quanto no trabalho de correspondente, se você só vê os empecilhos, não vai a lugar algum. E vamos em frente! Eu tenho isso na cabeça até hoje: aprendi trabalhando sozinha, tendo que me virar muito.

Na televisão, você não volta atrás. A tendência é que a pessoa veja de uma vez só a sua matéria. De cara, já causa um impacto. E uma das minhas preocupações pessoais é a qualidade do texto. Como usar a simplicidade com sofisticação? É muito complicado. Na televisão, nem sempre a gente consegue. Para falar menos, temos que pensar mais. É um desafio muito grande, muito difícil. Tente contar uma boa história em um minuto! É sofrido.

## GEISEL EM LONDRES, 1976

Durante o período em que foi correspondente em Londres, Sandra Passarinho acompanhou viagens internacionais do então presidente do Brasil, Ernesto Geisel. Em maio de 1976, o general esteve em Londres, em retribuição à visita oficial que a rainha Elizabeth fez ao Brasil, em 1968. Dois anos depois, Geisel aceitou um convite do então presidente alemão Walter Scheel para uma visita oficial ao país.

As viagens de presidentes brasileiros durante a ditadura eram muito fechadas aos jornalistas, pelo que eu vi. A gente comparecia a certos lugares, podia fazer aquela foto clássica durante os cinco minutos do aperto de mão entre o presidente e a rainha, o presidente e o primeiro-ministro. Isso é praxe até hoje. As reuniões presidenciais eram fechadas. Posteriormente, havia um comunicado, no qual as partes anunciavam a assinatura de acordos. Os presidentes não davam entrevistas exclusivas para a gente, com exceção do repórter Geraldo Costa Manso, da Globo de Brasília, que conseguiu uma entrevista com o general Geisel no Japão, em setembro do mesmo ano. Ainda assim, era muito diferente de hoje, em que temos mais caminhos para chegar à informação. A primeira experiência que tive cobrindo esse tipo de viagem foi na Inglaterra.

## RUAS VAZIAS

Era a primeira vez que um chefe de Estado brasileiro visitava oficialmente o Reino Unido. Geisel ficou hospedado durante quatro dias no Palácio de Buckingham e usou a residência oficial da rainha para fazer reuniões e negociações de alto nível, uma situação inusitada, justificada como uma necessidade para a segurança do presidente.

Na chegada do general ao país, a rainha o aguardou na estação ferroviária Victoria, de onde seguiram em carruagem para o palácio.

E eu lembro que me surpreendeu na visita do Geisel o fato de as ruas estarem vazias. Não havia público para ver o presidente do Brasil porque o país não era conhecido pela maioria da população inglesa. E as pessoas mais esclarecidas, que sabiam um pouco sobre o Brasil e tinham ouvido falar do “milagre econômico”, também não gostavam muito do que ouviam, porque era uma ditadura militar. Dessa forma, apareceu um pequeno grupo de manifestantes contrários à visita, carregando cartazes contra a ditadura.

E ali quem visitava a Inglaterra era um general que ocupava a presidência. Então, a classe média e os jornais realmente criticavam.



## MUITO SÉRIA, NA ALEMANHA

A Alemanha assinou com o Brasil, em 1975, o Acordo Nuclear para a construção de oito usinas. Naquela época, os militares olhavam com bons olhos o desenvolvimento brasileiro na área nuclear e uma futura possibilidade de adquirir esse tipo de tecnologia. Depois, vimos que não deu certo: das oito centrais previstas, só foram construídas duas. Porém ali havia esse interesse em aproximar as relações econômicas entre os dois países.

O que eu mais me lembro dessa cobertura foi um momento único. Havia um grupo de jornalistas cercando o Geisel em um evento, e eu me aproximei. Queria uma brecha para falar com ele. Disse qualquer coisa para chamar atenção, para conseguir um espaço. Entretanto, não fiz nenhuma pergunta sobre política interna, o que foi um erro. O máximo que eu poderia ouvir era: “Não, não falo, não quero”, ou fazer o presidente me dar as costas. Mesmo assim, não toquei no assunto. O fato é que ele veio falar comigo. Foi cordial, mas fez uma observação: “Vejo você na televisão e acho você uma pessoa séria. Você é jovem, mas é séria demais!”. Aí eu pensei: “Se o Geisel que é esse homem sério, sisudo, de formação alemã, me diz isso, é porque é verdade”. Eu fiquei surpresa!

Como o Geisel, do outro lado do mundo, diz uma coisa dessas? Comecei a achar que ele tinha razão, porque eu era muito jovem para aquela função, e a seriedade era uma forma de me proteger contra erros, contra dizer bobagens, contra meus próprios impulsos. Foi algo que depois fui corrigindo e hoje sou muito diferente do que era naquela época. Sou menos séria, e me levo menos a sério também.

Há formas e formas de olhar as coisas na vida. Consegui amadurecer e fazer o trabalho com mais tranquilidade. Essa seriedade era, no fundo, uma imaturidade usada para me proteger dos outros, daquilo que os outros podiam dizer ou pensar. Acabei caindo no extremo oposto. À distância, posso olhar melhor. Mas, em retrospecto, só fui prestar atenção nisso anos depois.

Naquele dia, na Alemanha, fiquei pensando na pergunta que não fiz. Porque depois desse comentário, não dava para ir além. O restante da imprensa me agradeceu por eu ter atraído o presidente para perto, porque as pessoas podiam, pelo menos, tirar uma foto diferente dele.

## ISRAEL E EGITO, NOVEMBRO DE 1977

Em novembro de 1977, o presidente do Egito Anwar Sadat se tornou o primeiro líder árabe a pisar no Estado de Israel. Em dezembro daquele ano, membros da diplomacia egípcia e israelense discutiram preparativos para um possível acordo entre os países, no Cairo. Sandra Passarinho acompanhou a aproximação diplomática entre os dois países.

A primeira vez que fui a Israel foi em 1977, para cobrir as eleições parlamentares. Viajei sozinha, gravei com um cinegrafista brasileiro que estava lá. Ele era judeu, e acho que era cidadão israelense. O objetivo dessa viagem era fazer a cobertura das eleições, que resultaram numa vitória maciça do partido direitista Likud e na escolha de Menachem Begin para o cargo de primeiro-ministro. Em outra viagem, tive a oportunidade de ir a Gaza e pude abordar a questão entre Israel e Palestina, que reverberava pelo mundo, não só pelo terror, mas pela saga da criação do Estado de Israel.

Houve os problemas decorrentes da expulsão de palestinos, que perduram até hoje. Mas, naquela época, víamos um avanço na mentalidade de que era possível fazer algumas alianças operacionais com países árabes.

## EGITO

Eu cobri a Conferência do Cairo antes da visita do premier Menachem Begin ao Egito para iniciar o acordo de paz. Fui com Antônio Cláudio Brasil, um cinegrafista que trabalhava comigo na época. Ficamos no hotel Mena House, onde ocorreu o evento e no qual estava a maior parte da imprensa, porque oferecia facilidades para deslocamento. O Cairo era uma cidade com trânsito avassalador, uma confusão. Na rua, havia muita gente, cachorros, bois, camelos – muitos camelos! Lá, o camelo é um meio de transporte. Deslocar-se de um lugar para o outro era um desafio. Imagina se nós ficássemos do outro lado da cidade e precisássemos atravessar tudo para chegar ao centro de imprensa? Além disso, o hotel era um lugar considerado seguro, o que é uma questão premente no Oriente Médio.

Toda a área do hotel era policiada – os seguranças ficavam rondando pelos jardins. Um dia, quando abri a porta do quarto, vi um sujeito da segurança egípcia armado no corredor. Eu tomava uns baitas sustos! Mas, mesmo estando rodeada por seguranças, eu não me sentia tolhida nem amedrontada.

Ficamos lá por volta de uma semana e foi tudo muito corrido. Eu fazia as refeições no próprio hotel. Por acaso, gosto de comida árabe, portanto a alimentação não foi um problema para mim. E havia comida ocidental também. O mais problemático era obter informação e conversar com os locais, porque ninguém falava inglês.

Bem ou mal, conseguíamos nos comunicar com as pessoas que trabalhavam na televisão egípcia, onde nós tínhamos que editar o filme e gerar o material. Elas falavam um pouco da língua. Esse canal de televisão ficava em um prédio antigo no centro do Cairo.

Por sorte, nosso motorista também era intérprete. Ele havia sido capitão da reserva do Exército, estado em situação de enfrentamento – participou da guerra de 1973 –, e, no entanto, estava dirigindo táxi porque queria uma vida civil. Não gostava de aparecer, era muito reservado. Ele achava que os acordos de paz eram uma coisa boa, estava feliz, satisfeito porque a guerra era muito ruim para os egípcios. E Israel, evidentemente, tinha uma superioridade militar. Na guerra, os israelenses haviam arrasado a força aérea egípcia antes mesmo que levantasse voo. Esse motorista levou a gente para conhecer a cidade.

As ruas tinham muito movimento: gente nos cafés e nos bares. Eu via

homens jogando damas, fumando narguilé e também muita gente pobre em meio àquelas relíquias extraordinárias do Império Faraônico. Deu para ter uma percepção do clima do país: os egípcios eram muito calorosos, nos receberam muito bem, muito simpáticos e bem-humorados. O país me fascinou. Tudo acontecia na rua, a cidade era muito barulhenta. Não vi uma pessoa mal-humorada ou que reclamasse da vida. Foi a primeira impressão que eu tive. Era superficial, mas funcionou. Tive a oportunidade de observar algumas características da vida das pessoas, como elas agem.

## BEBÊ DE PROVETA INGLATERRA, 1978

Em 25 de julho de 1978 nascia Louise Brown, o primeiro bebê de proveta do mundo. Sandra Passarinho acompanhou o nascimento da menina na porta do hospital, na cidade de Oldham, Inglaterra.

Havia muita informação sobre o bebê de proveta, era um assunto inglês que interessava a todo mundo. Na ocasião, usávamos imagens da televisão inglesa, porque não tínhamos acesso a nada mais. Não pudemos entrar no hospital nem ouvir a família, que, aliás, foi entrevistada depois com exclusividade por um jornal popular inglês, que pagou um bom dinheiro pela reportagem.

Anos depois, fiz para o *Jornal Nacional* uma matéria especial sobre reprodução assistida. Ouvimos um dos médicos que participaram do processo do primeiro bebê de proveta, Robert Edwards. Ele fez dupla com Patrick Steptoe no desenvolvimento da tecnologia. Só anos depois vieram as imagens da Louise Brown já adulta, uma moça como outra qualquer, o que é maravilhoso.

## VIAGEM DO PAPA JOÃO PAULO II REPÚBLICA DA IRLANDA E TURQUIA, 1979

Em seu papado, João Paulo II visitou 129 países em viagens a partir de 1979. A movimentação internacional do pontífice mobilizava multidões. Sandra Passarinho testemunhou as visitas do papa à República da Irlanda, de maioria católica, e à Turquia, de maioria muçulmana.

Acompanhei algumas visitas do papa João Paulo II à Irlanda e a Istambul, em 1979. Essas coberturas eram complicadas porque havia uma burocracia muito grande que nos impedia de chegar perto.

Na Irlanda, eram bonitas as multidões. Os irlandeses são católicos praticantes, amorosos e frequentam a igreja. Olhando hoje essa reportagem, acho que meu ponto de vista era correto. João Paulo II era um homem carismático, tanto que víamos jovens seminaristas genuinamente entusiasmados com a presença dele. Ele dava esse exemplo ao jovem religioso conservador. Passava isso como um comportamento de fé. Era um papa pastor com forte conotação política conservadora. Isso transpareceu nessa viagem, era o contexto do papado. Ao mesmo tempo, João Paulo II era também alegre e bem-disposto.

Aquela multidão nas ruas da Irlanda era uma reunião de católicos genuínos, frequentadores da igreja, das missas de todos os domingos. Muitos rezavam antes das refeições, diferente do católico brasileiro. Então, nesse sentido, ele reforçou a grande fé que já existia na Igreja Católica na República da Irlanda. E foi bonito ver a alegria da população, porque eu sempre fico emocionada com multidões. Tem gente que não gosta. Por exemplo, os jornalistas que acompanhavam o papa Paulo VI observavam que ele, por ser mais tímido, não ficava tão confortável com multidões.

Sobre as coberturas das viagens do papa, tínhamos que ter *timing*. É muito difícil ter o tempo exato trabalhando com multidões: as pessoas param, acenam, conversam, tiram fotos; a organização atrasa por razões variadas. O seu tempo é o da comitiva. Às vezes, não dava certo: o cortejo pode demorar demais ou, quando a gente consegue chegar mais perto, já passou... Nesses momentos específicos da cobertura na Irlanda que mostramos na reportagem, eu estava bem posicionada, próxima. Mas, dependendo do lugar, ficávamos muito longe. A organização cria uma distância regulamentar para que ninguém

possa jogar nada no papa, atirar ou tentar furar o bloqueio e falar com ele. Depois que o pontífice sofreu um atentado, em 1981, no Vaticano, a segurança ficou ainda mais rigorosa.

Além disso, o papa não dava entrevista. Procurávamos combinar a hora de gravar a “passagem” (quando o repórter se posiciona diante da câmera e faz uma narração): “Lá vem o carro do papa, então vamos”. Eu começava a falar enquanto ele passava atrás. Dessa forma, dávamos mais autenticidade à situação. Nesse tipo de cobertura, também fazíamos imagens dos locais em que estávamos durante as visitas: as imagens dos demais acontecimentos no roteiro da visita eram enviadas por agências ou pela RAI, a televisão italiana, pois não podíamos estar em todos os lugares ao mesmo tempo, visto que nossa equipe era enxutíssima, composta por apenas duas pessoas. Saíamos correndo de um lugar para o outro. Como a Globo tinha um acordo com a Upitn e, em consequência, também recebia através desse acordo imagens das televisões europeias, como a RAI, tínhamos acesso a mais imagens. Atualmente, as equipes no exterior ainda são bastante enxutas, mas as facilidades operacionais são maiores.

## ISTAMBUL

Na Turquia, já foi um trabalho mais burocrático porque o papa, que é o primeiro mandatário da Igreja Católica e chefe de Estado do Vaticano, visitou um país muçulmano para estreitar relações. Era uma visita mais política. Foi outro ambiente.

Não presenciei nas ruas a animosidade contra o papa que aconteceu em algumas regiões distantes porque, no fundo, a maioria dos turcos não estava interessada nessa visita, as multidões não tomariam as ruas. Aproveitamos a viagem para fazer matérias sobre o contexto político da Turquia, reportagens analíticas para o *Jornal da Globo*.

Era a minha primeira vez em Istambul. Lembro que, quando fui gravar uma “passagem” em uma praça no centro histórico da cidade, havia uma multidão me olhando – composta apenas por homens. A Turquia é um país muçulmano, e enquanto a visibilidade masculina era total, a presença feminina era menos explícita naquela época. Havia muito mais homens do que mulheres nas ruas. As poucas mulheres que vi andavam cobertas. Na “passagem” que gravei na praça pública, a cena era de uma mulher que falava sobre política turca em outra língua, eles não entendiam patavinas, mas foi engraçado como chamava atenção.

Nós fomos essencialmente para Istambul, passamos apenas rapidamente pela capital, Ancara. Como nessas viagens não dava para a gente tirar nem um dia de folga para passear, não conheci nada. Só pude fazer isso anos mais tarde, quando voltei como turista. Mesmo assim, foi uma boa experiência.



## ÁSIA, 1980

Depois de receber um convite do governo japonês para visitar Tóquio, Sandra Passarinho aproveitou a viagem à Ásia para ir à Tailândia, em 1980. Lá, testemunhou a vida dos refugiados cambojanos da Guerra do Vietnã, que estavam em situação precária, após um surto de cólera. Sua reportagem foi exibida em maio daquele ano no *Jornal da Globo*.

Enquanto estive em Londres, fiz várias viagens, e cada uma delas era uma descoberta porque eu estabelecia contato com outra cultura, conhecendo lugares, vendo outros problemas e também descobrindo as diferentes soluções para as pessoas.

Fui duas vezes ao Japão: uma para acompanhar a visita do presidente Ernesto Geisel e outra a convite do governo japonês. Nessa segunda ocasião, deu tudo errado. Naquela época, ainda gravávamos em filme, e tudo que a gente fez queimou na revelação. Durante esse processo, houve um problema, e o material velou, umas doze, catorze latas de filme de quatrocentos pés cada – quatrocentos pés equivalem a uns dez minutos de imagens. Foi tudo embora. E nós não tivemos responsabilidade nenhuma, porque o laboratório havia sido selecionado pela equipe do governo que nos acompanhava. Jogamos tudo fora.

De certa forma, dei graças a Deus, porque não tinha gostado do que havia saído. Na época, eu achava que a gente tinha que inovar nas pautas e mostrar a notícia no momento em que ela acontecia, mas os japoneses vieram com uma agenda pré-programada: visitamos indústrias, lojas, cidades e pontos turísticos. Eles não tinham flexibilidade. É outra cultura, é tudo excessivamente organizado, é muito difícil escapar do cronograma. Então, foi uma grande decepção trabalhar com os japoneses naquela ocasião. Mesmo assim, a viagem valeu porque, depois, fomos para a Tailândia.



Sandra em Tóquio, a convite do governo japonês, 1980.

## O QUE VI DA TAILÂNDIA

O cinegrafista era o Célio Braga, da Globo São Paulo, de onde saiu para me encontrar em Tóquio. De lá, fomos cobrir campos de refugiados cambojanos na fronteira com a Tailândia, país que havia pouco passara por um surto de cólera. E foi um trabalho maravilhoso, principalmente por ter acontecido logo depois do Japão, onde eu havia sido malsucedida.

O Camboja tinha sido invadido pelo Vietnã, e os refugiados escaparam para a fronteira com a Tailândia, onde o campo mais trágico era o Khao-I-Dang, administrado pela Organização das Nações Unidas e pelo próprio Ministério do Interior da Tailândia. Mas, quando chegamos lá, os médicos disseram que era tarde, porque o ápice da cólera havia acontecido alguns meses antes e, naquele momento, estavam organizando melhor o campo. Então, em princípio, a matéria para a qual nos mandaram estava esvaziada, mas encontramos um aspecto inesperado: a situação de abandono dos guerrilheiros cambojanos, os ex-Khmers Vermelhos.<sup>[3]</sup> A maioria se tornara alcoólatra, eles não falavam coisa com coisa e andavam cambaleando. Era o oposto do que eu imaginava.

Parece que as pessoas começaram a se drogar depois que os americanos chegaram ao Vietnã e ao Camboja, pois muitos soldados americanos eram dependentes químicos pela própria natureza da guerra: vinham da Califórnia, onde viviam cercados por toda aquela riqueza, e chegavam ali para lutar contra homens magros e pobres, simpáticos, com tradição histórica, que acabaram vencendo. A reação americana degenerou o Camboja, que antes era um principado histórico e foi atacado porque os americanos estavam atrás de guerrilheiros vietnamitas que fugiram para lá. Essa ação ocasionou uma tragédia. O campo de refugiados era o que restou dessas pessoas.

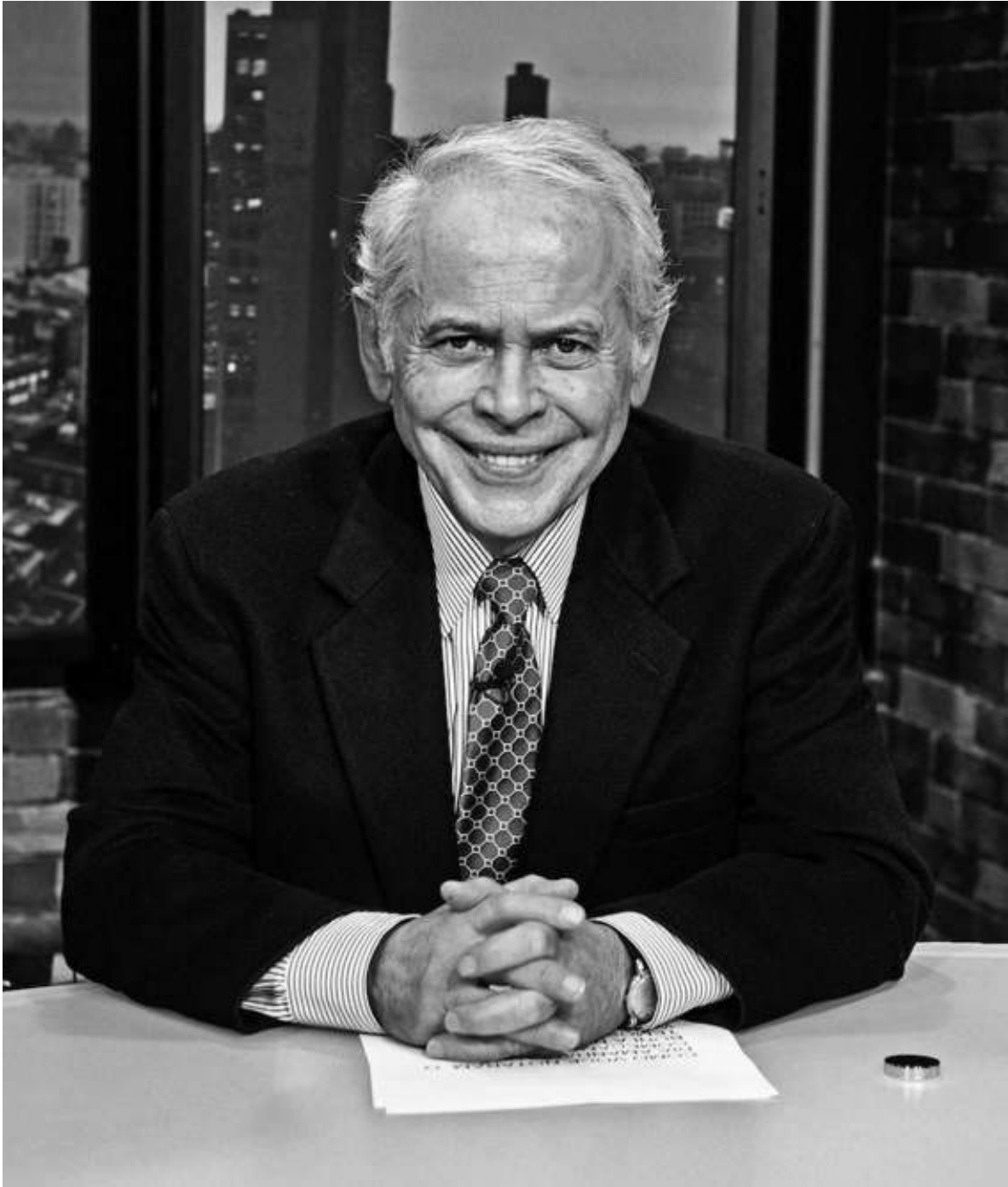
No nosso dia a dia, havia uma dificuldade operacional, porque era verão e fazia muito calor. O clima era tropical, como no Brasil. Então, acordávamos muito cedo e trabalhávamos até às onze da manhã, no máximo, porque, depois, o sol nos castigava. O calor era de tal ordem que os próprios campos ficavam vazios: todo mundo se recolhia onde conseguia, debaixo de qualquer sombra disponível. Para a reportagem, a gente conversava com as famílias por meio de um intérprete. Tinha uma garotinha, por exemplo, que me seguia o tempo todo – grudou em mim e não me largava. As crianças eram muito carentes.

O pano de fundo era esse. Era uma história interessantíssima. E o que eu acho bom no jornalismo é justamente o pano de fundo das coisas. É isso que

fica para as pessoas, foi o que ficou para mim. É uma percepção, um ponto de vista, que às vezes nem a câmera pode mostrar. Só mesmo quem testemunhou aquilo pode fazer ideia. E essas coisas mexem com a gente, com a nossa vida, os nossos valores. Acho que a correspondência é isso: o que está por trás do trabalho, porque as reportagens são recortes da vida. E o que não escolhemos para colocar ali dentro? O que sobra? Ah, sobra muita coisa, aprendi muito. É muito gratificante chegar a determinada situação e ter o recorte do país naquele momento. A partir dali, desfilamos um novelo. É isso que o jornalismo permite.



Sandra Passarinho com refugiados cambojanos na fronteira com a Tailândia, 1980.



LUCAS MENDES

DE NOVA YORK, LUCAS MENDES LEVA AO público brasileiro semanalmente um olhar crítico sobre acontecimentos dos Estados Unidos e do mundo. Nascido em Minas Gerais e cidadão norte-americano desde 2005, foi testemunha de fatos históricos que marcaram o planeta nos últimos anos. Nem sempre o jornalismo esteve em seus planos – na juventude, seu sonho era ser diplomata –, até surgir o convite para se tornar repórter de revista no Rio de Janeiro e a consequente chance de sair do Brasil. Em 1968, Lucas Mendes ganhou uma bolsa de estudos para profissionais no World Press Institute, nos Estados Unidos, patrocinada pela *Reader's Digest*. Depois da experiência, não largou mais as redações.

Em 1975, entrou para a Globo sem ter experiência com vídeo. A adaptação foi longa. Passou um tempo no Rio de Janeiro para melhorar a voz com sessões de fonoaudiologia e para ter lições de reportagem com profissionais renomados da emissora. Outros talentos o levaram para a frente das câmeras, como a qualidade de seu texto.

Lucas teve a sorte de iniciar sua carreira no vídeo sem sofrer de perto a pressão da censura instaurada no Brasil na década de 1960. Seu desafio foi outro: a vida de correspondente internacional. Em uma época em que não existiam nem videoteipe ou satélite, um dos procedimentos mais complicados do repórter era o de enviar fitas com material gravado de avião para o Brasil – a tempo de entrar no *Jornal Nacional*. Tarefa árdua, principalmente em casos extremos, como nas coberturas das revoluções da Nicarágua e de El Salvador, locais onde a estrutura de trabalho era precária, e os riscos, elevados. Baseado no escritório da Globo em Nova York, Lucas Mendes explorou as Américas e teve a oportunidade de viajar para África, Europa e Oriente Médio. Entrevistou o líder palestino Yasser Arafat e o cientista Robert Gallo, um dos pesquisadores que identificou o vírus da Aids. Especializou-se em política norte-americana, tendo coberto o caso Watergate, a renúncia de Richard Nixon e a posse de muitos presidentes.

Permaneceu na Globo até 1990. Três anos depois, veio o convite do GNT, que daria origem ao *Manhattan Connection*, um painel semanal que discute fatos políticos, econômicos e culturais – atualmente, exibido na GloboNews. No canal de televisão por assinatura, Lucas Mendes também contribui com entrevistas para o programa *Milênio*. Fora da televisão, escreveu os livros

*Conexão Manhattan – Crônicas da Big Apple* (1996) e *Manhattan re-Conexões* (2004). Em 2015, recebeu, da Universidade de Colúmbia, em Nova York, o Maria Moors Cabot, um dos mais prestigiados e antigos prêmios do jornalismo mundial. Lucas Mendes foi reconhecido como um dos quatro melhores jornalistas das Américas em função de seu trabalho dedicado a promover o diálogo e a democracia entre os continentes.





## ESTADOS UNIDOS, DÉCADA DE 1970

Lucas Mendes se tornou correspondente da Globo em Nova York em 1975. Na época, quem o acompanhava no escritório eram os repórteres cinematográficos José Wilson da Mata e Orlando Moreira.

A televisão é voraz e insaciável. Antes dela, aprendi a esquecer a última matéria e a pensar na próxima. Na revista em que comecei meu jornalismo, segunda-feira era dia de circulação e de *lamber a cria*, ler sua matéria publicada, assinada e com cheiro de gráfica. Um querido amigo me ensinou que *lamber a cria* era coisa de foca – iniciante em jornalismo – e perda de tempo. Matéria-prima de jornalismo é a novidade, mesmo quando ligada a um assunto do passado. Parei de *lamber*.

Quando entrei na televisão, em 1975, não sabia como contar uma história em noventa segundos, e o cinegrafista, o querido Zé Wilson da Mata, não sabia filmar. Se estivéssemos na Globo do Rio, não duraríamos uma semana, talvez nem um dia. Para melhorar minha voz e aprender a fazer reportagens, me levaram para o Rio. Tive lições com a fonoaudióloga Glorinha Beuttenmüller e de reportagem com profissionais experientes. Eu ficava só observando. Eles saíam com quatrocentos pés de filme – o equivalente a dez minutos de filmagem – e traziam de uma a duas matérias. Quando voltei para Nova York, nós dois saíamos com trinta minutos de filme e voltávamos com um péssimo *stand up* – ou seja, a tomada clássica em que o repórter permanece enquadrado no vídeo, transmitindo a notícia. Quando eu acertava, o Zé errava no foco. Filme nos Estados Unidos era barato, a Globo era generosa.

Quando me perguntam qual a melhor matéria ou a melhor entrevista, não sei responder. Foram centenas para o *Milênio* e milhares de reportagens em quinze anos na Globo, dez na Cultura, oito com os Bloch. Eu me lembro de muitas porque fui marcado por elas, ou elas marcaram as pessoas, e não porque foram as mais difíceis, arriscadas ou furos. O Brasil gostava de ver Nova York no Natal, o mundo inteiro gosta. Um dia saí com o cinegrafista sem nenhuma ideia. Decoração? Compras? Presente do ano? Tudo “xarope”. A matéria improvisada foi a coluna “Natal em Nova York”, com imagens de gente na rua, paisagens urbanas, sem complicações nem sentimentalismo, concluída com um belo pôr do sol. Para mim, o natal em Nova York, no fim das contas, era exatamente como em Pitangui ou Bom Despacho, terras natais

de meus pais. Entretanto, uma colega global, que eu não conhecia naquela época, me disse que, logo depois de ver a matéria, ligou para uma agência de viagem e veio conhecer Nova York. As reportagens no *Jornal Nacional* provocavam comoções em ambas as cidades. Em Pitangui, sou cidadão honorário.

## SOM E IMAGEM

Alguém espalhou na Globo que meu texto era bom, e a história colou. As pessoas elogiavam, mas, de vez em quando, me incomodava porque dava a impressão de que era só sentar e escrever, de que não havia o trabalho de reportagem. Decidi contar uma história sem texto. Em televisão, som e imagem são tão ou mais importantes do que a palavra. Foi na Copa do México de 1986. Brasil e França jogavam em Guadalajara. O jogo estava empatado em 1 x 1. O Brasil teve a chance da vitória, mas Zico, que entrou frio, insistiu em bater um pênalti, cobrou mal, e Joël Bats defendeu. O Brasil perdeu de 4 x 3 na disputa de pênaltis.

Como falar de uma notícia tão intensa e triste para os brasileiros, que já sabiam do resultado? Precisava de uma versão original. Eu estava na rua com a equipe, muito perdido, quando surgiu a ideia. Liguei para a redação e pedi a uma cantora lírica que transformasse o canto de guerra da torcida francesa, *Allez les Bleus*, em canção de ninar. A matéria consistia em mostrar os lances no ritmo rápido do canto da torcida. Quando Zico perde o pênalti, *Allez les Bleus* viraria uma canção de ninar. A França pôs o Brasil para dormir, um resumo precioso da nossa eliminação. Em vez de entrevista, pedi a cada jogador para dar um aceno de adeus para a câmera antes de entrar no ônibus.

Eu nunca assisto às minhas matérias no ar. Nem ao *Manhattan Connection*, porque só vejo os defeitos. Aquela eu vi e chorei. Texto de televisão é curto, grosso, com poucos números e, se possível, com o primeiro parágrafo casado com o último, uma espécie de teorema, enunciado, hipótese, tese. Eu tive a sorte de trabalhar com excelentes editores e produtores, quatro dos melhores cinegrafistas da Globo – Henderson Royes, Orlando Moreira, Paulo Zero, Helio Alvarez –; os produtores Daniela Royes, David Presas e Jayme Brito; os editores Fernando Baccarin, Otávio Escobar. Aprendi muito com eles.

## PELÉ ABAIXO DE ZERO

País tropical que assa durante o verão gosta de ver o sofrimento dos outros abaixo de zero, os encantos e estragos da neve. Nos invernos da década de 1970, às vezes eu me sentia meteorologista. A cidade campeã do frio dos Estados Unidos é International Falls, em Minnesota. Em um daqueles dias recordistas, recebemos umas imagens lindas do lago Rainy congelado, campos cobertos de neve e áudio do vento. O texto: “Esta paisagem é linda de morrer”. Áudio do vento: *Uuuuhhhhh*. “A temperatura aqui pode matar uma pessoa em 45 segundos.” Armando Nogueira, diretor de Jornalismo da Globo na época, mandou um recado perguntando se eu queria entrar para a Academia Brasileira de Letras.

O Brasil adorava ver o Pelé na televisão e, quando liguei para marcar uma entrevista, ele sugeriu o Central Park a uma temperatura de quinze graus abaixo de zero. Tínhamos intimidade, passávamos os finais de semana juntos na praia, e eu lhe disse que aquela era uma grande ideia de jerico, porque a bateria da câmera de dezesseis milímetros descarregava em cinco minutos. Ele fincou o pé. Quando nos encontramos no lugar combinado, entendi a malandragem dele e resolvi lhe dar uma espetada. Pedi ao Zé Wilson que começasse fechado em mim e abrisse devagar. Conteí a história do frio e a insistência do Pelé em falar naquele gelo. Pelé entrou no quadro e estava com um imenso e caríssimo casaco de pele bege claro, que lhe cobria da cabeça aos pés. Os dois olhinhos ficavam lá no fundo do imenso capuz. Entendi por que ele queria se expor ao frio e perguntei se tinha sido presente ou compra. Não me lembro da resposta, mas o elogio do Boni no dia seguinte foi inesquecível. Dirigido ao Armando Nogueira, o elogio cumprimentou o repórter – eu – pelo humor e pela presença de espírito. Um elogio do Boni, uma *bonificação*, já era melhor do que um bônus propriamente dito e achei que fosse fazer uma coleção deles. Até hoje, espero o segundo.

Quero reforçar que reportagem é indispensável, e, as investigativas, ainda mais. Porém, o texto de televisão é sempre enriquecido pelo som ambiente e as imagens, e menos por adjetivos e advérbios. Tente escrever sem usar locuções adverbiais e adjetivos. Em um guia de texto da BBC, li, não lembro quando, que “mas” era a palavra mais usada e abusada nos textos de televisão.

## FRIO NAS ORELHAS E RONALD REAGAN

Muito antes da entrevista com Pelé no Central Park, passei pela queimadura do frio. Vim para os Estados Unidos com uma bolsa do World Press Institute, em 1968. Ela era, e ainda é, concedida a jornalistas profissionais promissores com uma visão crítica da política norte-americana. Nossa base ficava em St. Paul, Minnesota, mas passávamos o ano na estrada. St. Paul é uma das recordistas de temperaturas abaixo de zero. Tarde da noite, dei uma marcha a ré, e meu carro atolou na neve. Tirei a pá do porta-malas e comecei a cavar. Com o exercício, aqueci o corpo e não senti tanto frio nas orelhas descobertas. Erro primário. Acordei com uma dor infernal na cabeça e levei um susto no espelho: a orelha direita estava imensa e avermelhada. “Mais uns minutos, e você ia ficar parecido com o Van Gogh”, disse o médico. “Você deu sorte, mas essa orelha vai ficar sensível. Cuide-se.”

Em outra ocasião, estive no extremo norte do Canadá, a 1,2 mil quilômetros do Polo Norte, para cobrir uma expedição que tinha saído do lado soviético e cruzado a região a pé. Vários de seus integrantes chegaram com dedos gangrenados. Não senti frio. A partir do momento em que desci do avião no último aeroporto antes do polo, tudo era subterrâneo, com exceção da cantina. Cobertos por diversas camadas de agasalhos, eu e Orlando caminhávamos de costas para o vento – eu tinha aprendido a lição. O sol chegava ao meio-dia, e anoitecia às três da tarde. Estava tudo bem. As orelhas escaparam de outros invernos até a segunda posse do presidente Ronald Reagan, em janeiro de 1985, em Washington, a vinte graus abaixo de zero.

Para a posse, tinham sido distribuídos 140 mil convites e vendidos outros 25 mil, mas todas as cerimônias e atividades externas foram canceladas. A temperatura média nas posses presidenciais em janeiro é de três graus Celsius (ou 37 Fahrenheit) – por algum motivo inexplicável, a média climática das posses de democratas é, em geral, dois graus mais fria do que as dos republicanos. Sempre repetida nas posses é a história do presidente William Henry Harrison, em 1841, quando a temperatura não era tão fria, mas o dia foi chuvoso, e ele realizou o discurso mais longo das posses norte-americanas: uma hora e quarenta minutos, sem chapéu nem casaco. Pegou um resfriado que virou pneumonia e, um mês depois, o nono presidente dos estados foi enterrado com casaco de madeira. Serviu menos de trinta dias na função – foi a mais curta presidência da história.

Na posse, Reagan foi à Catedral Nacional de Washington, como manda o ritual. Nós, jornalistas, ficamos no curral da imprensa do lado de fora. Eu usava meias aquecidas à pilha e três ou quatro peças de roupa embaixo do casaco. Mas as orelhas não deviam estar bem protegidas, porque uma jornalista da NBC que eu não conhecia parou diante de mim com olhos arregalados e disse que meu rosto estava deformado, com inchaços – não era só a orelha! “Saia daqui agora”, ordenou.

A cara de espanto da colega me assustou. Corri para nosso carro, liguei o aquecedor. Foi quando eu senti a dor do frio que durou mais de uma hora, principalmente nas mãos. Pouco depois, um médico descobriu que tenho um problema conhecido como síndrome de Raynaud, uma doença autoimune que pode surgir pela primeira vez em qualquer idade. Os sintomas variam, mas, no meu caso, minhas mãos, principalmente a esquerda, começam a doer e a ficar roxas – da cor de mão de defunto, em especial quando sou exposto ao frio intenso. E, de repente, elas são invadidas por um jorro de sangue e ficam intensamente vermelhas, quentes, e a dor some. Uma solução é usar luvas.

## POSSE DE JOSÉ LÓPEZ PORTILLO MÉXICO, 1976

Antes das viagens à América Central, ao Líbano e ao Cairo, Lucas Mendes foi ao México fazer sua primeira cobertura internacional para a Globo.

A ideia do Armando Nogueira era cobrir a posse do presidente José López Portillo, em 1976. Portillo tinha sido eleito em julho, concorrendo com outros três candidatos simbólicos. O PRI, partido do presidente eleito, nunca perdera uma eleição desde quando fora fundado, em 1929. Mesmo quando não havia necessidade – como no caso das eleições que testemunhei –, fraudes faziam parte do processo, no intuito de demonstrar o grande apoio que a população daria ao presidente e ao sistema.

A economia do México naquela época era estável, com um acordo monitorado pelo FMI, o Fundo Monetário Internacional. Dois grupos terroristas assombraram o país em setembro daquele ano com atentados a bombas. Um deles era a Liga Comunista 23 de Setembro, e o outro, a Força Armada Revolucionária do Povo. Não havia, como hoje, medidas especiais de segurança em aeroportos, nas ruas ou mesmo na sede do governo ou no congresso. Na Cidade do México, não havia explodido nem mesmo o tráfico de drogas, a violência e a poluição desenfreada. Eu via apenas alguns sinais dos congestionamentos que hoje se tornaram um problema sério, mas a cidade ainda era segura a qualquer hora do dia ou da noite.

Naquela época, quando não mandava sua própria equipe, a Globo trabalhava com agências de notícias internacionais que nos davam cobertura em qualquer lugar do mundo – primeiro a Upitn e, depois, a Reuters. Eu ligava para o escritório deles de Nova York e pedia apoio de cinegrafistas locais, produtores, motoristas e de pessoal de edição e geração de satélite, passava as informações. Desde a década de 1980, a Globo viaja com suas próprias equipes.

Fui enviado para o México. Nessa viagem, além de cobrir a posse do presidente, o que o Armando queria mesmo era mostrar o nosso trabalho no exterior ao Doutor Roberto Marinho, que iria à cerimônia. O Doutor Roberto não sabia por que jornalismo de televisão era tão mais caro do que o do jornal impresso – lembrando que, naquela época, a Globo ainda era uma jovem emissora. Além do Hélio Costa e de mim em Nova York, havia a Sandra

Passarinho como correspondente em Londres. Essa era a equipe internacional da Globo, até então mais focada no *Fantástico* e em matérias frias para os telejornais.

O jornalismo internacional era caro, e o nacional também, porque a única matéria-prima produzida no Brasil era a mão de obra. Tudo vinha de fora, inclusive o “sangue” da televisão: o filme. Sem ele, não havia reportagem, algo que nos pregou grandes peças. Havia o filme mudo e o sonoro. Uma vez, emboscamos o ministro das Relações Exteriores da Alemanha em Washington, onde ele iria discutir com o governo norte-americano a venda de material para o nosso programa nuclear. Era um dos pontos de maior conflito nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Os americanos ameaçavam ambos os lados com sanções. O alemão nos disse que cumpriria o acordo. À tarde, entrevistei o secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, numa coletiva, e ele confirmou a oposição de seu país e as ameaças. Enviaríamos a reportagem por satélite. Quando revelamos o material, Orlando Moreira viu, horrorizado, que tinha usado filme mudo na entrevista com o alemão. Narrei em *off* a resposta do alemão para enviar ao Brasil, e nosso esforço valeu a pena. Na mesma noite, os militares brasileiros reagiram com firmeza às entrevistas.

O patrão cobrava sempre do Armando: “Por que vocês gastam tanto?”. Armando me disse que precisávamos mostrar que existíamos: “Vai lá, se apresente e peça a ele alguma sugestão para a sua cobertura”. Ele era um dono de jornal que entendia de jornalismo, em essência, era um jornalista.

Meu encontro com o Doutor Roberto foi num café da manhã *tête-à-tête* no dia da posse. Recém-chegado à Globo, eu tinha a cabeça bem mais à esquerda do que hoje e era bem mais desconfiado. Ele falou sobre o Brasil, a situação mundial e perguntei se tinha alguma sugestão sobre a cobertura da posse e sobre os grupos de guerrilheiros e terroristas do México. Ele me disse que os grupos não eram relevantes, não apresentavam uma ameaça séria ao governo e não mereciam ser mencionados. Sem discutir, discordei e mesmo assim coloquei os terroristas, também chamados de guerrilheiros, na matéria. Nunca descobri se ele soubera disso, provavelmente não, mas aqueles movimentos realmente não foram relevantes e logo murcharam. Doutor Roberto estava certo. O movimento guerrilheiro que incomodou o México foi o Zapatista, na década de 1990. O faro dele estava mais apurado do que o meu. A intenção não era a de censurar, apenas me dar uma opinião informada. Custei a me livrar da paranoia.

Nos meus quinze anos como correspondente, jamais fui censurado ou



testemunhei censura dentro do escritório da Globo em Nova York – nem no período que o Paulo Francis ainda era de esquerda.

## APROXIMAÇÃO DIPLOMÁTICA ENTRE ISRAEL E EGITO

### CAIRO, 1977

Anwar Sadat, presidente do Egito, visitou Israel em 1977, como parte da tentativa de firmar um acordo de paz no Oriente Médio. Era a primeira vez que um país árabe reconhecia Israel. Lucas Mendes viajou de Nova York para o Cairo e cobriu a repercussão da visita.

Anwar Sadat, presidente do Egito, visitou Israel em 1977, uma decisão arriscada, inédita, surpreendente. Poderia levar – como levou – a um acordo de paz entre os dois países. Pensei que poderíamos fazer uma cobertura internacional, com o repórter Hélio Costa em Washington; Sandra Passarinho, em Israel; e eu, no Egito. Hélio passou a sugestão para Alice-Maria, então diretora de Telejornais da Globo. Aprovaram. Lá fomos eu e Orlando Moreira para o Egito. Era uma quinta-feira e saímos direto do escritório em Nova York para o aeroporto John F. Kennedy rumo ao Cairo, via Londres.

Ficamos lá mais tempo do que devíamos. Não tínhamos o que fazer no Cairo, além da viagem de Sadat. Cheguei a contar histórias sobre o deserto, as pirâmides e como eram feitos os papiros, enfim, uma visão geral da cidade, sem foco específico. O momento mais difícil da cobertura foi nossa dificuldade de gerar o material para o Brasil a tempo para o *Fantástico*, no domingo. A estrutura da televisão egípcia era faraônica no mau sentido. Antiquíssima. Naquela época, trabalhávamos com filme dezesseis milímetros e editávamos em moviola. A televisão do Cairo era num prédio enorme, praticamente um labirinto. Descíamos no segundo andar e não sabíamos onde estávamos. Subíamos e descíamos escadas, abrindo portas até chegar à ilha de edição, que estava toda empoeirada, sem uso havia muito tempo.

Tínhamos feito uma cobertura de rua, procurando manifestações contra ou a favor do governo. Não havia nenhuma. Quando voltamos, ficamos engarrafados, como no Rio ou na São Paulo de hoje. Percebemos que não íamos chegar à emissora – e o Orlando ainda teria que revelar e editar o filme. Num impulso, ele saltou do táxi e subiu na garupa de um motoqueiro, que não entendeu nada. Orlando dizia: “*News*, jornalista, Cairo TV, Cairo TV”. E mostrava um punhado de dólares. Conseguiu! Ele chegou lá e editou todo o material. O problema era o sistema de televisão, da era dos faraós. O vídeo, que ia por satélite, chegou. O áudio, que foi por terra, passando por vários

países, não. Cid Moreira, se não me engano, leu o meu texto por cima das imagens.

Nesse texto, acertei uma previsão, uma raridade. Falava sobre os perigos desse salto tríplice da decisão de Sadat ir a Israel. Quatro anos depois, o líder foi assassinado por causa dessa viagem ao Egito. O “salto mortal” metafórico foi fatal.

O processo criativo às vezes é difícil, porque a palavra certa não vem: eu sempre procuro uma palavra para definir o assunto, e o texto gira em torno dela. Pode vir na véspera, à noite, quando estou pensando na história que vou fazer no dia seguinte – já depois de ter lido o material de pesquisa, as entrevistas. Outras vezes, aparece durante a reportagem, ou só na hora da redação do texto.

Naquela época, eu saía para fazer uma matéria por volta das dez da manhã, ou depois, voltava para a redação às duas da tarde, que era nosso horário pra começar a editar. Em Nova York, a geração era às cinco, dependendo do fuso horário. Eu tinha, portanto, uma ou duas horas para escrever. E ficava lá catando palavras. O processo hoje é o mesmo: se você tem que contar uma história em noventa segundos, não há muitas variações. Eu gostava de casar o começo com o parágrafo final do texto, para não deixar que o material fosse cortado pelos editores, uma proteção. Alice-Maria uma vez me deu uma bronca por conta de uma matéria sobre um piloto da Força Aérea Chinesa que fugiu da China para Taiwan: estava longa e não dava cortes.

No Cairo, eu trabalhei nesse texto na véspera, depois da pesquisa, durante o longo voo sobre o Egito, em meio ao conflito do Oriente Médio, com foco nas possibilidades e nos perigos daquela viagem.

“No Egito, ficamos de plantão por vinte dias e fizemos uma única matéria. Ainda usávamos filme. A moviola disponível para a edição era quase do tempo dos faraós. Estava coberta por um pano empoeirado, e o som parecia vir pelo túnel de uma pirâmide.” – Orlando Moreira

## REVOLUÇÃO SANDINISTA NICARÁGUA, 1978

O assassinato do jornalista Pedro Joaquín Chamorro, líder da oposição na Nicarágua, em 1978, detonou a guerra civil no país. O acusado de ser o mandante do crime era o ditador Anastasio Somoza. Após dezoito meses de luta, a capital Manágua foi tomada pelas tropas da Frente Sandinista de Libertação Nacional. A Guarda Nacional depôs as armas. Era o fim da guerra. Anastasio Somoza foi morto no ano seguinte, em um atentado no Paraguai.

Manágua, a capital, fica à beira do lago e havia sido destruída por um terremoto que devastara El Salvador, onde nos encontrávamos antes, cobrindo os estragos causados pelo tremor. A situação estava feia. A revolução durou de 1979 a 1990, liderada pela Fsln, Frente Sandinista de Libertação Nacional, o primeiro movimento que aliou a teologia da libertação com o marxismo e depois governou o país por onze anos.

A ditadura de Anastasio Somoza era brutal, apoiada e armada por Ronald Reagan. Era mais difícil cobrir os sandinistas, e os contatos com o grupo eram mais arriscados porque eles sabiam que a prisão era morte certa. Mas se a equipe chegava num acampamento sandinista, como na fronteira com a Costa Rica, eles nos recebiam, permitiam o acesso, davam entrevistas e nos preveniam dos possíveis perigos. Havia a ameaça quase diária dos barris-bombas lançados de helicópteros, como usam hoje na Síria. Vinham em geral à tarde. Soava um alarme, e você via o helicóptero se aproximar, sobrevoar a área e lançar os barris. Os sandinistas tinham abrigos, mas em quantidade limitada.

Os jornalistas corriam para longe dos helicópteros, porém as explosões raramente matavam. Mas se os helicópteros voassem baixo, podíamos nos tornar alvos fáceis.

Já os guerrilheiros apreciavam uma farra. À noite íamos para uma pensão depenada. As portas não tinham chaves, as camas não tinham lençóis, não havia luz elétrica. Mesmo naquelas condições, eles faziam um churrasco excepcional. Enchiam a cara e, como tinham geradores, dançavam com música no último volume. De vez em quando, alguém mais alterado disparava para cima. Um horror. Como não havia chave, eu levava o maço de dólares das minhas diárias para o banho de chuveiro à luz de vela e colocava na separação

entre o meu boxe e o do vizinho. Uma noite acordei às três da manhã. Cadê o dinheiro? Corri para o chuveiro e lá estavam os 8 mil dólares.

Em El Salvador e na Nicarágua, os militares e os guerrilheiros sabiam que carregávamos dinheiro vivo, câmeras de 40 mil dólares e coletes à prova de bala. Na Nicarágua, um satélite custava 5 mil dólares em *cash*. Não havia acordos entre as emissoras de televisão. Os quatro membros de uma equipe da Finlândia foram roubados, assassinados e nunca soubemos se foram vítimas dos militares ou da guerrilha. Para mim é um mistério como não morreram mais jornalistas estrangeiros.



Lucas Mendes, Helio Alvarez e Orlando Moreira na cobertura do terremoto em El Salvador, 1986.

## MASSACRE DE JONESTOWN GUIANA, 1978

Em novembro de 1978, mais de novecentos fiéis de uma seita comandada pelo pastor norte-americano Jim Jones se suicidaram em Jonestown, na Guiana, em plena floresta amazônica. Lucas Mendes foi enviado à região, mas enfrentou censura do Pentágono na realização da cobertura.

Poucos americanos sabem que existe um país chamado Guiana. Em novembro de 1978, veio a notícia de que quase mil americanos haviam se suicidado em Jonestown, no meio da selva, tomando veneno por instruções de um pastor evangélico chamado Jim Jones.

A Guerra Fria estava quente. Eu e Henderson Royes entramos no primeiro avião para a capital da Guiana, Georgetown, tentando chegar o mais rápido possível ao local da tragédia. Fracassamos.

## TEMPLO DO POVO

Jim Jones era um líder religioso que pregava um evangelho comunista. Transferiu a igreja que fundara em Indiana, nos Estados Unidos, para São Francisco, e, de lá, para o meio da selva. O Templo do Povo reuniu quase mil seguidores. Era uma experiência econômica, social, religiosa e supersticiosa. Lá, segundo Jones, eles estariam salvos de uma provável guerra nuclear.

O líder proibia os membros de sair da comunidade. Mas, em algum momento, alguns escaparam e procuraram o deputado federal da Califórnia Leo Ryan com provas de abusos violentos. Ryan, jornalistas e assessores voaram para Jonestown e foram bem recebidos. Até que o deputado foi esfaqueado no segundo dia da visita. O político ferido, sua comitiva e um grupo dissidente do Templo saíram às pressas para o aeroporto, mas, antes da decolagem, cinco pessoas foram assassinadas, incluindo o deputado. A notícia da tragédia chegou aos Estados Unidos por radioamadores.

Durante os assassinatos no aeroporto, Jim Jones chamou a comunidade e gravou um áudio de 45 minutos convocando os seguidores para um suicídio coletivo. A maioria tomou veneno. Em poucas horas, estavam quase todos mortos, uma cena pavorosa que não pudemos documentar. Até então na história norte-americana, essa era a tragédia com o maior número de civis mortos em um único dia.

## NÓS EM GEORGETOWN

A única forma de chegar lá era contratar um piloto e um avião. Foi o que fizemos e nos dirigimos ao aeroporto, onde fomos informados que não poderíamos decolar nem ir a Jonestown. Eram instruções do Exército norte-americano. Frustrados, ficamos na capital da Guiana entrevistando sobreviventes. Até hoje, não entendi e nem sei explicar essa tragédia. Vários membros do culto com quem conversei eram idealistas, portadores de diplomas universitários. Muitos haviam tentado ir embora, mas os guardas de Jones tinham ordens para matar os desertores. Jim Jones já tinha feito ensaios do suicídio coletivo, chamados de Noites Brancas. Eu me perguntava: como aquelas pessoas haviam caído no conto de Jim Jones? Seria devido ao seu carisma? As respostas dos especialistas divergem.

Naquele dia em que fomos proibidos de decolar, o comando norte-americano convocou a imprensa para a primeira coletiva com dados sobre a tragédia. Perguntei: “Se isso tivesse acontecido com um grupo religioso anticomunista na União Soviética e apenas jornalistas soviéticos tivessem acesso ao local da tragédia, qual seria a reação dos americanos?”. Eles não me responderam, alegaram que a pergunta era especulativa.

De fato, o aeroporto não ficava perto de Jonestown. Como chegaríamos lá? A BBC teve acesso ao local por meio de carros dos militares. Não recebemos satisfações. Nossa matéria contou com a colaboração de Hélio Costa, de Nova York, e entrou no *Fantástico* com quinze minutos.



## ENTREVISTA COM YASSER ARAFAT LÍBANO, 1979

Em 1979, Lucas Mendes viajou para o Líbano com o repórter cinematográfico Henderson Royes e o produtor Otávio Escobar com a missão de conseguir uma entrevista exclusiva com o líder palestino Yasser Arafat. A reportagem foi ao ar no *Jornal Nacional*.

O Oriente Médio era mais seguro do que hoje. No Líbano, o pior da guerra civil já havia passado quando cheguei. Mesmo assim, o cenário ainda era explosivo. A OLP, Organização para a Libertação da Palestina, era o grupo terrorista mais temido da época e, em Beirute, havia tiroteios todas as noites perto do nosso hotel. Porém, não havia ameaças a jornalistas que estavam lá a trabalho.

O hotel tinha marcas do conflito. Nós éramos os únicos hóspedes, estávamos no nono andar, e o quarto tinha o teto furado de balas, assim como todas as paredes e janelas do edifício. No último andar, com uma linda vista para o Mediterrâneo, havia um piano. Fomos lá para entrevistar Yasser Arafat, o mais temido terrorista da época. Tenho quase certeza de que foi o primeiro contato dele com a imprensa latino-americana e certeza absoluta de que foi a primeira entrevista exclusiva para um jornalista brasileiro.

O encontro tinha sido arranjado por um pastor de Delaware que conheci em Nova York. Quando chegamos, nos apresentamos à sede da OLP para receber instruções. Eram muitas. Teríamos que alugar um carro deles com um motorista – que nos custaria duzentos dólares por dia – e segurança – mais cem dólares – e, antes de encontrar o chefe, ter lições sobre os cenários político, econômico e social do país. Fomos a escolas, hospitais, centros de treinamentos de guerrilheiros, manufaturas e locais destruídos pelos israelenses e facções apoiadas por eles. Um dos raros momentos de tensão foi numa plantação de oliveiras no sul do Líbano, uma região linda e deserta. O silêncio e o vazio eram sinistros. Não se ouvia nem mesmo os passarinhos. Quando nossa segurança viu uma patrulha israelense, entrou em pânico, e saímos às carreiras. Eram ariscos.

Uma tarde, quando estávamos numa estrada deserta, supostamente perigosa, estourou um pneu do carro. Por causa do barulho, o motorista e o segurança abriram as portas do veículo, saíram voando, sem as armas, e se esconderam

no mato. Eles simplesmente nos abandonaram ali, sozinhos. Só voltaram quando perceberam que havia sido só um pneu.

Depois de duas semanas, nossas tardes eram vazias, entediadas e frustrantes sem o telefonema do Arafat. Perto do nosso hotel havia vários outros, alguns de luxo, todos vazios e quase completamente destruídos. Num deles, sobrou uma piscina bem cuidada, e um empreendedor instalou um bar com bebidas e salgados. Às vezes apareciam pilotos e aeromoças, e ficávamos tomando banho de sol e lendo. Um cenário surrealista onde o silêncio costumava ser quebrado por um jato da força aérea de Israel que rompia a barreira do som em cima da cidade. Um “sustão” para mexer com os nervos de libaneses e palestinos.

Certo dia, anunciamos aos anfitriões que não podíamos esperar mais. Se a entrevista não saísse logo, iríamos embora. O telefone tocou a uma da madrugada. “Desçam e esperem na portaria.” Com os olhos vendados, fomos levados a um conjunto residencial grande, porém modesto. Dezenas de pessoas fortemente armadas estavam na porta, e Arafat encontrava-se sozinho num pequeno escritório, amável e falante. Eu tinha um roteiro com algumas perguntas incômodas, mas ele só perdeu a paciência quando perguntei por que 100 milhões de árabes que queriam expulsar ou destruir Israel não marchavam juntos contra Israel, desarmados, com mulheres e crianças à frente. Disse que a pergunta era uma provocação infantil. Depois de meia hora, ele me tascou dois beijos no rosto.

Caímos fora e pegamos o primeiro avião para Londres, felizes com a entrevista. Decidimos tirar uma noite para festejar com o colega Bob Feith e a equipe de lá. Na manhã seguinte, na hora de embarcar, tive uma das maiores aflições da minha vida de jornalista. O cinegrafista Henderson Royes não achava as fitas da viagem. Reviramos o pequeno escritório e sem elas fomos para o aeroporto, murchos, mudos e deprimidos. Anunciei que pediria demissão logo que chegasse, mas provavelmente nos dariam a demissão sem que isso fosse necessário. Porém, pouco antes do embarque no terminal 1 do aeroporto de Heathrow, Henderson teve uma inspiração. Saiu correndo para o terminal no qual chegamos, e lá estava a caixa de fitas rolando sozinha na esteira. Ela havia permanecido ali por quase 24 horas, num aeroporto cheio de cuidados e apreensões, não só pelo terror palestino, mas por outro, bem mais próximo da Inglaterra naquela época, representado pelo IRA, o Exército Republicano Irlandês.

“Foi a pior experiência da minha carreira. Na hora de pegar a bagagem, não encontrei a caixa com todo o material gravado. Momentos de pânico, desespero e depressão. Voltei no dia seguinte à esteira de bagagens do aeroporto, esperando um milagre. A caixa estava intacta. Graças a Deus!”  
– Henderson Royes

## GUERRA CIVIL EL SALVADOR, 1980 – 1992

O assassinato do arcebispo Óscar Romero e de outras 42 pessoas durante seu funeral foi o estopim da guerra civil que durou de 1980 a 1992. O conflito armado envolveu o governo de direita e a guerrilha de esquerda, representada pela Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (Fmln). Lucas Mendes e Paulo Zero acompanharam o conflito.

Pelos carimbos nos nove passaportes – meu filho contou há anos – estive em sessenta e poucos países, mas o recordista de entradas foi El Salvador: treze vezes. Em plena ditadura militar, lá o repórter estrangeiro podia denunciar a violência e as táticas de repressão. Ninguém sabia o que era El Salvador, mas cheguei e me senti em casa. Encontrei censura, tortura, militar descendo o cacete em manifestantes, bomba e fumaça de gás lacrimogênio. Das ruas de San Salvador para as nossas, não havia nenhuma diferença. Nem nos uniformes.

Meu primeiro encontro em San Salvador seria às dez da manhã, com o arcebispo Dom Romero, que encarnava o que havia de melhor na Igreja e no país. Eu estava na sala de espera quando passou uma mulher aos gritos. Um padre havia sido fuzilado e estava caído no asfalto. Corremos para lá, e Dom Romero ainda estava deitado, sangrando, todo furado, mortíssimo, fuzilado enquanto rezava uma missa. Perguntei a testemunhas quem tinha disparado. “Nós não temos metralhadoras”, me disse uma mulher em prantos. Fora ação de milicianos. O ano era 1980. Dom Romero seria canonizado em 2015.

Para brasileiros, era fácil fazer contatos. A esquerda e a direita confiavam em nós, mas os militares não gostavam de jornalistas. Depois da primeira viagem, liguei para a Globo e pedi coletes à prova de bala. Na viagem seguinte, foram confiscados no aeroporto, e o policial disse que eu fosse reclamar com o ministro da Guerra. Fui. O general foi curto e grosso: “Meus soldados querem esses coletes, os terroristas também. Matam por eles”. Nunca mais os usei.

Nessas áreas de conflito, você confia nas fontes sem garantia de segurança. O motorista nos buscava de manhã cedo no hotel com informações: “*Hay balacera*”, ou seja, tem tiroteio em tal lugar. Entrávamos no carro e lá íamos nós. Numa dessas viagens, notamos que a estrada estava deserta, e um

helicóptero nos acompanhava desde o início. Quando chegamos, a *balacera* na igreja tinha terminado sem mortos ou feridos. Voltamos. A estrada continuava tão deserta quanto antes. Paramos num casarão lindo, abandonado, mas com um cajueiro carregado. Até hoje, não me lembro de ter comido um caju mais doce. No final do caminho, cruzamos com vários militares. Um deles nos saudou, nos dando parabéns. Aquela era uma estrada minada. Demos sorte dupla, na ida e na volta. E devoramos preciosos caju de graça. Sem a reportagem da *balacera*, aquele havia sido um dia bom na guerra.

Poucas vezes corri risco de vida. Nos primeiros anos, a capital San Salvador era uma cidade segura, agradável, com dois ou três bons restaurantes. Saíamos à noite sem nenhuma preocupação. No fim da década de 1970, as situações de perigo se tornaram frequentes, em especial para os cinegrafistas que se expunham para fazer imagens.

Uma das piores tragédias que documentamos, porém não implicava risco. Foi na sede do partido de oposição que havia sido ocupada pelos guerrilheiros, entre eles a filha de um dos três líderes de uma coligação governista. Eles se recusavam a deixar o local. Os militares nos permitiam entrar e sair sem problemas. Passávamos por um restaurante e levávamos água, cerveja e comida para os ocupantes. Uma tarde, pouco antes da nossa chegada, os militares invadiram a casa. Quando chegamos, uns quinze guerrilheiros estavam deitados de bruços na carroceria de um caminhão aberto, alguns feridos e gemendo. O comandante da operação fez questão que entrássemos na casa. Tinha sangue até no teto. Mataram os líderes a tiros e baionetas. No terraço, havia um ferido com um furo na barriga. Gritei para o comandante lá embaixo que tinha um homem sangrando lá em cima. Ele respondeu: “Eu sei. Ele vai morrer”.

A guerra civil de El Salvador, precipitada pelo assassinato de Dom Romero, deixou mais de 60 mil mortos.

## CUBA, 1989 – 1990

O correspondente Lucas Mendes esteve em Cuba em duas ocasiões. Em 1989, cobriu a visita do estadista russo Mikhail Gorbachev ao presidente Fidel Castro. No ano seguinte, produziu uma série especial sobre a situação política e econômica da ilha caribenha diante da crise na União Soviética.

Em ambas as vezes que visitei Cuba para fazer reportagens, tentei entrevistar Fidel Castro. A mais promissora delas, em 1989, para o *Jornal da Globo*, teve a benção e o apoio do embaixador Ítalo Zappa, amigo pessoal de Fidel. Zappa era um homem da cozinha. Eu costumava chegar tarde à casa do embaixador, à meia-noite, e saía de madrugada. O diplomata era ótimo cozinheiro, um craque nas massas. Os restaurantes em Cuba não são péssimos, mas também não são bons, nem baratos. Eu tinha um anfitrião disposto a cozinhar e me educar sobre Fidel e sua ilha.

Na primeira visita, em 1989, o líder soviético e russo Mikhail Gorbachev e a mulher Raisa chegariam a Havana. Haveria uma grande recepção para eles, onde Zappa me apresentaria a Fidel. Deu certo.

Fidel passou perto de onde estávamos, e Zappa fez as honras: “Presidente, este é o jornalista brasileiro Lucas Mendes, que espera o encontro com o senhor”. Fidel apertou minha mão e disse que eu tivesse um pouco mais de paciência. Na sequência, Fidel me apresentou Gorbachev e Raisa, como “grande jornalista brasileiro”. Houve um minuto de conversa mole, e eles seguiram para o jantar, mas a entrevista com o “grande jornalista” foi adiada para o ano seguinte.

Cuba estava em crise econômica porque a União Soviética, também empobrecida, havia reduzido a ajuda à ilha. Antes, comprava açúcar pagando em petróleo, onze vezes o preço de mercado. Com a crise em casa, estavam pagando só três vezes mais. Como o Brasil tinha boas relações com Cuba, era muito fácil e rápido pegar um avião em Miami e descer em Havana.

Na segunda viagem, fui com nova esperança de entrevistar Fidel, ainda com a ajuda do embaixador Zappa no meio de campo. Eu e Orlando Moreira passamos uma semana na ilha e fizemos uma longa matéria sobre a situação política, econômica e social de Cuba, que terminaria com a entrevista do Fidel.

Contrariando instruções dos anfitriões, eu e Orlando fomos entrevistar um

líder dissidente cubano. Estávamos na sala de jantar, quando a casa dele começou a ser apedrejada. Foi uma barulheira assustadora de vidros sendo quebrados. Havia um grupo de cerca de vinte pessoas do lado de fora. A polícia chegou, e o Orlando continuou rodando, ainda que da forma mais discreta que foi capaz. Queriam nos levar à delegacia, apesar de termos autorização para filmar em Cuba. O que nos faltava era o passe para entrevistar dissidentes. Acharam que haviam apreendido nosso material, mas o Orlando, esperto, já tinha trocado as fitas.

A entrevista não foi longe porque a polícia do quartelão viu nossa chegada com câmeras e convocou os vizinhos para o apedrejamento. As imagens dos vidros quebrados, do barulho e da chegada da polícia eram mais dramáticas do que o curto conteúdo da conversa.

## HAVANA É DESBOTADA, LIMPA E BELA

O país me impressionou muito pela educação e pela saúde dos cubanos. Eram simpáticos, com um jeitão brasileiro. Nos canaviais do interior ou nas cidades, encontrávamos cubanos que sabiam se expressar bem e conversávamos de igual para igual. Não se intimidavam com jornalista e câmera de televisão. Não falavam sobre política, nem mal do Fidel. Eram educados, mas não bobos. Os países na América Latina onde vi pessoas mais saudáveis e confiantes, como em Cuba, foram Chile e Costa Rica.

Havana, pobre, sem tinta nas casas e sinais de decadência, ainda era uma das cidades mais lindas e menos poluídas das Américas. Nos mercados, prateleiras vazias; nas livrarias, quase nada além do livro do Frei Betto com a entrevista de Fidel sobre religião. As casas das pessoas eram humildes, tinham pouco, quase nenhum recurso. As privadas não tinham tábuas e faltava papel higiênico, mas as pessoas não demonstravam tristeza nem amargura com a pobreza ou a ditadura. Pareciam resignadas.

Não sei se minha desobediência com a tentativa de entrevistar o dissidente derrubou a entrevista com Fidel – Zappa não tinha certeza, achava que não –, porém, um ou dois dias depois, Castro foi ao Brasil para a posse do presidente Collor e deu mais um bolo no “grande jornalista brasileiro”. Concedeu uma entrevista para outro jornalista da Globo no aeroporto.

Logo depois dessa viagem, eu saí da emissora, e minha matéria foi dividida em uma série e exibida no *Jornal da Globo*.

“No meio da entrevista com o dissidente, uma pedra quebrou o vidro da janela. Retirei a fita gravada e a escondi. Em frente à casa, havia várias viaturas com as luzes acesas. Segurei a câmera na altura da cintura e filmei o diálogo entre o Lucas e o policial. Nos liberaram.” – Orlando Moreira



## A DESCOBERTA DO VÍRUS DA Aids ESTADOS UNIDOS, 1985

Os primeiros registros da Aids – uma doença infectocontagiosa, transmissível sexualmente e pelo sangue, e muitas vezes fatal – foram feitos entre 1977 e 1978, na África, Haiti e Estados Unidos. A descoberta do vírus se deu em 1984.

No fim dos anos 1970 e começo dos anos 1980, Nova York abrigava um grande mercado de sexo. O bairro do West Village tinha uma das maiores concentrações de homossexuais do país, muitos deles reunidos na Christopher St., que era uma continuação da rua Nove, onde eu morava. Ali apareceram alguns dos primeiros casos de Aids de que se tem notícia na cidade.

Em 1981, antes de a doença ser identificada e batizada, minha mulher, Rose, fazia trabalhos para outras emissoras e comentou que estava produzindo uma matéria sobre uma doença misteriosa que matava homossexuais em Los Angeles, São Francisco e Nova York. Naquele ano, foram 234 casos.

No ano seguinte, no dia 27 de julho de 1982, a revista *Newsweek* publicou, pela primeira vez, a expressão Aids, *Acquired Immune Deficiency Syndrome* (síndrome da imunodeficiência adquirida – Sida), criada pelos CDCPs, *Centers for Disease Control and Prevention* (Centros de Controle e Prevenção de Doenças).

Não sei quantas matérias fiz sobre Aids para a Globo. No começo, não era fácil. Os homossexuais com HIV estavam estigmatizados, praticamente condenados à morte, e não queriam mostrar a cara. As opiniões dominantes por parte dos religiosos falavam sobre castigo divino. Os radicais de direita queriam mais é que os gays morressem, e os liberais, por outro lado, sentiam pena. Havia teorias da conspiração que responsabilizavam a CIA pela criação do vírus.

Na década de 1990, dois brasileiros conhecidos meus ainda não queriam ser expostos, nem receber a solidariedade alheia. Só em 1984, quando as mortes passaram de 4 mil, o presidente Reagan usou a palavra Aids em público, porém o fez mais pela pressão de Elizabeth Taylor e a morte de Rock Hudson. O presidente não se envolveu a fundo na causa e, seis anos depois, pediria desculpas por sua negligência.

Naquele ano de 1984, o cientista Robert Gallo anunciou ter descoberto o

vírus que causava a doença. Gallo, com a máquina e o dinheiro norte-americanos, era a grande esperança para encontrar uma vacina. Em 1985, fui entrevistá-lo em seu laboratório no *National Institutes of Health* (Instituto Nacional de Saúde), em Bethesda, Maryland. O foco da entrevista eram as sessenta amostras de sangue enviadas pelo Brasil, quatro ou cinco delas contaminadas. Gallo alertava que as doações de sangue no Brasil e no mundo precisavam de exames mais cuidadosos. Naquele ano, ele ainda não dava esperança para a criação de uma vacina a curto prazo, e o esforço se concentrava no que mais tarde seria o primeiro remédio para o tratamento da Aids, o AZT.

Todas as boates onde havia sexo explícito foram fechadas. A opinião pública sobre a doença começou a mudar quando se percebeu que o vírus podia ser transmitido e contraído por qualquer pessoa, fossem elas homossexuais ou não.

PAULO FRANCIS  
NOVA YORK, 1975 – 1997

Uma das minhas experiências mais gratificantes no jornalismo não foi uma cobertura, uma reportagem, nem uma entrevista. Foi uma conexão. Uma amizade. Paulo Francis.

Fui apresentado ao jornalista Paulo Francis pelo Luiz Fernando Mercadante, correspondente da Editora Abril em Nova York, em meados da década de 1970. Francis estava solteiro, solitário e com a grana curta. Graças a um amigo no Brasil, conseguiu um ótimo apartamento subsidiado no bairro do Village, com uma linda vista do Empire State Building, que era reservado para professores da Universidade de Nova York. Muitas vezes, esticávamos lá a noite de porre que não queria terminar. Às duas da madrugada, sempre havia mais um uísque, uma ária de Wagner e uma história sobre o caso Watergate. Eu e Mercadante trabalhávamos cedo. Ele, na Editora Abril; eu, na Bloch. O escândalo político que derrubou o presidente Richard Nixon estava na fase mais crítica, com revelações extraordinárias quase todos os dias. Deixavam o Francis e nós excitadíssimos, cheios de energia.

Naquela época, Francis era um jornalista de esquerda, influente, mas silenciado. Trabalhava no censurado jornal *O Pasquim* e na revista *Visão*, que não pedia nem pagava muito. Apesar do jeito zangado, era mal-humorado só pela manhã. Gostava de falar sobre política, imprensa, livros e os podres dos ricos, poderosos e famosos.

Quem controlava os apartamentos da universidade era Suzan, namorada do Otavio Bonfim, correspondente do *Jornal do Brasil*, também amigo do Francis. Otavio era companheiro frequente das nossas reuniões que, naquela época, também incluíam o Henfil. Numa daquelas noites, Suzan descobriu que o Francis morava em um dos apartamentos bacanas controlados por ela e o despejou. A perda foi grande e dolorosa, ele nunca a perdoou.

## FRANCIS NA TV

Mercadante voltou para o Brasil e acabou, anos depois, na Globo, onde eu entrei em 1975. Quando o Francis casou com a jornalista Sonia Nolasco, reduziu a boemia e aumentou a produtividade. Começou a escrever um livro. Em 1979, *Cabeça de negro* foi publicado, mas o Francis achava que o futuro da imprensa estava na televisão, onde queria trabalhar.

Sondei o Armando Nogueira. Ele me disse para fazer uma entrevista com o Francis sobre o livro, sem contar para ninguém, e mandar o filme para ele. Francis falou pelos cotovelos, ficou ótimo. Poucos dias depois, Hélio Costa, chefe do escritório, recebeu um telefonema do Armando com instruções de convidar o Francis para um cargo fixo. Ele emplacou de primeira no *Jornal da Globo*, ia gravar todo dia. Chegava sem saber das notícias do momento, improvisava. Alegrava a redação com o humor e com suas explosões quando a telefonista portuguesa se esquecia de desligar o telefone e passava suas chamadas para a redação. A portuguesa foi embora e entrou uma nordestina mais velha que se apaixonou pelo Francis – só que o sentimento não era recíproco. Ela atendia e repassava as chamadas para o escritório. Em dois momentos, resolvi lhe pregar uma peça e liguei dizendo que era o Doutor Roberto Marinho, que queria falar com o Francis. Ela respondeu: “Ele ainda não chegou, Doutor Roberto, quer deixar recado?”. Perguntei que horas ele chegaria, e ela me disse que por volta das onze. Questionei: “Por que tarde assim? Diga para me ligar. Obrigado”.

O Francis ficava intrigadíssimo e ligava para o escritório do Doutor Roberto dizendo que estava chamando de volta. Como não havia ligação de vinda, o patrão não atendia. No dia seguinte, dei uma bronca e insultei o Francis. A secretária ficou triste e preocupada, deu o recado, não deu o insulto. O Francis ligou, não recebeu a chamada de volta, mas disse à turma que não podia imaginar o que o Doutor Roberto queria com ele. Achei que minha brincadeira tinha chegado ao limite e parei com as chamadas. Nunca contei para ele.

Durante meses, eu gravei nossas conversas na redação. A mesa dele era perto da minha, e ele contava ótimas histórias. Como tinha gravado às escondidas, um dia joguei todas as fitas fora. Uma burrice. Deveria ter mostrado a ele, e teríamos um livro pândego.

## UM AMIGO

Francis era vaidoso. Um grupo pequeno da redação me ajudou em outra conspiração contra ele, uma molecagem, que na minha região de Minas se chama capaço. Uma pessoa, ou mais de uma, inventam situações bizarras, mentiras, perguntas cretinas, conversas sem sentido.

O Francis era bonito nos tempos de ator, e mesmo naquela época não era um cara feio. Um dia, comentei que, quando tirava os óculos para gravar, ficava parecido com Paul Newman. Pedi ao editor Fernando Baccarin e ao cinegrafista Orlando Moreira para fazerem o mesmo comentário com ele em dias separados, para não levantar suspeitas. Alguém chegou a chamá-lo de Paul Francis. Não tenho certeza se foi nessa época que ele começou a tingir o cabelo, que embranquecia. Era uma tintura aplicada em casa pela Sonia. Um dia, ela viajou, e o Francis chegou com o cabelo esverdeado. O Baccarin, ingenuamente, comentou com ele, e a reação foi brava e em altos brados. Ele ficou estressado. Reagiu dizendo que verde era uma parte de seu corpo.

O Francis se tornou correspondente dos jornais *Folha de S. Paulo*, depois *Estado de São Paulo* e *O Globo*, além da televisão. Mais tarde, integrou a bancada do *Manhattan Connection*. Devia ser um dos jornalistas mais bem pagos, talvez o mais bem pago do Brasil. Entrava na redação por volta das onze da manhã, ainda sem ter a menor ideia a respeito do tema de seu comentário. Era saudado com um “O Nhô Nhô chegou”. Nhô Nhô era como o chamávamos – com carinho e deboche. Ele me apelidou de Luca Brasi, um assassino do filme *O poderoso chefão*. Sua presença fazia diferença na redação. Tinha histórias para contar, era engraçado, generoso, emprestava dinheiro para quem pedisse.

Em algum momento, na década de 1990, ele perdeu o medo de ficar pobre e passou a gastar com viagens à Europa. Visitava o amigo Ivan Lessa, em Londres; comprava um monte de *cashmere*, hábito que irritava o Lessa; e curtia Paris, onde a Sonia tinha vivido. O uísque duplo tinha sido substituído pelo vinho, e ele parou de fumar. Era um touro forte, e isso pode ter contribuído para a sua morte. Nunca adoecia, jamais deixava de trabalhar, mas era a pessoa mais sedentária que conheci. Na terça, ia ao museu Metropolitan e depois almoçava com o Elio Gaspari no Bravo Gianni. Para quem saía pouco de casa e tinha poucos amigos, o encontro com Elio era importante e sempre comentado no dia seguinte. No Metropolitan, o Elio lhe mostrava

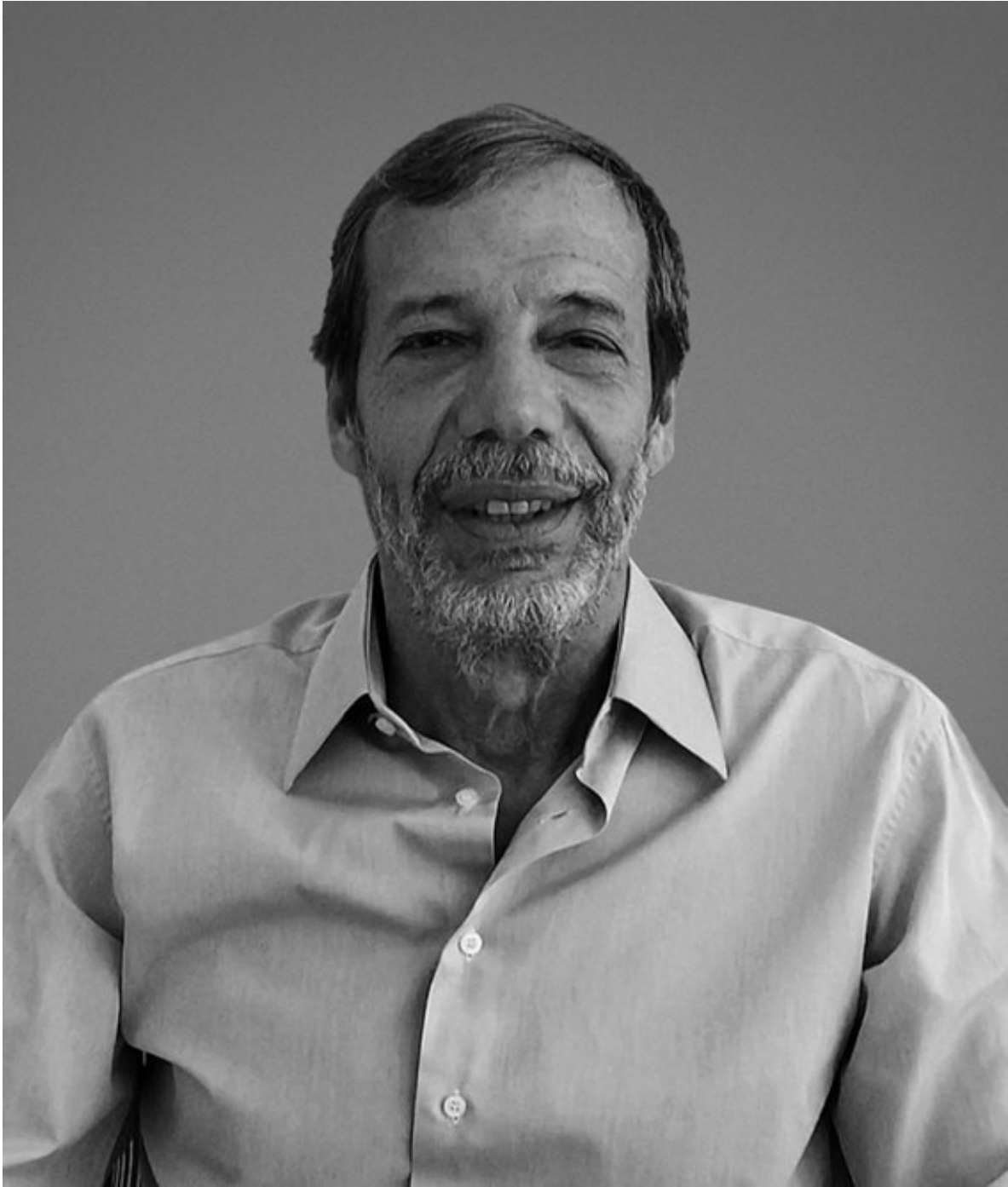
quadros e esculturas de personagens que lembravam políticos e militares brasileiros. Foi no Bravo Gianni que convidei Francis e Elio para participarem de um programa ainda sem nome, que seria o *Manhattan Connection*. Francis topou na hora, Elio recusou com a educada explicação que estava voltando para o Brasil. Era avesso até a fotografias. Jamais foi visto na televisão.

Como o nosso escritório da Globo ficava em frente ao P.J. Clarke's, Francis se apegou ao *cheeseburger* no almoço. Eram pequenos, ele matava dois. À noite, gostava de comida chinesa – essa foi a última refeição dele no restaurante em frente ao apartamento onde vivia.

Quando Francis deu o furo no *Manhattan Connection*, dizendo que havia corrupção na direção da Petrobras, foi processado em 110 milhões de dólares. Passou noites em claro e dias ansiosos. Quando teve de pagar 7 mil dólares à advogada que defendia a causa, eu disse que era uma mixaria e que ele ia se sair bem do processo. Francis esbravejou comigo: “Pare de falar besteira! Você não conhece minha situação financeira”. Na Globo e no *Manhattan Connection*, convivemos e trabalhamos juntos durante dezessete anos. Invejo a morte dele, que aconteceu em um segundo por conta de uma falha cardíaca. Passados vinte anos, não esqueço a imagem dele deitado no chão da sala, com Sonia chorando no sofá.



Lucas Mendes e Sherman Costa entrevistam Henry Kissinger, ex-secretário de Estado no Governo Nixon, Nova York, 2012.





ROBERTO FEITH

CARIOCA, FILHO DE PAI AMERICANO E MÃE brasileira, Roberto Feith estudou na Escola Americana e fez o curso universitário de História Econômica da América Latina na Cornell University, em Nova York. Ao se formar, encaminhou um pedido de admissão para o mestrado em Jornalismo. Enquanto aguardava a resposta, Arthur Wallach, que trabalhava no escritório da Globo nos Estados Unidos, avisou-lhe que a emissora precisava de um substituto. Fluente em inglês – condição fundamental para a contratação –, Roberto Feith decidiu protelar a vida acadêmica e ingressou na emissora em 1976 como assistente de produção.

Nessa época, Bob Feith, como é chamado pelos colegas, ajudou na cobertura da campanha que levaria Jimmy Carter à presidência dos Estados Unidos. Depois de alguns meses, já como repórter, fez matérias sobre as eleições presidenciais na Espanha, vencidas por Adolfo Suárez – que se tornaria, em 1977, o primeiro presidente democraticamente eleito após a ditadura do general Francisco Franco, o “Generalíssimo”.

Roberto Feith acompanhou a implantação de um projeto da então Central Globo de Jornalismo (CGJ), que tinha como meta aumentar a quantidade de matérias sobre atualidades produzidas no exterior. Uma das razões era a censura imposta pelo regime militar no Brasil, que acabou favorecendo a cobertura de assuntos internacionais. Em 1977, o jornalista abraçou o desafio de montar um escritório da Globo em Paris. No ano seguinte, participou da cobertura da morte do papa Paulo VI e do sequestro do político italiano Aldo Moro, raptado pelo grupo terrorista Brigadas Vermelhas e assassinado após 55 dias de cativeiro. Em 1979, a emissora centralizou a cobertura europeia em Londres. Nesse período, Roberto Feith cobriu a Revolução Islâmica de 1979 e a invasão do Afeganistão pela União Soviética.

Em 1980, Feith assumiu a chefia do escritório em Londres. Nessa função, viabilizou as viagens do repórter com um produtor – além do repórter cinematográfico, que tradicionalmente o acompanhava. No mesmo ano, ficou responsável pela cobertura do lado político dos Jogos Olímpicos de Moscou – afetados pelo boicote de diversos países, entre eles os Estados Unidos, devido à invasão do Afeganistão pela União Soviética.

Nos anos seguintes, Roberto Feith participou de coberturas importantes, como a tentativa de golpe na Espanha; terremotos na Itália; viagens do papa

João Paulo II à Polônia; e a convenção do movimento sindical polaco Solidariedade, o primeiro indício da crise do Leste Europeu. Também cobriu duas guerras: entre Irã e Iraque, que durou de 1980 até 1988, e a das Malvinas, em 1982. Em suas coberturas, sempre investia no lado humano dos fatos, mantendo o olhar brasileiro.

Em 1983, Roberto Feith voltou ao Brasil e tornou-se editor-chefe do *Globo Repórter*. Dois anos depois, deixou a Globo para trabalhar como repórter da produtora independente Intervídeo, criada pelos jornalistas Fernando Barbosa Lima e Roberto D'Ávila com o cineasta Walter Salles. Em 1997, ingressou no mercado editorial à frente da editora Objetiva, onde permaneceu como diretor-geral até 2015. Atualmente, Feith colabora com projetos na área da comunicação.



## O COMEÇO NO ESCRITÓRIO DA GLOBO EM NOVA YORK, 1976

Depois que me formei, trabalhei um pouco numa empresa ligada à minha família, no Brasil, mas queria ser jornalista. Encaminhei pedidos de admissão às faculdades de Jornalismo dos Estados Unidos. Lá, ao contrário do Brasil, o curso de Jornalismo só existe em nível de mestrado. Estava esperando a resposta, quando um amigo meu, o Arthur Wallach, filho do Joe Wallach, que trabalhou na implantação da Globo, me falou que eles estavam procurando um substituto para ele, que era assistente de produção no escritório de Nova York.

Eles queriam alguém fluente em inglês e português, era a condição fundamental. O Hélio Costa, chefe do Jornalismo em Nova York na época, estava de férias no Rio e conversou comigo. Disse que se, em vez de estudar jornalismo, eu estivesse disposto a aprender na prática, o emprego era meu. Decidi protelar os planos de fazer mestrado e entrei para a Globo.

Em 1976, o escritório era bastante embrionário, quando comparado com a estrutura que veio a ser implantada a partir de meados dos anos 1980. Havia uma unidade da Central Globo de Jornalismo e, no mesmo espaço, funcionavam as áreas de representação comercial, compra e venda de programação e aquisição de equipamentos. O chefe da operação como um todo era o Felipe Rodrigues. No jornalismo, estavam Orlando Moreira, o veterano cinegrafista, e duas jovens americanas no apoio de produção. Quando cheguei, o Lucas Mendes estava começando. O Hélio fazia reportagens para o *Fantástico* e havia uma nova demanda por matérias de atualidade para os telejornais. O Lucas assumiu essa parte. Também estava sendo formado um novo cinegrafista, aproveitando o assistente do Orlando na época: o José Wilson da Mata. A estrutura era essa, bastante pequena.

## DE ASSISTENTE DE PRODUÇÃO A REPÓRTER

Minha primeira atribuição foi buscar filmes no laboratório. Era tudo gravado em película. Não havia vídeo na época. Eu fazia um pouco de tudo, desde marcar entrevistas até traduzi-las para o português. Na medida em que fui me familiarizando com o universo da reportagem, assumi outras funções.

Estávamos em meio à implantação de um projeto coordenado pelo então diretor de Jornalismo, Armando Nogueira, de produzir um número maior de matérias sobre atualidade para os telejornais diários, aumentando também seu padrão de qualidade. Havia a Sandra Passarinho em Londres fazendo isso, e ele queria que o escritório de Nova York também contribuísse. Daí a contratação do Lucas Mendes.

## A COBERTURA INTERNACIONAL DURANTE A DITADURA

O posto de correspondente no exterior é um dos mais graduados da carreira do repórter. De certa forma, é um prêmio para quem demonstra capacidade e competência ao longo do tempo. Geralmente, o repórter começa no jornalismo local, vai evoluindo até passar para a cobertura nacional e, depois, pode ser enviado para trabalhar em Londres ou Nova York, por exemplo. É uma espécie de coroamento. Mas quando fui para os Estados Unidos, eu ainda estava começando. Eu não sabia, na verdade, fazer o trabalho de um correspondente. Mesmo assim, me foi oferecido um posto em Paris. Por que isso aconteceu? Primeiro, porque o Brasil estava vivendo a ditadura, e a televisão era muito visada pelo regime militar por conta de sua força. O jornalismo nacional da Globo, na época, era tremendamente cerceado no que podia e não podia dizer. Era natural que isso afetasse a credibilidade do telejornalismo da emissora. Por consequência, também limitava a capacidade da Central de Jornalismo de atrair profissionais experientes e tarimbados.

Abrir escritórios no exterior era uma forma de a Globo qualificar a cobertura jornalística como um todo. O problema é que não havia quadros disponíveis para isso, porque o número de repórteres, na época, era limitado. Não havia gente com experiência, não havia pessoas bilíngues.

Quando o Armando me conheceu em Nova York, ele deve ter percebido alguma aptidão, algum potencial. É a única explicação para o que ocorreu. Eu era fluente em inglês e português, tinha experiência fora do Brasil e conhecia política internacional em virtude do que havia estudado. Ele simplesmente me perguntou se eu queria ser repórter. Lembro bem que eu estava saindo do escritório, e o Armando chegando. Ele me encontrou no saguão do elevador e falou: “Vem cá, você está interessado em ser repórter?”. “Estou, claro!”, respondi. “Então, vamos fazer um teste.” Foi o que eu fiz, e o meu resultado foi bem fraquinho, mas o Orlando Moreira, que sabe tudo, tomou para si a função de meu professor. Ele me orientou, com muita paciência e conhecimento. Com o tempo, comecei a fazer matérias de vídeo.

## O CRESCIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DOS ESCRITÓRIOS INTERNACIONAIS NO *JORNAL NACIONAL*

A maneira que o Armando encontrou para atenuar o efeito da censura foi fazer uma cobertura internacional superlativa, já que, na internacional, não haveria restrições. A ideia era fazer matérias de alta qualidade. Isso foi um processo que demorou muitos anos para ser implantado, e eu tive a sorte de participar do começo. A produção era pequena, mas foi crescendo à medida que a demanda pelas matérias produzidas tanto por Nova York quanto pelos escritórios na Europa também foi crescendo.

Os editores gostavam, e o público também. Criou-se uma demanda, que, por sua vez, alimentou a estrutura e a consequente qualificação das matérias. Culminou com uma intensidade de cobertura internacional maior do que se tem hoje, o que é natural. Há relativamente menos destaque para matérias internacionais hoje porque a cobertura local é livre e mais importante, como deve ser.

## A TRANSIÇÃO PARA A DEMOCRACIA ESPANHA, 1977

Em junho de 1977, Roberto Feith e o repórter cinematográfico José Wilson da Mata cobriram a primeira eleição direta na Espanha depois do franquismo. Adolfo Suárez, da União do Centro Democrático, foi eleito, após disputa com Felipe González, do Partido Socialista Operário Espanhol.

A primeira cobertura marcante, para mim, foi na Espanha. Era a primeira eleição direta no país depois do franquismo. A transição pacífica para uma democracia parlamentar foi um processo notável. Naquele momento, ninguém sabia como os acontecimentos iriam se desdobrar. Os espanhóis vivenciavam aquele momento com grande intensidade, com emoção. Havia um nível impressionante de envolvimento e engajamento em todo o processo político.

Era uma cobertura importante para o Brasil, porque vivíamos uma ditadura militar, e, na época, se discutia como o país poderia fazer uma transição pacífica para uma sociedade livre e democrática. A Espanha estava fazendo exatamente isso: saindo de uma ditadura conservadora para um regime democrático, com diversos partidos e eleições livres. Aliás, em várias instâncias da minha trajetória como repórter na Europa houve essa comparação entre a Espanha e o Brasil. Isso criou um interesse e uma relevância especial da cobertura política espanhola para o público brasileiro.

A Sandra Passarinho trabalhava em Londres com o cinegrafista Antônio Cláudio Brasil, também usando a estrutura da Upitn. Eu fui de Nova York com o José Wilson da Mata. Alice-Maria, então diretora de Telejornais, foi do Brasil para coordenar a operação. Para mim, foi uma experiência memorável, minha primeira grande cobertura. Apanhamos um pouco, até por força da nossa inexperiência, mas, de certa forma, ela também nos ajudou e conseguimos algumas matérias exatamente porque não conhecíamos certas limitações no padrão de comportamento da imprensa local.

O Felipe González, do Partido Socialista Operário Espanhol, era um dos candidatos mais cotados; o outro era o Adolfo Suárez, da União do Centro Democrático, e que acabou ganhando a eleição. A gente estava cobrindo a votação e, na hora que eles colocaram seus votos na urna, acho que por causa da tradição autoritária da Espanha, os jornalistas se limitaram a registrar aqueles políticos votando. Ninguém fazia nada, ninguém chegava perto,



ninguém falava nada. Havia um certo temor reverencial. Como tínhamos pouca vivência jornalística, não conhecíamos os códigos, abordamos os políticos e os entrevistamos na boca da urna mesmo. Conseguimos entrevistas exclusivas, tanto com um quanto com outro – exclusivas na medida em que mais ninguém tentou. Eles falaram das expectativas, do momento que o país estava vivendo. E acho que isso qualificou a nossa cobertura, e o material foi até aproveitado naquele dia pela Eurovisão, o consórcio que distribuía imagens jornalísticas para toda a Europa.

Por outro lado, a gente apanhou também. Não tinha um produtor para reservar os horários e facilidades de transmissão, cuidar dos recursos de revelação de filme, de edição e de montagem. Trabalhamos com prazos curtos. A gente sempre chegava em cima da hora da transmissão. Anos depois, a Globo criou uma estrutura na Europa, e eu participei da implantação. A gente acumulou uma grande experiência na produção e na transmissão de reportagem de qualquer parte da Europa. Isso deixou de ser uma dificuldade. Mas, naquele momento, como primeira cobertura de todos nós, foi mais difícil.

Nesse caso, o que mais me marcou foi um comício de encerramento da campanha do Felipe González realizado em um estádio de Madri. Era uma tarde linda, um crepúsculo muito bonito, o lugar estava lotado, e a gente no meio da multidão, ouvindo discursos muito engajados, inclusive um muito passional do próprio Felipe, que foi ovacionado. Ele encarava com clareza o momento histórico que a Espanha vivia e possuía a eloquência necessária para falar sobre esse assunto com força, propriedade e autoridade. Depois aconteceu uma coisa que me arrepiou: o estádio inteiro começou a cantar a Internacional Socialista, antigo hino das esquerdas, em uma só voz, um momento muito bonito.

## ESCRITÓRIO DA GLOBO EM PARIS, 1977

Em Nova York, já tínhamos uma estrutura. A loucura mesmo foi a implantação do escritório na Europa. Eu tinha 25 anos, o Zé Wilson era mais moço ainda, e fomos enviados para criar um escritório em Paris. Chegando lá, contratamos uma secretária, a Marcy Barsi, que, depois, trabalhou muitos anos em Londres como editora.

A Globo tinha um contrato com a Antenne 2, uma televisão francesa, e tínhamos uma salinha num dos prédios da emissora. Filmávamos a matéria, depois o Zé Wilson ou eu levava a latinha de filme para o laboratório, esperava ficar pronto, encaminhava o material para “repicar o som”, ou seja, transcrever a banda magnética incorporada no filme para uma banda magnética separada, e, depois, levava tudo para a moviola – o equipamento de edição. Eu ia de carro do escritório, perto da praça da Concórdia, para o apartamento do Zé, que ficava em um dos prédios modernos nas cercanias da torre Eiffel.

Na sala de jantar dele havia uma moviola. Ele aprendeu a ser cinegrafista, montador, produtor. A gente montava e sincronizava a matéria lá, depois pegava o meu carro e, nessa hora, geralmente, faltavam três minutos para a transmissão. Sempre estavam faltando três minutos para a transmissão. Quando chegávamos à televisão, um saía correndo, o outro ia estacionar, senão deixávamos o carro em qualquer lugar e subíamos aquele labirinto da televisão francesa até o décimo andar, onde entrávamos correndo para entregar o filme. Os técnicos franceses sempre reclamavam da gente: “Vocês estão sempre atrasados! Agora, não pode mais!”.

## DIFICULDADES PARA ENVIAR AS MATÉRIAS PARA O BRASIL

Tínhamos dez minutos por dia para transmitir a matéria antes do *Jornal Nacional*. A gente transmitia para Londres, que gerava para o Brasil. Era um link Paris-Londres para a Upitn, que tinha um serviço diário de envio via satélite para o Brasil. Eles mandavam material da Eurovisão e de várias outras fontes, e a gente acoplava nossa matéria a esse pacote. A Sandra Passarinho também juntava a dela de Londres. Geralmente, o material chegava ao Brasil meia hora antes do jornal.

Era uma luta diária para fazer a matéria, revelar, editar e transmitir. Foi um sufoco durante alguns meses, mas a gente conseguia. Acho que para quem recebia as matérias, não parecia que havia essa correria. Também viajamos muito nesse período. Num determinado momento, passei quatro meses viajando direto, sem passar em casa. Foi no início da nossa estada, minha e do Zé Wilson, em Paris. Partimos para uma viagem que seria de alguns dias. Acabamos ficando quatro meses sem pisar na nossa base. Depois que a gente transmitia as matérias, o Rio sempre pedia outras, só que em outro país. E lá ia a gente para o aeroporto. A nossa estrutura estava sendo implantada; estávamos construindo o avião e voando ao mesmo tempo. Foi difícil, mas deu certo. Com o tempo, recebemos um aumento no orçamento e pudemos contratar uma pessoa de apoio. Aí, as coisas foram se profissionalizando.

No início, tudo era improvisado. Não tinha assistente de câmera, não tinha produtor. Às vezes, quando a Sandra viajava para fazer uma cobertura, ou vinha para o Brasil de férias, eu ia para Londres ficar no lugar dela na coordenação. E, naquela época, o Hermano Henning foi contratado como freelancer, em Colônia, na Alemanha. Então, tinha a Sandra Passarinho em Londres, eu em Paris, e o Hermano fazendo algumas reportagens na Alemanha.

## O PROCESSO DE CRIAÇÃO E ENCERRAMENTO DO ESCRITÓRIO EM PARIS

Como a Sandra Passarinho fazia matérias de Londres, a ideia era diversificar, e a escolha natural seria Paris. A França oferecia muito material político e cultural, e Paris era perto da Itália, da Espanha, de Portugal. Era uma escolha lógica.

Em meados de 1977, começamos a implantar a operação e viajamos muito. Mas antes de terminado um ano de operação, o Jornalismo da Globo chegou à conclusão de que aquilo não era a melhor solução. Eu começava a pegar o jeito do trabalho e de Paris. Havia conseguido alugar um apartamento bem localizado, estava gostando da experiência, mas a direção decidiu centralizar os trabalhos em Londres e fazer as viagens a partir dessa cidade. Foi um pouco frustrante para mim porque estávamos muito focados na implantação do escritório de Paris e, finalmente, conseguimos algum sucesso.

O escritório em Paris durou um ano. Na verdade, eu não queria ir para Londres. Isso foi ruim, porque fiquei com um pé atrás com a capital inglesa durante os primeiros dois anos em que morei lá. É uma cidade maravilhosa, mas eu estava lá a contragosto. No entanto, a coordenação entendeu que, em termos estritamente operacionais, seria mais eficiente centralizar tudo em Londres. E foi o que aconteceu. No início de 1978, Zé Wilson e eu entregamos nossos apartamentos, saímos do escritório de Paris e fomos para Londres.

## ESCRITÓRIO DA GLOBO EM LONDRES, 1979

O escritório de Londres centralizaria a cobertura da Europa e do Oriente Médio, e o chefe era o Carlos Castilho, um jornalista com experiência como editor. A função dele seria determinar as pautas, ou seja, supervisionar a elaboração das matérias, decidir o que seria feito e coordenar o processo.

Alugou-se um espaço a meia quadra da redação da Upitn, onde antes a Sandra trabalhava e que, por sua vez, ficava dentro do prédio da ITN. Depois, esse escritório passou a ter um link direto. Isso foi na época da transição do filme para o vídeo. A gente gerava as matérias do próprio escritório. A equipe era formada pelos cinegrafistas Zé Wilson, Antônio Cláudio Brasil e Sergio Gilz. Os repórteres eram Sandra, Hermano e eu.

Várias outras televisões ficavam no mesmo andar que o nosso. A vizinha de porta era a CNN, desconhecida na época. Eles tinham uma salinha, uma secretária e um repórter vindo de um jornal impresso, que nunca havia trabalhado em televisão. Nesse sentido, a gente tinha mais experiência e, em várias circunstâncias, ajudamos os colegas de escritório. Na cobertura da Guerra Irã-Iraque, o Richard Blystone, que era o novo repórter da CNN, foi jogado no fogo cruzado, como eu havia sido alguns anos antes. E, em diversos momentos, a gente deu uma mão para ele, que era uma ótima figura, com grande senso de humor.

## REVOLUÇÃO ISLÂMICA

### IRÃ, 1979

Em janeiro de 1979, os islâmicos xiitas do Irã, liderados pelo aiatolá Khomeini, derrubaram o governo do xá Reza Pahlavi, no poder desde a década de 1940, e deflagraram a Revolução Islâmica. Logo após a queda do xá, o correspondente Roberto Feith e o repórter cinematográfico Mario Ferreira foram enviados ao Irã, onde passaram cerca de um mês acompanhando o desenrolar dos acontecimentos.

Fiquei um mês no Irã e foi uma experiência muito forte, tanto profissional quanto pessoal. Eu cheguei antes do Khomeini. A Revolução Iraniana foi um processo relativamente longo. A gente cobriu os eventos a partir de Teerã e também de Londres e de Paris.

O Khomeini estava exilado em Paris, e a Denise Reis, uma repórter freelancer, cobriu o tempo em que ele ficou lá. Ela era ótima, com muita presença no vídeo. A cobertura da revolução do Irã foi dividida da seguinte maneira: fazíamos matérias a partir de Londres, com material de agências, e a Denise acompanhava o Khomeini. Eu, às vezes, fazia comentários, e o Castilho também. Acompanhado do Mario Ferreira, eu cheguei ao Irã logo depois da fuga do xá e antes da chegada do Khomeini.

Era um momento de transição: o fim da autocracia hereditária dos Reza Pahlavi e o começo do regime revolucionário, um momento de caos e mudança radical no país. Teerã era o epicentro. Toda noite havia tiroteios. Muitas vezes, as trocas de tiros aconteciam na rua do nosso hotel. Eu tinha a impressão que o mundo iria acabar e, em determinados momentos, me protegia embaixo da cama. De manhã, descia para o saguão esperando ver o caos, mas a vida continuava a mais normal do mundo. O que estava acontecendo era o seguinte: quando o governo do xá acabou, uma multidão de jovens, a maior parte vinda dos bairros mais pobres da cidade, invadiu as bases do Exército e da polícia e roubou as armas. Então, havia milhares de jovens de 17 a 25 anos armados até os dentes, perambulando pela cidade. E todos esses jovens se consideravam revolucionários; todos estavam ali para defender a revolução contra os demônios ocidentais.

Hoje, a Guarda Revolucionária é um segundo exército altamente estruturado, com orçamento, poder político e tudo mais. Mas, na época, era

uma entidade difusa e espontânea, sem organização e hierarquia. A retórica revolucionária era não apenas contra o regime do xá, mas também contra o Ocidente, ou seja, contra a influência ocidental na vida iraniana. Até hoje é assim, mas, na época do xá, havia uma presença estrangeira muito forte no Irã, e o estrangeiro era visto como aliado do regime ditatorial.

Cada grupo de jovens armados se organizava para defender o seu bairro, a sua rua, contra a suposta ameaça dos contrarrevolucionários, fosse de elementos remanescentes da Savak, a política secreta do xá, ou outras figuras. Eles controlavam todo movimento, e era aquela história: “Quem vem lá?” ““Quem vem lá?”, eu pergunto a você!” “Eu perguntei primeiro!”. Aí, era tiro para tudo quanto é lado. Muitas vezes, brigavam entre eles. Era um processo meio anárquico mesmo. Na maioria das noites, você achava que estava havendo uma guerra civil, mas, na verdade, eram tiros trocados entre os próprios revolucionários. Eram pessoas sem treinamento, sem disciplina, que estavam armadas e comandando a cidade. Era perigosíssimo.

## TOQUE DE RECOLHER

Acho que o único momento realmente perigoso dessa cobertura aconteceu de surpresa, como um imprevisto. Não foi durante uma batalha noturna entre grupos armados. Eu tinha sido encarregado de fazer uma reportagem sobre a economia islâmica. Na época, havia muita curiosidade sobre o que significaria aquela revolução. E uma das coisas que ela propunha era uma economia islâmica. Só que ninguém sabia exatamente o que seria isso. Acreditava-se que se tratava de uma economia na qual não haveria juros e o papel do capital seria diferente daquele que temos no Ocidente, mas não seria uma economia estatizada, não seria o socialismo. Então, me pediram para fazer uma matéria investigando esse processo enquanto eu estava em Teerã.

Naquela época, um dos formuladores intelectuais da revolução islâmica era Abolhassan Bani-Sadr, um professor iraniano que havia trabalhado na Sorbonne, em Paris, ensinando política e economia. E ele falava sobre o que era o conceito da economia islâmica. Alguns anos depois, ele veio a ser presidente do Irã e, mais tarde, foi deposto. Nessa fase, era uma pessoa influente, apesar de ser laico e não ser membro do clero. Era o início da revolução, sua etapa liberal, quando o clero orientava, mas ainda não governava diretamente. Nesse período, o primeiro-ministro do governo era o Mehdi Bazargan, membro da oposição ao xá que não era um religioso, mas um político da esquerda laica, mais liberal.

Como o Abolhassan Bani-Sadr era um teórico dessa primeira fase da revolução, fomos entrevistá-lo em casa. E foi muito bom. Ele é um homem inteligente, articulado. Mas, por causa do temor dos contrarrevolucionários, havia um toque de recolher. Existia o temor de que a Savak ou elementos estrangeiros pudessem tentar um movimento contra a revolução. Ninguém podia andar na rua depois do anoitecer. A situação ainda estava instável, fluida.

Na entrevista, estávamos com pressa; tínhamos de encerrá-la antes do toque de recolher. Mas sabe como são essas coisas, não é? Sempre alguém diz: “Espera um pouquinho, não ficou bom, vamos fazer de novo”. Quando entramos no táxi para voltar ao hotel, já estava anoitecendo. A gente foi às pressas, correndo pelas ruas desertas. Em determinado momento, o táxi virou uma esquina e deu de cara com uma barreira de um desses grupos de jovens armados. Aí, foi uma gritaria. Não sei o que eles berravam, mas o táxi freou, o



motorista abriu a porta e se jogou no chão, e, num instante, a gente estava com os canos dos rifles automáticos entrando pelas janelas, encostados na cabeça de todo mundo. O pior é que aqueles jovens exaltados continuaram a gritaria, em pársi – a língua persa moderna –, e a gente não fazia a menor ideia do que eles estavam dizendo. Pensei: “Meu Deus, se alguém fizer um movimento em falso, morre todo mundo metralhado”. Eram garotos inexperientes, não eram soldados treinados. E, no Irã, eu tenho pinta de estrangeiro. Foi um momento complicado.

Não me lembro do que eu falei, ou se cheguei a falar alguma coisa, mas lentamente tirei o meu passaporte brasileiro do bolso e consegui mostrá-lo. Foi como um passe de mágica. Depois que você mostrava que era brasileiro, e não americano ou europeu, tudo mudava. O Brasil não era só um país em desenvolvimento, mas o país do melhor futebol do planeta. Em consequência, o brasileiro era bem-visto. Evidentemente, eles queriam saber quem a gente era: “Credencial de imprensa... Por que vocês estão aqui a essa hora?”. Foi o momento em que a gente correu perigo de vida, ainda que por alguns segundos, devido ao estado de anarquia que ainda imperava em Teerã.

## GUERRA PARA A IMPRENSA

Na época, boa parte da luta política se desenrolava em função da cobertura da imprensa. Havia um grande contingente de jornalistas estrangeiros hospedados no Irã e uma verdadeira guerra pela opinião pública iraniana e internacional. Se algumas mulheres protestavam contra o uso do xador – traje feminino utilizado em alguns países muçulmanos, especialmente no Irã, que cobre todo o corpo, à exceção do rosto –, e a gente filmava, o governo revolucionário organizava uma manifestação a favor da vestimenta e convocava a imprensa internacional para registrá-la. A nossa presença era um tanto compulsória. Entrávamos nos ônibus, íamos para um determinado lugar, e lá estava a manifestação organizada a favor do xador com milhares de mulheres vestidas de preto. A maioria dos protestos só acontecia quando chegávamos porque eram feitos para nós. Até a nossa aproximação, os movimentos eram difusos, sem vigor. Bastava alguém colocar a câmera no ombro, e surgiam pessoas cantando slogans diretamente para a lente. Quando os equipamentos eram desligados, os manifestantes se dispersavam. Era uma luta pela opinião pública local e internacional, e nós éramos um instrumento dela. Essa situação se manteve durante muitos anos. As forças conservadoras ganharam, mas a disputa pela supremacia no Irã continuou.

Durante essa estada em Teerã, a gente tinha uma tradutora, que era uma universitária. Nós conversávamos muito, e essa moça acreditava na revolução, mas tinha uma postura mais à esquerda, em termos ocidentais. Defendia, por exemplo, a igualdade absoluta entre os sexos. Achava que a revolução seria muito boa para o Irã, porque traria liberdade. Mas eu via, em algumas manifestações, expressões de uma visão muito conservadora, ortodoxa e intolerante tomando o país. E eu falava para a tradutora: “Acho que você pode estar enganada. O que está acontecendo aqui não é bem o que você está dizendo”. E ela: “Você não entende, os estrangeiros não entendem o quanto essa revolução é libertadora”. A gente discutia isso exaustivamente. Essa moça foi presa e morreu na prisão anos depois. Ela foi uma de muitos jovens que foram presos e, em centenas de casos, mortos quando a revolução endureceu e ficou mais reacionária.

## CHEGADA DE KHOMEINI

A chegada do aiatolá Khomeini ao Irã foi uma experiência única. Logo depois que pousou em Teerã, ele seguiu para a cidade sagrada de Qom – um centro de estudos religiosos xiita, distante da capital, fechado para estrangeiros e um pouco perdido no tempo. Quando a gente chegou lá, as pessoas se aglomeravam à nossa volta apenas para ficar nos olhando porque não viam um estrangeiro tinha não sei quanto tempo. E olha que o Irã era um país relativamente cosmopolita. Havia uma presença significativa de estrangeiros em Teerã, mas não em Qom.

Encontramos um local protegido para acompanhar a chegada do aiatolá, porque imaginávamos que seria um acontecimento caótico, como de fato foi. Essas imagens foram marcantes para mim. Ficamos no terraço de um edifício baixo, em frente à praça principal, que virou um oceano de pessoas. Khomeini chegou e demorou horas para atravessar a praça. Era uma enorme massa de pessoas que lutava para ver por um instante o aiatolá, dezenas de milhares de pessoas. Era uma massa compacta e não havia organização alguma. As pessoas eram imprensadas contra as paredes dos prédios em torno da praça. Até hoje, acredito que muitas morreram esmagadas ou pisoteadas naquela tarde, mas o governo iraniano nunca revelou o número de feridos ou mortos. Foi um evento de um fervor incrível e, apesar das condições anárquicas, o povo não arredava pé. A paixão que aquele homem suscitava era uma coisa impressionante. Era como se ele incorporasse uma divindade na Terra.

## UMA VISÃO PESSOAL E BRASILEIRA SOBRE OS FATOS INTERNACIONAIS

Ao longo das coberturas de grandes eventos como a Revolução Iraniana, aprendemos que não deveríamos nos concentrar estritamente na reportagem de atualidade, focada nos fatos sempre mutantes do noticiário diário. Em função da nossa logística, não fazia sentido tentar competir com as grandes agências de notícias. As nossas matérias chegavam ao Rio de Janeiro dias depois de filmadas. Não cabia um enfoque de atualidade. O editor de Internacional no Rio sempre estaria mais informado sobre os acontecimentos recentes com as agências. O que a gente podia trazer melhor do que ninguém, ao mesmo tempo contrastando e complementando as agências, era uma visão pessoal e brasileira dos fatos. Um relato testemunhal daquilo que estávamos vendo e vivendo, que tinha uma força empática maior do que a informação impessoal.

O que a gente fazia? Cobríamos o lado humano. Deixávamos o editor de Internacional no Brasil fazer a cobertura de atualidade com informações e imagens das agências, ou seja, uma matéria impessoal e informativa, e mandávamos reportagens atemporais, com a preocupação de trazer uma visão original, o testemunho pessoal do repórter e o olhar brasileiro sobre o que estava acontecendo. Acredito que essa abordagem impactava o telespectador, porque ele se sentia presente. A gente aprendeu que esse era o caminho, e essa se tornou a linguagem e a forma de atuação durante muitos anos nas grandes coberturas.

## GERANDO O MATERIAL

No caso do Irã, havia uma pessoa da Upitn em Teerã que se encarregava de enviar o filme por via aérea. Entregávamos a lata, e ela mandava o material para Londres, onde era feita a revelação e a montagem junto com o *off* – o texto narrado pelo repórter – gravado na banda magnética, conforme as nossas instruções manuscritas.

Chegamos a gerar uma vez de Teerã, mas era uma tarefa difícil. Como mandar material em coberturas como a invasão soviética do Afeganistão ou a Guerra Irã-Iraque? A gente não podia fazer atualidade, porque às vezes o material demorava uma semana para chegar a Londres. No Iraque, trabalhamos por várias semanas em Baçorá, que ficava no sul. A gente formava um *pool* – um acordo temporário entre duas ou mais empresas – de televisões de diversos países para alugar um táxi que levasse o material de todo mundo para Bagdá. Lá, o taxista entregava para alguém, que alugava outro táxi e fazia uma remessa para Amã, na Jordânia. E, assim, a coisa ia caminhando.

Todo mundo se ajudava. Se havia um produtor da NBC, ele recebia material da BBC, da ITN, da ABC, da Globo, da italiana RAI, da espanhola TVE, e distribuía de acordo com o que sabia. Se tinha dúvida, ligava: “Olha, recebi o seu material, o que eu faço?”. Esse coleguismo era fundamental. No Afeganistão, eu ia para o aeroporto e procurava alguém que se dispusesse a ajudar. Sempre achava que ninguém ia querer levar um pacote que não podia ser aberto, entregue por um desconhecido, mas acabava encontrando algum colega disposto a realizar a tarefa. A gente dizia: “Olha, aqui tem um filme não revelado para você levar para Nova Déli, mas não pode abrir porque caso contrário vai velar o filme. Terá uma pessoa com um cartaz da Upitn no aeroporto para pegar o material”. Se fosse eu, não sei se levaria. Imagina, uma lata que você não pode abrir. Podia ser heroína. Hoje seria impensável. Mas a gente sempre conseguiu.

## VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II POLÔNIA, 1979

Após assumir o pontificado, em outubro de 1978, João Paulo II iniciou suas visitas oficiais. Em sua viagem à Polônia – realizada entre 2 e 10 de junho de 1979 – milhares de poloneses saudaram o pontífice na chegada ao aeroporto e no trajeto até o centro de Varsóvia, onde o papa reuniu mais de 200 mil pessoas em uma missa campal na praça da Vitória.

A primeira viagem do papa João Paulo II à Polônia, em junho de 1979, foi memorável, acho que tanto para ele quanto para os poloneses. Certamente, para mim foi inesquecível. Foi um momento de inflexão no longo processo de democratização do Leste Europeu. A eleição do papa polonês e essa viagem em especial foram os primeiros passos da mudança que resultou na *Perestroika* – a política de reforma governamental e econômica iniciada por Mikhail Gorbachev na União Soviética, em 1985 –, na Queda do Muro de Berlim e no fim do bloco soviético. Dali para a frente, não havia mais volta.

Essa cobertura também tinha uma relevância especial em função do regime militar que ainda governava o Brasil. Era o relato de um regime autoritário, repressor, que era gradativamente minado por uma resistência popular pacífica e incansável, o que tinha grande ressonância no Brasil. O fim do regime comunista polonês era uma questão de tempo, e foi isso o que vi durante a primeira visita do papa. Cedo ou tarde, aquele regime cairia, pois não tinha sustentação popular. E a Igreja era uma grande força nesse processo de abertura. Não era uma força radical; era uma resistência madura, digamos assim. No Brasil, a Igreja Católica também teve um papel importante na resistência contra a ditadura pelos mesmos motivos: sua credibilidade e seus valores humanistas. Então, havia um espelho muito estranho entre uma ditadura supostamente de esquerda na Polônia e uma supostamente de direita no Brasil, e a Igreja como catalisadora da resistência.

O Leste Europeu era todo governado por regimes autoritários. Não havia liberdade de imprensa, apenas um único partido e sociedades fechadas. Houve ali uma quebra de precedentes, uma situação inteiramente nova. E isso aconteceu naquele local por dois motivos: primeiro, porque a Polônia é um país com uma profunda tradição de catolicismo enraizada e misturada com sua história. É impossível pensar na história da Polônia sem considerar a da igreja

polonesa. E, claro, porque o papa era polonês. Então, isso ajuda a entender por que João Paulo II fez essa visita logo depois de eleito. Já havia um princípio de consciência de que o bloco socialista estava em crise econômica e social.

Quando chegamos a Varsóvia, fomos caminhar um pouco e acabamos assistindo a uma missa numa igreja no centro da cidade. O lugar transbordava de tanta gente, não havia espaço para mais ninguém, tinha pessoas até na praça em frente. E emanava daquela multidão um sentimento de comoção geral. Havia uma mobilização que ia muito além do puramente espiritual. Era também uma manifestação da identidade cultural dos poloneses, um povo com uma história de invasões. Eles estavam celebrando a sua identidade, o orgulho de ser polonês. Isso transbordava naquele momento.

Essa cobertura teve uma dimensão política, mas também um significado humano, foi muito emocionante. Depois, essa intensidade se diluiu com o tempo. As expectativas utópicas dificilmente se realizam, mas, naquele momento, a utopia de um futuro diferente, suscitada pela visita do papa, arrebatou o povo polonês de uma forma inacreditável. Eu vivi isso, e foi inesquecível. As missas campais eram extraordinárias. Minha intérprete mal conseguia trabalhar de tanta emoção. O papa normalmente soltava “cacos” – palavras ou frases improvisadas – durante as missas. E os “cacos” eram fundamentais, porque, através deles, o papa transmitia uma mensagem que não estritamente religiosa e podia fazer comentários que davam possibilidade a uma interpretação política, de alcance mais amplo. Era fundamental entender os “cacos”. Então, eu pedia à tradutora que me explicasse, mas isso não era possível, porque, na hora que o papa começava a falar, ela se ajoelhava e começava a chorar. E eu a sacudia: “Você tem que me falar o que ele disse!”. Mas não havia jeito.

As viagens do papa também eram extenuantes porque ele não parava. O pontífice tinha um helicóptero, uma estrutura de apoio fantástica, e a gente andava em um carro alugado. Na segunda viagem do papa à Polônia que eu cobri, éramos cinco ou seis pessoas. Foi a primeira vez que viajamos com mais estrutura. Comparado com o que tínhamos em Paris anos antes, foi a glória.



Paulo Pimentel e Roberto Feith na cobertura da visita do papa João Paulo II à Polônia, 1983.



## SINDICATO SOLIDARIEDADE

Mais tarde, voltei à Polônia para cobrir uma convenção do sindicato Solidariedade, na qual Lech Walesa já era considerado ultrapassado, conservador demais. Ele foi reeleito presidente do movimento a duras penas. Era como se dissessem: “Não tem jeito, tem de ser o Walesa mesmo, porque é o símbolo global, mas, na verdade, ele é um populista...”. Enfim, o debate político dentro da convenção era de crítica à sua figura.

Havia um desgaste porque o crescimento do Solidariedade gerou expectativas de transformação, mas o regime não largava o osso – não reprimia violentamente, mas também não transferia o poder. Criou-se um impasse que desgastou a liderança que criou o Solidariedade. E veio uma regência mais jovem, mais militante, que desejava um confronto mais direto.

A situação interna da União Soviética também influenciava o processo. Instaurou-se o estado de sítio, a tentativa de golpe militar e o fim do regime na Polônia. Eu cobri tudo isso, mas o que me impressionou naquela época era que todos os jovens poloneses que conheci queriam ir embora do país. Acho que o Brasil viveu situações parecidas, mas, lá, isso era muito explícito. Fiquei espantado com a falta de esperança entre os jovens. Não havia comida, não havia perspectiva de trabalho. Foi um tempo muito difícil para a Polônia.



Roberto Feith e Paulo Pimentel, Polônia, 1983.

## INVASÃO SOVIÉTICA AFEGANISTÃO, 1979

Em 1979, a União Soviética invadiu o Afeganistão. Cinco mil soldados chegaram a Cabul, o primeiro-ministro Hafizullah Amin foi executado, e Babrak Karmal tornou-se o governante. Três semanas depois do golpe, a ocupação soviética era imensa. Os Estados Unidos reagiram. Suspenderam as exportações e boicotaram os Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, num protesto que ganhou a adesão de mais de sessenta países.

Passei um mês no Afeganistão com o cinegrafista José Wilson da Mata. Foi outra cobertura que me marcou. Não conhecia o Afeganistão e fiquei fascinado pelo país.

Havia um governo comunista afegão, liderado por Hafizullah Amin, que estava sendo deposto por uma insurreição islâmica com facções e guerrilheiros de várias filiações, apoiados pela CIA e pelos sauditas. O regime estava ruindo, e os russos concluíram que não podiam permitir que aquilo acontecesse na sua fronteira.

O Exército soviético ocupou Cabul, no Afeganistão, e a notícia rodou o planeta. Fizemos como em outras situações semelhantes: não esperamos o visto para embarcar. Se você vai para a Embaixada do Afeganistão em Londres pedir o visto, vai passar um mês conversando com um burocrata que não tem autonomia, está com medo de fazer besteira, vai te cozinhar, e você não vai conseguir nada. Pegamos um avião para Nova Déli, que era o ponto de conexão mais próximo. Buscamos apoio na Embaixada brasileira, sem sucesso. Acabamos conseguindo uma permissão de viagem provisória na Embaixada do Afeganistão na Índia e embarcamos no primeiro voo para Cabul antes que alguém mudasse de ideia.

Era o momento de transição entre os regimes. Havia muita incerteza, mas, mesmo assim, entramos no país. Ficamos um mês, porque, se saíssemos, não conseguiríamos voltar.

Foi uma cobertura em que não era possível a comunicação direta com Londres ou com o Rio. Tudo era realizado por vias indiretas. Não havia internet nem comunicação por satélite. Ficamos um mês sem ouvir nenhum tipo de retorno, sem saber nada do que estava acontecendo com as nossas matérias. Mais do que nunca, a gente tinha de fazer reportagens atemporais. E estávamos

circunscritos fisicamente. Não podíamos transitar livremente pela cidade nem pelo interior. Então, partimos para o improvisado. A gente deixava o hotel escondido, alugava um táxi, pegava uma estrada que saía de Cabul e ia filmando o que via. Cada viagem dessa dava uma matéria. É um país extraordinariamente lindo.

Uma das reportagens foi feita no trajeto de Cabul para Peshawar, uma cidade na fronteira com o Paquistão, um local politicamente sensível, muito vigiado. Fizemos uma matéria numa aldeia no Paquistão cuja principal atividade era a fabricação e a venda de armas. Grande parte desses armamentos era comprada pela resistência, pelas milícias que agiam contra a União Soviética e o regime afegão que eles instalaram. Também fomos em direção ao norte e registramos a presença soviética, com bases militares e acampamentos gigantescos ao longo da estrada. Numa dessas instalações, provavelmente por advertência, nos tornamos alvo de tiros, que passaram sobre as nossas cabeças quando paramos o carro e começamos a filmar. Tivemos de fugir, mas conseguimos mostrar um pouco do que estava acontecendo. Era tudo muito novo para mim, era um país incrível. Foi uma cobertura muito estimulante, embora um pouco solitária, porque não tínhamos contato com Londres nem com o Brasil.



Reportagem de Bob Feith sobre a invasão soviética no Afeganistão, 1980.

## CHEFE DO ESCRITÓRIO DA GLOBO LONDRES, 1980

Assumi a chefia do escritório logo depois da viagem ao Afeganistão. Eu conhecia as condições nas quais a gente operava e fiz o possível para melhorá-las. Passamos a viajar em trio. Além do repórter e do cinegrafista, um produtor acompanhava a equipe para cuidar da logística e da transmissão. Antes, o repórter fazia tudo. Às vezes, o horário de transmissão mudava, ou você mesmo tinha de mudar o horário, e era preciso resolver isso enquanto apurava e filmava. Às vezes, ainda, você estava trabalhando em uma cidade, e a transmissão era em outra. As equipes de outros países tinham muitas pessoas; a nossa, duas. Quando assumi, também houve uma mudança no time de repórteres: a Sandra Passarinho voltou ao Brasil, o Ricardo Pereira e o Luís Fernando Silva Pinto foram para Londres. Passamos a ser quatro: Luís Fernando, Ricardo Pereira, Hermano Henning e eu.

## MATÉRIAS ATEMPORAIS E MAIS HUMANAS

Outro ponto pelo qual trabalhei foi o conceito de, em alguns eventos, não focar a cobertura na atualidade. Algum tempo depois de eu assumir a chefia do escritório, houve uma tentativa de golpe na Espanha. Um capitão do Exército invadiu o Parlamento. A Espanha era uma democracia, mas o Brasil ainda vivia um regime militar. Como a TV espanhola tinha câmeras no Congresso, a invasão foi filmada, e as imagens, enviadas para a Eurovisão, que as colocou no ar ao vivo. O mundo viu um capitão do Exército entrar no Parlamento dando tiros para o alto. Era claramente uma tentativa de golpe de Estado. No contexto brasileiro, que vivia a abertura política, isso era especialmente relevante.

Quando ocorreu a invasão, eu estava com a TV da minha sala sintonizada na Eurovisão. Chequei imediatamente os voos, porém não havia mais embarques disponíveis para Madri naquele dia. Eram quatro da tarde, e o último avião para a capital espanhola estava decolando naquele momento. Pensei: “A gente tem de cobrir esse negócio, mas como vamos fazer?”. Levantei o custo de um jatinho, liguei para o Armando Nogueira, expliquei a situação e perguntei: “Posso alugar?”. Ele respondeu: “Você está aí, você toma a decisão”. Pensei um pouco, e fomos em frente – afinal, era exatamente o tipo de evento importante para o Brasil. E a nossa cobertura poderia agregar alguma coisa de diferente e relevante.

Escalei o Luís Fernando para fazer a matéria. Pedi a ele para, quando chegasse, ir direto para o Parlamento e relatar tudo aquilo que visse, pessoalmente, sem se preocupar com o quadro geral, que estaria, de qualquer forma, fora do seu alcance. Ele não precisava registrar negociações a portas fechadas, os desdobramentos políticos. Tudo o que deveria fazer era falar o que viu e sentiu naquele momento de cerco ao Parlamento. E foi o que ele fez, brilhantemente. Entrevistou pessoas e registrou toda a tensão e a emoção daquelas horas. Foi uma matéria longa e impactante que fechou o *Jornal Nacional* daquela noite e da qual todos gostaram muito.

Lembro que o Milton Temer – que se tornou correspondente do jornal *O Globo* em Londres alguns anos depois – comentou comigo que, naquele dia, eles estavam fechando a cobertura do golpe na Espanha e ligaram a televisão no *Jornal Nacional*. Naquela época, a imprensa escrita tinha mais liberdade, e a televisão era cerceada. Por isso, era nas coberturas internacionais que a

gente estava tentando, justamente, conquistar espaço em termos de credibilidade. O Milton contou que a turma viu no *Jornal Nacional*, primeiro, a parte das agências relatando os fatos mais recentes e as repercussões na Espanha e no mundo e, depois, a matéria do Luís Fernando, que fechava aquela edição mostrando a emoção dos espanhóis, a expectativa em volta do Parlamento. E o Milton contou para mim: “Quando acabou a matéria, a gente olhou um para a cara do outro e disse: ‘E agora? O que a gente faz?’ Não havia mais nada a fazer”. O impacto de uma matéria bem-feita, com o enfoque do testemunho pessoal, é muito grande. Isso também aconteceu em outras coberturas de grande porte.



## GUERRA IRÃ-IRAQUE, 1980

O presidente do Iraque, Saddam Hussein, aproveita o momento de instabilidade política com a queda do xá Reza Pahlavi e coordena uma ofensiva contra o Irã. Roberto Feith e o repórter cinematográfico Mario Ferreira vão para o *front* e permanecem um mês e meio no Iraque.

Estávamos no escritório quando chegou um telegrama informando: “A Força Aérea do Iraque bombardeou o aeroporto de Teerã”. Para todo o planeta, isso foi uma surpresa. O que fazer diante disso? Conseguir um visto estava fora de cogitação. Passei em casa, peguei algumas roupas e fui para o aeroporto com o cinegrafista Mario Ferreira. Pegamos um voo para Amã, na Jordânia, que era, geograficamente falando, a alternativa que fazia mais sentido para tentar entrar no Iraque. Quando chegamos a Amã, fomos até a Embaixada iraquiana e encontramos jornalistas do mundo inteiro tentando conseguir permissão para entrar no país. Interessava ao regime de Saddam Hussein influenciar a cobertura para refletir a perspectiva deles. Por isso, eles decidiram autorizar a entrada de alguns jornalistas, e nós conseguimos o visto.

A viagem de Amã para Bagdá era longa. Por fim, quando chegamos, descobrimos que estávamos praticamente presos. Era muito difícil fazer qualquer coisa sem autorização do governo, fomos muito policiados. Bagdá também não era o local onde o conflito estava de fato ocorrendo. Presenciamos alguns ataques da Força Aérea iraniana, mas eram relativamente esporádicos.

Com a ajuda do governo iraquiano, fomos levados a uma área próxima ao front, numa cidade chamada Mehran, uma aldeia iraniana que o Iraque havia invadido. Chegando lá, conseguimos nos livrar um pouco da vigilância dos iraquianos e fizemos uma matéria interessante que mostrava a linha de frente. Mas aquela área no Iraque central não era o ponto nevrálgico do conflito.

A parte mais intensa da guerra se desenrolava no sul, na fronteira entre o Iraque e o Irã, na área do Golfo Pérsico. Ali estavam as instalações de exportação de petróleo. Havia uma grande refinaria na cidade de Abadan, e os campos de petróleo se espalhavam pela região em torno do Golfo. A maior parte dos combates acontecia nessa área.

Insistíamos com os representantes do governo iraquiano para ir para Baçorá, a capital da província iraquiana, próximo ao Golfo. Demorou um

pouco, mas por fim conseguimos uma autorização. Foi outra longa viagem. Baçorá é uma cidade muito antiga, à beira do canal Shatt-Al-Arab, que vinha do Golfo e formava a fronteira entre Iraque e Irã. Havia um intenso tráfego de navios no canal, uma via fluvial estratégica para os dois países. Era ali que a guerra estava concentrada.

Ficamos num velho hotel, que deve ter sido construído pelos ingleses na época colonial. O prédio estava um tanto abandonado. Colocaram a gente numa ala reservada para parte da imprensa estrangeira, mas não havia a mínima infraestrutura ou serviços, a coisa não funcionava muito bem. Os representantes do governo iraquiano nos cercavam, eles eram onipresentes no hotel. Não queriam que os jornalistas saíssem sozinhos para trabalhar. Segundo eles, era para a nossa própria segurança, mas, na verdade, não desejavam que documentássemos o que não fosse de interesse do regime. Nos primeiros dias, essa foi a questão: a gente queria trabalhar, e o governo limitava a nossa liberdade de atuação.

Um dia, levaram a gente para um local próximo ao front. Soldados em trincheiras apontavam suas armas, mas sabíamos que tudo aquilo não passava de “faz de conta”. A gente ficou bastante frustrado. Mas aconteceu uma coisa curiosa: um caça iraniano, que estava bombardeando a linha do Iraque ali perto, foi abatido. A gente percebeu que o avião iria cair próximo de onde estávamos. Queríamos ver, e os iraquianos concordaram, afinal, era uma situação na qual eles pareciam vitoriosos. O piloto saltou de paraquedas antes que o avião se espatifasse, e a gente conseguiu chegar ao local pouco tempo depois que a aeronave foi abatida. Acho que a presença dos jornalistas estrangeiros salvou a vida daquele piloto. Ele estava cercado, apanhando muito. Quando chegamos, pararam de bater nele.

Com o tempo, começamos a ver que não tínhamos condições de trabalhar daquela forma. A solução era improvisar – sair escondido, conseguir transporte por conta própria e ver o que era possível documentar. Repetimos isso em outras coberturas. Certa manhã, saímos cedinho por uma porta lateral, contratamos um táxi, seguimos em direção ao terminal de Al-Faw, uma instalação no extremo sul, do outro lado do Shatt-Al-Arab. Era uma área de conflito intenso. Devia ficar a uns trinta quilômetros de Baçorá, em direção ao Golfo. Tanto Al-Faw como Abadan estavam sendo bombardeadas. Abadan, pelos iraquianos; e Al-Faw, pelos iranianos. Pegamos essa estrada indo para o sul e vimos a transição de uma região ainda relativamente pacífica para uma de combate. A estrada foi mudando, o tráfego foi escasseando, havia cada vez

menos gente, cada vez menos carros e um tráfego intenso de militares. Depois de algum tempo, percebemos que apenas veículos do Exército estavam passando por aquela via.

O motorista falava: “Bom, agora eu tenho que voltar. É proibido, não posso continuar”, e a gente insistia: “Não, pelo amor de Deus, não faça isso! A gente veio aqui para cobrir essa guerra, para registrar essas cenas! Vamos continuar, por favor!”. E, aí, ele aumentava o preço, e a gente tinha que dar mais dólares para continuar. Essa cena se repetiu não sei quantas vezes. Eu estava ficando desesperado. Estávamos dando para ele todo o nosso dinheiro. Era preciso chegar ao front, a gente tinha vindo de longe para isso.

Finalmente, chegamos a uma colina que ficava por cima de Al-Faw. A gente podia ver os tanques de estocagem, um porto e alguns prédios em chamas. Tudo estava coberto por uma fumaça negra e espessa. Queríamos descer, mas o taxista não aceitava de jeito nenhum. Aí, aquela mesma conversa, demos o dinheiro que restava e conseguimos descer. Circulávamos por Al-Faw, filmando do carro, quando começou uma chuva de morteiros. Não houve jeito de segurar o motorista. Ele engatou uma segunda e saiu cantando os pneus. A gente ainda filmou a fuga. Ele não olhou para trás e foi embora. Descobri, depois, que uma equipe inglesa fizera a mesma coisa que a gente. Estavam em Al-Faw, dentro de uma delegacia abandonada, e passaram por poucas e boas para sobreviver ao ataque dos morteiros, mas felizmente conseguiram se safar.

Continuamos trabalhando dessa forma improvisada até que, depois de um mês, meu cinegrafista, o Mario, disse: “Quero ir para casa”. Era de manhã, a gente ainda estava dormindo – minha cama ficava de frente para a dele – e houve um bombardeio na cidade. A nossa impressão é que havia explodido uma bomba exatamente ao lado do hotel. Foi um barulho avalassador, sentimos tudo tremer. Acordei, pulei da cama, e o Mario também. Dei de cara com ele, assustado, e ele comigo, igualmente apavorado. Passado o primeiro susto, ele disse: “Chega! Vamos embora!”. E, como eu também estava querendo dar o fora dali, combinamos a nossa volta com o escritório de Londres.

O Hermano Henning me substituiu e fez uma cobertura marcante. Ele conseguiu entrar em Abadan, um lugar que trocou de mão entre iraquianos e iranianos nem sei quantas vezes. Essa guerra durou oito anos. Foi uma carnificina de quase uma década. No início, o Iraque estava ganhando. Depois, o Irã se recuperou. Ficou um impasse trágico e sangrento para os dois povos.



LUÍS FERNANDO SILVA PINTO

PARA LUÍS FERNANDO SILVA PINTO, o trabalho do repórter de televisão é catalisar com palavras a força das imagens em qualquer cobertura. É “passar cor, dimensão, volume e emoção sobre aquilo que se está falando”. Correspondente da Globo desde 1977, quando foi enviado especial a Buenos Aires, Luís Fernando mora em Washington há mais de vinte anos e acompanha de perto as reviravoltas da política norte-americana.

Luís Fernando nasceu em São Paulo, em 30 de dezembro de 1955. Seus pais, Antonio Mazzilli Filho, engenheiro civil, e Maria Aparecida da Silva Pinto, educadora, exigiram do filho, adolescente rebelde, que arrumasse um emprego. Nessa procura, ele encontrou a redação do *Jornal da Tarde*. Foi amor à primeira vista. Para ele, a redação é sua paixão até hoje. “Ali há indivíduos claramente brilhantes, desorganizados e que falam alto, mas que, em determinado momento do dia, se transformam em membros de uma orquestra de execução.” Nunca mais deixou esse ambiente.

Tornou-se auxiliar executivo no *Jornal da Tarde*, enquanto cursava Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero e, depois, foi efetivado como repórter. Cobria automobilismo antes de passar para a editoria de Cidade. Em 1976, foi convidado para trabalhar na Globo, integrando a primeira equipe do *Bom Dia São Paulo*, que estava prestes a estrear. Logo depois, tornou-se correspondente em Buenos Aires, e as viagens não cessaram. Fez pós-graduação na Espanha e, de lá, foi enviado para cobrir a Revolução Sandinista na Nicarágua (1978) e a Guerra Civil em El Salvador (1980), quando conquistou o posto de correspondente no escritório de Londres.

Da capital britânica, ganhou o mundo. A rebeldia adolescente o impulsionou a acompanhar de perto a cobertura de conflitos no Oriente Médio; visitas do papa à Europa; atentados terroristas do grupo IRA, no Reino Unido; e o assassinato da primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi, quando contraiu malária e conheceu a mulher com quem está casado até hoje.

Em 1986, Luís Fernando foi transferido para Washington. Dos Estados Unidos, cobriu os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001; o acidente com o ônibus espacial *Columbia*, em 2003; as consequências dos furacões Katrina e Wilma, em 2005; além de todas as eleições presidenciais realizadas desde então. Ao analisar sua trajetória como correspondente, ele pensa que a única defesa que o repórter tem nos momentos mais difíceis é mostrar o que

está acontecendo e manter o compromisso com a sociedade e com a informação. “Não trabalhamos para servir a nós mesmos, somos um veículo, temos uma obrigação com quem vai assistir.”



## MÃES DA PRAÇA DE MAIO BUENOS AIRES, 1977

Em 30 de abril de 1977, catorze mulheres se reuniram na Praça de Maio, diante da Casa Rosada, sede do governo argentino. Um ato silencioso em protesto pelo desaparecimento de seus filhos durante a ditadura militar. Naquela época, o país vivia sob estado de sítio, o que proibia a reunião de três ou mais pessoas em locais públicos. O movimento ficou conhecido como Mães da Praça de Maio. Luís Fernando Silva Pinto e o repórter cinematográfico Newton Quilichini estavam lá.

Comecei a trabalhar na televisão em 1976 e, em 1977, o Luiz Fernando Mercadante, então editor-chefe da Globo São Paulo, me mandou para Buenos Aires – meu primeiro posto como correspondente. Eu disse: “Ó, não sei fazer isso, não”. Ele falou: “Vai lá e se vira”. Foi um aprendizado duro.

Fiz o que creio ter sido a primeira matéria das Mães de Maio na televisão brasileira. Durante dias, em Buenos Aires, eu estava aflito, não sabia o que fazer de matéria para o Brasil. Abria o jornal e não via nenhum assunto interessante para nós. Ouvia o rádio, a mesma coisa. Comprava revista, lia de ponta a ponta, nada de interessante. Comecei a me desesperar. Achei que ia perder o emprego. Passados quatro, cinco dias na minha primeira missão fora do país e sem saber o que fazer, fui para a Associação de Correspondentes Estrangeiros na Argentina ver se falava com alguém. Depois, entrei em um dos bares que frequentávamos. Eram dez horas da manhã, e um inglês já estava tomando gim-tônica. Do alto dos meus 21 anos, pedi um também. Ele me olhou e disse: “O que houve?”. “Eu não sei que matéria fazer”, respondi. “Para quem você trabalha?” “Globo, Brasil.” “Onde você está aqui em Buenos Aires?” “Eu estou no Claridge”, que era um hotel muito escuro, de clima pesado, uma construção dos anos 1950. Ele acabou o gim-tônica, foi embora. Eu fiquei pensando: “Que conversa estranha, fica me perguntando coisas e depois vai embora!”.

No mesmo dia, eu e Newton Quilichini fomos até a Casa Rosada entregar um pedido de entrevista com o presidente Jorge Rafael Videla. O chefe de gabinete dele recebeu o pedido e nos deu um cartão de visita, mas não prometeu nada.

Passados dois dias, estou no quarto do hotel pela manhã e recebo uma



ligação da recepção: “Umas senhoras estão aqui querendo falar com você”. Desci. Um grupo de mulheres de meia idade estava no saguão. Disseram: “Olha, nós começamos a organizar um movimento porque os nossos filhos e filhas desapareceram. Falamos com um jornalista da Reuters, e ele disse que você estava aqui. Queríamos explicar a você o que está acontecendo”. Fomos entrevistá-las. Aí elas me mostraram fotos dos jovens desaparecidos na ditadura militar e contaram os casos. Newton Quilichini filmou as entrevistas com elas de costas, para não mostrar seus rostos. No fim, elas disseram: “Na quinta-feira, daqui a dois dias, vamos fazer uma manifestação a uma da tarde, em frente à Casa Rosada”. E por que a Praça de Maio? Porque, teoricamente, o presidente consegue ver a praça da janela do gabinete dele na Casa Rosada. Não sei se ele as veria, mas era uma possibilidade.

Fomos lá antes, com o Newton carregando discretamente a câmera de filme, a CP16. Checamos a configuração da praça e combinamos que, depois de filmar a manifestação, sairíamos rapidamente pela estação de metrô, para evitar a polícia. E esperamos. Dez para uma e não havia nenhum sinal das mulheres na praça. Cinco para a uma, nada. Uma da tarde em ponto, as que estavam discretamente em bancos, ou caminhando na calçada, colocaram lenços brancos na cabeça e se juntaram no meio da praça carregando fotos e cartazes. A dignidade daquelas mães era tão grande que elas não precisavam falar, só mostravam as fotos, e as pessoas sabiam o que era aquilo. Todo mundo tinha ideia do que estava acontecendo.

## MOMENTOS DE TENSÃO

O Newton apontou a câmera e começou a filmar enquanto as mulheres circulavam pela praça. Quando ele achou que tinha material suficiente, deu o sinal para irmos embora. Só que, quando nos viramos em direção ao metrô, fomos parados por um homem de meia-idade, acompanhado de outro, bem maior e mais jovem. Mandaram a gente entrar num carro, um Ford Falcon preto, veículo típico dos serviços de repressão. Sentamos no banco de trás e o carro saiu da praça. O mais jovem, que estava dirigindo, colocou uma pistola calibre 45 no banco, entre ele e o mais velho. Lá de trás, perguntei ao mais velho o que estava acontecendo e se ele podia se identificar, mas ele não respondia. Foi então que lembrei que ainda tinha no bolso o cartão de visita do chefe de gabinete do Videla. Mostrei o papel para o homem mais velho e disse: “Se você não quer dizer quem é, ok, mas se quer saber quem eu sou, fala com esse cara aqui”. Ele olhou para o cartão, viu o selo da Casa Rosada, o nome, o telefone, e deu uma instrução ao motorista, que mudou de caminho e, algum tempo depois, parou em frente a um quartel das Forças Armadas.

Sozinhos no banco de trás do carro, perguntei: “Newtinho, você filmou quantos pés?”. Ele respondeu: “Já rodei 250”. O magazine – ou estojo para o rolo de filme – da câmera que usávamos na época, a CP16, tem quatrocentos pés, suficiente para cerca de dez minutos de filmagem. “Dá para tirar?”, sugeri. Ele acenou com a cabeça indicando que sim: tinha trazido o saco preto de plástico que envolve o filme quando é novo. Colocar o saco sobre o magazine e retirar o filme sem queimar as imagens é complicado, mas o Newton não só fez isso, como, depois de proteger o filme já rodado no saco de plástico – e escondê-lo dentro da calça –, discretamente disparou a câmera por mais alguns minutos, deixando filmes nos lados do magazine, como se aquele rolo já tivesse cenas filmadas. Essa, para mim, foi a grande lembrança dessa cobertura: a agilidade do Newton em tirar o filme. Porque se eles tivessem apreendido o material, de nada teria adiantado o nosso trabalho. Então, depois que ele fez isso, nos levaram para dentro do quartel.

Uma hora passou, e o sujeito mais velho entrou na sala e exigiu o material. Eu disse: “Não posso dar, porque não sou o dono do filme. Ele pertence à rede para a qual eu trabalho”. “Me dá o filme”, o homem insistiu. “Não é meu”, respondi. Ele se irritou, pegou a câmera, abriu o compartimento de filmagem, disparou o botão de gravação, e o filme foi se espalhando pelo chão. Depois,

perguntou como abria o magazine, tirou o rolo de dentro e expôs contra a luz. Mas tudo o que fez foi danificar filme virgem. Quando acabou, colocou a câmera em cima de uma mesa e nos mandou embora.

Era um bairro afastado de Buenos Aires e andamos muito até acharmos um táxi. O produtor que estava conosco, o Naim Vileanovsky, mandou o filme para São Paulo. A matéria só foi ao ar quando estávamos de volta e foi a melhor reportagem que fiz para televisão até então: o primeiro contato com as Mães da Praça de Maio.

“No carro, a caminho do quartel-general, eu sabia que iam querer o filme, já tinha aprendido com a ditadura no Brasil. Vi que os militares não viravam para trás, de forma que não estavam prestando atenção na gente, e tirei o chassi com o filme da matéria e coloquei um virgem no lugar. Escondi na bolsa e fiquei quieto.” – Newton Quilichini

## DO CAIRO A JERUSALÉM, 1981

O presidente do Egito Anwar Sadat foi morto por jihadistas muçulmanos em 1981 durante uma parada militar no Cairo. O episódio ocorreu três anos depois da assinatura do acordo de paz com Israel, em Camp David. Luís Fernando Silva Pinto e o repórter cinematográfico Paulo Pimentel foram ao Cairo e tiveram de cruzar o deserto por terra e viajar até Jerusalém para realizar uma reportagem especial para o *Fantástico*.

Em 1980, me ofereceram o cargo de correspondente em Londres, que era um escritório de peso, com chefia do Bob Feith. O Bob gostava de viajar e abria espaço para a gente fazer coberturas fora. Uma das minhas primeiras foi essa viagem ao Cairo para cobrir a morte do Anwar Sadat.

No dia 6 de outubro, o presidente foi à cerimônia anual que comemorava a ofensiva egípcia no início da Guerra do Yom Kipur. Ele estava na arquibancada, assistindo à parada militar, quando um jihadista egípcio, com três granadas sob o capacete, provocou o atentado. Sadat, que tinha se tornado uma figura icônica no Oriente Médio, morreu com outras onze pessoas. Paulo Pimentel e eu estávamos em um restaurante italiano em Londres, almoçando, quando o produtor Ingo Ostrovsky nos convocou. Saímos correndo para o aeroporto só com a roupa do corpo, não deu tempo de mais nada. Foi a nossa primeira grande viagem como correspondentes em Londres. Éramos dois meninos de vinte e poucos anos.

Chegamos ao Cairo a tempo de preparar algum material para o *Jornal Nacional* e ficamos fazendo toda a cobertura. Entretanto, o que mais me marcou foi uma reportagem que produzimos depois. Havia uma incerteza sobre o que iria acontecer. Seria aquela uma revolução islâmica? Então, tivemos a ideia de fazer uma grande reportagem sobre o que o governo Sadat tinha tornado possível com os acordos de paz com Israel, em Camp David: a possibilidade de viajar por terra de uma capital árabe à capital de Israel. Assim que acabou a cobertura do assassinato, liguei para o Bob Feith e disse: “Queremos fazer uma viagem do Cairo a Jerusalém”. Para nossa surpresa, ele autorizou.



Sílio Boccanera, Marco Nascimento, Marco Antonio Gonçalves, Sergio Gilz, Luís Fernando Silva Pinto, Beth Lima, Renato Machado e Armando Nogueira Filho (Manduca), no escritório de Londres, 1980.

## A VIAGEM

Alugamos um carro com dois jornalistas dinamarqueses e contratamos um motorista local chamado Said que sabia se movimentar pela região. Primeiro, fomos para Port Said, e, depois de cruzar o canal de Suez, entramos no Sinai pelo deserto, uma paisagem belíssima. Fomos mostrando a possibilidade de convivência pacífica das pessoas. Foram seis dias na estrada: íamos parando em várias cidades para dormir. Na primeira noite, ficamos na casa de uma família.

Para nós, brasileiros, a imagem de praia sempre foi muito familiar, sempre ligada ao lazer, à diversão. O que encontramos foi, ao mesmo tempo, familiar e estranho. Familiares eram as belíssimas areias brancas, as palmeiras, o mar, o Mediterrâneo brilhando de dia sob a luz do sol e à noite sob a luz da lua. Estranha era a vida nessas praias. Em nada lembrava a descontração brasileira, o surfe, o namoro... e sim a população do Sinai, os beduínos, que levavam uma existência precária em casas simples ou em tendas, cuidando de pequenos rebanhos de cabras, misturando na mão farinha e água para assar pão em fogueiras de lenha.

Paulo e eu passamos a noite como hóspedes em uma dessas casas com o assoalho coberto de areia. O chuveiro era uma lata com furos no fundo. A água era fria, claro, mas tínhamos a vista espetacular do mar e da pequena horta sombreada por pés de tâmara.

Cada vez que penso nessa viagem, são de coisas assim que me lembro: o cenário extraordinário da costa do deserto e a imagem dos beduínos – homens com suas galabias, o traje típico árabe, de cor clara, que iam do colarinho ao tornozelo e com turbantes simples, nada mais do que longos cortes de pano. As mulheres ficavam o tempo todo cobertas da cabeça aos pés em burcas pretas, apesar do calor do deserto. Mais do que o contraste da praia com essas vestimentas, eu tinha, pela primeira vez, a certeza de que estava numa terra incógnita para a minha enorme ignorância. Tudo o que eu sabia era que as diferenças entre a vida que a gente levava em Londres, o modernismo do Ocidente, e aquela vida, aparentemente parada no tempo, era muito maior do que o simples contraste das aparências. Havia componentes inéditos que eu precisava incorporar até nas percepções mais corriqueiras. Havia noções diferentes de fé, tradição, visão de mundo, os papéis de homens e mulheres. Eu estava entrando em águas desconhecidas sem saber exatamente sua

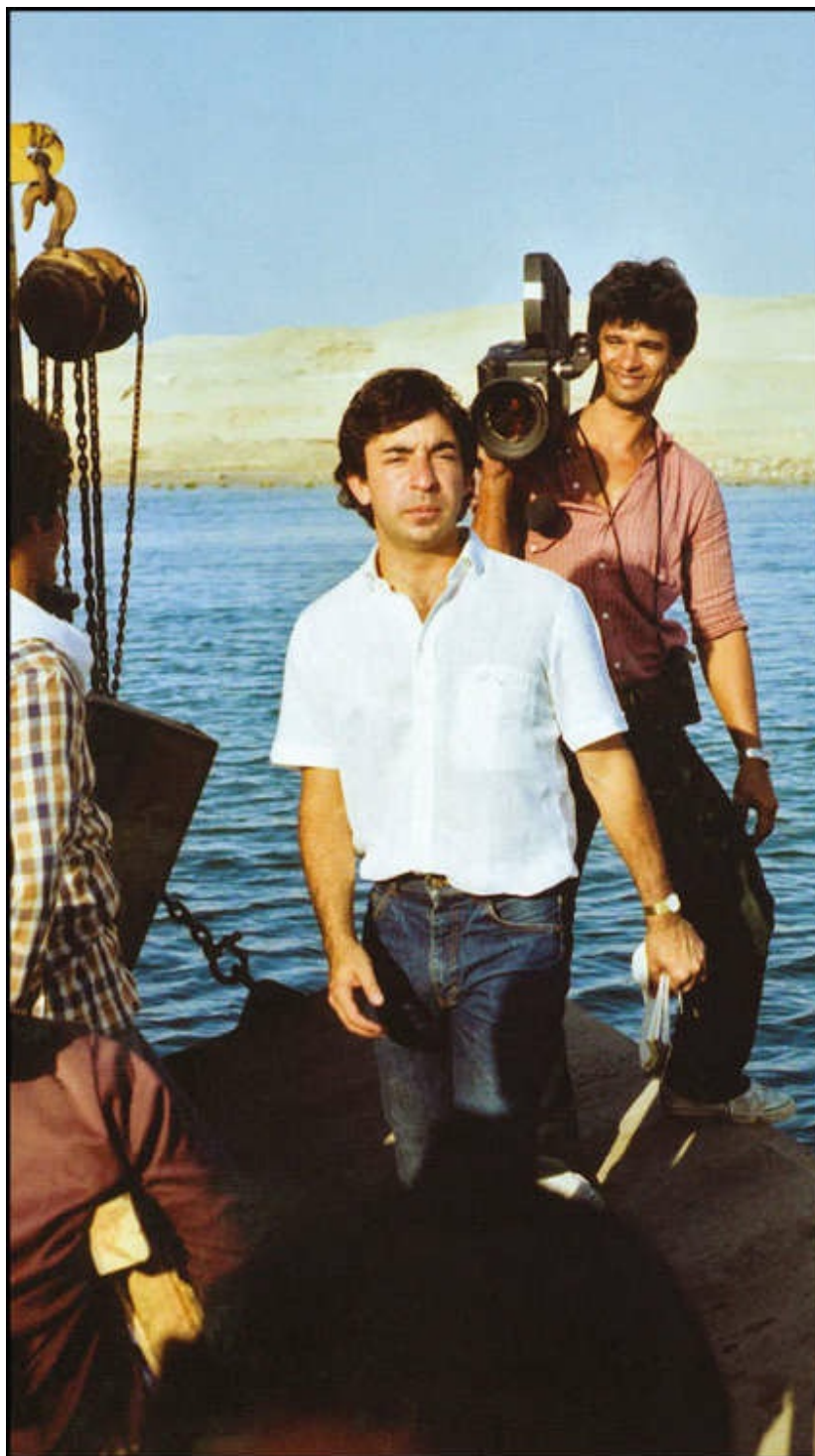
profundidade. Como os beduínos viviam? Para que escolas mandavam os filhos? Onde estavam as escolas? Como ganhavam dinheiro? Até os animais surpreendiam. O camelo gosta de um afago? Ou depende da pessoa? Um fotógrafo foi dar comida para um deles, achando que era coisa simples, como dar uma cenoura a um cavalo. Não contou com a rapidez e a agressividade do camelo. Tomou uma mordida séria.

Do lado leste do deserto, chegando a Israel, entramos pela Faixa de Gaza. Fiquei surpreso ao ver os assentamentos que começavam a ser construídos no território da Cisjordânia, onde pouco tempo antes isso seria inimaginável. De certa maneira, o Paulo e eu estávamos presenciando essa tomada de territórios pelos israelenses, o que aumentou a tensão, a violência e a instabilidade na região. Pegamos um ônibus para ir até Jerusalém.

E foi aí, olhando a paisagem pela janela, que eu, como toda pessoa jovem percorrendo uma terra diferente, percebi que tinha mudado, que tinha, na minha cabeça, ganhado mais uma demão de tinta. Eu cresci no continente americano e conheci a pobreza e a riqueza, a exuberância, a crueldade, as ditaduras. Mas aquelas colinas a caminho de Jerusalém, aquela terra anciã, era diferente. Tinha ecos de profetas e legiões de guerra, ouro e areia. Ali, não é a natureza que impera, mas o verbo. E quem profere sempre diz que o seu é divino.

Jerusalém, onde Cristo deixou o mundo dos vivos, é também onde os judeus oram no Muro das Lamentações, a capital para os palestinos, território ocupado pelos israelenses e o fim da jornada para Paulo Pimentel e eu. Exaustos havia dias – que pareciam ser semanas –, desde que saímos de Londres, voltamos. Para descobrir, na chegada, que a areia do deserto tinha danificado o som da câmera do Paulo. Quase tudo o que ele havia filmado desde o Cairo estava mudo. Tive que dublar todas as cenas em que falava para a câmera. Só funcionou graças à mágica da editora Marcy Barsi, que colocou todas as sílabas nos lugares e nos intervalos perfeitamente certos.

“O Egito foi inesquecível. A travessia do deserto partia do rio Nilo com destino a Jerusalém. Fernando e eu, jovens repórteres, estávamos em território bíblico: dormimos em casebres, fizemos refeições simples, tomamos banho em chuveiros improvisados.” – Paulo Pimentel



Luís Fernando Silva Pinto e Paulo Pimentel no Canal de Suez, Egito, 1981.



## GUERRA DO LÍBANO

### BEIRUTE, 1982

Em 6 de junho de 1982, Israel invadiu o sul do Líbano em ofensiva contra a Organização para a Libertação da Palestina, a OLP. Após dois meses de bombardeios israelenses, foi negociada a retirada da organização da capital Beirute, que só ocorreu no ano seguinte. Luís Fernando Silva Pinto cobriu os desdobramentos dessa decisão, permanecendo na região com Paulo Pimentel e o operador de áudio Gonçalo Gomes, de agosto a setembro. Em 1985, o correspondente voltou a Beirute para acompanhar a retirada dos soldados israelenses da região.

Pela experiência que tivemos na viagem do Cairo a Jerusalém, Paulo Pimentel e eu estávamos mais bem preparados para cobrir o Oriente Médio. Mas, apesar da experiência anterior, a Guerra do Líbano foi uma cobertura pesada, difícil de fazer.

Esse era o cenário: Israel tinha invadido o Líbano para expulsar os palestinos que haviam se refugiado na região sul do país, fronteira com o norte de Israel. Os palestinos tinham sido expulsos da Jordânia na década de 1970 e encontraram um Líbano incapaz de controlar sua entrada. O Líbano era um Estado quebrado, que vivia uma guerra civil desde 1975, entre combates e tréguas. Tinha acabado de eleger, em um processo duvidoso, o presidente Bashir Gemayel, aliado de Israel, inimigo dos palestinos e que ocupou a posição por pouco tempo. Meses depois de assumir o cargo, morreu em um atentado que destruiu o palácio presidencial. Explosivos haviam sido colocados dentro do cimento, nas paredes, nos pilotis. A explosão criou uma cratera de mais de vinte metros de profundidade. Beirute parecia ter sido sacudida por toneladas de TNT. Para os israelenses, a presença dos palestinos no país apresentava um risco, pois os atentados estavam se repetindo na fronteira entre os dois países.

Yasser Arafat, líder da OLP, tinha recebido garantias de que poderia imigrar para o Egito ou para a Síria, mantendo sua liderança, mas mesmo assim hesitava, querendo continuar como uma ameaça a Israel a partir do Líbano. Em 1982, Israel acelerou a crise e entrou no sul do Líbano com um peso bélico assustador: caças e bombardeiros atacavam pelo ar; navios castigavam a costa com mísseis; e, por terra, o Exército israelense avançava sem encontrar

resistência. Com tecnologia sofisticada, os *howitzers*, transportadores de canhões, estacionavam a quilômetros de distância dos alvos e apontavam os canhões, enquanto forças especiais delineavam os alvos com laser. Os tiros eram disparados com precisão cirúrgica e catastrófica. Todo mundo parecia estar de joelhos por causa da guerra. Era um inferno. E, para lá, fomos.

A primeira dificuldade foi não poder pernoitar em Beirute, porque a cidade estava em blecaute, não havia como transmitir o nosso material. As rotas de Beirute para Amã e o Chipre também estavam fechadas, ou seja, não podíamos nem enviar fitas com o material bruto. A única solução era ir e voltar de Beirute a Tel Aviv todos os dias de carro. Transmitíamos o material de lá ou de Nahariya, também em Israel. Quando havia alguma chance, mandávamos as fitas para Damasco.

A viagem era sempre um caos, durava cerca de três horas para ir e outras três para voltar. Pela primeira vez na vida enfrentei um engarrafamento de tanques de guerra: eles ficavam parados para entrar na fronteira, faziam o mesmo trajeto que nós. Muitas vezes dava briga, e era uma imensa gritaria. Imagine discutir no trânsito, só que o outro motorista tem um fuzil na mão e está tão estressado quanto você. Ou mais. Usávamos um carro alugado em Tel Aviv e íamos cortando todo mundo, passando pela lateral da estrada. Eu dirigia como um alucinado, ainda mais do que o normal. Como a estrada era horrível, e eu não tinha noção, o carro ficava arreventado. Lembro que a cada dois dias precisávamos pedir outro na locadora. Eles não acreditavam que consumíamos carros como quem consome sorvete. Além disso, o trajeto era imprevisível. A região era território do Hezbollah e, de vez em quando, tudo parava porque tinha tiroteio. Uma vez, fizemos uma coisa irresponsável. Voltávamos à tardinha para Israel e vimos um soldado fazendo o mesmo trajeto, mas andando, cansado, carregando o fuzil. Ficamos com pena e demos carona para ele até a fronteira. Por sorte, nada aconteceu, mas levar um soldado no carro era um risco enorme. Para alguém, ele representava o inimigo, e nós poderíamos ter virado alvo!

## GOTAS DE LIMÃO NOS OLHOS

Nessa cobertura, tínhamos que explicar da maneira mais clara possível o caos de uma guerra com muitos atores: israelenses, maronitas, drusos, xiitas, sunitas. Mais triste: no meio da invasão, um massacre aconteceu nos campos de refugiados de Sabra e Chatila. E ninguém viu: os israelenses tinham cercado os dois campos de refugiados e, ao que tudo indica, fizeram vista grossa quando a Falange, o braço fascista da minoria cristã, entrou nos campos executando jovens, velhos, mulheres e crianças palestinas. Apenas dias depois, os primeiros relatos começaram a vazar o cerco militar, e nós começamos a ouvir testemunhas e fazer matérias.

Diariamente, voltando a Tel Aviv, tínhamos três, quatro horas para dormir antes de começar tudo de novo na madrugada seguinte. Chegávamos ao hotel exaustos, queríamos apenas tomar um banho, comer e dormir. Numa dessas, esquecemos a chave dentro do carro e trancamos as portas. Pode parecer prosaico, mas foi uma das piores experiências da viagem. Como poderíamos abri-lo? Se quebrássemos o vidro, o carro ficaria aberto até o dia seguinte, com o equipamento lá dentro. Chamamos um chaveiro às três horas da manhã. Ele não chegava. Todos nós estávamos desesperados de sono e de fome. No fim, não houve outro jeito: como ladrões do nosso próprio carro, quebramos um vidro pequeno, na janela traseira. Depois de mais uma viagem, trocamos de carro de novo. O pessoal da locadora nem se espantava.

Dias depois, a eletricidade voltou a certos setores de Beirute, e a rota para o envio de fitas a Amã foi reaberta. Paraíso! Podíamos ficar no Líbano. Estávamos livres do trajeto diário até Israel. Mas como sempre há um tropeço, esqueci a caixa das minhas lentes de contato em Tel Aviv. Depois de dois dias em Beirute, dormindo com a lente, meu olho começou a doer. No terceiro, não conseguia mais abrir o olho direito. Beirute não tinha água potável. Para matar a sede, só cerveja, e cerveja não é solução para lavar lentes de contato. Com os olhos quase fechados, pedi um conselho ao *concierge* do hotel: “O que eu faço?”. Ele disse: “Põe limão”. “Você está louco?”, retruquei. “Vai por mim”, ele insistiu, “limão é vaso constritor, vai tirar todo o vermelho”. Eu não conseguia enxergar mais, não tinha outro jeito, cortei o limão ao meio, subi até o quarto, deitei na cama, segurei firme o estrado com a mão esquerda, abri o olho e, com a mão direita, espirei o limão no olho. O corpo deu um pulso como se tivesse tomado um choque. Mas isso foi na primeira gota, porque a

segunda não ardeu nada, parecia água. Nunca mais me esqueci disso. Quase trinta anos depois, eu estava com os meus filhos em uma pista de corridas automobilísticas nos Estados Unidos e entrou uma coisa no meu olho. Não tive dúvida! Nós tínhamos alguns limões, então cortei um ao meio, deitei no chão do trailer e espremi uma das bandas sobre o olho. Acho que aquele foi o dia em que meus filhos passaram a me respeitar.

## ESTRANHA CALMA

Quando estávamos no Líbano, eu e todos os outros sentíamos um medo incessante. Porque não dá para saber onde uma bomba vai cair, nem dá para fugir. O pior momento em Beirute foi quando uma das bombas caiu muito perto de onde eu me encontrava. Eu estava andando na rua, no meio do quarteirão, a bomba estourou na esquina. E quando uma bomba estoura, a onda de expansão do ar é muito forte. Meu nariz e meu ouvido sangraram imediatamente e fiquei com um zunido na cabeça, completamente desorientado, literalmente sem saber para onde ir. E isso me deu pânico porque várias bombas estavam caindo e, se uma estourasse ainda mais perto, eu não tinha a menor ideia do que fazer. Fiquei cambaleando na rua, soluçando de medo. Nunca me sentira indefeso daquela forma. Em geral, eu não ficava tenso nos bombardeios, uma coisa curiosa. Beirute tinha sirenes que disparavam sempre que um ataque aéreo atingia a cidade. Era uma sirene com um som bem tradicional, aquele “uóóóóó” a todo volume. E eu ficava muito calmo, estranhamente calmo, quando ouvia esse som. Não havia motivo para tanta calma, porque prédios estavam caindo, gente estava perdendo a vida. Muitos tinham que ser tirados do meio da rua porque não conseguiam se mexer, era preciso literalmente levantar e puxar as pessoas. E eu na maior calma. Só descobri o motivo desse comportamento anos depois, em São Paulo. Eu estava num restaurante com a minha mãe quando ouvi uma sirene – a sirene da TV Gazeta.<sup>[4]</sup> Falei para ela: “Veja que coisa, as sirenes de Beirute tinham esse som”. Aí contei para ela que eu ficava muito calmo. E ela me surpreendeu: “Claro que você ficava calmo. Quando você era bebê, a sirene da Gazeta tocava todo meio-dia, bem na hora da sua mamada”. Eu falei: “Você só pode estar brincando”, mas a minha mãe insistiu: “Não, não estou. Só pode ser isso”. A verdade é que as sirenes de Beirute não me davam uma sensação de pânico, e sim de conforto. Uma estranha reação pavloviana em um lugar aterrorizante.

## MORTE DE INDIRA GANDHI ÍNDIA, 1984

Em 31 de outubro de 1984, a primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi, foi assassinada por dois de seus seguranças, integrantes da seita sikh. O repórter Luís Fernando Silva Pinto e o repórter cinematográfico Luiz Demétrio Furkim embarcaram para Nova Déli. Eles cobriram a onda de retaliações contra os sikhs e o funeral da premier, que reuniu cerca de 1 milhão de indianos às margens do sagrado rio Yamuna.

A morte de Indira Gandhi foi a cobertura mais importante da minha vida. Eu e Luiz Demétrio Furkim estávamos em Londres quando chegou um telex com a notícia da agência Reuters dizendo que Indira Gandhi havia sido assassinada. Fomos direto para o aeroporto. Tinha um voo da Air India, que parava em Roma e seguia para Nova Déli. Fomos com o produtor Chaim Litewski e o Gonçalo Gomes, técnico de som. Na escala em Roma, saí do avião rapidamente e liguei para o produtor Ingo Ostrovsky, que estava no escritório em Londres: “Ingo, pelo amor de Deus, acha alguém em Déli para ir ao aeroporto, porque a gente não tem visto de entrada, não tem nada”.

O Ingo ligou para a Embaixada brasileira em Nova Déli, e acho que foi isso que acabou salvando a gente. Quando desembarcamos, a embaixada tinha enviado um funcionário que não era hindu nem sikh, era indiano cristão. E ele foi com uma caminhonete da embaixada conversar com as autoridades no aeroporto para conseguirmos entrar com o equipamento. Nós tínhamos pressa: esse primeiro dia de trabalho seria pesado, tínhamos que preparar material para o *Globo Repórter*, o *Jornal Nacional* e o *Jornal da Globo*. Ele conseguiu. Na caminhonete, foram nossos equipamentos, o Chaim e o Gonçalo. Eu peguei um táxi com um repórter cinematográfico, que seguiu atrás, para o centro da cidade.

A população estava matando sikhs apenas porque o guarda-costas que assassinou Indira pertencia ao grupo. Os sikhs eram muito fáceis de serem identificados, pois não cortam o cabelo, usam turbante e são os pequenos negociantes na Índia: têm caminhões, barracas de feira, lojinhas. De repente, vi um caminhão ser parado por uma multidão. As pessoas viraram o caminhão, atearam fogo e mataram o motorista, um sikh. Saí do carro da forma mais prudente que consegui e fui até um canto para reportar a cena.

Entretanto, quando voltei para o carro, outro grupo estava à nossa espera. E aí, por sorte, o motorista indiano, que falava português, começou a agir como se estivesse fazendo parte da confusão. E gritava para a gente: “Vão embora, eles vão matar vocês!”. Entramos no carro, e o repórter cinematográfico seguiu filmando do banco do carona: a turba batia no carro com pedaços de pau, acertavam pedradas... e a gente fugiu. Ficamos rodando que nem umas baratas tontas até que, de repente, vimos a caminhonete da embaixada. Fomos atrás, até chegar à residência do embaixador. Só quando fecharam o portão conseguimos respirar. O carro do taxista ficou acabado, tivemos que dar um bom dinheiro para que ele consertasse o estrago.

Nossa chegada foi difícil, violenta, mas tínhamos que fazer matérias, tínhamos o horário do satélite para cumprir. Sossegamos na embaixada, conversamos, concordamos que precisávamos continuar. Parecia uma decisão óbvia, mas era enervante, porque a situação estava fora de controle. Mesmo assim, fomos em frente. Eu gravei as passagens para as matérias do dia e, no centro de Nova Déli, na torre de televisão estatal, geramos o material via agência Reuters. A edição foi feita em Londres.

No dia seguinte, fomos a um templo sikh para ouvir essas pessoas. Eles nos receberam sem problemas. Brasileiros não despertam a desconfiança que existe há séculos entre hindus e muçulmanos. Para entrar no templo, havia um ritual de tirar os sapatos e colocar um pano na cabeça, usado por muita gente. Eu achei que o pano era sujo, cheirava mal, mas simplesmente o coloquei na cabeça, torci o nariz e segui em frente.

## UM AMOR NO FUNERAL

Dois dias depois, Indira Gandhi seria cremada em um campo próximo ao rio Yamuna, como ocorrera com Mahatma Gandhi décadas antes. Havíamos alugado uma limusine velha para nos levar até lá. O motorista, o dono do automóvel caquético, insistia em trabalhar com um assistente! Ele vivia se dando ares de importante. Entretanto, a escolha desse carro acabou sendo um golpe de sorte para mim, porque nessa cobertura eu conheci o amor da minha vida, que precisava de uma carona.

Chegamos ao lugar da cremação e fomos para a área reservada à imprensa. Estávamos lá, esperando a cerimônia começar, algo demorado, porque eles untaram o corpo da Indira com *ghee*, a manteiga purificada indiana; envolveram seu corpo com uma peça de linho; a colocaram em uma pira de sândalo; e, só então, o filho dela, Rajiv, acendeu o fogo. Estávamos lá esperando isso tudo acontecer quando, de repente, aparecem uma loirinha e uma ruivinha. A ruiva vira para mim e fala assim: “Oi, tudo bem? Eu sou americana”. Eu falei: “Tudo bem. Eu sou brasileiro”. Ela disse: “Escuta, desculpe perguntar assim, mas por acaso vocês podem dar uma carona pra gente? É que perdemos nosso táxi”. Elas estavam visitando a Índia e resolveram ir ao funeral. Pagaram o taxista, e ele sumiu. Claro que eu poderia dar uma carona para aquelas garotas, nem que tivéssemos que jogar alguém da equipe para fora da limusine. Mas não foi preciso: aquele carro imenso conseguiu acomodar todos nós.

Elas eram duas gatas – eu estava de olho na ruiva, Lauren, que era jornalista em Nova York. A cerimônia acabou, e, depois da transmissão da matéria, elas foram com a gente até o nosso hotel, um dos únicos na cidade com restaurante aberto 24 horas. A imprensa inteira estava lá. Fomos jantar, e, em certo momento, o *maître* entrou no restaurante e anunciou: “Infelizmente, um toque de recolher foi declarado em toda a cidade de Nova Déli. Ninguém que está neste hotel pode sair”. Em silêncio, comemorei: “Obrigado, Deus, por ter desculpado todas às vezes em que eu aprontei na vida correndo de motocicleta, quase me matando, e agora estar me dando de bandeja esse toque de recolher exatamente quando a ruiva está na parada”.

Ficamos lá a noite toda. A cidade estava fechada, todas as entradas bloqueadas. Eu e Lauren depois nos casamos. A amiga dela, a loirinha Bonnie, foi madrinha do nosso casamento. Estamos juntos há mais de trinta anos. Essa



cobertura determinou minha vida. Dali para a frente, mudou tudo.

## MALÁRIA

Passada a sensacional noite do cerco de Nova Déli, fomos fazer uma matéria sobre o ocorrido. A cidade continuava toda bloqueada. Ali, vi uma coisa impressionante. O trânsito estava parado havia dias, nada passava, não entrava um só carro ou caminhão. Mas, nesse dia, eles iam abrir o cerco. Fomos a um dos pontos onde as estradas, bloqueadas por veículos militares, estavam para ser abertas. Subi num morro para ver a fila de veículos que se estendia por quilômetros e, quando tentei me virar para ver onde estava o repórter cinematográfico, fiquei, pela primeira vez na vida, totalmente paralisado, incapaz de mover sequer a cabeça. Eu não conseguia me mexer porque meus olhos e o meu cérebro ainda não tinham processado algo que eu havia captado de relance, quando achei que estava olhando para a fila de carros: a terra estava se mexendo, como se fosse um formigueiro, só que em uma dimensão monstruosa – algo como dez campos de futebol ou mais. Porém, o que havia me paralisado era a impressão clara de que, na verdade, não era a terra que se movia. Olhei de novo. Eram seres humanos! Milhares deles, vestidos com roupas sujas, trapos, sacos de estopa – de tanto viver na poeira, pessoas e roupas tinham adquirido a mesma cor –, e tudo com a mesma textura, vibrando como uma terra viva. Eram os intocáveis, a casta mais baixa, a mais discriminada da Índia. Eles moravam ali, numa miséria de gerações. Fiquei com os cabelos em pé.

Só semanas depois descobri que, naquele morro, olhando a multidão de intocáveis, outra coisa aconteceu: fui picado por um mosquito que transmitia malária. Acabada a cobertura na Índia, voltei para Londres e, dias depois, fui ao Brasil cobrir a eleição do Tancredo Neves à presidência. Quando retornei à capital inglesa, desci do avião com febre. Achei que era gripe. Mas a febre oscilava, a temperatura subia, logo em seguida caía, eu sentia calafrios. Comecei a delirar. Meu médico me mandou para o hospital de doenças tropicais em Londres, onde eles desenvolvem pesquisas médicas desde a época do império britânico. Tiraram uma amostra de sangue e, depois de um exame rápido, perguntaram: “Você esteve na Índia?” Respondi que sim. “Sorte a sua”, replicaram. Sorte, no caso, de não ter que conviver com a malária até a morte. Dos vários tipos de malária que existem na Índia, eu peguei a que não mata. Fiz um tratamento de três dias e, depois de algumas semanas, estava curado. Logo depois, em dezembro de 1985, eu deixei Londres e fui ser

correspondente em Washington.

## QUARENTA ANOS DA BOMBA DE HIROSHIMA

### JAPÃO, 1985

Em agosto de 1985, Luís Fernando Silva Pinto e o produtor Ingo Ostrovsky foram ao Japão para gravar um *Globo Repórter* especial sobre a bomba atômica de Hiroshima. Quarenta anos depois de dizimada, a cidade fora reconstruída e ainda lidava com as lembranças da guerra.

Em uma das reuniões de pauta do *Globo Repórter*, apareceu a ideia de gravar um programa no Japão, porque o lançamento da bomba atômica faria quarenta anos. Dou o crédito total ao Ingo Ostrovsky por esse *Globo Repórter* sobre Hiroshima. Ele foi o editor e o produtor, foi quem me convidou para viajar e fazer essa reportagem. Eu estava no final do meu período em Londres, fui para Nova York ver a Ruiva e segui viagem para o Japão para me encontrar com ele. Lá, contratamos uma equipe local da Upitn, que ficou encarregada das filmagens. Só aprovaram essa viagem porque dissemos que íamos produzir dois programas: um sobre uma feira tecnológica em Tsukuba e esse principal, em Hiroshima. Ao todo, foram vinte dias de trabalho.

Primeiro fomos para Tsukuba, onde havia um telão da altura de um prédio, e resolvemos fazer uma apresentação do programa ali na frente. Levamos uma vinheta do *Globo Repórter* que os japoneses rodaram nesse telão. Nossos anfitriões ficaram olhando como quem diz: “Esses caras são meio doidos”, mas funcionou muito bem.

Porém, o objetivo principal era Hiroshima. O Ingo queria contar histórias de personagens que sofreram a explosão da bomba e, quarenta anos depois, estavam vivos, lembrando o que aconteceu. Foi uma viagem emocionante e divertida ao mesmo tempo. Quando chegamos, em pleno verão, fazia muito calor em Hiroshima. Deixamos as coisas no hotel e saímos para comer alguma coisa. Eu coloquei uma bermuda. Procurando restaurante, achamos um lugar com cara de ter boa comida. Quando entramos, vimos que também tinha karaokê. Havia um balcão grande, triangular, como se fosse um bar e, lá no fundo, o palco. Em algum momento, o Ingo subiu e cantou “Yesterday”. O detalhe é que ele é afinado, canta muito bem! Isso atraiu de imediato a atenção dos japoneses. Enquanto isso, a dona do lugar, uma senhora bem-arrumada, de quimono, certamente com mais de sessenta anos, ficou fazendo gestos, me chamando. Queria que eu me sentasse ao lado dela. Por educação, fui lá e me

sentei. Assim que fiz isso, ela colocou a mão na minha perna e falou em um inglês carregado no sotaque: “*Hairy reg, nicey reg*”– “Perna peluda, bela perna”. E eu me tornei prisioneiro, porque ela não tirava a mão. Enquanto isso, cada vez que o Ingo acabava uma música, os japoneses pediam outra. Eu estava preso por causa da perna, e ele, por causa da voz. Que cena!

## UM ESTRANHO LUGAR CHAMADO JAPÃO

Uma parte importante da filmagem foi feita no templo xintoísta onde houve a primeira cerimônia do chá, apenas dois dias depois da explosão da bomba atômica. O templo fica na parte alta de Hiroshima. A gente conseguiu acesso a uma cerimônia idêntica à que foi realizada quarenta anos antes. Acabou sendo uma experiência curiosa em vários sentidos. Saímos do hotel cedo, colocamos o equipamento na van da Upitn e partimos. A equipe era a mesma que havia trabalhado conosco em Tsukuba. Eles viajaram até Hiroshima, mas o motorista, de Tóquio, não conhecia a cidade, que, depois da explosão da bomba, foi reconstruída com avenidas largas e linhas de bonde entre as pistas. Em Tóquio, a Upitn alugava espaço no prédio da grande estatal de televisão do Japão, a NHK. E a van, para entrar na vaga da garagem, tinha um adesivo da NHK colado no para-brisa.

Em uma das avenidas da cidade, o motorista se confundiu com os trilhos em um cruzamento e atravessou a linha exatamente quando o bonde estava passando. O impacto nem foi tão grande, mas o barulho do metal se rasgando foi assustador. O bonde arrastou a van por uns trinta metros. O trânsito parou, e houve toda aquela confusão típica de um acidente, mas rapidamente ficou claro que ninguém havia se machucado. O maior prejuízo ocorrera na van, já que o bonde não havia sido muito avariado. Como nós tínhamos hora para chegar à cerimônia do chá, deixamos o motorista dando as informações para a polícia, paramos dois táxis e seguimos para o templo.

Chegando lá, o monge disse para eu me sentar ao lado dele, e eu, sem pensar duas vezes, fiz o mesmo que ele: me ajoelhei e me sentei em cima dos meus pés. Fiquei ali acompanhando a cerimônia educadamente, sendo filmado pelas nossas câmeras. O Ingo, que estava nos bastidores, aguentou ficar na mesma posição por uns quarenta segundos e, depois, esperto, voltou a se sentar em posição normal. Eu, não. Como uma cerimônia do chá é para ser tratada com o maior respeito, eu não queria fazer nada errado, principalmente por essa ser uma cerimônia realizada no mesmo lugar da primeira depois da bomba. Acima disso, era uma gentileza extraordinária receberem a gente, então achei que, se o monge aguentava ficar ajoelhado, eu tinha que aguentar também. Mas eu não tinha a menor noção de que aquela cerimônia ia durar muito. Muito mesmo. Fui fazendo tudo direitinho, tomando o chá, admirando a louça, como é a regra, e comecei a ficar com dor nas pernas, que aumentava a

cada minuto. Eu não via jeito de sair dali. Pensava: “Não se mexa, não seja desrespeitoso”, mas, depois de uma hora, tudo o que eu queria na vida era me sentar normalmente no chão, sair de cima da perna. Comecei a mentalizar coisas: pensava em garotas, carros, tudo o que eu já tinha feito na vida até então. Viajei. Aguardei uma hora e meia até que, de repente, tudo ficou preto. Desmaiei.

Comecei a sentir umas pancadas fortes sacudindo o meu corpo e uma coisa que parecia pesada batendo nos meus ossos. Era como se alguém estivesse martelando meu cérebro por baixo, pelo maxilar. Eu me assustei por alguns segundos, mas então vi que era apenas uma senhora japonesa batendo na sola do meu pé, que tinha ficado adormecido, para que a circulação voltasse. Ela estava sendo delicada, e eu sentia como se fosse um bate-estaca.

O dia foi mais engraçado ainda porque, à noite, ao voltarmos para o hotel, fui tomar um longo banho, pois queria relaxar. Só que não tive tempo para isso. Alguém bateu na porta do meu quarto. “Pinto-san! Pinto-san!”. Fui lá abrir: “O que houve?”. Era o cinegrafista: “A gente tem que sair agora!”. Perguntei o porquê, e ele disse que explicava depois. Pegamos o carro, paramos numa loja, compramos um uísque caro, e fomos para o prédio da NHK, em Hiroshima. Chegando lá, um senhor veio falar com a gente. A conversa foi toda em japonês, mas acho que seguiu da seguinte forma: “Estamos aqui com o idiota que causou todo esse problema no trânsito hoje, então trouxemos uma garrafa de uísque, queiram nos desculpar, por favor”.

O que aconteceu foi que, depois do acidente da van com o bonde e de a gente ir de táxi para o templo, uma equipe de um canal local, a TV Asahi filmou a confusão e o adesivo da NHK no para-brisa da van. No telejornal de meio-dia da Asahi, saiu a notícia de que uma equipe da NHK tinha feito uma bagunça no centro da cidade. Não era verdade, a TV estatal japonesa não tinha nada a ver com o peixe, mas o nome do canal foi utilizado de forma negativa, e nós tivemos que nos desculpar. Tentei argumentar com o cinegrafista que o erro de informação havia sido da Asahi, não nosso, mas ele disse que, no Japão, a gente tinha que se desculpar de qualquer forma. E quem pagou fui eu.

## SOMBRAS DA BOMBA

Entre os muitos lugares em que gravamos, um dos que mais me marcaram foi uma escola, onde entrevistamos um sobrevivente da bomba. O momento foi muito bonito. Ele era diretor do Museu da Bomba, mas, na época da guerra, era aluno. Quando o dispositivo foi lançado, ele diz que tinha se levantado para ver os aviões e caiu após o clarão provocado pela explosão. Ficou, por alguns segundos, abaixo do nível das carteiras. Foi o momento em que o prédio desabou, e todos os colegas morreram esmagados pelo colapso do teto, menos ele.

Na entrevista, ele fez um desabafo: era um homem sem colegas de escola. No Japão, as pessoas estudam juntas, na mesma turma, da escola primária até ir para a faculdade. E ele passou a vida escolar só. O diretor contou a história e o que lembrava com mais carinho era o hino que ele e os colegas cantavam na sala. E ele cantou para a gente. Fiquei torcido por dentro. As coisas menores, mais corriqueiras, que a gente menos espera são as que nos pegam mais. A história do que se passou era forte, mas ele cantando foi a gota d'água.

Hiroshima ainda guarda nas paredes de alguns prédios a sombra de pessoas que ficaram impressas na hora da explosão atômica. O impacto foi tão forte que produziu um *flash* e marcou a imagem na parede, como uma fotografia. E nós fomos filmar na ruína mais famosa da cidade, a do prédio que estava exatamente abaixo do ponto da explosão – a bomba estourou a 580 metros de altura. Quase toda a cidade foi destruída em poucos segundos, mas o prédio, bem no alvo da bomba, ficou apenas parcialmente demolido. Continua de pé, depois de várias décadas.



## FURACÃO KATRINA

### NOVA ORLEANS, 2005

O furacão Katrina, um dos mais avassaladores dos Estados Unidos, atingiu os estados de Louisiana, Mississípi e Alabama em 29 de agosto de 2005. A região metropolitana de Nova Orleans foi a mais atingida, devido ao rompimento de diques que continham as águas do lago Pontchartrain. Mais de 1 milhão de pessoas deixaram suas casas. Luís Fernando Silva Pinto e o repórter cinematográfico Lúcio Rodrigues foram enviados ao local, onde permaneceram por dez dias.

A cobertura do furacão Katrina talvez tenha sido um dos trabalhos recentes mais gratificantes que fiz. Fui com o Lúcio Rodrigues, um cinegrafista preciso, que tem uma composição extraordinária e uma enorme agilidade nas situações mais difíceis. Tínhamos urgência em chegar ao local atingido pelo furacão para mandar o primeiro material, o que, sabíamos, não seria fácil. Pegamos um avião cedo; nos encontramos no aeroporto de Mobile, no Alabama; alugamos um carro; enchemos a mala de comida e água; e fomos em direção ao Mississípi. Tudo isso na pressão de terminar a matéria dentro do *deadline* do *Jornal Nacional*. Por sorte, conseguimos.

O litoral destruído pelo furacão parecia uma zona de guerra. Nos dias seguintes, dormíamos três ou quatro horas por noite, quando dava tudo certo. Ficávamos em hotéis, quando achávamos lugar, ou em locais improvisados. Em certa ocasião, dormimos no carro. De dia, nas reportagens, eu dirigia, e o Lúcio ia ao lado, filmando ou editando no computador. Desviávamos de destroços e passávamos a maior parte do dia sem saber como iríamos transmitir o material. Era como voar sem instrumentos, contando com a sorte – e a competência dos produtores em Nova York para achar um caminhão de transmissão a tempo do nosso *deadline*. Entretanto, os veículos dos nossos colegas se moviam e às vezes tínhamos de dirigir por mais de sessenta quilômetros para encontrar um deles.

Não éramos os únicos às cegas; todos os outros jornalistas estavam nesse mesmo barco. Ainda não havia internet no celular. A primeira impressão que todos tinham era de que aquela era a cobertura do estrago causado pelo furacão. O Katrina foi forte, pesado, causou muitos danos. Porém, rapidamente foi ficando claro que havia acontecido uma coisa maior do que o Katrina: o

drama de Nova Orleans. Lá, o furacão em si não tinha causado destruição quando passou, mas em seguida as paredes do dique que separa o lago Pontchartrain do rio Mississípi se romperam, e a cidade foi inundada.

Então nos demos conta de que tínhamos que entrar lá, porque era uma situação de abandono da população, uma tragédia humana que uma geração inteira de norte-americanos nunca tinha presenciado. Uma grande cidade do país ao deus-dará. As pessoas estavam completamente entregues. Nova Orleans era uma cidade problemática, onde sempre houve a difícil convivência do ter e do não ter. E nós, ao mesmo tempo em que trabalhávamos, íamos aprendendo o que realmente estava acontecendo.

## DE BARREIRA EM BARREIRA

Entrar em Nova Orleans era um gol difícil de marcar porque a cidade estava bloqueada pela polícia. E como no gol do futebol, corríamos o risco de tomar uma entrada dura, sofrer uma falta, levar um cartão vermelho. Entretanto, só poderíamos comemorar o nosso gol quando chegássemos lá. Mas como faríamos isso? Todas as estradas que davam acesso à cidade estavam fechadas com barreiras policiais, e ninguém tinha autorização para entrar. Já havíamos feito o possível e o impossível, até que apostei na vaidade dos americanos. Paramos em uma barreira e chamamos alguns homens da polícia rodoviária: “A gente queria fazer umas imagens de vocês para uma matéria”. Eles deixaram. “Agora vamos fazer do outro lado”. Eles também permitiram. Passamos a barreira e pedi: “Agora, de longe”. Seguimos viagem. Foram quatro horas passando pelas patrulhas. O Lúcio registrava tudo pelo caminho.

Chegamos por um lado da cidade, Metairie, onde equipes de televisão ainda não haviam estado. E, no meio de uma avenida, havia milhares de pessoas em condições degradantes. Parecia uma zona de refugiados de país de terceiro mundo. Um descaso das autoridades da Louisiana, porque, no caminho, havíamos passado por uma coluna de mais de 150 ônibus escolares, todos funcionando, cheios de diesel, com rádios. Estavam vazios e a menos de trinta quilômetros de distância. Poderiam resgatar aquelas pessoas. A falta de coordenação em uma hora crítica é o inimigo, e vimos que a organização nos Estados Unidos não é absoluta. O próprio presidente George W. Bush foi muito criticado: ele sobrevoou a região, mas não pousou, por exemplo. A situação era constrangedora para o governo e, ao mesmo tempo, perigosa para a população. Nova Orleans estava embaixo de uma água que se tornava mais imunda a cada dia, e os casos de doenças estavam se multiplicando.

Acho que nós, brasileiros, temos uma empatia que as pessoas sentem. Começamos a fazer a matéria com aquela multidão sem assistência. Entrevistei uma senhora que chorava e, de repente, ela disse que queria resgatar a família, porque a casa onde moravam estava cercada de água. Perguntei onde estavam, e ela indicou. Eu falei: “Então vamos lá”. Nós a colocamos no carro e fomos. Não passou pela nossa cabeça dizer que era um problema trazer as pessoas. Chegamos à casa onde estavam o pai, a mãe e o irmão, que tinha problemas mentais, todos cercados pela água e indefesos. Foi o que mais me impressionou, ver como as pessoas estavam sem ação. Elas não reagiam,

simplesmente se prostravam em relação àquilo. Então, alugamos um barco, botamos os pertences deles lá dentro e levamos a família, incluindo o cachorro.

Quando estávamos voltando, comecei a ficar mais assustado do que na hora do resgate. Fiquei pensando que, se a gente não estivesse lá com o nosso carro, o que poderia ter acontecido com eles? Não havia perspectiva ali. Nesse mesmo trajeto, outra cena me assombrou. Até hoje não sei se é real ou imaginária. Ao passar em frente ao estádio Superdome, que abrigava milhares de pessoas em condições horrorosas, vi uma senhora numa cadeira de rodas na calçada. A minha impressão é de que ela estava morta. Ela não fazia nem um único movimento. Passamos rápido, e aquela cena me deu uma sensação estranha. Não consigo esquecer essa imagem.

Deixamos a família no abrigo e percebemos que tínhamos uma matéria que jamais poderíamos esperar. Não fomos lá buscar uma história, fomos resgatar pessoas, mas acabamos tendo uma reportagem com todos os aspectos que podemos pedir numa boa cobertura: informação, emoção e imagens perfeitas. No fim, essa senhora estava muito emocionada e me abraçou. E o Lúcio filmou tudo.

“Luís Fernando sugeriu que passássemos pelas barreiras, convencendo os policiais até dar certo. Fomos a primeira equipe a chegar ao acampamento de desabrigados. Vimos milhares de americanos negros, de origem humilde, amontoados. Foi um baque.” – Lúcio Rodrigues



Luís Fernando Silva Pinto na cobertura do furacão Katrina em Luisiana, EUA, 2005.



RICARDO PEREIRA

RICARDO PEREIRA NASCEU NO RIO DE JANEIRO no dia 13 de outubro de 1951. Foi morar na Califórnia, nos Estados Unidos, quando era adolescente. De volta ao Brasil, cursou Comunicação Social, na Universidade Federal Fluminense (UFF), e Administração, na Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas.

Começou no jornalismo em 1976, fazendo reportagens sobre o carnaval carioca para o *Fantástico*, como freelancer. Três meses depois, foi convidado por Alice-Maria, então diretora de Telejornais da Globo, para trabalhar como repórter do *Jornal Nacional* e do *Fantástico*. Em 1977, foi enviado para a Argentina, onde passou dois meses. No ano seguinte, Brasília foi o seu destino. Na época da abertura política, cobriu fatos importantes, como a visita do presidente norte-americano Jimmy Carter, em março de 1978; a posse do presidente João Batista Figueiredo, em março de 1979; e a primeira viagem do papa João Paulo II ao Brasil, em junho de 1980.

No mesmo ano, tornou-se correspondente da Globo em Londres, onde trabalhou ao lado dos repórteres Carlos Castilho, Roberto Feith, Renato Machado, Sílio Boccanera e Luís Fernando Silva Pinto, além dos repórteres cinematográficos José Wilson da Mata, Benevides Neto, Paulo Pimentel, Mario Ferreira, Luiz Demétrio Furkim e Newton Quilichini. Na capital inglesa, cobriu o casamento da princesa Diana com o príncipe Charles, em julho de 1981, e fez diversas viagens para a Europa e o Oriente Médio. No mesmo ano, realizou uma entrevista exclusiva com o presidente do Iraque, Saddam Hussein, em Bagdá. Em 1982, cobriu a Copa do Mundo da Espanha.

Em 1983, Ricardo Pereira assumiu a chefia do escritório da Globo em Londres, substituindo Roberto Feith. Em 1985, cobriu o primeiro encontro do presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan com o dirigente soviético Mikhail Gorbachev, em Genebra. No ano seguinte, tornou-se diretor de Jornalismo da Telemontecarlo, empresa italiana que, na época, pertencia ao Grupo Globo.

Em 1993, fundou uma produtora em Roma e, em 1996, criou um canal de televisão especializado em turismo. Como repórter e produtor, trabalhou em 43 países e participou da cobertura de seis edições de Copa do Mundo e onze Olimpíadas. Em outubro de 2011, Ricardo Pereira foi nomeado diretor da Globo Portugal.





## CONFERÊNCIA DE CÚPULA DOS PAÍSES NÃO ALINHADOS CUBA, 1979

Sessenta chefes de estado participaram da Sexta Conferência de Cúpula dos Países Não Alinhados, em Cuba, entre os dias 3 e 7 de setembro de 1979. Ricardo Pereira e o repórter cinematográfico Paulo Guerra viajaram de Brasília para fazer a cobertura. Da capital, Havana, enviaram notícias para o Brasil.

Em 1979, um ano antes de virar correspondente, eu morava em Brasília e cobria o Itamaraty. O diplomata Marcos Azambuja, que também é meu amigo, estava indo para Cuba participar como observador da reunião dos Países Não Alinhados, um grande acontecimento em Havana.

Era um grande evento onde estavam líderes importantes, principalmente, da esquerda: Yasser Arafat, da Organização para a Libertação da Palestina, a OLP; Josip Broz Tito, presidente da então Iugoslávia; Samora Machel, líder da independência de Moçambique e o primeiro presidente do país; além do anfitrião, o presidente Fidel Castro. Naquela época, ainda havia a Guerra Fria, o mundo estava dividido entre dois blocos de poder e influência: o norte-americano e o soviético. Os países Não Alinhados constituíam uma terceira via.

Era uma grande oportunidade de irmos a Cuba. E mais: em Brasília, dava-se como certa a promulgação da Lei da Anistia para muito breve, o que aconteceu em 28 de agosto de 1979. Já estávamos em Cuba quando a lei foi decretada. Ficamos umas duas semanas em Havana. E havia dezenas de exilados políticos brasileiros vivendo lá. Eles agora poderiam voltar ao nosso país.

O Brasil não tinha relações diplomáticas com Cuba. Era uma situação delicada. Então, falei com o Marcos Azambuja: “Será que você consegue me ajudar a tirar um visto?”. E ele falou: “Claro, se vocês forem cobrir os Não Alinhados, sem problema”. Voltei para redação e fui conversar com o Toninho Drummond, na época diretor de Jornalismo da Globo em Brasília: “Toninho, acho que tem uma chance de nós irmos a Cuba”. Ele gostou da ideia e conversou com o então diretor de Jornalismo, Armando Nogueira, que concordou. Não havia Embaixada de Cuba no Brasil. Conseguimos o visto com a Embaixada da Tchecoslováquia e fomos para Havana, eu e o

cinematógrafo Paulo Guerra.

Realizamos a primeira transmissão via satélite de Cuba para o Brasil. Usava-se um sistema chamado Intersputnik – uma organização internacional de serviços de comunicações, fundada na década de 1970 pela União Soviética com um grupo de países socialistas. O sinal da imagem saía de Havana, batia no satélite, descia em Budapeste, na Hungria, passava por uma linha terrestre de micro-ondas para Viena, capital da Áustria, que aí chegava ao lado ocidental, subia no Intelsat – consórcio intergovernamental que gerenciava uma série de satélites de comunicação – e descia no Brasil. As imagens que mandávamos de lá para o *Jornal Nacional* faziam essa viagem. Só isso já era um exemplo da situação política do mundo.

## LONDRES, 1980

Passei dois anos maravilhosos em Brasília. Convivi com colegas sensacionais, fiz amigos para o resto da vida e adorava o trabalho. Cobria, sobretudo, política e economia, mas também viajava pela América Latina e frequentemente era chamado para fazer matérias para o *Fantástico*. Num dia, estava no Congresso ou viajando com o presidente da República e, no fim de semana, estava no Rio entrevistando o beatle George Harrison para o *Fantástico*.

Só que, em maio de 1980, o que era bom ficou ainda melhor. Toninho Drummond me chamou na sala dele e disse: “Olha, a Alice-Maria ligou e também o Luís Edgar de Andrade. Precisam que você vá ao Rio amanhã. Eles querem te convidar para morar em Londres”. O Luís Edgar era o editor-chefe do *Jornal Nacional* na época.

A primeira leva de correspondentes, Sandra Passarinho e Hermano Henning, estava voltando de Londres e, com isso, surgiu uma vaga na Europa. Acertamos que eu faria a cobertura da primeira viagem do papa João Paulo II e depois iria para a Inglaterra. Lembro que coloquei só uma condição para Alice-Maria: “Eu topo, mas se puder ficar só dois anos, porque depois quero voltar para Brasília”. Isso faz 38 anos. E eu nunca mais voltei.

## ENTREVISTA COM LECH WALESA POLÔNIA, 1980

Lech Walesa, um dos fundadores e líder do sindicato Solidariedade – organização independente do Partido Comunista na Polônia –, conduziu o movimento grevista dos trabalhadores do estaleiro de Gdansk, em 1980. Mais de 16 mil pessoas protestaram contra o alto custo de vida e as difíceis condições de trabalho. Ricardo Pereira viajou para a Polônia e entrevistou, com exclusividade, o líder sindical.

Quando cheguei a Londres, em agosto de 1980, éramos quatro correspondentes para cobrir a Europa, o Oriente Médio e o Oriente: eu, Luís Fernando Silva Pinto, Roberto Feith e o Carlos Castilho, que dirigia o escritório.

No meu primeiro dia, houve uma reunião para dividir as áreas de coberturas. Eu me perdi no metrô de Londres e me atrasei uma hora. Quando cheguei lá, a divisão já havia sido feita. Luís Fernando ficou com Portugal, Espanha e Itália; e o Bob Feith já cobria o Oriente Médio. Peguei a Inglaterra, que, aparentemente, não tinha muita graça, porque eram as coisas que aconteciam em casa, e o Leste Europeu, que nunca dava notícia.

Entretanto, acabei dando sorte: em 14 de agosto de 1980, estourou uma greve no estaleiro de Gdansk, no norte da Polônia. O líder da greve era um sindicalista católico que viria a ser o maior porta-voz anticomunista da Europa nos anos 1980 e presidente da República da Polônia de 1990 a 1995: Lech Walesa. Ele criou um movimento que virou um partido chamado Solidarność, ou Solidariedade. Foi o início do fim do regime comunista na Polônia.

Naquele fim de agosto de 1980, chegamos a Gdansk e fomos para a sede do Solidariedade. Eles não entendiam por que a Globo, uma televisão brasileira, queria conversar com o Walesa, mas mesmo assim conseguimos uma entrevista exclusiva com ele.

Voltei à Polônia várias vezes. João Paulo II era o primeiro papa polonês no Vaticano. A Igreja Católica era muito forte no país. Foi a partir da Polônia, daquela greve em Gdansk e da liderança de Walesa, que o comunismo começou sua derrocada. Em 1989, caiu o Muro de Berlim. E, em 1990, o católico Lech Walesa foi eleito presidente da Polônia.

## TERREMOTO Itália, 1980

Em 23 de novembro de 1980, um terremoto de 6,9 graus na escala Richter atingiu o sul da Itália, deixando cerca de 3 mil mortos. As cidades no alto das montanhas, nas regiões de Campânia e Basilicata, foram as mais atingidas. Ricardo Pereira e o repórter cinematográfico José Wilson da Mata foram até lá cobrir a tragédia.

Foi a cobertura mais dramática que fiz na minha carreira. Nunca tinha visto nada igual. Nem vi nada igual depois. Morte, destruição e dor causados por uma mistura trágica de fatalidade e pobreza.

Na noite do domingo, 23 de novembro de 1980, as primeiras notícias na televisão falavam de um terremoto de “pequena intensidade” no sul da Itália. Na manhã seguinte, quando eu e José Wilson da Mata chegamos a Roma, já se sabia que aqueles longos noventa segundos em que a terra tremeu tinham provocado uma tragédia enorme.

O que não se sabia na véspera era que muitas localidades atingidas pelo terremoto não tinham dado o alarme simplesmente porque não existiam mais. E as outras que sobraram estavam isoladas do mundo, sem telefone, sem luz, sem estradas.

Do aeroporto de Roma, fomos para Nápoles. Na estrada, centenas de caminhões do Exército italiano seguiam numa enorme fila verde, intercalada de ambulâncias brancas e carros vermelhos dos bombeiros: as três cores de uma Itália em estado de choque pelas notícias que chegavam de Irpinia, uma zona que se estende pelas regiões de Campânia, Basilicata e Puglia.

Quando chegamos a Nápoles, onde ficamos hospedados, o jornal local *Il Mattino* já falava em centenas de mortos. Em Nápoles, o terremoto tinha assustado a população, que passou a noite nas ruas com medo de voltar para casa. Houve desabamentos, falta de luz. Um edifício de nove andares veio abaixo. Morreram 52 pessoas.

A cada hora, a cada nova notícia, a dimensão da tragédia aumentava. Na terça-feira, 25, o jornal de Nápoles falava em milhares de mortos e 100 mil desabrigados. O balanço definitivo foi muito pior: 3 mil mortos, 8 mil feridos, 300 mil desabrigados.

Naqueles dias, nossa rotina era assim: de manhã cedo decidíamos aonde e

como ir. Muitas estradas haviam sido interrompidas. Choveu a semana inteira. Alguns dos nossos destinos foram Avelino, Pescopagano, Sant'Angelo dei Lombardi e Lioni.

A cada dia, José Wilson da Mata filmava as mesmas cenas, porque não havia outras: casas destruídas, gente chorando, caixões abertos esperando mortos, caixões fechados sendo levados para cemitérios. E, a cada dia, eu repetia as mesmas palavras, porque não havia outras: destruição, tragédia, choro, dor, morte, tristeza.

A jornalista Mônica Falcone era nossa produtora freelancer em Roma. Ela foi conosco para Nápoles. E, todos os dias, no meio da tarde, ela voltava de carro para Roma, uma viagem de aproximadamente 250 quilômetros. Levava o filme para ser revelado e o meu texto, gravado, editado e transmitido via satélite para o Brasil. Na manhã seguinte, ela voltava para Nápoles.

## A BORDO DO HELICÓPTERO ITALIANO

A melhor reportagem foi ao ar no *Jornal Nacional* do sábado, dia 29 de novembro. Convencemos um coronel italiano a nos deixar acompanhar uma missão de socorro a bordo de um helicóptero italiano. Ele tinha família em São Paulo e queria mostrar aos brasileiros e italianos no Brasil que se fazia todo o possível para ajudar os *terremotati*, as vítimas do terremoto.

A visão do ar era realmente terrível. Nenhum filme de ficção seria capaz de criar um cenário daqueles. A destruição era total. Sobrevoamos vilas, aldeias onde não havia uma única casa inteira. Vimos centenas de caixões empilhados esperando corpos.

A missão do helicóptero era levar cobertores e remédios. Os pilotos eram de Milão e nunca tinham sobrevoado a região. Com a chuva torrencial, eles se perderam. Na volta, descemos três vezes para pedir informações, mas não conseguimos chegar a Nápoles. Pousamos em Avelino, a uns sessenta quilômetros do nosso destino, e voltamos para Nápoles de carro. Testemunhamos o quanto era difícil trabalhar naquelas condições. Tivemos certeza de que aquelas imagens e aquelas palavras que tanto vimos, filmamos e dissemos naquela semana iam continuar a marcar a tragédia do terremoto por muito tempo.



## *RÉVEILLON* ENTRE OS ESCOMBROS

Ficamos na região de Nápoles por cerca de dez dias. Voltei para Londres, mas logo retornei à Itália para mostrar o fim de ano dos desabrigados pelo terremoto. Escolhemos a cidade de Lioni, a cinquenta quilômetros de Avelino, que havia sido praticamente destruída. Chegamos de carro na tarde do dia 31 e ajudamos nos preparativos para a festa. Toda a cidade estava abrigada numa grande tenda. Os idosos se reuniam com os jovens voluntários vindos de toda a Itália que ainda estavam em Lioni ajudando na reconstrução.

Havia uma velha tradição na Itália, principalmente no sul, de na noite de 31 de dezembro atirar pela janela das casas o que já não se queria, o que não servia mais – roupas, louças, móveis. Naquela noite fria de 31 de dezembro de 1980, os habitantes de Lioni não tinham janelas, não tinham casas, mas queriam jogar fora a dor de tudo que tinha acontecido de ruim nos últimos quarenta dias.

Era impossível esquecer ou apagar o terremoto que havia destruído tantas vidas. Porém, era importante esperar por um futuro melhor. Foi emocionante participar daquela festa de esperança, ouvir e desejar *Auguri di Buon Anno*, Feliz Ano-Novo.

## ENTREVISTA COM SADDAM HUSSEIN

### BAGDÁ, 1981

Em junho de 1981, Ricardo Pereira, o repórter cinematográfico Benevides Neto e o então diretor de Jornalismo da Globo em Brasília, Toninho Drummond, embarcaram para Bagdá com a missão de entrevistar o presidente do Iraque, Saddam Hussein.

No início dos anos 1980, Saddam Hussein era o líder mais progressista e menos religioso do mundo árabe. Era visto como amigo, o “queridinho” do Ocidente e do Brasil. Comprávamos petróleo do Iraque e vendíamos armas e automóveis para eles. A Petrobras tinha um contrato de risco no norte do país através de uma subsidiária internacional chamada Braspetro. A pedido do governo iraquiano, o Brasil tinha indicado o general Samuel Alves Correa para ser embaixador no Iraque. A empreiteira Mendes Júnior havia levado cerca de 5 mil brasileiros para construir estradas no país. A Engesa, empresa brasileira de material bélico, vendia jipes e o Urutu, um tanque de guerra. As ruas de Bagdá estavam cheias de Passats de fabricação brasileira. A nossa presença no Iraque era importantíssima do ponto de vista econômico.

No dia 7 de junho de 1981, aviões de Israel bombardearam e destruíram um reator nuclear que estava sendo construído por uma empresa francesa em Osirak, nos arredores de Bagdá. Israel temia que Saddam Hussein pudesse vir a construir armas nucleares. Durante os dias seguintes, esperou-se a reação de Saddam.

Foi aí que o jornalista Toninho Drummond entrou em cena. Foi ao encontro do embaixador do Iraque no Brasil, Faiki Maki, e argumentou que todas as vezes que os iraquianos criticavam alguém, era por causa de Israel. Criticavam os americanos porque são aliados dos israelenses e acabavam falando apenas com as televisões dos Estados Unidos. Ele queria saber por que Saddam Hussein não escolhia uma televisão de outro país, por que não falava com a televisão brasileira, a Globo.

O embaixador comprou a ideia e convenceu o governo de Bagdá. Foi assim que conseguimos a entrevista. O Toninho tinha sido meu chefe em Brasília, antes de eu ir para Londres. Ele me ligou, combinamos os detalhes, nos encontramos em Roma e viajamos juntos para o Iraque – eu, Toninho e o cinegrafista Benevides Neto.

Quando chegamos a Bagdá, encontramos um país em guerra: desde setembro de 1980, o Iraque estava em conflito com o Irã. Caminhões do Exército passavam pela cidade levando soldados para o norte, para o front. Ouviam-se sirenes de alarme com a ameaça de ataques da aviação iraniana. Ao chegarmos, fomos para o hotel e esperamos. Um, dois, três dias e nada. Diziam que Saddam Hussein estava visitando as tropas. Passaram-se uma semana, dez dias e nenhum contato do presidente.

Um funcionário do governo passava o dia conosco. De vez em quando falava ao telefone e nos avisava: “Pode ser hoje à tarde. Talvez à noite, ou possivelmente amanhã”. Não podíamos sair do hotel. Durante onze dias fiquei dentro do hotel em Bagdá, num verão de 50°C. A cerveja mais popular do Iraque na época chamava-se Ferida. A nossa única diversão era pedir uma “Ferida bem gelada”.

Até que, na manhã do dia 28 de junho, o funcionário do governo me disse: “Vai ser agora a entrevista”. Eles nos colocaram num carro e nos levaram para um palácio. A entrevista demorou porque, embora falasse inglês, Saddam só dava entrevistas ou falava em público em árabe. Minhas perguntas eram traduzidas para o árabe, ele respondia em árabe, e o tradutor passava para o inglês. Tivemos que mandar as perguntas com antecedência. Normalmente é assim nesse tipo de entrevista. Porém, fiz outras não previstas. Ele respondeu a todas.

Além da nossa câmera, havia outra com os técnicos militares iraquianos. Eles gravaram tudo. Na entrevista, falou-se naturalmente sobre o ataque israelense ao reator. Saddam acusou o governo israelense de mentir, já que, segundo ele, o mundo inteiro sabia que o reator era para fins pacíficos, mas admitiu que, assim como Israel já tinha a bomba atômica, os países árabes também precisavam tê-la.

Hussein criticou fortemente a política de Israel em relação aos árabes. Afirmou que queria construir um Iraque moderno e forte. Falou ainda da guerra contra o Irã e acusou o governo iraniano, xiita, de tentar incentivar uma revolta dos xiitas no Iraque. Hussein fazia parte da minoria sunita. Acabou a entrevista insistindo na importância das relações com o Brasil, dizendo que pretendia visitar o país, e convidou o presidente brasileiro a ir ao Iraque. Ao final, me deu de presente um relógio com a assinatura dele e se despediu.

Voltamos para o hotel e nos preparamos para retornar a Londres naquela mesma noite. De repente, um imprevisto: três homens chegaram ao hotel numa van e pediram que eu os acompanhasse, sozinho. Disseram que eram do

Ministério da Informação. Claro que fiquei preocupado. Por via das dúvidas, resolvi colocar o relógio novo no pulso. Pensei que seria bom mostrar que o Saddam tinha me dado um relógio. Antes de sair, pedi ao Neto para avisar o Toninho. Como eu não voltava, eles começaram a se preocupar e chegaram a ligar para a Embaixada do Brasil pedindo ajuda. Fui levado para um edifício bem no centro de Bagdá. Fiquei fechado numa sala por umas três horas.

Nunca soube o motivo de tudo aquilo. Imagino que estivessem revendo a gravação da entrevista e quisessem, eventualmente, que eu cortasse algum trecho ou explicasse algum comentário. Ou, talvez, porque eu tinha gravado alguns planos de corte e apresentações depois da saída do Saddam Hussein. Por fim, me colocaram de novo na van e me levaram para o hotel. Tentei perguntar a razão daquilo, e eles disseram que não me entendiam e não falavam bem inglês.

Voltamos para Londres. Editamos e geramos o material, uma parte entrou no *Jornal Nacional*. A longa entrevista foi ao ar no *Globo Revista*, um programa da época, exibido às segundas-feiras no fim da noite. Foi o assunto daquela semana.

E voltou a ser assunto nove anos depois. Na madrugada do dia 2 de agosto de 1990, um Saddam Hussein, agora radical e religioso, ordenou que tropas iraquianas invadissem o Kuwait. Os americanos revidaram em janeiro de 1991. Iniciava-se a Guerra do Golfo.

E, novamente, treze anos depois, aquela entrevista mostrou sua relevância: Saddam Hussein se tornara o inimigo número um do Ocidente. O governo norte-americano – ainda sob o impacto dos atentados terroristas de 11 de setembro – acusava o Iraque de manter armas de destruição em massa. Em 19 de março de 2003, os Estados Unidos atacaram Bagdá. Nove meses depois, conseguiram localizar e prender Saddam Hussein. O ex-ditador iraquiano foi encontrado pelas forças norte-americanas na noite de 13 de dezembro num lugarejo ao sul da cidade de Tikrit, onde nasceu. Saddam ficou sob a guarda dos norte-americanos até o dia 30 de junho, quando foi entregue à justiça iraquiana para que fosse julgado por crimes contra a humanidade. Foi condenado em 5 de novembro de 2006. Em 30 de dezembro, foi enforcado em Bagdá. E a nossa entrevista entrou para a história.



Benevides Neto, Ricardo Pereira e Toninho Drummond entrevistam Saddam Hussein, Bagdá, 1981.

## CASAMENTO REAL

### LONDRES, 1981

O casamento de Charles, o Príncipe de Gales, e Diana Spencer, foi realizado em 29 de julho de 1981, em Londres, e assistido por mais de 600 milhões de pessoas em todo o mundo, via satélite. A Globo transmitiu a cerimônia ao vivo, com narração de Ricardo Pereira.

O casamento de Charles e Diana foi produzido como um espetáculo televisivo, como se fosse o último capítulo de uma novela, um conto de fadas, uma oportunidade perfeita para mostrar ao mundo a importância da monarquia britânica. Os produtores da BBC fizeram várias reuniões com os jornalistas e apresentadores estrangeiros para preparar o “show”. Nós recebemos o script com um nível de detalhes e precisão impressionantes, tudo era cronometrado. E, na hora, o protocolo funcionou como um relógio, na mais perfeita pontualidade britânica.

Nós trabalhamos num estúdio de transmissão montado pela BBC no centro de Londres. Os norte-americanos Barbara Walters e Peter Jennings, os apresentadores de televisão mais importantes da época, foram para a Inglaterra narrar a cerimônia ao vivo para os Estados Unidos pela rede ABC. Eles montaram uma operação de guerra: alugaram um hotel, trouxeram mais de cem produtores, repórteres, editores e técnicos que vieram dois meses antes do casamento para preparar a transmissão deles.

Eles tinham uma equipe de cem pessoas, mas nós tínhamos o Ingo Ostrovsky. Ele era o nosso produtor em Londres e foi quem coordenou todo o nosso trabalho, preparando cada detalhe, cada informação que nos servia na transmissão. E um furo de reportagem dele foi fundamental para a nossa transmissão ser ainda melhor. O Ingo descobriu onde estava sendo feito o bolo do casamento. Era numa base naval, no sul da Inglaterra. O príncipe tinha servido na Marinha, por isso o bolo seria feito lá.

A ABC descobriu que o Ingo tinha conseguido essa informação e propôs uma troca: a localização do bolo pela “Bíblia da Produção”, um “livro” que eles tinham preparado para os apresentadores deles com umas trezentas páginas. Tinha tudo, segundo por segundo, cara por cara, detalhe por detalhe do que ia acontecer no casamento. Com a “bíblia” na minha frente, eu sabia nome, idade, história, fofocas, tudo de cada convidado, de cada religioso, de cada parente

dos noivos, de cada pessoa que aparecia no vídeo. Fiquei sabendo que “às dez horas, quatro minutos e trinta segundos a carruagem da rainha vai passar na Trafalgar Square”. No segundo marcado, lá estava a carruagem. Ou seja, a minha transmissão foi muito melhor graças ao bolo do casamento. *Thanks, Ingo!*

Seguimos tudo ao vivo: os últimos preparativos; a chegada dos noivos e convidados à catedral de St. Paul; a cerimônia religiosa; o desfile pelas ruas de Londres, com milhares de “súditos” – todos queriam festejar o casamento –; a aparição na varanda do palácio de Buckingham; a entrada do casal no trem para a lua de mel e o “enfim sós”.

A audiência no Brasil foi enorme. Na época, a companhia telefônica do Rio, a Telerj, tinha um serviço de despertador: o telefone tocava na hora que você havia marcado para acordar. Como a nossa transmissão começou às seis da manhã – dez da manhã em Londres –, naquele dia o tal serviço bateu o recorde de pedidos.

## MORTE DE ANWAR SADAT

### CAIRO, 1981

Três anos depois de firmar um acordo histórico de paz com Israel em Camp David, o presidente do Egito, Anwar Sadat, foi assassinado por jihadistas muçulmanos em 6 outubro de 1981. Ricardo Pereira e o repórter cinematográfico Mario Ferreira participaram da cobertura.

Eu estava voltando de Donington Park, um autódromo no interior da Inglaterra, onde tinha feito uma matéria com o piloto Nelson Piquet, e ouvi no rádio que haviam assassinado o Anwar Sadat. Parei no primeiro posto de gasolina e telefonei para o nosso escritório em Londres. A produtora Cristiana Mesquita disse: “O Luís Fernando Silva Pinto está em Roma, pegando um avião para o Cairo. Você vai às cinco da manhã para Israel”. Fui com o Mario Ferreira, cinegrafista. Só que, quando chegamos a Tel Aviv, era Yom Kippur, o maior feriado judeu. Estava tudo fechado. Não havia nenhum tipo de transporte disponível e ninguém na rua. E, claro, nenhuma reação à morte de Sadat. Eu fiquei trancado no hotel, fazendo um *audiotape* – quando a matéria do repórter entra no ar apenas em áudio – para contar isso.

No dia seguinte, a Globo decidiu transmitir ao vivo o funeral de Sadat. E eu tinha que ir para o Cairo fazer a narração. Não havia passagem, todos os voos estavam lotados. A solução foi alugar um avião. Fomos nós e a equipe da CNN numa viagem histórica. A aeronave era pequena, voamos baixo sobre o deserto do Sinai, que era o foco da disputa entre Egito e Israel, até chegar ao Cairo. O próprio voo já dava uma matéria. Anos antes, fazer esse trajeto teria sido impossível. Mas tudo melhorou em 1978, quando Israel e Egito assinaram o acordo de paz de Camp David. E, na sequência, Israel devolveu a maior parte do Sinai ao Egito. Em 1979, Menachem Begin, primeiro-ministro de Israel, visitara o Cairo. Foi o primeiro líder israelense a visitar um país árabe. E agora voltava para o enterro de Sadat.



## FLAMENGO CAMPEÃO MUNDIAL

### JAPÃO, 1981

Com um time de craques, entre eles Zico, Júnior, Adílio e Nunes, o Flamengo garantiu o título na Copa Intercontinental em 13 de dezembro de 1981, em Tóquio, no Japão. Derrotou o Liverpool por 3 x 0. Ricardo Pereira e o repórter cinematográfico Benevides Neto acompanharam a festa da torcida rubro-negra.

O ano de 1981 foi o mais movimentado da minha vida de correspondente. Começou numa aldeia italiana destruída por um terremoto, cobri também a posse de Ronald Reagan nos Estados Unidos, uma tentativa de golpe na Espanha, a eleição de François Mitterrand na França, o atentado ao papa no Vaticano, entrevistei Saddam Hussein no Iraque, narrei o casamento de Charles e Diana em Londres, o enterro de Sadat no Egito e acompanhei o presidente João Figueiredo em viagens à França, a Portugal e à Alemanha.

E o ano acabou no Japão. Fui a Tóquio cobrir a viagem do ministro da Fazenda Delfim Netto. Como antes de ir para Londres eu cobria política em Brasília, fiquei com essa missão de acompanhar autoridades brasileiras pelo mundo.

Depois de três dias na capital japonesa tratando de economia, recebo uma mensagem da redação: “Ricardo, fica aí mais uma semana porque o Flamengo está chegando para jogar a final da Copa Intercontinental contra o Liverpool”. Para mim, era uma péssima notícia: eu, vascaíno doente, ia ter que cobrir o Flamengo. A Copa Intercontinental era o que hoje é o Mundial de Clubes.

Troquei de hotel para ficar com a delegação rubro-negra. Eu já estava no Japão com o cinegrafista Benevides da Mata Neto, e aí chegaram mais dois colegas: o Galvão Bueno, que ia narrar a partida, e o produtor Vitor Paranhos.

Antes de o time do Flamengo chegar, fizemos uma reportagem muito divertida. Eu falava alguma coisa do tipo: “Enquanto o time do Flamengo não chega, os torcedores japoneses começam a aprender a escalação para torcer”. E gravamos um “povo fala” – tipo de enquete em que o repórter pergunta sobre um certo assunto para várias pessoas – com japoneses tentando falar o nome dos jogadores. Foi muito engraçado. O goleiro Raul virou “Laul”; e o ataque com Lico, Tita e Zico parecia uma trinca de japoneses: “Lee-co”; “Tee-ta” e “Zee-co”.

O Flamengo deu um show de bola, vencendo por 3 x 0. Até eu, provavelmente o único vascaíno no Estádio Nacional de Tóquio, vibrei. O time do Flamengo naquele momento era incrível, e o Zico estava no auge. Ele foi escolhido o melhor jogador da partida, com Nunes, que fez dois gols. Ambos ganharam carros do patrocinador da Copa.

O jogo foi ao meio-dia de domingo no Japão – meia-noite de sábado para domingo no Brasil. No Rio, havia telões nas praças, foi uma grande conquista do futebol brasileiro. Flamengo, campeão mundial de clubes!

Hoje, lembrando aquela festa do Flamengo em Tóquio, naquele dia 13 de dezembro, imagino que eu estava festejando também o meu ano de 1981 que chegava ao fim. Com muito sushi e muito champanhe, certamente exausto, mas muito feliz.

## COPA DO MUNDO

### ESPANHA, 1982

A Globo conseguiu a transmissão exclusiva da Copa do Mundo de 1982, e os jogos foram exibidos, pela primeira vez, ao vivo para todo o Brasil. A equipe da Globo tinha 150 profissionais e repórteres nas catorze cidades-sede da Espanha. Ricardo Pereira acompanhou a seleção de Telê Santana, que acabou derrotada pela Itália.

A Copa do Mundo de 1982 era importante por duas razões: pela primeira vez, era exclusiva da Globo. Só nós íamos transmitir os jogos. A segunda é que tínhamos a melhor seleção brasileira desde 1958. O time era o favorito. Uma seleção com Zico, Sócrates, Júnior, Toninho Cerezo, um supertime. Não havia dúvida de que íamos para a final, mas acabamos perdendo para a Itália, em Barcelona, ainda nas quartas.

Eu fazia as chamadas “matérias de comportamento”, as reportagens “charmosas”. Outros repórteres cobriam o dia a dia da seleção brasileira, os treinos, faziam as entrevistas em campo. Tínhamos muito espaço e muita possibilidade de fazer matérias curiosas, diferentes. Era uma cobertura que nos permitia acesso aos jogadores. A Copa da Espanha foi uma festa.

Durante os jogos, eu participava da transmissão. Ficava no meio da torcida, ao lado de alguém importante, e uma câmera exclusiva da Globo me enquadrava para *flashes* ao vivo. Eu procurava coisas interessantes para fazer e entrava no ar. Às vezes, dava sorte: na hora que o Zico fez um gol, no jogo contra a Escócia, eu estava sentado ao lado da mãe dele, e entrei ao vivo com a festa do gol.

Depois da partida contra a Escócia, quando o Brasil jogou muito bem e ganhou de 4 x 1, os jogadores voltaram para a concentração no Parador Carmona, um monastério transformado em hotel, perto de Sevilha, e iam chegar bem na hora do *Jornal Nacional*. Nós íamos entrar ao vivo no telejornal. Hoje é uma operação rotineira. Só que, em 1982, não havia telefone celular, nem fax, só telex e telefone fixo. Mário Jorge de Oliveira Alves, da Engenharia, ficou no saguão do hotel com o telefone, em contato com o Brasil, e um técnico ficou em cima do muro do velho monastério para me avisar quando o Cid Moreira me chamasse ao vivo. Na hora que o ônibus da seleção parou no portão do hotel, eu gritei para o técnico, que gritou para o Mário

Jorge, que avisou por telefone o Rio. O Cid Moreira disse: “E, agora, ao vivo da Espanha”. O Mário Jorge gritou para o técnico em cima do muro, que gritou para mim, e eu entrei ao vivo entrevistando os jogadores e o Telê Santana. Uma operação de guerra.

## ZICO NA PISCINA

Outra matéria também ficou marcada nessa cobertura: o Zico na piscina. As famílias dos jogadores estavam hospedadas no mesmo hotel que a equipe da Globo, em Sevilha. E, num dia de folga, depois de uma vitória, os jogadores foram tomar banho de piscina e conversar no bar. Era um clima totalmente diferente do que é hoje.

O cinegrafista Orlando Moreira, que além de ser um dos melhores que eu conheço sempre foi fascinado por tecnologia, falou sobre um microfone sem fio que captava conversas à distância e sugeriu que eu fizesse uma “passagem” na piscina. Eu falei: “Não, ‘passagem’ não, vamos ver se o Zico topa falar, e a gente vai fazer essa entrevista em que ninguém vê microfone”. Foi uma brincadeira, e o Zico era o Zico, a seleção era aquela alegria, era um dia que não tinha jogo, e o *Jornal Nacional* entrou com isso. O charme era o uso da “nova tecnologia” que nos permitia fazer uma entrevista diferente, inusitada. Até hoje, quando alguém me reconhece e se recorda das minhas reportagens, a entrevista do Zico na piscina sem microfone é sempre lembrada.

## A TRISTEZA DO SARRIÁ

Entretanto, no dia 5 de julho de 1982, eu fiz a matéria mais triste daquela Copa. O Brasil perdeu para a Itália, foi eliminado, e eu tive que acompanhar a volta da seleção brasileira para o hotel. Eu não estava no Mineirão no 7 x 1 da Alemanha em 2014, nem no Maracanã no 2 x 1 do Uruguai em 1950, mas estava no Sarriá, em Barcelona, naquele terrível, cruel e injusto 3 x 2 para a Itália. Eu me lembro de todo mundo chorando ao meu lado. A festa de Barcelona tinha virado tragédia. Saí de lá com lágrimas nos olhos. Peguei o carro e fui esperar a seleção brasileira. Fiquei perto do ônibus, os jogadores todos descendo, eu não conseguia falar nada, não sabia o que perguntar, porque qualquer coisa era óbvia, todos choravam, eu chorava. Não me lembro do que escrevi no meu texto. Ninguém queria responder nada, e eu também não queria perguntar nada. Por fim, só entrevistei o Sócrates, que era o capitão da equipe. Não lembro nem o que eu perguntei nem o que ele respondeu. Ali acabou a nossa Copa: da seleção, do Brasil e da Globo.

“Tínhamos uma arma secreta: um microfone direcional acoplado a uma parabólica, que captava o som nítido. Sugerí ao Ricardo uma ‘passagem’ na água ao lado do Zico. De forma discreta, ele fez uma bela entrevista na piscina. Foi o maior sucesso no *Jornal Nacional*.” – Orlando Moreira

## V ALE DO BECA, ENTRE A SÍRIA E O LÍBANO, 1982

Entre 1981 e 1985, Ricardo Pereira foi várias vezes ao Líbano. Em 1982, descobriu uma aldeia de brasileiros e fez uma matéria especial para o *Jornal Nacional*.

Como correspondente, fiz algumas viagens ao Líbano. Em certas ocasiões, com o aeroporto de Beirute fechado pelos bombardeios, o jeito era ir de carro de Damasco, na Síria, até lá.

Numa dessas viagens, alguém na fronteira nos contou sobre uma aldeia onde havia muitos brasileiros. Ficava bem no Vale do Beca, entre a Síria e o Líbano. Fomos lá para confirmar a história. Quando chegamos a Sultan Yacoub, vilarejo libanês situado no Vale do Beca, vimos logo uma placa com o seguinte anúncio: “Vende-se leite de cabra”, em português. Acabamos fazendo uma reportagem para o *Jornal Nacional* em setembro de 1982. A história era a seguinte: muitos anos antes, um grupo de imigrantes saiu dali e foi para São Paulo; constituíram família no Brasil e convidaram mais parentes para se juntarem a eles. Quando se aposentaram, voltaram para o Líbano, e o processo se repetia há décadas. Em São Paulo, a região de Santo Amaro reúne uma grande quantidade de imigrantes muçulmanos do Vale do Beca.

Então, essas pessoas que encontramos em Sultan Yacoub eram ex-imigrantes, gente que tinha vivido no Brasil e voltado para o Líbano. Além de contar a história deles, foi uma das melhores reportagens sobre a situação de guerra na região. Afinal, tínhamos uma visão pessoal, brasileira. Naquela aldeia, vimos e mostramos o que a guerra estava fazendo com aquelas pessoas.

## GUERRA DAS MALVINAS, 1982 – 1983

A Guerra das Malvinas ocorreu entre abril e junho de 1982 envolvendo Inglaterra e Argentina. Quase 150 anos depois de os britânicos terem ocupado as ilhas, a Argentina quis reaver o território, a quatrocentos quilômetros de sua costa. O Reino Unido reagiu. Em 1983, Ricardo Pereira e o repórter cinematográfico Newton Quilichini registraram a situação do arquipélago um ano depois do conflito.

Em 1982, nas Ilhas Malvinas, como chamam os argentinos, ou *Falkland Islands*, como as denominam os ingleses, viviam apenas 1,8 mil pessoas e 400 mil carneiros, no meio do Oceano Atlântico, com um clima horrível e uma ventania constante.

Não era exatamente um lugar valioso. Sua maior riqueza, que na época estava para ser garantida pelas Nações Unidas, é a área de mar ao redor, onde há petróleo e pesca a serem explorados. Mesmo assim, em 1982, ninguém achava que aquelas ilhas valiam uma guerra. Por razões de política interna, pois precisava de apoio popular, o ditador argentino Leopoldo Galtieri resolveu apelar para o patriotismo e mandou invadir as ilhas, achando que os ingleses não iriam reagir. Errou.

A primeira-ministra britânica Margaret Thatcher enviou mais de 120 navios para a ilha. Foi uma viagem de mais de 12 mil quilômetros. No filme *A Dama de Ferro* (2011), isso fica claro quando todos os assessores dela dizem: “Não se mete nisso, deixa para lá”. E mesmo assim ela insiste. Thatcher viu naquela bravata de generais argentinos a oportunidade para reviver o orgulho do velho império e a força da Armada britânica nos mares. Acertou.

O resultado foi uma guerra absurda, que durou 74 dias e causou a morte de 652 argentinos e 255 ingleses.



## A VIAGEM ÀS MALVINAS

Com exceção dos jornalistas ingleses, que estavam com as tropas, nenhum outro jornalista conseguiu autorização para cobrir a guerra no local. As informações dos dois lados eram fornecidas pelos governos. Nós, na Inglaterra, cobrimos a guerra com as imagens da TV inglesa e informações dadas diariamente nos briefings – instruções e diretrizes entregues aos responsáveis pela cobertura jornalística – do Ministério da Defesa britânico. A guerra acabou em 14 de junho de 1982 e, a partir daí, comecei a solicitar autorização para uma equipe da Globo ir até lá.

Foi uma coisa meio de insistência: eu telefonava para o Ministério da Defesa todo dia. Falava da importância da Globo e da América Latina, da geo-política do continente, que era mais importante nós irmos do que os norte-americanos. Eles, afinal, concordaram. Em março de 1983, eu e o repórter cinematográfico Newton Quilichini embarcamos da base aérea de Brize Norton, próxima a Oxford.

Voamos oito horas até a Ilha de Ascensão, que é uma base militar no meio do oceano. Ficamos lá algumas horas e pegamos outro avião militar, tipo Hércules C-130, desses de carga, e fomos até as Ilhas Malvinas. Mais sete horas de voo.

Quando decolamos, não sabíamos se conseguiríamos aterrissar na capital das ilhas, Port Stanley. Por causa dos ventos fortes que sopram quase sempre, frequentemente não se conseguia descer. Como não havia outro aeroporto, quando isso acontecia, era preciso voltar para a Ilha de Ascensão. Mais sete horas.

Por isso, antes de chegar a Port Stanley, o avião tinha que ser reabastecido em voo, para, na eventualidade de ter que voltar, estar com combustível suficiente. É uma operação impressionante que eu nunca tinha visto. De repente, aparece um avião enorme, um grande tanque de gasolina, que solta um tubo, cola na sua aeronave e abastece lá em cima, em pleno ar.

Ficamos em Port Stanley durante uma semana gravando para um *Jornal da Globo* especial. A capital é uma típica aldeia inglesa no meio do nada, com a Union Jack – a bandeira do Reino Unido – tremulando na praça, uma cabine telefônica vermelha tradicional e um único hotel, que estava sempre lotado de militares. Ficamos hospedados na casa de uns funcionários do governo, que nos deram um quarto.

Quase um ano depois da guerra, o que vimos mostrava que tudo o que tinha acontecido ali era ainda mais absurdo. Durante os conflitos, fiz uma reportagem para o *Fantástico*, em Londres, quando o porta-voz do governo anunciou que “as forças de Sua Majestade atacaram e retomaram Goose Green”. Era a grande notícia do dia, uma conquista importante. Quando cheguei lá, encontrei quatro casas, uma igreja e uma praça gramada no meio. Era um total absurdo que alguém tivesse morrido na “batalha de Goose Green”.

Visitamos cemitérios e monumentos aos mortos dos dois lados. Nos campos, entre os milhares de carneiros, achamos clareiras, trincheiras, roupas, munição e o diário de um soldado argentino, um rapaz de dezoito anos que contava suas rotinas, seus medos. E ele acreditava que “*vamos a ganar*” e “*las Malvinas son argentinas*”. Tinha certeza da vitória.

Sabemos que não ganharam e que as ilhas não são argentinas, mas nunca consegui saber quem era o soldado do diário e se ele voltou para casa.

“De Londres, fomos enviados às Malvinas, fazia um frio intenso. Na capital, me impressionou o cemitério cheio de cruzes com mortos argentinos. Vimos muitos destroços de tanques e jipes de guerra. Nas ruas, havia mais carneiros do que gente.” – Newton Quilichini



Um ano após o fim da guerra, Ricardo Pereira e Newton Quilichini gravam num cemitério nas Malvinas, 1983.

CHEFIA DO ESCRITÓRIO  
LONDRES, 1983

Em 1983, Bob Feith voltou ao Brasil para dirigir o *Globo Repórter* e virei chefe do escritório da Globo em Londres. Na época, éramos 25 pessoas na capital britânica. Os correspondentes, cinegrafistas, editores e produtores estavam baseados em Londres e viajavam pela Europa e para a África e o Oriente. Com a tecnologia da época, fazia mais sentido centralizarmos tudo num único escritório. Além disso, por conta da situação política no Brasil, a cobertura internacional tinha uma presença maior nos telejornais. Começamos a fazer as entradas ao vivo. Além dos telejornais diários, produzíamos para o *Fantástico*, o *Globo Repórter* e para a editoria de esporte.

No início dos anos 1980, houve a substituição do filme pelas fitas de videoteipe (VT). Mudou o tipo de reportagem que os correspondentes internacionais faziam. Um exemplo: quando você registrava uma cobertura com filme, podia estar na Itália, na França, em Portugal, em qualquer lugar, tinha que esperar pelo menos 45 minutos enquanto o filme era revelado. Naqueles 45 minutos, você parava e pensava um texto direito, dava para consertar, ver se a concordância verbal estava certa, criar uma imagem, rebuscar o que ia escrever. Quando chegou o VT, já não havia mais aqueles 45 minutos. Você chegava, sentava na ilha de edição e fazia tudo correndo. Ganhamos velocidade. E, a partir daí, tudo passou a ser mais rápido.

## AS MEDALHAS DE JOAQUIM CRUZ HELSINQUE, 1983, E LOS ANGELES, 1984

Entre 7 e 14 de agosto de 1983, foi realizado o Campeonato Mundial de Atletismo de Helsinque, capital da Finlândia. Ao perceber o avanço do atleta brasileiro Joaquim Cruz, Ricardo Pereira e o repórter cinematográfico Newton Quilichini foram para a Finlândia cobrir o evento. Um ano depois, o repórter foi à Olimpíada de Los Angeles e comentou, ao vivo, a medalha de ouro do atleta na prova dos oitocentos metros rasos, com narração de Osmar Santos.

Em agosto de 1983, estávamos no escritório de Londres acompanhando o Campeonato Mundial de Atletismo de Helsinque e começamos a perceber que um brasileiro chamado Joaquim Cruz ia muito bem nas eliminatórias dos oitocentos metros. Quando ele se classificou para as quartas de final, alertamos o Henrique Coutinho, que coordenava os correspondentes: “Olha, tem um brasileiro que pode ganhar medalha no Mundial de Atletismo”. Mas como não tínhamos os direitos de transmissão do campeonato, não era possível fazer a cobertura e fomos orientados apenas a ficar atentos para dar a notícia.

Joaquim Cruz ganhou as quartas, venceu a semifinal e chegou à final como um dos favoritos para uma medalha. Resultado: tudo mudou. O Coutinho ligou às pressas e o repórter cinematográfico Newton Quilichini e eu corremos para Helsinque.

O que não me avisaram é que, quando nos colocaram no avião, ainda não tinham fechado os direitos para o campeonato. Chegamos a Helsinque, fomos nos credenciar e tivemos um problema com a organização: “A Globo não comprou os direitos. Vocês não têm credenciais. Nem podem entrar no estádio”.

No dia 9 de agosto de 1983, eu ouvi a prova do Joaquim Cruz no rádio de um ônibus no estacionamento do estádio. Um motorista que falava um péssimo inglês nos traduzia a narração em finlandês: a cem metros do final, Joaquim Cruz era o primeiro, cedeu a ponta e foi ultrapassado por outro corredor quase na linha de chegada – acabou em terceiro, medalha de bronze.

Descobrimos que esses ônibus eram para os atletas e que todos eles iam passar por ali. Ficamos esperando. Dentro do estádio, acontecia a cerimônia

das medalhas que, naturalmente, nós não vimos. Duas horas depois, Joaquim Cruz aparece. Eu me aproximo, me apresento, dou os parabéns e peço a entrevista. Ele estava visivelmente mal-humorado. Eu achei que tinha sido pela corrida. Quase ouro, quase prata, acabou com o bronze. Mas não. Ele estava contente com o terceiro lugar. O mau humor era com a Globo. Toda a delegação brasileira estava “chateada” porque a emissora não tinha comprado os direitos, ou seja, não estava cobrindo o campeonato. Eles achavam que era falta de apoio ao atletismo porque, naturalmente, sem a cobertura da Globo, o campeonato teria menor repercussão no Brasil. Então, ele ficou achando que era oportunismo nós irmos lá para entrevistá-lo só porque ele tinha ganhado uma medalha. Achava injusto com seus companheiros. Conversamos um pouco, expliquei a nossa posição, e ele concordou com a entrevista, que foi ao ar no *Jornal Nacional*.

Ele estava com o macacão azul, uniforme da equipe brasileira, e a medalha pendurada no pescoço, mas escondida dentro do casaco. No meio da entrevista, eu pedi: “E agora mostra a sua medalha”. Ele respondeu: “Não, não mostro, a medalha é minha”. Eu insisti: “Mostra para o público, para o Brasil”. E ele: “Não, não, todo mundo viu lá dentro, quando eu ganhei, agora eu não vou mostrar, não”. Eu fiquei com a cara de bobo, disfarcei, agradei e pronto.

Enquanto isso, tudo estava acontecendo. A Globo tinha, afinal, fechado a compra dos direitos do campeonato inteiro para ter aquelas imagens do interior do estádio. Estávamos no início do campeonato, que durava duas semanas.

Quando chegamos ao hotel naquela noite, tinha um telex que informava o seguinte: “Como agora nós compramos os direitos, vocês vão ficar aí até o final do campeonato, cobrindo as provas e fazendo entrevistas. Vamos ter um boletim especial todas as noites”. Resultado: adiamos nossas passagens, estendemos nossa reserva no hotel, compramos roupas e livros sobre atletismo. E passei a conhecer os maiores atletas do mundo: Carl Lewis, Daley Thompson, Pietro Mennea, Edwin Moses, Marita Koch, Mary Decker, entre outros.

## OLIMPÍADAS DE LOS ANGELES

Um ano se passou e chegamos às Olimpíadas de Los Angeles, em 1984. Depois da experiência no Mundial da Finlândia, acompanhei todas as eliminatórias na Europa e acabei escalado para ser comentarista das provas de atletismo, que eram narradas pelo Osmar Santos. Minha missão era apoiar e informar nas transmissões ao vivo. E eu me preparei para isso. Todos aqueles atletas que eu tinha conhecido e acompanhado desde Helsinque eram as grandes estrelas das Olimpíadas de Los Angeles. Entre eles, o nosso Joaquim Cruz.

No dia 6 de agosto de 1984, Osmar Santos e eu narramos ao vivo pela Globo o primeiro ouro olímpico de um corredor brasileiro: a medalha de Joaquim Cruz. Um ano depois daquela tarde de Helsinque, eu estava no Coliseu de Los Angeles. Assisti à corrida, vibrei na chegada, chorei de emoção na hora do pódio vendo a bandeira brasileira e voltei a entrevistar o agora campeão olímpico. Acabei a entrevista lembrando aquela história do ano anterior. “Mas hoje você vai me mostrar a medalha, né?” Ele abriu um sorriso e mostrou a medalha de ouro.

## O ENCONTRO DE REAGAN E GORBACHEV GENEBRA, 1985

Nos dias 19 e 20 de novembro de 1985 ocorreu em Genebra o encontro de cúpula entre o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, Mikhail Gorbachev, e o presidente norte-americano Ronald Reagan. Os repórteres Ricardo Pereira e Silio Boccanera e o repórter cinematográfico Luiz Demétrio Furkim fizeram a cobertura.

Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev chegaram a Genebra cercados de pessimismo por todos os lados. Afinal, Reagan tinha chamado a União Soviética de “Império do Mal”, e Gorbachev parecia ser mais um dos tantos burocratas saído das fileiras do Partido Comunista Soviético.

Nada poderia indicar o que aconteceu: os dois simplesmente se deram bem. Conversaram muito. Muito mais do que o previsto. Passearam pelos jardins sem assessores por perto. Acabaram se entendendo. E, mais importante, confiando um no outro.

Muitas vezes, esses encontros de alto nível – que os americanos chamam de *summit* – valem mais pelo simbolismo do que por acordos assinados ou comunicados divulgados no final. As imagens daqueles dias mostraram os dois homens mais poderosos da Terra, que podiam destruir o mundo com uma guerra nuclear, conversando como duas pessoas normais. Claro que depois os dois lados disseram que tinham preparado tudo, nada havia sido improvisado.

No primeiro encontro, Reagan sai para receber Gorbachev no jardim. Vem de terno, sem sobretudo. Isso lhe dá um ar mais jovem, forte. Gorbachev chega de capote e cachecol. Parecia mais fraco. Os russos, por sua vez, investiram na imagem de Raisa, esposa de Gorbachev. Inteligente e charmosa, Raisa acabou aparecendo mais do que sua colega americana. Dizem que Nancy Reagan ficou furiosa.

A nossa cobertura mostrou bem os dois lados: os temas concretos do desarmamento, as dificuldades de se chegar a um acordo, depois de tantas acusações nos meses e anos precedentes. Mas também o lado mais humano: o sucesso do *summit* foi o fato de os dois terem gostado um do outro.

Como era tudo muito esquemático, muito limitado, programado, eu e o Silio Boccanera trabalhamos com apenas um cinegrafista, Luiz Demétrio Furkim, o Baiano. Naquela época, muitas das câmeras de vídeo tinham um gravador



separado, levado por um assistente. Para o primeiro encontro, só davam duas credenciais para cada equipe. Todos os cinegrafistas levaram seus assistentes. Menos o nosso Baiano, que carregou ele mesmo todo o equipamento, e demos o segundo passe para o Silio.

O *summit* de Genebra quebrou o gelo entre Reagan e Gorbachev e abriu caminho para negociações longas, mais importantes. Hoje, alguns historiadores acham que quando Gorbachev teve a impressão de que podia confiar em Reagan e nos americanos, se sentiu mais seguro para iniciar suas reformas – a *Perestroika* –, que resultaram na Queda do Muro de Berlim, em 1989, e no fim da União Soviética, em 1991. Aquele encontro em Genebra era um sinal do fim da Guerra Fria. Quando saímos de Genebra, o mundo era um pouco mais seguro. A ameaça da guerra tinha dado lugar à esperança de paz.

Essa foi a última reportagem que eu fiz como correspondente da Globo. Acho que acabei bem!

## VIDA DE CORRESPONDENTE

Desde 1985, morei na Itália e em Portugal, continuei viajando, trabalhando em televisão em várias funções e diferentes situações, mas sempre flertando com a ideia de voltar à reportagem. E, em duas ocasiões, voltei.

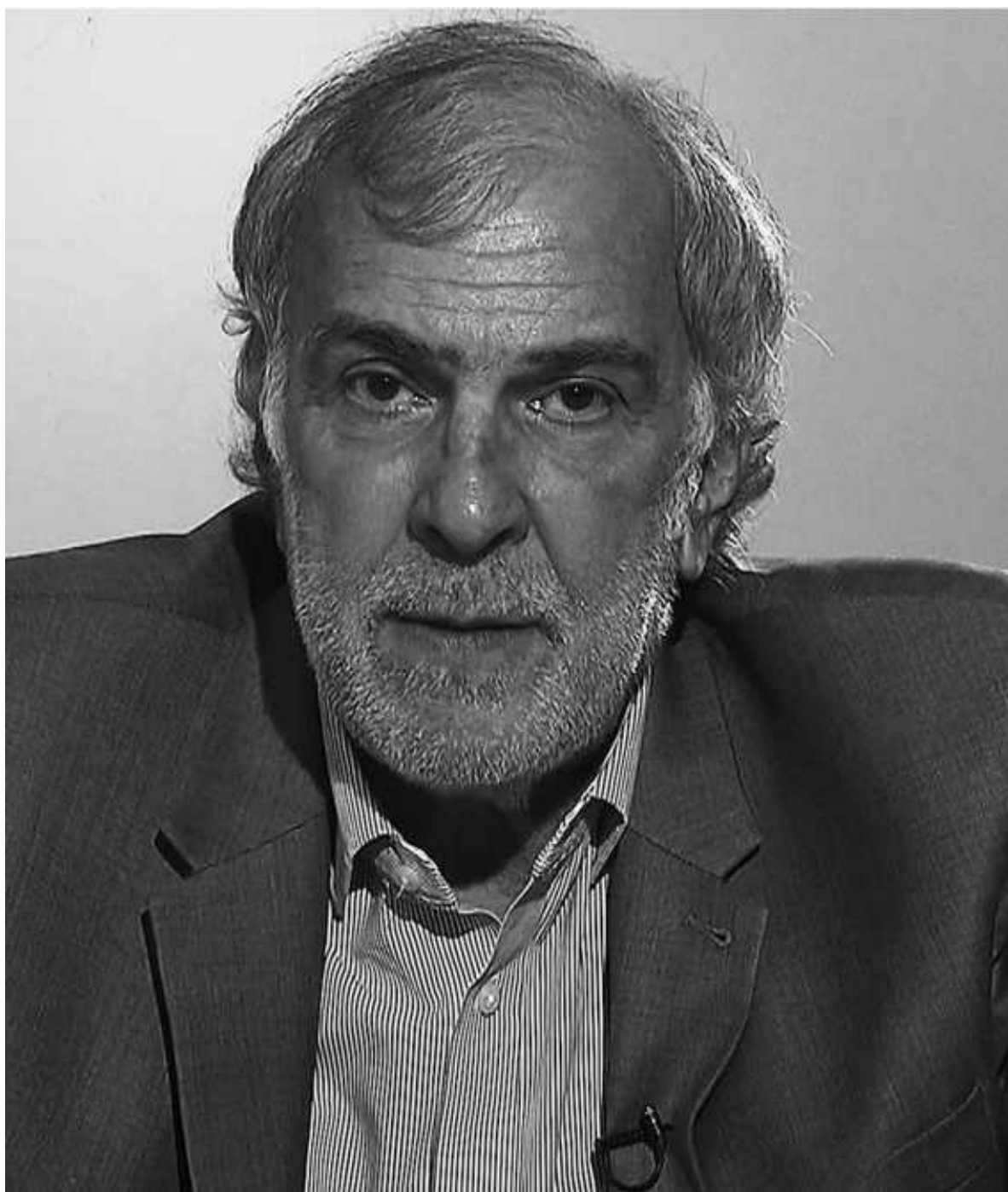
Em maio de 1987, eu era diretor da Telemontecarlo. Nós produzíamos a transmissão do Grande Prêmio de Mônaco de Fórmula 1. Antes da corrida, conversei com Ayrton Senna sobre nossos tempos na Inglaterra, eu na Globo, e ele na Fórmula 3. Tínhamos ficado amigos nessa época. Quando Senna venceu, eu, vibrando, arranquei o microfone do meu repórter italiano, que estava na pista para entrevistá-lo para a TV italiana. Fiz a entrevista em português e mandei para a Globo.

Em dezembro de 2013, eu já era diretor da Globo em Portugal e fui a Luanda para uma série de reuniões sobre nossos canais que fazem muito sucesso em Angola. Uma noite, quando voltei para o hotel, vi um grupo de angolanos em frente à TV, chorando. Nelson Mandela tinha morrido.

Eu estava a duas horas de voo da África do Sul. Mandeí um e-mail para a Eugenia Moreyra, diretora da GloboNews, e perguntei se para aquela cobertura serviria “um velho repórter que estava tão perto da notícia”. Ela concordou. Na manhã seguinte, eu estava em Joanesburgo, onde trabalhei com a repórter Bianca Rothier na cobertura da morte de Mandela.

E NO FUTURO, QUEM SABE?

Quando me perguntam sobre a profissão de jornalista, cito sempre uma definição deliciosa dada pelo italiano Luigi Barzini, contratado em 1900 como correspondente do *Corriere della Sera*: “Ser jornalista é difícil, cheio de responsabilidade, com horários longos, à noite e até nos feriados; mas... é sempre melhor do que trabalhar”.



SERGIO MOTTA MELLO

SERGIO MOTTA MELLO NASCEU em 30 de maio de 1946, em São Paulo. Formou-se em Jornalismo pela Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Sua carreira profissional como jornalista começou na *Folha de S. Paulo*, em 1970. Em 1972, foi para o jornal *O Estado de S. Paulo*, onde trabalhou como repórter e correspondente internacional.

A trajetória de Sergio Motta Mello na Globo teve início em 1977. O jornalista ingressou como repórter especial de política em Brasília. Algumas das suas matérias de maior destaque dessa época foram sobre as resoluções políticas do governo Ernesto Geisel no fim da década de 1970, como a revogação do Ato Institucional nº5, o AI-5, e o fim da censura aos meios de comunicação.

Além da cobertura política, Sergio Motta Mello dedicava-se também a assuntos internacionais relacionados à América Latina. Entre as reportagens realizadas nesse período estão as coberturas da vitória de Augusto Pinochet no plebiscito chileno, em 1978, e da Guerra Civil na Nicarágua, quando conseguiu uma entrevista exclusiva com o ditador Anastasio Somoza, em junho de 1979.

Em setembro do mesmo ano, o jornalista aceitou a proposta da Globo de ser correspondente em Nova York. Na sucursal norte-americana, trabalhou ao lado de Lucas Mendes e Hélio Costa. Entre as coberturas desse período, destaca-se a da Revolução do Irã, com a invasão da Embaixada dos Estados Unidos em Teerã e a tomada de diplomatas como reféns, em novembro de 1979.

Em 1982, implantou o escritório da emissora em Washington, onde permaneceu até 1985. No período em que esteve à frente da sucursal, cobriu assuntos relacionados à política internacional, como o encontro de Ronald Reagan com o presidente do Egito, Hosni Mubarak, em 1983, para discutir a retiradas das tropas israelenses do Líbano; em 1984, a visita da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher aos Estados Unidos, as negociações de paz em El Salvador e as eleições presidenciais norte-americanas; e, em 1985, o sequestro do avião da TWA por grupos xiitas.

Em julho de 1985, Sergio Motta Mello voltou ao Brasil e passou a trabalhar como repórter especial do *Fantástico*. No ano seguinte, deixou a Globo para abrir a TV1, produtora de conteúdo audiovisual que deu origem ao grupo de comunicação e marketing de mesmo nome.



## ENTRADA NA GLOBO, 1977

Sempre fui fascinado pelo jornalismo de televisão, do qual tivera referências quando fui correspondente para a imprensa escrita no exterior. Achava que era uma coisa nova, moderna. Eu trabalhava no jornal *O Estado de S. Paulo*, onde fui contratado em 1972, quando fui sondado pela Globo. Decidi buscar novas oportunidades e aceitei. Estávamos em 1977. Fui trabalhar com Luiz Fernando Mercadante, editor-chefe, e Woile Guimarães, o chefe de reportagem em São Paulo.

Na época, a cobertura da Globo São Paulo era ainda muito local, então fui chamado para fazer reportagens especiais. Eu iria cobrir política em Brasília e outros assuntos da América Latina, que era um trabalho que eu já fazia no *Estadão*. Lá, eu era uma espécie de repórter itinerante. Cobri muitos episódios importantes na América Latina nos anos 1970: as eleições na Venezuela, o governo militar no Chile, as crises políticas na Argentina.

O repórter político em Brasília era o Geraldo Costa Manso, que morreu muito precocemente. Ele teve um problema de coração aos 26 anos, sofreu uma parada cardíaca e faleceu em casa, em Brasília, vítima de edema pulmonar.

A televisão era muito controlada pela censura, existia uma fiscalização externa e uma preocupação interna muito grande de não ultrapassar os limites, de informar sem transgredir a ordem vigente, sem causar atritos. Então, era um desafio enorme do ponto de vista de linguagem.

O regime militar estava entrando em declínio, tanto pelo desgaste do autoritarismo e a pressão da sociedade pela redemocratização, quanto pela crise econômica, que surgira no quadro da crise global após o choque do corte das exportações de petróleo pelos países produtores, em 1973. Então, havia uma movimentação política grande em Brasília, mas meio subterrânea, com novas e antigas lideranças da sociedade civil articulando secretamente com a ala mais aberta das Forças Armadas e representantes da Igreja Católica para tentar viabilizar a transição para a democracia, o fim da censura e uma anistia que permitisse a volta dos exilados.

Nesse clima, era um desafio apurar o que realmente estava acontecendo e obter fontes confiáveis. Precisávamos ser muito hábeis para driblar a censura e, principalmente, a autocensura. Tínhamos que fazer a matéria no limite do possível, para que ela pudesse ser veiculada. Mas era certamente muito



gratificante estar acompanhando tudo isso de perto, em Brasília, e poder relatar essas perspectivas de abertura política para a opinião pública.

No período em que fui correspondente nos Estados Unidos, eu sempre voltava uma vez por ano ao Brasil para participar de coberturas políticas, como a eleição de 1982, que elegeu o Franco Montoro para o governo do estado de São Paulo. Era a primeira eleição direta para o cargo após quase vinte anos. Olhando em retrospecto, o pleito foi realmente importante, porque o Montoro se revelaria, na sequência, um dos principais articuladores do movimento das Diretas Já, iniciado em março de 1983, e da eleição de Tancredo Neves à presidência, em janeiro de 1985. Além disso, a eleição de Montoro acabou liberando sua vaga no Senado para o Fernando Henrique Cardoso, que era, então, apenas um sociólogo conhecido por uma pequena elite. Depois faria a carreira política que conhecemos.

## ENTREVISTA COM AUGUSTO PINOCHET CHILE, 1978

Após denúncias de violação dos direitos humanos durante o regime militar de Augusto Pinochet no Chile, foi realizado, em 4 de janeiro de 1978, um plebiscito com o objetivo de consultar a população sobre a legitimidade do governo. O resultado da votação foi de 75% a favor de Pinochet. O departamento de estado norte-americano afirmava serem ilegais as condições nas quais foi realizada a votação. Sergio Motta Mello conseguiu uma entrevista exclusiva com o general.

A entrevista, exibida no programa *Painel* em janeiro de 1978, ganhou destaque porque foi uma rara oportunidade de conversar diretamente com o general Pinochet não apenas sobre a legitimidade da eleição, que estava sendo questionada internacionalmente, mas também sobre a questão dos direitos humanos no Chile, assunto que havia entrado em pauta com força no Brasil. Nessa época, também vivíamos sob um regime militar, havia censura à imprensa, mas estávamos iniciando o processo de abertura política que levaria, sete anos depois, à redemocratização.

Havia todo um contexto político desafiador como pano de fundo dessa cobertura. Todos sabiam dos contatos entre os regimes militares da América Latina e, por isso, decidi perguntar sobre o que ele achava da indicação do general João Batista Figueiredo para suceder o general Ernesto Geisel na presidência do Brasil – o que acabou se concretizando no ano seguinte, em março de 1979. Direitos humanos era um tema muito sensível também em nosso país. Naquela época, os Estados Unidos, sob o governo do presidente Jimmy Carter, estavam liderando a defesa dos direitos humanos frente aos abusos cometidos pelas ditaduras latino-americanas. E faziam pressão econômica nesses países. Os militares brasileiros consideravam essas pressões uma ingerência nos assuntos internos. Ou seja, falar em direitos humanos era problemático.

Conseguir a entrevista com o Pinochet já foi um grande trunfo, porque os presidentes militares não falavam com a imprensa, não se comunicavam com a sociedade. Eu mesmo tinha participado como jornalista, em setembro de 1976, ainda no *Estadão*, da primeira entrevista concedida por um general-presidente no Brasil, justamente o Geisel. E nem fora exatamente concedida, mas uma

oportunidade que surgiu para um grupo de jornalistas durante uma viagem do presidente ao Japão, quando a imprensa e a equipe governamental estavam no trem-bala, indo de Tóquio a Quioto, e a assessoria de imprensa e a segurança de Geisel baixaram a guarda.

Lembro que, enquanto me preparava para a entrevista com o Pinochet, eu estava bastante preocupado. Havia uma tensão muito grande, e o risco de que ele pudesse interromper a entrevista a qualquer momento. O Pinochet tinha uma fama terrível de ser muito autoritário. Era o líder de um golpe violento que bombardeara o palácio presidencial de La Moneda para derrubar, em setembro de 1973, um presidente eleito, o Salvador Allende, que, por sinal, acabou se suicidando durante a resistência ao golpe. Eu ia estar frente a frente com o líder de uma ditadura que havia assassinado ou obrigado a fugir para o exílio milhares de chilenos e até muitos brasileiros que haviam se isolado no Chile após a implantação do regime militar no Brasil.

Por isso eu tinha que pensar com muito cuidado em cada palavra de cada pergunta para conseguir que o general mostrasse sua visão sobre a eleição e os seus desdobramentos no Chile, sem que se irritasse excessivamente. A opinião dele tinha relevância também para o futuro dos demais países que viviam sob ditaduras.

Eu procurava apresentar sempre os dois lados de cada questão para que Pinochet não me rotulasse como um jornalista inimigo. Ainda assim, naquela sala cercada de militares, com a nossa câmera ligada, parecia uma ousadia tocar em alguns temas. Por exemplo, quando perguntei: “General, o senhor é visto pelos seus partidários, pelos seus amigos, como o ‘salvador’ do Chile, o homem que tirou o país das mãos do comunismo, quase um deus. Já os seus inimigos acham que o senhor é um ditador sanguinário, quase um demônio. Qual é, afinal, o verdadeiro Augusto Pinochet Ugarte?”

Lembro que os assessores olharam para mim como se quisessem me fazer desaparecer. E o Pinochet ficou meio constrangido, mas respondeu dizendo que, de fato, muitas pessoas o classificavam como um assassino, quando, na visão dele, tudo o que fazia não era por interesse próprio, mas para “livrar o Chile do comunismo”. O clima ficou tão pesado que, ao final da entrevista, a assessoria do general queria censurar o material, porém conseguimos convencê-los a nos liberar com a matéria, e ela foi veiculada pelo *Painel*.



Sergio Motta Mello entrevista o ditador chileno Augusto Pinochet, em Santiago, Chile, 1978.

## CORRESPONDENTE EM NOVA YORK, 1979

Em setembro de 1979, assumi o cargo de correspondente da Globo em Nova York. Na verdade, a empresa havia me convidado para uma posição no exterior, que poderia ser em Londres ou em Nova York. Só que a minha mulher, Selma Santa Cruz, também jornalista na época, trabalhava como editora internacional da revista *Veja*. Era complicado eu sair do Brasil. Então, quis saber se poderíamos esperar uma coincidência: quando abrisse uma vaga da *Veja* no exterior, nós iríamos juntos. Em julho de 1979, a correspondente da revista em Nova York, que era a Judith Patarra, voltou para o Brasil. Abriu uma vaga lá. Então, nós fomos em setembro: eu, pela Globo; e a Selma, pela *Veja*. Ficamos em Nova York de 1979 até 1982, e depois de 1982 até 1986 em Washington.

## O ESCRITÓRIO

Quando fui para Nova York, o chefe da sucursal era o Hélio Costa. Ele cobria o noticiário de vez em quando, mas o foco dele era o *Fantástico* – matérias sobre medicina, saúde, comportamento. E o Lucas Mendes, até a minha chegada, era o único correspondente.

É interessante notar que, nessa época, devido às restrições impostas pela ditadura, a cobertura internacional tinha um espaço privilegiado no jornalismo da Globo. E a gente fazia muita matéria para o *Jornal Nacional*, o *Fantástico*, o *Painel* e o *Jornal Amanhã*, que em 1972 substituiu o *Jornal Internacional* com uma proposta ousada em termos de linguagem, que rompia com algumas convenções do telejornalismo tradicional.

## PAULO FRANCIS

Um personagem fascinante que conviveu com a gente em Nova York foi o Paulo Francis. A gente se encontrava todos os dias quando ele vinha gravar o material dele. Formou-se um time interessante, porque falávamos de tudo e refletíamos sobre o que estava acontecendo no Brasil – a crise do regime militar e os movimentos para a redemocratização – sob a perspectiva de quem vivia numa democracia consolidada, como a norte-americana. Isso era importante para mim, que também estava cobrindo, na época, as guerrilhas na América Central e testemunhava como era dura a vida dessas populações em meio à violência política. A gente percebia o valor da democracia, de se ter instituições funcionando dentro da lei.

O *Manhattan Connection* – que estreou na GloboNews em 1993 – surgiu de uma dinâmica natural que existia entre o Francis e o Lucas na redação em Nova York. O Lucas é muito brincalhão, mexia muito com o Francis. E o programa refletiu essa camaradagem, uma relação de amizade e confiança que foi transportada para a televisão.

O Francis acabou levando para o programa o estilo singular dele, as brincadeiras que ele fazia no estúdio, nos bastidores, na sucursal de Nova York. E foi um sucesso quando ele se soltou no *Manhattan Connection*. Ali o Francis podia ser ele mesmo. No *Jornal Nacional*, ele era mais formal. O programa colocou em evidência, de uma forma muito natural, o personagem controvertido e talentoso que ele era.

## REVOLUÇÃO SANDINISTA

### NICARÁGUA, 1978 – 1979

A Nicarágua enfrentou, desde setembro de 1978, uma intensa guerra civil, que opôs o ditador Anastasio Somoza à Frente Sandinista de Libertação Nacional (Fsln), de orientação socialista. Em 19 de julho de 1979, os conflitos chegaram ao fim. Após dezoito meses de luta, a capital Manágua foi tomada pelas tropas da Fsln. Sergio Motta Mello e o repórter cinematográfico Newton Quilichini participaram da cobertura.

Fui várias vezes à Nicarágua e cobri a guerra praticamente até o fim. Voltei pouco antes da entrada dos sandinistas. Fiz uma entrevista com o ditador Anastasio Somoza, exibida no *Jornal Nacional* do dia 8 de junho de 1979, no bunker onde ele morava. Eu estava na Nicarágua em 20 de junho, dia da morte do Bill Stewart, o jornalista americano que foi fuzilado pela Guarda Nacional do ditador.

A revolução na Nicarágua era uma cobertura complicada por várias razões. Primeiro porque era um conflito de guerrilha, ou seja, não era uma guerra convencional. Sendo assim, não existia um lado do fogo, uma linha divisória entre inimigo e aliado. As balas podiam vir de qualquer lado, a guerrilha estava infiltrada nas tropas regulares. Então, era uma situação bastante perigosa, e você arriscava a vida todos os dias.

O hotel em que nos hospedávamos, o Internacional, foi assaltado quando estávamos lá. Eram bandidos que, até hoje, não sabemos se eram criminosos comuns ou guerrilheiros. Levaram relógios e dinheiro dos jornalistas. A gente saía para fazer as matérias em verdadeiras expedições, o que depois se tornou padrão nas coberturas de guerra. Naquela época, organizávamos comitivas com bandeira de imprensa. Andávamos em fila indiana para tentar não ser atingidos por nenhum dos lados, nem pelos guerrilheiros nem pela Guarda Nacional, que era o Exército do ditador.

A família Somoza dominava a Nicarágua havia anos, o povo estava muito oprimido, a guerrilha foi crescendo, e a situação do governo ficou insustentável, a ponto de se começar uma guerra. Passamos por situações difíceis. Teve um momento em que nós fomos até a cidade de León, a uns cem quilômetros de Manágua. Quando chegamos, estávamos num carro com cinco jornalistas e o nosso cinegrafista. Nós nos aproximamos de León, passamos



por uma barreira sandinista, porque a cidade estava ocupada por eles e, logo depois, fomos surpreendidos por um avião da Guarda Nacional. A aeronave nos sobrevoou e começou a nos metralhar. Tivemos que descer do carro e nos esconder numa estradinha com uns barrancos. Ficamos ali durante mais de duas horas sob tiros. Quando o avião vinha de cá, a gente corria para se esconder no barranco de cá. Quando o avião vinha de lá, a gente fugia para o barranco de lá. Ficávamos agarrados nos barrancos até a aeronave se afastar. As balas passavam muito perto da gente e entravam na terra levantando poeira. Foram duas horas muito tensas.

## ENTREVISTA EXCLUSIVA COM SOMOZA

Consegui uma entrevista exclusiva com o Somoza para o *Jornal Nacional* através da assessoria dele. Fui até o bunker, ele estava muito acuado, pressionado, já sentindo que estava perdendo terreno e o apoio norte-americano e da opinião pública internacional. Ele deu essa entrevista para defender seu ponto de vista sobre a Nicarágua, mas o tom era muito mais de propaganda e de desespero. Ele não tinha uma mensagem de saída política para a crise.

Essa cobertura me deixou muitos aprendizados, o que, para mim, é um dos atrativos do jornalismo. Trabalhamos o tempo todo para tentar apurar os fatos, para narrá-los com isenção. A gente acaba aprendendo muito, por exemplo, o quanto a História pode dar voltas e nos surpreender. Acho impressionante que os mesmos guerrilheiros sandinistas que derrubaram a ditadura do Somoza em nome da democracia, há quase quarenta anos, tenham se instalado no poder e estão lá até hoje.

## A MORTE DE BILL STEWART

Outro momento muito difícil dessa cobertura foi o assassinato do jornalista Bill Stewart, da rede norte-americana ABC. Com o avanço dos sandinistas, o Somoza já tinha fugido da Nicarágua, o exército dele estava completamente desarticulado, os soldados meio desesperados. O Bill Stewart era um jornalista que não falava espanhol e estava cobrindo uma guerra latino-americana. Acompanhei esse drama de perto porque nós dividíamos o mesmo equipamento e o mesmo satélite para gravar e enviar nossas matérias. A Globo tinha um acordo com a ABC na época.

Um dia, na estrada, ele se deparou com uma barreira, formada por meia dúzia de soldados do exército do Somoza. Ele desceu para falar com um deles, e o cinegrafista ficou na Kombi, filmando. Mas quando o Bill Stewart começou a falar em inglês, o soldado, que já devia estar surtado ou drogado – eles usavam drogas para aliviar a tensão da guerra –, o obrigou a se ajoelhar, depois deitar no chão, e o matou friamente com um tiro na nuca. O cinegrafista gravou tudo. Em pouco tempo, a cena estava sendo exibida e reprisada em canais de TV de todo o mundo. Foi um choque geral. E eu lembro que estava no hotel finalizando a minha matéria do dia quando o corpo do Bill Stewart chegou. E eu tive que cobrir. Foi uma matéria muito difícil de fazer, porque ele era um cara legal, um jornalista como eu.

“Foi a primeira vez que cobri uma guerra. Aos poucos, a guerrilha se aproximou da cidade, e nós dormíamos com o som dos tiros. Na entrevista no bunker, Somoza estava tranquilo. Logo depois, caiu e saiu fugido. Voltamos ao Brasil em seguida.” – Newton Quilichini

## CRISE NO IRÃ TEERÃ, 1979

Em 4 de novembro de 1979, um grupo de estudantes islâmicos tomou a Embaixada norte-americana em Teerã e fez 52 reféns. Os sequestradores exigiam que os Estados Unidos entregassem o xá Reza Pahlavi para que fosse julgado por um tribunal do governo revolucionário, com o aiatolá Ruhollah Khomeini no poder. Os reféns foram libertados em 20 de janeiro de 1981, dia em que Ronald Reagan tomou posse como o novo presidente dos Estados Unidos. Sergio Motta Mello e o repórter cinematográfico Paulo Zero acompanharam a crise.

Comentei com o Henrique Coutinho, coordenador dos correspondentes em São Paulo na época, que estava com dificuldades para conseguir o visto iraniano nos Estados Unidos. A gente se falava todos os dias. Então, fui para Paris, mas também não consegui lá, na Embaixada iraniana. O Irã estava num estado de convulsão. Imagino que a própria burocracia de governo do ministério, a chancelaria, estava travada e, na dúvida, não estavam dando visto para ninguém, nem para os correspondentes. Mas, por outro lado, eles queriam dar visibilidade para a tomada da Embaixada norte-americana. Liguei para o Coutinho novamente e falei: “É o seguinte, não tem jeito, a única saída é assumir o risco, e isso pode significar perder uma passagem de ida e volta para o Irã. O que vai acontecer? Vamos chegar lá e, se eles não nos deixarem entrar, voltamos, mas, pelo menos, tentamos”. E lá fomos sem o visto. Era um risco pessoal também, claro. E, assim, eu e o Paulo Zero desembarcamos no meio de uma revolução sem visto de entrada no país.

Para conseguir ficar em Teerã, tentamos convencer as autoridades locais de que era importante para eles ter uma cobertura diferenciada da norte-americana. O argumento era de que o Brasil respeitava o Irã. Queríamos mostrar para o mundo, de forma independente, o que estava acontecendo no país. Eu dizia: “Está havendo uma cobertura apenas das agências dos Estados Unidos. Vocês precisam de uma visão independente, e a Globo é a maior rede de televisão da América Latina. Nós temos uma cobertura enorme, podemos dar outra voz para vocês”. Apostamos nessa argumentação e deu certo, porque o problema deles era com os norte-americanos. O Brasil tinha uma imagem simpática no Irã por causa da Copa do Mundo de 1970. Eles sabiam até a

escalação dos jogadores da nossa seleção.

## REVOLUÇÃO CULTURAL

O desafio era trabalhar no meio de uma revolução que não era só política, mas também cultural, pois os revolucionários tentavam reverter a ocidentalização promovida pelo xá Reza Pahlavi em favor do fundamentalismo islâmico. A gente tinha a responsabilidade, como correspondente, de cobrir de uma maneira ponderada o que estava acontecendo nesse contexto de choque de culturas e religiões. Era preciso ser absolutamente isento e jogar uma luz nos fatos do dia, explicar o noticiário para que o público pudesse entender o contexto mais amplo.

Era uma cultura completamente diferente, eu não falava a língua, poucos iranianos falavam inglês. Ficamos um mês no Irã cobrindo a tomada da embaixada, porque havia um enorme interesse em todo o mundo sobre qual seria o destino dos 52 reféns. Depois de alguns dias, conseguimos uma entrevista com os estudantes que haviam ocupado a embaixada, que foi ao ar no *Jornal Nacional* do dia 29 de novembro de 1979. Eles se diziam revoltados com o imperialismo norte-americano, porque os Estados Unidos tinham apoiado fortemente o xá Reza Pahlavi e o processo de ocidentalização do Irã, que era um importante fornecedor de petróleo. Depois, todos os dias, a gente ia lá gravar matérias.

Fiz também várias reportagens sobre economia e política, tentando traduzir esse contexto pouco conhecido pelos brasileiros. Hoje o Irã continua muito distante, mesmo depois de toda a visibilidade que o islamismo e o radicalismo islâmico ganharam no mundo. Continuo acompanhando os acontecimentos, e é impressionante como essa revolução conseguiu interromper e reverter um processo de ocidentalização que parecia bastante avançado.

## A PRISÃO DO PAULO ZERO

Resolvi fazer uma reportagem sobre como a revolução estava parando a economia. A produção de petróleo, que era a maior fonte de renda, estava completamente estagnada. Para ilustrar essa crise, o Paulo foi fazer umas imagens numa área com várias obras de prédios paradas. Eu fiquei no hotel trabalhando, e o Paulo não voltava. Ele ficou preso umas três horas, mais ou menos. Tinha um contexto de ódio, eles não aceitavam um sujeito ocidental filmando por ali. Ele foi interrogado e explicou que estava fazendo uma matéria, mostrou a credencial, e o soltaram. Foi um alívio quando ele chegou. E foi justamente no dia do aniversário dele. O nosso motorista iraniano arrumou uma vodca caseira, um pouco de caviar, e nós brindamos no quarto do hotel: Paulo Zero, eu e o Marco Antonio de Rezende, que era correspondente da *Veja* na época em Roma e estava cobrindo o Irã.

“Passei meu aniversário de 22 anos no Irã. Não comemorei da maneira ocidental: o álcool era proibido; a comida, limitada; e ainda fui preso e interrogado, acusado de ser espião. Por sorte, o motorista arrumou uma garrafa de vodca e uma lata de caviar iraniano.” – Paulo Zero

## FIDEL CASTRO *VERSUS* ESTADOS UNIDOS CUBA, 1980

Conhecido como êxodo de Mariel, entre abril e outubro de 1980, mais de 125 mil cubanos saíram da ilha com destino aos Estados Unidos, fugindo do regime de Fidel Castro, que contava com o apoio da União Soviética. Sergio Motta Mello e o repórter cinematográfico Henderson Royes foram a Cuba preparar um *Globo Repórter* sobre o episódio.

Em 1980, fui para Cuba cobrir a crise dos *marielitos* – os cubanos que saíram da ilha de Mariel nesse período. Foi consequência do acirramento do conflito de Fidel Castro com os Estados Unidos, após a eleição do Ronald Reagan, que era menos favorável ao diálogo com o que considerava uma ditadura. Então, Fidel resolveu fazer uma provocação e, em vez de permitir o êxodo dos milhares de cubanos que queriam emigrar para os Estados Unidos, despachou uma série de indesejados pelo regime. Eram criminosos, prisioneiros de todo tipo, viciados em drogas, homossexuais, prostitutas. Fidel jogou uma bomba no colo do Reagan e criou um incidente internacional. Os Estados Unidos tiveram que construir campos de refugiados da noite para o dia para triar e acolher essas pessoas. A crise colocou Cuba novamente na pauta do noticiário.

Assim, lá fomos nós para o país de Fidel – eu e o cinegrafista Henderson Royes –, num aviãozinho fretado com a ABC, e assumimos o risco de tentar entrar na ilha sem visto. Viajamos com uma câmera de filme e fiquei mandando *audiotapes* para o Brasil. Ficamos quinze dias lá e produzimos um material abrangente para o *Globo Repórter*. Chegamos a editar um programa inteiro. Foram dez latas de filme.

Visitamos todo o setor agrícola, a indústria de cana-de-açúcar, as fazendas de leite, a plantação de fumo, as fábricas de charuto. Entrevistamos dezenas de cubanos não só em Havana e Santiago de Cuba, mas em todo o país, gente comum, funcionários do governo, de profissões variadas. Foi um trabalho de fôlego. A gente saía às oito horas da manhã e voltava para o hotel às oito horas da noite, e ainda fazíamos matérias noturnas. Trouxemos um material muito rico. Como jornalista, o impulso é sempre registrar uma realidade, queremos sempre fazer o melhor.

Nessa época, uma edição por satélite custava caríssimo. Então, a gente



usava o satélite para matérias ligadas ao *hard news*, às notícias quentes. E a gente mandava por avião reportagens que contextualizavam esses assuntos da semana. Às vezes, a gente enviava matérias sem edição porque não dava tempo de revelar o filme. E, ainda, se revelava, não dava tempo de editar. A gente mandava muita coisa. Fazia matéria num dia, editava e mandava para o Brasil no dia seguinte. As dificuldades eram grandes. Hoje, na era da internet, talvez seja difícil para as novas gerações entenderem o que era fazer reportagens internacionais naquele tempo. Apurar os fatos também era muito mais trabalhoso. Você tinha que colher na fonte, as informações não eram tão acessíveis como hoje. Entretanto, também era muito gratificante ser o primeiro a trazer certas informações para o público.

## GUERRA CIVIL EL SALVADOR, 1980

Em outubro de 1979, um golpe militar em El Salvador derrubou o governo do ditador Carlos Humberto Romero e levou a Junta Revolucionaria de Gobierno (JRG) ao poder. O assassinato do arcebispo Óscar Romero por um integrante do Exército salvadorenho em 24 de março de 1980 desencadeou uma série de manifestações e agravou o conflito entre o governo civil-militar direitista e a guerrilha de esquerda organizada em torno da Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (Fmln). A violenta guerra, que durou doze anos, matou mais de 60 mil pessoas. Sergio Motta Mello registrou o conflito em viagens pelo país com o repórter cinematográfico Paulo Zero.

Cobri a guerrilha em El Salvador umas duas vezes, com o Paulo Zero. A violência lá era ainda maior do que na Nicarágua, mas o processo era mais lento e menos efervescente. Não havia conflito aberto, uma ameaça direta ao regime.

El Salvador era uma guerra urbana, um conflito de guerrilha. O perigo de uma bala perdida era enorme. Você não sabia de onde vinha o tiro, e os tiroteios eram abundantes. Havia risco de vida em qualquer lugar em que você estivesse. O pessoal da direita de El Salvador punha o revólver na mesa do bar, o cara tomava uísque com a arma em cima do balcão. Era inacreditável. Depois que você cobre esse tipo de guerra, passa a dar um valor maior à estabilidade política, à possibilidade de se resolver os conflitos de forma pacífica.

## MEDO E CAUTELA

Em El Salvador, eu sentia medo o tempo inteiro. E acho que esse é o desafio, porque, para ser um correspondente competente, você não pode ser completamente destemido. Um bom correspondente de guerra é um correspondente vivo. Você tem que ter bom senso para ir até o limite das situações sem se expor demais. Porém, é muito difícil ponderar os riscos e tomar essas decisões o tempo todo, porque você nunca sabe se está indo no caminho certo. Uma vez, na Nicarágua, nossa equipe foi assaltada. Estávamos num restaurante, entraram uns caras, acho que eram sandinistas que financiavam a guerrilha com assaltos. Chegaram de repente com metralhadoras nas mãos e roubaram todo mundo.

## ASSASSINATO DE JOHN LENNON

### NOVA YORK, 1980

No dia 8 de dezembro de 1980, John Lennon retornava de um estúdio de gravação, com sua esposa Yoko Ono, e estava prestes a entrar em casa, no edifício Dakota, em Nova York, quando foi atingido por cinco tiros, disparados por Mark David Chapman. Lennon chegou morto ao Roosevelt Hospital. O assassinato do músico abalou o mundo.

Nunca me esquecerei do assassinato do John Lennon. Era um dia de inverno, em dezembro, estava muito frio mesmo. Eu morava a poucas quadras do edifício Dakota, onde ele vivia com a Yoko Ono, e já o tinha visto entrando no prédio ou caminhando no Central Park algumas vezes. Então, além de um choque para o mundo todo, para mim foi um choque pessoal. E entrei de cabeça na cobertura por vários dias, as manifestações na rua, o começo da investigação policial, toda a vigília. Foi uma cobertura sofrida do ponto de vista da minha geração, fascinada pelos Beatles.

Eu estava na redação em Nova York quando chegou a notícia. Fiz várias matérias para o *Jornal Nacional*. Uma delas foi no dia em que houve a homenagem a John no Central Park. Uma grande multidão fez dez minutos de silêncio e depois todo mundo cantou “Imagine”. Um momento extremamente emocionante.

Todo o mundo estava perplexo. Nova York é uma cidade exemplar do chamado caldeirão cultural dos Estados Unidos, é uma mistura de gente do mundo todo. E o Lennon, além de um ícone mundial, era considerado um personagem muito querido da cidade.

## LIBERTAÇÃO DE RONALD BIGGS BARBADOS, 1981

Ronald Biggs ficou mundialmente conhecido pelo assalto a um trem pagador, que ia de Glasgow, na Escócia, para Londres, em 8 de agosto de 1963. A quadrilha roubou 2,6 milhões de libras, cerca de 4 milhões de dólares na época. Condenado a trinta anos de reclusão, Biggs fugiu da prisão de Wandsworth, passou por Paris e pela Austrália, até chegar ao Brasil em 1970, com um passaporte falso. Em março de 1981, um grupo de ex-soldados britânicos levou Biggs para Barbados, onde foi entregue às autoridades. Biggs foi libertado quarenta dias depois e voltou ao Brasil. Sergio Motta Mello e o repórter cinematográfico Paulo Zero acompanharam seu retorno.

A cobertura da libertação do Ronald Biggs, com o cinegrafista Paulo Zero, foi uma das mais interessantes da minha carreira do ponto de vista humano. Biggs era considerado “o ladrão do século”, porque tinha participado, quase vinte anos antes, de um assalto a um trem pagador na Inglaterra que rendeu à quadrilha duas toneladas e meia de dinheiro, o que era o equivalente a cerca de 4 milhões de dólares na época. Depois de passar algum tempo na prisão, ele conseguiu armar uma fuga espetacular para o Brasil, onde estava protegido da extradição, e levava uma boa vida no Rio de Janeiro. Vivia com uma brasileira e tinha um filho nascido no país. Assim, seu sequestro era uma história cinematográfica, de destaque internacional.

Não se sabia direito como ele tinha sido capturado no Rio e levado num veleiro para Barbados. Até hoje, aliás, se especula se os sequestradores eram ex-oficiais britânicos que pretendiam receber uma recompensa do governo inglês ou se havia agentes ingleses envolvidos. Chegando a Barbados, que fora colônia britânica, ele foi detido, sob a alegação de que teria violado leis de imigração. Criou-se um imbróglio jurídico envolvendo a Inglaterra, que exigia a extradição, Barbados e o Brasil, que considerava o sequestro uma violação da soberania brasileira sobre seu território. Enquanto isso, ao longo de várias semanas, a história ganhava o noticiário internacional, com a opinião pública mostrando-se simpática ao “ladrão do século”, especialmente no Brasil, por causa da família e do filho brasileiros.

O fato é que ficamos acompanhando o desenrolar do caso de Nova York, por meio de um canal de informação privilegiado, já que o pai do Paulo Zero,

o Romeo Zero, que era diplomata, estava servindo justamente na representação brasileira em Barbados. E quando saiu a decisão judicial que negava a extradição para a Inglaterra, nós já estávamos prontos para encontrar o Biggs e acompanhá-lo de volta ao Brasil num jatinho fretado por seus advogados. Fizemos várias matérias, mas a que teve maior repercussão foi a que acompanhou a emocionante ligação telefônica dele para o filho, que o aguardava no Rio. Mostramos no *Jornal Nacional*, em tela dividida, a conversa entre os dois: o pai, com a voz embargada, chorando, e o filho muito alegre. E quando ele chegou a Belém, em escala a caminho do Rio, mostramos a cena em que ele beijou o solo brasileiro em sinal de gratidão.

## CORRESPONDENTE EM WASHINGTON, 1982

Depois de passar três anos em Nova York, fui para Washington em 1982 abrir o primeiro escritório da Globo na capital norte-americana, o centro de poder mundial. Eu acreditava que era importante a empresa estar lá e fiquei muito feliz quando conseguimos autorização para implantar o escritório.

Havia uma estrutura muito organizada de fornecimento de informação – briefings diários da Casa Branca e do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Havia o National Press Building, onde ficam todos os jornalistas e correspondentes estrangeiros, que existe até hoje; e também o National Press Club, onde você tinha acesso imediato ao noticiário das agências de notícias. Naquele tempo não tinha internet, não tinha fax, não tinha celular, era por telex que a gente se conectava com o mundo.

Ser correspondente em Washington foi uma experiência muito enriquecedora do ponto de vista profissional. Além de ter muito trabalho todos os dias, atuar num ambiente de democracia, onde o direito à informação e a função do jornalista são muito valorizados, nos dá uma perspectiva diferente do nosso papel e da nossa responsabilidade.

## A IMPLANTAÇÃO DO ESCRITÓRIO EM WASHINGTON

O escritório em Washington foi um movimento iniciado por mim, porque eu me interessava muito por política e estava me sentindo meio burocratizado em Nova York, onde a cobertura ficava distante dos centros de decisão. Então, eu propus à Globo que a gente abrisse um escritório na capital norte-americana. Na época, conseguimos alugar uma salinha no National Press Building. O aluguel não era caro, aproveitávamos toda a estrutura do National Press Club e montamos uma operação pequena. Tinha uma secretária-produtora, a Susan Ginsberg – depois dela entrou a Kathleen White –, o cinegrafista Paulo Zero e eu. De lá, cobrimos várias coisas nos Estados Unidos e na América Central, mas o enfoque era a política norte-americana, o que estava acontecendo, sempre com a perspectiva brasileira.



## OPERAÇÃO VIA SATÉLITE

Em Washington, já tínhamos operação via satélite, que acontecia às cinco horas da tarde. Estávamos fazendo a migração de tecnologia justamente na época que nos mudamos para Washington, em 1982. Entretanto, o horário fixo da transmissão por satélite limitava um pouco a cobertura. Você corria atrás das fontes para apurar a matéria, mas tinha esse *deadline* das cinco horas da tarde. O que acontecesse ou fosse descoberto depois desse horário ficava para o dia seguinte. O lado positivo de estar em Washington é que tínhamos acesso a muitas pessoas e informações não só sobre os Estados Unidos, o governo norte-americano, mas sobre o mundo todo, inclusive o Brasil, por meio dos organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a Organização dos Estados Americanos (OEA).

O desafio do noticiário de política ou economia internacional é que as imagens não ajudavam muito. Você não tinha cena de avião pegando fogo ou de prédio caindo, cenas de guerra. Os assuntos eram menos televisivos, digamos, embora importantes do ponto de vista de conteúdo. A gente tinha o desafio de tornar as matérias mais visuais.

## ELEIÇÕES DE RONALD REAGAN WASHINGTON, 1980 E 1984

Nas eleições norte-americanas de 1980, o republicano Ronald Reagan venceu a disputa com o presidente democrata em exercício Jimmy Carter e tomou posse em 20 de janeiro de 1981. Reelegeu-se em 1984, em campanha contra o candidato democrata Walter Mondale, permanecendo no poder até 1989. Sua política de cortar gastos governamentais e reduzir impostos, chamada *Reaganomics*, reduziu a inflação e permitiu o crescimento da economia.

Cobrir as campanhas presidenciais do Ronald Reagan foi uma experiência muito interessante. Tive a oportunidade de acompanhar todo o processo eleitoral norte-americano, que é bem longo e participativo. Lá eles têm as eleições primárias para a escolha dos representantes de cada estado, que vão depois eleger o candidato dos partidos na Convenção Nacional. É um processo extremamente democrático e trabalhoso que acontece no país inteiro e pelo qual os candidatos têm que passar para conquistar a indicação à candidatura oficial do partido. O ano eleitoral nos Estados Unidos começa em janeiro com as eleições primárias. Uma candidatura à presidência é difícil em qualquer país, mas, nos Estados Unidos, é uma maratona. Os candidatos trabalham até altas horas da noite e, às cinco da manhã, já estão de pé, tomando café, fazendo reunião. E a imprensa tem que acompanhar esse ritmo.

Durante a cobertura, é importante mostrar como esse processo está entranhado na vida de todos. A convenção é o ápice, um evento nacional, registrado pelos canais de TV com muita audiência. A cobertura é uma oportunidade de entender o valor que os norte-americanos dão, de fato, à democracia, como isso foi sendo construído ao longo das décadas. A convenção é uma verdadeira festa, com cada delegação contribuindo com os votos e o jeito de ser de cada estado. Por exemplo, a convenção do Jimmy Carter, em 1976, foi no Madison Square Garden, em Nova York. A do Reagan foi em Kansas City. Ambas realizadas em estádios, com grandes festas, balões e celebridades. Tudo contribui para valorizar a política e a democracia, para aproximar a política das pessoas.

## ELEIÇÕES DE 1980 E 1984

A campanha eleitoral de 1980 deu aos democratas uma nova chance de permanecer na Casa Branca, apesar da alta insatisfação com o governo Carter. Mas o presidente democrata, que tentava se reeleger, não conseguiu fazer frente aos ataques de Reagan – um *outsider*, em cujas chances poucos acreditavam – às políticas que fizeram a inflação e o desemprego dispararem sob a administração de Jimmy Carter. Aos setenta anos, Reagan se tornou o mais velho presidente dos Estados Unidos.

Na campanha de 1984, contra o candidato democrata Walter Mondale, Reagan saiu na frente e se manteve na liderança até sua reeleição, aproveitando-se com muita competência de seu carisma – era chamado de O Grande Comunicador – e da visibilidade proporcionada pela Casa Branca.

No dia das eleições, 6 de novembro, o cinegrafista Paulo Zero e eu chegamos a Los Angeles em um clima de muita expectativa pela vitória de Reagan. As pesquisas mostravam a dianteira do presidente, e a equipe de campanha de Mondale, no dia seguinte, logo cedo, antes mesmo dos resultados finais, já reconhecia a derrota nas urnas.

No fim do dia, no hotel Century Plaza, Reagan celebrou sua vitória, a maior votação no Colégio Eleitoral da história americana, com mais de 5 mil entusiasmados militantes republicanos. Numa entrevista coletiva, garantiu aos eleitores desempregados, pobres, negros e hispânicos que votaram em seu adversário que eles estariam melhor agora, pois suas políticas iriam trazer de fato os resultados que os democratas apenas prometiam. A matéria foi ao ar no *Jornal Nacional*.



Foto tirada durante jantar na Casa Branca, com Sergio Motta Mello, o presidente Ronald Reagan e a primeira-dama Nancy, 1983.

## RELAÇÕES INTERNACIONAIS

A visita a Washington da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, grande aliada europeia do Reagan, aconteceu num momento crítico, em dezembro de 1984. Estava sendo feita a ponte entre a capital norte-americana e Moscou, diante do crescimento das tensões provocadas pela decisão dos Estados Unidos de construir um escudo espacial de proteção contra um eventual ataque nuclear soviético, que ficou conhecido como “Guerra nas Estrelas”.

Na política externa, a chamada Doutrina Reagan marcou outra reversão de curso em relação aos governos anteriores. Nas reuniões de briefing da Casa Branca e do Departamento de Estado, de que participávamos regularmente, os porta-vozes deixavam claro essa mudança de postura, que acabou contribuindo, mais tarde, para a Queda do Muro de Berlim e o fim do regime de Moscou, cuja economia, combalida, não aguentou a corrida armamentista do governo Reagan.

O presidente norte-americano abandonou a estratégia de distensão que vinha sendo implementada desde Richard Nixon e inaugurou uma nova era de combate à União Soviética, que chamava de “Império do Mal”, e ao comunismo no mundo. Retomou os gastos militares e a construção de bombardeiros e mísseis, ao mesmo tempo em que endureceu a posição de Washington nas negociações de desarmamento nuclear com Moscou e apoiou militarmente as forças que combatiam regimes marxistas na Nicarágua, em Angola e no Afeganistão.

Numa recepção aos correspondentes estrangeiros na Casa Branca para qual fui convidado, Reagan resumiu em uma frase os dois propósitos que o levaram a transformar a cena política e a economia norte-americanas: “Acreditamos no livre mercado e na sociedade livre”, disse o presidente.

Reagan e sua visão de menos gastos governamentais e impostos para destravar a economia norte-americana, a chamada *Reaganomics*, revolucionaram a economia dos Estados Unidos: ao final de seus dois mandatos, a inflação havia caído de 12,5% para 4,4% ao ano, e o crescimento médio anual da economia, o PIB, ficou em 3,4%, um dos mais altos da história do país.



SILIO BOCCANERA

“EM UM GUARDANAPO, PEDAÇO DE PAPEL, envelope, ou qualquer lugar.” Quando a ideia do texto surge, Sílio Boccanera não espera chegar em casa – as palavras precisam ser escritas antes que se percam. Ele as anota imediatamente e, em qualquer suporte, traça as primeiras linhas, um hábito que adquiriu em seus primeiros anos como correspondente internacional – de jornal, na época –, mas que se mantém até hoje, na televisão. Para ele, agilidade e cuidado com o texto são fundamentais em qualquer cobertura, principalmente nas de guerra, onde o relógio não é o único inimigo do repórter.

Sílio Boccanera nasceu no dia 6 de setembro de 1947, no Rio de Janeiro. Estudou Economia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas, no meio do curso, pediu transferência para Jornalismo na mesma universidade. Seguiu para os Estados Unidos depois de formado e fez mestrado na Universidade do Sul da Califórnia. Nessa época, era repórter do *Jornal do Brasil*: começou no Departamento de Pesquisa; passou pelo Caderno B, de cultura; e dali para a editoria Internacional. Tornou-se correspondente do jornal nos Estados Unidos, com base na Costa Oeste, em Los Angeles. Ali, nos anos 1970, teve a oportunidade de cobrir as guerrilhas na América Central – foram anos tensos, segundo ele. Em situação de guerrilha, o inimigo pode ser qualquer um, e os jornalistas não estão a salvo. O medo está sempre presente. Um ano de cobertura da luta dos guerrilheiros sandinistas que tomaram o poder rendeu um livro-reportagem, publicado em 1980: *A Revolução da Nicarágua*.

Quando foi contratado pela Globo, em 1982, era um jornalista experiente. Àquela altura, já estava baseado em Washington pelo *JB*, época dos governos Carter e Reagan. Trocou os Estados Unidos pela Inglaterra e aprendeu na prática a se ajustar ao vídeo. Seu rosto se tornou conhecido no Brasil, principalmente atrelado a situações de conflito armado, de onde com frequência enviava suas reportagens. Cobriu as guerras do Líbano, dos Bálcãs e do Golfo, a Queda do Muro de Berlim e os principais acontecimentos da Europa até meados da década de 1990. Em áreas de conflito, acha que o medo guia o jornalista nas ocasiões mais tensas: “Ele orienta, dá uma base de até onde podemos ir, dá um prumo para não fazermos besteira”. Muitas vezes, a audácia de um repórter afoito pode colocá-lo em risco. E expor colegas.

Sílio Boccanera permaneceu no escritório da Globo em Londres até 1995,



quando teve uma rápida passagem pelo jornalismo do SBT. Depois disso, foi para a TV a cabo, começando no GNT, onde participou de um programa cultural gravado na França, o *Revista Europa*. Foi em seguida para a GloboNews, onde está desde 2002. No canal de notícias, participa dos programas semanais *Sem Fronteiras* e *Milênio*, nos quais tem a oportunidade de entrevistar personalidades da comunidade mundial e discutir questões internacionais sem perder o olhar brasileiro sobre as mais diversas situações.



## LONDRES, 1982

Silio Boccanera assumiu a função de correspondente do *Jornal do Brasil* nos Estados Unidos, em 1975. Em 1982, foi contratado pela Globo para assumir o posto de repórter no escritório de Londres.

Desembarquei em Londres em 1982 para começar a trabalhar para a Globo. Antes, eu estava baseado em Washington, nos Estados Unidos, pelo *Jornal do Brasil*. Não tinha experiência com vídeo, era correspondente de imprensa escrita desde 1975. Quando fui chamado para a Globo, o plano era, no início, ter uma fase de adaptação ao novo veículo, mas cheguei em Londres no dia 2 de abril de 1982, dia exato em que os argentinos invadiram as Ilhas Malvinas. Pousei em terras britânicas quando quase todos no escritório estavam viajando a trabalho. Não houve chance de adaptação. Eu até telefonei para dizer: “Cheguei. Apareço aí semana que vem para o treinamento...”. E o Ingo Ostrovsky, que era o produtor na época, rebateu: “Nada disso! Vem para cá agora, porque estamos em guerra!”. Assim foi o meu início na Globo – estivesse ou não preparado. Foi um batismo de fogo, como costuma acontecer.

Do ponto de vista jornalístico, a cobertura não tinha mistério. E minha reportagem de estreia foi sobre os primeiros dias da guerra, evidentemente, do lado britânico. O princípio básico do jornalismo é ouvir todas as partes envolvidas, mas de Londres só tínhamos as reações iniciais do governo britânico e que providências iria tomar, como foi a decisão de enviar uma frota às ilhas para desalojar os argentinos. A redação no Rio se encarregava de captar e apresentar o outro lado. A parte militar estava toda nas Malvinas, e o governo argentino não permitiu que a imprensa fosse até lá.

Dizer que era uma cobertura de guerra é uma força de expressão, no caso, um exagero. Cobríamos uma guerra, mas estávamos do lado sossegado do conflito, porque a parte militar estava nas proximidades da Argentina. Havia equipes da Globo em Buenos Aires. No nosso caso, em Londres, estávamos cobrindo o império ferido, dando a reação do governo responsável pelas ilhas invadidas, território ultramarino britânico. Acompanhávamos as decisões do Reino Unido, o debate e as pressões internas em reação ao que acontecia lá longe, no Atlântico Sul.

As poucas imagens que surgiam das Malvinas só chegavam até nós através dos britânicos, que usavam a tecnologia precária da época para transmitir

material de TV a bordo de navios de guerra. Muito pouco foi feito pelos argentinos, que até gravaram nas ilhas, mas não transmitiam de imediato. Embora o conflito militar fosse intenso, com centenas de mortes, estávamos em Londres, bem longe da linha de ação, forçados a uma cobertura mais sossegada.

## A LIÇÃO DA BBC NA COBERTURA DAS MALVINAS

Uma coisa de que me lembro, talvez não tanto na nossa cobertura, é que foi um ano em que a BBC se envolveu em uma controvérsia por causa da postura de seus repórteres. Nas discussões atuais sobre equilíbrio em cobertura jornalística, costumo lembrar as pessoas de que os jornalistas da BBC cobriam a guerra dizendo “os argentinos e os britânicos”. Não tínhamos “nós”, “eles” ou “os inimigos”. Registrei isso como exemplo de seriedade de cobertura, sem patriotadas.

A BBC foi muito combatida pelo governo de Tony Blair, então primeiro-ministro, por causa da cobertura crítica à Guerra no Iraque, que teve envolvimento militar britânico. Na Guerra das Malvinas, o governo também criticava a BBC porque a emissora não assumia o lado do governo, cobrindo os fatos com equilíbrio. Os repórteres davam tanto a posição dos argentinos quanto a do governo britânico, não tomavam nenhum lado, não havia nacionalismo exacerbado. Isso chamava a atenção, sobretudo em comparação com coberturas de algumas das redes norte-americanas na Guerra no Iraque, como a Fox, que deu exemplo de mau jornalismo, levado por uma suposta inspiração patriótica. Foi muito útil ver como cobrir um conflito em que seu país está envolvido sem mergulhar em patriotada, num falso orgulho nacional.

Mesmo distante do conflito, a cobertura da Guerra das Malvinas foi importante para mim porque foi a primeira que fiz para a televisão. Antes, minha única cobertura de guerra havia sido da guerrilha na América Central, e mesmo assim para jornal. Depois das Malvinas, passei por uma fase de vários anos em coberturas intensas. O escritório de Londres se responsabilizava por cobrir Europa, África, Ásia e Oriente Médio, uma área imensa. A movimentação era constante. Estávamos sempre correndo para algum lugar atrás de “encrenca”, com reportagens diárias.

Devemos lembrar que o Brasil estava em plena ditadura militar – e em uma fase que ainda envolvia muita censura à cobertura de assuntos nacionais. Isso fazia com que necessariamente sobrasse mais espaço para a cobertura internacional. Abria-se uma oportunidade para nós trabalharmos mais, porque o internacional perturbava menos os censores. Olhando para trás, a gente vê que tínhamos um tempo disponível que hoje é difícil encontrar. Havia mais espaço para as nossas coberturas, embora existissem menos telejornais para apresentar o material. Sem contar que de fato íamos atrás de praticamente tudo

o que acontecia. Não parávamos. Qualquer acontecimento de peso, não importava em que país fosse, a gente pegava um avião imediatamente. Nossa jurisdição era ampla. Tudo que não fosse América era do escritório de Londres.

O nosso dia a dia de reportagem para o *Jornal Nacional* variava. As sugestões de pauta vinham tanto do Rio quanto de Londres. Mas talvez existisse uma autonomia maior para decidirmos rápido, porque precisávamos correr para os locais, e o fuso horário não facilitava. Em termos de estrutura e funcionamento, uma pessoa no Rio de Janeiro coordenava toda a parte Internacional. Na ocasião, era o Henrique Coutinho que fazia esse trabalho. Ele era a pessoa que nos acordava de madrugada, dizendo: “Sai da cama, pega um avião e vai para não sei onde...” Enquanto nós estávamos dormindo e alguma coisa acontecia, ele tomava conhecimento e nos avisava. Em outras ocasiões, éramos nós quem tirávamos ele da cama, dizendo: “Aconteceu isso e aquilo, vamos partir para lá”. Isso era uma constante, essa movimentação era muito intensa. E a experiência do Coutinho nos dava garantia.

## GUERRA DO LÍBANO BEIRUTE, 1982

Silio Boccanera chegou ao sul do Líbano em junho de 1982. O correspondente foi enviado para cobrir os ataques israelenses à capital, Beirute, onde se baseavam líderes palestinos, como Yasser Arafat.

A Guerra do Líbano nos pegou um pouco de surpresa. À parte a cobertura em Londres do conflito distante nas Malvinas, meses antes, o Líbano foi minha primeira cobertura de guerra para a televisão. E, dessa vez, bem de perto.

Quando Israel invadiu o Líbano, eu e o cinegrafista José Wilson da Mata estávamos fazendo uma cobertura de um desses encontros de G7, em Paris, no Palácio de Versalhes – o contraste não podia ser maior. A ordem do escritório foi imediata: “Corram para lá”. Então, nós fomos, de paletó e gravata, de Versalhes para aquelas terras agitadas do sul do Líbano. Chegamos a tempo de entrar no país com as tropas invasoras.

Pela primeira vez, enfrentei um engarrafamento de tanques. Seguíamos num carro alugado, tentando acompanhar as tropas, e, no meio do caminho, encontramos tanques a caminho da guerra. Ficamos presos com eles e entramos juntos no Líbano. Eu, o José Wilson e o operador de áudio Gonçalo Gomes ficamos nessa cobertura por um mês seguido. Naquela época, precisávamos de um cinegrafista e um operador de som, porque o equipamento era pesado.

Com os israelenses, fomos até as cercanias de Beirute. Não entramos na cidade porque a capital ainda era controlada pelos palestinos.

Depois de algum tempo de cobertura com base em Israel, entrando e saindo do Líbano invadido, decidimos fazer outro caminho. Fui sem equipe para Damasco, na Síria, e, de lá, um motorista local me levou a Beirute. A Globo contratou uma equipe local, que me prestava serviço. Sorte minha, porque eram dois jovens palestinos, conheciam a área como ninguém e me levavam para onde eu jamais conseguiria chegar sozinho. Sem contar que me serviam de intérpretes. Minha lembrança mais vívida da dupla era que no carro, a caminho de uma cobertura, tocava o álbum *The Wall*, do Pink Floyd, a todo volume, e eles dirigiam em alta velocidade para evitar tiros de franco-atiradores.

“CORRER PARA ONDE?”

Beirute era uma cidade sitiada. Tinha prédios altos, como se fosse o centro do Rio de Janeiro ou de São Paulo, embora em menor proporção. Todos os dias, edifícios eram bombardeados por caças israelenses, e escombros caíam enquanto andávamos na rua. Foi uma cobertura intensa. Em área de conflito, a menos que a gente não fique trancado dentro do hotel, esbarramos nessas coisas. A dificuldade era sempre saber: “Correr para onde?”. Se fugimos para dentro de um prédio, ele pode ser atingido. Nessa hora, temos que confiar muito no instinto, temos que tomar decisões. Depois de algum tempo, sentimos no ar o cheiro da solução e vamos no grito: “Não! Eu acho que é por aqui mesmo”. Sabe-se lá por quê.

## MEDO

Eu tentava não me sentir o alvo, tomava precauções básicas para me proteger, mas, na rua, sentia medo o tempo todo. Se a gente não sente medo, não dura muito. Havia, mesmo assim, uma mistura de ousadia e ingenuidade da nossa parte: achávamos que não seríamos atingidos. Diferente dos conflitos de hoje em dia, a imprensa naquela ocasião não era especificamente um alvo. Ninguém estava tentando atingir jornalistas, apesar de poder acontecer. Era diferente também de uma situação de guerrilha. Tive essa experiência na América Central, quando talvez o medo fosse mais intenso. Em um combate tradicional, é mais fácil saber onde as forças estão. Em uma guerrilha, as pessoas se escondem atrás das moitas, não conseguimos saber de onde vem o perigo. Além disso, o atirador pode te confundir com o inimigo. Na América Central dos anos 1970, tinha muito disso. Eu chegava a um lugar, e o silêncio era absoluto. De repente, descobríamos corpos de gente baleada. Não sabia julgar se as pessoas haviam morrido naquele momento ou no dia anterior. “Será que o inimigo ainda está perto?”, eu pensava. Isso provocava ansiedade, tensão, preocupação. Na hora, a adrenalina nos fazia continuar, mas, depois que estávamos calmos e protegidos, de volta em nossa base, baixava uma sensação de ansiedade. Essas horas, às vezes, eram mais pesadas do que estar no meio do tiroteio.

Outra coisa que percebi ao cobrir conflitos na América Central e vi se repetir no Líbano foi que, em toda guerra, existem momentos de calma, de busca de rotina. No caso de Beirute, existia um horário, depois do almoço e antes do anoitecer, em que os confrontos se acalmavam. Nessa hora, os jatos israelenses não realizavam bombadeios. Era aí que pessoas tentavam recuperar sua vida normal. Víamos crianças saindo de bicicleta nas ruas cheias de escombros; lojas, mercados e barracas de rua abriam para que as pessoas pudessem fazer compras, ainda que às pressas.

Um homem no hotel em que eu estava lavava o carro toda tarde. Eu o via pela janela. Era um carro americano grande, dos anos 1950. Fiz questão de reparar se ele quebrava a rotina, e ele não hesitava. Toda tarde, o carro dele estava coberto de poeira por causa dos ataques da véspera. Não estava destruído porque nenhum bombardeio o havia acertado diretamente, mas tinha atingido alvos em volta, o que deixava o carro coberto de pó. E aquele homem, toda tarde, lavava o carro. Acho que, na verdade, o ato era uma busca



de normalidade. A vida precisa continuar. Eu mesmo, nesse horário, às vezes jogava frescobol na praia, perto do hotel, com William Waack, que, na ocasião, cobria a guerra para um jornal impresso. Também era a hora em que eu e toda a imprensa podíamos trabalhar com mais calma.

Por isso, eu dividia meu trabalho baseado no horário dos bombardeios: no meio da tarde, quando os jatos israelenses atacavam, a gente até se dava ao luxo de subir no terraço do hotel para ver os aviões chegando. Como não éramos propriamente o alvo, eles passavam por cima da gente e conseguíamos filmá-los. Cessado o bombardeio, eu podia apurar os locais que tinham sido atingidos, prédios derrubados, pessoas que haviam morrido e, então, conseguia a reportagem. Era nessa hora de calmaria que eu aproveitava também para entrevistar os palestinos contra quem Israel estava agindo – via o lado deles, o que estavam fazendo, como se organizavam. Havia o quartel-general onde se escondia o Yasser Arafat e, às vezes, ele aparecia, falava com a imprensa. Era uma rotina de trabalho dentro do caos.

E o texto da matéria saía da forma mais improvisada possível. Até hoje é assim. Por acaso ainda tenho esse hábito: não preciso estar de frente para uma máquina de escrever, ou um computador, para começar a fazer o texto. Basta eu ter uma caneta e um guardanapo, papel, envelope, escrevo em qualquer lugar. Às vezes começam a chegar ideias quando paro para tomar um café, naquele momento de reflexão penso no texto, e ele vem. Muitas vezes não tenho nem onde escrever: “Empresta aí um guardanapo!”, peço para o garçom mais próximo. E começo.

## COMIDA E TRANSPORTE

Na Beirute em guerra, não havia problema com comida, a gente sempre conseguia todo o tipo de alimento. A cidade tem fama de ser um grande centro de comércio há centenas de anos, desde a época dos fenícios. Os libaneses sabem negociar e conseguir mercadorias. Dava para comer qualquer coisa, desde que se pagasse. Conseguia filé mignon, ótimos vinhos, ainda que tudo caríssimo, pois estávamos em uma situação de guerra. Entretanto, não havia escassez para quem podia pagar, o que não era o caso de muitos libaneses, claro. Havia trilhas de contrabando usadas, inclusive, para mandar nosso material para o exterior. Na época, a tecnologia não permitia transmitir nada que não fosse por uma emissora de televisão local. E Beirute não tinha mais essa estrutura, estava tudo destruído. O que havia era um sistema de táxis, com motoristas doidos, a quem as equipes de televisão entregavam as fitas gravadas. Torcíamos para que não fossem atingidos no caminho.

Todo mundo tinha alguém em Damasco para receber o material e, aí sim, de uma televisão local, transmitir para cada emissora. No nosso caso, a Globo tinha a produtora Susan Anderson, uma americana que falava português. Era nossa produtora em Londres, enviada nessa missão. A Susan ficava em Damasco, e eu escrevia as instruções na fita. Ela, quando recebia, ia à televisão local, transmitia para a Globo em Londres, e, de lá, a reportagem ia para o Brasil.

## A COPA DO MUNDO E O LÍBANO

Alguns motoristas nos transportavam por dentro da cidade. Por exemplo, se estávamos no centro e queríamos ir, digamos, à sede dos palestinos ou a uma embaixada, pegava um motorista, e ele nos levava. Eles conheciam os caminhos e sabiam, inclusive, onde estava bloqueado, o que tinha explodido. Era um período também em que a cidade estava dividida em diferentes facções ou milícias que também brigavam entre si. Era duro negociar para atravessar as barreiras. Curiosamente, por sermos brasileiros, essa tarefa árdua se tornava mais fácil. Chegava uma equipe norte-americana e olhavam torto: “Americano? Nós não gostamos de americano”. Podiam passar em uma barreira, mas não em outra. Com o brasileiro, como o miliciano nem sabia qual era a posição do nosso governo, nos deixava passar. E sempre havia uma simpatia pelos brasileiros.

Vamos lembrar que estávamos em 1982, em plena Copa do Mundo da Espanha, e o futebol brasileiro causava comoção. Os guerrilheiros abriam as portas, tínhamos certa imunidade diplomática exclusiva; o futebol nos dava mais espaço. Chegávamos a uma barreira, dizíamos “Brasileiros”, e eles já começavam a falar o nome dos jogadores da época: Sócrates, Zico... Já se criava uma simpatia automática. “Passe, passe, passe.” Nossos colegas de outras nacionalidades que não conseguiam atravessar as barricadas nos pediam para verificar informações.

Tem, inclusive, outro episódio curioso ocorrido durante a Copa de 1982. Assistimos ao jogo entre Brasil e Escócia em companhia do Exército israelense. A única condição imposta pelos comandantes era de que todos os soldados colocassem a arma no chão. Então, nós tínhamos essa cena extraordinária: todos os soldados assistindo à partida com os fuzis automáticos no chão, torcendo pelo Brasil. Belíssimo. Uma cena espetacular que não nos permitiram filmar. Censura militar.

## REPORTAGEM MARCANTE

Eu me lembro de uma reportagem que contou com a ajuda da nossa equipe local. Fomos levados até um grupo de guerrilheiros palestinos que estava tomando café da manhã e se preparando para uma missão. Chegamos muito cedo. Eles iriam até a fronteira onde estavam os soldados israelenses e sabiam que era uma missão quase suicida, porque eles estavam armados precariamente com fuzis e enfrentariam adversários munidos de tanques e lança-mísseis. Fizemos as entrevistas, mas sabíamos que a maioria não iria sobreviver. Um contato como esse sempre deixa um impacto.

Depois de mais de um mês no Líbano, pedi para voltar a Londres. Quem me substituiu imediatamente foi o Ricardo Pereira. Meses depois, retornei a Beirute com outra equipe – Paulo Pimentel e Marco Nascimento. A cidade estava ocupada pelos israelenses, mas ainda havia combates, inclusive entre libaneses em guerra civil – cristãos contra muçulmanos. Os caminhos habituais estavam bloqueados. Para chegar lá, decidimos entrar por mar. Fomos à ilha-estado de Chipre, nos arredores, pegamos um ferry-boat e fizemos a travessia durante a noite, desembarcando em Beirute na manhã seguinte. Cobrimos o conflito por mais algum tempo, depois retornamos a Londres.

## QUEDA DO MURO DE BERLIM, 1989

Durante a Guerra Fria, o planeta esteve dividido entre duas grandes esferas de influência político-ideológica e militar: o Ocidente, capitalista; e o Leste, socialista. Berlim, cortada por um muro de concreto, simbolizava essa divisão, que ruuiu com a dissolução da União Soviética. Acompanhado do repórter cinematográfico Paulo Pimentel, Silio Boccanera foi testemunha da Queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989. Menos de um ano depois, as duas Alemanhas se tornariam uma só nação.

O movimento na Europa Oriental que acabou levando à Queda do Muro de Berlim já estava fervilhando. Naquele novembro de 1989, a movimentação começou cedo na parte Ocidental da cidade. Eu e o Paulo Pimentel saímos de Londres e, ao desembarcar, fomos direto para o ponto principal das manifestações. O Muro, que já conhecíamos de viagens anteriores, era imenso, mas havia alguns pontos-chave, como o do Portão de Brandenburgo, que, hoje, todos atravessam sem nem imaginar que já houve um muro ali. Era algo simbólico, um marco importante na história da Alemanha.

Chegando lá, as pessoas comemoravam, subiam no Muro e o destruíam com picaretas e martelos. Havia até batucada. O próprio Paulo insistiu comigo: “Sobe no Muro!”. E era alto. As pessoas que já estavam lá em cima tiveram que me puxar. O Paulo ficou a distância, nós nos mantivemos ligados pelo microfone sem fio, e, mesmo de longe, a gente conseguia se comunicar: eu falava no microfone, ele ouvia e fazia sinais. Gravamos as pessoas tentando derrubar o Muro, uma construção muito sólida. O povo martelava e não acontecia nada. Para ser derrubado mesmo, só com guindastes – que apareceram na virada da madrugada.

O clima todo era de euforia, não pela Queda do Muro, mas por tudo o que aquilo representava. Era um momento em que, sem a menor dúvida, senti uma mudança histórica ocorrendo ali, na minha frente. Há uma certa tendência, um certo lugar-comum de dizer “este é um momento histórico”, mas, em algumas ocasiões, isso é indiscutível. E a gente sabia que aquele era um deles.

## O DIA SEGUINTE

O Muro de Berlim atravessava a cidade, mas havia portões por onde sempre foi permitida a travessia do Ocidente para a parte comunista. O pessoal do lado oriental não podia cruzá-lo, mas, podia-se entrar e sair da parte ocidental com passes especiais. Tudo muito controlado. Nesse dia, essas portas se abriram por completo. Era um fim de semana, e me lembro dos números: no sábado e domingo, 2,5 milhões de pessoas atravessaram o Muro para ver o outro lado. Não era uma viagem definitiva. No passado, quem tentava atravessar estava em fuga e raramente tinha sucesso. Mas, nesse dia, como sabiam que podiam voltar para casa no Leste sem punição, as pessoas atravessaram o Muro e passaram o fim de semana em caminhadas pela Berlim Ocidental. A cidade era um exemplo de consumo capitalista ostensivo, com lojas de luxo, mercadorias de grifes, carros de alto valor. E esse pessoal vinha da penúria e da escassez do lado comunista. Famílias a passeio se mostravam como que hipnotizadas pelo que viam. Essa foi a sensação que tive. Entravam nas lojas e não compravam. Conheciam aquilo tudo por transmissões de televisão, que captavam ilegalmente imagens do outro lado, mas era um mundo proibido. Nos dias subsequentes, o governo ocidental aprovou que cada pessoa vinda do Leste, ao passar, receberia cem marcos alemães. Assim, tiveram algum dinheiro para comprar uma coisa ou outra, uma bobagem.

## *GLOBO REPÓRTER*

Produzimos para o *Globo Repórter* uma reportagem com uma família de Berlim Oriental que se preparava para atravessar o portão pela primeira vez. Acompanhamos essa visita. Para eles, era um mundo de fantasia, e captamos todos os contrastes. O lado oriental era todo cinza, sombrio, ainda guardava cicatrizes muito nítidas da Segunda Guerra Mundial. Era possível ver prédios com furos de balas daquela guerra que acontecera quarenta anos antes. Já Berlim Ocidental era uma cidade extremamente moderna. O choque foi muito forte para essa família – um senhor, a mulher e uma filha –, que mostramos arrumando as coisas para passar o dia do outro lado. Curiosamente, sete anos depois, William Waack encontrou a mesma família para ver como estava a vida deles depois de o Muro cair.

É claro que, com o passar do tempo, nem todo mundo manteve essa sensação de descoberta do paraíso. O cinegrafista Paulo Pimentel e eu tivemos a oportunidade de voltar a Berlim vinte anos depois, e muitos entrevistados nos falaram de certa decepção. O Ocidente não era bem aquilo que eles imaginavam, e a vida deles não tinha se transformado tanto assim. Sentiam saudades da proteção social fornecida pelo Estado comunista. Começou a surgir até um fenômeno de saudosismo. As pessoas passaram a querer guardar objetos que lembravam a eles um período da vida que tinha sido importante.

## ABERTURA DOS PORTÕES

Quanto ao dia da Queda do Muro, estudos e pesquisas desde então demonstram que houve um gigantesco mal-entendido por parte das autoridades comunistas. Não era para abrirem os portões naquele dia, mas o então dirigente da Alemanha Oriental, Günter Schabowski, se expressou mal em uma coletiva de imprensa. Ele queria dizer que havia planos para, um dia, abrir a passagem pelo Muro, mas acabou falando que os portões já estavam abertos. O país inteiro acompanhava a entrevista pela televisão, e uma massa de gente foi para as portas onde ocorriam travessias controladas. Para a surpresa de muitos, os soldados, que normalmente matavam qualquer pessoa que tentasse atravessar, também tinham ouvido as declarações do governo na entrevista coletiva e desistiram da repressão, abrindo as barreiras. Os cidadãos começaram a entrar em massa para atravessar do Leste para o lado Ocidental, onde víamos as pessoas serem recebidas com flores, beijos e lágrimas. Nesses momentos históricos, a emoção aflora. E estamos falando de Alemanha, onde emoções à flor da pele não são vistas todos os dias.

“Em frente ao Portão de Brandemburgo, eu falei para o Silio que o encerramento do *Jornal Nacional* tinha que ser gravado de cima do Muro. Ele me perguntou: ‘Como eu subo lá?’. E eu respondi: ‘Estenda a mão para o alto que o povo te ajuda a subir’. E assim aconteceu.” – Paulo Pimentel





Silio, em cima do Muro de Berlim, diante do Portão de Brandemburgo, Alemanha, 1989.

## GUERRA DO GOLFO

### ARÁBIA SAUDITA, 1990 – 1991

Em janeiro de 1991, os Estados Unidos iniciaram os bombardeios ao Iraque. Os ataques eram uma resposta à invasão do Kuwait pelas tropas de Saddam Hussein em agosto de 1990. Silio Boccanera foi enviado para a Jordânia e, de lá, registrou a realidade dos refugiados de guerra. Depois de três semanas, conseguiu entrar em Bagdá, com o repórter cinematográfico Sergio Gilz e o assistente Edson Nascimbeni. No ano seguinte, com o repórter cinematográfico Luiz Demétrio Furkim, ele cobriu a Guerra do Golfo a partir da Arábia Saudita.

Eu estava no Brasil quando, em agosto de 1990, o Kuwait foi invadido pelas tropas de Saddam Hussein, o que iria levar depois à guerra para tirar os iraquianos de lá. As minhas férias no Rio foram logo interrompidas, e outra equipe de Londres correu imediatamente para a região, com Pedro Bial como repórter. Fui para o Iraque algumas semanas depois e pudemos acompanhar a retirada dos funcionários que trabalhavam na empresa brasileira de engenharia Mendes Júnior, responsável pela construção de estradas e projetos de irrigação. Eram mais de duzentos empregados. Temia-se o início de uma guerra, e a dificuldade de conseguir visto de saída para essa turma era grande.

Ficamos em Bagdá por algum tempo, na expectativa de acompanhar a retirada desses funcionários. O Itamaraty enviou, então, uma missão diplomática, e todos os brasileiros finalmente conseguiram visto. Acompanhamos esse trabalho em um voo fretado de Bagdá até Brasília.

A guerra ainda não havia começado. Quando estourou, em janeiro de 1991, nossa equipe já estava lá, pois o conflito tinha data marcada para começar. Se Saddam Hussein não retirasse as tropas do Kuwait, se não cumprisse determinadas exigências até um dia específico, a guerra começaria.

Eu, o cinegrafista Luiz Demétrio Furkim, o assistente Marco Nascimento e o produtor Jayme Brito tínhamos ido para a Jordânia uma semana antes. Ficamos lá mais de um mês. Todo mundo queria chegar ao Iraque, mas o governo de Saddam Hussein não estava deixando. Ao contrário, estava expulsando os jornalistas. Eles, então, foram para a Jordânia, ponte mais fácil para o Iraque, na expectativa de conseguir entrar. Mas, depois que o governo Saddam expulsou todos os colegas de Bagdá, ninguém mais passou. Então tínhamos que

realizar a cobertura pela periferia, a partir da área em volta. Essa foi uma guerra diferente para mim, porque foi a primeira vez que vi de perto os governos controlando a mídia internacional. Tradicionalmente, quando se tinha um conflito, o jornalista se virava, ia para onde achava que deveria ir, procurava certa proteção. Na Guerra do Golfo, a situação estava controlada de tal forma que só era possível fazer o que as autoridades locais permitiam. Os correspondentes tiveram que ir para a Jordânia.

Havia o perigo de Israel entrar na guerra, e a Jordânia estava exatamente entre Israel e o Iraque. Os mísseis que Saddam Hussein disparava contra Israel teriam que passar pelo espaço aéreo da Jordânia. As pessoas não confiavam muito na tecnologia iraquiana, sempre tínhamos medo de que o míssil caísse no meio do caminho. Havia também a ameaça de armas químicas, pois Saddam já as tinha usado contra os curdos, dentro de seu próprio território. Mas, com o passar do tempo, as pessoas acabaram se acostumando com a situação.



Sílio Boccanera na fronteira entre Egito e Arábia Saudita, Cairo, 1991.

## GUERRA BIOLÓGICA: MÁSCARA A TIRACOLO

Outra área de ataque era onde estavam as tropas norte-americanas, na Arábia Saudita. Fomos para lá em seguida. Ficamos em Dhahran, no Golfo Pérsico, perto da fronteira do Kuwait. Novamente, havia muita tensão no ar. Assim como iria ocorrer no Iraque em 2003, havia muita preocupação em 1991 com guerras químicas e biológicas. Todos carregávamos máscaras contra gás. Inclusive, quando a gente saía para comer alguma coisa na rua, não largávamos a máscara, porque havia um pânico geral de que os contra-ataques iraquianos pudessem vir com armas biológicas e químicas.

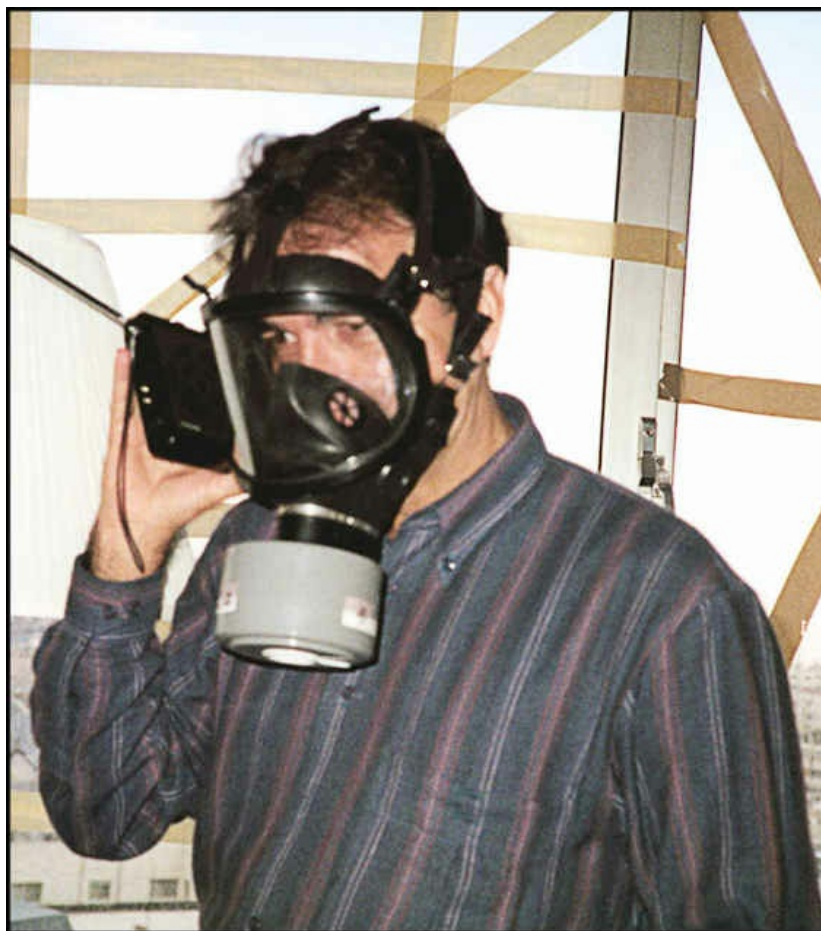
Na Guerra do Iraque, em 2003, não existiu a ameaça porque as armas foram destruídas em 1991 – apesar de sua hipotética existência ter servido de pretexto para o ataque contra Saddam em 2003. Mas, naquela ocasião, o arsenal químico e biológico de fato existia. Saddam apenas preferiu não utilizá-lo. No entanto, diante da possibilidade de que ele viesse a mudar de ideia, todos os jornalistas carregavam máscaras. O equipamento só oferecia proteção moderada; se viessem armas biológicas realmente pesadas, máscaras não iam bastar.

Carregávamos a máscara a tiracolo, como se fosse uma bolsa. Também nos disseram para cobrir os olhos em qualquer momento de pânico. Às vezes, praticávamos seu uso. No primeiro dia de ataques, assim que a guerra começou, havia momentos em que, no alarme geral, as pessoas chegavam a vestir a máscara por precaução. Sabia-se que havia um míssil no ar, passando por cima de nossas cabeças, provavelmente a caminho de Israel, mas ainda não estava definido para onde ele iria.

Para mim, a maior dificuldade foi o controle sobre a cobertura, o cerceamento de nossa liberdade de trabalhar. Em Amã ou Dhahran, podíamos nos comunicar com o resto do mundo. Em algumas ocasiões, as forças aliadas organizavam expedições para irmos a algum território sob o mando deles, mostravam o que queriam, por exemplo, os caças no aeroporto da Arábia Saudita partindo para atacar o inimigo que ocupava o Kuwait. Essa guerra gerou um mecanismo escancarado de propaganda, tínhamos que ter cuidado para não cair na armadilha. Fazíamos o possível.

“Na viagem de volta ao Brasil, o que me chamou atenção foi que, ao pararmos no Marrocos, o abastecimento da aeronave foi feito com dinheiro vivo. Já imaginou quanto em dinheiro você

precisa ter para abastecer um Boing 747?” – Sergio Gilz



Com máscara antigas, Sílio usa rádio para ouvir o noticiário da Guerra do Golfo, Jordânia, 1991.

## CONFLITOS NO LESTE EUROPEU, DÉCADA DE 1990

Em 25 de junho de 1991, depois de um plebiscito, a Eslovênia e a Croácia declararam independência da Iugoslávia. Slobodan Milosevic, eleito presidente da Sérvia em 1989, não aprovou a autonomia das duas repúblicas e teve início uma sangrenta guerra civil. Silio Boccanera esteve na região em duas ocasiões: em 1991, no início do conflito, acompanhado do repórter cinematográfico Luiz Demétrio Furkim, e em 1995, acompanhado do repórter cinematográfico Paulo Pimentel, quando cruzaram a Sérvia de ônibus para retratar a realidade local. A Guerra Civil na Iugoslávia se estendeu por quase uma década e deixou milhares de mortos e refugiados.

A Iugoslávia começou a se esfacular em 1991. E a primeira república a se soltar foi a Eslovênia, que, anos depois, iria se integrar à União Europeia – o que nos dá uma dimensão do salto que foi dado. A Eslovênia se declarou independente da Iugoslávia e foi a primeira a ser atacada pelas forças federais centralizadas na Sérvia. Começamos a cobrir o conflito por essa região. Depois vimos que, de toda a guerra da ex-Iugoslávia, a da Eslovênia foi até a mais tranquila, comparativamente. Naquela fase, não houve limpeza étnica, nem massacres monumentais. Houve conflitos de guerra, muita gente morreu, mas nada no nível de barbarismo que veio a ocorrer depois, um pouco na Croácia e muito na Bósnia. Da Croácia, cobrimos uma parte relativamente pequena do conflito e, na Bósnia, houve diferentes momentos, com diferentes equipes.

## FOGO CRUZADO

No caso da Eslovênia, quando chegamos, nos surpreendemos, porque vimos que a Iugoslávia começava a se esfacelar de forma violenta. Era um lugar considerado relativamente civilizado: aeroportos e estradas estavam funcionando. Tudo normal, o clima era tranquilo no geral. Mas os conflitos se intensificavam a cada dia. Até que, em determinado momento, nos vimos no meio de um tiroteio.

Viajando de ônibus, o repórter cinematográfico e eu chegamos próximo a uma área onde o silêncio estava desagradável. Via-se que tinha havido movimento de tanques por ali. Armamos nossa câmera em cima de um morro para fazer uma apresentação qualquer. De repente, percebemos um tiroteio no qual éramos os alvos. O cinegrafista imediatamente se jogou no chão, e a câmera continuou ligada, filmando a grama. Isso acontecia muito por ali, mas, por um acaso, a câmera estava ligada. Temos até hoje essa cena.

O público frequentemente só vê a cara do repórter e se esquece de quem está por trás dela: o primeiro é o cinegrafista. Só vemos o trabalho do repórter porque tem um cinegrafista o acompanhando. Em coberturas internacionais, esse trabalho de registro visual do que se passa é muito importante. Repórter e cinegrafista atuam muito próximos, sobretudo em áreas de conflito. Às vezes, a sobrevivência de um depende do outro.

## VIAGEM DE ÔNIBUS DE BELGRADO ATÉ PALE, AO LADO DE SARAJEVO

Em outro momento dessa guerra civil, eu e o cinegrafista Paulo Pimentel tomamos uma rota de ônibus para ver como as pessoas locais faziam para se deslocar e atravessar uma área de conflito. Pegamos um ônibus em Belgrado, na Sérvia, e fomos até Pale, base sérvia na Bósnia, um local alto de onde se tinha uma vista panorâmica de Sarajevo, a capital da Bósnia que os sérvios atacaram continuamente durante a guerra. Fizemos o trajeto até Pale de ônibus, com os passageiros comuns. Nosso plano era justamente ver como aquelas pessoas atravessavam o país naquelas circunstâncias.

A viagem, que deveria demorar duas horas, demorou nove ou dez porque o ônibus parava muito. A presença de câmeras era uma coisa terrível, tínhamos que esperar os soldados consentirem, pedíamos com certa calma, pois havia a possibilidade de o sujeito disparar em cima da gente. Ali, a impunidade era total. Não hesitariam em atirar se saíssemos com a câmera no ombro sem avisar. Nesse aspecto, era complicado. Durante a cobertura, dormimos numa casa de família, um espaço alugado, porque não havia vaga nos hotéis que tinham sido construídos para as Olimpíadas de Inverno de 1984.

Nas ruas da Sérvia, o clima era tranquilo, pois o país tinha a superioridade militar. Não havia confronto ali. Os sérvios atacavam as forças da Bósnia, sobretudo os muçulmanos, mais para baixo, na fronteira. Duas semanas depois do nosso retorno a Londres, houve o Massacre de Srebrenica, em que mataram mais de 8 mil pessoas no meio do mato, justamente ali onde passamos. Chegamos a ver a placa para Srebrenica. Nesse caminho, tínhamos testemunhado muita destruição, resultado de bombardeios, sinais claros da guerra. Cruzávamos estradas muito bonitas, mas o silêncio assustava porque, quando há bombardeio, sabemos onde a bomba explode e nos assustamos menos. A explosão orienta. Mas se é uma área de conflito e está um silêncio absoluto, o nível de ansiedade é muito grande. Espera-se que alguma coisa aconteça a qualquer momento.

Depois, cobrimos a Croácia. Foi um pouco semelhante, menos violento do que em outros locais. Quando não estávamos mais lá, tomamos conhecimento dos bombardeios de Dubrovnik, que é uma cidade histórica, medieval, de grande beleza.

Mesmo em lugares aparentemente tranquilos, o correspondente precisa desconfiar, sentir medo e ter bom senso. Não é hora de querer fazer nome, ter



audácia, isso eu aprendi. As pessoas que fazem compilações de estatísticas verificam que grande parte dos jornalistas mortos em conflito geralmente são os mais jovens e impetuosos, que querem fazer tudo no impulso. Também precisamos saber o máximo possível sobre o conflito antes de chegar ao local; caso contrário, você não saberá nem como se mexer, não saberá quem é quem. Se, em determinado momento, o medo for demais, o melhor é se retrair. Não há cobertura que valha a vida de um correspondente. Temos que tentar obter a informação necessária dentro de um limite. Se passar do ponto, você não volta, e aí não tem cobertura mesmo.

## ATENTADOS EM LONDRES, 2005

Na manhã de 7 de julho de 2005, o sistema de transporte público de Londres foi alvo de atentados terroristas. Em menos de uma hora, bombas explodiram em três trens do metrô e em um ônibus, deixando centenas de feridos e mais de cinquenta mortos. Um grupo ligado à rede terrorista Al Qaeda, de Osama Bin Laden, assumiu a autoria dos ataques. Silio Boccanera morava em Londres e contribuiu para a cobertura da Globo.

Quando houve a explosão no sistema de transporte público de Londres, o chefe do escritório da Globo era o Marcos Uchoa, que estava na Escócia, em uma reunião do G7. Entraram em contato comigo e pediram para eu colaborar, mesmo eu não trabalhando mais na emissora. Eu fazia programas na GloboNews, estava desligado das coberturas diárias.

Naquele dia, havia quatro terroristas no sistema de metrô: cada um pegou uma direção e explodiu uma bomba no caminho. Uma missão suicida. O terrorista que ia para o sul foi surpreendido porque sua linha de metrô não estava operando no dia. Ele então tomou um ônibus. As explosões foram em três estações de metrô e no ônibus. Quando as primeiras notícias chegaram, eu estava em casa. O noticiário de rádio informava que o metrô havia parado, estava havendo algum problema. Ao que tudo indicava, ocorreria uma explosão. A gente imediatamente pensa numa pane elétrica, um problema normal no metrô. Não demorou muito para que se percebesse que era algo mais sério. E logo em seguida me ligaram da Globo no Brasil pedindo ajuda.

Nesse caso, o trabalho era chegar o mais próximo possível de um dos pontos onde tinha havido a explosão. Resumiria a história, veria o que era possível, descreveria o que se passava, com a dificuldade de que o acontecimento era subterrâneo, então não dava para saber quantas pessoas haviam morrido. Isso, para uma reportagem imediata, é difícil. Claro que, aos poucos, todos os detalhes mórbidos iriam se revelar, mas, na hora, só dá para relatar o que se sabe com certeza. Para mim, esse momento serviu apenas para começar a juntar essas primeiras informações e enviá-las o mais rápido possível ao Brasil, para que fossem incluídas nos telejornais da manhã. Depois, Marcos Uchoa voltou da Escócia, e Pedro Bassan deixou a cobertura do Grande Prêmio de Fórmula 1 e foi para Londres.

Ao longo dos anos morando na Inglaterra, sei que o país reage com muita

calma em casos de tragédias. Mesmo diante de um evento como um ataque terrorista, não se vê aquela coisa latina, explosiva, desesperada por parte da população que grita e chora. Os britânicos encaram esses fatos não com frieza, mas com muito bom senso. A mídia britânica – pelo menos a parte que é séria – apura tudo com cautela para que a população não imagine coisas que não aconteceram. Por isso tem credibilidade. E a cidade continua funcionando. Várias pessoas entrevistadas na rua durante os eventos respondiam na mesma linha: “Temos que seguir a vida, ir em frente normalmente, porque, se não fizermos isso, os terroristas ganham, porque conseguirão instaurar o medo, alterar a normalidade”. Isso permanece. A polícia periodicamente diz que há a grande probabilidade de um novo ataque terrorista em Londres, e já ocorreram outros, mas as pessoas seguem sua vida, e o nível de segurança para o cidadão comum é muito alto, com baixo índice de criminalidade.

O momento mais tenso ocorreu quinze dias depois dos ataques ao sistema de transporte, em 2005, quando outro grupo tentou reproduzir o mesmo tipo de operação terrorista. Só que, dessa vez, não soube preparar o explosivo direito. Quatro ativistas entraram no metrô com suas mochilas, combinaram a hora que iam explodir as bombas, acionaram o mecanismo, mas nenhuma delas explodiu. A operação rendeu apenas uma fumaceira dentro dos vagões. Os suspeitos fugiram e aí houve momentos de tensão, com a polícia atrás deles. Três foram presos quase de imediato, mas um escapou, e esse foi o que levou ao célebre incidente do Jean Charles de Menezes, o brasileiro eletricitista de Minas Gerais que foi morto num erro policial. Em resumo, a polícia foi atrás do suspeito errado. O brasileiro morava no mesmo prédio do terrorista que, a essa altura, já tinha fugido do país.

Jean Charles, sem saber de nada, saiu de casa na manhã seguinte à do ataque, com um policial da vigilância o acompanhando. O brasileiro pegou um ônibus a caminho do metrô, desceu, viu que a estação estava fechada e retornou ao ônibus. Os policiais acharam que esse movimento indicava uma tática de fuga. Quando o rapaz saiu do ônibus na estação seguinte do metrô, a polícia o seguiu quando desceu a escada rolante para pegar o trem. Um policial, convencido de que se tratava mesmo do terrorista foragido e não apenas de um suspeito sendo seguido, disparou oito tiros na cabeça de Jean, dentro do vagão de metrô, o que gerou sua morte instantânea e um enorme escândalo político no país.

## ELEIÇÃO DE BARACK OBAMA, VIRGÍNIA, 2008

Em novembro de 2008, os Estados Unidos elegeram como presidente da República Barack Obama, o primeiro negro a ocupar o cargo. O democrata derrotou o republicano John McCain. Silio Boccanera esteve em solo norte-americano e realizou reportagens especiais nos meses que antecederam a votação.

Em 2008, a pedido da GloboNews, tive a oportunidade de dar um giro por parte dos Estados Unidos e ver qual era o clima do país antes daquela eleição que levou à vitória de Barack Obama. Foi histórico: o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Superou-se ali uma série de preconceitos que existe em uma parte do eleitorado. Resolveu-se que seria interessante mostrar a corrida presidencial de um candidato negro na Virgínia, o último estado americano a abandonar a segregação racial.

Para nossa surpresa, o público naquele momento se mostrou favorável e até simpático à ideia de eleger um candidato negro. Esperávamos isso de Nova York ou da Califórnia, porque são estados mais liberais, mas achávamos que na Virgínia haveria um quadro mais interessante, o que se comprovou nessa viagem. Os eleitores brancos que entrevistamos estavam dispostos a votar no Obama. Era uma situação bem diferente das eleições de 2016 que deram a vitória a Donald Trump. Fui a Nova York me juntar aos colegas da GloboNews para um painel sobre o resultado das eleições. A mídia em peso achava que Trump perderia para Hillary Clinton. *Mea culpa*, também achei. Prova clara de que, em jornalismo, a realidade nunca cessa de nos surpreender.

## OUTROS CAMINHOS

Nos últimos anos, no trabalho de televisão, me desliguei da cobertura jornalística diária e passei a me dedicar a dois programas da GloboNews: *Milênio* e *Sem Fronteiras*.

O *Milênio* se concentra em entrevistas de meia hora, com o que chamamos de “pessoas de ideias”. São pensadores, acadêmicos, historiadores, sociólogos, cientistas, indivíduos de áreas diversas, que geralmente vivem no exterior, e podem compartilhar seu conhecimento em algum setor de interesse para os assinantes da emissora.

O *Sem Fronteiras* se encaixa na categoria que a mídia anglo-americana chama de *current affairs*. Buscamos pautas de assuntos internacionais correntes, crises, conflitos, disputas políticas ou sociais, problemas econômicos ou mesmo temas de interesse do brasileiro que tenham um ângulo internacional ou que possam se beneficiar de uma perspectiva externa ou de uma comparação com outros países. Abordamos o tema da semana sempre por ao menos três ângulos: o do Brasil, o dos Estados Unidos e o da Europa. Meu colega Jorge Pontual, em Nova York, e repórteres do Rio e de São Paulo completam o time, com a turma que pesquisa imagens, junta os pedaços, edita e dá sentido ao que produzimos em separado. Analisamos os fatos, temos uma visão do todo.



RENATO MACHADO

RENATO MACHADO É UM *GENTLEMAN*. Morou durante doze anos em Londres, em momentos distintos de sua vida, onde refinou a paixão pela música clássica e aprofundou o gosto pelos vinhos. Como jornalista, testemunhou, nesses períodos, transformações na conjuntura econômica e política internacional.

O filho do médico e oficial do Exército Álvaro Dodsworth Machado e da secretária bilíngue – português e francês – Fernanda Mattos Machado, nasceu em 21 de março de 1943 no Rio de Janeiro. Tinha tudo para ser diplomata – ao menos era isso com que sua mãe sonhava. Ele se formou em Direito na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e também foi aprovado na prova do Itamaraty, mas boicotou o exame de vista e encerrou essa ilusão. Renato Machado iria conhecer o mundo, mas como correspondente internacional.

Antes de chegar lá, foi ator, dublador de cinema e atuou no Teatro Oficina, em São Paulo. Em 1967, aprovado em um concurso da BBC, foi para Londres trabalhar com rádio. Voltou ao Rio de Janeiro dois anos depois e foi contratado como tradutor pelo *Jornal do Brasil*. Tornou-se repórter do periódico, onde permaneceu durante catorze anos, tendo assumido as funções de editor de Internacional e da revista *Domingo*.

Em 1982, o amigo e então diretor de Jornalismo da Globo, Armando Nogueira, o convidou para uma vaga de repórter na emissora. Começou dando literalmente o sangue, como gosta de dizer, pois foi como doador de sangue a primeira vez que apareceu no vídeo. A reportagem era sobre o tráfico de órgãos na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro. Aos poucos, aprendeu como agir diante das câmeras graças às dicas e ao trabalho em conjunto com repórteres cinematográficos.

Experiente em assuntos internacionais, fluente em inglês e francês, o jornalista participou da cobertura da Guerra das Malvinas, em 1982, trabalhando do Rio de Janeiro e da Argentina. Foi enviado a vários países para reportagens especiais, até ser convidado para assumir o posto de correspondente em Londres, em 1983. Na capital inglesa, permaneceu por seis anos. Retornou ao Brasil como repórter especial e encarou uma de suas experiências mais extremas: quase ultrapassou a barreira do som em uma reportagem a bordo do caça Jaguar 1, da Força Aérea Brasileira. Foi de Anápolis, município no coração de Goiás, até o extremo norte do estado em



apenas dez minutos, trajeto que incluiu uma pane elétrica e a certeza de que aquele seria o último dia de sua vida. Não foi.

Após breve passagem pela TV Manchete, Renato Machado tornou-se apresentador e editor-chefe do *Bom Dia Brasil*, em 1996, ajudando a reformular o telejornal matutino. Em 2010, deixou a bancada e iniciou nova aventura no exterior, tornando-se correspondente em Londres até 2016. De volta ao Rio, faz reportagens especiais para o *Globo Repórter*.



## NOVA YORK E LONDRES, 1983

Renato Machado foi enviado a Nova York para cobrir férias do repórter Lucas Mendes, em 1983. No mesmo ano, tornou-se correspondente da Globo em Londres, onde permaneceu até 1989.

Era a primeira vez que eu trabalhava como correspondente internacional pela Globo. Minhas temporadas no exterior se deviam ao *Jornal do Brasil* e à BBC, onde trabalhei em uma das estações de rádio do grupo. Desde muito cedo em minha vida, sempre lidei com línguas estrangeiras, como o francês e o inglês. Viajava muito e tinha facilidade com outras culturas – minha mãe achava que eu ia ser diplomata. Era uma carreira que significava status no imaginário coletivo dos anos 1950. Mal sabia ela que eu iria viajar o mundo inteiro, sim, mas como jornalista.

Quando cheguei ao escritório da Globo em Nova York, comecei a trabalhar com o repórter cinematográfico Orlando Moreira. Ele foi uma grande revelação. Como eu vinha de jornal impresso, admirava muito o trabalho dos cinegrafistas, perguntava qual era a melhor maneira de gravar, se a luz estava boa, porque eu não me via no vídeo. O Orlando foi realmente um diretor de televisão para mim, sobretudo na correria que era para fechar matérias e enviar ao Brasil.

Ao retornar ao Rio de Janeiro, a então diretora de Telejornais, Alice-Maria, me convidou para assumir a vaga do Roberto Feith em Londres. Ele estava voltando para chefiar o *Globo Repórter*. Aceitei. Naquela época, eu era sozinho, morava em um apartamento pequeno no Jardim Botânico e estava disponível, queria ir.

Londres era familiar para mim, por isso me adaptei bem. Essa minha primeira fase durou seis anos, um período muito bom no escritório. Havia três cinegrafistas – três equipes para a reportagem, e a gente podia ter mais uma câmera. Depois, enviaram mais um profissional só para fazer Fórmula 1. Era a época dos Grandes Prêmios.

Havia muita pauta sobre política do Reino Unido, palácio de Buckingham, os atentados do grupo terrorista irlandês, o IRA. Gravei muita “passagem” no palácio e nas casas do parlamento, em Westminster, adquiri familiaridade com o local. Além disso, tendo Londres como base, fazíamos muitas viagens para produzir reportagens para o *Fantástico*.

## GUERRILHA AMÉRICA CENTRAL, 1983

A organização socialista Frente Sandinista de Libertação Nacional tomou o poder na Nicarágua, em 1979. Outros países da América Central, como El Salvador, também viviam em estado de guerra. Em 1983, Renato Machado viajou para a região e fez uma entrevista exclusiva com o guerrilheiro, e depois presidente da Nicarágua, Daniel Ortega.

Em 1983, a Marinha dos Estados Unidos havia deslocado tropas para o litoral da América Central e começou a pressionar a Nicarágua a não enviar guerrilheiros a El Salvador. A editora Mônica Labarthe, o cinegrafista Toninho Marins e eu fomos a Puerto Cortés, em Honduras, acompanhar o desembarque dos fuzileiros norte-americanos. Depois, seguimos para os outros países da região em situação de guerrilha.

Viajamos sem planejamento, a pauta foi se desenvolvendo na hora. Uma das nossas paradas era Manágua, capital da Nicarágua. A cidade estava destruída devido aos combates em anos anteriores. Nós nos hospedamos no hotel em que toda a imprensa costumava ficar. Ali havia um restaurante onde fazíamos as refeições, era possível encontrar um ou dois pratos do dia, café coado, e estava bom demais. Fizemos contatos e conseguimos uma entrevista com Daniel Ortega, no palácio presidencial – *la Casa de Gobierno*. Ele praticamente não nos deixou perguntar nada. Passou uma mensagem geral sobre a postura anti-imperialista e revolucionária de seu movimento, o que era comum no discurso comunista daquela época.

## NA VOLTA

O que mais me chamou atenção no caminho de volta ao hotel foram os soldados: garotos de dezesseis, dezessete anos com metralhadoras, fazendo vigília e com o dedo no gatilho. Havia muitos *checkpoints*, onde eles nos revistavam e pediam informações. Para nos locomover de carro, tínhamos que colar no para-brisa esparadrapos que formavam a palavra “TV”, bem grande, porque não queríamos ser confundidos com possíveis inimigos. Foi o que nos salvou de uma besteira que eu fiz quando dirigia pelas ruas da capital.

Vi no final da pista um semáforo fechado, mas nenhum pedestre. Na minha frente, havia uma fila de carros parados esperando pela luz verde. Eu vinha embalado e decidi cortar todo mundo e ultrapassar. De repente, um camarada de fuzil se aproximou e me mandou parar: “Você não está vendo a fila?”. Tentei escapar da encrenca e disse: “Não somos daqui, não sei”. Ele não me deu nenhuma colher de chá: apontou a arma e mandou voltar para o fim da fila, ainda perguntando se nosso país não era civilizado. Eles se preocupavam com infrações de trânsito em uma cidade em guerra! Como eu podia imaginar? Essas coisas só acontecem comigo!

## CRUZANDO A SELVA

Terminada nossa tarefa em Manágua, decidimos fazer uma viagem para o norte da Nicarágua. Queríamos chegar a Jalapa, cidade em que havia ação da guerrilha. De lá, seguiríamos para El Salvador, onde a situação era mais tensa.

Foi então que alugamos um carrão, uma espécie de jipe de guerra, que incluía um motorista que acumulava a função de guia. Ele, inclusive, era membro do movimento, um *compañero*. Nós o chamávamos de *compa*. Ainda em Manágua, aceitamos dar carona para um jornalista coreano, que se dispôs a dividir algumas despesas conosco, e sobrou espaço para outra passageira, uma *compa* muito quieta que vestia uniforme do Exército. Mal consegui trocar duas palavras com ela.

Nosso carro ficou lotado. A história piora porque a estrada de terra para o norte era muito ruim. Cheia de buracos, poeira e fazia muito calor. Imagina, era no meio da selva. Além disso, a viagem era perigosa. A região era infestada de contrarrevolucionários – os *contras*, pessoal inimigo do Ortega. Com dois *compas* no carro, e em território ocupado pelos *contras*, éramos um alvo em potencial. Só depois é que fomos descobrir isso.

Conversando com o motorista, ele nos contou que, no dia anterior, tinha havido uma morte na região. Na estrada, muitas cruzes brancas marcavam o local, e nosso assistente de câmera, Dirceu Moraes, ficou aterrorizado com aquela situação. Ele era muito novo. Estava com medo dos garotinhos com metralhadora, e o Toninho ficava provocando a gente.

Após percorrermos algumas horas na estrada, o carro teve um problema na embreagem, e o motorista não conseguia mais trocar a marcha. Ficou preso na segunda. À frente, um riacho sem ponte se aproximava e não haveria outra escolha a não ser cruzá-lo. Evidentemente, ninguém queria dirigir o carro, e houve uma discussão se deveríamos voltar. Estávamos muito perto, faltavam apenas quarenta quilômetros, e eu achava que devíamos seguir em frente. Em algum momento – não lembro como nem quando –, tomei o lugar do motorista com o veículo em movimento. Foi uma troca rápida – ele deixou o carro engatado, abriu a porta e pulou para o lado de fora. Eu, por minha vez, pulei para o banco do motorista, com o carro andando, e passei a dirigi-lo. A tensão foi enorme, mas arrisquei. Tinha gasolina, e eu fui firme para atravessar o rio, não podia tirar o pé do acelerador. Fechei os olhos e deu tudo certo.

Nesse caminho, cruzamos na estrada com o jornalista Rosental Calmon

Alves, que era do *Jornal do Brasil*. Ele estava dirigindo sozinho por ali a trabalho, uma verdadeira loucura.

Quando chegamos a Jalapa, encontramos uma unidade de treinamento de guerrilha. Havia um pelotão fazendo exercício, lançando granadas, porém a única coisa que eu queria era comer um filé mignon e tomar um copo de vinho. Estávamos em uma tenda, no meio do mato, mas pensei: “Quem sabe, se perguntarmos, conseguimos?”. A Mônica ficou rindo da minha cara, mas no fim nos serviram um belo pedaço de carne e uma cerveja. Eu merecia! Passei três horas sem arredar o pé daquele acelerador.

A volta foi tranquila. Seguimos para El Salvador para então retornar a Londres. O caminho para o aeroporto era longo e escuro. Fui com o Toninho na frente, em um carro com os equipamentos, e a Mônica com o Dirceu atrás. Esperamos horas até eles chegarem. Foram detidos para averiguação em um *checkpoint*, mas, no fim, tudo foi resolvido.

“Na viagem a Jalapa, nosso carro quebrou, só saía de segunda marcha e não podia frear. O Renato, no volante, acelerava. E eu, com a cabeça para fora, gritava: ‘*Periodista! Periodista!*’ Tivemos a sorte de não sermos parados em nenhuma barreira policial pelo caminho. Fomos liberados em todas elas.” – Toninho Marins

## TOURADAS ESPANHA, 1984

Renato Machado e Paulo Pimentel rodaram a Espanha de carro para acompanhar o campeonato nacional de touradas de 1984. A dupla entrevistou os finalistas daquele ano: Palomo Linares e José Sánchez. A reportagem foi exibida no *Globo Repórter* em 17 de outubro de 1984.

O repórter cinematográfico Paulo Pimentel e eu saímos de Londres e pousamos em Madri para gravar um *Globo Repórter* sobre as touradas na Espanha, que lá se chamam *corridas de toros*. Naquela época, a prática ainda era permitida no país e mobilizava parte da população. Alugamos um carro e seguimos para o interior, onde acompanhamos a temporada. Contamos a história de vários toureiros, seus familiares e pessoas que se acidentaram. Entre eles estavam Palomo Linares, consagrado com mais de trintas touradas na carreira, e José Sánchez, competidor iniciante, que tinha em sua quadrilha – a equipe principal – um brasileiro. Para nossa sorte, os dois foram vencendo as etapas da temporada e se encontraram para duelar em Zaragoza. Não planejamos a história, simplesmente aconteceu.

Passamos por várias cidades cheias de cores. O espetáculo da tourada envolve muitos personagens. Cada um tem um papel. Nos bastidores, todos ajudam o protagonista a se vestir – a paramentação dele é muito importante; ele usa o que se chama de traje de luzes, uma roupa feita de cetim, repleta de bordados. Mesmo com todo o preparo para chamar a atenção do animal, em uma das corridas, um touro resolveu perseguir... a nossa equipe!

Eu estava na arquibancada assistindo ao espetáculo de longe e fazendo anotações quando o toureiro brasileiro da equipe do Sánchez levou uma chifrada e se machucou. Em meio à confusão, vejo duas pessoas se aproximando da cena, dentro da arena, bem devagar. Era o Paulo Pimentel e o assistente de câmera Cláudio Machado. Queriam filmar de perto, mas foram surpreendidos pelo touro, que partiu para cima deles. Assustados, saíram correndo, carregando todo aquele equipamento pesado. Passaram por uma espécie de biombo de proteção e conseguiram escapar.

## ACIDENTE NA ESTRADA

Outro momento difícil que passamos foi em uma dessas viagens para o interior, quando pegávamos a estrada à noite. Foi um episódio muito triste. O Paulo Pimentel estava no banco da frente, e eu dividia a parte de trás com o Cláudio. Distraído, eu me assustei com os gritos do Paulo: “Não, não, não!”. Apenas *flashes* daquele momento me vêm à memória, foi muito rápido. Uma mãe andava com dois filhos pelo acostamento quando um deles saiu correndo para o meio da pista. Era uma estrada pequena, de mão dupla. Um carro que passava em alta velocidade não conseguiu desviar e atropelou a criança. Lembro que o Paulo gritou e cobriu os olhos. Não havia nada que pudéssemos fazer. Ele ficou muito impressionado com essa história, viu tudo acontecer, foi forte.



## A FINAL EM ZARAGOZA

Conversamos muito com as equipes finalistas daquela temporada de corridas. Entrevistei os dois toureiros principais, e nossa reportagem foi montada em torno deles. Na final, o ousado Sánchez, conhecido como El Yiyo, foi ovacionado e consagrado. Palomo Linares, o Paco, não se saiu bem – e resolveu abreviar a corrida. Foi vaiado.

Já El Yiyo, que cansou o animal, deu as costas para ele e tocou no chifre antes do golpe final. Saiu carregado nos ombros de sua equipe. Para a minha surpresa, pouco depois, El Yiyo, tão novo, morreu em uma tourada. Só soube dias depois. Liguei para a redação para tentar incluir essa informação no *Globo Repórter*, que ainda não havia ido ao ar, mas não deu tempo. Em sua entrevista, El Yiyo falava sobre um amigo que tinha morrido na arena. E ele, El Yiyo, se lembrava do ocorrido toda vez que entrava no duelo. Dizia que era um ato de coragem, mas muito perigoso.

## JULGAMENTO DE LEONARDO BOFF Itália, 1984

Em setembro de 1984, o frei Leonardo Boff foi inquirido no Vaticano a respeito de seu livro *Igreja: carisma e poder*. O julgamento ocorreu quatro dias após a Igreja Católica condenar a Teologia da Libertação, doutrina de esquerda adotada por parte do clero na América Latina como ato de resistência às ditaduras militares.

A atividade pastoral do frei Leonardo Boff estava sendo questionada pelo Vaticano por suas ideias e por sua prática política, que tinha repercussão na América Central. A doutrina da Teologia da Libertação pregava valores que não estavam de acordo com a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, o organismo que dava substância ao pensamento católico na época. O prefeito da Doutrina da Fé era Joseph Ratzinger, o futuro papa Bento XVI. O julgamento era uma condenação à esquerda católica latino-americana.

Eu e Paulo Pimentel acompanhamos o julgamento durante três dias. Seria uma cobertura simples, se não tivéssemos sido detidos por guardas do Vaticano.

## DISCIPLINA CRISTÃ

Leonardo Boff começou a ser inquirido pelo cardeal Ratzinger enquanto toda a imprensa aguardava, ansiosa, na entrada dos escritórios da Congregação, que ficavam próximos à basílica de São Pedro, na praça do Vaticano. Paulo Pimentel e eu queríamos registrar imagens exclusivas e, em determinado momento, decidimos arriscar. Contornamos o prédio do escritório e nos posicionamos, sozinhos, na porta dos fundos, onde não havia ninguém. Para nós, Boff sairia por ali, e conseguiríamos um ótimo ângulo.

Achamos que seria simples. Havia uma guarita ao lado, e ninguém se manifestou. Fomos andando em direção à porta. De repente, um sacerdote grandalhão que atuava como segurança do Vaticano nos cercou e pediu para ver o material. Tentamos conversar, dizer que também éramos católicos, mas não deu em nada. Pegaram nossa câmera e nos fizeram esperar na guarita até o fim do julgamento. Não quiseram nos soltar enquanto o frei Leonardo estivesse lá dentro.

Quando o frade deixou o escritório, a imprensa inteira correu para entrevistá-lo. O sacerdote grandão nos devolveu a câmera sem fita e nos deixou seguir. Por sorte, conseguimos uma pequena entrevista com o frei Leonardo, que teve uma boa repercussão no Brasil. Ele contava em linhas gerais o que ocorrera: ele não confrontou a Congregação e aceitou os argumentos de Ratzinger. Por isso, houve uma condenação branda, uma advertência dizendo que a tese da Teologia da Libertação criou dificuldades para a Igreja Católica.

Não tínhamos todo o material que gravamos, mas o suficiente para correr para a Eurovisão e gerar a reportagem editada para o escritório. Tarefa cumprida.

“Leonardo Boff virou réu por ideais cristãos liberacionistas. Para acompanhá-lo, atravessamos os portões do Vaticano e fomos barrados pela Guarda Suíça, que apreendeu parte das imagens. Renato e eu viramos réus por sermos repórteres.” – Paulo Pimentel

## Os SOVIÉTICOS

### MOSCOU, 1985

No inverno gelado de 1985, Renato Machado e Sergio Gilz viajaram a Moscou para descobrir curiosidades sobre o comportamento dos soviéticos. As reportagens foram exibidas no *Fantástico*.

Desembarcamos em Moscou em fevereiro de 1985 sob uma neve muito densa. A temperatura era de -15°C, com ápice de -32°C no nosso dia mais frio. Um inverno congelante, que eu não conhecia. O objetivo da reportagem era mostrar vários aspectos da vida russa, incluindo o cotidiano no inverno rigoroso. Encaramos as baixas temperaturas e também a censura soviética – fomos vigiados o tempo todo. Passamos dias lidando com esses dois inimigos.

## A CENSURA

Não me lembro de ter o hábito de ver aquelas ruas cheias de neve na televisão, porque, nos anos 1980, viajar para a União Soviética não era algo simples, já que havia muita burocracia. A única forma de filmar no país era com autorização do governo: andávamos do hotel para as locações em uma van com uma equipe deles. Havia um intérprete comunista brasileiro, que vigiava nossas conversas, e um homem que dizia ser da Gosteleradio, a organização de mídia soviética, embora eu tenha quase certeza de que ele era do Departamento de Informação, um braço da KGB, principal organização de serviços secretos da União Soviética.

Algumas coisas não podiam ser filmadas. Queríamos mostrar as pessoas comprando em uma grande loja de departamento, mas o nosso guia sempre se metia na frente e não permitia fazermos as imagens.

Numa das gravações, uma jornalista da rádio soviética puxou assunto conosco em inglês. Ninguém era autorizado a falar de política, mas ela indiretamente conseguiu me passar informações. Conversávamos sobre férias e viagens. Eu disse que nossos colegas do escritório estavam indo para a Espanha e perguntei se ela costumava ir para um balneário na Romênia, então território soviético. Eu era muito desligado nessa época e insisti em saber para qual praia eles iam quando estavam de férias. Ela cochichou: “Você não está entendendo. Aqui é a União Soviética, nós não viajamos”. Era verdade.

Foi o máximo de política que consegui explorar. Isso e o caso de uma curandeira cujo trabalho era reconhecido por médicos na União Soviética. Diziam até que tinha dado passes ao ex-presidente soviético Leonid Brejnev. Nossa produção em Londres localizou essa moça. Ela se chamava Juna e morava nababescamente em Moscou, num tempo em que a vida na capital era uma dureza só. Ela tinha uma televisão estéreo, que era uma coisa raríssima em qualquer país do Leste Europeu. Parecia que tinha ganhado o aparelho do próprio Brejnev, que, à época, já tinha morrido. Era em sua casa que recebia os pacientes e nos explicou que transmitia energia a eles através das mãos, praticando uma espécie de terapia preventiva.

Houve um dia em que cismeí de comer caviar. O Gilz aceitou. Era caro, mas não tanto quanto no Ocidente. Tivemos então uma ideia de como as coisas eram difíceis para os soviéticos: ninguém aceitava rublo, pediam para pagar tudo em dólar. No restaurante do hotel, um garçom ficou de olho no tênis do

Gilz, que era de uma marca americana, não tinha nada demais, porém, eles não tinham acesso. Ofereceu cem dólares pelo par e parecia ser grande sacrifício para ele pagar aquilo, mas o rapaz estava fascinado. Lembro que havia poucos clientes. Mas como havia garçons, uns dez para cada mesa! Era a política do pleno emprego subsidiado pelo governo, coisas do comunismo soviético.

Sergio Gilz e eu sofremos para enfrentar o frio. Eu vestia muitas camadas de roupa – ao menos duas camisas mais largas por baixo, deixando um espaço entre a pele e o tecido para não grudar. A ideia era manter um corredor de circulação de calor no corpo para preservar a minha temperatura, dica que recebi dos próprios russos. Naquela época, não havia a tecnologia de hoje, as roupas térmicas não funcionavam tão bem. Outro princípio fundamental era que não podíamos descobrir a cabeça de jeito algum. Se batesse um vento e não estivéssemos protegidos, poderíamos ficar doentes, era perigoso. Todos usavam aquele chapéu de pele de bicho chamado *chapka*, e eu tinha que gravar as passagens com ele.

Mesmo assim, enquanto eu gravava, meu queixo começava a tremer, meu maxilar ficava duro. Atrás das lentes, o Gilz quase perdeu um dedo: ele não conseguia manusear a câmera de luvas e, em um desses momentos, seu dedo indicador congelou, e ele não conseguiu mais apertar o botão. Corremos para dentro da van para nos aquecer. Lá, eu diminuí o texto da “passagem” em alguns segundos, para o nosso próprio bem.

Enquanto isso, o povo russo seguia a vida. Flagramos um grupo de velhinhos que em temperaturas negativas fazia um buraco na neve e mergulhava no lago congelado do parque vestindo apenas calções. Eles faziam isso todos os anos e não ficavam gripados, era tradição. Conseguimos *flashes* desses momentos, porque a bateria da câmera também não aguentava os momentos de frio intenso. Logo arriava.

## AFOGAMENTO DE BEBÊS

A reportagem mais bonita que fizemos era sobre o condicionamento de bebês na água com o intuito de serem mais fortes e saudáveis. Era uma aula de natação para recém-nascidos em um instituto especializado. O médico ficava dentro de uma piscina aquecida com uma porção de bebês. Pegava um por um e os afundava. Incrível: os bebês saíam nadando e, de vez enquanto, subiam para respirar como golfinhos, mergulhavam e nadavam de novo. Era um tratamento contra gripe e infecções. A teoria era que quanto mais tempo essas crianças passassem dentro d'água, menos chances teriam de pegar doenças respiratórias durante o inverno.

Em uma fase do tratamento, os bebês eram mergulhados em água quase congelada, ao ar livre. Eles pareciam peixes, ainda tinham a memória do útero materno, um meio líquido, e não estranhavam a água. E achei tão bonito que, na edição, usei uma música linda de Stravinsky, “O pássaro de fogo”. A canção tocava na parte em que mostrávamos o bebê nadando submerso enquanto os pais observavam, felizes.

## QUARENTA ANOS DO DIA D NORMANDIA, 1984

Em 6 de junho de 1944, tropas Aliadas desembarcaram na região francesa da Normandia e conseguiram a primeira vitória significativa contra o nazismo. Quarenta anos depois, a região recebeu comemorações em homenagem ao Dia D. Renato Machado, Sergio Gilz e Luiz Demétrio Furkim prepararam uma reportagem para o *Globo Repórter*.

Os chefes de Estado da Europa e dos Estados Unidos deram muita importância às comemorações do Dia D, porque, entre eles, estavam líderes que haviam vivido a vitória. Fui ao evento oficial de comemoração do desembarque das tropas Aliadas na Normandia no próprio dia 6 de junho e, a partir disso, fiz um *Globo Repórter*.

Em viagens com Sergio Gilz e Luiz Demétrio Furkim percorri parte da costa da Normandia. Gravei “passagens” nas casamatas alemãs, os bunkers; conversei com sobreviventes e ex-combatentes. Confesso que sempre fui apaixonado pela Segunda Guerra Mundial, sempre li muita coisa a respeito do período e, para mim, era fascinante estar ali.

Entretanto, não posso dizer que correu tudo às mil maravilhas. A festa estava bonita e houve um desfile de aviões de guerra que cortava o céu com fumaça e cores, fazendo uma coreografia. Tinha uma área reservada à imprensa, que estava lotada, assim como as praias que receberam o evento. Dali, eu e Furkim acompanhávamos tudo um pouco insatisfeitos. Nossas imagens não estavam ficando muito boas e decidimos andar um pouco para conseguir ângulos melhores.

O espaço aéreo e terrestre em determinados pontos estava bloqueado por seguranças da comitiva do presidente norte-americano Ronald Reagan. Na hora, não prestamos atenção. Saímos caminhando com o tripé nas costas pela orla e, de repente, bum! Nós nos deparamos com um fuzileiro naval dos Estados Unidos, um homem enorme que nos ordenou: “Passem tudo para cá, tripé, câmera, tudo. E fiquem lá naquele canto”. Eu não podia acreditar: o *marine* nos conduziu a uma casamata alemã.

Aquela área estava sob jurisdição norte-americana, e a imprensa não estava autorizada a transitar. Ele pegou tudo o que tínhamos gravado das comemorações, inclusive algumas imagens exclusivas, com umas ações bem



truculentas, afinal, um sentinela não é um *gentleman* que nos serve um chá, ele é treinado para ser bruto e não dar conversa para ninguém. Perdemos o dia de trabalho.

Depois, refizemos algumas imagens nas praias de Omaha e Utah, mas o momento do show, dos aviões se apresentando para a rainha da Inglaterra e outras autoridades, ficou com aquele fuzileiro.

Dessa viagem guardo bem uma imagem na memória. O cemitério em Arromanches com as cruzes brancas a perder de vista. No Dia D, apesar de os Aliados terem conseguido conquistar a Normandia e vencer, milhares de soldados morreram na praia. Deve ter sido uma carnificina pavorosa. Até hoje o desembarque é lembrado, todos os anos.

## NUVEM NUCLEAR SUÉCIA, 1986

Em 26 de abril de 1986, uma explosão em um dos quatro reatores da usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, então parte da União Soviética, causou uma nuvem de radioatividade que se espalhou por várias partes da Europa. Renato Machado foi enviado à Suécia para obter as primeiras informações.

Foi a primeira vez que se teve notícia de um problema nuclear daquelas proporções. Havia pouca informação, e a imprensa não podia entrar na União Soviética. Dias depois da explosão, fui a Upsala, na Suécia, por onde a nuvem radioativa tinha passado. Os soviéticos estavam desesperados tentando conter os danos, as mortes. Mas, no Ocidente, o medo das pessoas era com o que podia acontecer com a radiação. Por sorte, ela rumou para o mar Báltico e não causou maiores problemas. Todas as imagens que tínhamos eram de agências.

Naquela época, o próprio mundo não tinha muita experiência com radioatividade, com exceção dos cientistas nucleares, que estavam estudando as consequências das bombas de Hiroshima e Nagasaki, e outros pesquisadores da área. Por isso, a primeira coisa que fiz ao chegar lá foi partir para as universidades onde havia medidores Geiger de radioatividade. Os professores confirmaram a existência de radiação na Escandinávia. Nas ruas, organizaram-se manifestações pacíficas. As pessoas estavam surpreendentemente calmas, silenciosas, mas preocupadas com os níveis de radiação. Seguiam as recomendações do governo, e alguns pediam o fim da energia atômica.

Fomos à margem de uma grande lagoa gravar uma “passagem”, e só ali eu me dei conta de que estava correndo perigo. A poeira radioativa se acumula na água parada, e nós não tínhamos como medir aquilo que estávamos absorvendo ali. O Furkim sugeriu que fizéssemos um plano geral da cidade, e que eu acertasse o texto logo de primeira para não ficarmos muito tempo expostos. Era um risco desnecessário. Até na matéria eu disse que era possível que o solo ainda guardasse radiação e, por isso, iríamos embora logo dali.

Nem sequer pensamos em medir nossos níveis de radioatividade quando voltamos a Londres, como ocorreu com os repórteres Marcos Uchoa e Roberto Kovalick após a cobertura do acidente nuclear em Fukushima. Não havia essa

preocupação naquela época.

## ATENTADOS PARIS, 1986 E 2015

Na tarde do dia 17 de setembro de 1986, uma bomba explodiu em uma lata de lixo em frente a uma loja de departamentos na rue de Rennes, uma via movimentada de Paris. O atentado, promovido por um integrante do Hezbollah libanês, deixou sete mortos e 55 feridos.

Nos anos 1980, Paris foi alvo de atentados terroristas realizados por membros do Hezbollah, grupo fundamentalista islâmico. Era comum ver cenas de policiais revistando bolsas de qualquer pessoa que trafegasse pelas ruas, fossem franceses ou turistas que faziam compras na Champs-Élysées. Fiz algumas reportagens importantes, porém a que mais me marcou ocorreu em 1986, quando uma bomba explodiu perto de uma loja de departamento na rue de Rennes, que fica em um bairro de comércio em Paris. Novamente, Paulo Pimentel e eu nos metemos em uma encrenca.

Assim que a bomba explodiu, deixamos Londres correndo e pegamos um avião. O alvo do atentado era uma loja bem grande de artigos populares e estava cheia na hora da explosão. Muitas pessoas se feriram. Chegamos perto da fachada destruída, havia poucos guardas e quase nenhum isolamento. Se fosse hoje, não conseguiríamos nos aproximar tanto. Não havia consciência do terror naquela época como existe atualmente.

## OUTRA PRISÃO

Nesse dia, soubemos que um homem suspeito havia sido preso, então decidimos ir até a frente do presídio e fazer algumas imagens. Era um edifício grande, que tomava todo o quarteirão. Percorremos a avenida filmando de dentro do carro, e um guarda achou que nossa movimentação era estranha. Evidentemente, nos prendeu. Foi a minha prisão mais longa. O guarda nos levou a uma guarita em alguma altura da murada e, como nas outras vezes, retirou a fita da câmera e confiscou nossos passaportes. O Paulo estava nervoso, ele não gosta quando tiram a câmera dele.

Expliquei que éramos jornalistas do Brasil e que não tínhamos nada a ver com grupos fundamentalistas. Eu só pensava na hora que iríamos conseguir sair dali. Foi uma longa negociação. Tentei convencê-los de que estávamos fazendo imagens de Paris, filmando a cidade, mas não acreditaram. Ameaçaram chamar o embaixador brasileiro, o que, sabíamos, não iria acontecer. Dificilmente eles ligariam para a embaixada pedindo socorro, deixariam a gente ali para perder um pouco o equilíbrio. Depois de três horas e meia, nos liberaram.

## TERROR NO SÉCULO XXI

Trinta anos depois, Paris se tornou novamente alvo de ataques terroristas, com os atentados contra a redação do semanário *Charlie Hebdo*, em janeiro de 2015. Nessa época, eu estava morando em Londres, em meu segundo período como correspondente da Globo. Apesar de a situação ser parecida, o tipo de cobertura foi diferente. Eu fiquei no estúdio, recebendo informações de agências e dos meus colegas de emissora, preparado para entrar ao vivo.

Nos anos 1980, eu tinha mais liberdade para viajar até o local dos acontecimentos, conseguíamos nos aproximar mais do fato. Não havia internet, claro, a tecnologia era mais antiga, mas tínhamos linha direta com a BBC e a CNN. Todo mundo ficava no estúdio, cada um com uma missão. Havia muito trabalho de telefone – ligar para as fontes –, apuração, redação. O risco que corríamos era outro veículo passar na nossa frente e dar um furo de reportagem, caso não tivéssemos uma fonte quente, já que o escritório era pequeno. Em qualquer tragédia, ficava uma tensão no ar que era difícil de entender, nos mobilizávamos muito. A vantagem da época era que saíamos correndo, pegávamos a câmera e íamos ao encontro do fato.

Em minha última temporada em Londres, cobrir os atentados foi um trabalho mais angustiante, porque nosso dia a dia se baseava em ficar ligado na internet, em várias fontes, inclusive no minuto a minuto dos jornais franceses e nas rádios. E temos que cobrir um atentado via *inputs* – toda hora entrávamos com um *link* ao vivo com novas informações do estúdio. A todo momento reportávamos que autoridades confirmavam a morte de mais uma pessoa. Nessas ocasiões, a redação se transforma em uma espécie de sala de guerra, onde você e seus colegas de produção e reportagem trabalham juntos na escuta e na passagem das informações.

Apesar das diferenças, cobrir um atentado terrorista, em qualquer ocasião, é uma corrida contra tudo: contra o tempo, contra os furos dos concorrentes, contra as “barrigas” – como chamamos as informações falsas. Não podemos deixar escapar nada, agindo sempre com muito cuidado e checando os números, que nesses casos normalmente são fluidos.



Renato Machado com o cantor João Bosco, Paris, 1987.

## ABERTURA DEMOCRÁTICA SANTIAGO DO CHILE, 1988

Em outubro de 1988, um plebiscito realizado no Chile disse “não” ao general Augusto Pinochet. Às vésperas da votação, a capital Santiago registrou as maiores manifestações de rua desde o início da ditadura, em 1973. Renato Machado viajou ao país e acompanhou o início do processo de abertura democrática para o *Globo Repórter*.

Como repórter especial da Globo, fui enviado ao Chile para cobrir as passeatas contra e a favor da permanência do general Augusto Pinochet, em outubro de 1988. Fui sozinho e trabalhei com um cinegrafista parceiro, da agência britânica Visnews.

Eu tinha acabado de voltar ao Brasil após seis anos morando em Londres, e essa foi uma das minhas primeiras viagens dessa nova fase. A ideia do *Globo Repórter* era registrar como estava a situação política no Chile, fazer um retrospecto histórico sobre o país e mostrar as campanhas realizadas pelos dois lados.

Para uma das manifestações a favor de Pinochet, alugamos um carro e dirigimos rumo ao centro. Tudo parecia bem. Começamos a filmar, eu tomava minhas notas. Até que, de repente, alguém viu a bandeira da Inglaterra na câmera do nosso cinegrafista e gritou. Acharam que o estrangeiro era inglês, antichileno, contra Pinochet, porque, naquela época, a imprensa estrangeira falava muito sobre a truculência da ditadura chilena. E essa manifestação era de conservadores raivosos contra o mundo que falava mal do Chile. Saíram correndo atrás dele e de mim também, pois estávamos juntos. Nunca corri tanto em toda a minha vida.

A sorte foi que eu não usava uniforme nem nada que me identificasse com qualquer coisa à qual eles fossem contrários, de forma que consegui me misturar na multidão. Talvez isso tenha me livrado de ser linchado. O cinegrafista correu para o carro, trancou as portas e se escondeu lá dentro. Fiquei assustado, foi um problema para localizá-lo depois e continuar o trabalho. Esperei algum tempo e tentei me lembrar de onde tínhamos estacionado. Em algum momento, o encontrei.

À noite, houve mais confusão, porém felizmente não estávamos envolvidos. As manifestações geraram confrontos com a polícia, ouvíamos estrondos de



bombas e víamos clarões no céu. Não conseguíamos identificar quem estava atirando, mas não era seguro uma equipe estrangeira ficar nas ruas.



Em manifestação de chilenos contra Pinochet, Santiago, 1988.

## QUEDA DE ALFREDO STROESSNER PARAGUAI, 1989

Sob a promessa de restaurar a democracia, um golpe de Estado desferido pelo Exército depôs o general e ditador Alfredo Stroessner, na madrugada do dia 3 de fevereiro de 1989. Stroessner governou o Paraguai por 35 anos e recebeu asilo político no Brasil, onde morou até sua morte, em 2006.

Em 1989, fui cobrir a queda do general Alfredo Stroessner no Paraguai. Foi uma cobertura em que dei muita sorte, porque, enquanto toda imprensa ia para um lado, eu ia para o outro e soube com exclusividade onde ele estava escondido.

Tudo começou na viagem de ida. Quando recebemos a notícia do golpe, eu e o cinegrafista Marco Antonio Gonçalves embarcamos para Foz do Iguaçu e, de lá, pegamos um aviãozinho rumo a Assunção, capital do Paraguai. Quase na hora de pousar, o piloto nos avisou que o espaço aéreo paraguaio estava fechado. Fiquei preocupado: um golpe estava em curso e estávamos em um avião estrangeiro. Perguntei onde iríamos baixar, queria saber se haveria uma bateria antiaérea nos esperando, mas ninguém tinha essa informação. Imagina chegar para uma cobertura e ser recebido à bala? Após alguns minutos de tensão, nada aconteceu. Conseguimos pousar sem problemas.

Em Assunção, cobrimos o factual – mostramos as consequências do golpe e os buracos de bala nos muros do palácio presidencial. O tiroteio tinha acabado, as armas eram muito antigas, vimos até buracos causados por tiros de canhão. A grande questão desse momento era onde estava Alfredo Stroessner. O general que comandava o país havia desaparecido.

Lembro que, no dia seguinte, fiquei na porta da Embaixada do Brasil aguardando informações oficiais com colegas da imprensa, mas o embaixador brasileiro Orlando Soares Carbonar parecia não querer liberar tudo o que sabia. Nós continuávamos perguntando sobre o paradeiro do Stroessner e nada. No meio desse tumulto, notei uma moça bonita, muito simpática, que acompanhava tudo de longe. Comecei a conversar com ela.

Ela me disse que era da rádio Universidad Católica de Paraguay, da qual seu pai era o dono. Ficamos amigos. Mais tarde, fomos almoçar, e ela me revelou: “Stroessner está com a gente, mas é segredo”. Eu não acreditei, quis saber detalhes. Foi então que ela me levou à sede da rádio, e seus colegas

confirmaram que o ditador tinha passado por ali. E não só isso: ele pedira asilo político ao Brasil, e o governo brasileiro tinha aceitado.

Naquela manhã de domingo, 5 de fevereiro, eu tinha um furo nas mãos: o Itamaraty considerou aquele um caso de segurança nacional e não vazou a informação para ninguém. Só eu sabia. Liguei para a redação e foi aquela gritaria: “Renato, você confirma mesmo isso?” Claro que eu confirmava. E entrei ao vivo, com uma edição extra do *Fantástico*, noticiando: “O ex-ditador Alfredo Stroessner recebeu asilo político no Brasil”. Depois, o furo se confirmou. Ele ficou no Brasil até morrer, em 2006. Morou aqui por muito tempo.

## CULINÁRIA E CULTURA

### PROVENÇA, 2014

Em dezembro de 2014, o *Jornal Hoje* exibiu uma série de reportagens sobre a região francesa da Provença. Renato Machado e Sergio Gilz percorreram vilarejos do interior da França para revelar aspectos do comportamento, da culinária e da cultura locais.

A viagem pelo sul da França começou em Avignon, onde eu e Sergio Gilz alugamos um carro, no final do verão. Essa série de reportagens para o *Jornal Hoje* foi muito prazerosa e planejada, tive tempo, pude preparar um texto redondinho, tudo foi muito bem feito.

Nossa primeira matéria foi sobre agricultura orgânica. Mostramos como era o cultivo de legumes, ervas, verduras e frutas, as mais suculentas do Mediterrâneo – tomate, azeitonas, orégano, alecrim. Muita coisa que comemos no Brasil.

Na segunda, viajamos para as cidades medievais, como Orange, Avignon. O Sergio Gilz fez imagens lindas dos castelos sob o sol. No texto, uma parte histórica explicava que nossa língua deriva do provençal: tanto o português, quanto o catalão e o espanhol. A região tem muita coisa a ver com a gente. Foi dali que veio a onda migratória que ocupou a Península Ibérica, tanto que os portugueses medievais falavam um dialeto muito provençal. Lembro que estudei isso na escola, numa disciplina chamada Gramática Histórica.

Nossa última matéria é a minha favorita, porque falamos sobre vinho. A Provença é uma região produtora da bebida e também é corredor de um vento famoso que vem dos Alpes, o mistral. Esse vento sopra algumas vezes por ano e é gelado: as pessoas sempre levam um casaco, para o caso de ele aparecer. Entre as particularidades dele está a característica de afastar o vento quente e limpar as vinícolas, conservando melhor a uva.

Eu estava gravando uma “passagem” em uma dessas vinícolas, falando sobre o mistral. De repente, subiu uma poeira levantada pela brisa gelada, que fez voar o meu chapéu. Era o próprio. Felizmente eu não gaguejei nessa hora, e nós pudemos usar esse trecho. Ficou engraçado.



Renato durante reportagem sobre os setenta anos da Segunda Guerra Mundial, Londres, 2014.



ERNESTO PAGLIA

A EMOÇÃO É UMA DAS MARCAS das reportagens de Ernesto Paglia, repórter da Globo desde 1979. Em sua trajetória se destacam a experiência como correspondente internacional em Londres, o comando da série *JN no Ar* e a apresentação do programa *Globo Mar*.

O paulistano Ernesto George Paglia nasceu em São Paulo em 9 de abril de 1959. Filho do jornalista italiano Gerardo Paglia e da argentina Haida Alcira Frias Paglia, cresceu em Ribeirão Preto e voltou para a capital aos 17 anos, onde se formou em Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP). Em 1979, começou a trabalhar na Rádio Jovem Pan. Em maio do mesmo ano, foi para a Globo. “Comecei pela madrugada, de meia-noite às sete horas da manhã. Naquela época, era a porta dos fundos”, lembra. Em dois meses, fez reportagens para o *Jornal Nacional*, *Bom Dia São Paulo* e *Jornal Hoje*. Em 1983, passou um mês no escritório da Globo em Londres. Voltou para o Brasil como repórter exclusivo do *Globo Repórter*, que passou a abordar com mais frequência temas ligados à ecologia. Em 1986, a produção do programa enviou o jornalista para uma expedição ao arquipélago de Fernando de Noronha. A aventura quase virou tragédia: “Ficamos vinte dias em Fernando de Noronha e contratamos um veleiro para nos apoiar nos trabalhos. Fizemos a reportagem e depois seguimos para o Atol das Rocas. Acontece que o piloto, e dono do veleiro, um alemão, se perdeu nesse trecho”. Depois de dias à deriva, a equipe foi resgatada pela Marinha.

Em 1986, Paglia foi convidado a trabalhar no escritório da Globo em Londres, onde ficou até 1989. No período, acompanhou a viagem do então presidente José Sarney a Moscou, quando entrevistou o líder soviético Mikhail Gorbachev; fez uma entrevista com Margaret Thatcher, então primeira-ministra britânica; participou da cobertura da Guerra Irã-Iraque, e registrou conflitos em Jerusalém, a Primeira Intifada. Voltaria à cidade nos anos 2000, a tempo de acompanhar o início da Segunda Intifada.

Entre 2000 e 2002, viveu uma segunda temporada como correspondente em Londres, dessa vez em companhia da mulher, a jornalista Sandra Annenberg, com quem se casara em 1994. Nesse período, foi convocado para cobrir os ataques americanos ao Afeganistão e viajou para a capital do Paquistão. Quando retornou ao Brasil, volta a ser repórter especial da Globo em São Paulo.



Além dos conflitos políticos no mundo, Ernesto Paglia também acompanhou grandes eventos esportivos. Sua primeira experiência em coberturas de Copas do Mundo foi na Espanha, em 1982. Acompanhou a seleção italiana, que chegou desacreditada ao Mundial e acabou campeã. Desde então, passou a integrar a equipe enviada pela Globo para cobrir as edições da Copa do Mundo. A partir de 1992, quando esteve em Barcelona, começou a trabalhar também na cobertura dos Jogos Olímpicos.

Outros momentos marcantes foram as posses de Hugo Chávez na Venezuela, em 2006, e de José Mujica, ex-membro do grupo guerrilheiro Tupamaros, que passou anos na cadeia e se tornou presidente do Uruguai em 2010.

No mesmo ano, Paglia foi chamado para cobrir as eleições presidenciais no Brasil, no comando de uma série especial do *Jornal Nacional*, o *JN no Ar*. Durante 39 dias, a bordo de um jato, o repórter e a equipe visitaram 27 cidades, uma de cada estado. O projeto rendeu o livro *O diário de bordo do JN no Ar: cruzando o país numa cobertura histórica*, com os bastidores da série que mostrou para o público o dia a dia de pessoas que habitam o mesmo território, mas têm realidades tão diferentes que parecem viver em outro país.



## A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA COMO CORRESPONDENTE

### LONDRES, 1983

Eu entrei na Globo em 1979. Em 1983, já era repórter especial havia dois anos. Em algum momento, alguém achou que era interessante me mandar para Londres. O espaço que a cobertura internacional ocupava no noticiário era muito maior do que é hoje, já que, naquela época, como havia restrições impostas pela censura à cobertura local, era mais fácil falar dos problemas da Polônia do que das questões nacionais. O investimento era pesado: havia quatro equipes completas, com quatro repórteres em Londres; outros quatro em Nova York; e tinha o escritório em Washington. As agências não eram tão ágeis como hoje. E, com isso, eu fui para lá.

Em 1983, fiquei um mês no escritório. Eu balbuciava inglês. Em algumas ocasiões, eles tiveram que colocar um intérprete comigo quando tinha que fazer entrevista e outras funções em que era preciso dominar o idioma. Depois de um mês, o Renato Machado passou a ocupar essa vaga. Na verdade, fui meio que um tapa-buraco, foi uma experiência fascinante. Eu nunca havia ido para a Inglaterra.

## LONDRES, 1986 – 1989

Em 1986, comentei com o Pinheirinho, o Francisco Wianey Pinheiro, chefe do CPN, o Centro de Produção de Notícias, a minha vontade de ter uma nova experiência internacional. Ele achou que a ideia não era tão estapafúrdia assim e a levou à Alice-Maria, então diretora de Telejornais da Globo. Três meses depois, fui convidado para ir a Londres, quando o Luís Fernando Silva Pinto saiu de lá rumo aos Estados Unidos. Ficamos trabalhando eu, o Renato Machado e o Sílio Boccanera.

Nessa ocasião, passei três anos em Londres. Era uma época de grandes instabilidades econômicas no Brasil. Eu me lembro de ter ido para a Inglaterra logo depois do Plano Funaro. Atravessávamos uma época de dificuldade, a empresa não queria gastar em dólar, e manter uma operação internacional custa muito em moeda forte. O cafezinho da redação aumentava de preço a cada dia, porque a moeda do Brasil despencava diante do dólar.

Nós tínhamos um escritório na Europa e outro nos Estados Unidos. Apenas Nova York e Londres, sozinhos, talvez não justificassem a existência de duas, três equipes de reportagem; ou, como já houve em certa época, quatro. Mas essa estrutura é normalmente um quartel-general, a partir do qual você faz incursões pela Europa, Oriente Médio, Ásia e África. A meu ver, essa estrutura foi criada para que as pessoas viajassem e pudessem fazer as suas reportagens naquela parte do mundo que lhes cabe, na sua jurisdição.



Ernesto Paglia na cobertura da visita do papa João Paulo II à França, 1986.

## AS FONTES NO EXTERIOR

Nesse período em que estive em Londres, entre 1986 e 1989, quando alguém ligava do Brasil dizendo “Estou embarcando”, a primeira coisa que a gente falava era: “Não se esqueça de passar na banca do aeroporto e comprar a *Veja*”. Quando a gente assinava uma revista, ela era entregue três semanas depois, e havia um frenesi dentro do escritório. As pessoas pegavam aquilo e fotocopiavam para poder levar para casa e ler depois. Havia uma distância de 10 mil quilômetros entre a gente e as fontes no Brasil.

Hoje em dia, com a internet, temos acesso imediato a todas as informações. Todos os grandes jornais internacionais possuem os seus próprios sites. Quer dizer, tudo de que precisamos para ler aquilo que os melhores jornalistas de cada país escreveram é ter acesso à internet. Todas as fontes diretas estão ali, à nossa disposição. Entretanto, é preciso que não nos deixemos levar por essa facilidade, pois por mais brilhantes que sejam os jornalistas italianos, espanhóis, norte-americanos ou israelenses, eles têm seu próprio enfoque, que não necessariamente coincide com os nossos interesses, e dos nossos telespectadores.

Quando você telefona para uma fonte e diz que é de um canal de TV do Brasil, você tem que ganhar muito mais pela simpatia, pela surpresa, pelo inusitado de “um jornalista brasileiro me telefonou e pediu uma entrevista”, do que pelo impacto do veículo. Esse impacto é relativo. No Brasil, é imenso; lá fora, não.

Às vezes é bom ser desconhecido, também. Quando você está no Paquistão, por exemplo, e constata pela sua cara que você é gringo, que você não é de lá. Às vezes, é bom esclarecer que você é brasileiro, não tem nada a ver com o que quer que esteja acontecendo naquele lugar. E isso costuma até facilitar o trabalho.

## COPA DO MUNDO

### ESPANHA, 1982

A Copa do Mundo da Espanha foi transmitida ao vivo pela Globo para todo o Brasil. Em um estádio de Madri, a Itália derrotou a Alemanha, conquistou o Mundial e tornou-se tricampeã. Paglia fez uma entrevista exclusiva com Enzo Bearzot, quando o técnico deixava o campo após a vitória. O repórter cinematográfico Cleber Schettini registrou as imagens.

Tenho uma grande dificuldade em avaliar as coberturas de Copa do Mundo pelo ângulo esportivo, porque não entendo nada de futebol. Brinco sempre que é um total equívoco meu envio para esse tipo de evento. Nem mesmo tenho o hábito de ver as partidas pela televisão. Porém, a Copa do Mundo é outra coisa; é, como dizem, a pátria de chuteiras. Esporte, eu gosto de praticar; não gosto de assistir, essa coisa voyeurística não me atrai muito. Mas a Copa de 1982 na Espanha mostrou-se bastante interessante. Como foi a primeira que cobri, para mim, marcou mais. E também teve um episódio curioso.

Essa foi uma cobertura muito grande. A Globo tinha a exclusividade de transmissão e montou uma equipe imensa para o evento. Como certamente não haveria gente suficiente no departamento de esportes para a cobertura, recorreu-se ao jornalismo para que recrutasse profissionais que tivessem, pelo menos, facilidade de falar diferentes idiomas, o que ajudaria no contato.

Eu me lembro do Lucas Mendes cobrindo a seleção inglesa; o Hermano Henning com a seleção alemã, e por aí foi. E eu fui cobrir a seleção italiana. Por causa da minha ascendência, falo italiano fluentemente, e isso deveria facilitar o meu trabalho. De fato, ajudou bastante.

Cheguei muito antes da grande massa de imprensa. A Itália é sempre uma seleção que chama atenção e, por isso, tem sempre uma boa cobertura. Entretanto, só havia italianos cobrindo a delegação, o único estrangeiro era eu. E um estrangeiro pela metade: falava a língua deles com fluência e era meio italiano. Fiquei muito próximo da *Squadra Azzurra* naquela época, que era dirigida pelo técnico Enzo Bearzot. Ele chegou desacreditado àquela Copa. Ninguém levava fé na seleção da Itália, que acabou sendo campeã. Era normal que eu acompanhasse esse grupo: a seleção seria desclassificada, provavelmente na primeira ou na segunda fase, e eu iria embora. Não havia nada mais natural. No começo de uma cobertura de Copa do Mundo, você tem

todas as curiosidades, todas as histórias para contar – o país que você está visitando, as gracinhas, as matérias de comportamento. Mas quando a coisa vai afunilando, e você já contou tudo que tinha para contar, a cobertura fica cada vez mais especializada, mais futebolística. Não há lugar para gente como eu. Entretanto, naquela ocasião, como a Itália que eu tinha seguido desde o começo foi avançando, fui junto.

Acabei criando uma ligação forte com o técnico e os jogadores. O time tinha sido alvo de algumas denúncias. A imprensa esportiva italiana é muito agressiva, muito competitiva. Alguém inventou que os jogadores famosos pulavam o muro para fugir da concentração e ir para a farra de madrugada. Isso ofendeu muito os italianos, eles ficaram muito chateados com a imprensa e resolveram fazer greve. Os jogadores pararam de falar com a imprensa de seu próprio país. Então, instalou-se uma situação muito *sui generis*: eu era o único que entrevistava a seleção italiana porque era o único estrangeiro presente. A certa altura, eu fazia as entrevistas e depois mostrava para os colegas da Itália, já que eles não eram meus concorrentes. Colocava, assim, à disposição deles o material que eu tinha. Uma completa maluquice. De repente, tinha um cara da Globo que era o único que entrevistava a seleção italiana, que estava fechada para a imprensa de seu próprio país. Isso realmente me vinculou a eles, e eu fui ficando. No final, quando a Itália ganhou do Brasil, eles quase me pediram desculpas: “O que aconteceu com a seleção brasileira?”, eles me perguntavam.

Na final, no estádio Santiago Bernabéu, em Madri, quando acabou o jogo, o Enzo Bearzot atravessou o gramado para entrar no vestiário e veio na minha direção. Eu estava atrás do gol. E quando ele veio atravessando, falei: “Opa, é a hora de fazer a entrevista com o técnico campeão do mundo”. Ele estava indo dar uma coletiva, mas fazer uma entrevista direta é muito melhor do que sentar ali no meio de um povão. E, assim, fui na direção dele.

Os fotógrafos italianos estavam, até então, excitadíssimos, tirando fotos do grande Enzo Bearzot, mas eram atrapalhados pelos microfones da televisão italiana. Lá pela metade do campo, outros repórteres esgotaram o assunto e foram embora. Eles queriam tirar uma foto limpa do Bearzot no meio do estádio. Aí cheguei eu, com o meu microfoninho, e fui fazendo uma pergunta, e ele saiu respondendo. É claro, àquela altura, ele já me conhecia muito bem. Os repórteres fotográficos ficaram brabos e começaram a xingar: “Ah, tira esse cara daí! Já não basta os italianos, agora vem esse chato”. E o Bearzot tomou as minhas dores e falou: “De jeito nenhum! Vai me entrevistar, sim, *bravo*,

*ragazzo*”, me abraçou e me deu um beijo. Ele estava muito emotivo, aquela coisa italiana, mediterrânea, e não pensou duas vezes antes de lascar aquele beijo. Eu pensei: “Oba! Eu estou aqui”. Não que eu goste de ganhar beijo de marmanjo, mas, enfim, entre italianos, não é estranho homens se beijarem; e ele me deu um beijo, que era uma coisa fraterna, ou até paternal, da parte dele. E me concedeu uma entrevista muito simpática.

Aquilo foi, para mim, o coroamento de uma cobertura absolutamente inesperada. Eu tinha ido pegar uma carona numa editoria que não era a minha e acabei indo até o final, com o campeão. Acho que das Copas que cobri, essa foi a mais marcante. Tanto que, 34 anos depois, o pessoal do *Esporte Espetacular* resolveu investir em algumas histórias de repórteres de outras áreas que, por um motivo ou outro, acabaram caindo na editoria. Eles me perguntaram que grande cobertura esportiva eu gostaria de reviver. Eu falei, sem pensar duas vezes: “A Copa da Espanha, em 1982, quando acompanhei do início ao fim a campanha do time italiano, que chegou desacreditado e acabou levando a taça, vencendo até mesmo o Brasil. Foi a cobertura esportiva mais interessante da minha vida”.

O Bearzot já morreu, infelizmente, mas consegui resgatar o contato de jogadores que eu entrevistava no dia a dia. Por exemplo, o Francesco Graziani, mais conhecido como Ciccio, me atendeu – eu consegui falar com ele com a ajuda de amigos, gente que eu conheço aqui no Brasil e na Itália. Cheguei até ele e ao Paolo Rossi, que foi o nosso grande carrasco. Aí marquei entrevista com ambos: “Toca para Roma, vamos para lá”. Fomos eu, o cinegrafista Marcio Torres e o produtor e editor Fellipe Awi, que, na época, era o editor-chefe do *Esporte Espetacular* em São Paulo. Fizemos um belo trabalho. Fomos muito bem recebidos pelos dois jogadores. E o Paolo Rossi fez muitas brincadeiras, contou causos, falou que adora o Brasil: “Olha, gente, desculpa aí, eu estava fazendo o meu trabalho”. Ao que eu retruquei: “Mas não precisava ser tão bem-feito”. Ele riu muito, foi muito amistoso: “É, eu sei que sou conhecido como o carrasco do Brasil”. Ele contou que pegou um táxi em São Paulo, o motorista o reconheceu e o botou para fora. A gente até deu um recado para o taxista no final da reportagem: “Caro motorista, eu posso entender o seu sentimento, mas, na próxima vez, vamos receber melhor o Paolo Rossi”. O pessoal de uma empresa de táxi paulistana chegou a nos mandar um e-mail um pouco depois de a reportagem ir ao ar que dizia: “Olha, quando o Paolo Rossi vier, chama a gente. Nós teremos o maior prazer em levá-lo pela cidade de graça”. Esse foi um momento comovente do resgate de



uma memória muito legal. Foi a primeira Copa que cobri e relembrar tudo aquilo foi emocionante.

“Cobrimos a seleção italiana na Copa da Espanha, em 1982. Como o Paglia fala italiano fluentemente, o Enzo Bearzot o adotou como um filho. Quando a Itália foi campeã, fiquei lá em cima com a câmera. O Enzo estava rodeado de jornalistas, mas chamou o Paglia. Filmei com exclusividade o encontro.” – Cleber Schettini

## GUERRA IRÃ-IRAQUE

### BAGDÁ E BAÇORÁ, 1988

Ernesto Paglia foi ao Iraque em agosto de 1988, quando o país e o Irã iniciavam as negociações pelo cessar-fogo. A guerra começou em 1980 e matou mais de 1 milhão de pessoas.

Eu estive em Bagdá e em Baçorá, duas das maiores cidades do Iraque, no finalzinho do período realmente armado do conflito. Eu estava baseado em Londres na época. Fui com Paulo Pimentel como cinegrafista; Jayme Brito como produtor; e Marco Nascimento como operador técnico. Chegamos lá no início da trégua que depois, muitos anos mais tarde, acabou se transformando na paz duradoura. Lembrando que Irã e Iraque só assinaram um acordo quando o Iraque resolveu invadir o Kuwait. Saddam Hussein só se interessou pela trégua para que pudesse guerrear *em paz* com o Kuwait.

A gente podia visitar alguns cenários da guerra em Bagdá, lugares que foram atacados, que sofreram com bombardeios, mas queríamos ir até a frente de batalha e discutíamos entre nós: “Se estamos em plena trégua, agora é hora, vamos até perto de onde estão os iranianos”. A gente sabia que havia ali uma situação de impasse. Na fronteira havia soldados iraquianos entrincheirados de um lado e iranianos do outro. Entretanto, as autoridades iraquianas não queriam que fizéssemos esse movimento e nos deixavam mofando num hotel lotado de jornalistas estrangeiros. Todos tinham o mesmo objetivo: chegar até a frente de batalha. E os censores, o Ministério da Informação e o Ministério da Defesa do Iraque mantinham a gente sob controle estrito. Não podíamos sequer sair do hotel sem um acompanhante. E a barreira da língua e o desconhecimento do local também jogavam contra.

Até que de tanto amolar os encarregados, um dia eles resolveram organizar uma excursão de jornalistas até a frente de batalha. Nós entramos nos dois ônibus e recebemos uma ordem de não abrir as cortinas. Não era possível infringir as normas, pois aquele era um passeio totalmente controlado. Seguimos por mais de uma hora, pegamos uma estrada e fomos para algum canto onde havia uma frente de batalha, porém não nos foi dito que lugar era aquele. Quando chegamos, saímos muito ansiosos e ávidos para ver o que estava acontecendo. Descobrimos que tinham nos levado para um quartel próximo de uma área de conflito. Eles nos receberam ali, e o comandante do

quartel, com a hospitalidade árabe típica, falou: “Bom, primeiro vamos comer”. Eles nos levaram para dentro de uma sala e nos apresentaram uma mesa farta de comida. Tinha uma travessa cheia de cordeiro desfiado que cheirava muito bem e uma comida árabe deliciosa.

Porém, logo os jornalistas demonstraram sinais de revolta. Afinal, havíamos acordado cedo, pegamos a estrada de ônibus, e, quando chegamos lá, em vez de notícias, tinha comida. Bom, pensei eu, é uma questão também cultural, eles estão nos recebendo bem, de braços abertos. Mas os colegas mais anglo-saxônicos, com a visão muito prática da vida que eles têm, retrucavam: “Não, nós não viemos aqui comer. A gente veio filmar, viemos atrás de uma reportagem. A gente não quer saber disso, queremos falar com combatentes, queremos ir para a linha de frente”. E o comandante do quartel não gostou nada daquilo, achou uma desfeita. “Como assim? Esses estrangeiros vêm aqui e recusam nossa hospitalidade?!”. Aí um francês e eu, os mais latinos, olhamos para aquela comida, olhamos um para a cara do outro e falamos assim: “Vamos aceitar de bom grado, vamos comer, porque a gente não sabe quando será a próxima refeição. E, além disso, é uma questão cultural”. Alguns de nossos colegas fizeram greve de fome, mas a gente aceitou. Aliás, a comida era ótima, uma delícia. Depois eles nos levaram para ver um pouquinho da frente de batalha.

Esse foi um episódio curioso de uma diferença cultural e de três modos diferentes de ver a coisa: do iraquiano que nos recebia; o modo de ver do francês e o meu, que éramos latinos; e o do grupo anglo-saxão, principalmente os norte-americanos, que não queriam conversa fiada, interessados apenas em trabalhar.

## BRASILEIROS NO IRAQUE

É impressionante ver, no meio do deserto, as obras babilônicas, para usar um termo próprio daquela região, construídas pela Mendes Júnior. A autoestrada Bagdá-Baçorá foi construída por engenheiros e operários brasileiros. A obra incluiu um túnel subterrâneo, no ponto onde os rios Tigre e Eufrates se encontram. As águas de um deles eram poluídas por agrotóxicos; e o outro rio era o que abastecia boa parte da região com água potável. Para evitar que as águas se misturassem, e o rio limpo acabasse contaminado pelo outro, foi construído um sifão: eles fizeram um rio passar por baixo do outro, uma coisa enlouquecedora. Eles foram também os responsáveis pela instalação de uma estrada de ferro que atravessava o país.

Havia um imenso acampamento no meio do deserto, uma verdadeira cidade de contêineres formada, se não me engano, por 7 mil deles. Havia escola, igreja, hospital e clube, além de um estacionamento com um número incontável de tratores e outras máquinas pesadas para a construção de estradas. E, um detalhe curioso de que eu me lembro, todas elas batizadas pelos operários brasileiros com nomes de figuras famosas: Fafá de Belém, Rita Cadillac, pessoas que eles admiravam, por uma razão ou por outra, e lá, no meio do deserto, resolveram homenageá-las.

Recebi inúmeras recomendações antes de embarcar para o Oriente Médio: jamais mostrar a sola dos sapatos e nunca cruzar as pernas, seguindo a etiqueta do mundo islâmico. São coisas que a gente precisa aprender. Vale também sempre fazer uma visitinha ao diplomata brasileiro que trabalha naquele local e conhece as manhas, o que não fazer e como não ofender o seu entrevistado numa circunstância dessas.

## LIBERTAÇÃO DE NELSON MANDELA ÁFRICA DO SUL, 1990

Líder do movimento *antiapartheid* na África do Sul, Nelson Mandela foi libertado após 27 anos de reclusão. No dia 11 de fevereiro de 1990, aos 71 anos, ele deixou a prisão-fazenda de Victor Verster, a sessenta quilômetros da Cidade do Cabo. Capturado em 1962 quando estava à frente da guerrilha contra o regime de minoria branca, Mandela fora condenado à prisão perpétua por sabotagem e traição.

Tive a oportunidade de cobrir alguns fatos interessantes, como a libertação de Nelson Mandela, o famoso líder sul-africano. Ele foi solto no momento que marcou o fim do *apartheid*, o regime de segregação racial na África do Sul. E lá fui eu. Fiquei uns dez dias aguardando a libertação e fiz a cobertura.

É importante lembrar que estamos falando de um evento ocorrido numa era pré-internet, na qual todas as transmissões internacionais dependiam de satélites, eram caras e burocratizadas. Naquela época, quando íamos fazer uma transmissão, era preciso marcar dia e hora. E não era o emissor do material que marcava, e sim quem recebia o material. Você não pagava na origem, mas no destino. Nós dependíamos de uma emissora de televisão local que, evidentemente, não ia abrir as portas para qualquer um. Então, antes de tudo, a emissora local precisava receber algum tipo de pedido formal do Brasil. Na época, não vinha por e-mail, mas primeiro por telex e, algum tempo depois, via fax.

Fui sozinho para a África do Sul, sem cinegrafista, sem técnico, sem produtor, sem nada. Eu fui trabalhar com uma agência internacional que se chamava Visnews. Já se falava que Nelson Mandela seria libertado depois de 27 anos de prisão em Robben Island e depois numa outra próxima da Cidade do Cabo. Chegando lá, procurei o gerente da agência de notícias. O governo da África do Sul estava fazendo negociações com o Congresso Nacional Africano, que era o partido do Mandela, definindo os termos dessa libertação. Esperei dez dias até que fosse solto.

Fiquei na Cidade do Cabo porque era a mais próxima da prisão. E lá seria feita a apresentação do Mandela à população e à imprensa. Enquanto isso não acontecia, já que não havia data nem hora marcada, a maneira mais moderna que existia de manter a imprensa informada era tecnologicamente bastante

ousada: entregar um *pager* para cada jornalista que estava ali. Então, o chefe da Visnews na Cidade do Cabo me entregou um e falou: “Olha, quando acontecer alguma coisa, a gente te dá um toque por aqui, você arranja um telefone e me liga”, porque, claro, também não havia celular. Aí eu fiz algumas outras matérias e fiquei na expectativa.

Até que num domingo de fevereiro de 1990, toca o bip, e eu saio correndo para me juntar a outros colegas – dois ingleses, um japonês e um alemão. Todos tinham a mesma tarefa: cobrir a libertação do Mandela. E o gerente da Visnews resolveu economizar, então botou uma equipe, uma câmera, um cinegrafista e um operador de áudio para atender aos cinco, porque ele deve ter pensado: “Vamos até a porta da cadeia, quando o presídio libertar Nelson Mandela a gente filma, a imagem está garantida, será repetida para todos os clientes, e cada um depois se organiza, faz uma fila e grava sua participação lá diante da câmera”. Acontece que, naquela confusão, evidentemente, uma câmera só era pouco. Ele não conseguiu atender a todos no ritmo desejado. Quando nós cinco conseguimos fazer o que cada um queria, já era bastante tarde.

Cada um tinha uma pauta diferente. Eu pretendia entrevistar gente, pegar reação das pessoas que esperaram a libertação, ouvir o que achavam que ia acontecer com o país. Eu queria fazer a minha participação, gravar algum comentário para mais de um telejornal, afinal de contas eu estava lá cobrindo para a Globo inteira. Como eu ia fazer isso com uma fila de cinco pessoas ali no pé do pobre cinegrafista que havia sido designado para fazer aquele milagre? Óbvio que deu tudo errado. E ainda mais errado porque o gerente da Visnews também negligenciou a capacidade dos produtores das grandes redes americanas, porque, como eu mencionei antes, você precisava ter uma emissora de TV para fazer a geração, e o escritório da Visnews não tinha condições de fazer uma geração do material. Era preciso ir à emissora local, que era a South African Broadcasting Corporation, mais conhecida pela sigla SABC. Qual não foi a nossa surpresa ao chegar lá e ver que os norte-americanos tinham comprado todos os horários de transmissão! A Visnews e nós todos ficamos ali chupando o dedo, sem ter como mandar o material. Foi uma grande frustração, talvez a maior da minha carreira.

Foi a única vez que não consegui mandar material sobre um assunto importantíssimo. Só enviei a matéria no dia seguinte. Naquela noite no *Fantástico*, entrou uma matéria feita por telefone, com imagem de agência, muito aquém do que eu gostaria de ter feito. Tudo bem, a gente cobriu o

assunto, não vai deixar de dar a notícia, mas eu, que estava lá encarregado de fazer uma reportagem, esperando havia dez dias, fiquei com essa grande frustração.

## LONDRES, SEGUNDA TEMPORADA, 2000 – 2002

Foi uma agradável surpresa encontrar velhos companheiros, gente que estava em Londres havia mais de vinte anos. O escritório da Globo fica num lugar muito curioso, ao lado do mercado de Camden Lock, um dos mais importantes pontos turísticos de Londres. Todo mundo vai lá e tem uma feira alternativa que é bastante conhecida. No fim de semana, principalmente, quando dávamos plantão, era bem interessante ver as pessoas que ficavam por ali. O escritório fica num prédio que já abrigou uma fábrica de gim. Foi muito bom ver toda essa efervescência cultural e social ali em volta. Mais uma vez, não havia essa abundância de recursos para as grandes matérias que a gente gosta de fazer, mesmo assim já era um pouco mais fácil.

A certa altura, houve uma reflexão se era mesmo o caso de manter uma estrutura tão grande em Londres. Mas, aí, Osama Bin Laden mudou toda a face do planeta, a começar pela paisagem da ilha de Manhattan e com reflexos até para a gente ali na Inglaterra. De repente, o noticiário internacional reconquistou seu espaço de maneira legítima. É razoável que nós prestemos atenção no que está acontecendo em Islamabad, Cabul, Kandahar. Hoje, a gente se preocupa muito mais com isso, que, por sua vez, vem a ser sequela do que acontece em Jerusalém, Gaza, e por aí vai.



## TALIBÃ AFEGANISTÃO, 2001

Ernesto Paglia e Sergio Gilz estiveram no Afeganistão, em novembro de 2001, quando 95% do território era dominado pelos talibãs. A equipe usou o videofone para transmitir as matérias.

Estive no Afeganistão no momento em que apenas 5% do território estava sob o controle da oposição. Ou seja, só era possível conversar com 5% dos afegãos, porque o Talibã, a milícia radical, dominava os outros 95%. Quando cheguei à região, fui para Islamabad, no Paquistão, onde havia recursos e estava concentrada toda a imprensa internacional. A partir dali, foram feitas algumas coberturas dentro do território afegão. Organizações que fazem investimento pesado em cobertura internacional – por interesse pessoal, pois estão diretamente envolvidas nos conflitos – ou agências de notícias que precisam estar lá para abastecer clientes, por exemplo, estavam na linha de frente. Nós, não.

Tínhamos uma equipe na região; não dava para deslocar essa única equipe para um lugar de onde talvez se passasse semanas sem conseguir dar um telefonema. Quando só se tem uma equipe, é preciso permancer em locais onde exista a garantia de que seja possível enviar matérias todos os dias. Então, nós fomos para Islamabad.

Só que o Talibã, que controlava a maior parte do território do Afeganistão, não queria deixar a gente entrar de jeito nenhum. Eles cobravam os vistos a peso de ouro. A embaixada deles em Islamabad, no Paquistão, era encarregada de filtrar os pedidos. Eles olhavam para a imprensa internacional e viam cifrões e dólares. Depois de muitas negociações, finalmente conseguimos entrar no território afegão e realizamos diversas reportagens.

## VÍDEOFONE: A LIBERDADE DO CORRESPONDENTE

Fizemos a cobertura usando um recurso novo – dentro de algum tempo alguém ouvirá isso e dirá: “Nossa, era novidade na época!”. A gente começou a usar o video-fone, que foi tornado público como recurso de uso amplo pela CNN e em seguida vendido por empresas especializadas para outras emissoras ao redor do mundo.

A Globo, no entanto, produziu o seu próprio videofone. O departamento de desenvolvimento e pesquisa conta com um quadro de funcionários admirável e de grande talento que criou um videofone a partir de um laptop. É um sistema brilhante, por meio do qual podemos entrar ao vivo, do outro lado do planeta, via internet. Uma parte das matérias era feita também com uma câmera digital compacta de alta definição. A gente gravava durante o dia, editava num notebook e transmitia pela internet como um anexo de e-mail.

Eu tinha ido para Belgrado um ano antes. A revolta popular que derrubou Slobodan Milosevic e colocou fogo no Parlamento havia sido transmitida pela emissora estatal, que também foi incendiada pelos manifestantes. E como aquela era a emissora filiada à Eurovisão, a EBU – European Broadcast Union –, a gente chegou a Belgrado sem saber como ia transmitir. Pouco tempo depois, já não era mais preciso ir atrás da emissora local. Quando a situação fica feia e os governos são autoritários, ou quando querem impor uma visão unilateral do conflito, tem um censor na emissora local que simplesmente chega para a gente e diz: “Não, você não vai fazer essa transmissão”.

Isso aconteceu no Iraque quando saí de lá com fitas gravadas e tive que passar pela emissora de televisão local para exibir as cenas para um censor. O cara ia tirando coisas que ele achava que não deviam ir ao ar, imagens que ele não queria que a gente trouxesse do país dele. Quando se pode transmitir por conta própria, sem depender da estrutura alheia, temos grande agilidade e liberdade editorial, podemos dar a nossa visão, sem a interferência de ninguém.

## EXPEDIÇÃO AO ÁRTICO, 2007

Ernesto Paglia fez inúmeras coberturas internacionais para o *Globo Repórter*. Duas delas foram no Ártico. Ele e o repórter cinematográfico Marco Antonio Gonçalves estiveram no Polo Norte para mostrar como vivem os esquimós e o impacto das mudanças no clima, mas quase não sobreviveram a um acidente natural.

Na primeira vez que fui ao Ártico pelo *Globo Repórter*, em 1995, o Jim Allan, que era nosso guia, liderou a expedição que durou onze dias e dez noites. Viajamos com esquimós em trenós puxados por cães. Fizemos uma reportagem sobre os hábitos e costumes dos esquimós e a caça às focas e aos elefantes marinhos. Foi um desafio explicar por que um esquimó matando uma foca não era, necessariamente, um ato bárbaro, mas um costume de centenas, quiçá milhares de anos. Eles não fazem isso para ter um troféu nem pelo prazer esportivo de matar um animal, o que eu não consigo entender. Lá eles fazem isso por uma questão de sobrevivência. Eles matavam uma foca e, imediatamente, alimentavam os cães. Esse era, então, o combustível do veículo deles. Em seguida, comiam o fígado cru do bicho, porque é sua única fonte de vitamina C.

A gente viajava cerca de quarenta quilômetros por dia, em um total de quatrocentos ao final da jornada, e acampávamos durante a noite. Os mantimentos eram, assim como nós, carregados nos trenós puxados pelos cães. De duas em duas horas, dávamos uma paradinha e tomávamos uma bebida quente, porque lá é muito frio, e a gente não estava habituado. Para os esquimós, entretanto, era tranquilo. Eles fazem essas viagens no início da primavera, quando começa o degelo, o que é um problema, inclusive.

Voltamos em 2007 para mostrar o impacto das mudanças climáticas globais. Os esquimós fazem as viagens justamente no início da primavera porque pegam a transição entre as estações, quando a vida que estava dormente durante o inverno começa a aflorar de novo. Há o florescimento do plâncton no mar, aí vêm os peixinhos que comem esse plâncton, vêm os peixes que comem esses peixinhos, os peixões, que comem esses peixes, as baleias que comem esses peixões, e os ursos-polares que comem todo mundo. É a grande chance de o caçador conseguir pegar suas presas, e também de quem quer filmar essa atividade toda. Quando fui pela primeira vez, as estações eram

bem mais marcadas. Então, a sensação que a gente tem de que “o clima está mudando, antigamente não era assim”, os esquimós também têm por lá, e o que eles percebem é que o fim do inverno já não é tão lento e progressivo como antes. Então, de repente, há uma mudança de temperatura muito brusca, e isso provoca um descongelamento muito rápido das placas que se formam em cima do mar, o que torna perigoso viajar por cima delas, que podem afundar.

Nós estávamos acampados sobre uma placa de gelo e, de repente, numa madrugada, começou a soprar um vento muito forte. Sentimos o chão se mexer, e corria o risco de se quebrar. Se permanecêssemos ali em cima, ficaríamos isolados. E depois, como faríamos para voltar para a terra?

Normalmente, a água ali atinge uma temperatura de um ou dois graus negativos, pois é diferente da água doce, que congela a zero grau. Aquela água era extremamente gelada. Bastava passar um minuto nela e tchau. Se uma pessoa por acaso cair por ali, as chances de sobrevivência são mínimas. E imagina só a dificuldade de tirar alguém de dentro d’água sem poder pular!

Aí tomamos um susto tremendo. No meio da madrugada, dentro da barraca, a gente tentava dormir em meio a todo aquele frio e entrou a tradutora. Ela abriu a porta, ordenando: “Temos que ir embora agora”. Eu me lembro até hoje daquele grito. Demos um pulo da cama! Ela foi muito objetiva, e a gente saiu correndo.

O cinegrafista Marco Antonio Gonçalves me acompanhou nas duas viagens. O Marcão, como a gente o conhece, tinha trocado a lente da câmera por uma de mil milímetros, um modelo especial para filmar animais de longe. É uma lente pesada, frágil. Fica difícil carregar a câmera por causa do peso. Caso quebre um equipamento desses, acabou a reportagem. E como não há na esquina uma loja que conserte ou venda outra câmera, não resta outra solução a não ser voltar para casa. E nessas situações de frio extremo, ainda há um probleminha extra. As baterias descarregam muito rápido. A gente tinha até desenvolvido um sistema para que as baterias, em vez de ficarem na câmera, fossem mantidas junto ao corpo do Marco, dentro de um bolso, porque, em contato com o calor do corpo, elas duram mais. Se ficasse ali fora, a bateria iria embora em um minuto. O Marco Antonio, além de carregar tudo, ainda tinha que vestir uma espécie de jaqueta interna, um colete com baterias para poder mantê-las quentes e fazê-las durar mais.

A gente tinha uma segunda câmera menorzinha, e eu sugeri: “Marco, cuida do equipamento que eu vou filmar. Temos que ter um registro disso. Faz parte da nossa expedição a nossa correria no meio da noite, a tentativa de salvar

tudo, de recolher o equipamento e levantar acampamento”. Foi tudo embrulhado improvisadamente e jogado em cima dos trenós. Saímos correndo. E seguimos com os cães puxando o trenó durante umas duas horas até um refúgio. Estava ventando demais, e era um vento gelado. Então, quando a gente conseguiu parar, fomos tentar dormir durante o que restava da noite no refúgio. Era uma casa, uma construção no meio do nada, feita exatamente para abrigar pessoas na nossa situação.

Foi uma experiência inesquecível, muito difícil porque havia o risco verdadeiro de todo o acampamento ir parar na água. Nessas situações você tem, além de uma experiência inesquecível e insólita, a oportunidade de enriquecer o material, porque você está mostrando algo que o esquimó enfrenta no seu dia a dia, quer dizer, você está ali vivendo a realidade, não está só de passagem.

“Uma grande fenda se abriu no gelo entre o lugar onde estávamos e o continente. Eu tentava filmar e também recolher as nossas coisas. Homens gritavam, os cachorros latiam, uma cena de filme. Felizmente, conseguimos fazer a travessia até o abrigo e não ficamos à deriva.” – Marco Antonio Gonçalves



No frio extremo do Ártico, Groenlândia, 2007.

## AS RAÍZES DE BARACK OBAMA QUÊNIA, 2009

Na semana em que Barack Obama tomou posse como presidente dos Estados Unidos, em 2009, o *Jornal Hoje* exibiu a série de reportagens “Quênia, as raízes de Obama”, realizada pelo repórter Ernesto Paglia e o repórter cinematográfico Rogério Rocha. Os dois foram à África para mostrar o que o continente esperava do novo presidente, filho e neto de quenianos. A equipe também fez uma entrevista exclusiva com Mama Sarah, a avó de Obama.

A ideia principal era: “Vamos visitar a avó do Obama”, mas estando em um país tão interessante como o Quênia, seria um desperdício não investir mais dias e fazer algumas outras reportagens além dessa. E assim tivemos a felicidade de registrar diferentes situações. Conseguimos fechar quatro ou cinco matérias, que foram exibidas ao longo de uma semana no *Jornal Hoje*, culminando com a visita ao sítio da avó do Obama, Mama Sarah, em Kogelo, uma vila a trezentos quilômetros de Nairóbi. Foi uma alegria imensa!

Sáímos do Brasil com todos os sinais de que esse encontro não iria acontecer. Pedimos ajuda, ligamos para jornalistas do Quênia, contratamos produtor, fizemos contato com as embaixadas do Brasil e dos Estados Unidos em Nairóbi. Mesmo assim, todas as respostas que recebíamos eram: “A família não vai receber mais ninguém. Eles já foram muito assediados pela imprensa norte-americana”. Imagine a imprensa mais proativa do mundo, equipes de emissoras de todos os estados, de todas as redes, desabando sobre a cabeça da família queniana do presidente. Eles estiveram lá no período da campanha, da eleição. E nós chegamos logo depois, já para a posse.

Mas a gente tem de ter um pouco de sorte também, isso ajuda muito. Acabei contratando localmente um produtor jovem, talentoso, e que, por acaso, tinha vínculos com a família: ele conhecia o tio mais novo de Obama, Said Obama. A primeira sensação que tive era que ele estava de certa forma valorizando essa relação. Falei: “Esse cara não conhece direito o Said, esbarrou alguma vez com o tio do Obama na rua e está aqui tentando fazer parecer que isso foi muito importante”. Era um cara jovem, meio multimídia, que fazia produção para a televisão, e tinha um estúdio em um teatro de Nairóbi, onde fazia gravações de discos e trabalhava para a secretaria de cultura. Achei, sinceramente, que ele produzia demais para fazer alguma coisa com seriedade,

fiquei desconfiado. Qual não foi a minha surpresa quando descobri que ele era realmente conhecido do tio do Obama!

Nós viajamos, fomos gravando, e ele foi fazendo contato por celular. Depois de uns três dias, quando chegamos próximo ao lago Vitória, perto da fronteira com Uganda, onde mora a família do Obama, ele marcou um encontro com o cara. Porém, o local escolhido era no mínimo estranho: o estacionamento de um supermercado. Falei: “Meu Deus do céu, o que nós vamos conversar com o tio do presidente dos Estados Unidos em um estacionamento de supermercado? Vamos tentar que ele nos leve até o sítio da avó? Isso não está parecendo sério”.

Talvez pelo fato de o cidadão ser jovem, por ser muito multimídia, achei que ele falava mais do que entregava, mas, na hora do vamos ver, ele realmente nos apresentou o tio do presidente dos Estados Unidos. Quando a gente chegou ao supermercado, estava lá um cidadão que era o Obama escrito! Ele estava viajando para a terra da família e aceitou uma carona nossa. Foi tudo decidido ali. Ele podia dizer: “Não, obrigado, não quero”, mas, em vez disso, falou: “Está bom, eu levo vocês, vamos até lá”.

No caminho, ele foi vendo nosso jeito, tomando confiança e gostou da gente. O fato é que ele nos levou até o sítio da avó do Obama, na vila de Kogelo. Chegamos lá, na porta tinha uma grade, eles tinham colocado uma tela alta, nova, visivelmente aquilo não existia antes. A polícia queniana estava acampada de prontidão, munida até de uma barraca enorme, daquelas de acampamento militar. Said não pareceu impressionado. Ele foi logo entrando enquanto dizia para os homens: “Oi, tudo bem? Eles estão comigo”. Era uma fazendinha, um sítio pequeno, cheio de mangueiras, terra vermelha e galinhas soltas pelo terreiro. Cheguei a comentar: “Puxa, eu estou no Brasil!”.

No caminho, fomos pedindo licença para gravar, ele foi deixando. O sítio era todo gramado, com uma casinha muito simples, parecia até o interior de São Paulo, terra vermelha no chão, bananeiras, pés de manga. Daí a pouco Said entra na casa e volta com uma senhora africana com suas roupas típicas, lindas e coloridas. Eu não acreditava, eu pulava de alegria. Sabe quando você não consegue se conter? Falei: “Eu preciso gravar primeiro para depois festejar”. Mas a minha vontade era agarrar e dar um beijo na avó do presidente Obama.

Fizemos uma rápida entrevista com a senhora, que evidentemente falava só a língua local, e Said ainda fez a tradução. E tudo por pura cortesia. Ele não pediu nada em troca, simplesmente foi com a nossa cara, uma empatia que se



criou de forma espontânea. Foi uma coisa inacreditável, uma dessas grandes alegrias. É uma vitória que não tem derrotados. Conseguimos entrevistar uma pessoa que estava quase proibida, fora do alcance, e, de repente, a gente estava lá.

“Seguimos viagem, e o tio do Obama nos levou até Mama Sarah, avó do presidente. Sob uma enorme mangueira, gravamos. Nosso *deadline* era o pôr do sol. Ali, ganhamos o jogo e conseguimos o que queríamos. Depois fomos gravar a cidade, o país inteiro estava em festa por causa da vitória de Barack Obama”. – Rogério Rocha



Rogério Rocha e Paglia entrevistam Mama Sarah, avó de Barack Obama, Quênia, 2009.



PEDRO BIAL

“OS MELHORES ANOS DA MINHA VIDA PROFISSIONAL”: assim Pedro Bial descreve o período em que trabalhou como correspondente da Globo em Londres. Durante oito anos – de 1988 a 1996 – suas reportagens trouxeram um olhar brasileiro e sensível sobre alguns dos principais acontecimentos do final do século XX. Bial cobriu o colapso do socialismo no Leste Europeu (1989), as guerras do Golfo (1991) e da Bósnia (1992), e o fim da União Soviética (1991). Acompanhou também o movimento que levou à reunificação da Alemanha, em 1990 – cobertura que teve um significado especial para o repórter, filho de pai e mãe alemães que vieram para o Brasil após a ascensão de Hitler. “Essa transmissão concluiu uma história pessoal, deu sentido à minha vida e à vida da minha família.”

Nascido em 29 de março de 1958, no Rio de Janeiro, filho do publicitário e diretor de cena Pedro Hans Israel Bial e da psicanalista e assistente social Susanne Bial, Pedro Bial é o caçula de três irmãos. Aos catorze anos, após a morte do pai, passou seis meses estudando nos Estados Unidos, na Quigley High School, na Pensilvânia, onde também jogou basquete. De volta ao Brasil, formou-se em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 1980. Durante esse tempo, dirigiu curtas-metragens e documentários, o que despertou seu interesse pelo jornalismo televisivo.

Pedro Bial começou a trabalhar na Globo em 1981. Foi editor de texto do *Jornal Hoje*, integrou o time do *Globo Repórter*, e apresentou o *Fantástico* por mais de dez anos. A partir de 2002, se aventurou pelo entretenimento, ficando à frente do *Big Brother Brasil*, até 2016; com passagem pelo *Na Moral* (2012-2014). Atualmente, comanda o *Conversa com Bial*. “Comecei como editor antes de ser repórter. A minha escola foi a ilha de edição”, afirma.

Também durante oito anos, já no Brasil, comandou o *Espaço Aberto Literatura*, na GloboNews, onde entrevistou escritores e poetas. Só deixou a bancada para se dedicar ao livro *Roberto Marinho*, um perfil biográfico do jornalista e fundador do Grupo Globo, lançado em 2004. O trabalho contou com o apoio e a pesquisa do Memória Globo.

Pedro Bial foi roteirista, produtor e diretor do documentário *Os nomes do Rosa*, de 1997, e do longa-metragem *Outras estórias*, de 1999. Ao lado de

Heitor D'Alincourt, escreveu e dirigiu o filme *Jorge Mautner – O filho do holocausto* (2012), sobre o cantor, compositor e escritor brasileiro. É autor de cinco livros, dentre os quais *Crônicas de repórter* (1996), em que relata experiências vividas como correspondente internacional. Também é poeta fundador do grupo de poesia Os Camaleões, com os jornalistas Claufe Rodrigues e Luiz Petry.



## LONDRES, 1988 – 1996

O Walter Clark ia inaugurar a TV Corcovado, depois que saiu da Globo. Ele me chamou para fazer um programa de auditório à tarde, jornalístico e somente para o Rio de Janeiro. Fiquei seduzido com o desafio de começar um canal novo, fazer jornalismo local, comunitário. Eu, que já estava no *Globo Repórter* havia quatro anos, falei que ia.

Aí, fui falar com o Armando Nogueira – na época, diretor de Jornalismo –, e ele me disse que não tentava convencer as pessoas de nada, apenas provocava a reflexão: “Pedro, o Walter Clark é um mito. Só que o mito engoliu o Walter Clark”. O Alberico de Sousa Cruz, diretor de Telejornais de Rede na época, e a Alice-Maria, então diretora de Telejornais, queriam mandar outro repórter para o exterior, mas o Armando bancou e me pôs na frente: “Não, vai o Bial”. Ele mandou o Henrique Coutinho, editor de Internacional, me dar a notícia. O Henrique me chamou na redação e perguntou: “Como é que está o seu inglês?” Eu respondi: “*Well...*” Aí veio a proposta de ser correspondente em Londres.

## PRAZER, FAX

Cheguei a Londres no dia 13 de agosto de 1988. Nunca tinha visto um fax na minha vida. No Brasil, essa tecnologia ainda não havia chegado. No primeiro ano ainda era máquina de escrever. A gente mandava as matérias e as sugestões de cabeça por telex. Então, não acompanhava o que estava acontecendo no Brasil tão fácil. Depois, com computador, entrava no *Basys* – antigo sistema de editoração e paginação –, olhava o espelho e sabia se minha matéria tinha entrado ou não.

Nesse primeiro ano, as minhas reportagens para o *Jornal Nacional* ficavam sempre na reserva: “É o Bial que vai fazer? Vamos assistir para ver se dá”. Eu não sabia fazer esse um minuto e meio, o tempo médio de uma reportagem no *Jornal Nacional*. É tão difícil e, às vezes, pode ser tão brilhante. Na época, eu dominava o formato de reportagens mais longas do *Globo Repórter* e dominei ainda mais rápido o do *Fantástico*, porque o programa tem uma estrutura em que cabe qualquer formato, o que é uma grande virtude. Qualquer modelo de narrativa é bem-vindo.

O jornalismo internacional da Globo na década de 1970 era um show. Assistíamos a tudo no *Jornal Nacional* e mais do que poderíamos ver no jornal da CBS, da NBC ou da BBC. Havia correspondentes brilhantes que iam a todos os acontecimentos. Na ditadura, como não se podia falar da realidade nacional, a Globo abriu dois escritórios internacionais – Londres e Nova York –, com Lucas Mendes, Hélio Costa, Sandra Passarinho, Roberto Feith, Luís Fernando Silva Pinto, Ricardo Pereira, Sergio Motta Mello, entre outros. Eu conheci essa gente toda, primeiro como espectador. Esses escritórios eram potências. Na minha concepção, era a sucursal que ensinava a matriz. Era uma turma que estava ali exposta ao melhor jornalismo do mundo e transmitia esse saber em suas matérias para quem quisesse aprender.

## CRISE NO LESTE EUROPEU E A QUEDA DO MURO DE BERLIM, 1989

O ano de 1989 foi marcado pelo colapso do socialismo nos países do Leste Europeu. Quatro anos antes, em março de 1985, Mikhail Gorbachev assumiu o poder na União Soviética e colocou em prática um amplo plano de reformas. Vieram a *Glasnost*, uma política ousada de transparência e abertura, e a *Perestroika*, um plano de reestruturação econômica. As reformas desencadearam transformações em todo o mundo socialista, que sofreu uma reviravolta histórica. Muitos países romperam com a hegemonia soviética e iniciaram um profundo processo de mudanças em busca de um novo modelo político e econômico. Era a ruína do socialismo.

Minha vida começou a mudar em julho de 1989. Pouco tempo antes, em junho, havia ocorrido o massacre da Praça da Paz Celestial, na China. Em maio, a Cortina de Ferro começara a romper-se – o arame farpado que guardava a fronteira da Áustria com a Hungria foi cortado. O caminho estava aberto para os europeus orientais escaparem da tirania.

Em agosto, o Armando Nogueira deu a mim e ao Paulo Francis a missão de viajar durante um mês para fazer uma série de matérias sobre a lenta transformação do socialismo real no Leste Europeu. Eu ainda não era esse repórter confiável do dia a dia, e acho que o Armando estava pensando em me treinar. Foi durante esse tempo que eu me tornei amigo, e mais que amigo – ele não gostava dessas besteiras, não –, meio filhão do Paulo Francis. Ele não tinha filho, eu não tinha pai.

Começamos pela Hungria, que era a ponta de lança das mudanças, fazendo entrevistas com acadêmicos e intelectuais. De repente, o sindicato Solidariedade começa a formar um governo na Polônia. À noite, recebemos uma ligação com ordens de Londres: “Corre para Varsóvia, porque o Solidariedade vai tomar o poder”. Aí, vamos eu, Paulo Francis e toda a equipe para a Polônia. E começa o turbilhão que foi 1989.

Ficamos mais de um mês. Eu conhecia a história do país, porque, de certa maneira, tinha a ver com a trajetória da minha família. O Francis era um poço de erudição e cultura, era divertidíssimo, extremamente gentil. Falava qualquer língua. Na Polônia, como em todos os países comunistas, todos os serviços eram péssimos. Você entrava num restaurante, estava vazio, não tinha



uma mesa ocupada, mas uns garçons mal-humorados diziam que não tinha nada, só por preguiça de servir. O Francis entrava falando alto: “Oh véia, muié, bruaca...”. Inventava uma língua, com autoridade, e a mulher, apavorada, vinha servir a gente. Era cômico! Com um dólar você comia uma refeição com carne e vinhos, um verdadeiro banquete, porque o câmbio ainda era controlado.

Minha rotina de correspondente era assim: acordava de manhã, comprava o jornal polonês, sentava ao lado do tradutor e lia todas as notícias para saber o que a imprensa estava falando. Aos poucos, começava a conhecer gente, autoridades. Como correspondentes brasileiros, corríamos meio por fora. O cara não diz nada para o americano, nem para o inglês, que é o ponto de vista hegemônico, mas fala para o brasileiro. Então, às vezes, conseguíamos coisas que pareciam impossíveis para muitos de nossos colegas estrangeiros.

Nosso tradutor era o Mário, um cara que nasceu na Polônia, mas tinha ido muito jovem para o Brasil e depois retornado para seu país natal, onde morava. E era maravilhoso, um grande polonês, típico, muito legal. Lembro-me do Mário explicando como era a vida sob o comunismo polonês: “Não é tão ruim”, ele dizia. “Comemos bem melhor que os soviéticos, não faltam vodca e cerveja, estuda-se, trabalha-se, só não pode duas coisas: ter ideias ou qualquer tipo de iniciativa. Aí, você vai preso”.

## ENTREVISTA COM LECH WALESZA

Lech Walesa era impressionante como líder popular. A entrevista com ele foi uma das maiores reportagens que fiz. A gente o estava atazanando havia semanas. Todo domingo tinha missa em Gdańsk, cidade onde minha avó morou quando o país estava sob o domínio alemão. E, depois da missa, era realizado um comício atrás da igreja. A gente saía de Varsóvia às três da manhã para estar em Gdańsk para a missa e, depois, para o comício. Toda vez que a gente chegava perto de Walesa, gritava: “Televisão brasileira! *Brazylijska telewizja!*”.

Nesse dia, o comício estava lotado. Fiquei dentro do carro, um pouco afastado do palanque, ouvindo, mas já quase dormindo. E então comecei a escutar o Walesa falando: “*A brazylijska telewizja*”. Ele estava falando o seguinte: “Ah, a televisão brasileira está me enchendo o saco há não sei quantas semanas. Então vou dar uma entrevista, mas vai ser aqui e agora, na frente de vocês”. Fomos nós lá no meio do povo, subimos no palanque e fizemos a entrevista com ele ali, na frente de todos, com o comício inteiro reagindo às respostas. Foi uma matéria antológica do *Jornal Nacional*. Eu abri a entrevista com Walesa perguntando quem tinha sido mais importante para o Solidariedade, o papa João Paulo II ou Gorbachev? Isso na frente daquela plateia carola e todo mundo fez: “Uah!” Aquilo era uma heresia. E o Walesa, muito esperto, respondeu: “Não se pode comparar um lutador de boxe com um grande mestre do xadrez”. E assim se safou da resposta. Depois, o Paulo Francis escreveu, na coluna dele, me elogiando, dizendo que eu fazia perguntas como quem estava fazendo um agrado, mas, na verdade, estava baixando as calças do outro. Foi mesmo uma reportagem memorável.

## NA ALEMANHA, ANTES DA QUEDA DO MURO

A abertura das fronteiras entre Hungria e Áustria permitiu que milhares de cidadãos da Alemanha Oriental tivessem acesso ao mundo ocidental. Vencido pelas manifestações populares e pela onda de emigração em massa, o governo alemão oriental, que até então se mantivera imune às reformas dos países vizinhos, teve que ceder. Em 9 de novembro, abriu os postos de fronteira com a Alemanha Ocidental. Era o fim de um símbolo da Guerra Fria.

Depois da Polônia, as coisas se apressaram na Hungria. Porém, lá, esse era um processo político que estava desencadeado, de forma que não havia lances espetaculares de revolução que pudéssemos reportar. E aí começou a história na Alemanha Oriental. A Alemanha era o país onde tinha mais tropas soviéticas, depois da própria União Soviética. A gente vê hoje que foram revoluções pacíficas, mas naquele mesmo ano acontecera o massacre da Praça da Paz Celestial. Ou seja, o primeiro movimento anticomunista do ano tinha terminado em massacre. O presidente Erich Honecker não abria mão do poder ditatorial. Até que, em outubro, houve o aniversário de quarenta anos da Alemanha Oriental. O Gorbachev foi para a festa e deu aquele famoso beijo de Judas no Erich Honecker, então Presidente do Conselho de Estado, porque foi até lá só para dizer: “Olha, eu vou deixar rolar”. A declaração do Gorbachev era: “Aqueles que se atrasam são punidos pela própria história”.

O Neues Forum era um grupo de intelectuais, professores, políticos, dissidentes, que não queria acabar com o socialismo. Eles acreditavam na reforma do sistema – queriam democracia e liberdade de expressão, mas dentro do socialismo. Eles se concentravam na Igreja de Getsêmani, em Berlim Oriental, faziam greves de fome, e a gente sempre os acompanhava. Eu tinha certo acesso, mesmo quando a minha equipe não podia entrar. Berlim ainda era dividida, e havia dias em que jornalistas estrangeiros não podiam entrar na área oriental, mas eu entrava como cidadão alemão pelo fato de possuir um passaporte – não por hereditariedade, mas por compensação de guerra. Então, nesses dias, mesmo sem falar a língua, eu entrava na Alemanha Oriental e lá tinha os meus contatos, fosse na igreja, fosse na rua mesmo. A gente se vira.

Nessas idas e vindas entre Londres e Alemanha, acompanhei o processo de *Glasnost*, ou como queira chamar, da Alemanha Oriental. Havia “a esquerda da esquerda”, que queria manter o socialismo, mas fazendo uma coisa

democrática. O que aconteceu foi que os próprios *apparatchiks*, os agentes do Partido, derrubaram o Honecker, e o líder comunista Egon Krenz assumiu como se fosse o Gorbachev da Alemanha Oriental. Só que a Alemanha Oriental era um caso completamente diferente dos outros países, porque, se abrisse mão da ideologia, não tinha razão de existir.

Eu havia acabado de voltar da Alemanha e estava no escritório de Londres quando chegou um telex, pela primeira vez, falando na palavra “reunificação” – ou, pelo menos, da possibilidade de reunificação. Porque, realmente, se o processo fosse andando, o que justificaria aquele país se manter? Havia um clima de “o que é que vai dar?”. Era muito difícil fazer uma previsão. Havia os “soviétólogos”, os “DDRTólogos” – DDR é a sigla da *Deutsche Demokratische Republik*, a República Democrática Alemã. Tudo não passava de leitura de sinais.

Eu tinha as fontes dentro da Alemanha Oriental, gente que conheci na televisão. Eu não tinha grandes fontes, mas as pequenas autoridades, com quem a gente trocava conhecimento. Nesses países, sempre tínhamos que ir ao Ministério da Comunicação para credenciamento. Só era possível trabalhar se tivéssemos uma credencial, e aí se travava o primeiro encontro com as autoridades. E de entrevista em entrevista, a gente começava a conhecer as pessoas. Não eram fontes no sentido clássico. Eu era muito franco-atirador. Mas havia uma cobertura maciça do assunto. E adquiri o hábito, desde que comecei a viajar para a Europa Oriental, de andar com um rádio de ondas curtas. Então, o básico, o *hard news*, a manchete, eu pegava pelo rádio mesmo, e fazia o reflexo daquilo na rua. Eu ia muito para o sentimento popular.

Minhas fontes mais clássicas na Alemanha Oriental eram os líderes do novo fórum, o Neues Forum, na Igreja. Mas eles tinham o ponto de vista muito próprio deles, partidário mesmo, não sectário. Tinham informações dos bastidores, mas ninguém tinha informação do Partido Comunista.

Na União Soviética, as pessoas ficavam sabendo no Teatro Bolshoi se um ministro mudou ou caiu. O jornalista ia ao teatro e olhava nos camarotes: “Ah, quem não veio hoje?”. Era assim, não havia anúncio. Obter informação em um país comunista era um negócio complicado. Havia também uma grande desconfiança. Na Alemanha Oriental, de cada cinco habitantes, dois ou três, se não me engano, eram informantes da Stasi, a polícia secreta. Já pensou viver num país assim? Era uma paranoia louca. Você nunca sabia com quem estava falando.

“Do alto de um palanque, Walesa, para nossa surpresa, anunciou que havia uma TV brasileira que insistia para que ele lhes concedesse uma entrevista. Ele nos chamou pelo microfone, pois não sabia onde estávamos na multidão, e subimos até lá. O Bial fez uma bela entrevista, como sempre.”  
– Sergio Gilz



Pedro Bial no Muro de Berlim, Alemanha, 1989.

## QUEDA DO MURO DE BERLIM E REUNIFICAÇÃO ALEMÃ, 1989

Na noite da Queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, Pedro Bial estava no Brasil trabalhando na cobertura das eleições presidenciais – a primeira eleição direta para presidente após 29 anos. Onze meses depois, em outubro de 1990, o correspondente cobriu a reunificação da Alemanha.

Quando o Muro caiu, Silio Boccanera estava lá. Justo, muito justo, ele ter estado em Berlim naquele momento, mas mesmo assim, em Brasília, eu batia literalmente com a cabeça na parede. Fiquei alucinado! Claro, isso sem nenhum demérito à eleição brasileira.

Depois teve a primeira e a última eleição livre da Alemanha Oriental. Era o grande assunto do mundo, e eu fui para lá. No dia em que a gente foi mandar a primeira matéria, anunciou-se o confisco das poupanças no Brasil. A gente ligava para cá, falavam: “Eleição na Alemanha Oriental?”. Os caras não queriam nem saber. Mas essa história termina em outubro de 1990, com a unificação. Isso foi durante a crise do Golfo. Depois da minha primeira participação na cobertura sobre o que estava acontecendo no Oriente Médio, me mandaram fazer a reunificação alemã.

Eu estava em frente ao Portão de Brandemburgo. O horário lá era meia-noite e meia; aqui era oito e meia, fim do *Jornal Nacional*, e me chamaram para entrar ao vivo: “Há exatamente meia hora, a Alemanha é uma só nação. Berlim, a capital da nova Alemanha unificada, está tomada pelo povo. Pelo menos 1 milhão de pessoas estão nas ruas, e todos querem passar sob o Portão de Brandemburgo para celebrar a unidade nacional. A meia-noite foi um delírio. Além do entusiasmo popular, todos os sinos da Alemanha começaram a tocar, e os fogos de artifício coloriram a noite de lua cheia. Até agora, nenhum incidente mais grave foi relatado. Houve pequenos confrontos entre grupos de extrema esquerda e neonazistas, mas as agressões foram somente verbais. Apesar da grande multidão e da enorme bebedeira de muitos, a comemoração está sendo pacífica. A nova Alemanha unificada é a menor da história em tamanho, mas é uma superpotência econômica, a economia mais poderosa da Europa e a terceira do mundo, atrás somente dos Estados Unidos e do Japão. No discurso que fez hoje à noite, pela TV, aos alemães, o chanceler Helmut Kohl disse que essa Alemanha será diferente de todas as outras do passado, e que será um país amante da liberdade e da paz. O mundo

todo espera que assim seja. Pedro Bial, de Berlim, a capital da Alemanha unida, ao vivo, para o *Jornal Nacional*.” Um minuto e meio.



Na reunificação da Alemanha, Berlim, 1990.

“*SOFORT, UNVERZÜGLICH*”

Voltei outras vezes à Alemanha. Inclusive, em 1995, quando estive com o Egon Krenz, que me contou histórias bárbaras da época da queda do Muro, coisas daquela época que só fui entender conversando com ele enquanto cumpria prisão domiciliar.

Houve a decisão do Egon Krenz e do Politburo, o comitê central do Partido Socialista da antiga União Soviética: “Vamos abrir o Muro, vai ser permitido aos alemães orientais viajarem para onde quiserem. Está decidido”. Todo dia, no mesmo horário no fim da tarde, o porta-voz do Partido falava para uma plateia de jornalistas, e isso era transmitido ao vivo pela televisão. O nome dele era Günter Schabowski. Havia um cinismo muito grande. Os caras já sabiam que o sistema estava podre, então tinham um jeito muito desleixado de fazer as coisas.

Aí um jornalista perguntou: “A partir de quando?” Ele procurou, mas não tinha essa informação em seus papéis. Então, respondeu: “Sofort, unverzüglich”. Ou seja, “Imediatamente, sem demora”.

Meia hora depois, havia milhares de pessoas em todas as passagens para o outro lado do Muro, mas os policiais não tinham ordens para abri-las, não sabiam o que fazer. Poderia acontecer um banho de sangue a qualquer momento com todos aqueles soldados, cachorros e metralhadoras, porque a ordem era encher de tiros quem quer que atravessasse. Aí o Egon Krenz gabava-se de ter dado a ordem: “Não vamos derramar sangue. Abram as portas”. Foi assim que o Muro caiu.



## MURO NA CABEÇA

Foi uma festa bonita, feliz. A alegria das pessoas era genuína por algo que era impossível muito pouco tempo antes: o reencontro. É claro que depois veio a ressaca, chamada de *die Mauer im Kopf*, “o Muro na cabeça”, que foi um processo mais lento, porque, de fato, nos quarenta anos de Alemanha Oriental, criou-se uma cultura. Havia uma diferença econômica e cultural muito grande.

Essa unificação só se deu de fato na Copa do Mundo da Alemanha, em 2006 – e eu estava lá. Angela Merkel era a primeira-ministra, o capitão da seleção alemã era Michael Ballack – ambos nascidos na Alemanha Oriental. Ou seja, eram sinais de que estava tudo amalgamado. Era a primeira vez desde a guerra que os alemães podiam torcer gritando com orgulho o nome de seu país, pois demonstrações de patriotismo até então pegavam muito mal por causa do Holocausto. O processo todo levou justamente o espaço de uma geração – dezesseis anos. E essa ficha caiu para mim quando o Günter Grass – autor de *O tambor* e muitos outros livros, que representava uma espécie de consciência nacional indo contra a reunificação ao dizer “Auschwitz é imperdoável” – apareceu no meio da Copa, vestido de cachecol, chapéu, bandeirinha, gritando “Alemanha, Alemanha”. Pronto, deu-se a unificação, até ele foi curvado. Poucos anos depois, descobriu-se que ele tinha um passado nazista, havia servido à ss, e trabalhava sua culpa pessoal. Isso tudo no Estádio Olímpico de Berlim onde Jesse Owens humilhou Hitler. É muita história!

## HISTÓRIA PESSOAL

Eu tinha essa grande emoção de estar contando aquilo para a minha mãe, que estava assistindo à Copa no Brasil. Quando fui ser correspondente em Londres, minha avó, que estava velhinha, falou: “Ah, eu não quero mais viver, estou velha, já deu”. Depois que o Muro caiu, quando, nas primeiras férias, eu voltei para cá, ela me falou: “Eu quero viver mais dez anos para continuar vendo as coisas. Eu não acreditei!”. Ela, que tinha vivido a grande inflação e a ascensão do nazismo quando vivia na Alemanha, viu o neto contando para ela que tudo aquilo havia finalmente acabado. Para mim, isso foi de um significado enorme. Concluiu uma história pessoal, deu sentido à minha vida e à da minha família.

Eu misturo minhas trajetórias pessoal e profissional. Meu método de reportagem não é muito racional. Vou vivendo o dia a dia atrás da notícia, correndo o tempo todo, fazendo o que for necessário, seguindo o beabá do jornalismo, e mesmo assim deixo os fatos entrarem em mim emocionalmente; fica tudo ali cozinhando, aí, na hora de escrever, penso: “Vamos lá, pá!”. E sai uma coisa testemunhal.

## A QUEDA DE CEAUȘESCU ROMÊNIA, 1989

Um ano marcado por grandes mudanças não poderia terminar diferente. Em 22 de dezembro de 1989, começaram a chegar rumores da Romênia sobre a queda do ditador Nicolae Ceaușescu. Na noite anterior, durante um comício na capital, Bucareste, ele foi vaiado por uma multidão que protestava contra a ditadura. As tropas do Exército reprimiram a manifestação, matando milhares de pessoas. Após o massacre, parte dos militares aderiu à revolta, e o governo, no poder havia mais de vinte anos, acabou deposto.

No final de 1989, fui para a Tchecoslováquia fazer uma reportagem sobre o primeiro Natal livre no país. Foi quando da vizinha Romênia começaram a chegar rumores de manifestações em Timisoara. O presidente Nicolae Ceaușescu estaria para cair, coisa que era até então absolutamente improvável. Com todo o castelo de cartas que foi a Europa Oriental, pensava-se que esses ventos não chegariam à Romênia. Então, sugeri, e a Alice-Maria concordou: “Vai para a fronteira e espera cair, para você chegar em Bucareste rapidinho”. Mas alguns sabichões, que conheciam muito de política internacional, torceram o nariz: “Imagina se o Ceaușescu vai cair”. Quando o cara fica muito bom como jornalista, tem que evitar achar que sabe tudo, que pode prever a notícia. Mesmo assim, me mandaram então voltar para Londres.

Eu cheguei de manhã. De tarde, estava voltando para Bucareste – eu, o repórter cinematográfico Sergio Gilz, a editora Suzy Altman, o produtor Jayme Brito e o Luiz Carlos Nóbrega de Assis, operador de áudio – num avião fretado por jornalistas de várias nacionalidades. Não conseguimos chegar à capital romena. É claro, não pousava mais ninguém por lá, o país estava em conflito. Foi uma guerra civil, a única revolução sangrenta daquele ano no Leste Europeu.

Chegamos a Budapeste. Fiquei entrando na Romênia pela fronteira da Hungria: entrava, fazia a reportagem e voltava. Cheguei a Timisoara, fiz a matéria e voltei na mesma noite para a Hungria, onde tinha uma emissora de televisão na fronteira para transmitir o material. E essa foi a nossa rotina por uns quatro ou cinco dias, indo de um país para o outro, pois não podíamos perder nenhum dia de cobertura, de forma que eu não podia pegar uma estrada e atravessar a Romênia para chegar a Bucareste. Além do quê, era perigoso,

ninguém sabia o que ia encontrar no caminho.



Sergio Gilz, Pedro Bial e o operador de áudio Luiz Carlos Nóbrega (Pipo) após a queda do governo de Nicolae Ceaușescu, Romênia, 1989.

## A REVOLUÇÃO EM UMA CIDADEZINHA DA ROMÊNIA: UMA ÁRVORE DE NATAL

A gente chegava onde podia chegar, dependendo do horário, porque tinha que mandar matéria. Numa das cidades a que a gente foi, pequenininha, eu me lembro de uma matéria que foi muito significativa. Vem um cara todo paranoico, conspiratório, sussurrando: “Vem cá, televisão brasileira, tenho um negócio para mostrar para você. É incrível!”. Ficamos com medo, olhando para os lados, aquela coisa. Por fim, decidimos: “Vamos nessa!”. Aí a gente entrou numa casa. E o cara insistindo: “Vem, vem, vem!”. Tudo isso por meio de poucas palavras em inglês e muitos gestos. Até que ele, supersecretamente, abre uma porta e dentro do cômodo havia uma árvore de Natal, uma infração ao código laico em vigor no país que podia dar cadeia. O cara cochichava para a gente: “Olha, uma árvore de Natal”. Essa era a revolução naquela cidade. Eles estavam montando a primeira árvore de Natal em não sei quantas décadas.

Nós descemos a Hungria até que chegamos a Sófia, na Bulgária. Era a capital mais próxima, de carro, de Bucareste. Fomos num aviãozinho alugado, com o aquecimento quebrado. A gente quase congelou nesse avião. O inverno era brabíssimo. Já era o quarto dia de manifestações em Timisoara quando conseguimos chegar a Bucareste. E ali foi a primeira vez em que senti muito medo.

À noite, a gente tinha que ir à emissora de TV para fazer a nossa transmissão. Ninguém colocava o pé na rua quando escurecia. Bucareste ficava vazia, ouvia-se tiros a toda hora. Nicolae Ceaușescu já havia sido executado. As imagens foram exibidas exaustivamente no dia 25 de dezembro, para mostrar que ele tinha mesmo morrido. A emissora, que ficava numa praça, era a sede do governo revolucionário, mas, ao mesmo tempo, estava cercada pela Securitate, a polícia secreta do ditador. Estava tudo escuro. Então, primeiro erro: a gente já chegou com o farol aceso. Na emissora, demos de cara com um tanque, e os caras começaram a gritar loucamente: “*Lumina! Lumina!*”. Eu falei para o motorista: “*Lumina! Apaga o farol!*”. E foi o que ele fez, porque não era bom ter nada por ali aceso que servisse de referência para os franco-atiradores. Nós entramos, e tinha uma escada exposta por uma parede de vidro. A Suzy foi fumar um cigarro; quando ela acendeu o fósforo, caíram quatro em cima dela: “Apaga isso!”. Não podia aparecer nada. Lá dentro, num corredor, tinha uma sala de geração. No cômodo ao lado, era a

sede do governo, onde estava o presidente em exercício.

Antes, as palavras de ordem dos revolucionários eram: “Vamos tomar o Palácio!”. Naquele ano, foi “Vamos tomar a televisão!”. Tomar o poder não era tomar o palácio, era tomar a estação de TV. Quem chegasse primeiro à emissora estaria no poder. Bastava fazer uma transmissão e falar: “Nós estamos no poder”. A revolução foi televisionada.

Foi uma cobertura bastante emocionante. Teria sido mais ainda se eu tivesse chegado mais cedo. Também teria sido bem mais perigoso, mas...

## GUERRA DO GOLFO, 1990 – 1991

Pedro Bial foi enviado para a região do Golfo Pérsico em agosto de 1990, assim que o Kuwait foi invadido pelas tropas de Saddam Hussein. Era o início de um longo conflito que levaria à Guerra do Golfo. Durante cinco meses, tentou-se uma solução pacífica, até que os Estados Unidos estabeleceram o dia 15 de janeiro de 1991 como data limite para a retirada dos iraquianos do Kuwait ou os bombardeios teriam início.

Para mim, a crise do Golfo começa com um campeonato de balões na Escócia. Estava fazendo uma reportagem para o *Fantástico*, quando recebo um telefonema: “O Iraque invadiu o Kuwait. Volta para Londres que você está indo para o Golfo”. Eu conhecia pouco dessa história entre o Iraque e o Kuwait. Tinha apenas um conhecimento como leitor de jornal, não era um estudioso do tema. Ainda tive tempo de pegar uns livros que tinha em casa para ter pelo menos uma noção básica da geografia da região, mas a verdade é que aprendi tudo meio na marra lá mesmo.

Viajamos eu, a produtora Bel Bicalho e o repórter cinematográfico Luiz Demétrio Furkim – não tínhamos editor nessa cobertura. Mas para onde a gente ia? A crise era no Golfo, precisávamos ir para lá, mas nem o Kuwait nem o Iraque estavam recebendo jornalistas. A Jordânia era longe. Os Emirados Árabes aceitavam a imprensa, a gente podia entrar, mas não podia dizer onde estava. Tínhamos que mandar as matérias sem dizer que era dos Emirados Árabes. Assinávamos então assim: “Do Golfo Pérsico”. Uma vez fomos mostrar uma imagem de um automóvel, mas fomos censurados, não podíamos transmitir. O governo dos Emirados Árabes não permitia, não queria tomar partido na crise. Já havia o temor de ataques químicos. No hotel onde estávamos, havia instruções sobre como proceder na eventualidade de um ataque do tipo. Ficamos quase um mês lá. Depois fomos para a Jordânia tentar entrar no Iraque. E conseguimos.

Ali eu fiz uma das reportagens mais bonitas e emocionantes da minha carreira, um daqueles momentos em que você tem certeza de que a sua profissão faz mesmo sentido. A gente foi ao acampamento dos operários da construtora Mendes Júnior, numa estrada no meio do deserto. Parecia uma história literária, de realismo fantástico. Era uma cidade brasileira em pleno deserto, onde já tinham vivido 10 mil pessoas. Naquela época, porém, havia

apenas trezentas. Eles construíram uma estrada lindíssima, que leva de Bagdá a Amã, na Jordânia. E quando nós chegamos lá, descobrimos que os funcionários achavam que estavam sendo enganados pelos chefes. Queriam ir embora, estavam com medo e acreditavam que os responsáveis estavam mentindo. Por que eles não estavam indo embora? Eles haviam se transformado num escudo humano em meio ao conflito. O pessoal estava desesperado, morrendo de medo.

Eu não era ainda um cara muito manjado. Quando chegamos lá, alguns ficaram meio desconfiados se a gente era mesmo da Globo, se a construtora Mendes Júnior não tinha nos mandado para acalmá-los. Depois, quando perceberam que éramos mesmo da TV, nos tornamos mais do que uma equipe de reportagem, foi: “Meu Deus, eles vieram do Brasil! É verdade. Estão sabendo da nossa situação!”. Foi a tábua de salvação deles. Foi impressionante o desespero e o alívio por verem alguém da imprensa brasileira. Todos queriam falar. O microfone da Globo nunca foi tão venerado. Foi uma reportagem incrível. E lembro que fiz o encerramento da matéria diante da estrada: “Todo dia, olham a bela estrada que construíram com tanto suor e que agora não pode levá-los a lugar algum”.

Essa matéria com os operários foi durante a crise do Golfo. Antes da guerra, Saddam Hussein ficou se valendo de todos os estrangeiros – havia vários norte-americanos em seu território – para fazer um escudo humano. Todos os alvos estratégicos tinham estrangeiros para não serem atacados. Houve toda uma negociação diplomática.

Por causa dessa cobertura e pela forma como interpretei acertadamente os fatos políticos, recebi os cumprimentos de uma grande cabeça pensante do Itamaraty. Fiquei besta. Graças a essa reportagem fui condecorado pelo governo brasileiro e sou Cavaleiro da Ordem do Rio Branco, o que muito me honra.



## TARIQ AZIZ

Como repórter brasileiro, era muito difícil fazer perguntas em coletivas de imprensa. Sempre falavam primeiro para a CNN, principalmente se a coletiva for com o presidente norte-americano. Eles sabem quem são os repórteres. É preciso ser muito arrojado, e, mesmo assim, podem te ignorar. Mas eu me lembro de uma entrevista realizada em Amã com Tariq Aziz, primeiro-ministro de Saddam Hussein, que era quem falava com a imprensa. Estava aquela loucura de gente perguntando, e eu estava ali havia horas, gritando: “Brasil! Quero falar”. E os colegas ao lado se perguntavam, incrédulos: “Brasil?!”. Até que, quando eu consegui fazer a pergunta, o Tariq Aziz respondeu com deferência. O que os colegas norte-americanos ignoravam era que o maior comprador de petróleo do Iraque era o Brasil. Nós éramos um tremendo parceiro. E aí a minha pergunta de fato valia alguma coisa: “Que tipo de mediação o Brasil poderia fazer nessa crise entre Estados Unidos e Iraque?”. E o Tariq deu uma resposta dura: “O Brasil tem que definir de que lado está”. Quando eu cheguei para editar a matéria, o embaixador brasileiro em Amã me ligou, preocupadíssimo: “O que ele falou? Me conta palavra por palavra”. Foi o que fiz, enquanto o embaixador ouvia, tensíssimo, no outro lado da linha. Até que falei: “E aí, ele disse: ‘Brasil, por favor’”. Aí o embaixador respirou aliviado: “Ah! Ele falou ‘por favor’!”. Em diplomacia e política internacional, uma palavra, um “por favor”, muda tudo.

## O INÍCIO DO FIM

No dia em que começaram os bombardeios ao Iraque e ao Kuwait, em 17 de janeiro de 1991, eu estava no Brasil, apresentando o Rock in Rio. Assim que terminou, fui enviado para Amã, onde uma equipe da Globo me esperava. Após quarenta dias de ataques intensos, George Bush declararia a vitória das forças de coalizão. Quando chegamos a Amã, eu e Sergio Gilz fomos pedir o visto na Embaixada do Iraque, onde havia uma corrupção danada. Tinha um homem asqueroso chamado Adnan que era responsável pela emissão de visto, que mal falava com os jornalistas. Ele sempre usava um cachecol horrível, era sebento, uma figura nojenta. Mas todas as repórteres mais lindas do mundo se derretiam para ele e lhe davam beijinhos, afinal, ele era o cara que conseguia os vistos. Era uma briga diária. Adnan sempre nos dispensava com a mesma frase: “Talvez amanhã”.

A gente tinha que fazer matérias diariamente a partir da Jordânia, o único lugar do mundo que não tinha a CNN para acompanhar a guerra. Ou seja, diferente do restante do mundo, não podíamos contar com a ajuda da cobertura deles. Minhas fontes eram gente do governo jordaniano. Consegui boas fontes porque fiquei bastante tempo por lá para cobrir a Questão Palestina. Na Jordânia há muitos palestinos, e era um país que estava apoiando o Saddam. Era uma situação de guerra sem ataque, porque os mísseis do Iraque para Israel apenas passavam por cima do território da Jordânia.

Até que um dia finalmente conseguimos os vistos. Quando fomos pegá-los, descobrimos que o Adnan tinha vendido os nossos vistos para os alemães. Eu fiquei louco! Aquilo era um inferno! E aí o Alberico, que tinha boas relações com Fidel Castro, conseguiu que ele intercedesse junto a Saddam para nos dar o visto. Foi essa a história. E em Bagdá, o Juan Aldama, que era o embaixador cubano na capital iraquiana, era uma grande fonte. Era o único embaixador que tinha ficado, todas as outras embaixadas estavam fechadas.

Chegamos no dia em que a guerra acabou. Havia uma tempestade de areia em Bagdá, a cidade inteira estava imersa em um nevoeiro. Eu tinha conhecido a região antes da guerra. Era uma cidade linda, rica e, ao mesmo tempo em que era ancestral, também era moderna. Entretanto, o cenário que encontrei nessa segunda visita era completamente diferente. Eu me lembro da última frase da matéria desse dia, quando citei o cineasta italiano Federico Fellini: “Essa luz estranha sobre Bagdá”. No filme *Noites de Cabíria*, a atriz Giulietta Masina é

levada para o alto de uma colina. Lá de cima, ela vê um lago brilhando e diz: “*Che luce strana*”, “Que luz estranha”. No dia 8 de março, Gilz e eu fomos obrigados a deixar o Iraque com os demais correspondentes estrangeiros.

## FIM DA UNIÃO SOVIÉTICA

### MOSCOU, 1991

O repórter Pedro Bial e o repórter cinematográfico Sergio Gilz fizeram uma escala em Moscou, em 18 de agosto de 1991, quando estavam a caminho da Sibéria para fazer uma reportagem sobre os crimes de Stalin. No dia seguinte, quando embarcariam para seu destino, receberam a notícia do golpe de Estado que tentou tirar Mikhail Gorbachev do poder. Era o início do esfacelamento da URSS, que deixaria de existir oficialmente em dezembro daquele ano.

Essa cobertura é uma historinha de destino. Depois da primeira semana na antiga União Soviética, liguei para a minha mãe e falei: “Pô, mãe, que sorte que eu dei”. Ela me corrigiu: “Sorte, não, é destino”. No dia 18 de agosto de 1991, um domingo, fui para a URSS. Eu estava a caminho de Chukotka, uma região a meia hora do Alasca, no extremo leste da Sibéria, fazer um programa sobre o Gulag, os crimes do stalinismo. Eram muitas horas de viagem de avião, passando por dez fusos horários. Fizemos uma escala em Moscou – eu nunca tinha ido à União Soviética – e, no dia seguinte, seguiríamos para a Sibéria.

O lugar onde a gente estava indo era de tão difícil acesso que havia uma janela de semanas para poder ir e sair de lá. Quando passou o momento mais agudo da crise na URSS, mandaram a gente fazer o *Globo Repórter* em Chukotka, só que como o tempo já havia começado a piorar, não era mais possível chegarmos lá.

Uma geógrafa chamada Irina Galytsina, casada com o nosso produtor Wladimir Eremeev, que tinha nascido no Brasil, mas ido para a Rússia, era nossa intérprete. Ela nos recebeu no domingo, percorremos rapidamente os pontos turísticos de Moscou e senti um pouco o clima. Na segunda-feira, acordei e desci para tomar café. Por acaso, nesse dia, não ouvi as notícias da BBC no quarto. Aí veio a Irina: “Você sabe o que está acontecendo no nosso país?”. Eu não sabia de nada. “O Gorbachev sumiu, desapareceu, está na Crimeia. A linha dura tomou o poder, os stalinistas estão de volta.” Eu não estava nem credenciado. Ainda não estava oficialmente na União Soviética. E ninguém podia entrar nem sair do país, todas as fronteiras estavam fechadas. O stalinismo estava de volta.

Assim, eu não tinha acesso à conferência de imprensa da Junta Militar.

Fomos para a rua. Quando chegamos à prefeitura de Moscou, havia lá uma manifestação minúscula. As pessoas vinham, aos prantos, e falavam: “Conta lá para fora o que está acontecendo aqui. Eu quero falar para o mundo o que está acontecendo com a gente. Não deixe o golpe dos fascistas triunfar”.

Aí chegou o Exército Vermelho acompanhado de um mar de tanques. E aconteceram coisas inacreditáveis. Uma mulher parou na frente do tanque, repetindo aquela cena clássica de Pequim, só que dessa vez o tanque parou mesmo. Ela subiu e mandou o cara abrir a portinhola. Um molecote de uns dezoito anos deu as caras, e a mulher deu-lhe um pito, e ele só assentindo e assimilando o que a outra dizia. Os tanques deram meia-volta. Começamos a ver cenas parecidas pipocarem por toda a cidade. “Caramba, o que está acontecendo?”, eu me perguntava. Na BBC, que eu ouvia de meia em meia hora, falava-se que o golpe triunfara, mas o Boris Yeltsin subiu em um tanque, se encastelou no parlamento russo e disse que ia resistir. Depois, o editor de Internacional Henrique Coutinho me contou que ficou assustadíssimo quando viu minha primeira matéria naquele dia. Ainda me lembro do texto da chamada da reportagem: “Em resposta ao golpe que derrubou Gorbachev, o povo de Moscou vai às ruas, barra o caminho dos tanques e resiste”. E nenhuma agência de notícias tinha falado em resistência. O Coutinho comentou então: “O Bial pirou. Vamos bancar, não vamos?”. Bancaram. Eu estava certo. Mas isso só aconteceu porque eu não estava credenciado para fazer a cobertura oficial e fiquei na rua, contando o que via.

Era uma segunda-feira, e a gente dormia uma, duas horas por noite. O filho do Luís Carlos Prestes e um correspondente da Rádio Eldorado nos ajudaram lá, assim como a Irina, a russa que estava ao nosso lado. Essa cobertura foi muito mais marcante do que a unificação alemã, que foi uma festa, mas aqueles três dias de golpe, onde senti que era possível cortar o ar com uma lâmina, de tão tenso, foi uma loucura. Eram milhares de coisas acontecendo ao mesmo tempo. Aquela agonia de estar num lugar fazendo uma coisa incrível, mas sabendo que alguma outra coisa pode estar acontecendo no resto da cidade. E a cada dia a tensão e a possibilidade de um enfrentamento cresciam. O Yeltsin não arredava o pé do parlamento! E a linha dura urrava: “Nós vamos tirar você daí, vamos invadir o prédio. Você vai sair por bem ou por mal”. Eu imaginava que um massacre seria iminente.

Quando o pessoal da linha dura finalmente iniciou a investida, eles o fizeram de forma desorganizada. Não houve consenso. Era aquela coisa: o sistema estava podre, e não havia mais militares que bancassem um ataque. As

tropas se recusavam a matar seu próprio povo.

Na noite de estado de sítio, não era possível sair na rua. Entrei ao vivo pelo telefone. Havia tido um acidente. Dois tanques que cercavam o parlamento avançaram de forma um tanto tímida e aí vieram os manifestantes e jogaram uma bandeira em cima do tanque. O sujeito que estava pilotando o blindado perdeu a visão e, assim, atropelou duas vítimas. Eram os mártires que faltavam para o triunfo. Porque, na verdade, não houve um ataque.



O produtor e tradutor Vladimir Ereemey, Sergio Gilz, o operador de áudio Gonçalo Gomes e Pedro Bial em Moscou, 1991.

## NA SACADA DA CASA BRANCA DE MOSCOU

No dia seguinte, foi uma loucura. A junta já estava totalmente desarticulada, não tinha pronunciamento, não tinha nada. O povo permanecia em torno da Casa Branca, sede do parlamento russo. No primeiro dia, eram poucos; no segundo, já eram muitos; no terceiro, milhares. O Yeltsin fazia discursos desafiadores para a multidão, cercado por uns guarda-costas; e nós, ali do lado, na sacada. Nesse caso, tivemos acesso a tudo, estávamos dentro da Casa Branca. Falamos com ex-oficiais da KGB. O ministro das Relações Exteriores Eduard Shevardnadze estava lá, com toda a cúpula do governo. Usávamos os telefones deles.

Já estávamos havia três dias sem dormir. E existiam boatos sobre um possível retorno do Gorbachev. Nenhuma informação era confiável. E nem adiantava ligar o rádio na BBC, porque os colegas ingleses, quando não têm uma informação confirmada, fazem uma cobertura neutra. Ninguém sabia o que ia acontecer. O Gorbachev chegou à noite, de avião. Eu estava cansado, precisava mandar a matéria, e não fazia a menor ideia do retorno do presidente. Aí liguei para o Silio Boccanera, que falou: “Olha, fecha os olhos por quinze minutos, depois você escreve”. Aí eu baixei a bola e enviei uma matéria que dizia que o povo tinha vencido. A população passou três dias gritando: “Não passarão!” Esse era o slogan. E eles não passaram. Mas aí, até a matéria ir ao ar no Brasil, Gorbachev já tinha desembarcado.

Não sei se foi no dia seguinte ou na sexta-feira, a praça Vermelha estava tomada de gente. E quem não acompanhava, quem nunca tinha ido à União Soviética, não sabia a rejeição popular que havia contra o Gorbachev. Todo ocidental acha que o Gorbachev era um herói quando o verdadeiro herói era o Yeltsin, e agora mais do que nunca. E aí eu encontro os escritores Affonso Romano de Sant’Anna e Marina Colasanti, que estavam lá, por acaso, de férias. Eles viram aquela multidão e me perguntaram: “Ah, nós estamos aqui porque agora eles estão esperando o Gorbachev falar, né?”. Aí eu expliquei: “Olha, Affonso, se o Gorbachev aparecer ali naquela sacada, vai ser uma vaia estrepitosa, você não está entendendo”. A multidão estava, na verdade, esperando o Yeltsin. Eu lembro que ainda completei: “O Gorbachev deixou de ser refém da linha-dura para se tornar refém político do Yeltsin”.

## “MEUS OLHOS NÃO SE CANSAM DE VER A HISTÓRIA”

As pessoas nunca passavam na calçada em frente à sede da KGB. Evitavam o lugar, tinham medo, era realmente um tabu. Mas no último dia do golpe, elas passavam sem medo em frente ao prédio da polícia secreta soviética. Nós estávamos em frente à KGB quando começou a juntar gente. De repente, o Sergio Gilz está filmando e vem um cara correndo, dá um chute e quebra o vidro da porta do prédio, um ato absolutamente impensável horas antes. O que aquela imagem queria dizer? Imagina: um lugar onde, na véspera, as pessoas evitavam a ponto de atravessar a rua, e aí o cara vai lá, se atreve, na frente da polícia, na frente de todo mundo, chuta e quebra a porta. E a gente tinha a cena. Depois vieram canais de todo o mundo pedir aquela imagem que dizia tudo. A gente também viu quando o pessoal começou a subir na estátua do Félix Dzerjinsky – criador da Cheka, que veio ser a KGB – e amarrar uma corda. De repente chega um guindaste e arranca a estátua do Dzerjinsky.

Lembro que me pediram para fazer um *Globo Repórter* para aquela sexta-feira. Eu, que estava sem dormir havia dias, retuquei: “Olha, como é que eu vou fazer um *Globo Repórter*? Posso dar um testemunho. Gravo falando para a câmera por dez, quinze minutos. E aí vocês editam com as imagens da semana”. E assim fizemos. Terminei meu relato assim: “Eu estou moído. Minha cabeça e meu corpo estão exaustos, mas meus olhos não se cansam de ver a História”. Algumas pessoas disseram que me viram chorar. Não é que eu chorei, mas fiquei embargado, porque estava muito cansado, contando uma história emocionante. Depois que a câmera foi desligada, aí sim eu chorei, mas no vídeo ficou evidente que eu estava emocionado.

Isso tudo aconteceu em agosto de 1991. Em dezembro, a União Soviética não existia mais. Entrei ao vivo no meio do Especial de Natal do Roberto Carlos, já mostrando a bandeira soviética sendo retirada do mastro do Kremlin enquanto era hasteada a bandeira russa. Antes, eu já havia entrado também ao vivo no *Jornal Nacional* daquele dia.

Em seguida, começou a caça aos comunistas. Eu comecei a fazer, diariamente, matérias sobre o tema, relatando as mentiras que eram disseminadas pelo próprio governo socialista e tudo mais. Mostrava o hotel onde ficavam os visitantes do Partido, e como vivia um idoso, que morava num apartamento comunal que era pior do que uma favela. Não existia nada daquilo que se mostrava para o Ocidente, toda aquela mentira. Os jornalistas



do *Pravda*, que eram privilegiados, começaram a ter suas casas também ameaçadas, invadidas. A pergunta era sempre: “O que você estava fazendo no dia 19 de agosto de 1991?”. Todo mundo queria saber de que lado você estava. Foi quando eu tive um primeiro aviso: a chefia mandou um recado para eu pegar leve. Eu falei que não estava pegando leve nem pesado, estava traduzindo um país inteiro cuja a realidade pouco conhecíamos. Só que para os comunistas do Brasil, a situação estava ficando muito chata. Mas é aí que vem a parte mais engraçada.

## O OURO DE MOSCOU

Pesquisando nos arquivos da capital, que foram escancarados, eu cheguei às evidências do ouro de Moscou. Entrevistei muitas fontes, tendo a Irina como tradutora, e consegui chegar ao tal arquivo que, pela primeira vez, foi aberto para a gente. Lá havia as evidências da última remessa de dinheiro do Partido Comunista Soviético para o Partido Comunista Brasileiro, que havia sido recebida em Lisboa. Estava tudo lá. Eu liguei para o Geneton Moraes Neto, que na época era editor-chefe do *Fantástico*, e falei: “Ó, estou com a matéria, o ouro de Moscou existia mesmo”. O Geneton, que era um jornalista quase historiador, adorou. Depois eu dei essa fonte para o William Waack, e ele escreveu o livro *Camaradas – nos arquivos de Moscou: a história secreta da Revolução Brasileira de 1935*. Mexendo naquele arquivo, ele chegou a muitas informações relevantes.

“Certa noite, o Bial bateu na porta do meu quarto, agitado, berrando que o Gorba tinha caído. O mundo já sabia do golpe, mas a comunicação com a Rússia era impossível. Tudo virou de cabeça para baixo. Sorte que tínhamos um baú de mantimentos que levaríamos para a Sibéria.” – Sergio Gilz

## GUERRA DA BÓSNIA SARAJEVO, 1994

Um dos maiores dramas da Europa Oriental no final do século xx teve como palco a Iugoslávia, nação erguida no pós-guerra com a união de seis repúblicas – Eslovênia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Sérvia, Montenegro e Macedônia –, além de duas províncias autônomas – Kosovo e Voivodina. Após quase uma década de conflitos que geraram milhares de mortos e refugiados, a república iugoslava se desmantelou. Em junho de 1991, Croácia e Eslovênia declararam independência, seguidas pela Bósnia-Herzegovina, que optou pela separação num referendo realizado em fevereiro de 1992. Milícias sérvias controlaram mais da metade da república e iniciaram uma “limpeza étnica”. Surgiram campos de concentração, enquanto a população civil da Bósnia era dizimada. A situação em Sarajevo chamou a atenção da comunidade internacional, que assistia às imagens chocantes do conflito.

Passei vinte dias em Sarajevo, em 1994, que resumem a minha experiência de guerra. Não acompanhamos os piores momentos da guerra, mas ouvíamos as bombas o dia inteiro. Lá, eu fiquei surdo. Quer dizer, não totalmente, mas perdi muito da audição do ouvido direito e bastante do esquerdo por causa de uma bomba que caiu perto de mim. Estávamos na linha de frente do confronto, atrás de uns sacos de areia, por isso não nos machucamos, mas a bomba caiu muito perto, foi um barulhão. Essa imagem está registrada, foi ao ar e é usada de vez em quando nas chamadas dos grandes momentos do jornalismo da Globo: sou eu morrendo de susto, com cara de quem está se borrando todo. Dei mesmo um pulo. Estávamos gravando uma entrevista, eu estava no contraplano, o cara estava falando, e caiu a bomba. O cinegrafista estava focado em mim bem nessa hora. E ali eu perdi os graves e os agudos do ouvido direito e fiquei, por assim dizer, meio surdo.

Chegar a Sarajevo e se deparar com a imagem daquela cidade devastada foi uma viagem no tempo. Lembrava muito os filmes da Segunda Guerra Mundial, era impressionante. “Em que ano estamos?” – o *Globo Repórter* que fiz lá começa exatamente com essa frase. Era uma barbárie, uma loucura. Só era possível entrar na Bósnia passando por Zagreb e se credenciando pela ONU. Só se credenciava se tivesse colete à prova de bala e capacete – eram as normas de segurança.

As pessoas se viciam em cobertura de guerra. Deve ser porque a gente chega, fica morrendo de medo durante cinco minutos, mas logo depois essa sensação ruim desaparece. Acho que a gente se vicia na superação desse medo, na adrenalina. Além do quê, é a essência da cobertura jornalística, porque é vida, morte, verdade, mentira. É tudo uma situação limite.

Era a quinta vez que um conhecido meu, canadense, estava indo para Sarajevo. No trajeto entre o aeroporto e o hotel havia trechos muito perigosos. Ele falou: “Ah, eu não vou vestir o colete para ir para o hotel, não. Vamos nessa”. E ele morreu. Isso aconteceu um pouco antes de eu chegar lá. Tinha também uma avenida que era chamada Snipers Alley – a Alameda dos Franco-Atiradores. Independentemente de qual fosse o modelo do nosso carro, o motorista tinha que ir a toda velocidade, porque ali era onde atiravam.

A gente ficava no hotel dos jornalistas, que de vez em quando também era atacado, só para assustar. Eram franco-atiradores. Eu entrevistei um deles, um jovem muçulmano. A coisa era anárquica, não tinha um comando. Valia tudo. Mataram o irmão dele, e ele matava também.

## MORTE DE JORNALISTAS E RESISTÊNCIA CIVIL

Na busca, cada vez mais, de uma imagem melhor, a guerra da Bósnia, dentre todas as outras, foi a que mais matou jornalistas. Porque a nossa classe, hoje em dia, não pode alegar neutralidade. As pessoas assistem à CNN no meio da guerra. Um repórter faz a matéria, o outro assiste. E todo mundo acha que a imprensa está sempre de um lado ou de outro. Então, os sérvios da Bósnia achavam que eles eram “vilanizados”, o que era mesmo a mais pura verdade. Não que fossem santos, mas não havia bandidos nem mocinhos nessa guerra. Aquele era um conflito muito difícil de reportar, porque lidávamos de ambos os lados com oportunistas políticos disputando o espólio da Iugoslávia, mexendo com tudo o que Josip Broz Tito, conhecido apenas como Tito, conseguira segurar durante os quase trinta anos que estivera à frente do governo. Esse negócio de dizer que era rivalidade étnica é algo instrumentalizado e usado pelos políticos, que botam lenha na fogueira. De qualquer forma, o que acontecia ali era terrível.

Sarajevo significava, justamente, tolerância, convivência. Quando eu perguntava: “Você é o quê? É sérvio, muçulmano ou croata?”. Respondiam: “Eu sou de Sarajevo”. A resistência era essa: “Eu não vou cair nessa lógica: eu sou de Sarajevo”. As pessoas tinham saudade da Iugoslávia, que descreviam como o melhor de dois mundos – eles tinham as conquistas de justiça social do socialismo ao mesmo tempo em que tinham acesso às coisas do Ocidente. Além de viver uma liberdade muito grande, ainda tinham dinheiro.

Nesses dias em Sarajevo, tinha sempre a sensação de estar numa luneta de um fuzil, mas acho que o mais bonito foi a postura da população. Esse era o segundo ano de guerra. No primeiro, as pessoas ficaram sem sair de casa. Depois, o grande ato de resistência era justamente levar uma vida normal. Enquanto havia uma guerra acontecendo, com tiros e bombas, milhares de jovens se reuniam numa praça que era mais ou menos protegida por prédios. Bebiam, dançavam, ouviam música, assistiam a peças de teatro. Isso era muito bonito. As pessoas fumavam para aguentar a vida; e faziam muito sexo, nasceu criança à beça. É engraçado como, numa situação de guerra, com a morte presente, a vida responde assim. Eu me lembro de uma adolescente que conheci – Aída, de quinze anos. Ela ficou minha amiga. E qual era o prazer dela? Ir para a rua, encontrar alguém, conversar, depois de um ano sem sair de

um porão.

## SONHOS EM SARAJEVO

Eu tive dois sonhos marcantes em Sarajevo. Em um deles, eu era invisível, podia andar para qualquer lugar, chegar perto das pessoas e ouvir o que elas estavam falando sem que me vissem. No outro, não havia mais mantimentos em Sarajevo. Havia muito pouca comida lá. Um pedaço de frango valia uma grana. Em situações de guerra, qualquer coisa vale muito. A gente comia muito mal no hotel, apesar de ter levado aquelas sopinhas instantâneas – viajamos com uma malinha com os primeiros-socorros, enlatados e coisas assim. Mas eu sonhava que tinham acabado todos os mantimentos, toda a comida de Sarajevo, e as pessoas, inclusive eu, tinham que se alimentar de carne humana. Tive uma sensação de nojo e culpa, que depois interpretei como uma metáfora da minha profissão. A gente se alimenta de carne humana. Uma coisa é estar ali cobrindo aquele circo dos horrores que era Sarajevo, sabendo que a sua reportagem pode, de fato, influir numa mudança de política das Nações Unidas ou dos Estados Unidos. No meu caso, não. É uma função nobre estar informando aquilo, mas você não deixa de sentir que está explorando um pouco a miséria e comendo carne de gente. Faz parte, só isso.

Depois que voltamos para Londres, passei muito tempo assustadíssimo. Caía alguma coisa, fazia um barulho, e eu tinha um reflexo condicionado. Fiquei muito tempo sem conseguir dormir não só por causa do fuso horário, mas porque vi muita gente morta. Era muito, muito cadáver.





ILZE SCAMPARINI

ILZE SCAMPARINI SUSTENTA, em tom divertido, que começou a ser correspondente internacional há muitos anos, quando era criança e queria contar a história dos avós italianos. Tímida, sempre gostou de escrever e de ouvir. Não é à toa que define como um “verdadeiro milagre” ter se tornado uma repórter de televisão, ou “uma evidência de que a reserva e até a introspecção podem contribuir com uma ou outra maneira de ver e reportar”. As memórias narradas pela família, “e principalmente as não narradas”, criaram mitos e alimentaram a imaginação da menina que, anos mais tarde, encontraria em Roma um mundo de novas possibilidades. Para ela, a palavra “imigrante” carrega essa ambiguidade: tanto a amargura de uma terra natal longínqua e perdida, como também a curiosidade e o entusiasmo diante de uma nova nação e de uma nova vida.

Ilze nasceu em Araras, São Paulo, em 26 de dezembro de 1958. Filha de Irineu Scamparini, dono de uma loja de tintas, e Paulina Storolli Scamparini, dona de casa, Ilze teve formação católica. Estudou no Colégio Salesiano e, quando prestou vestibular, ingressou no curso de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Era uma das melhores alunas de redação, além de uma devoradora de livros: estava sempre presente na biblioteca pública da cidade. Assim que começou a faculdade, arrumou um estágio no *Diário do Povo*. Ficou lá um ano, fazendo páginas internas, com interesse em comportamento. Ao mesmo tempo, participou de um laboratório de jornalismo com o cartunista Henfil, em Campinas. Colaborou com os folhetos da Oboré, transcrevendo entrevistas dos trabalhadores do ABC paulista, no período em que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o Partido dos Trabalhadores tornaram-se conhecidos. Em 1981, foi trabalhar como repórter da sucursal em Campinas do *TV Mulher*. Três anos depois, foi contratada pela Globo e mudou-se para o Rio de Janeiro, para integrar a equipe do *Jornal Nacional*.

Como repórter especial do *Globo Repórter* nas décadas de 1980 e 1990, viajou o mundo e teve a oportunidade de voltar à terra de seus antepassados. O amor pela Itália a levou a propor à direção de Jornalismo da Globo se tornar a primeira correspondente em Roma, em 1999. Com o mar Mediterrâneo no horizonte e o Vaticano como cartão postal de suas reportagens. Desde então, a jornalista tem acompanhado as principais

transformações ocorridas na cúpula da Igreja Católica nos últimos vinte anos, como a morte de João Paulo II, a renúncia de Bento XVI e a eleição do papa Francisco.



## ITÁLIA, 1987 – 1992

Antes de se tornar correspondente da Globo em Roma, Ilze Scamparini foi três vezes à Itália pelo *Globo Repórter*. Tudo começou em 1987, com uma reportagem sobre imigrantes italianos no Brasil. Na Copa do Mundo de 1990, a jornalista explorou o lado cultural do país e acompanhou o último dia de gravações de um filme do cineasta Ettore Scola. Passado dois anos, retornou ao sul da península para trabalhar como assistente de Scola em um de seus filmes e depois se dedicou à investigação da Cosa Nostra, a máfia siciliana.

“Imigrante” é uma palavra que, para mim, possui um significado imediato de melancolia, me lembra o semblante do meu avô Mario, bondoso e desencorajado. Ou a raiva do meu avô Giulio nos jogos da Copa do Mundo, porque torcia pela seleção italiana. O conceito de “imigrante” contém um forte significado de divisão. Vivi isso em família, como a segunda geração nascida no Brasil. É uma sensação de que algo foi interrompido, arrancado de dentro da alma de pessoas que são uma referência na família, alguma coisa que se rompeu para sempre e que vai além da linha sucessória. A questão virava até um assunto indesejado: “Fica quieta, menina!”, eu ouvi muito na minha infância.

Cresci com essa ideia de Itália que, com os anos, foi ganhando imagens diferentes. Na infância remota me fazia rir, porque os avós não sabiam falar o português e misturavam a língua com o dialeto estrangeiro. Intuitivamente, a Itália era pra nós, crianças nos anos de 1960, a exportadora de vítimas da pobreza e da guerra. Quando comecei a ver filmes como *Ladrões de bicicleta* (1948), de Vittorio De Sica, e *Roma, cidade aberta* (1945), de Roberto Rossellini, passei a dar uma dimensão emocional ao drama social. A Itália se tornou então a nação que produzia obras cheias de humanidade.

## O ENCONTRO COM O CINEMA ITALIANO

Anos depois, no Estudio 5 da Cinecittà, em Roma, acompanhando as filmagens de *A viagem do Capitão Tornado*, de Ettore Scola, tudo isso entrou em jogo. Eu tinha viajado à Itália para fazer um *Globo Repórter* sobre a Copa do Mundo de 1990 e sobre a Itália imaginada pelos brasileiros. E, claro, o cinema italiano era um dos grandes mitos. Em um festival de cinema realizado em uma pequena cidade medieval próxima a Roma, Palombara Sabina, entrevistei Ettore Scola. Foi um encontro muito auspicioso. No final da gravação, ele nos convidou, a mim e ao repórter cinematográfico Sergio Gilz, para acompanhar o último dia das filmagens de *A viagem do Capitão Tornado*. No famoso estúdio onde Federico Fellini rodou vários dos seus filmes, éramos a única equipe de televisão que acompanhava os últimos *takes*. Os atores e técnicos se despediam de um trabalho longo e excepcional, que contou com figurinos e cenários do século XVIII. Eu e o Gilz estávamos felizes pelo convite realmente incomum, vendo de perto o melhor da comédia italiana.

Andávamos silenciosamente por todo o estúdio, sobre uma neve feita com sal, naquele colosso de cenografia que reproduziu o castelo decadente do barão de Sigognac, da obra de Théophile Gautier, na qual o filme se inspirou. Naquelas horas que passamos no Estudio 5, vi o ator Massimo Troisi simplesmente extraordinário, vestido de Pulcinella, personagem napolitano da *Comedia dell'Arte*. Massimo Troisi, nascido na província de Nápoles, trazia no DNA as impressões do sul, de um povo carente que ainda hoje procura trabalho no norte da Itália, rico e desenvolvido. As migrações internas talvez tenham sido mais dramáticas para o país do que a grande diáspora italiana dos séculos XIX e XX. E sobre esse tema tão doloroso, a comédia italiana fez muita gente rir. Troisi disse num de seus filmes: “Quando um italiano do sul vai para o norte, pensam sempre que é imigrante”. O que ao mesmo tempo quer dizer que quando um italiano do norte vai para o sul, antecipadamente, é tratado como turista.

Naquele dia na Cinecittà, conversando com o Ettore Scola, perguntei a opinião dele sobre o *Centro Sperimentale di Cinematografia*, que é uma grande escola de cinema na Itália. Ele respondeu com uma pergunta: “Não quer ter uma experiência no cinema? Venha ser minha assistente no meu próximo filme!”. O diretor do festival de Palombara Sabina, Silvio Luttazi, que tinha nos apresentado, me telefonou dois anos depois: “O Scola está

montando a equipe e falou que você pode vir ser assistente”. Eu pedi para o Alberico de Souza Cruz, diretor de Jornalismo na época, uma licença não remunerada de dois meses, mas o Alberico sugeriu que eu trabalhasse nos fins de semana para a Globo. Então, de segunda a sexta, eu trabalhava quinze horas por dia no filme *Mario, Maria e Mario* (1993); e sábado e domingo, fazia matérias para o *Fantástico*. O Brasil estava vivendo o processo de impeachment do presidente Collor. O Scola chegava ao set de filmagem todo dia com um jornal de esquerda debaixo do braço e, muitas vezes, me fazia perguntas sobre a situação política brasileira. Um dia me chamou e quis saber o que era “tráfico de influência”, uma das acusações contra o esquema PC Farias. Na grande passeata do fim de agosto de 1992, quando uma multidão foi às ruas exigir a renúncia do Collor, Ettore Scola chegou muito contente no set e levantou para mim o jornal, que trazia uma fotografia dos caras-pintadas. Foi um comportamento notável, porque, naqueles dois meses de filmagens, ele pouco sorriu. Um dia me pediu para cuidar de Laura Betti, amiga histórica do cineasta Paolo Pasolini, que trabalhou em *La dolce vita* (1960), de Fellini, e era uma das atrizes do filme. Ela era conhecida como temperamental, então tive que ser muito diplomática. Tivemos uma boa relação, e Laura me contou algumas passagens de sua amizade com um dos maiores gênios do cinema italiano. Foi um período muito rico para mim, porque o pano de fundo do filme era real: o fim do comunismo; a transformação do Partido Comunista Italiano, o PCI, o maior partido comunista do Ocidente, no Partido Democrático de Esquerda. A maioria das locações eram prédios de verdade: escolas, as sedes do PCI, um cinema, as ruas. O sentimento de vazio e confusão dos comunistas também parecia bem concreto. Dava para perceber que se sentiam sem referências, sem um endereço, sem a sua “religião”.

Voltando ao ano de 1990, quem melhor do que o cineasta Mario Monicelli para falar da comédia italiana? Com *Os eternos desconhecidos*, de 1958, e *A grande guerra*, de 1959, ele praticamente reinventou o gênero, desmascarando tragédias históricas, denunciando massacres, vícios e hipocrisias inúteis da sociedade italiana com seu humor ferino, melancólico e às vezes farsante. O autor de *O incrível exército de Brancaleone* (1966) nos recebeu em sua casa na Via dei Serpenti. Depois fomos até o Coliseu para gravar a entrevista. Sua visão cortante a respeito da vida, seu desencanto, seu pessimismo bem fundamentado eram muito sedutores. Um fato doloroso para ele foi o suicídio do pai, em 1946, depois que perdeu o emprego e não desejava viver sem dignidade. Em 2010, aos 95 anos e muito doente, Monicelli imitou o gesto do

pai, jogando-se da janela do quinto andar de um hospital romano. Naquele dia de choque e luto em Roma, lembrei-me do nosso breve encontro, quando pedi a ele que fizesse uma imagem com a nossa câmera. O Sergio Gilz passou a *betacam* para ele, e Monicelli fez uma lenta e bela panorâmica do Coliseu, pois foi perto daquelas ruínas históricas que escolheu passar parte da sua longa existência.

## O IMIGRANTE GIOVANNI BRUNO

Poucos anos antes, em 1987, fui à Itália para contar a história de italianos que, no passado, foram embora para o Brasil. Nunca pensei que lá eu ouviria a palavra “imigrante” mais vezes do que em nosso país. E não por causa dos que foram para as Américas, como os nossos queridos avós; deles, a Itália quase não fala. A não ser em situações oficiais, acho que preferiu esquecer. A palavra era incansavelmente repetida por causa dos que chegavam. Realmente pode-se contar a história da evolução do mundo – acho que o termo exato seria involução – por meio das levas de imigrantes. Em 1987, filipino era sinônimo de empregado doméstico. Até hoje, quando alguém quer se referir a italianos ricos, diz que a pessoa “tem um filipino”, um empregado à disposição o dia inteiro. Foi por conta da imigração da década de 1970, motivada pela instabilidade política das Filipinas, problemas econômicos e calamidades naturais. Nessa reportagem sobre a imigração italiana no Brasil, do fim do século XIX até o pós-Segunda Guerra Mundial, viajamos para o sul da Itália com um italiano que havia imigrado para São Paulo, o senhor Giovanni Bruno, que era dono de um famoso restaurante na capital paulista. Penso que a escolha do nome dele tenha sido da Alice-Maria ou do Armando Nogueira – respectivamente a diretora de Telejornais e o diretor de Jornalismo da Globo na época.

Dizer que foi uma viagem emocionante seria banal e reduutivo. Entrar naquela pequena cidade do sul da Itália, com aquele homem que, de alguma forma, tinha “feito a América”, conseguido vencer na vida, e voltava pra ver os pais velhinhos e muito doentes, foi impactante. Estou falando de um tempo no qual as passagens de avião eram caríssimas, a internet não existia, e uma carta podia demorar meses para chegar.

Para o Brasil, Giovanni Bruno foi aquele rapaz que desembarcou sozinho no porto de Santos, como milhares de outros, e foi descascar batatas em uma famosa cantina de São Paulo. A história dele ajudou a reforçar a imagem do “italiano bom” que guardamos na memória coletiva do nosso país. Quando ele se tornou garçom, usando as gorjetas que recebia, deu muita comida de graça para os atores do teatro paulistano e escritores que, depois das peças, iam jantar no restaurante em que ele trabalhava e não tinham dinheiro suficiente.

Então não é exagero dizer que o imigrante que descascou muita batata ajudou a cultura brasileira, porque dali saíram os maiores atores daquele



tempo e grandes escritores. Um deles, o Ignácio de Loyola Brandão, participou da nossa reportagem e confirmou a generosidade do italiano de Castelbuono. Com Giovanni Bruno, descobri que o imigrante é sempre um estrangeiro, até quando volta para o próprio país.

Em meu desembarque na Itália, também procurei minhas raízes. Era inevitável. Uma emoção que nunca me convenceu completamente, porque passamos anos sem ver parentes próximos. Na lista telefônica, os sobrenomes maternos não existiam mais, porém os parentes paternos estavam ali, a poucos quilômetros de Veneza.

No passado, as companhias de navegação mandaram para fora do país milhões de italianos, salvando a Itália da miséria e da superpopulação. Muitos tiveram que partir para que outros ficassem em melhores condições. E, naquele ano de 1987, vivi um acontecimento incrível: falava-se em milagre econômico, e os italianos eram os mais otimistas da Europa.

## MÁFIA SICILIANA

Em 1992, alarmada, acompanhei o desembarque das tropas do Exército no porto de Palermo, que chegava para garantir a segurança na ilha. A Itália estava sob o choque da morte dos juízes Giovanni Falcone e Paolo Borsellino, barbaramente assassinados porque combatiam a máfia e descobriam segredos da organização criminosa.

No *Globo Repórter* sobre a Cosa Nostra, a máfia siciliana, que gravei em setembro daquele ano, Falcone tinha morrido havia quatro meses. O carro em que ele e a mulher viajavam explodiu na estrada de Capaci, que liga o aeroporto ao centro de Palermo, no exato instante em que passava sobre uma ponte, carregada de dinamite. Dois meses antes da nossa chegada a Palermo, Borsellino morreu com a explosão de um carro-bomba diante de casa.

A morte dos dois juízes foi um divisor de águas, com protestos que duraram meses, movidos pela indignação e uma nova postura dos palermitanos diante da lei do silêncio que, durante séculos, dominou aquela região da Itália.

Numa madrugada de blitz da polícia siciliana em um conjunto de mansões mafiosas de uma mesma família, com helicópteros, cães e muitos policiais, fomos convidados a acompanhar essa ação quase cinematográfica. Quando o dia amanheceu, fiquei frente a frente com o suspeito de ser o chefe da família, que tinha acabado de acordar e ainda vestia o pijama. Naquele instante, me ocorreu uma pergunta que talvez pudesse render uma boa resposta. Os chefes da organização Cosa Nostra são conhecidos como “homens de honra” porque prestam juramento. Então perguntei a ele, em tom de ambiguidade: “É verdade que o senhor é um homem de honra?”. Ele respondeu com uma pergunta: “Quem te disse?”. Depois, ficou me olhando em silêncio. A ausência de resposta, o silêncio e a sua expressão de ódio foram um momento de satisfação. Mas fui orientada a nunca mais provocar um suspeito de máfia. Pode ser muito perigoso.

## FRONTEIRA MÉXICO — ESTADOS UNIDOS, 1991

Em 1991, Ilze Scamparini trabalhou alguns meses no escritório de Nova York. De lá, acompanhada do repórter cinematográfico Paulo Zero, sugeriu cobrir com lentes noturnas a travessia de imigrantes ilegais na fronteira entre México e Estados Unidos. A reportagem foi exibida em uma edição do *Globo Repórter*, naquele mesmo ano.

À medida que os norte-americanos desistiam de trabalhos considerados mais humildes, uma horda de mexicanos entrava ilegalmente nos Estados Unidos pela longa fronteira de 2 mil quilômetros de extensão entre os dois países. Iam para construir prédios ou trabalhar na zona rural. Viajamos para San Diego, no sul da Califórnia, na costa do oceano Pacífico e, de lá, para Tijuana, no México, uma cidade de fronteira tão colorida quanto perigosa. Aparentemente uma espécie de Velho Oeste, com um mercado de botas de caubói artesanais bastante apreciado pelos americanos. Muitas pessoas vendiam comida na rua, inclusive crianças. O primeiro passo foi procurar a colaboração de um jornalista local e entender a situação.

Na rodoviária de Tijuana, eu me fiz passar por uma brasileira que queria atravessar a fronteira. Foi instintivo. Ali era o ponto principal dos “coiotes” – pessoas que, por dinheiro, levam mexicanos para o mundo rico. Do lado de fora da rodoviária, o cinegrafista Paulo Zero gravava de dentro de um carro, sem ser visto, as minhas entrevistas com os que se ofereciam para ajudar a atravessar a fronteira. Eu usava um microfone dentro da camisa. Os coiotes andavam de um lado para outro, ou ficavam parados, olhando as pessoas que chegavam, tentando identificar possíveis clientes. Nossa intenção não era a de expor ninguém, mas a de chegar aos verdadeiros traficantes de gente.

Foi tudo muito rápido. Conversei com vários coiotes que davam a segurança de “passar bem” para o outro lado. Marquei um encontro para aquela noite com um homem que prometeu me levar para os Estados Unidos por 350 dólares. A nossa câmera, posicionada longe da entrada da pequena rodoviária, tinha um zoom potente e uma lente infravermelha de última geração, que conseguia captar imagens verdes sensacionais na mais completa escuridão. As lentes eram uma novidade e estavam sendo usadas pelas TVs norte-americanas, na Guerra do Golfo, naquele mesmo período.

Como se fosse um passageiro à espera do seu ônibus, o jornalista

acompanhava os meus movimentos. Às oito da noite, cheguei à plataforma combinada, com uma mochila nas costas e um chiclete na boca para esconder um certo tremor nervoso nos lábios que eu tinha começado a perceber. Eu acreditava parecer uma clandestina, mas era só uma impressão. Pessoas passavam por mim e me olhavam, desconfiadas. Eu tentava narrar o que estava acontecendo, falando baixo e escondendo o movimento labial. Mascar o chiclete me ajudava a não tremer e a não trair a mim mesma. Andei pelas plataformas, para que o coioite me visse e fosse ao meu encontro. Até que dois homens e uma mulher me abordaram, dizendo que eu tinha que entrar num carro com eles e ir pra uma determinada casa. “É o fim”, pensei.

Entrar no carro foi uma decisão muito difícil, mas eu não podia recuar. Rezei para que o cinegrafista e o jornalista conseguissem me seguir e não se perdessem em algum sinal. Saí da rodoviária atrás dos mexicanos, devagar, para dar tempo à minha equipe de pegar o carro. Sentei no banco de trás, com a mulher, e os dois homens foram na frente. Ninguém dizia nada, e eles também pareciam nervosos.

O momento mais apavorante aconteceu quando o carro começou a sair do perímetro urbano. As luzes da cidade foram sendo deixadas para trás, até que tudo ficou escuro. Entendi que era uma armadilha e tive uma reação instantânea. “Preciso comprar um remédio, por favor, estou com muita dor de dente. Não posso atravessar a fronteira assim.”

O homem que dirigia o carro não quis procurar uma farmácia, mas a mulher o convenceu. Saímos da rodovia e entramos numa periferia à procura de uma aberta. Como no Brasil, no México há várias a cada esquina. Desci do carro mantendo o passo lento. A minha vontade era a de começar a correr pra qualquer lugar, de gritar por socorro, mas seria muito arriscado. Entrei na farmácia e comecei a procurar remédios, a olhar disfarçadamente para os lados, até que vi o jornalista e respirei aliviada. Ele também comprava alguma coisa, para não levantar suspeita. O Paulo Zero entrou por último, tentando uma comunicação com o olhar. Eu ia fazer um sinal, mas percebi a mulher atrás de mim. As minhas mãos suavam frio. Fiquei olhando as prateleiras tentando refletir. Comprei um remédio pra dor, voltei para o carro, e, dessa vez, me mantive do lado de fora. Pedi que abrissem a janela e me abaixei: “Não quero atravessar a fronteira. Sou jornalista, e a minha equipe está aqui, atrás de nós”. Houve espanto, sim, e alívio geral. Os três traficantes tinham certeza de que eu era da polícia.

Insisti para que nos levassem ao chefe deles, um homem de fala mansa,

aparência gentil e com um olhar frio como rocha. Na casa do coiole, mais de uma dezena de latinos esperava a hora certa para sair e atravessar os confins que separavam o terceiro mundo do primeiro. Cada um deles levava consigo uma bolsa, um problema familiar ou uma tragédia pessoal. Ouvimos as suas histórias de vida e esperamos, com eles, pela ordem que chegou na madrugada. “Vamos!”, ordenou um dos coioles. A caminhada não era longa, mas acidentada, com subidas íngremes e passagens sobre pedras. Chegamos a uma colina, onde um grande grupo também esperava. O sinal viria de cima, de outro monte: um lampejo de luz, que iria significar passagem livre. Quando o sinal foi emitido, acompanhei os clandestinos até o limite máximo onde eu poderia chegar, sem invadir ilegalmente o território norte-americano. Eu me despedi dos imigrantes e voltei para Tijuana, em busca de mais histórias. Dias depois, entrei nos Estados Unidos legalmente para conhecer as formas de combate à imigração ilegal da polícia de fronteira. E encontrei alguns imigrantes que eu tinha entrevistado no lado mexicano e que foram pegos por policiais, ou roubados por bandidos. Muitos mexicanos morreram e ainda morrem nessa travessia sob tiros ou atropelados nas rodovias de alta velocidade.

Essa rota de imigração ficou esquecida nos últimos anos pelo agravamento do conflito na Síria, que fez com que o fluxo para o Mediterrâneo se tornasse ainda mais catastrófico. Com a eleição de Donald Trump e sua decisão de construir um muro entre o México e os Estados Unidos, essa parte do mundo voltou a ser objeto da aflição de todos.

## MANDELA E TUTU ÁFRICA DO SUL, 1996

Em 1996, Ilze Scamparini viajou à África do Sul para fazer um *Globo Repórter* no país. Lá, entrevistou Nelson Mandela e Desmond Tutu.

Caminhei incrédula por aquela rua do gueto de Soweto, em Joanesburgo, na África do Sul. Era o ano de 1996 e não parecia verdade que eu podia andar livremente naquela cidade, vítima de segregação institucionalizada durante mais de cinquenta anos. Oficialmente, o *apartheid* tinha acabado dois anos antes. Era uma rua única no mundo, porque ali viveram dois prêmios Nobel da Paz. Dois homens que resistiram corajosamente ao regime do *apartheid* e que foram responsáveis por sua extinção, um deles, o anglicano Desmond Tutu, primeiro arcebispo negro da Cidade do Cabo, que ganhou o prestigioso prêmio de Estocolmo em 1984. A poucos passos da casa dele, com muros cinzas e plantas, numa outra esquina a cerca de cem metros de distância, vimos a casa do então presidente da África do Sul, Nelson Mandela, que recebeu o prêmio Nobel nove anos depois, em 1993. Por suas lutas contra o *apartheid*, Mandela passou 27 anos na prisão. Mas não foi ali que encontrei Nelson Mandela e o bispo Tutu.

Na província da Zululândia, um encontro político levou o presidente Mandela a um estádio de futebol, sob uma segurança impressionante. Ali era um antigo bantustão, território que o governo branco deu para os negros durante o regime racista, sem água ou solo fértil. Não era dia de jogo. Caminhões desenrolavam cercas de arame farpado, erguendo um muro para separar o público do palco onde Mandela iria falar. Tentamos nos aproximar. Nelson Mandela chegou de carro e, rodeado por muitos homens armados, deu uma volta a pé pelo estádio, ovacionado pela multidão. Quando ele passou na nossa frente, a editora Suzy Altman começou a gritar: “Brasil, Brasil”. Eu fui atrás dela: “Brasil, Brasil”. Levantei o microfone pra que ele visse que éramos jornalistas. Mandela então fez um sinal com a mão para que eu me aproximasse. Eu estava longe e corri com todas as minhas forças. O repórter cinematográfico Ronaldo Cordeiro veio atrás de mim. Posso dizer que levei vários safanões dos seguranças até alcançar Mandela. E ele tinha muito por fazer: diminuir o abismo social entre negros e brancos e unir os próprios negros. Ele elogiou muito o nosso futebol, que dois anos antes tinha sido campeão na Copa do Mundo dos Estados Unidos, e disse que a África tinha

muito o que aprender com o Brasil. Ele iria discutir a paz entre o seu partido, o Congresso Nacional Africano, e o partido do povo Zulu.

Com Desmond Tutu, e um coral de quatro mil vozes, o nosso encontro foi num estádio de críquete, na Cidade do Cabo. Depois de dez anos como arcebispo, ele se despedia da igreja. Missão cumprida. O bispo agradeceu a nossa presença na sua festa dizendo obrigado em português. Pedi para beijar a mão dele, e o bispo Tutu me abraçou e me deu um beijo.

## GOVERNOS ITALIANOS

### ROMA, 1999 – 2011

Correspondente em Roma e no Vaticano desde 1999, Ilze Scamparini acompanhou de perto a crise política italiana.

Perdi a conta de quantos governos italianos eu cobri. Quando cheguei a Roma para morar, em 1999, o primeiro-ministro era Massimo D'Alema, do Partido Democrático, porém ele caiu em seguida e foi substituído por Giuliano Amato. Depois veio Silvio Berlusconi, de 2001 a 2005. Certamente, Berlusconi conseguiu uma façanha: passar os quatro anos previstos no governo. Em 2006, Romano Prodi, também do PD, venceu as eleições. Prodi tinha sido presidente da Comissão Europeia e foi um dos responsáveis pela entrada da Itália na zona do euro, por isso hoje é odiado pelos partidos antieuropeístas. Numa entrevista exclusiva que nos deu no palácio Chigi, quando era primeiro-ministro, ele demonstrava muita confiança no sonho que gerou a União Europeia. O governo dele foi interrompido dois anos depois de formado, porque Prodi se tornou impopular, saneou as contas públicas, mas aumentou muito os impostos. Depois veio Berlusconi outra vez e ficou três anos no poder, de 2008 a 2011. Foi derrubado e substituído por Mario Monti. No dia em que Berlusconi subiu no Quirinal para entregar o cargo ao presidente da República, Silvio Napolitano, foi vaiado por uma multidão e levou uma chuva de moedinhas, só comparável à do líder socialista Bettino Craxi, em 1993, quando deixou o hotel San Raphael, em Roma, e entrou no carro. As moedas significavam a corrupção. Esse dia se tornou um símbolo na Itália e a imagem forte da Operação Mãos Limpas. Craxi foi condenado por corrupção e partiu para o exílio na Tunísia, onde morreu no ano 2000.

As moedas lançadas a Silvio Berlusconi também significavam a sua condenação popular. Estava desmoralizado não só pelas crises econômica e política, mas também pelos escândalos do Bunga Bunga. Para contar melhor o que era o Bunga Bunga, fomos à Sardenha entrevistar o fotógrafo que conseguiu fazer as primeiras fotos das garotas nuas na casa de Berlusconi, em Porto Rotondo. Depois, fomos à Apúlia, em 2009, encontrar a prostituta Patrizia D'Addario, que o denunciou. Ela forneceu muitos detalhes sobre as festas movidas a sexo que o então primeiro-ministro realizava no apartamento de Roma. E falou de relações promíscuas entre o premier e políticos que



facilitavam essa rede de prostituição.

Quando Mario Monti assumiu o governo, em 2011, os italianos começaram a esperar novas e providenciais mudanças. O governo técnico e emergencial de Monti achatou as aposentadorias de maneira tão brutal que sua ministra do Trabalho, Elsa Fornero, até chorou na TV. Durou dois anos, e Monti foi substituído por Gianni Letta, que ficou menos de um ano no cargo. Depois vieram Matteo Renzi e Paolo Gentiloni.

A Itália viveu uma crise só comparável a do pós-guerra. Por isso, nos empenhamos em fazer matérias econômicas aqui e na região mediterrânea.

## ALEMANHA NO SÉCULO XXI

### BERLIM, 2006

Desde que se tornou correspondente em Roma, Ilze Scamparini acompanha as principais mudanças políticas, econômicas e sociais na Europa. A Alemanha pré-Copa do Mundo de 2006 foi palco de suas reportagens, principalmente durante a visita do papa Bento XVI a Berlim, em agosto de 2005.

É provável que o país mais rico da União Europeia carregue muitas culpas, mas quem passou por ali em 2006, ano de Copa do Mundo, viu uma nação alegre e em expansão, apesar do grande índice de desemprego. A desocupação em Berlim chegava a quase 20%, mas a ajuda social continuou generosa. Um país que não abandonou os seus cidadãos. Acompanhei as filas de gente à procura de trabalho. O governo tomou medidas de emergência. Criou empregos de meio período, com salários reduzidos, e a economia deu sinais de recuperação. Todas as pessoas tinham direito a salário-desemprego, fossem alemãs ou estrangeiras. O grande Estado social, considerado um pai para o povo, ainda o protegia com assistência básica, educação e saúde. A terra protagonista de uma das maiores tragédias do século XX fazia grandes apostas naquela Copa do Mundo. A Alemanha queria divulgar sua tecnologia avançada, a alta qualidade de seus produtos e sua disciplina. Qual foi o país sede de um mundial que acabou a reforma dos estádios um ano antes da Copa? Só a Alemanha. O futebol alemão, por outro lado, não entusiasmava. E naquela Copa de 2006 a Itália foi campeã. Quem poderia imaginar que, oito anos depois, na Copa de 2014, o Brasil perderia da seleção alemã por sete humilhantes gols? E eu estava em Berlim, fazendo a reportagem desse jogo traumático e, logicamente, da festa deles. Conheci vários alemães que pareciam desconcertados com o excesso de gols. Mas em 2006, o que mais me chamava atenção eram as rápidas transformações da Alemanha. A reunificação, decidida em 1990, havia não só mudado a capital do país de Bonn para Berlim, mas unido a Berlim Ocidental à Oriental, duplicando o número de museus e teatros. A população da ex-Alemanha Ocidental não apreciava ter que financiar os parentes pobres do lado comunista, mas pagava os impostos para as reformas da antiga República Democrática Alemã, DDR.

Os palácios sombrios ganhavam cores vivas, e era no antigo território oriental que começava a surgir a melhor e mais moderna parte da Berlim

reunificada. A arquitetura vivia um grande fausto, com obras de grandes arquitetos internacionais, nem sempre harmônicas. O bairro de Mitte, na antiga Berlim comunista, tinha sido invadido por guindastes. Entretanto, um sentimento curioso se fazia sentir, que foi chamado de “Ostalgie”, a nostalgia do Leste. As lojas mais interessantes eram os brechós de objetos autênticos do tempo da DDR. Não pude resistir a uma réplica da Torre de Televisão do fim da década de 1960, produzida na época de sua inauguração. A estrutura é a mais alta da capital alemã e de toda a Europa, com 368 metros. A torre tem uma imagem docemente futurista ainda para os padrões de hoje e foi uma espécie de resposta dos comunistas para a riqueza do lado Ocidental. Um livro me acompanhava naquela viagem pelo país reunificado: *Berlim Alexanderplatz*, de Alfred Döblin, romance de 1929, de inspiração dadaísta, que narra as mudanças de uma metrópole que é a protagonista absoluta da história. E ali, na Alexanderplatz, olhando o relógio atômico, a torre de TV, os grupos enormes de população que passavam a cada minuto, eu construía uma montagem na minha cabeça e a comparava ao livro de Döblin, composto por diferentes fragmentos da Berlim operária do início do século XX.

Um passeio de carro com o cineasta Wolfgang Becker ajudou a ver ainda mais a cidade que se ampliava. *Adeus, Lênin!* (2003) era o filme que, naquela primavera, emocionava plateias no mundo inteiro. E Becker era o diretor e um dos roteiristas. Antes ele tinha sido motorista de táxi, então eu quis ver a cidade do ponto de vista dele. Foi divertido rodar com Becker e saber que a Alemanha não era mais o país tão preciso de antes, que estava vivendo mais da fama que criou do que de suas verdadeiras potencialidades. “Fala-se da qualidade dos produtos alemães, mas não é bem assim. Nem tudo aqui tem uma qualidade boa, mas muitos acreditam que sim, só porque é alemão, e essa é a nossa sorte.” Quando passamos pelo Portão de Brandemburgo, Becker me contou que estava no carro naquele dia 9 de novembro de 1989 e ouviu pelo rádio que o muro tinha sido aberto. Logo depois, os sinos em Berlim começaram a tocar. Ele foi para casa assistir ao noticiário das oito da noite. Ainda não se tinha certeza absoluta de que o muro havia caído de forma definitiva. Em seguida, às oito e meia da noite, Becker correu para o *Checkpoint Charlie*, posto de fronteira dentro da cidade. Tinha pouca gente por lá. Mas, às dez horas, uma multidão já se amontoara por ali e, às onze, o muro caiu e milhares foram do Leste para o Oeste. Seu filme, um dos maiores sucessos do cinema alemão, conta a história de uma comunista fervorosa que, naquela hora, está em coma num leito de hospital e acorda depois de oito

meses, sem saber que o mundo tinha mudado profundamente. É assustador pensar que onde ela fazia compras, no supermercado e nas lojas, tudo o que ela conhecia desapareceu das prateleiras. Nos restaurantes em que ela comia, também só pratos diferentes, nada mais do que ela gostava. No cinema que ela frequentava, outros filmes; nas livrarias, novos livros; nada com que ela estava habituada. A Ostalgie foi tão grande naquele período, que começaram a fabricar novamente os famosos pepinos em conserva da marca Spree, da Alemanha Oriental. E os bonequinhos dos sinais de trânsito, gordinhos e mais humanos do que os bonecos dos sinais ocidentais, ficaram como lembrança.

Na Alemanha vivem milhões de turcos. Na feira turca de Berlim, as azeitonas verdes recheadas de amêndoas eram uma das delícias trazidas por eles. Procurando entender o processo de integração, conhecemos imigrantes que viviam e trabalhavam regularmente em Berlim, como um ator de cinema turco que já era famoso também entre os alemães. Mas eram poucos os exemplos bem-sucedidos. A maioria dos turcos conquistou menos sucesso econômico e cultural na Alemanha do que os imigrantes sérvios, por exemplo. E um terço dos turcos vive na pobreza.

A vida presente, às vezes, cancela de tal maneira experiências passadas que parece que elas nunca existiram. Entrevistei um dos primeiros punks da história, na então Alemanha Ocidental, e fui à festa do seu casamento. Ele tinha se tornado um produtor musical de sucesso. A cerimônia teve direito a bolo de núpcias, um vídeo mostrava para os convidados as alianças dos noivos e o filho que já tinha nascido. Também na banda que tocava não havia nenhum traço do movimento agressivo que sacudiu a Europa quase trinta anos antes. Cantores românticos animavam o disputado clube berlinense, fechado para a festa. De sapatos brancos, com cabelos comportados, paletó e gravata, o ex-punk se esbaldou, ainda que de forma muito disciplinada.

## PRIPYAT, A CIDADE FANTASMA UCRÂNIA, 2001

Quinze anos depois do acidente nuclear em Chernobyl, Ilze Scamparini visitou a cidade fantasma de Pripyat para o *Fantástico*. A reportagem foi exibida em agosto de 2001.

Vinte anos antes, em 1986, numa outra Alemanha, que vendia usinas nucleares para o governo da ditadura no Brasil, chegamos para conhecer a tecnologia do átomo que havia sido exportada para nós, utilizada nas usinas do município carioca de Angra dos Reis. Na época, a Alemanha era a grande vendedora de usinas nucleares. Três meses antes, em abril de 1986, o acidente nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, tinha assustado o mundo, mas a Alemanha se mantinha segura de sua tecnologia.

Em 2011, 25 anos depois de Chernobyl, houve o desastre de Fukushima, no Japão. Só então a Alemanha desativou parte das suas centrais nucleares e, até o ano de 2022, deverá abolir para sempre a energia nuclear. É um dos países mais verdes da Europa, que vem se dedicando, há muitos anos, às pesquisas de fontes renováveis de energia.

Nessa viagem à Alemanha, gravei nos mercados para mostrar que a população não comia certos produtos que podiam ter sido contaminados pela ação do vento com a nuvem radioativa vinda de Kiev, capital da Ucrânia. Os cogumelos ficavam nas bancas das feiras, e ninguém comprava. As donas de casa tinham medo. Os protestos contra a energia atômica começavam a encher as ruas de Bonn. A ativista verde Petra Kelly foi a nossa referência para entender o que estava se passando no país e o que poderia acontecer na Europa. No entanto, poucos anos depois, tudo se calou. As usinas seguiram o seu curso, e Chernobyl se transformou num fantasma, blindado por uma caixa de chumbo.

A nossa visita ao território desolado de Chernobyl foi uma experiência devastadora. Era 2001, quinze anos tinham se passado, e as cenas da vida que existia no exato instante do acidente continuavam congeladas nas casas e nos apartamentos. Pratos sobre a mesa, brinquedos, roupas, cadernos abertos nas escolas, carros nas garagens. Casas que não poderão ser novamente habitadas, porque o veneno atômico estará presente por anos ou séculos, dependendo da onda radioativa. Visitamos uma aldeia, ao lado da usina, em que todos os

homens morreram, tentando conter o acidente. Só as mulheres sobreviveram. Elas tinham sido retiradas, mas voltaram para morrer ali. E como se cansaram de não ter o que comer, estavam cultivando e colhendo as verduras de um terreno ao lado da usina. A radioatividade é um mal invisível. Tínhamos pressa, não podíamos nos expor além do limite permitido. Uma dessas senhoras, que nos falou de um parente no Brasil, insistiu para que comêssemos com ela.

A necessidade de escapar dali nos salvou. Mudamos a faixa de segurança e chegamos mais perto, frente a frente com o sarcófago, o muro que protege a central nuclear que explodiu e impede que ela envie a radioatividade para fora. E pensar que as autoridades soviéticas só confirmaram o acidente três dias depois. O plano de evacuação funcionou, mas com três dias de atraso. Não se conhece o número oficial de mortos de câncer entre a Ucrânia e a Bielorrússia. Segundo o Greenpeace, milhões de pessoas padeceram.

## MANIFESTAÇÕES POPULARES GRÉCIA, 2010

Em maio de 2010, os correspondentes Ilze Scamparini e Maurizio Della Costanza foram enviados a Atenas para acompanhar manifestações populares que tomaram as ruas da capital. Em meio à crise econômica, a população protestava contra medidas tomadas pelo governo. Três pessoas morreram.

Tínhamos acompanhado toda a crise grega, em Atenas: as visitas da *troika* – grupo de instituições que emprestaram dinheiro à Grécia, formado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Central Europeu e a Comissão Europeia – e as manifestações populares contra a doutrina econômica da Alemanha, União Europeia e FMI, os credores da Grécia. Uma das cenas mais tristes foi ver uma das avenidas mais importantes de Atenas com todo o comércio fechado – as grandes lojas, concessionárias de carros importados e até as vendinhas de artesanato, que são passadas de pai pra filho. Andávamos quilômetros de carro nessa avenida, e todas as portas estavam fechadas simplesmente porque foram à falência. Nosso hotel ficava em frente ao parlamento grego, cenário de revoltas que incluíam *black blocs* e anarquistas, e sofremos tanto com o gás lacrimogêneo que começamos a ter problemas respiratórios. Em uma ocasião, o cinegrafista Maurizio Della Costanza veio até a varandinha do meu quarto para gravar as imagens da manifestação. Só que a porta da sacada, que era daquelas que só podia ser aberta pelo lado de dentro, fechou sem querer e ficamos presos. Permanecemos naquela varanda do segundo andar recebendo o gás lacrimogênio que vinha de baixo sem poder gritar por socorro, senão os anarquistas iriam nos ver e jogar mais bombas. A internet do celular não pegava. Foi um desespero silencioso que durou uns vinte minutos, e um alívio enorme quando achamos um cartão do hotel na bolsa, com o número do telefone. Liguei e expliquei para a recepção o que estava acontecendo, a pessoa não entendia, não sei se por causa do meu inglês ou do dela. Formulei a frase de várias maneiras até que ela compreendeu e mandou abrir a porta. Estávamos sem ar quando fomos resgatados.

A Grécia é um país pelo qual tenho muito carinho. Em 2001, passamos muito tempo lá para gravar um *Globo Repórter* sobre a dieta de Creta, que mostrava como era a saudável alimentação mediterrânea daquela região. Viajamos muito e convivemos com o povo das ilhas. Da casa do cineasta

Michael Cacoyannis, que dirigiu *Zorba, o grego*, (1964), com o Anthony Quinn, a vista para o Partenon foi umas das paisagens mais bonitas que já pude testemunhar. O euro ainda não circulava, a moeda era o dracma. Atenas parecia uma cidade sul-americana, muito confusa, mas nem por isso menos interessante. O sol vermelho, os terraços repletos de azeitonas nos vasos e a imagem monumental do Partenon nos levavam para outra época, direto para os livros de história. À noite, dançavam o *sirtaki* – dança popular de origem grega – nos terraços. E se a gente estivesse num terraço mais alto do que os outros, podíamos ver vários ao mesmo tempo, cada um com a sua música, onde as pessoas dançavam com os braços abertos. Meus amigos gregos me levaram a uma casa noturna, fora do circuito turístico, para entender como o povo dali gostava de se divertir. Conteí oito cantores naquela noite e, quando iam fazer a troca, um saía de trás do palco cantando a mesma música que o anterior apresentava. O público não ficava sem música nem por um segundo.

Ainda existia o quebra-pratos, antiga tradição grega, mas só com pratos feitos de gesso, para que não houvesse o perigo de cortes. O significado não é só de diversão, mas de demonstração de poder ou até de amizade. E os pratos não são quebrados um a um, mas em pilhas inteiras. As rosas de certa forma substituíram os pratos, e muita gente hoje joga rosas nos palcos ou nas mesas. Os gregos pareciam felizes. Quando voltei, anos depois, com o euro circulando e o país reformado pela União Europeia, a capital grega era já muito mais organizada. Infelizmente, e não só por culpa dos credores, o país empobreceu vertiginosamente. A crise financeira de 2008, que explodiu nos Estados Unidos, contaminou rapidamente a Europa, e a Grécia foi sua maior vítima.



## VATICANO, 1999 – 2016

Ilze Scamparini se tornou uma vaticanista experiente. Cobriu viagens internacionais de três papas, a morte do papa João Paulo II, dois conclaves, a renúncia de Bento XVI e a eleição do papa Francisco.

Os últimos seis anos do pontificado de João Paulo II foram de grande ternura, porque ele já era um homem idoso e doente. Mas durante os 27 anos do seu governo na Igreja, nem todos os seus atos foram bem recebidos pelo mundo laico e até por católicos. Para a Igreja latino-americana, foi o papa que combateu a Teologia da Libertação, através do seu homem de confiança, responsável pela Doutrina da Fé, o então cardeal Joseph Ratzinger, e essa decisão provocou uma grande mágoa, sanada com o tempo. O papa Bento XVI, na sua viagem ao Brasil, contou no voo papal como teve medo de que as ideias marxistas dominassem a Igreja. Há quem defenda que o vazio que a Teologia da Libertação deixou foi ocupado pelas igrejas pentecostais. E esse cálculo também foi feito por João Paulo II e, mais tarde, por Bento XVI. Com o papa polonês no trono de Pedro, trabalhava-se muito no Vaticano. Mesmo sofrendo com a doença de Parkinson, o papa ainda tinha forças pra viajar, para encontrar os jovens nas edições da Jornada Mundial da Juventude, evento que ele criou para renovar sua Igreja e acender uma nova chama.

Durante os anos que passei em Roma com ele no comando do catolicismo, nada foi mais estimulante do que o seu posicionamento, firme e imutável, contra o ataque dos Estados Unidos ao Iraque. Em 2004, um ano antes de sua morte, João Paulo II mobilizou toda a diplomacia vaticana. Mandou os seus melhores cardeais a todos os cantos em que pudesse frear aquela decisão tomada pelo presidente norte-americano George W. Bush e o primeiro-ministro inglês Tony Blair, sem o consentimento das Nações Unidas.

O papa recebeu todos os líderes envolvidos no iminente conflito em reuniões de adversários. Tentou dissuadi-los com todas as suas forças e argumentos, mas o apelo bélico foi mais forte, ainda que as supostas armas de destruição em massa de Saddam Hussein nunca tenham sido encontradas. João Paulo II promoveu vigílias, fez orações na praça, convocou os fiéis até para jejuns. Não se cansava de afirmar que nunca é tarde para negociar a paz. Assumiu posições claras também no pós-guerra, defendendo que fosse a ONU a reconstruir o Iraque. Foi a última ação de impacto do seu longo pontificado. O

papa polonês não conseguiu impedir a guerra. Mas formou a opinião pública e passou uma mensagem muito forte contra a violência das armas.



Ilze Scamparini recebe a bênção do papa João Paulo II, Vaticano, 1999.

## BENTO XVI

Voltando do Brasil no avião que trazia o papa Bento XVI a Roma, em maio de 2007, o seu secretário, padre Georg, chamou os quatro brasileiros que estavam a bordo para visitar o pontífice na primeira classe. O convite foi uma grata surpresa. Bento XVI estava contente com o resultado da sua visita a São Paulo e Aparecida. Sentei-me ao lado dele, apertei sua mão, e ele ficou segurando a minha fortemente, dizendo o quanto tinha gostado de estar no Brasil. A amabilidade é uma grande qualidade desse papa, hoje emérito. Cinco meses antes, em dezembro de 2006, na viagem de Bento XVI à Turquia, em meio a controvérsias, ele tinha mostrado também tanta amabilidade e humildade que conquistou o povo de Istambul. Dois dias antes de sua chegada a Ancara, ao gravar uma chamada na frente de uma mesquita, um carro em alta velocidade passou ao meu lado e, ao tentar desviar, caí e quebrei a perna direita, acima do tornozelo. Aquela cobertura papal transformou-se em um drama. Fui hospitalizada e, antes de voltar para o hotel, recebi uma bota ortopédica. Dali em diante eu não poderia tocar o chão e teria que me mover com uma cadeira de rodas. Foi muito difícil trabalhar assim numa cobertura delicada como aquela. Feito esse “nariz de cera”, que no jargão do jornalismo quer dizer uma introdução que meio que dá uma enrolada até falarmos do que realmente importa, vamos aos fatos.

A viagem do papa à Turquia era uma espécie de resgate de um comentário feito por ele três meses antes e considerado anti-islâmico. Numa universidade da Baviera, na Alemanha, ao falar sobre fé e razão, Bento XVI citou um diálogo em que Maomé era descrito com uma pessoa má e violenta porque difundia a fé através da espada. A citação provocou a indignação de grandes autoridades muçulmanas, gerando protestos em praças e ameaças terroristas à Roma e ao Vaticano. Líderes do mundo árabe também condenaram as palavras do papa. Num gesto sem precedentes, Bento XVI pediu desculpas, justificando que aquele era um texto medieval que não exprimia o seu pensamento. Em 2 mil anos de Igreja, nunca havia acontecido de um papa se desculpar na primeira pessoa. Nem todos aceitaram as desculpas. O Islã sunita do Cairo rompeu com Bento XVI há mais de dez anos.



Com o papa Bento XVI após visita ao Brasil, 2007.

## FRANCISCO

No dia 14 de agosto de 1884, um camponês de 27 anos registrou no cartório de Asti, comuna italiana da região do Piemonte, o nascimento do filho Giovanni Angelo. O camponês era Francisco Bergoglio, bisavô do papa Francisco, que, em 1929, partiu para a Argentina.

O papa imigrante não quer o passaporte italiano. Ele me disse isso no voo para o Rio de Janeiro, na sua primeira viagem internacional como Francisco, em julho de 2013, para a Jornada Mundial da Juventude. Sua eleição havia acontecido quatro meses antes. O papa Francisco conversou separadamente com cada um dos jornalistas a bordo do avião. Segurando a minha mão, falou sobre sua origem piemontesa.

A simpatia contagiante e o carisma do pontífice argentino conquistaram a todos no voo da ida. Na volta, a viagem ganharia uma dimensão mais séria e mais tensa.

## Voo RIO-ROMA, 2013

Muita gente me pergunta o que é o lobby gay. De acordo com as denúncias feitas nos últimos anos, até por quem teria sido vítima desta prática, o lobby gay pode ser explicado como a ação ou pressão cotidiana de uma espécie de clã de homossexuais, de alto e médio escalões, dentro dos muros sagrados, que usa o sexo em troca de favores e cargos, e que chantageia os que não se convertem a ele. O lobby gay é um poder desviado, iníquo, que corrompe, uma pedra enorme no caminho do papa e da Igreja.

Francisco fazia sua primeira viagem internacional, conhecia poucos dos jornalistas a bordo. Estava cansado, ansioso e um pouco nervoso. Nós estávamos igualmente cansados, nervosos e ansiosos, porque poucos iriam poder fazer perguntas. Quando o avião levantou voo, preparei três questões que gostaria de fazer ao papa, e a última era sobre o lobby gay, a mais forte e ousada. Só o pensamento de dirigir a ele aquela pergunta já me fazia suar as mãos. É importante contextualizar: naquele momento, o papa Francisco ainda era um papa formal, que não gostava de dar entrevistas, apesar de não usar o crucifixo de ouro, de ter renunciado ao Palácio Apostólico pra viver na simplicidade da Casa Santa Marta, de ter, enfim, dado indicações de querer mudar certos hábitos ou vícios dentro do Vaticano. Os vaticanistas viviam ainda com o padrão de formalidade impresso pelos papas anteriores e exigido pelo próprio protocolo. Dito isso, o jornalista da agência France-Presse (AFP) fez uma pergunta sobre o Banco do Vaticano. Foram poucas questões. Eu levantei a mão, mas o então porta-voz, padre Federico Lombardi, já estava encerrando a entrevista. Foi aí que o papa Francisco olhou pra mim e me chamou pra ir lá diante dele.

Eu pedi licença a ele pra fazer uma pergunta delicada. Ele abaixou a cabeça, dando o seu consentimento. E eu o questionei sobre o lobby gay, sobre como ele pretendia enfrentá-lo. O rosto do papa Francisco ficou muito sério e acho que muito surpreso também. Ele falou sobre os problemas dos lobbys em geral e mudou o discurso para os gays, quando disse a famosa frase: “Quem sou eu para julgar?”. Percebi que eu tinha sido honrada com uma grande resposta. O papa me agradeceu por ter feito aquela pergunta. Fiquei com vontade de agradecer a ele também por ter dado aquela resposta. Mas não o fiz. Já estava de bom tamanho. Voltei para o meu lugar no avião, e os meus amigos me abraçaram, foi uma correria grande, com os jornalistas trabalhando

pra mandar o material para as suas redações, o mais rápido possível. Em seguida, o padre Lombardi veio até a minha poltrona, apertou o meu braço e disse: “Ele gostou da pergunta”. Penso que muita gente tenha gostado da resposta, porque quando o avião papal aterrou em Ciampino, de manhã bem cedo, a repercussão nas rádios e TVs aqui já era grande.

“Foi uma grande intuição da Ilze ter feito aquela pergunta sobre o lobby gay no Vaticano. Ela teve também muita coragem. Se hoje é mais fácil questionar o papa sobre assuntos diversos, foi aquela pergunta que abriu o caminho.” – Maurizio Della Costanza



Ilze e papa Francisco no voo de volta do Rio de Janeiro para a Itália, 2013.

## NAVIO DE REFUGIADOS COSTA DA LÍBIA, 2016

Em 2016, Ilze Scamparini e o repórter cinematográfico Maurizio Della Costanza embarcaram em um navio da ONG SOS Mediterranée para acompanhar o resgate de refugiados do norte da África e Ásia, no mar Mediterrâneo. A reportagem foi exibida no *Fantástico* em outubro daquele ano.

Cheguei à Sicília pra pegar o navio que nos levaria à costa da Líbia sentindo-me fora de mim. O convite, feito dois dias antes do embarque, tinha partido da organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras, que também estava a bordo. Eu queria muito fazer aquela viagem desde o começo da minha vida como correspondente na Itália. Os imigrantes eram um tema muito sensível, pelo qual lutei por espaço e atenção ao longo dos anos. Mas ali, na iminência da viagem, eu estava tão agitada que não tive tempo de refletir profundamente sobre os riscos relacionados a aventuras perigosas. Preparei os remédios, as roupas com bloqueador solar e peguei o avião de Roma para Catânia, acompanhada do cinegrafista Maurizio Della Costanza. Sem dizer uma palavra, sentíamos, os dois, uma sensação de quase não retorno. Esse sentimento de fatalidade pode se tornar uma ameaça se nos deixarmos levar por ele. Tentei romantizar a aventura olhando o Etna, o belíssimo vulcão que conheci em condições e estações diferentes: com a neve, com o verde dos prados, com a lava incandescente. Lembrei-me de que, anos antes, numa das suas erupções, tínhamos subido até onde nos era possível para filmar à noite em uma reportagem para o *Fantástico*. Naquele dia, a lava chegou tão próximo que encostou nos nossos pés. Para mim, a beleza do Etna está em seu magma, que se move tão devagar que parece estar em câmera lenta e que nos permite escapar de possíveis acidentes. Olhei aquela cidade siciliana com uma espécie de nostalgia, sem saber se iria voltar. A *pasta alla Norma*, deliciosa receita catanesa com molho de tomate, berinjela frita e ricota, selou a minha despedida no jantar antes da partida.

No dia seguinte, às nove horas em ponto, chegamos ao porto. O navio *Aquarius* tinha acabado de atracar, trazendo imigrantes. A polícia nos impediu de subir enquanto o desembarque deles não fosse concluído.

Ligamos a câmera e esperamos a vinte metros de distância, na barreira imposta pelos policiais. Tentamos captar o estado de ânimo de alguns rostos.



Fazia um calor tremendo, e eu sentia a pressão baixar. Abri uma sombrinha para bloquear o sol forte e afastar a sensação de desmaio. Percebia uma insegurança no ar, um pressentimento de morte, a viagem seria dura – já sabíamos que o mar aparentemente calmo poderia ser apenas uma enganação. Dali a três dias, enfrentaríamos uma tempestade. Essa informação foi suficiente para multiplicar a angústia.

O primeiro refugiado retirado do navio estava morto. Era o cadáver de um homem enrolado num lençol branco. Enquanto o corpo descia, o silêncio nos envolveu. Fixei os olhos no cadáver durante aquela pequena marcha que o levou ao carro fúnebre junto ao cais. “Era essa a aventura?”, me perguntei. “Ver gente chegar sem vida, extenuada, esvaziada de qualquer esperança ou emoção?”

Eu via rostos fortes, sofridos e explorados até o desespero. Eles foram descendo a rampa com um lenço branco na cabeça ou cobrindo a testa. Os imigrantes mostravam os olhos arregalados de medo e susto.

Quatro ou cinco horas se passaram até que todos os refugiados saíssem do navio em fila indiana, devagar, o que fez aumentar o nosso cansaço mental. Estávamos exaustos antes mesmo do início da travessia, até que alguém nos buscou e nos fez subir a bordo. Instalada numa pequena cabine, conheci minha companheira de quarto, uma fotógrafa inglesa. Fiquei com a cama de cima do beliche estreito e sem proteção. Era um navio de resgate, privado de qualquer conforto, como era justo que fosse.

Repentinamente, me senti plena de energia. Considero esse um dos mistérios da profissão: a capacidade de se renovar em poucos instantes, de ser conduzida por uma curiosidade infinita. Como se o que importasse no mundo fosse apenas o que estivesse naquela embarcação e o mar, no horizonte.



Em um navio de refugiados, Costa da Líbia, 2016.

## EM ÁGUAS INTERNACIONAIS

Já era noite quando o *Aquarius* zarpou para a Líbia, em direção à agonia de homens, mulheres e crianças que enfrentam a viagem de Trípoli a Lampedusa, onde a vida é apenas uma promessa, e a morte a única certeza.

Os primeiros dias das 35 pessoas a bordo foram de treinamentos e de grande expectativa. O mar calmo foi ficando pra trás, substituído pelo vento e por ondas inquietas. Estranhamente, porém, o mar não me assustava mais. Porém não posso negar que quando vi o nome de Trípoli no meu celular, indicado pelo GPS, entrei em sobressalto. O *Aquarius* talvez estivesse em águas líbias, e os responsáveis pelo navio demonstravam uma preocupação concreta com duas notícias que chegaram pelo rádio: integrantes do Estado Islâmico (EI) tinham abandonado a cidade de Sirte e estariam fugindo pelo mar, disfarçados de imigrantes. A segunda, ainda mais assustadora, era que patrulhas líbias poderiam fazer uma fiscalização no navio, o que, na verdade, significaria invasão, porque há piratas infiltrados nas milícias e na guarda costeira. Os métodos deles não são diferentes daqueles dos terroristas do EI. Para enfrentar uma emergência como essa, fomos treinados de uma forma específica, que não pode ser revelada, e que nos fez entrar em pânico. Foi a única vez na minha vida que telefonei para a minha família dando instruções *post mortem*.

Depois daquelas comunicações, o *Aquarius* se colocou precisamente na linha divisória entre águas internacionais e a Líbia. Então começou a longa espera. Nenhum barco foi visto. Só o mar e o pôr do sol.

Quando veio o primeiro pedido de socorro, era noite e fazia muito frio. O salvamento tem que ser rápido, e com o motor desligado, porque a ação das hélices faz com que os botes furem. A saída dos refugiados das pequenas embarcações e a chegada ao navio, desidratados e tremendo, provocou horas de grande tensão. As ondas eram fortes, as pessoas choravam, gritavam e vomitavam. A alegria delas ao subir no navio, a salvo, nos dava uma emoção única, incomparável, mas, ao mesmo tempo, uma sensação de impotência diante desse drama da atualidade.

Passamos essa semana na costa da Líbia tentando conhecer a história daquelas pessoas, entrevistando, gravando imagens em todas as horas, ajudando se necessário. Com o passar dos dias, o medo desapareceu e o pensamento dominante foi dedicado àquelas centenas de pessoas, homens,

mulheres e crianças que, sobrevivendo ao mar Mediterrâneo, agora sim podiam contar com uma chance de viver. Quase ninguém supunha que, poucos anos depois, a Itália chegaria ao extremo de proibir os navios que salvam refugiados de atracar no país. E os imigrantes que não morrem antes de desembarcar, podem ser imediatamente presos.

“A experiência em Lampedusa foi forte. Foi emocionante gravar aquelas imagens e ver o sofrimento e o alívio dos refugiados. A história de um menino da Guiné-Bissau concentrava todos os dramas que eles vivem: perseguição, família destruída e tortura.” – Maurizio Della Costanza

## CORRESPONDENTE

Compreendi que ser correspondente, além de tudo o que já contei aqui, é viver em alerta permanente, não desligar o celular no cinema, ter internet no banheiro, passar a noite gerando imagens e ser feliz numa casa-escritório-biblioteca, porque é preciso ler muitos livros. É preciso deixar a mala pronta, ou quase pronta. Ser correspondente é vestir casaco pesado e ficar com dor nas costas, é engordar e emagrecer continuamente, é ser alfabetizado adulto em outro país. É pesquisar em tempo integral o presente, o passado e o futuro; é conhecer até as imagens de arquivo de outra nação. É pegar aviões demais, trens na medida certa, correr riscos, se expor ao gelo e ao calor extremo. É não conseguir ir a médicos ou à ginástica. É separar-se do ser amado e sofrer em cada separação como se fosse a última vez. Ser correspondente é, acima de tudo, ter a chance de viver uma segunda vida.



CACO BARCELLOS

CACO BARCELLOS É UM JORNALISTA ITINERANTE, cujo motor é uma boa história: “não me interessa contá-la primeiro, mas contá-la melhor”. Repórter e escritor premiado, se dedica ao jornalismo investigativo, de relevância social. Seu espírito andarilho, inspirado em um de seus heróis de infância, o caubói das histórias em quadrinhos Ken Parker, o levou a mergulhar fundo na arte de narrar todo tipo de história também fora do Brasil. Enviado especial a vários países, o apresentador e diretor do *Profissão Repórter* trabalhou no escritório da Globo em Nova York em 1992 e foi correspondente em Londres e Paris entre 2002 e 2005.

Tudo começou em Porto Alegre, onde nasceu Cláudio Barcelos de Barcellos, em 5 de março de 1950. Inquieto, o jovem que queria ser engenheiro levava o cachorro para passear nas ruas da cidade, à noite, onde se deixava aproximar de diferentes personagens. Ouvia loucuras e segredos e, em casa, os escrevia. Um dia, seu dom foi descoberto por um amigo, que o incentivou a alimentar sua veia literária. Trocou Matemática pelo Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde se formou em 1975. Pouco depois, viajou para os Estados Unidos. De lá, foi para a América Central cobrir a guerrilha, experiência relatada em seu primeiro livro, *Nicarágua, a revolução das crianças* (1982).

Nessa época, Caco contribuiu para o jornal alternativo *Versus*, passou pelas revistas *Isto É* e *Veja*, e escreveu para o *Jornal da Tarde*. Entrou na Globo em 1982, na equipe do *Globo Repórter*. Com exclusividade, foi ao Paraguai cobrir o sequestro do ex-vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, e acabou sob a mira de fuzis. Na Colômbia, em 1989, tornou-se refém da guerrilha quando investigava outro sequestro.

Em 1992, após lançar o livro *Rota 66*, foi enviado a Nova York ao receber ameaças de morte por suas denúncias contra policiais de São Paulo. A obra lhe rendeu seu primeiro prêmio Jabuti. Retornou ao Brasil a tempo de descobrir, em 1995, no Cemitério de Perus, em São Paulo, ossadas de desaparecidos políticos da ditadura militar. No mesmo ano, partiu para a Itália, onde realizou uma entrevista exclusiva com o mafioso Tommaso Buscetta. No retorno ao Brasil, revisitou a história do atentado a bomba no Riocentro, quinze anos após o ataque.

Em 2000, foi a Angola cobrir a guerra que matava milhares de crianças,



vítimas dos conflitos e da desnutrição. Levou um ano para se recuperar de tudo o que viu. Viajou também para o Oriente Médio, onde virou alvo dos tiros disparados pelo Exército de Israel durante a cobertura do Conflito Árabe-Israelense, em 2002. Cobriu o atentado terrorista em Madri, em 2004, e a morte do papa João Paulo II, em 2005.

Três anos depois, Caco colocou em prática um sonho: o *Profissão Repórter*, programa investigativo que mostra os bastidores da notícia, unindo um time de jornalistas iniciantes a profissionais experientes. Pelo *Profissão Repórter*, cobriu, dentre outros fatos, o resgate dos Mineiros no Chile, em 2010; a morte de Nelson Mandela, em 2013; o plebiscito pelo acordo de paz com as Farc, na Colômbia, em 2016. Caco Barcellos também recebeu o prêmio Jabuti na categoria não ficção pelo livro *Abusado*, de 2003, sobre a história de um traficante de drogas no Rio de Janeiro.



## VIDA DE CORRESPONDENTE

Virei correspondente, em 1978, por minha conta, em Nova York. Queria contar histórias fora do Brasil. Em 1979, cobri o acidente nuclear de Three Mile Island, na Pensilvânia, a reportagem que mais me impressionou. É um inimigo que você não vê, não sente, não cheira, vai matar milhões de pessoas de câncer ou alguma outra coisa do tipo. Fui para o epicentro. Lembro que, ao chegar à cidade, todo mundo estava saindo. As estradas apresentavam congestionamentos imensos, as pessoas levavam o que podiam. Havia uma ordem de retirada numa área de cinco quilômetros a partir do epicentro. E tinha uns doidos indo no sentido contrário: eu com meu carro, e uns latinos que corriam para a empresa de seguro que pagava indenização para quem estava contaminado.

Em 1992, a Globo me convidou para o escritório de Nova York. Eu estava sendo perseguido pelo lançamento do livro *Rota 66, a história da polícia que mata* e era mais prudente ficar longe das ameaças. Lá, conheci o cinegrafista Paulo Zero, e eu fazia com ele aquilo que faço no *Profissão Repórter*: saía para mostrar o retrato urbano de uma situação. Acompanhávamos também os resgates do '911' em Nova York, mostrando a noite de violência na cidade. Já tinha feito a mesma coisa, mas sozinho, quando escrevi o meu primeiro livro, *Revolução das crianças*, acompanhando a guerrilha na Nicarágua, como freelancer. Foi quando eu me apaixonei por TV.

## LONDRES, 2002

Eu me questioneei se devia ir para Londres, porque não gosto de ficar baseado em um único lugar, mas precisava de outras experiências, porque eu sempre trabalhava no Brasil com dois temas: injustiça social e violência, que envolvem histórias tristes, e você sofre.

Em Londres, muitas matérias eram feitas a partir de informações das agências de notícias, com pouca cobertura no local dos acontecimentos, o que me incomodava bastante. Se acontece em Londres, você faz a cobertura com a sua câmera, com o seu grupo; mas, se é longe, faz com as agências. Você tem apenas o trabalho de analisar o material enviado para a redação.

Nessa época, George W. Bush, ex-presidente dos Estados Unidos, estava louco para fazer uma guerra, invadir o Iraque, apesar de tudo indicar que não havia armas de destruição em massa no país. Lembro que minhas matérias mais frequentes eram sobre os preparativos para o ataque. Toda guerra norte-americana tem como aliados os britânicos, que são belicistas. Você tem certeza de que a guerra vai começar quando eles tiram um B-52 para jogar a primeira bomba. Isso desencadeia tudo.

Também observei, nessa fase da cobertura, que os britânicos protestam antes da guerra, mas, assim que é dado o primeiro tiro, todo mundo começa a apoiar o conflito. Eu fazia muito trabalho na rua, cobria os movimentos e pensava: “Caramba, essa guerra não vai acontecer! Mas, se por acaso ocorrer, pelo menos os britânicos não vão entrar”. Que nada! Quando é para valer, eles decidem a favor da guerra.

## PARIS, 2004

Fui sozinho para Paris, em 2004. No início, era difícil, porque eu também fazia as gravações das matérias. Como sabia que era proibido montar tripé na rua, gravava tudo rapidinho. Via o guarda lá longe, preparava o equipamento e fazia os *stand ups*, a “passagem” do repórter, às pressas. Quando o policial chegava e me perguntava se por acaso eu não sabia que aquilo era proibido, respondia: “Desculpa, não sabia...”. Às vezes, o guarda estava perto, e eu não podia esperá-lo ir embora. Aí, eu pegava uma lata de lixo, botava a câmera em cima, enquadrava, ajoelhava e gravava. Um dia, um brasileiro me viu ajoelhado na Champs-Élysées e não entendeu nada. O Paulo Pimentel, grande repórter cinematográfico e amigo generoso, me ensinou: “Caco, faz o foco, conta 1, 2, 3, dá sete passos para trás e manda ver”.

Trabalhei na cobertura da morte do Yasser Arafat, em novembro de 2004. A suspeita era de envenenamento. Fiz mais de sessenta matérias sozinho, mas eu tinha os meus contatos. Sempre me interessei em conversar com esse universo muçulmano. Eu falava mal francês e tinha um professor marroquino que me dava acesso à área muçulmana. Na cabeça deles, eles estão na Terceira Guerra Mundial. Foi nesse período que aconteceu o atentado em Madri, em março de 2004. O suspeito era um muçulmano. Eu tinha boas fontes e queria fazer matéria a partir do ponto de vista deles. Na França, já havia o clima de uma guerra em potencial, prestes a explodir.

No Paquistão, onde fui com o repórter cinematográfico Marco Antonio Gonçalves, sonhava falar com Osama Bin Laden e, em cada esquina, havia dez Osamas, porque todo mundo se parece com ele. O Paquistão e a Índia têm uma guerra histórica. Todo dia ela começa e termina. Um lado avança, o outro também, naqueles rituais militares de marchas clássicas. Os exércitos se encaram e logo em seguida recuam: “Não será hoje a guerra”, mas ambos os países vivem em conflito permanente. Isso preocupa o mundo, porque os dois lados possuem ogivas nucleares, e uma guerra pode destruir parte da humanidade. Tentamos chegar lá para fazer essa matéria, sem avisar ninguém. Foi uma aventura incrível. Passamos pelo Himalaia, fomos presos, chegaram a nos colocar em trincheiras. Queríamos chegar à fronteira entre os dois países, mas acho que o guia errou o caminho. Até esclarecer tudo, foi muito complicado. E a gente não falava a língua deles.

Na verdade, eu sou um correspondente de guerra no Brasil e em outros

países. Acompanho há quarenta anos a guerra nacional, não declarada, entre brasileiros, que mata mais de 50 mil pessoas por ano. O período de correspondente de que eu mais gostei não foi aquele em que fiquei fixo, no escritório no exterior. Foi antes e depois disso, quando eu fazia matérias internacionais de forma itinerante. Era só surgir uma grande história que eu ia atrás.

## SEQUESTRADO NO PARAGUAI, 1987

O vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez, foi sequestrado em São Paulo, em 1986, e libertado 41 dias depois, após o pagamento de 4 milhões de dólares. Atrás de pistas que levavam ao suposto cativeiro, o repórter Caco Barcellos caiu em uma emboscada perto da cidade de Hernandarias, no Paraguai. Uma reportagem especial, exibida no *Fantástico* no dia 18 de outubro de 1987, narrou em detalhes a aventura.

Sequestro era uma coisa rara e inusitada no Brasil. As redações paravam para acompanhar, mesmo com uma regra rigorosa de não exibir nenhuma notícia antes da libertação do refém, para não colocá-lo em risco. O desaparecimento de Beltran Martinez envolvia um resgate de valor muito alto, tratava-se de um executivo do maior banco privado do país, e a polícia tinha que apresentar um esclarecimento. Quem conduzia essa investigação eram agentes do Grupo Antissequestro (GAS), que tinham sido do antigo Dops, o Departamento de Ordem Política e Social, extinto em 1983, acostumados a solucionar crimes de natureza política. Era um grupo composto por torturadores, que já tinha esclarecido trinta sequestros no esquema de investigação pela brutalidade – normalmente, agiam no único momento em que o sequestrador estava vulnerável, a hora de buscar o dinheiro do resgate. Eles capturavam o criminoso, quebravam uma de suas pernas e o obrigavam a revelar o local do cativeiro. Aí, invadiam o lugar e posavam de heróis. Só que daquela vez não foi assim. Porque os sequestradores de Beltran Martinez não eram guerrilheiros que angariavam fundos para a luta armada. Eram criminosos com muita experiência nesse tipo de crime.

A Globo São Paulo tinha alguns repórteres que ficavam junto aos policiais, obtendo informações exclusivas. Eu sempre fui de ter fontes anônimas e informais, e a minha missão nessa cobertura era confirmar as informações que a polícia divulgava nas coletivas de imprensa. Eu saía a campo para traduzir em imagens o que a polícia estava contando. Mas, nessa história, essa maldita ou bendita decisão de sempre checar as coisas quase me levou à morte. E, para contar uma mentira, ainda por cima. Era tudo uma mentira.

## COMO TUDO COMEÇOU

A polícia apresentou o esclarecimento do caso, apontando um grupo de sequestradores do interior de São Paulo, cujo suposto chefe era um italiano, assassinado na cidade de Guarapuava, no Paraná.

Primeiro, fui à cidade de Marília e entrevistei um empresário que tinha uma oficina de aviões na cidade. Ele admitiu fazer contrabando, mas negou envolvimento no sequestro. Dizia que inimigos o incriminavam. Eu ouvi a história dele desconfiado, porque todo réu diz que é inocente. Depois, fui contar a história da morte desse suposto chefe do sequestro, ocorrida no Paraná. As pessoas da cidade e da família confirmavam a execução do italiano Michelle Caputto. Tudo parecia muito coerente.

Faltava apenas uma parte, o cativeiro. Com informações de colegas com contatos na polícia, fiz um mapinha que levaria à fazenda em Hernandarias, usada como cativeiro. Eu sou assim: se acho que dá, eu vou. É no local que a gente enriquece o trabalho e, sobretudo, checa versões oficiais. Se estavam dizendo que era ali que esconderam a vítima, eu queria ouvir o fazendeiro.

Com mais quatro colegas da TV Bauru, afiliada da Globo, cruzei a fronteira pela Ponte da Amizade, que tem grande movimento de contrabandistas. Tratei de fazer algumas gravações para simular que produzíamos uma matéria sobre muambeiros, para que a polícia logo esquecesse a nossa presença. Seguindo o roteiro, avançamos até uma estradinha de chão de terra batida e cercada por um matagal. Mantivemos a câmera ligada – isso é um princípio que eu sigo: a forma como você é recebido pelos outros é um conteúdo importante para qualquer reportagem. Se está gravando, e a pessoa diz para não filmar, você pede desculpas e passa por educado. Agora, com ela desligada, não dá para levantar e filmar mais.

Seguíamos na estradinha e, chegando perto da fazenda, vi um Fusca vindo lá longe. Ao se aproximar, notei uns canos para fora da janela. Eram armas. Caramba! Olhei para os lados e só tinha mato, não havia possibilidade de fuga. O carro parou bem no meio da estrada, e indivíduos armados desceram, mandando baixar a câmera. Uma parte deles estava fardada, outra, com roupa de civis, mas usavam coturnos. Parecia milícia. Do nosso lado e atrás surgiram mais carros. Saltamos, pedimos desculpa pela câmera, mas não adiantou, começaram a examinar nosso carro e pegaram todos os equipamentos – não só as fitas, mas tudo!

Nessas horas, eu costumo conversar com as pessoas mais hostis, mas me mandavam ficar calado. Quem iria decidir nosso destino era o chefe. Com esse chefe, eles conversavam o tempo todo por meio de *walkie-talkies*, decidindo se matavam ou não a gente. Eu dizia para eles que o ministro do Exército e o da Justiça sabiam que estávamos ali, o que não era verdade. Insisti muito para que nos liberassem. Na medida em que eu insistia, eles mandavam um dos colegas se ajoelhar na frente do carro, um por um, até que, no final, me puseram também de joelhos: “Você vai ser o primeiro a ser morto”, me disseram. Ali, me bateu a certeza de que tinha chegado ao fim. Como último ato de resistência, apoiei um dos joelhos no chão e deixei a outra perna dobrada, a noventa graus. Se eles fossem atirar, eu sairia correndo para cima deles, faria alguma coisa, não ia ficar morrendo ali, parado.

Mas, de repente, uma picape de luxo se aproximou. Havia homens fardados pendurados para o lado de fora. Dentro, um americano. Eles nos tiraram dali e nos levaram para um descampado ainda mais deserto. Nesse lugar, permanecemos sob a mira de armas durante umas três horas. Eu fiquei tão nervoso que apertava uma unha contra a outra e, no final, estava com os dedos sangrando. Já o nosso repórter cinematográfico ficou mudo, em estado de choque. Não conseguiu falar durante dias.



## UM QUARTEL NA FLORESTA

Lembro que, em algum momento, nos transferiram de novo, dessa vez para uma unidade do Exército na selva, a uma ou duas horas da fronteira, talvez. Conversei com o comandante, disse que estava fazendo uma reportagem sobre mortes violentas, produção na fronteira, contrabando. E insistia para que liberassem nossas fitas. Na verdade, o mais importante era a nossa liberdade, mas uma tática boa é nunca pedir aquilo que a gente mais quer, é bom pedir uma segunda coisa. Pedi as fitas. E eles nos liberaram, mas ficaram com todo o material.

No dia seguinte, a Globo conseguiu parte das fitas de volta, outras delas eu só veria dois anos depois. Foi num dia em que eu estava saindo do trabalho. Dois homens me aguardavam do lado de fora da emissora, dizendo que precisávamos conversar em outro lugar. Insisti para ficarmos ali mesmo. “Eu trouxe a prova de que você fez uma grande injustiça, você citou o nome do meu chefe como cabeça daquele sequestro, e foi ele quem salvou a sua vida”, disse um deles, abrindo o casaco e mostrando que estava armado. Fui com eles para um lugar afastado e foram muito diretos: “O chefe mandou de presente essas fitas e disse para você nunca mais falar o nome dele”. Peguei aquilo tremendo. Quando fui assistir, sabe qual era o conteúdo? Era a reportagem que eu tinha feito em Hernandarias. Aquela fazenda era de onde partia o contrabando para Marília. E o homem com quem os capangas falavam ao telefone era o empresário que eu entrevistara, que disse não ter nada a ver com o sequestro.

Depois, ficou provado que não tinha mesmo. E nem fomos nós que descobrimos isso. Foi um repórter da rádio Jovem Pan, Milton Parron, que investigou com o Ministério Público a versão contada pelo empresário e seu advogado. Ele descobriu que os supostos sequestradores presos eram sócios de agentes do Dops. Estavam sendo chantageados por um negócio entre eles que não deu certo, de contrabando de fitas VHS, e acabaram incriminados. De um lado, a polícia resolveria o problema da pressão do Bradesco, que tinha dado todos os recursos para esclarecer o caso, e, de outro, apresentava uma resposta para a imprensa. Ainda por cima, se vingariam dos inimigos.

O mais importante de tudo isso é que quase morremos por uma mentira que a polícia tinha inventado. A nossa função, como jornalistas, é buscar na rua os elementos da verdade. Os reais sequestradores de Beltran Martinez nunca

foram pegos. Já eu, um dia, cruzei com o tal empresário na cidade e agradei a ele por ter salvado minha vida.

## CATIVEIRO NA COLÔMBIA, 1989

Em abril de 1989, três engenheiros brasileiros que trabalhavam em um campo de prospecção de petróleo da Braspetro, subsidiária da Petrobras, foram sequestrados por guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional, na Colômbia. Caco Barcellos foi ao país duas vezes cobrir o caso. Na segunda, foi levado ao cativeiro, onde permaneceu incomunicável durante duas semanas.

A missão era ir sozinho para Bogotá, contratar um cinegrafista numa produtora local e cobrir o caso. Como o sequestro não foi solucionado, três semanas depois, voltei à região de Bucaramanga para obter mais informações para um *Globo Repórter*. No meio da apuração, a produtora começou a receber telefonemas estranhos, de pessoas que diziam ser do Exército de Libertação Nacional. Eles estavam interessados em me sequestrar. Isso me assustou muito, fiquei preocupado, porque meu plano de vida não era ficar num cativeiro no meio de uma floresta. Por sugestão dessa equipe local, passei a andar no meio de duas pessoas no carro da reportagem, para não ser reconhecido. Quando tinha que fazer uma gravação, saía e voltava rapidamente, não me expunha para não ser sequestrado antes de acabar o programa. Até que eu tive uma ideia. Na minha vida, conversei muito com guerrilheiros: assaltantes de banco, no Brasil, e membros da luta armada, na Nicarágua. Eles pegam as pessoas de surpresa, e elas, mesmo armadas, não conseguem se defender. Nessa cobertura, tentei usar o fator surpresa a meu favor e surpreender os guerrilheiros. Passei a procurá-los.

O meu chefe na época, Narciso Kalili, era um grande repórter e me apoiou. Falei que conseguiria reverter a situação, chegar aos guerrilheiros e convencê-los a não me sequestrar. Ele me deu um tempo, porque sabia que, na época, havia mais de trinta reféns no cativeiro. Pesquisei a história do movimento e vi que era um grupo que nunca havia matado nenhum refém. Seguindo a tradição, eu não seria morto.

Comecei a estratégia. A cidade de Bucaramanga era muito pequena. Com a ajuda da lista telefônica, fui atrás de todos os sindicatos de esquerda, simpatizantes da guerrilha, falei com estudantes, centros acadêmicos e médicos – porque guerrilheiros sempre têm médicos de confiança que prestam socorro. Mandava um recado: “Preciso falar com os guerrilheiros”. As

peessoas me perguntavam que mensagem era essa, e eu dizia que só revelaria minhas intenções pessoalmente. Um dia me telefonaram. Foi uma novela. Nas conversas, a pessoa afirmava que só sequestrou os brasileiros porque isso fazia parte da campanha internacional contra aqueles que exploravam o petróleo colombiano. Eu ouvia longos discursos pelo telefone e dizia que queria encontrá-lo pessoalmente para ouvir o lado deles, mas com uma condição: já que os achei primeiro, não valia me sequestrar. O meu grande medo era que ele fosse um paramilitar se passando por guerrilheiro, esperando pra me matar e incriminar a guerrilha. Não era.

## DESPISTANDO A POLÍCIA

Aquilo que eles chamam de gincana havia começado. Primeiro, me enviaram uma prova de que os brasileiros Cesar Paim de Oliveira, Augusto Carneiros e José Roberto Reis estavam vivos: uma carta com fotografias e uma fita cassete com a voz de um deles. Os guerrilheiros deixavam bilhetes e telefonavam, era assim que eu sabia quais seriam os meus próximos passos. Deram umas vinte orientações diferentes, queriam que eu saísse da Colômbia e depois voltasse sem deixar nenhuma marca da minha passagem. Era o início da reportagem.

Fui até o aeroporto de Bogotá de avião, deixei meus contatos, fiz check-in, fingi que ia para o Brasil, e depois voltei à cidade, onde comprei uma câmera para registrar o caminho. Também cortei o cabelo à la Mike Tyson, como pediram. Por último, peguei um ônibus até Bucaramanga, em uma viagem de dez horas. Só sei que cheguei à casa de alguém, que parecia uma pensãozinha, mas não tinha placa. Ficava em um descampado, e, por orientação deles, uma senhorinha me deu abrigo. Esperei uns dias até me perguntarem se o cinegrafista que iria comigo era de confiança. “Espero que seja, ele é freelancer, não sei da vida dele”, informei. Deram sinal verde para eu pegar um carro e ir para a produtora.

## VENDADO E SEQUESTRADO

Chegado o dia, em vez do colombiano que eu conhecia, apareceu outro cinegrafista supostamente da produtora que eu contratei, com todo o equipamento. Estava muito tenso. Em um carro dirigido por uma menina, fomos até o local combinado. Ele gravou imagens minhas enquanto esperava, até que passou um primeiro carro, mas não parou. Em seguida, um jipe, que tinha uma porta na traseira, encostou. Pessoas em trajes civis desceram, com o rosto coberto por lenços vermelhos e pretos, as cores sandinistas. Armados, mandaram que eu pusesse óculos de lentes pretas. Era um sequestro.

Fiquei indignado! Avisei que eu era um repórter atrás de uma fonte, e essa fonte eram eles. Mas os homens não deram a mínima para mim e vendaram meus olhos. Dentro do carro, pensei que seria melhor tomar iniciativa e gravar, para me impor como repórter e não como refém. Fiquei aliviadíssimo quando um dos homens disse: “Grava aí, já que o negócio da reportagem está começando”. Eu narrava tudo o que sabia: eu estava ali e, ao meu lado, havia uma mulher armada, guerrilheira. E só. O cinegrafista estava com medo e ficava abaixando a câmera, mas eu queria que ele mostrasse o caminho.

Nesse trajeto, uma pessoa gritava pelo *walkie-talkie*: “*Adelante, compita<sup>5</sup>!*”. Era o carro da frente, que servia de isca, com a intenção de averiguar se o caminho estava livre. Enquanto não ouvisse isso, o nosso motorista não avançava. Fomos assim até um ponto em que passamos a andar a pé, e, pela fresta dos óculos, vi um carro com guerrilheiros pendurados. Um alívio. Até então, ainda temia estar a caminho de uma emboscada dos paramilitares.

Caminhamos em fila indiana pela floresta e, depois, por um descampado. O grande problema nessa parte foi o cinegrafista. Naquele tempo, a câmera era pesada e tinha uma caixa de ferro ligada a ela por cabos que captava o som. Fui carregando aquele trambolho pesadíssimo, com as minhas mochilas. O cinegrafista não tinha muita resistência, era fumante, não aguentava as subidas e descidas.

## DUAS SEMANAS NO MEIO DA SELVA

O acampamento tinha muitas barracas e redes, e ficava no meio do mato. As pessoas se alimentavam de um grande fervido de cacau pela manhã e poucas porções de comida no fim do dia. Logo de cara, nos trouxeram os brasileiros, que vinham de outro acampamento e ficaram aliviados. Malandros, fizeram amizade com alguns guerrilheiros. Nos outros sequestros que cobri, sempre tentei chegar ao cativo, mas nunca consegui.

Com medo de virar refém, falei com o chefe, assim que se aproximou: “Que horas vai ser a entrevista?”. Ele reagiu bem e me explicou que, enquanto eu estivesse com eles, me passaria por sequestrado. Era uma medida de proteção, caso o Exército me pegasse, torturasse e interrogasse. Se não soubesse de nada, não corria o risco de entregar alguém. Ele ainda me informou que as agências internacionais estavam noticiando meu sequestro e que o nosso objetivo era o mesmo: queríamos a reportagem pronta, e que as fitas chegassem ao Brasil.

No cativo, só pude conversar com os brasileiros. O carioca Augusto Carneiro era muito engraçado. Contava piadas de português, mas substituía o português por um guerrilheiro. Nas caminhadas noturnas, para troca de acampamento, era exigido silêncio absoluto para não chamar a atenção das patrulhas militares. Mas Augusto, gordinho, ia em cima de uma mula, fazendo graça. Todos caíam na gargalhada. Um perigo para o disfarce.

O chefe dos guerrilheiros me disse ainda que os brasileiros estavam prestes a ser libertados. Isso ainda só não tinha acontecido por falta de diálogo por parte da Embaixada – o embaixador não queria entrar na área da guerrilha para buscá-los, e os sequestradores temiam que, sem uma autoridade, os reféns pudessem ser capturados por grupos paramilitares e assassinados. No final, estavam aceitando qualquer autoridade, e eu levei essa mensagem adiante.

## UMA CARROÇA, UMA ESPOSA E A LIBERDADE

Eu queria voltar o quanto antes porque tinha um *deadline* para a matéria do *Globo Repórter* ir ao ar. Além disso, Narciso Kalili tinha combinado comigo que, se eu não aparecesse até um determinado dia, era porque tinha dado tudo errado. Àquela altura, o repórter Domingos Meirelles estava na Colômbia cobrindo o meu desaparecimento.

A região de Barrancabermeja estava em conflito, e os guerrilheiros disseram na cara dura que o mais importante a partir dali eram as fitas. Eles iriam fazer cópias delas, pois, se eu fosse pego, preso ou perdesse o material, eles teriam outras garantidas para enviar ao Brasil. Nesse esquema, me arrumaram uma esposa falsa, a colombiana Badira. Combinei com ela um casamento, e inventamos toda uma história de que eu estaria visitando a família dela. Deixamos o cativo em uma mula. Depois, passamos para uma carroça e, em seguida, um carrinho muito velho. Nessa hora, pedi pressa para o cinegrafista, porque tinha risco de a patrulha nos descobrir. Ele continuava cansado, sentado, recuperando o fôlego. “Sobe, cara, rápido, para a gente ir embora logo”. O cara precisava ser ligeiro. Foi aí que ele me disse: “Pode ir embora. Boa sorte. Não posso ir com vocês. Eu sou daqui”. Ele era um guerrilheiro. Até hoje, tenho uma dívida com ele, porque ganhei um prêmio em dinheiro por essa matéria e espero, algum dia, poder lhe entregar a sua parte.

Fui para o aeroporto. Tinham providenciado uma passagem, e minha “esposa” me abandonou. O país havia parado para assistir a um jogo importante que o Nacional de Medellín iria disputar. Era uma ótima oportunidade para a fuga – os soldados estavam todos com os olhos grudados na TV. Na fila do check-in, reconheci alguns guerrilheiros, que foram até a porta do avião comigo me dar tchauzinho. Não despachei as fitas, as levei comigo.

Em Bogotá, fiquei com medo de o Exército me pegar, por isso, fui à Embaixada do Brasil. Liguei para o Narciso e para a minha mãe, coitada, que estava desesperada. De tanto que eu a enganei a vida toda, só a avisando sobre as coisas depois que estava tudo bem, ela passou a ser uma pessoa muito bem informada: ouvia duas, três rádios, sintonizava notícias de todo Brasil para saber para onde eu ia. Naturalmente, quando viu a notícia que eu estava desaparecido, passou mal.

No aeroporto, não aconteceu nada comigo. Fui interrogado rapidamente e



só. O incrível foi que, no dia que o *Globo Repórter* foi ao ar, libertaram os três engenheiros.



Caco com os brasileiros sequestrados pelo Exército de Libertação Nacional, Colômbia, 1989.

## ENTREVISTA COM TOMMASO BUSCETTA, 1995

No dia 16 de julho de 1995, o *Fantástico* exibiu entrevista exclusiva de Caco Barcellos com o ex-mafioso Tommaso Buscetta, em Roma. Graças às revelações dele, toda a direção da máfia siciliana e mais trezentos integrantes da organização foram condenados à prisão perpétua. Em 1986, o ex-mafioso foi extraditado para os Estados Unidos. Por sua colaboração contra as ações da máfia na América, obteve a nacionalidade, uma nova identidade e proteção do programa de testemunhas, estendido também para sua família.

A entrevista foi espetacular, uma das coisas que eu mais curti fazer na vida. Sempre trabalhei com os temas justiça social e violência, mas com um viés literário. Essa experiência me ajudou nesse trabalho. Eu trato o pior dos assassinos como se fosse o melhor presidente da República, sem diferença. São pessoas, brasileiros ou estrangeiros.

Eu via o Buscetta não só pela importância que ele tinha para o universo do crime, mas também como um personagem de literatura. Ele tinha uma vida única, e tentei convencê-lo a contar sua história em vez de falar sobre o poder que ele tinha na máfia. O poder fazia parte da trajetória de Buscetta, mas não era só isso.

Em julho de 1984, quando foi extraditado do Brasil, Buscetta apanhou muito. Não se recordava de ter apanhado tanto quanto nesse momento. No entanto, o que mais o marcou foi terem tentado jogar a esposa, brasileira, e ele de um avião. Ela só não caiu porque foi segurada pelos cabelos. Buscetta não cedeu ao medo, apesar de ter ficado pendurado por muito tempo. Ele disse que confessou muito, falou muito mesmo, repetindo apenas quatro palavras: “Eu sou Tommaso Buscetta”. Eu acredito nele.

## PRIMEIROS CONTATOS

Quem nos acompanhava o tempo inteiro era o representante de Buscetta no Brasil, o advogado Flávio Marx. Com a ajuda dele e a permissão de Buscetta, grampeamos as nossas ligações. Não acho correto você gravar sem que a pessoa saiba. As ligações eram bons bastidores, porque ele adiava, atrasava e remarcava a entrevista toda hora. Foi muita espera.

Buscetta estava sob a guarda de agentes norte-americanos. O combinado era fazermos dez perguntas, sem mostrar, jamais, o rosto dele. Qual foi a minha estratégia? Fiz uma pergunta, e só uma, no primeiro encontro. E continuaria assim com as demais, uma por dia. Buscetta estranhou, chegou a pedir para fazermos tudo de uma vez, mas consegui convencê-lo a continuar a entrevista no dia seguinte. Sendo que, ao final de cada pergunta, eu dizia: “Acabou. Para mim está ótimo por hoje”. Depois do quarto dia, Buscetta começou a gostar. Eu queria fazer uma reportagem, e não apenas uma entrevista. E, em dez dias, eu teria dez cenários, pelo menos. Eu queria mostrar a vida do homem mais perseguido do mundo, como ele fazia para sair de casa, qual era o seu caminho, como era a sua rotina. Buscetta só não topou a última locação, na Sicília, onde fica o coração dos inimigos. “Vão explodir o avião antes do pouso”, ele disse. Mas Buscetta nos guiou por Roma na direção de um carro conversível.

## ALVO CONSTANTE

Buscetta tomava todo cuidado do mundo. Sempre se posicionava de frente para a porta, nunca de lado ou de costas. Almoçava às quatro da tarde, no horário de pouco movimento, e em restaurantes já conhecidos. Preferia ficar ao volante durante as entrevistas. Eu brincava com ele: “Você tem noção de direção defensiva? Não quer que eu vá para o volante?”. E ele respondia: “Não, está pensando que eu sou o quê? Esqueceu que sou um eterno fugitivo?”.

Tentamos trabalhar com discrição. Fazíamos tudo muito rápido e sempre preocupados. A gente filmava e parava, nos deslocávamos sem gravar. O repórter cinematográfico Luiz Demétrio Furkim e Buscetta ficaram “amigos”, mantinham uma grande harmonia durante as gravações, o que ajudou muito. O repórter cinematográfico Sergio Gilz registrou as primeiras imagens da entrevista, mostrando a saga da equipe, os primeiros contatos.

Eu tinha poucas exigências: que Buscetta me dissesse, em cima da hora, o local de referência para o encontro; que o lugar fosse público e que eu nunca soubesse de onde ele veio. Caso eu fosse pego para interrogatórios, até sob tortura, não teria o que entregar. Se você avisa e combina tudo com antecedência, podem planejar um ataque. Aprendi com foragidos que o melhor esconderijo é a multidão, andar no meio dela. Mesmo se você encontrar o inimigo no caminho, ele não tem como planejar um ataque em dois minutos.

## MAFIOSO ATÉ A MORTE

Buscetta perdeu dezesseis membros da família, assassinados pela máfia. Ele tinha uma casa com fotografias de todos os parentes mortos. Contou a história de cada um, chorando muito. Ele se sentia culpado, achava que tinha provocado essas mortes, entretanto, suas declarações esclareceram muitos assassinatos. Quinhentos criminosos foram para a cadeia.

Ele falava da máfia no presente, porque, como costumava a dizer, “uma vez na máfia, você nunca mais sai dela”. Revelou que seu grupo ganhou notoriedade pelos procedimentos discretos, avesso às extravagâncias de explosão de bombas e rajadas de tiros. Matavam de maneira silenciosa, por estrangulamento. Embora não estivesse na ativa, se considerava mafioso até a morte. Buscetta morreu de câncer em 2000, aos 71 anos.

## ENTRE A REPORTAGEM E A ENTREVISTA

Acho esse caso interessante para mostrar como se transforma uma entrevista numa reportagem. Forçando muito, o ideal seria andar com Buscetta no dia a dia, acordar e dormir com ele, mas não consegui convencê-lo. Fazemos o *Profissão Repórter* assim, acordando e dormindo uma semana, dez dias, na locação. Isso é legal, porque transformamos em ação o que está sendo falado; mostramos, em vez de falar.

O valor estava no conteúdo da história, não no factual. Eu não vejo importância em ser o primeiro a contar. Prefiro contar melhor do que contar primeiro. Claro que a gente precisa ter um compromisso mínimo com o factual. As histórias não podem estar mortas, porque não serviriam de informação à sociedade. Mas Buscetta estava vivo, sendo ameaçado. Era um cara de importância histórica para o universo da criminalidade mafiosa. Talvez tenha sido o último depoimento dele antes de morrer.

## GUERRA CIVIL DE ANGOLA, 2000

A guerra civil em Angola começou em 1975 e durou até 2002. Foi uma luta pelo poder entre o Movimento Popular de Libertação de Angola (Mpla) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita). Em 2000, Caco Barcellos e o repórter cinematográfico Marco Antonio Gonçalves foram registrar a situação de guerra em que vivia o país. A reportagem *Angola, a agonia de um povo*, deu ao jornalista o Prêmio Líbero Badaró (2001). O Mpla conseguiu a vitória em 2002, com um custo de mais de 500 mil mortes.

Qual é o pior lugar do mundo para uma criança nascer? Para as Nações Unidas, era Angola. A guerra mata de fome, doenças e miséria. Segundo um levantamento da Unesco, era muito grande o número de crianças que morriam no país. Decidimos ir até lá. Eu tive a felicidade de ser aceito por uma entidade humanitária, Médicos Sem Fronteiras, que há muitos anos trabalha em defesa das vítimas da guerra. Eles tinham equipes de resgate nos pontos cruciais dos conflitos e aceitaram que fizéssemos uma visita a esses locais, apesar da resistência do Exército angolano. Então, chegamos ao front da guerra com a ajuda do Médicos Sem Fronteiras.

É sempre necessário tomar extremo cuidado na ação, na dinâmica, na logística do trabalho e, o mais importante de tudo, na exibição que você vai fazer da história que vai contar. A exibição tem consequências. Podia afetar a credibilidade do Médicos Sem Fronteiras, que nos convidaram, nos ofereceram proteção na zona de guerra. Conseguir esse privilégio de acompanhar o trabalho deles envolvia esse compromisso, muito delicado, porque eles têm regras que não são jornalísticas, mas que eles precisam obedecer rigorosamente para continuar sobrevivendo em zonas de conflitos.

## PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A chegada foi de altíssimo risco. Você tem que voar sem os procedimentos de descida e subida tradicionais. Se você segue o método normal, vai baixando, baixando, e a fuzilaria antiaérea perto do aeroporto derruba o avião. Na guerra, o ângulo de descida é menos horizontal, mais vertical. O voo é em parafuso. É preciso um avião especial para isso, geralmente de hélice e sem turbinas. É uma pressão danada que você sente na cabeça, no corpo. Vai descendo e torcendo para que ninguém dispare.

Ficamos hospedados em Cuito, na casa de um voluntário do Médicos Sem Fronteiras, o cirurgião Dr. Wei, para acompanhar o trabalho dele. Gosto muito de fazer esse tipo de reportagem, a gente chama de processo de imersão. Ele topou e achei maravilhoso. Tivemos a oportunidade de acordar e dormir na casa dele.



## O DRAMA DE VERÔNICA

Numa noite, os militares entraram na casa de uma família com a suspeita de que lá havia integrantes de algum dos lados da guerra. Chegaram atirando. Uma menina, Verônica, de apenas dois anos e meio, foi fuzilada pelas costas. Quando o pai saiu para socorrer a filha, não viu que a mãe também tinha sido baleada. Só descobriram quando o enfermeiro chegou à casa da família. Dessa visita, ele também saiu baleado. A ambulância voltou toda furada.

Nós estávamos dormindo na casa do Dr. Wei quando o telefone tocou. Assim que chegamos ao hospital, ele começou a pedir ajuda para fazer com que tudo funcionasse. Nesse caso, teve um agravante: o enfermeiro fundamental para ajudar naquela cirurgia era o que tinha morrido baleado. Então, o médico tinha que correr para um lado e para outro.

Embora Angola tenha muito dinheiro proveniente do petróleo, sofre de uma precariedade incrível. O país produzia 800 mil barris por dia e não tinha geradores no único hospital da cidade. O que me impressionou foi o abandono, e as pessoas trabalhando, salvando vidas. O médico se queixava que, sem bisturi elétrico, não tinha como fechar os pontos. Apesar disso, eles continuavam trabalhando da maneira que podiam. Se eu fosse cristão, chamaria aquele médico de santo. Ele era muito consciente do trabalho dele. Não admitia que o nosso acompanhamento pudesse interferir em nada, mas tinha grande consciência de que aquele trabalho precisava ser mostrado. A gente não sabe, mas, às vezes, pode atrapalhar, ainda que sem ter a menor intenção. Mas ele indicava: “Essa hora é importante”. E pedia ajuda quando precisava.

Eu consegui não desabar ali porque era necessário ajudar. Você esquece que é repórter, quase vira médico, enfermeiro, o que for necessário. Isso ajuda você a ter energia, porque tem uma criança que precisa viver, assim como outras ali. É um combustível importante. Para quem trabalha no limite como eu, em situações extremamente delicadas, esse é o combustível que te garante continuar, porque a tendência é você desabar junto, morrer junto.

Depois dessa matéria, fiquei com dificuldade para dormir, chorei intensamente por noites a fio. Convivi com uma tristeza profunda por um ano, sentia um desencanto geral. Eu tinha uma filha da idade daquela menina. Dá um desespero não conseguir ajudar, não ter salvado aquela vida. Fiquei muito mal por conta dessa criança. Foi uma situação muito cruel.

## A MORTE

Quando terminou a cirurgia da Verônica, percebemos que a morte era o eixo daquela reportagem. Fomos mostrando que, enquanto um morre aqui, tem outro morrendo lá.

Saímos do hospital e fomos até a casa de uma família que tinha perdido várias pessoas. Numa guerra de tantos anos, é uma história que se repete por meio de um fio condutor. Toda hora a gente via criança morrendo de subnutrição. Dez dias antes de falecer, a criança já está condenada. Os médicos dizem: “Aquele não tem mais jeito”. E eu perguntava: “Como assim não tem mais jeito? Ela ainda está sorrindo, olhou para mim querendo brincar, entre a vida e a morte, mas ainda com a energia da infância”. E os médicos explicavam: “Caco, não tem jeito. Não adianta alimentar, não vai fazer diferença”. As mães ficam desesperadas. O que a gente viu de criança morrendo só naquele pedacinho da guerra foi um horror.

## O PERIGO DAS MINAS

Quando as pessoas colocam uma mina, não imaginam que vai ficar ali para sempre e provavelmente alguém vai pisar nela anos depois. Isso é muito cruel. Fiquei muito impressionado. Você anda por aqueles lugares tentando não pisar em nada, a minha vontade era arrumar um jeito de sair flutuando.

As pessoas me contaram a respeito dos horrores causados pelas minas. Um cara me falou: “No último caso que aconteceu, a mina estava numa trilha segura, um território limpo”. Eles vasculham cada centímetro daquelas áreas, todo mundo fica de joelhos, em linha, avançando apenas um metro, no máximo dois, a cada dia. Eles usam uma agulhinha com a qual espetam a superfície para ver se encontram algum obstáculo. A agulha encosta na mina, e eles começam a cavar, vão atrás do agulhão, que toda mina tem, que é o que a faz explodir. Aos poucos, as áreas vão se tornando limpas. Ninguém sabe quando será a próxima vez. É horrível você saber disso, andar por ali e ver gente mutilada para todo lado.

Aprendi que a gente está nesta profissão porque há uma função social importante. Se não a cumprimos corretamente, teremos muitas dívidas. Gosto de ir atrás de histórias que parecem óbvias, mas que têm algo escondido, que nem todo mundo percebe. Precisamos explicar o que está acontecendo todos os dias, mostrar o que está perto da vida de todo mundo. Tenho que contar para que alguém acorde, ajude, e a tragédia não se repita. Isso nos alimenta, nos dá energia para continuar.

“Nessa cobertura, eu escapei da morte. Uma menina tinha tomado um tiro de fuzil e foi levada para o hospital. Uma ambulância foi até a casa dela para resgatar outros feridos. Falei com o Caco: ‘Vou ajudar a socorrer as pessoas’. Ele achou melhor eu registrar o caso da menina. A ambulância voltou metralhada. Três pessoas morreram.” – Marco Antonio Gonçalves



Marco Antonio Gonçalves e Caco Barcellos durante a reportagem “Angola: pior lugar do mundo para uma criança nascer”, Cuito, 2000.

## CONFLITOS NA CISJORDÂNIA, 2002

Em dezembro de 1987, uma rebelião popular contra a ocupação de territórios palestinos deflagrou manifestações violentas, que perduram até hoje, entre Palestina e Israel, conhecidas como Intifadas. Em abril de 2002, durante a produção de uma reportagem, o carro onde estavam Caco Barcellos, o repórter cinematográfico Sergio Gilz e Deborah Berlinck – correspondente d’*O Globo* – foi alvejado por soldados israelenses na saída da cidade de Nablus.

Em 2002, registramos uma ofensiva de Israel em represália a ataques palestinos. Israel sempre usa como justificativa uma resposta a um ataque que sofreram. E, em todo conflito, eu não abro mão, seja onde for, de ouvir os dois lados. O problema é que, nesse caso, um dos lados sempre recebe você extremamente bem para mostrar o ponto de vista dele, que é Israel, a nação poderosa do conflito.

Caso você seja o tipo de repórter que fica no hotel recebendo informação e conta a história a partir do que a assessoria de imprensa oficial manda, tudo ok. Israel fornece, inclusive, imagens do front, sem que você precise ir até lá. Eu fui onde um palestino se explodiu para atacar israelenses. Não precisava ter ido até o local, porque os israelenses ofereceram imagens das pessoas atingidas pela explosão – as vítimas israelenses, claro.

Se eu precisasse, como precisei, entrar num hospital para mostrar as vítimas do conflito, eles abririam as portas no momento que eu quisesse, para registrar as vítimas israelenses. Se eu pedisse acesso a um tanque, eles me dariam. O problema começa quando você quer mostrar a chamada zona fechada de guerra, bloqueada por Israel. E daí que Israel fechou? Eu sou repórter brasileiro e quero fazer uma reportagem mostrando os dois lados envolvidos no conflito.

Nessa cobertura, contamos com o trabalho de um produtor israelense. O ideal era que fosse alguém neutro, um brasileiro que desse valor à independência, porque meu compromisso não é com Israel, é com os brasileiros que vão assistir à matéria. Eu quis ir para o lado palestino, e o produtor não aceitou me acompanhar. Furei o cerco, assim como jornalistas da BBC. Não pedi autorização. Grudamos no carro vários adesivos que indicavam que éramos uma equipe de jornalistas de TV e partimos, mas não pudemos

dirigir até onde eu queria, tivemos que continuar a pé. E assim fomos, eu e o Gilz, com todo o cuidado do mundo.

## SOB AMEAÇA

O Exército israelense estava cercando a Igreja da Natividade, em Belém, na Cisjordânia, porque, durante um dos conflitos, palestinos se esconderam nela. Eu queria chegar a esse cerco, registrar o que estava acontecendo. Havia o toque de recolher, o que é muito preocupante, porque os soldados são orientados a atirar se houver qualquer movimento após o soar da sirene. Alguns moradores tentaram nos ajudar, indicando os lugares mais seguros.

Em determinado momento, mostramos na matéria um grupo de soldados, no fundo de uma viela, nos pedindo para parar. Eles nos apontavam metralhadoras, fuzis. Muitos jornalistas tinham morrido no conflito. Mostramos o caso de um francês que levou um tiro no peito e sobreviveu por causa do colete. Vendo aquela situação, eu levantei a cabeça, passei na frente do Gilz, que foi muito esperto e continuou filmando. Eu queria mostrar que a gente estava sob ameaça. Quando nos liberaram, o Gilz inverteu a câmera e a apontou para os soldados, gravando nossa saída. Se atirassem pelas costas, teríamos a imagem. Isso é coisa de cinegrafista talentoso e experiente.

## ALVOS EM NABLUS

Partimos, novamente, em direção ao conflito. Dessa vez, para Nablus. Conseguimos, com a ajuda do produtor israelense, passar pela primeira barreira. O problema é que os soldados perceberam que nós estávamos ali para mostrar os palestinos mortos. Chegamos a uma igreja que tinha sido transformada em hospital e descobrimos que Israel estava impedindo que os feridos fossem socorridos. As ambulâncias não podiam sair. Além disso, eu também pretendia mostrar uma cova clandestina. Os israelenses não gostaram disso. Quando estávamos saindo, abriram fogo. Era um aviso para que a gente não voltasse mais.

Eles atiraram mais para o chão e arrebentaram os pneus do carro. Vinha tiro de todo lado. Continuei dirigindo, e o Gilz, filmando. O que me salvou foi eu já ter sido taxista. O Gilz gritava: “Não corre. Você vai capotar esse carro!”. A jornalista Deborah Berlinck, d’*O Globo*, nos acompanhava.

Foi muita sorte, mas acredito que não atiraram realmente para matar. O carro não era blindado, era uma van em que o motorista sentava bem em cima de uma das rodas. Quando ouvi aqueles tiros, pensei: “Estou todo furado”. Mas não havia sangue. Não tinha nenhum arranhão, só estava com as pernas bambas de medo.



## ATRAVESSANDO AS BARREIRAS

Sempre enfrentamos muitas dificuldades para passar pelas barreiras. Os soldados te deixam esperando um século, sem a menor cerimônia. “Agora sim, agora não”, eles que decidem. E atravessar para o lado palestino, então, é sempre muito difícil, por ser uma zona fechada de guerra. Você tem que passar pelos *checkpoints* o tempo todo.

Fazia diferença dizer que era brasileiro, principalmente entre os palestinos. E mais ainda quando você ia para o lado deles, porque não é todo mundo que vai. Os assessores de imprensa israelenses também tratavam muito bem os brasileiros. Tínhamos espaço para trabalhar, para entrar nas áreas oficiais, Exército, hospitais, tudo muito eficiente.

## ATAQUES SUICIDAS

Presenciei um ataque de homem-bomba perto de uma feira em Jerusalém. Foi muito triste. Vimos de perto o desespero dos feridos e a revolta de quem podia se tornar a próxima vítima. Explosões despedaçam e espalham o corpo das pessoas. Era impressionante ver os religiosos juntando os pedaços, tentando montar tudo de novo. Pelos rituais da religião, isso é importante para o enterro da vítima, porque eles acreditam na ressurreição da carne. Eles se matam por causas. Para nós, brasileiros, isso é algo difícil de entender.

A gente foi com a câmera pequena do Gilz. Não gosto de fazer reportagem com tripé, e a câmera grande exige esse tipo de equipamento, que tira a mobilidade, burocratiza a imagem, que é mais parecida com uma fotografia, um cartão-postal. Eu gosto de câmeras menores, desde que tenham boa qualidade técnica. Elas são mais práticas, sobretudo para quem vai para o front. É um detalhe importante até quando você precisa se proteger, se jogar no chão. Câmera grande não é para front, é para estúdio.

“Estávamos voltando de Nablus quando começaram os tiros. Eu gravei quando fomos alvejados pelos israelenses. Parecia uma eternidade, mas, se durou dois minutos, foi muito. Eles atiraram de propósito, mas só para assustar a gente. Mesmo assim, podiam ter acertado um de nós.” – Sergio Gilz

## ACIDENTE COM MINEIROS, DESERTO DO ATACAMA, CHILE, 2010

No dia 5 de agosto de 2010, uma explosão bloqueou o acesso à mina de San José, no deserto do Atacama, no Chile, deixando 33 trabalhadores presos. O *Profissão Repórter* acompanhou o inédito e bem-sucedido resgate dos mineiros. O programa mostrou os detalhes da operação, a festa pela chegada dos trabalhadores à superfície, após 69 dias de confinamento, e os bastidores da cobertura.

O resgate começou no dia 12 de outubro, e o programa foi exibido no dia 19, uma semana depois. Era uma história impressionante. Imagine um grupo de pessoas a cerca de setecentos metros de profundidade, sabendo que estava isolado do mundo. Precisávamos ver isso. Mas o que nós pensamos em fazer, todo mundo pensou, na mesma hora. Tinha repórter de tudo quanto é canto por lá.

Costumamos trabalhar assim: chegamos com a imprensa em geral, que noticia e vai embora; a gente fica. Os repórteres Thiago Jock e Mariane Salerno fizeram a primeira viagem à mina no início de setembro. Um mês depois, Thiago retornou ao local, acompanhado pelo repórter cinematográfico Wellington Almeida. Eu só fui mais próximo à data do resgate. O Thiago fez o trabalho de imersão, ficou amigo, conquistou a confiança das pessoas que estavam no acampamento Esperança. Ele se aproximou, por exemplo, do engenheiro Oscar Piño, responsável pelo saneamento básico do local e apaixonado pelo Brasil. Com a ajuda dele, Thiago teve acesso a locais onde a entrada de jornalistas não era permitida. Ele e Wellington Almeida conseguiram acesso à mina de San José após o resgate.

O Thiago também acompanhou a festa organizada por parentes e amigos pela chegada do mineiro Pedro Cortez em casa. Nada mais natural. Você esteve com a família durante dias, acompanhando tudo. Depois, querem te oferecer um refrigerante no dia da festa.



Caco e Wellington Almeida retratam os bastidores do resgate dos mineiros no deserto do Atacama, Chile, 2010.

## DIRETO NA FONTE

O *Profissão Repórter*, como o nome do programa sugere, mostra a dinâmica da nossa profissão, como se faz reportagem. A gente acha que isso acrescenta conteúdo à matéria.

A tendência atual é termos jornalistas muito bem informados, atrás de computadores. A revolução digital trouxe a facilidade de acesso à informação de qualidade, mas com fontes que estão no universo da internet. Eu acho que isso levou a um certo declínio da reportagem de campo, do front, da checagem mais artesanal da cobertura. Por isso tive a ideia de fazer o programa. Atualmente, é muito raro encontrar um trabalho 100% de front.

Se você não faz uma apuração genuína e se dedica demais às redes sociais, pode repetir informações que já foram divulgadas. Então, o bastidor é para mostrar que a gente vai aos lugares, e intensamente. A média é de três meses, mas podemos passar quatro, seis, até um ano inteiro fazendo uma matéria. As pessoas pensam: “Caramba, como eles são ágeis, produziram um programa de quarenta minutos em uma semana”. Mas, na verdade, a gente está trabalhando há meses. No *Profissão Repórter*, é preciso mostrar um novo olhar, um ângulo bem particular, para as pessoas não perderem tempo assistindo ao que elas já sabem.

No caso dos mineiros, além da história espetacular, dava para mostrar o processo de uma matéria. A essência da reportagem estava a setecentos metros de profundidade, inacessível. Os mineiros eram o ouro. Como contar essa história?

Eram muitos componentes de uma boa reportagem concentrados em uma só cobertura. Tínhamos muitos bastidores, um conteúdo relevante, a situação precária de trabalho dos mineiros, o cenário do Atacama, a imprensa inteira trabalhando. E estava tudo ali, no mesmo ponto. Muitas vezes, você é obrigado a percorrer, sei lá, 3 mil quilômetros num barquinho, enquanto outra equipe cobre mais de mil quilômetros em outro. Por isso, na formação da equipe, é importante pensar nas diferenças. Temos que misturar talentos: “Aquele é bom no front, o outro em análise, esse terceiro na retaguarda”. Um complementa o outro.

A reportagem ideal é aquela que permite olhares cruzados sobre uma mesma história, de preferência que as câmeras se complementem o tempo todo, cada uma mostrando um ponto. O que eu mais gostei na minha parte foi quando eu

estava registrando o trabalho da imprensa e um repórter estrangeiro me filmou, ao vivo, fazendo o mesmo que eu.

## A ESPETACULARIZAÇÃO DA NOTÍCIA

Às vezes, o jornalismo se torna muito espetaculoso, interfere demais nos acontecimentos. A nossa única regra, seguida de forma absoluta e com rigor, é não alterar a cena. Claro que você pode fazer uma reportagem visualmente mais interessante mexendo um pouco no cenário, mas, se é para fazer isso, que seja em Hollywood. No Chile, participamos do circo montado pela imprensa, mas estávamos lá conscientes disso.

Essa história virou uma comoção nacional. Além dos personagens que estavam a setecentos metros de profundidade, conversamos com familiares e políticos locais. Vimos, pelas estradas, andarilhos rezando por um desfecho feliz. Virou uma história de cinema. Se a gente não se surpreende, como vamos causar essa mesma reação no telespectador? A reportagem precisa ter um fator de incerteza. Por isso, toda matéria exige uma investigação, deixando claro que, para mim, investigação não significa informação negativa sobre a vida dos outros. Investigação é um processo infinito para fazermos um recorte do fato.

## RESGATE E SOLIDARIEDADE

Essa cobertura foi uma grande aventura humanitária. A solidariedade era muito forte. As pessoas estavam envolvidas em torno de um objetivo: salvar aqueles homens quase condenados ao soterramento. Também houve um esforço tecnológico para descobrir como tornar o resgate possível e divulgar informações para evitar a repetição de acidentes semelhantes. Há muito heroísmo na história de quem fez o resgate.

Conseguimos, com duas equipes de TV – uma japonesa e outra inglesa – nos aproximar da saída do túnel por onde os mineiros foram retirados e mostrar a cápsula Fênix 2, fabricada especialmente para a operação de resgate. A minha reportagem acabou sendo uma exposição do ridículo do nosso papel, estávamos no mesmo circo. Teve uma hora em que eu emprestei o microfone para o japonês fazer a matéria dele. Estávamos no mesmo barco.

O acampamento tinha uma “prefeita”, a Maria. No dia seguinte ao resgate, ela estava recolhendo suas coisas, voltando ao anonimato. Maria tinha sido uma heroína nos dias anteriores. Naquela imagem da “prefeita”, acabava a fantasia da importância dela. Talvez a gente nunca mais a veja, uma pessoa que foi essencial naqueles momentos.

Eu comparo a nossa profissão a um personagem que me influenciou muito na vida, Ken Parker, dos quadrinhos de banguê-banguê. Ele ia a cavalo de um vilarejo para o outro. Quando chegava a uma cidadezinha, parava porque encontrava algum bico por ali ou porque estava sem dinheiro. Depois que cumpria a missão, ia embora. Eu acho que a nossa vida tem muito disso.





SÔNIA BRIDI

“EU NÃO CUBRO QUESTÕES DO CLIMA porque acho bonitinho, cubro porque é extremamente relevante.” Sônia Bridi mora em uma casa com energia solar, tem “pavor de plástico” e é apaixonada pela natureza. Para ela, que faz parte da segunda geração da família que não se dedicou à agricultura, ter consciência ambiental não é só salvar um animal, mas se preocupar com qualidade de vida e preservar nossa própria espécie. Apaixonada pela escrita desde criança, Sônia se tornou jornalista e uniu o útil ao agradável, ajudando a retirar as mudanças climáticas de um gueto jornalístico para torná-las “caldo de cultura, conhecimento geral”.

Nascida no interior de Santa Catarina, em 13 de novembro de 1963, em uma família de oito irmãos, a filha do pequeno empresário Edmundo Bridi e da comerciária Elvira Abati Bridi cursou Filosofia, na Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc), mas não se formou. Paralelamente, trabalhava como redatora na Rádio Barriga Verde, que, um ano depois, se tornaria uma emissora de televisão. Depois, contratada pela RBS, afiliada da Globo, Sônia tornou-se editora do *RBS Notícia* e ingressou na faculdade de Jornalismo.

Em 1989, fez sua primeira cobertura para o *Jornal Nacional*, sobre a exploração de crianças carvoeiras no interior de Santa Catarina. Já no Rio de Janeiro, em 1992 participou da cobertura da conferência Rio-92 onde, pela primeira vez, ouviu falar em efeito estufa. A partir dali, foram anos de estudo e dedicação ao tema. Ao lado do repórter cinematográfico Paulo Zero, esteve em todos os continentes da Terra, visitou extremos em séries de reportagens especiais para o *Fantástico*, como: “Terra, que tempo é esse?” (2010); “Planeta Terra: lotação esgotada” (2012); e “A jornada da vida” (2014, 2016 e 2017).

Também teve a oportunidade de participar de coberturas internacionais importantes nos anos em que foi correspondente da Globo. Em 1995, foi convidada para integrar o escritório de Londres. Meses depois, trocou a capital britânica por Nova York, onde conheceu seu parceiro de profissão e de vida Paulo Zero, com quem se casou. A dupla permaneceu nos Estados Unidos até 1999, quando retornou a São Paulo. Em 2005, fundaram o posto de correspondente em Pequim, de onde partiram para viagens pela Ásia. Em janeiro de 2007, foram transferidos para o escritório de Paris. Voltaram à China para cobrir os Jogos Olímpicos de 2008. No ano seguinte, retornaram

de vez ao Brasil, onde Sônia Bridi se tornou repórter especial do *Fantástico*.

Suas aventuras ao redor do mundo lhe renderam dois livros: *Laowai: histórias de uma reporter brasileira na China* (2008), e *Diário do clima: efeitos do aquecimento global*, lançado pela Globo Livros em 2012. A repórter foi vencedora de duas edições do Prêmio Comunique-se como Melhor Correspondente Brasileiro no Exterior (2007 e 2009) e duas como Melhor Repórter Brasileira de TV (2012 e 2014). Também ganhou o Prêmio Embratel de Responsabilidade Social, em 2002.



## OPERAÇÃO CHAVÍN DE HUÁNTAR

### PERU, 1997

Em 1997, Sônia Bridi e o repórter cinematográfico Paulo Zero foram enviados a Lima para cobrir o desfecho da Operação Chavín de Huántar. O Exército peruano retomara o controle da Embaixada japonesa, ocupada por guerrilheiros do Movimento Revolucionário Tupac Amaru (Mrta) havia 126 dias. A ação resultou na morte de catorze sequestradores e um refém. Semanas depois, a repórter conseguiu uma entrevista exclusiva com o então presidente peruano, Alberto Fujimori.

A Embaixada japonesa fora ocupada durante uma festa. Os guerrilheiros, vestidos como garçons, haviam conseguido entrar sem serem percebidos e tomaram o local de surpresa, exigindo a soltura de seus colegas presos pelo governo. Havia na festa mais de cem pessoas. Ao longo das semanas, soltavam um ou outro refém. Enquanto isso, o Fujimori, com o Exército peruano, articulou uma operação que eles chamaram de Chavín de Huántar. É uma referência a uma civilização pré-colombiana já extinta, que deixou no Peru ruínas de ocupações cheias de túneis.

O Exército peruano fez um túnel sob a embaixada para invadir o local pelo subsolo. Foi um assalto violento, em que todos os sequestradores foram mortos. Isso foi às cinco da tarde, horário de Nova York. O Paulo e eu corremos para o aeroporto, sem saber se ia ter passagem, sem levar nem mesmo uma muda de roupa. Pegamos um voo para Miami e, de lá, outro para Lima.

Nós já fomos fazendo matéria de dentro do avião, porque algumas pessoas que estavam no nosso voo eram parentes de sequestrados. Quando desembarcamos em Lima, eu entrei ao vivo, por telefone, no *Bom Dia Brasil*. Para o *Jornal Hoje*, a gente conseguiu enviar a reportagem. Nesse dia, o Paulo fez uma imagem muito boa, de cima de um terraço, dos corpos sendo retirados em helicópteros da embaixada, uma imagem que nenhuma agência ou concorrente tinha. Entrou no *Jornal Nacional*.

Nesse período, nós também fizemos uma reportagem sobre o local, na periferia, onde os guerrilheiros foram enterrados. Fiquei extremamente impressionada com aquele cemitério. A costa do Peru é desértica e há sempre uma névoa seca pairando sobre a cidade de Lima. O sol é uma bola pálida no

céu. Também não chove muito. Então, o cemitério fica entre as montanhas peladas e íngremes, e a periferia pobre e triste. Junto conosco estava uma senhora que tinha reconhecido a filha como uma das guerrilheiras e tentava recuperar o corpo dela. Uma história típica do drama latino-americano. A filha havia sido sequestrada aos doze anos pelos guerrilheiros do Tupac Amaru. E eu me lembro da mulher dizendo: “Passei anos e anos andando pelas montanhas e perguntando se alguém tinha visto minha loirinha por aqui”. E sempre diziam que uma loira tinha morrido ali por perto, mas ela não acreditava que poderia ser sua menina. Até que um dia ela reconheceu, pela televisão, a filha perdida. Era uma das guerrilheiras, flagrada pela câmera espiando pela janela da embaixada. Oito anos haviam se passado, mas ela não teve dúvida. Foi para Lima e se plantou em frente à embaixada, mas nunca voltou a ver a filha viva. Nem morta. O enterro dos guerrilheiros foi realizado à noite, às escondidas. A tristeza daquela mãe, cuja história se mistura com a desgraça do país, me impressionou profundamente. Dois anos depois, voltei àquele cemitério para fazer uma reportagem sobre o Dia dos Mortos. Havia festa, bonecos dos Teletubbies, muitas bandas de música e comida farta. As famílias dançavam e cantavam. Mas numa daquelas sepulturas mais recentes, um homem sozinho apoiava a cabeça nas mãos, desolado. Fui até ele, que me contou que a filha de cinco anos estava enterrada ali. Tinha morrido havia três meses. Ele não sabia que doença levou a criança: teve febre e se foi. Ficamos ali sentados, em silêncio, até que uma banda se aproximou e começou a tocar na frente do túmulo. Tirei um dinheirinho local do bolso e dei a ele. O pai se virou para mim: “¿Bailamos?”. Assim encerrei a matéria, dançando com o pai sem filha, a dança mais triste que alguém pode dançar.

## ENTREVISTA COM FUJIMORI

A figura do Fujimori era polêmica. E resolvi pedir uma entrevista com ele no palácio. Bati na porta e pedi, simples assim. A resposta foi positiva, ele falaria com a Globo dali a um tempo, mas não me deram nenhuma garantia. Peguei o avião e fui embora para Nova York. Uma semana depois, me ligou um assessor: “O presidente vai falar, venham”. Ele nos recebeu às onze horas da noite no palácio. A entrevista foi hilária, ele mostrava a meia furada: “Não tenho mulher para me costurar as meias”. Fujimori fazia o tipo populista. De qualquer forma, perguntei sobre todas aquelas operações, gente desaparecida, as denúncias de corrupção envolvendo o Vladimiro Montesinos, seu braço direito, tudo o que viria a estourar depois, crimes pelos quais ele foi condenado e preso. Terminada a entrevista, eu disse que gostaria de acompanhar a rotina dele por um dia. Fujimori aceitou. Nós o acompanhamos em seu carro. Era perto do Dia das Mães, a gente visitou algumas escolas. Apesar de ele ser de origem japonesa, a população o chamava de *Chino*. A matéria foi ótima, porque tínhamos um perfil detalhado dessa figura polêmica e uma entrevista exclusiva.

## PEQUIM, 2004 – 2005

Em 2004, Sônia Bridi e Paulo Zero se tornaram correspondentes da Globo na China. Além do desafio de montar uma base no país asiático, o casal precisou aprender a lidar com a cultura e a política locais. Na comemoração dos quarenta anos da Globo, a repórter sustentou uma transmissão ao vivo, direto do Templo do Céu, um complexo de templos taoístas, em Pequim.

Em 2004, eu estava morando em São Paulo. Sempre acompanhei os grandes jornais internacionais e notava uma cobertura cada vez mais intensa sobre o que estava acontecendo na China: mudanças na estrutura de comércio e crescimento na produção de bens industrializados. Centenas de milhares de chineses saíam da miséria todos os anos.

Então decidi sugerir para o Carlos Henrique Schroder, diretor de Jornalismo na época, uma viagem à China para fazer uma série para o *Jornal Nacional* sobre esse cenário. Em vez disso, ele nos mandou para acompanhar uma visita do então presidente Lula ao país e aproveitar para gravar um *Globo Repórter*.

O Paulo visitaria a China pela terceira vez: ele esteve lá em 1989, durante o massacre da Praça da Paz Celestial, e, em 1995, na visita do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Em cada uma dessas ocasiões, encontrou um país diferente. Em 2004, a China estava mais uma vez irreconhecível. Fizemos esse *Globo Repórter* que teve uma repercussão muito grande. Quando estávamos editando, encontrei o Schroder e comentei que, na China, a gente tropeçava em matéria a cada esquina, era fascinante, um desafio maravilhoso. Passados alguns dias, abro o meu e-mail, e ele me diz que o projeto de ter correspondente na China havia sido aprovado e que nos convidava para o posto. Conversei com o Paulo e foi a melhor decisão que nós tomamos na nossa vida profissional. Nada foi tão desafiador. Morar em Pequim foi fascinante.



## HÁBITOS E COSTUMES

Assim que chegamos ao apart-hotel no primeiro dia, procuramos os funcionários que falavam inglês. Queríamos fazer compras e sabíamos que tinha um supermercado Carrefour em Pequim. Na recepção, falei o nome, e ninguém entendeu. Disse que era uma rede francesa, falei de novo, nada. Fiz o desenho da logo, e o funcionário finalmente compreendeu: “Ahhhh! *Tchalefu*”. Era como eles pronunciavam e então esse acabou se transformando no nome oficial. O McDonald’s era *Maidanlou*. Starbucks, *Shibucán*. Fui aprendendo os nomes.

Para sair na rua, andávamos com o cartão do nosso hotel em mãos, escrito em chinês. Fui me adaptando. Eu não gostava de estar com um tradutor colado em mim o tempo todo, às vezes queríamos fazer um almoço em família ou ter alguma privacidade, mas chegávamos ao restaurante, olhávamos o cardápio e era tudo em chinês. Eu tentava me comunicar, às vezes dava certo. Entretanto, houve um dia que fazia muito frio, estava 15°C abaixo de zero. Entramos em um local mal aquecido, porque lá, para economizar energia, eles aquecem tudo a 14°C, o que ainda é frio. Vi um homem tomando uma sopinha de macarrão, pensei que fosse um tipo de lámen japonês. Mas, quando chegou, estava gelado. Que frustração!

Quando aprendi como fazer os pedidos, desfrutei da comida chinesa, que é deliciosa, saudável, muito mais sofisticada do que eu pensava. Eles gostam muito de variar os alimentos, comem muitos vegetais. Apesar da poluição, tivemos mais saúde na China do que na França. Meu filho Pedrinho, por exemplo, teve, na França, um resfriado só: começou no dia que chegou e acabou no dia em que saiu. Na China, mesmo com a poluição, eu não ficava resfriada. Eu acho que a alimentação protegia.

Logo no início, contratamos uma tradutora. Foi difícil conseguir alguém que falasse português e chinês. Nossa intérprete falava inglês. E foi maravilhoso, ela era criativa, resolvia problemas, foi o meu braço direito, a Hu Hua. O nome ocidental dela era Sheryl, e enfrentou com a gente momentos difíceis, como um dia em que eu estava levando meu filho a um parquinho fechado, com aquecimento. Era inverno. Íamos sempre ali para ele subir e descer nos brinquedos. Como eu tinha carteira de motorista chinesa, fazia o trajeto sozinha. De repente, um táxi bateu de propósito em mim, sabia que eu era estrangeira – as placas têm cor diferente. O tipo de situação clássica em que o

estrangeiro é atacado. Ele saiu do carro dizendo que fui eu a responsável e que queria dinheiro. Eu virei para o Pedrinho, que estava no banco de trás, e disse: “Está tudo bem, fique tranquilo”. Desci, concordei com o homem, mas liguei para a Sheryl. Queria que ela chamasse a polícia. Enquanto isso, um dinamarquês que estava sendo transportado pelo táxi percebeu que tinha algo errado e ficou ao meu lado o tempo todo até a chegada dos policiais.

Respirei aliviada, me senti protegida. Porque as autoridades chinesas entendem essas situações. Tudo foi resolvido. Mas eu morria de medo, porque qualquer coisinha que aconteça envolvendo um estrangeiro e um chinês, o estrangeiro pode ser linchado no meio da rua, de verdade. O meu cabeleireiro teve o braço quebrado em uma situação dessas. Fora isso, as pessoas são extremamente afáveis, nos recebem em suas casas muito bem, oferecem tudo de melhor que têm.

## TRANSMISSÃO DO TEMPLO DO CÉU

Em questão de trabalho, não havia estrutura alguma, tivemos que montar do zero. E foi difícil lidar com a burocracia e a censura. A importação do equipamento foi um drama, queriam extorquir dinheiro da gente em troca de aprovação. A censura na China com a imprensa estrangeira não era escrachada, não havia um censor para assistir às nossas matérias e censurá-las. O governo apenas não permitia que tivéssemos acesso às fontes. Como trabalhar? Além disso, quando queríamos mandar material pela internet, eles baixavam a velocidade de transmissão para que pudessem rastrear o conteúdo. Era duro. Nesses 24 meses em que ficamos lá, fizemos duas edições do *Globo Repórter* e uma média de duzentas matérias por ano, realizando produção, reportagem, edição e transmissão. Trabalhávamos loucamente.

Logo no começo da estadia, quando a Globo comemorou quarenta anos, em 2005, fizemos uma transmissão ao vivo de um lugar aberto, o Templo do Céu. Foi um marco nesse processo de abertura chinesa que culminou nas Olimpíadas de Pequim, em 2008. Para eles, era absurda a ideia de uma transmissão ao vivo em um lugar não controlado, onde podia passar alguém atrás realizando um protesto, por exemplo. Na noite anterior, consegui a autorização. Foi muito tenso, porque eles criavam todas as dificuldades para não conseguirmos: o preço era mais alto, o horário permitido esdrúxulo. Na véspera, a CCTV, a televisão oficial, desistiu de nos fornecer a estrutura para a transmissão de satélite. Como não recebeu um documento oficial do governo aprovando a transmissão, ficou com medo. Consegui o caminhão da companhia telefônica. Foi um estresse terrível.

A transmissão seria na noite de domingo no Brasil – manhã de segunda em Pequim. Eu não consegui dormir de tanta raiva que senti. Os administradores do Templo do Céu cobraram uma fortuna para permitir a locação e não queriam dar o recibo oficial! Criaram uma taxa que não existia. Começou com algo perto de 10 mil euros e, negociando, baixou para oitocentos dólares, em dinheiro vivo. Saí descabelada à noite passando em vários caixas eletrônicos para conseguir o valor. De manhã, quando entregaram o recibo, era um papel pequenininho oficial, e outro escrito à mão. Eu que lidasse com o prejuízo. Mas a transmissão foi legal, um marco. Mostrei o templo, brincamos com a diferença de fuso de onze horas.

Depois desse dia, viramos celebridades entre os correspondentes das outras

TVs na China. Foi a primeira vez que uma transmissão ao vivo foi feita de um lugar público. Para eles, serviu de teste para o que viria nas Olimpíadas.

“A negociação com os gerentes do Templo não foi fácil. Quando chegou o caminhão de transmissão, o técnico me deu dois cabos, mas não encontrava a entrada de vídeo. Era um caminhão da companhia telefônica! Fucei e achei a entrada certa minutos antes do horário do vivo.” – Paulo Zero

## QUEDA DO AVIÃO DA AIR FRANCE PARIS, 2009

Na noite de 31 de maio de 2009, um Airbus da Air France, que saíra do Rio de Janeiro com destino a Paris, desapareceu em pleno oceano Atlântico. Os correspondentes em Paris, Sônia Bridi e Paulo Zero, cobriram a repercussão do acidente na França e as investigações da Air France e do BEA (*Bureau d'Enquêtes et d'Analyses* – Escritório de Pesquisas e Análises), órgão responsável pela segurança da aviação civil francesa.

Quando saí da China, em 2006, eu estava com saudades do Brasil e queria voltar, pois Pequim foi um processo intenso para minha família. Mas a Globo estava precisando de um correspondente um pouco mais experiente na Europa, em um momento em que Marcos Uchoa e João Pedro Paes Leme estavam voltando para o Brasil. Pediram que eu ficasse em Paris: moramos lá por três anos, trabalhando intensamente. A queda do avião da Air France ocorreu no final do meu período como correspondente na cidade. Eu estava literalmente de malas prontas.

O dia 31 de maio de 2009 caiu em uma segunda-feira. Na sexta-feira anterior, foi ao ar um *Globo Repórter* sobre a França, que fizemos em tom de despedida. No sábado, eu vi o amanhecer daquele que deveria ser meu último dia de trabalho na cidade. A partir daí, iríamos organizar nossa vida: fechar conta em banco e acertar com a companhia de mudança para começar o mês de julho já no Brasil. Nesse período, raramente conseguíamos viajar por lazer e decidimos, Paulo e eu, tirar um fim de semana para ir de carro com a família para Amsterdã. Naquela segunda era feriado, e voltariamos com calma, parariamos em Bruges, na Bélgica, para almoçar com meus sogros em um restaurante no qual eles haviam tido um encontro romântico cinquenta anos antes. Estava divertido. Estacionamos o carro ao lado de um dos canais na cidade, e eu, como sempre, chequei as notícias no celular. Tomei um susto: “Avião da Air France desaparece entre o Rio e Paris”. Eu disse: “Todo mundo de volta para o carro”. Em vez do restaurante premiado, a gente foi comer no posto de gasolina.

## OLHOS MAREJADOS

O Paulo me deixou direto no aeroporto Charles de Gaulle, onde logo fiz uma entrada ao vivo para o *Jornal Hoje*. Fiquei ali apurando, fui ao guichê da companhia, enquanto ele ia deixar a família em casa e pegar mais equipamentos.

Como eu estava de folga, não tinha nem maquiagem nem roupa apropriada para aparecer nas “passagens”. Entrei numa loja do aeroporto e comprei alguns produtos. Para o meu azar, o lápis de olho que eu comprei me deu uma alergia tão grande, que meu olho ficou inchado, vermelho, lacrimejando. Nos três primeiros dias dessa cobertura, eu apareci para o mundo com os olhos daquele jeito. Eu mal conseguia fazer foco no que estava lendo, quase não enxergava, parecia que tinha areia dentro dos olhos, piscar era doloroso. Eu estava um horror. Lembro até que o Bonner em algum momento comentou: “A Sônia está muito cansada”, mas não era isso! Era uma imensa alergia mesmo.

Foram os quarenta dias mais intensos da minha carreira. Eu fazia todos os telejornais. Tinha que acompanhar toda a investigação do BEA, que era o órgão encarregado de fazer a apuração das causas do acidente. Toda a imprensa do Brasil e da França estava buscando explicações, e eu tinha que checar cada linha que os outros publicavam para ser precisa nas informações.

Paulo e eu estávamos sem apoio para gravar, editar ou gerar as reportagens. Além disso, eu tinha que conversar com os editores de cada telejornal, fazer a intermediação para ver qual linha seguir. Mesmo assim, nos viramos. No dia da missa para as vítimas do acidente na catedral de Notre Dame, a imprensa não podia entrar, mas o acaso me ajudou. Eu havia conhecido um comissário de bordo brasileiro da Air France em uma viagem e deixei o meu cartão com ele, caso precisasse de alguma coisa, se tivesse alguma notícia. Eis que, durante a missa das vítimas, eu estava posicionada do lado de fora, e esse comissário me escreve uma mensagem: “Sônia, eu estou aqui dentro, você precisa de alguma coisa?”. Assim, consegui entrevistas com amigos e parentes das vítimas e da tripulação.

No geral, acho que essa foi uma cobertura sem grandes furos, mas eu tinha uma missão muito clara na minha cabeça: eu não podia “dar barriga”, ou seja, não podia deixar passar nenhum erro de informação, nenhuma notícia falsa. Qualquer dado errado numa cobertura dessas mexe com as famílias e os amigos de quase trezentas pessoas. Eu tinha a obrigação de só dar a notícia

que foi apurada, confirmada, checada. E, conseguir cumprir isso numa cobertura que durou quarenta dias, considero uma vitória.

No final, eu tive uma lesão nas cordas vocais. Eu já tinha trabalhando incansavelmente antes, mas aquilo foi diferente. Em uma cobertura de Copa do Mundo ou de Olimpíadas, por exemplo, a gente trabalha loucamente, mas o clima é gostoso, alegre, vemos gente saudável, é divertido. Cobrir aquela tragédia foi terrível: o contato com as famílias e os outros colegas, víamos o medo e a incerteza no rosto deles. Por que um avião cai no meio do oceano sem deixar sinais? Não havia vestígios. Tudo isso aumenta o desgaste. Quando finalmente acabou, voltamos ao Brasil.

## MONTE KILIMANJARO TANZÂNIA, 2010

Em outubro de 2010 estreou no *Fantástico* a série “Terra, que tempo é esse?”, com os repórteres Sônia Bridi e Paulo Zero. A dupla de jornalistas foi a catorze países para conhecer paisagens transformadas pelo aquecimento global. Em uma das reportagens, o casal subiu o monte Kilimanjaro, na Tanzânia, a 5.895 metros do nível do mar, em uma caminhada de setenta quilômetros que durou seis dias.

Em 2009, eu e Paulo Zero cobrimos a Convenção do Clima em Copenhague, que foi um fracasso, uma vergonha da diplomacia internacional. Voltamos com um desânimo absurdo. Eu não cubro questões do clima porque acho bonitinho, cubro porque é extremamente relevante. As mudanças climáticas vão impactar profundamente a capacidade dos nossos filhos e netos de viverem de forma decente neste planeta. A gente tem que agir. É nossa função também como jornalistas. Então, Paulo e eu preparamos um projeto com a ideia de mostrar locais onde o clima já havia sido afetado pelas mudanças climáticas. Queríamos mostrar climas extremos em todos os continentes. Levamos esse projeto caro, difícil, extremamente trabalhoso, com logística absurda, para o Luizinho Nascimento, então diretor do *Fantástico*, em janeiro de 2010. Ele comprou a ideia.

A gente se impôs desafios imensos para executar a série durante o ano. Inicialmente, tínhamos trinta países. Editamos muito a nossa lista para chegar a catorze. Fomos aos Andes, no Peru e na Bolívia, mostrar a cordilheira perdendo gelo. Viajamos à Groenlândia e também vimos o derretimento das geleiras próximas a Ilulissat. Fomos ao sudoeste da Austrália, próximo a Perth, já no quinto ano seguido de seca, porque uma mudança na temperatura da água no oceano Índico estava desviando o caminho das chuvas. Então, a chuva, em vez de bater ali, estava aumentando a camada de gelo no leste da Antártida. Nos Estados Unidos, a gente fez entrevistas na NOAA, o *National Oceanic and Atmospheric Administration*, que é o principal centro em todo o mundo de pesquisa do clima.

Nas reportagens, contrapúnhamos extremos: visitávamos, por exemplo, locais de muita seca e outros onde havia grandes cheias. Mostramos Veneza, que emite gases de efeito estufa, mas tem dinheiro para construir barreiras de



contenção do nível dos canais. Diferente de Vanuatu, uma ilha pobre no meio do Pacífico, onde os corais que protegiam a ilha contra as tempestades estavam morrendo. Ali, fizemos uma reportagem que denunciava como toda água doce estava ficando salobra porque a água do mar avançava, contaminando os poços. Numa das ilhas, visitamos uma família que não tinha água suficiente para os porcos, então os bichos eram tratados só com água de coco. O maior perigo da destruição dos corais, entretanto, são as tempestades que, sem barreiras, podem destruir as ilhas. Infelizmente, isso aconteceu em 2016, quando um furacão devastou tudo, inclusive o hotel em que havíamos ficado, na capital Port Vila.

Porém, o maior desafio de todos dessa série e da minha carreira foi a subida do monte Kilimanjaro, na Tanzânia.

## REPORTAGEM DE FÔLEGO

Quando tive essa ideia, no início do projeto, o Luizinho disse que eu não precisava ir até o cume do Kilimanjaro para fazer a reportagem, mas eu insisti, disse que o repórter tem que ir lá em cima para poder fazer seu trabalho como é devido. Ele concordou. Só então caiu a ficha: e agora? São quase 6 mil metros de altitude, e de cada três pessoas que tentam, uma pelo menos não chega ao topo. Sofre mal de altitude – que pode matar – ou não aguenta o frio.

Paulo e eu começamos um preparo físico intenso, diariamente. Foi a matéria que mais me deu trabalho: tive lesão, curei a lesão, tive outra lesão. Mesmo quando viajava para fazer outras matérias, corria na rua, subia escadas, fazendo de tudo para garantir a continuidade do treinamento, até mesmo nas férias. Lembro que tirei quinze dias de folga em julho, fui para Nova York e fiquei hospedada no 11º andar de um prédio. Subia as escadas três vezes por dia para não perder o fôlego. Pensava: “Se eu não conseguir subir onze andares, como é que eu vou subir uma montanha de 6 mil metros?”.

Chegou setembro. Estávamos emendando uma viagem na outra para fechar a série além de cobrir o factual. Chegamos da Groenlândia e fomos para a Amazônia acompanhar incêndios num ano recorde de fogo na floresta. Em seguida, para o Chile, onde 33 mineiros estavam presos numa mina. Deveríamos ter ficado lá, mas antes do resgate voltamos porque chegava a hora do Kilimanjaro.

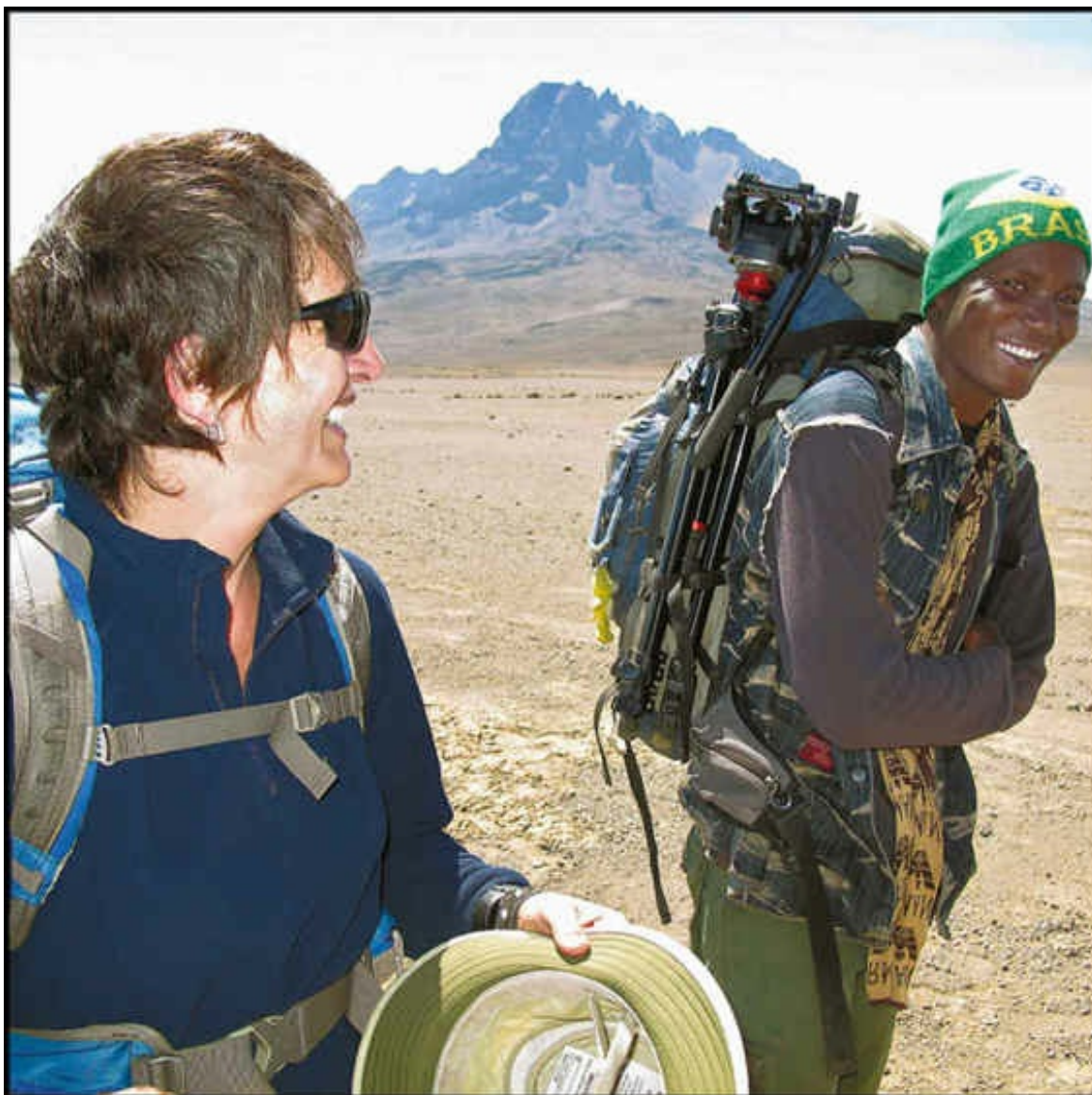
Cheguei à Tanzânia gripada. Nosso grupo era composto por 15 pessoas, com um guia para cada dois montanhistas. Nós tínhamos um auxiliar extra em função do equipamento. Os três primeiros dias foram tranquilos. Muito esforço, mas eu me sentia muito bem, à altura do desafio. Na segunda noite acima dos 4 mil metros, comecei a sentir uma taquicardia. A sensação de que o coração está ligado a um megafone não deixa a gente dormir. E assim cheguei ao momento mais desafiador, com duas noites maldormidas.

Às cinco da tarde do sexto dia de caminhada, paramos para descansar num refúgio a quase 5 mil metros de altitude. Tiramos algumas poucas horas de repouso e voltamos a caminhar às onze da noite, em um frio de cinco graus negativos. A temperatura caía e atingiu um ponto de -15°C pouco antes de o sol nascer. Nessa caminhada, cada passo era um sacrifício. Íamos devagar e em silêncio – sem oxigênio, nem dá para tagarelar. Chegava uma hora que só ouvia a minha respiração, repetida como um mantra. Encontramos algumas

pessoas da mesma expedição passando mal, com muito frio. Eu, que fazia aquela escalada aos 46 anos, incentivava o pessoal: “Levanta daí! Ou você sobe ou desce, porque se ficar aqui vai morrer congelado”. Eu me admirei comigo mesma, sem saber de onde vinha essa força toda para incentivar os garotos. Manoel Morgado, nosso guia, passava rápido por nós, ia ver os que estavam bem à frente, e voltava com incentivo. Juntava os que ficavam para trás com a força de palavras.

Quando avistei o cume, as pessoas com bandeiras, tirando fotos, fiquei tão emocionada de ter conseguido chegar até ali, que tive uma crise de choro. O Paulo estava um pouquinho na frente, eu já com microfone ligado, tinha que narrar a chegada, só que eu não conseguia falar, estava chorando. Nessa hora, ele, que é um homem muito educado, que nunca fala palavrão, brigou comigo: “Porra, Sônia Bridi, você me fez subir até aqui para fazer fiasco?”. Comecei a rir e me recompus. Ficamos umas três horas lá em cima para fazer a matéria, descemos em um ritmo bom, e eu saí dessa experiência com uma autoconfiança que gostaria de ter tido aos vinte anos de idade. Entendi que, nessas horas, você não caminha com as pernas, mas com a cabeça. É a capacidade de manter o foco, ficar tranquila, saber o que está fazendo. A determinação é que nos leva até o topo.

“O esforço físico e mental exigido para subir uma montanha é grande. Ainda mais trabalhando, carregando peso e fazendo esforço para gravar a subida. Foi uma experiência única, graças à profissão que escolhi e ao *Fantástico*, que aceitou o desafio.” – Paulo Zero



Sônia Bridi em escalada ao Kilimanjaro com o guia Hans, Quênia, 2010.

## ÁFRICA E ÁSIA, 2011

Em junho de 2012, a Rio+20 reuniu representantes de quase duzentos países para renovar o compromisso político mundial com o desenvolvimento sustentável. Na esteira dessa discussão, o *Fantástico* estreou em maio a série “Planeta Terra: lotação esgotada”, na qual Sônia Bridi e Paulo Zero foram aos cinco países mais populosos do mundo, além de percorrer regiões com alta pressão demográfica na África, para responder à pergunta: quantas pessoas o planeta pode sustentar?

No final de 2011, o Humberto Pereira, então diretor do *Globo Natureza*, nos disse que queria uma série para o período da Rio+20, da qual ele só sabia a chamada: “A repórter Sônia Bridi percorre os países mais populosos do mundo para saber: vai ter água, energia, comida, habitação pra todo mundo?”. O desafio foi lançado e, mais uma vez, tivemos que usar nosso conhecimento do assunto e muita leitura para montar o projeto.

Sabíamos quais eram os países mais populosos do mundo: China, Índia, Indonésia, Estados Unidos e Brasil. Mas começamos a pensar em questões populacionais que não envolvem só um grande território com muita gente, também eram importantes países pequenos com grande pressão demográfica.

Ruanda é um desses casos. No passado, em 1994, o país viveu um genocídio entre duas etnias que foi provocado, no fim das contas, pela pressão demográfica. Era muita gente para pouca terra, havia disputa por recursos. Lá, fomos mostrar a recuperação de um país marcado tanto pelo genocídio, quanto pela matança e a caça aos gorilas, que estiveram à beira da extinção. E o processo de cura nacional envolvia justamente esses animais. Em Ruanda, começou a se demarcar as áreas de preservação juntamente com um treinamento das comunidades para receber turistas. Hoje, cobram caro para esse passeio no Parque Nacional dos Vulcões, no meio da selva. E todo o dinheiro volta para as comunidades. É um exemplo em que há solução, não é preciso ser um país rico para resolver o problema. Vimos crianças bem alimentadas, cidades funcionais, famílias felizes.

Nossa subida à montanha dos gorilas foi um dos momentos mais emocionantes da minha carreira. Um carro nos levou até um ponto alto. Seguindo os guias, atravessamos fazendas, áreas de pasto, até entrar na

floresta. A vegetação é densa, com muita urtiga. Com o corpo todo protegido, fomos cruzando pelo meio das plantas, avançando devagar, parando para ouvir a floresta. Pelo rádio, o guia se comunicava com os batedores que de madrugada localizaram os pontos onde os grupos de gorilas dormiram e dava as coordenadas para nossa subida, que durou três horas.

De repente, os grunhidos inconfundíveis dos gorilas soavam à nossa volta. Estávamos no meio do grupo. Um *silverback*, o macho dominante, dormia sob um arbusto. Fiquei observando o bicho enorme, a apenas três metros de distância. Volta e meia ele se voltava para o Paulo, como quem posa para a câmera, e voltava a dormir. Um grupo de crianças gorilas não parava de correr de um lado para o outro. Com a vegetação densa, a gente só via os danadinhos quando já estavam quase em cima da gente. E a regra é: se um gorila se aproximar de você, se afaste. O contato é proibido. Isso é frustrante, principalmente se você quer chegar bem perto para gravar, mas seguimos as regras, feitas para preservar a saúde dos animais. Só que quando nos deslocávamos por uma pequena trilha, um dos meninos gorilas surgiu correndo em nossa direção. Parei, e ele passou por baixo das minhas pernas. Tive tempo de levantar uma perna para evitar que ele me atropelasse.

Mas o grande momento foi quando encontramos uma mãe gorila com seu bebê recém-nascido, deitada com ele no colo, amamentando. Uma cena de natalidade digna de um pintor renascentista. Achei que ela fugiria de nós para proteger o filho, porém ela apenas abriu os olhos e ficou acompanhando nossos movimentos, sem se mexer. Há pouco mais de uma década, esses animais construíram uma relação de confiança com os homens. Ela sabia que não precisava ter medo de nós. Senti uma identidade incrível com aquela mãe, fazendo o que fiz tantas vezes ao amamentar meus filhos.

Na produção dessa série, fizemos três viagens para oito países. Éramos eu, Paulo e a Renata Chiara, produtora. Na África, outra parada foi no Quênia.

## TOALETE VOADOR

No Quênia, fomos à favela de Kibera, que tem fama de ser a maior do mundo. É difícil mapear essas ocupações ilegais. Ela foi construída ao longo da linha do trem e percorre toda a capital, Nairóbi. Nossa pauta era trabalhar em cima da erradicação do toalete voador. O que é isso? Lá, as pessoas não têm banheiro em casa, muito menos saneamento. Então, elas fazem as necessidades em um saco plástico, fecham e jogam pela janela. Ao andarmos nas vielas da favela, nossos pés iam escorregando em saquinhos de dejetos humanos. Cólera ali é parte da vida.

Nessa realidade, o Pnud, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, fez um projeto para construir banheiros públicos com biodigestor. Assim, o gás produzido na decomposição é aproveitado para cozinhas coletivas. E isso é algo revolucionário, porque outro problema sério da região é que não há combustível para cozinhar. Eu nunca vou me esquecer de uma mulher chamada Benta, que deu entrevista para a gente. Sorrindo, ela repetia: “Nunca mais tive cólera. Não estou bonita?”. E eu pensava: cólera é uma doença medieval, já deveria estar erradicada no mundo inteiro.

## UM COELHO E UM VALÃO

Nessa série, também fomos para o Parque Nacional de Sundarbans, no delta indiano do Ganges. Ali, as pessoas vivem em ilhas muito baixas, nas condições mais precárias possíveis para plantar e comer. Só que agora, por causa do aquecimento global, acontecem tempestades, e as ilhas ficam inundadas com a água salgada. Quando isso acontece, a terra fica estéril por três anos, e eles não produzem nada. Ou as pessoas morrem de fome ou vão para grandes cidades, como Calcutá e Nova Déli, para engrossar favelas. Vimos muita gente gastando o tempo e a energia que restavam construindo barragens de barro ao redor das ilhas para conter as ondas provocadas pelos furacões.

Estivemos em um barraco em Calcutá onde uma mulher fora abandonada pelo marido e morava sozinha com três crianças. A casa era um cômodo de barro ao lado de um valão nojento. O cheiro forte de esgoto dominava tudo. A família dormia em cima de tábuas cobertas por panos sujos. A mãe me disse que o maior problema eram os ratos. Não podia deixar as crianças sozinhas, senão eles atacavam. Olho para elas, e estão segurando um filhote de coelho malnutrido. Perguntei se criavam para comer, mas ela respondeu que não, era para brincar. Enquanto conversávamos, o coelhinho morreu. Quanta miséria! Era a única coisa que eles tinham, o companheiro deles, o bicho de estimação. E morreu na minha frente.

A miséria da África e da Índia tem um nível muito profundo. Foi muito impactante no momento em que a gente fazia o cruzamento das reportagens, mostrando com quanta comida vive o indiano e quanta comida é jogada fora nos Estados Unidos. Só em um hotel de Las Vegas ia para o lixo uma tonelada e meia de comida por dia. A exposição dos contrastes do mundo rico de consumo irresponsável e a vida dos despossuídos foi o grande mérito da série.

Uma estratégia narrativa foi fazer um retrato de família em todos os lugares por onde passávamos. Podia ser família de sangue, um grupo de vizinhos, uma comunidade. Botávamos os grupos em posição de retrato, todos olhavam para a câmera, e o Paulo gravava alguns segundos assim. No texto, usávamos muito a expressão “a família humana” para costurar a história.



## ENTREVISTA COM EDWARD SNOWDEN

### RÚSSIA, 2014

Em 2013, o ex-analista da Agência de Segurança Nacional (NSA), Edward Snowden, foi acusado de espionagem. Os vazamentos de informações sigilosas mostraram que o governo norte-americano monitorava seus cidadãos e também instituições e políticos estrangeiros. No *Fantástico*, Sônia Bridi teve acesso a arquivos exclusivos e revelou que a então presidente Dilma Rousseff e a Petrobras eram alvos da espionagem.

Quando começou a se falar nos vazamentos do Snowden, eu estava lendo tudo o que saía por curiosidade e hábito de acompanhar as notícias. No dia 4 de julho, eu e o Paulo tínhamos saído para jantar, e recebi uma ligação do Luizinho Nascimento dizendo: “Sabe aquela coisa do espião americano? O jornalista que recebeu o material dele mora no Rio de Janeiro e está querendo entregar o material para a Globo. Você liga para ele?”. Claro! O jornalista era o correspondente do jornal britânico *The Guardian*, Glenn Greenwald.

Liguei para ele e, no dia seguinte, fui até sua casa. Fiz a primeira matéria, a mesma que o jornal *O Globo* estava publicando naquele momento. Ele havia nos procurado porque queria o máximo de exposição para as denúncias, como havia prometido ao Snowden na época dos vazamentos. No primeiro fim de semana, fiz três matérias sobre as denúncias de espionagem, um tráfico de informação que passava pelo Brasil. Mostramos a quantidade de brasileiros monitorados e também instituições importantes, como a Embaixada do Brasil em Washington e a missão brasileira na ONU.

Nesse processo, trabalhei com o Glenn Greenwald, e a gente desenvolveu uma boa relação de trabalho, de troca de informação. Ele conhecia os códigos, a linguagem da espionagem. Eu conhecia os meandros da política e das relações no Brasil, com as quais ele, estrangeiro, tinha pouca familiaridade. Passadas umas semanas, o companheiro do Glenn, David Miranda, foi preso no aeroporto de Londres acusado de espionagem e, às seis e pouco da manhã de domingo, o Glenn me ligou pedindo ajuda. Um cidadão brasileiro estava preso no aeroporto de Londres, e o Glenn não sabia a quem recorrer. Fiz o contato com a Embaixada do Brasil, que se mobilizou para que David fosse liberado. Quando o David voltou, foi notícia no mundo inteiro e eu o entrevistei. Continuei sempre em contato porque o Snowden tinha uma

quantidade enorme de documentos, que exigiam um trabalho absurdo. Divulgávamos esses dados conforme descobríamos as informações. Procurávamos por palavras-chave: “*Brazil*”, “*Brazilian*”, “Lula”, “Dilma”, “Petrobras”, tudo o que me passava pela cabeça que podia ser alvo de espionagem norte-americana.

Até que um dia, o Glenn me ligou: “Você não vai acreditar no que eu achei aqui”. Quando cheguei à casa dele, havia o documento com a foto da Dilma, que provava a espionagem contra ela. Nosso primeiro furo. Quando a matéria foi ao ar no *Fantástico*, a reação da Dilma àquela espionagem deu uma dica do que a gente devia procurar. Ela falou: “Estão de olho na Petrobras”. Começamos a buscar até encontrar. O documento provava como os americanos fazem espionagem industrial e comercial com objetivo de obter lucros, influenciar a economia mundial. Essa reportagem fez o chefe da espionagem norte-americana assinar uma resposta a um documento de Snowden pela primeira vez. A NSA, a Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos, me mandou uma nota assinada pelo James Clapper, na época seu diretor, que foi lida ainda durante o *Fantástico*.

## ILEGAIS NA RÚSSIA

Volta e meia, o Glenn falava com o Snowden por um chat criptografado. A espionagem contra a Dilma e a Petrobras teve uma repercussão absurda no mundo inteiro. Desde o início, houve uma promessa dele de que, quando falasse com a televisão norte-americana, falaria também comigo. Aconteceu em maio de 2014.

O Snowden aceitou dar uma entrevista para a rede norte-americana NBC, devido ao lançamento do livro do Glenn – *Sem lugar para se esconder: Edward Snowden, a NSA e a espionagem do governo americano*. Foi quando eu recebi uma ligação do Glenn, em uma sexta-feira: “Se prepare para estar em Moscou na terça-feira, vai sair a entrevista”. Ele deu a indicação do local, um hotel, e da data. E nada mais.

Compramos as passagens, fizemos a reserva no hotel indicado, mas não conseguimos o visto de jornalista. Não dava tempo. Viajamos como turistas e, por isso, sem equipamento. Chegamos a Moscou de madrugada. Pegamos um táxi, e o motorista nos perguntou de onde éramos. Quando dissemos que vínhamos do Brasil, ele sabia que a presidente era Dilma Rousseff e, além disso, que estava sendo espionada pelos americanos. Fiquei surpresa: qual era a chance de eu atravessar meio planeta pra chegar à Rússia e receber a notícia que eu dei? Fiquei rindo.

No hotel, fizemos o check-in e ainda não tínhamos notícia do Glenn, que estaria hospedado ali. Na manhã seguinte, chegaram os técnicos com o equipamento alugado: eram três câmeras e iluminação. Não falávamos uma palavra de russo, e eles, nada de inglês. Foi incrível. Tivemos que negociar a saída deles do quarto, não podíamos ter tanta gente para entrevistar o Snowden. Ligamos para o Brasil para pedir ajuda. Fizemos um depósito em dinheiro, e eles foram convencidos a sair.

O Paulo instalou tudo sozinho: fez a luz, três câmeras e, depois, operou todas. Mas, naquele momento, tudo que podíamos fazer era deixar tudo montadinho, à espera de que Glenn e Snowden dessem notícia. Fiquei preocupada, não tinha certeza de que ia mesmo acontecer. Eu nunca tinha ido a Moscou e não botei a cabeça pra fora do quarto, ficamos confinados ali, esperando a conversa.

Lá pelas três da tarde, recebi uma mensagem do Glenn dizendo que chegava no início da noite. Depois, vi o âncora da NBC no hotel e fiquei aliviada.

Quando deu sete da noite: toc, toc, toc. Abri e estava ali um homem magrinho, mais baixo que eu. “Oi, sou o Ed”, ele se apresentou em inglês, da maneira mais simples do mundo. Ficamos conversando e, depois de um tempo, chegaram o Glenn, seu companheiro David, e a Laura Poitras, a documentarista que ganhou o Oscar com o documentário sobre o Snowden. Acertamos que faríamos a entrevista no dia seguinte. A conversa com a NBC havia durado oito horas, e ele estava exausto.

Às nove da manhã do dia seguinte, lá estava ele. Foram mais de três horas de entrevista, em que Snowden teve a maior paciência do mundo. Queríamos ouvir da voz dele, com o rosto dele, as razões que o levaram a fazer tudo aquilo, como operava esse sistema de espionagem, os perigos que isso representa para as pessoas comuns. Por que você, sem nada a esconder, deve se preocupar com a privacidade das suas informações?



Entrevista exclusiva com Edward Snowden, ex-analista da Agência de Segurança Nacional norte-americana, Moscou, 2014.

## HORA DE VOLTAR

Quando terminou a entrevista, Laura, Glenn e David voltaram para o quarto. À porta, nos despedimos. O Snowden tirou a gravata e os óculos, botou a mochila nas costas e saiu pela escada de incêndio. Nunca mais o vi.

Paulo e eu nem tivemos tempo para pensar. Saímos correndo para fazer imagens de Moscou e gravar uma “passagem” minha para a abertura da matéria. Empacotamos o equipamento, devolvemos tudo e corremos para o aeroporto para pegar o voo de volta. Eu estava com a entrevista com o homem mais procurado do mundo na bolsa, e sem visto de jornalista. Ou seja, meus direitos não estavam garantidos. Ainda por cima, tinha um pen drive em que carregava documentos da NSA de uma leva que não tinha chegado ao Brasil ainda e queríamos investigar.

No aeroporto, despachamos as malas, fizemos o check-in e, na imigração, pegaram os nossos passaportes e levaram para dentro de uma sala. Pânico. Meu coração batia na garganta. Tinha medo de ser revistada e pegarem os cartões de memória onde estava a entrevista. Corria o risco de perder tudo e ainda ter que explicar por que eu carregava documentos sigilosos. Depois de cinco minutos, o homem voltou e nos mandou seguir a viagem. Nunca saberei por que ele deixou a gente esperando. Só sei que, quando entramos no avião, eu estava tão pilhada que, mesmo sem ter dormido direito, fui trabalhando, aproveitando que havia wi-fi a bordo. Fiz um relatório da entrevista e mandei para o Rio. Olhei para o lado, e o Paulo tinha apagado, dormiu o trajeto inteiro. Na conexão em Dubai, saímos correndo para pegar o outro voo e, só então, reclinei a cadeira e acordei no Rio de Janeiro. Não vi as catorze horas passarem.

Foi incrível. São poucos os momentos em que, trabalhando na televisão brasileira, conseguimos estar na linha de frente dos furos internacionais. E esse era um dos grandes, um golaço da gente. A nossa entrevista foi ao ar no dia que começou a cobertura da Copa do Mundo do Brasil no *Fantástico*. Teve uma grande repercussão, foi republicada no mundo inteiro.

“Para entrevistar o Snowden, alugamos os equipamentos em Moscou. Configurei as três câmeras, posicionei-as e afinei a iluminação em dois pontos. Um descuido, e eu poria a entrevista em perigo. A adrenalina me ajudou a focar, e tudo deu certo.” – Paulo Zero

## VOLTA AO MUNDO 2014 – 2017

Socotra, um arquipélago no oceano Índico que é patrimônio mundial da Unesco, foi a primeira parada da série de reportagens “A jornada da vida”, que estreou em 2014, no *Fantástico*. Em busca de mostrar a origem e a evolução das espécies mais diversas do planeta, Sônia Bridi e Paulo Zero rodaram o mundo, visitando paisagens fascinantes.

Acho que existe uma conversa entre as séries de natureza que eu e Paulo já fizemos. Primeiro, “Terra, que tempo é esse?” mostrava que tínhamos um problema sério à vista, com o aquecimento global. “Lotação esgotada” indicava que o nosso uso dos recursos é o que nos leva aos principais problemas e que se utilizarmos melhor o que dispomos, haverá planeta para as próximas gerações. Sentia que faltava um projeto que incentivasse nosso amor pela natureza, o cuidado. Podemos ver isso sob qualquer ponto de vista: ético, religioso, científico. Só temos razões para admirar, amar, apreciar e querer cuidar da natureza, entretanto, só amamos aquilo que conhecemos. Nossa proposta era levar às pessoas lugares incríveis e organismos maravilhosos que habitam a Terra.

Em parceria com o *Globo Natureza*, fizemos para o *Fantástico* “A jornada da vida”.



Sônia entrevista uma família para a série “Planeta Terra: lotação esgotada”, Ruanda, 2012.

## PRIMEIRA PARADA: SOCOTRA

Na primeira temporada, fomos ao Iêmen, visitar a Ilha de Socotra, que tem essas árvores de aparência diferente que estão na Terra há 40 milhões de anos e que só existem naquele lugar isolado. O Iêmen estava em uma situação muito difícil do ponto de vista da segurança, devido a ataques terroristas e sequestros de estrangeiros. Na época, no aeroporto da capital, Sana'a, alguns estrangeiros foram sequestrados. Mas eu descobri um voo saindo de Sharjah, em Dubai, com conexão em Al Mukalla, cidade no sul do Iêmen. A ilha fica no chifre da África, área de piratas, mas, mesmo assim, era possível trafegar por ali.

Nessa viagem, houve vários episódios curiosos. Já no aeroporto, antes de embarcar, eu via várias mulheres de burca passando pelo detector de metais sem parar. Os alarmes disparando, e ninguém as revistava. E eu ali, sem sapatos, sendo revirada pelas autoridades. No check-in, o agente da companhia mandou que enrolássemos a bagagem em um plástico. Logo eu, ecológica, que odeio plástico. Questionei, e ele disse: “Madame, a senhora não está indo para Paris”. Eu não sabia se ria ou chorava, mas mesmo assim seguimos a orientação. Na fila do embarque, vi que o avião era pequeno e perguntei ao Paulo se era um Embraer. Ele olhou e identificou que era Bombardier, de produção canadense. Entramos e nos sentamos. Não houve nenhum aviso de segurança, apertar os cintos, nada. Apenas uma voz que dizia: “*Allahu akbar. Allahu akbar. Allahu akbar*”. Deus é grande. Decolamos às duas da manhã.

O Paulo, como sempre, dormiu na hora. Eu fiquei lendo um livro, estava o maior silêncio. De repente, um comissário me convidou para ir à cabine do piloto. Cutuquei o Paulo, avisando. Ele, ainda dormindo, fez apenas: “Uhum”. Eu fui. Cheguei lá, o comandante era um senhor mais velho, com um barbão. O copiloto, mais moço, também tinha uma barba imensa. Perguntaram de onde eu era, e se eu era do ramo de aviação. Respondi que não, que era jornalista. Eles comentaram que ouviram a gente discutindo o modelo do avião. Nesse momento, olhei pela janela. Sobrevoávamos o Golfo Pérsico, e eu via tudo estrelado, sem uma gota de umidade. Comentei que não conseguia reconhecer as constelações, porque era um céu diferente do hemisfério sul. Ele falou: “Nem tanto”. Olhou no relógio, pediu alguns minutos e, no horizonte, o Cruzeiro do Sul começou a subir. Eu pensei: “Que coisa incrível, que



momento poético”.

Em Socotra, passei seis dias sem ver o rosto de uma mulher. Eu me sentia na terra dos homens. Ficamos acampados três noites no pátio de uma fazendinha: comíamos refeições preparadas pelas mulheres, mas eram os homens que serviam. No último dia, o dono da terra fez uma demonstração do uso da resina da dracena, conhecida como sangue de dragão. Pintou meu rosto de vermelho, do jeito que as mulheres locais fazem. Ele ficou tão orgulhoso do trabalho que resolveu me levar para ver as moças da família. Elas estavam dentro de casa, com panos cobrindo a face até a altura do nariz. Fui até a soleira da porta, e elas me olhavam e riam. Acharam a maquiagem engraçada. A esposa dele deixou cair um pouco o véu, e eu vi o rosto dela. Foi tudo. Quando saí, ela foi até a porta e deu de cara com a câmera. O Paulo estava filmando justamente nessa hora. Quando ela viu, deu um grito e se escondeu.

Nesses dias, gravando as árvores que parecem estar em outro planeta, eu me vi numa situação inesperada. Ao voltarmos das filmagens, um senhor nos esperava. Morador das montanhas mais altas, viu as nossas caminhonetes de longe e veio caminhando por quilômetros para pedir ajuda. O pé esquerdo dele estava uma bola de pus. Ele contou que um corte infeccionou, e não sabia mais o que fazer. Queria remédios, mas eu não tinha nenhum antibiótico. A bola imensa de infecção estava coroada por um vermelhão. Não precisa ser nenhum gênio para saber que a infecção, sem tratamento, podia gangrenar. A vida do homem estava em risco. E nós, num isolamento desgraçado, a muitas horas da vila.

Fiquei inquieta. O que fazer? Eu não tinha sequer luvas – que a partir daquele dia passaram a fazer parte do meu kit de viagem, com antibiótico – para tocar no ferimento. Decidi drenar e limpar a secreção. Se ele não melhorasse, no dia seguinte tentaríamos levá-lo à vila. Pedi água quente, panos limpos e sabão. Furei o ferimento, e o líquido encharcou os panos. Depois lavei bem o pé dele com muito sabão. Passei extrato de própolis, que sempre tenho para evitar inflamações da garganta. Falei para ele que precisava lavar bem todos os dias, expliquei como passar própolis. Fui dormir meio assombrada com a experiência.

Na manhã seguinte, quando abri o zíper da barraca, o homem estava sentado ali, com um sorriso nos lábios e uma caneca de chá para mim. Mostrou o pé desinchado, até o vermelhão tinha diminuído. Deixei um amigo num lugar distante.



Pintura feita com cristal de resina retirado da árvore dracena, conhecida como sangue de dragão, Socotra, Iêmen, 2014.

## ETIÓPIA

Nessa temporada, também fomos à Etiópia falar sobre evolução humana, já que os primeiros seres humanos surgiram basicamente naquela região. A maioria dos fósseis de ancestrais humanos foi encontrada ali, inclusive Lucy, uma *Australopithecus afarensis* que ficou conhecida como “a mãe da humanidade”. Eu queria muito ter contato com uma tribo Afar, pois são um povo que continua no berço da humanidade: vivem no deserto, são nômades e muçulmanos, embora sigam uma corrente muito mística do islamismo. Chegando à tribo, tivemos uma surpresa. Só havia adolescentes. O chefe devia ter uns 25 anos. Algumas mulheres pareciam mais velhas, mas é difícil estimar a idade de quem vive nessas condições, sempre exposto ao sol. A expectativa de vida deles é de 35 anos. Começamos a gravar. Todos os adolescentes estavam armados com fuzis AK-47.

Até que em algum momento aparece uma tribo rival, também armada, e eles começam a brigar. Olho para o nosso guia etíope, que estava lívido: “Nós temos que ir embora. Agora”. A outra tribo achava que estávamos pagando para o grupo para filmar ali e também queriam uma parte. A gente ia acampar na tribo, mas, diante da insegurança, decidimos dormir em um posto de gasolina, à beira da estrada, perto da fronteira com Djibuti. Até achei interessante, porque havia um pátio grande, com casinhas simples, e dava para tomar banho. Não havia água quente, mas não precisava, estávamos no meio do deserto e fazia muito calor. À noite, ouço um barulho estranho, de trânsito de caminhões. Não parava. Quando abri a porta de manhã, vi que eram caminhões-tanque estacionados no pátio. Eles dormiam ali porque transportavam combustível do porto de Djibuti para Adis Abeba, capital da Etiópia. Basicamente, passamos a noite ao lado de uma bomba de gasolina.

Essas séries são bem interessantes, não só pelas viagens, a beleza dos lugares, mas também pela oportunidade de poder compartilhar informações científicas e compreender a complexidade de todos os sistemas da natureza. Antigamente, matérias sobre meio ambiente eram coisa de poucos repórteres que brigavam muito para conseguir um espaço no noticiário. Hoje, os problemas derivados do aquecimento global e as questões ambientais de reportagem geral deixaram de ser uma editoria à parte no jornalismo. Todo repórter é capaz de fazer uma reportagem sobre mudanças climáticas, porque isso já faz parte do caldo cultural da nossa sociedade. É um consenso que o

tema é importante, um fato estabelecido. E é bom que seja assim, porque daqui para frente nenhum assunto pode ser abordado sem pensar em impactos e medidas de adaptação ao aquecimento global.

## DESBRAVANDO O NILO

A maior das aventuras de “A jornada da vida” foi em 2017. O então diretor do *Globo Natureza*, Humberto Pereira, sugeriu uma temporada só de rios. Depois de um tempo de reflexão, decidimos fazer os rios que deram origem a grandes civilizações. Mal sabíamos que cada um deles daria uma série com muita geografia, história, natureza e povos maravilhosos.

Em março, chegamos ao Nilo. Foi uma viagem de 32 dias. Estudei loucamente a história dos desbravadores, dos povos locais, das civilizações. Apenas para descobrir que nada sabia... O Sudão foi a primeira parada, um país com histórias negligenciadas, um choque de culturas esquecidas. De lá para Uganda, onde visitamos as comunidades à beira do lago Vitória, devastadas pela Aids; a floresta Zica; os parques que ainda engatinham na recuperação da vida animal e das florestas destruídas pelo ditador Idi Amin Dada. Lá, também visitamos dois campos de refugiados sul-sudaneses, no auge da crise humanitária que faz crianças fugirem sozinhas para outro país.

Em meu retorno à Etiópia, encontrei um país muito diferente do que conhecera quatro anos antes. Dessa vez, fui ao lago Tana e à cidade Lalibela, seguindo as heranças judaico-cristãs de mais de 3 mil anos. A grande surpresa foi chegar ao Egito, “a dádiva do Nilo”, nas palavras do historiador grego Heródoto. É fascinante descobrir como essa dádiva despertou a genialidade, a ambição, a sede de poder em tantos povos, mesmo nos que estavam muito além de suas margens.

Foi intenso. A série teve cinco episódios. Seis reportagens ao todo, com a dos refugiados. Uma experiência que desmonta, desarma e me fez voltar para casa como uma pessoa melhor.



CÉSAR TRALLI

CÉSAR TRALLI SE DEFINE COMO um apaixonado pela comunicação. Quando garoto, escrevia semanalmente para grandes jornais de São Paulo. Por vezes, suas críticas à política brasileira eram publicadas na seção de carta dos leitores, o que o deixava orgulhoso. Agitado e estudioso, ele também fazia arte: teatro e música – foi baterista, vocalista de bandas de rock e até correu o Brasil tocando trombone em festivais escolares. Difícil parar esse menino de origem humilde que sonhava conhecer o mundo. Na época do vestibular, decidiu trocar os palcos pelas letras e investiu no jornalismo. Deu certo: premiado repórter investigativo, o atual apresentador do *SP1* catalisou a carreira ao aceitar o posto de correspondente internacional da Globo em Londres quando tinha apenas 24 anos. Voou alto.

César Augusto Tralli Júnior nasceu em 23 de dezembro de 1970 em São Paulo, em uma família de ascendência italiana. O pai trabalhava em uma empresa na área de informática, e a mãe era professora primária – quando jovem, ela fora boia-fria, cortava cana para ajudar em casa. Como ela, Tralli também queria contribuir para o sustento da família. Aluno da rede pública, era professor particular de história, português e inglês – língua que estudou desde os sete anos. Aos dezessete, conquistou uma bolsa de estudos para continuar o curso em Londres, sua primeira viagem internacional. Foi uma temporada difícil, o dinheiro era curto, a cidade, fascinante. Prometeu voltar.

No Brasil, formou-se em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Cásper Líbero e ainda sonha concluir o mestrado em Ciências Sociais na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Seu primeiro emprego foi na *Gazeta Esportiva*, jornal de esportes publicado pelo Grupo Folha. Em seguida, foi para a Rádio Jovem Pan e, depois, para o SBT para trabalhar no telejornal *Aqui Agora*. Depois, passou pela Record, onde apresentava o programa *Flórida Online*, em 1992. No início do ano seguinte, começou como repórter da Globo de São Paulo.

Em 1995, pela fluência na língua inglesa e por sua facilidade em encontrar pautas, foi chamado para ser correspondente. Morou em Londres até 2000, quando seu faro investigativo sinalizou que seria hora de voltar para casa, para revelar escândalos na política de São Paulo. A experiência como correspondente resultou no livro *Olhar Crônico* (2001), com histórias curiosas que colheu nos bastidores de suas reportagens.



Como repórter especial da Globo, Tralli ganhou o prêmio Embratel de Jornalismo na categoria Televisão pelos casos de corrupção envolvendo o ex-prefeito Paulo Maluf; o Prêmio Comunique-se como melhor repórter de vídeo do país; o Grande Prêmio Globo de Televisão por sua investigação nos casos “Máfia dos Motoristas”, “Acidente com o avião da TAM” e “Prisão Law” e, depois, o Troféu Barbosa Lima Sobrinho por uma série de reportagens exibidas no *Jornal Nacional* sobre a adulteração de combustíveis. Em 2011, assumiu a bancada do *SPI*.



## LONDRES, 1995

Eu tinha apenas 24 anos quando fui para Londres assumir o posto de correspondente. Trabalhava na Globo fazia dois anos e meio, como repórter do *Jornal Nacional* e dos telejornais locais de São Paulo. Foi um delicioso choque quando me convidaram para o desafio internacional. Na época, eu dominava muito bem a língua inglesa e amava fazer reportagens. Tive a sorte e a felicidade de começar cedo na profissão, na adolescência. Desde então, eu me considerava – digamos assim – um cão farejador: saía de casa, virava a esquina e enxergava uma notícia no meio da rua.

Tenho convicção de que esse espírito curioso contou muito para o convite da mudança de país. Deram-me o prazo curto de um mês e pouco para ir embora. E assim foi. Minha ficha só começou a cair mesmo na aproximação da pista do aeroporto de Heathrow. Quando vi Londres chegando pela janela do avião, desabei a chorar... Era um misto de emoção, apreensão e gratidão. Passou um filme na minha cabeça.

Lembrei-me da minha época de estudante em Londres. Eu tinha dezessete anos, era bolsista, alugava um cômodo no sobrado de um casal inglês de aposentados, na periferia. Meu dinheiro mal dava para fazer as refeições do dia. Se eu almoçasse, por exemplo, não tinha grana para pagar ônibus e metrô. E vice-versa. Venho de uma família batalhadora de trabalhadores rurais do interior paulista. Estudei a maior parte da vida em escola pública e nunca sonhei que seria correspondente internacional. Ainda mais pela Globo e na Inglaterra, minha grande paixão.

Estudei inglês dos sete aos dezessete anos, com bolsa integral toda essa década. Aprendi a admirar e a respeitar a cultura britânica. Por tudo isso, desembarcar em Londres de mala e cuia, em fins de outubro de 1995, com visto de trabalho autorizado pela rainha, foi realmente impactante para este meu coração romântico. Mas não haveria muito tempo para sentimentalismos. Deixei minhas coisas em um hotelzinho e, passados alguns dias, lá fui eu para a primeira grande missão internacional: Israel.

## ASSASSINATO DE YITZHAK RABIN ISRAEL, 1995

O primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin foi morto com dois tiros nas costas, após participar de manifestação pela paz, em Tel Aviv. Rabin comandava acordos de cessar-fogo entre judeus e palestinos na década de 1990. Com Yasser Arafat, líder da Autoridade Palestina, e o diplomata Shimon Peres, o premier ganhara o prêmio Nobel da Paz, em 1994.

Acompanhado do repórter cinematográfico Paulo Pimentel, o mestre Paulinho, fomos deslocados para cobrir o assassinato de Yitzhak Rabin. Permanecemos no Oriente Médio por quase um mês. Fizemos reportagens em Tel Aviv sobre o perfil do assassino, um jovem radical israelense, contrário às tratativas do processo de paz à época. Abordamos também toda a comoção internacional pela morte violenta e inesperada de Rabin. Tivemos que lidar com o medo em meio a toda a insegurança que o crime representava para aquela região historicamente já tão tensa.

Além da cobertura completa sobre o caso, aproveitamos a viagem para fazer uma série de reportagens especiais sobre a simbólica devolução de Belém aos palestinos, a crise dos territórios ocupados na faixa de Gaza, a Cisjordânia e vários outros temas.

Era apreensão em alta voltagem: todo mundo armado nas ruas com pistolas automáticas na cintura, metralhadoras e fuzis pendurados no peito. Trabalhamos o tempo todo com um guia israelense, em carro particular. Certa vez, bem na nossa frente, dois motoristas israelenses se estranharam no trânsito de Jerusalém. Eles desceram dos veículos e um foi tirar satisfação com o outro. Gesticulavam, gritavam, apontavam, e ambos, claro, tinham armas na cintura. E eu ali assistindo ao duelo de camarote, impotente e rezando em voz alta: “Pelo amor de Jesus, não saquem essas armas”. Graças a Deus, meu apelo foi ouvido, e a discussão terminou sem um único disparo.

Para onde íamos, nos deparávamos com *checkpoints* – aquelas barreiras físicas no meio do asfalto, com soldados sempre desconfiados e vigilância total. Saíamos de um bloqueio e logo adiante caíamos em outro. Quase sempre seguíamos o mesmo procedimento rigoroso: todos desciam para serem revistados, dos pés à cabeça, e reviravam o carro do porta-malas ao motor.

## NOITES INSONES

Nessa época, eu passava as madrugadas estudando no quarto do hotel para compreender melhor a geopolítica do Oriente Médio. Os conflitos históricos, a formação do Estado de Israel, os tratados internacionais para a região. Muitas vezes, quando me dava conta, eram seis da manhã. Tomava um banho e saía para a rua, para gravar. A juventude certamente me beneficiava.

Uma das reportagens mais marcantes que fizemos nessa viagem especial a Israel foi para o *Fantástico*, sobre a “Síndrome de Jerusalém”. Tratava-se de um distúrbio psíquico bem específico, como atesta o próprio nome. Ele se manifestava geralmente em turistas muito religiosos que, ao visitar Jerusalém pela primeira vez na vida, eram tomados por sentimentos estranhos, se isolavam em um primeiro momento e depois saíam vagando pelas ruas, trajando lençóis e batas, como se tivessem “encarnado” personagens bíblicos. Moisés, Jesus Cristo, o rei Davi, Maria...

Era tão sério o problema que havia uma clínica psiquiátrica com especialistas treinados em tratar a “Síndrome de Jerusalém” e trazer esses turistas de volta à “normalidade”. Um trabalho árduo que chegava a durar semanas. A mística e a energia nessa parte do planeta são de fato tocantes. Eu, em particular, fiquei muito impressionado, afinal, estamos falando do berço das três maiores religiões do mundo, um encontro antropológico. Para onde se olha em Jerusalém, são camadas e mais camadas da história da humanidade: os caminhos de Cristo, Igreja do Santo Sepulcro, o Muro das Lamentações, o Domo da Rocha e por aí vai.

Tive o grande privilégio de fazer uma reportagem no local da manjedoura, no subterrâneo da Igreja da Natividade, em Belém. Coincidiu com dias em que tropas de Israel deixavam a cidade. A população local celebrava com rajadas de metralhadora para o alto. Também me marcou muito a simpatia do povo nos territórios palestinos e seu amor pelo Brasil graças ao nosso futebol.

## UM BRASILEIRO EM TERRAS BÍBLICAS

Nós sempre andávamos com uma bandeira do Brasil colada na roupa, na câmera ou no carro, para facilitar a identificação e favorecer a aproximação. Quando entrávamos em uma feira livre, por exemplo, sempre saíamos do outro lado com um carrinho quase cheio, de graça. Os feirantes nos davam de tudo: abacaxi, tâmaras, banana, alface, damasco, pistache, amêndoas. Quanto mais “não, obrigado” eu falava, mais coisas ganhava. Era gratificante e igualmente inesquecível esse carinho da população local.

Fazíamos o lanche e muitas refeições nos deslocamentos, dentro do carro ou no fim do dia, durante a geração do material gravado para nosso escritório em Londres. Comprávamos horários fixos de geração em emissoras locais ou agências internacionais de informação. Não raro, “dava pau” no satélite, na transmissão, na chegada da imagem em Londres, na saída do áudio. Eita, sufoco! Não arredávamos pé enquanto o material todo não chegasse aos colegas de Londres em perfeita condição de exibição no Brasil. Eram fins de noite nervosos. Haja coração!

## RETORNO A LONDRES

Demorei tanto no retorno dessa viagem a Israel que descobri que tinha sido desalojado quando cheguei de volta ao hotel em Londres. Tudo que eu tinha foi parar em um depósito na garagem do prédio. Continuei no hotel por quase um mês até alugar um estúdio em Belsize Park, bairro vizinho a Camden Town, onde até hoje fica o escritório da Globo.

Caminhava meia hora todos os dias pela manhã e à noite. Era o meu momento de terapia. Primeiro, morei em cima de uma loja de vinhos, nada mal. Depois de um ano e pouco, fui para outro apartamento, no mesmo bairro. E assim foram meus incríveis cinco anos em Londres pela Globo, até 2000.

Sinto saudade desse tempo, da caminhada diária pelos encantos de Belsize Park, assim como fico imaginando como seria uma benção se israelenses e palestinos encontrassem um caminho definitivo de paz.

## ISRAEL X HEZBOLLAH

### LÍBANO, 1996

Em 1996, César Tralli esteve no Líbano com o repórter cinematográfico Sergio Gilz para cobrir o conflito armado entre Israel e o grupo fundamentalista islâmico Hezbollah. Meses depois, voltou ao país para acompanhar, entre outras coberturas, o caso de Hasna, a menina de doze anos que chorava lágrimas de vidro, dessa vez com o repórter cinematográfico Paulo Pimentel.

Não conheço Las Vegas, nem a Califórnia, mas estive cinco vezes no Líbano durante minha fascinante jornada de repórter internacional. Coisas da vida. O Líbano é um país encantador. Na primeira vez, em 1996, senti, de cara, uma estranha sensação de pertencimento. Andava pelas ruas e me sentia em casa, como se um dia aquela tivesse sido a minha morada. Foi algo realmente forte que me marcou para sempre.

Pena que à época Beirute ainda estava muito destruída por conta da guerra civil que devastou o país por décadas. Vi muitos prédios pela metade, faltando paredes, lajes, janelas – porém, todos ocupados. De longe, era possível avistar as famílias lá dentro, cozinhando, vendo televisão, andando pela casa. Era muito estranho para nós, visitantes, e muito normal para eles, habitantes. Havia poucos hotéis bem equipados e seguros.

Nos tempos de correspondente, estive duas vezes no Líbano fazendo reportagens sobre casos de separação conjugal no Brasil em que pais de origem libanesa levaram os filhos nascidos no nosso país para lá contra a vontade das mães brasileiras. Dramas familiares que comoveram o Brasil inteiro.

## HASNA

No entanto, a história envolvendo crianças que mais me impressionou no Líbano foi sobre uma garota muçulmana de Chtaura, no Vale do Beca, que chorava lágrimas de cristal. Hasna Mohamed Meselmani ficou conhecida no Brasil e em boa parte do mundo pela repercussão do que ela era capaz de fazer. E, ao mesmo tempo, pelo enigma que representava a médicos, leigos e religiosos.

Fotos da menina de doze anos estampavam jornais e revistas do Oriente Médio e da Europa. Nos países árabes, então, ela tinha caído na boca do povo. Só se falava no fenômeno Hasna. Marcamos com a família e fomos recebidos pelos pais – ele, policial; ela, dona de casa – na modesta residência, em Chtaura. A garota, que tinha irmãos mais novos, parecia muito tímida, se escondia atrás do véu muçulmano e quase não falava. Bem, nem precisava.

Ao comando do pai, Hasna começou a chorar lágrimas de cristal. Eram pedaços que se assemelhavam a vidro picado e que, de repente, pingavam dos seus olhos. Ora do direito, ora do esquerdo. Paulinho e eu ficamos boquiabertos. Impossível não se sentir hipnotizado com aquilo. As lágrimas eram sólidas, pontiagudas e cortantes. Rasgavam papel e capas de revista com a mesma facilidade de um bom estilete.

Foi uma tarde inteira testemunhando o estranho fenômeno. Na sala com a gente, também estava um oftalmologista libanês que vinha tentando decifrar o enigma. O doutor Ahmed não sabia explicar que choro era aquele de Hasna. Como era possível as tais lágrimas de cristal não arranharem o globo ocular, não riscarem a esclera, não machucarem as córneas?

O oftalmologista estava perplexo. Não queria desacreditar a menina, mas também não encontrava na medicina explicação plausível para o ocorrido. A reportagem exibida no *Fantástico* despertou muita discussão entre especialistas no Brasil. Comoveu muita gente. E o caso Hasna causava tanto alvoroço no Oriente Médio que a Arábia Saudita resolveu intervir e destacou uma elite de médicos do consagrado Hospital dos Olhos de Riad para investigar a garota pessoalmente.

A equipe de médicos desembarcou em Beirute dois dias depois da exibição da nossa reportagem no Brasil. Buscaram Hasna e os pais dela no Vale do Beca. Ela passou um dia inteiro sendo examinada na capital libanesa até que



os médicos anunciaram, em entrevista coletiva para a imprensa local e internacional, que não haviam encontrado nada de anormal nos olhos de Hasna e que o problema só poderia estar na cabeça dela.

Sem explicar como era possível fazer aquilo sem se ferir, especialmente em se tratando dos olhos, os especialistas concluíram que Hasna é quem estava pondo, com os dedos, lascas de vidro no espaço entre o globo ocular e a cavidade óssea que o abriga. Ainda segundo os médicos, os fragmentos ficavam armazenados atrás dos olhos e, ao movimentá-los, ela conseguia chorá-los. Até hoje tudo isso ainda é muito louco para mim.

Os mesmos especialistas também implicaram o pai de Hasna na farsa, acusando-o de usar a filha para se promover. Não por dinheiro, mas por vaidade e puro desejo de aparecer. Ambos foram duramente repreendidos, orientados a voltar para casa e chorar de vergonha.

Muito bem. Voltamos ao Líbano para contar tudo isso. E novamente viajamos para o interior até a casa da menina. O pai não parecia mais aquela pessoa afável e simpática da primeira visita. Proibiu Hasna de aparecer e dar entrevista. Aliás, só conseguimos fazer uma imagem da menina porque descobrimos que ela estava escondida na casa de um vizinho.

A “farsa” do fenômeno Hasna até hoje me deixa intrigado. Pois eu vi com meus próprios olhos ela chorar muitas lágrimas de cristal. Já pensou você quebrar um copo de requeijão no chão, pegar os cacos e estilhaços de vidro e ir guardando dentro dos seus olhos para depois expelir quando bem quiser? Os olhinhos amendoados e castanhos de Hasna continuavam perfeitos, sem um único arranhão.

Nem que eu quisesse conseguiria hoje ficar cego e surdo a esse caso incrível, pois um dos restaurantes que mais gosto e frequento em São Paulo tem um garçom cuja filha se chama... Hasna! Sim. O pai me contou que deu nome à filha em homenagem à Hasna libanesa das minhas reportagens. Nem preciso dizer que ficamos amigos: o garçom e eu. Toda vez que entro na trattoria perto da avenida Paulista, pergunto ao querido Johnson: “Como vai a nossa Hasna?”. E ele: “Cheia de vida e enxergando longe”.

Não é que em junho de 2017 o mesmo garçom me manda a seguinte mensagem de texto por celular: “César, meu querido, aqui é o Johnson. Eu, por não querer atrapalhar, acabei me esquecendo de lhe falar: a Hasna deu à luz um belo garoto. Estou muito feliz e gostaria que você soubesse. Sempre foi muito atencioso. Um grande abraço.” Mundo pequeno e muito saboroso, não é mesmo?

## PREPARAR, APONTAR, DESVIAR!

Também vivi no Líbano situações bem indigestas, mas dessa vez em coberturas de conflitos armados. Foi a viagem mais perigosa e desafiadora de todas que fiz por terras libanesas. Israel estava bombardeando o sul do Líbano, e os guerrilheiros do Hezbollah atacando tropas e vilarejos do outro lado da fronteira com foguetes *katyusha*. Em apenas três dias de ataques sistemáticos e mútuos, mais de 150 pessoas haviam perdido a vida.

Ficamos dez dias no Líbano e fizemos muitas reportagens. Em uma delas, conseguimos acesso exclusivo aos combatentes do Hezbollah. Estávamos em um bairro libanês de Beirute habitado por sírios ligados à luta armada. Lá, pedimos para conversar com lideranças religiosas e manifestei o interesse de ir até a zona de conflito. Seria nosso grande diferencial, inclusive de emissoras europeias que lá estavam cobrindo o conflito fazia tempos.

Depois de muita insistência, as mesmas lideranças do Hezbollah em Beirute autorizaram nossa ida à fronteira para um encontro exclusivo com as tropas do front de guerra. Mas havia uma condição: iríamos por nossa conta e risco, sabendo que aquela era uma ação absurdamente perigosa. Condição complementar: jamais poderíamos revelar o local onde se daria nosso encontro com os guerrilheiros embrenhados no mato. Só não me contaram como eles iriam se certificar disso. Depois é que fui entender.

O caminho de Beirute até a fronteira no extremo sul do Líbano foi muito tenso, porque também estava na mira dos bombardeios. As estradas estavam todas bloqueadas, incluindo a mais importante na época, que descia rumo ao sul pelo litoral. Mesmo assim, foi por ela que nos aventuramos. Contratamos um taxista bem arrojado que aceitou fazer o caminho. Pagamos uma fortuna pela missão. À vista, adiantado, em dólares. A moeda preferida e quase única das guerras.

Enchemos o velho carro com adesivos da Globo e foi, sem dúvida, uma das experiências mais perigosas da minha vida. De um lado, víamos os navios de Israel em alto-mar apontando canhões para o continente. Nosso carro passava, e eles atiravam. Foi de fato a imagem que mais me marcou nessa cobertura: a fumaça saindo dos canhões dos navios e, logo em seguida, as explosões pertinho de nós. Se eles quisessem, de verdade, teriam acertado. Penso que faziam isso para nos assustar.

Hafez, o taxista kamikaze, pisava tudo que podia em seu carro caindo aos

pedaços. E em meio aos estrondos bélicos soltava uma frase em inglês carregada de nervosismo e sotaque: “Não se preocupe, meu amigo. Se você está feliz, eu estou feliz, e todo mundo está feliz!”. Até parece, não é, Hafez?

Israel, entretanto, não estava em um clima de ironia. Assim como também não costumava respeitar muito os carros da imprensa, dos bombeiros, ambulâncias e até mesmo campos de refugiados. Tudo para eles poderia servir de esconderijo e escudo do Hezbollah. Dias antes da nossa chegada, por exemplo, caças israelenses acertaram em cheio uma base de refugiados em Qana, matando mais de cem pessoas. Por isso, penso até hoje que foi mesmo um livramento de Deus termos sido poupados na ida à fronteira e na volta para Beirute. Teve uma mãozinha lá de cima nos protegendo de uma bomba fatal.

## NA FLORESTA COM O HEZBOLLAH

Finalmente, conseguimos atravessar a roleta-russa dos navios de guerra, em uma hora e pouco de viagem, que parecia interminável. Fomos a uma cidade chamada Tiro. Estava bem destruída. Muita gente dormia ao relento, porque as casas não tinham mais teto, e os prédios ruíam. Um horror e uma tristeza imensa. Como combinado, um pessoal nos aguardava para nos levar até o olho do furacão, onde estavam os combatentes.

Nosso motorista teve que ficar com o táxi na cidade, enquanto Sergio Gilz e eu fomos colocados no banco de trás de outro carro e devidamente encapuzados. Sabe cena de sequestro em filme? Pois foi exatamente assim. Ficaram rodando um tempão com a gente, que não fazia ideia de onde estava, nem enxergava nada. Batíamos com a cabeça no teto, por causa dos buracos, lombadas e pistas de terra. Uma agonia que parecia não acabar nunca.

Eu só ouvia os rasantes dos caças israelenses cortando o céu, um barulho aterrorizante, com som de bombas ao fundo. Em determinado momento, o carro parou, a porta se abriu, nos tiraram pelo braço e caminhamos por um longo tempo ainda encapuzados. De repente, puxaram os panos pretos dos nossos rostos e lá estávamos nós, os dois malucos, no meio de uma floresta: muitas árvores, mato alto e dezenas de guerrilheiros armados até os dentes.

Eles estavam todos paramentados, com roupa camuflada, metralhadoras, bazucas, lançadores de foguetes. Conversamos em inglês: falaram do ódio contra os inimigos israelenses, reclamavam da ocupação dos territórios palestinos e juravam lutar pela defesa do Líbano, por terra, soberania, divergências religiosas, enfim, os velhos dilemas do Oriente Médio.

Lembro que os guerrilheiros também estavam muito tensos, pegaram nosso passaporte, faziam perguntas. Foi a primeira vez que pisei de verdade em uma zona de conflito armado. Olhava para cima, para a copa das árvores, escondido ali embaixo, rezando em silêncio para não cair uma bomba na minha cabeça.

Terminadas as gravações, fomos encapuzados novamente. Era hora de voltar à cidade onde Hafez e seu velho carro nos esperavam. Finalmente, chegamos ilesos a Beirute. Conseguimos mandar o material para Londres por meio de uma agência de notícias internacional que havia montado estrutura de geração no topo de um hotel, no centro da capital. O mesmo hotel onde nós e outras equipes de TV do mundo todo estávamos hospedados, incluindo repórteres da

consagrada BBC britânica e das maiores emissoras norte-americanas.

Os colegas estrangeiros ficaram impressionados com a qualidade do nosso material, porque até então ninguém tinha ido até o caldeirão do conflito, na fronteira do Líbano com Israel, e entrevistado os soldados do Hezbollah. Para nós, da Globo, foi um golaço. Até hoje, quando passo por uma situação de estresse, em maior ou menor grau, procuro descontrair brincando: “Não se preocupe, meu amigo. Se você está feliz, eu estou feliz, e todo mundo está feliz!”.

“Paramos numa pequena cidade para gravar num hospital. Um médico que falava castelhano perguntou se gostaríamos de conhecer um campo de treinamento do Hezbollah, lugar impossível de se aproximar. Surpresa! Registramos o *irregistrável*.” – Sergio Gilz



Entrevista de Tralli com extremista do Hezbollah, Líbano, 1996.

## AS MÃES DE CHERNOBYL UCRÂNIA, 1996

Em abril de 1986, uma explosão na usina nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, gerou uma nuvem de radioatividade que pairou pela Europa. Dez anos depois, César Tralli esteve no local para revelar o abandono da cidade fantasma de Pripjat. A viagem rendeu uma série de reportagens para o *Jornal Nacional*.

Antes de embarcar para a Ucrânia, reapsei várias vezes na redação de Londres os flagrantes do inferno de uma década anterior, uma espécie de preparação psicológica e espiritual para ver de perto a usina que ficou conhecida no mundo inteiro pela catástrofe nuclear – até hoje sem precedentes na história.

Nas imagens de arquivo desgastadas pelo tempo, o incêndio consumia um dos reatores que foi derretendo sob o poder do calor das labaredas. Na sequência, cenas dramáticas de operários, sem nenhuma proteção especial, atravessando nuvens de radiação. Homens aflitos, correndo em desespero de um lado para o outro com pás e sacos de areia. Ações completamente amadoras, inúteis e suicidas na tentativa vã de conter o vazamento que despejou no ar mais radioatividade do que as bombas de Hiroshima e Nagasaki juntas.

Sobre os escombros do reator, foi erguido um poderoso sarcófago de concreto que sepultava toneladas de combustível nuclear que escaparam no acidente. Era para esse monstrengo assustador que iríamos. Por sorte, a Ucrânia experimentava uma primavera atípica naquele ano que marcava uma década da tragédia de Chernobyl.

Estava muito frio. Tinha muita neve no solo, o que ajudava a segurar a radiação e facilitaria a visita às instalações e os deslocamentos pela usina e áreas atingidas ao redor dela, um perímetro de segurança nacional e sob controle total das Forças Armadas.

Em contato com o governo ucraniano, nossos competentes produtores do escritório de Londres costuraram a nossa visita.

## “PERDOA AOS VIVOS”

Da capital Kiev, Paulo Pimentel e eu viajamos de carro até uma base militar perto de Chernobyl. Chegando lá, recebemos roupas, botas especiais e uma série de recomendações. Dentre elas, seguir rigorosamente as ordens de quem nos acompanharia. Cada passo seria cronometrado e seguido de perto por aparelhos de medição de radiação. Em alguns pontos da usina, só poderíamos ficar no máximo dois minutos do lado de fora do ônibus militar. E assim foi nossa aventura por Chernobyl.

A gente descia, Paulinho fazia imagens, me filmava contando algo sobre o local e logo partíamos. O barulho do equipamento de mão – um bip em sequência – era ensurdecedor, e a gente não podia vacilar. Havia uma energia muito ruim, bem pesada, no ar. Energia negativa nesse nível eu só havia sentido antes nas rebeliões de presos que cobri em cadeias earceragens superlotadas de delegacias de São Paulo.

No entanto, não foi o sarcófago nem o que restou da usina nuclear em si que mais me perturbaram. O choque maior mesmo foi quando entramos na vila operária de Pripyat, uma pequena cidade erguida ao lado de Chernobyl para acolher as famílias dos trabalhadores da usina. Cinquenta mil pessoas moravam ali quando ocorreu a tragédia. Dez anos depois, encontramos uma vila fantasma, com todas as marcas do passado de quem viveu em Pripyat.

Na entrada do vilarejo, uma frase de saudação aos visitantes parecia o prenúncio da desgraça que estaria por vir: “Perdoa aos Vivos”. Das ruas asfaltadas e desertas, dava para ver apartamentos mobiliados, com lustres, mesas de jantar, janelas abertas e cortinas esvoaçantes. Nos quintais, ainda havia roupa estendida no varal. Nas garagens, carros e bicicletas cobertos por camadas de poeira. Vimos brinquedos jogados nas calçadas, padarias e farmácias sem ninguém. Tudo muito escuro e sombrio.

O momento mais tocante, mais triste mesmo, foi quando entramos na escola infantil e no jardim de infância. Cadernos, canetas e lápis... ainda em cima das carteiras. Nas paredes das salas de aula, desenhos feitos pelas crianças, assinados por elas, com o nome e a idade de cada uma. Na cantina, o cardápio da merenda fixado no fogão comido por ferrugem. Panelas, pratos, colheres, mantimentos... Tudo esparramado pelo chão.

O coração apertou ainda mais no pátio. Máscaras de gás se misturavam a carrinhos, soldadinhos de chumbo e bonecas de pano. Dava para imaginar o

que tinha ocorrido e os dias seguintes à debandada geral. Muitos meninos e meninas da escolinha e do jardim de infância morreram intoxicados pela fumaça da usina em chamas e por doenças provocadas pela radiação. Uma tragédia que se abateu sobre milhares na Ucrânia e em vários países europeus.

Tudo em Pripyat eram sinais de uma fuga em massa desesperada. Até o último minuto, as autoridades de Chernobyl e da Ucrânia tentaram minimizar as dimensões do acidente. Fizeram o máximo para esconder a gravidade do problema. Quando não deu mais, já era tarde. Enquanto andava pela vila fantasma, eu ficava imaginando a agonia de seus moradores. De repente, receberam uma ordem para abandonar tudo às pressas, sem olhar para trás, sem poder sequer fazer as malas. Aí vem o medo, a impotência, a insegurança. E a fuga. Muitos ali fugiram condenados a morrer, vítimas da radiação.



## MÃES DE CHERNOBYL

Na saída das gravações em Pripjat, nós nos deparamos com um ônibus lotado de mulheres. Muitas eram sobreviventes da tragédia. Outras vinham de mais longe. E todas elas exibiam fotos de filhos, maridos e parentes derrotados por todo tipo de câncer em decorrência do acidente nuclear. Eram as mães e viúvas de Chernobyl.

Uniram-se na solidão e na dor. Rodavam a Ucrânia e países vizinhos em protesto contra a falta de apoio e o abandono do governo ucraniano que, segundo elas, não lhes pagava pensão nem dava assistência às famílias das vítimas. Denunciavam também os perigos da energia nuclear em mãos irresponsáveis.

Entrevistamos algumas delas. Duas mães em particular estavam muito fragilizadas. Carregavam álbuns de fotografia dos filhos que morreram de câncer. Elas me abraçavam, abraçavam também o Paulo Pimentel e choravam como se nós fôssemos pessoas da família ou capazes de dar um jeito naquela agonia eterna.

Elas precisavam desabafar, dividir o sofrimento. E assim o fizeram. Lembro bem que olhei para o Paulinho com ar de luto e desolação, e começamos os dois a chorar também com aquelas mulheres. Impossível esquecer Chernobyl.

“Com o reator ao fundo, Tralli gravou a ‘passagem’ mais rápida de sua carreira: o contador Geiger estalava sem parar. Na cidade fantasma, filmamos a escola sem alma. Nas redondezas, as mães ucranianas, as *babushkas*, tristes se esforçavam para sorrir aos visitantes da televisão brasileira.”  
– Paulo Pimentel

## MORTE DA PRINCESA DIANA PARIS, 1997

A princesa de Gales, Diana, morreu em um acidente de carro, em Paris, em agosto de 1997. Lady Di, a “princesa do povo”, estava acompanhada do namorado, Dodi Al-Fayed. César Tralli estava de plantão no escritório de Londres e deu a notícia ao vivo. Horas depois, chegou a Paris para acompanhar o caso.

Diana era um tsunami midiático. Um acontecimento sem igual no mundo dos *flashes*, do glamour, do interesse público mundial. A jovem princesa era endeusada e perseguida pela mídia, idolatrada e imitada por milhões de fãs nos cinco continentes, detentora de fama e glória singulares. Em Londres, estávamos acostumados a seguir os passos dela antes, durante o casamento, e ainda mais depois da separação do príncipe Charles.

Com Diana no papel principal, a família real britânica do século XX virou uma grande novela de audiência global. Eu vi a princesa algumas vezes na rua, mas era simplesmente impossível tentar chegar perto. Assim como parecia ainda mais impossível acreditar no que estaria por vir.

Fim da noite de sábado, 30 de agosto de 1997. Eu estava de plantão na redação em Camden Town editando uma reportagem para o *Fantástico*. A Globo transmitia um jogo da seleção brasileira com narração do Galvão Bueno. Na tela do meu computador, começaram a pipocar notícias sobre um grave acidente de trânsito em Paris envolvendo ninguém menos que a princesa Diana. Comecei a sentir um frio na barriga. E ainda não havia nenhuma informação exata sobre o estado de saúde dela.

Tínhamos já naquela época uma redação muito bem equipada em Londres, que nos permitia fazer entradas ao vivo sempre que necessário. A urgência foi total naquela noite interminável. O Galvão me chamou no intervalo do primeiro tempo: “Vamos até o escritório da Globo em Londres, com notícias sobre um acidente que envolve a princesa Diana”. Pela diferença de fuso horário, entro eu, ao vivo, na madrugada de domingo, dia 31.

Foram vários boletins atualizados com o que ia chegando a conta-gotas de informação confiável e checada. Não demorou muito para o choque mundial. Fomos uma das primeiras emissoras do mundo a anunciar a confirmação da morte de Diana. Pouco tempo depois, na mesma madrugada de domingo, corri

para casa, fiz uma trouxa de roupas e embarquei no primeiro trem que cruzaria o Canal da Mancha rumo à capital francesa.

Chegando lá, foi aquela loucura típica de coberturas tensas, extensas, disputadas e prioritárias. Peregrinamos por vários endereços: o local do acidente; dentro do túnel da praça d'Alma, o hospital para onde o corpo havia sido levado; e as coletivas da polícia, sempre procurando esclarecer o que tinha acontecido. O *Fantástico* praticamente inteiro daquele domingo, 31 de agosto, foi sobre a princesa, com quase todos os nossos correspondentes em Londres e Nova York repercutindo a notícia trágica.

Passei seis longos dias em Paris, dormindo em média três horas por noite, tamanha a demanda dos nossos telejornais. Do *Bom Dia Brasil* ao *Jornal da Globo*, com grandes reportagens diárias para o *Jornal Nacional* e ainda um *Globo Repórter* especial sobre a princesa para a sexta-feira. Todo mundo queria tudo para ontem.

Para a minha reportagem especial do *Globo Repórter*, contratamos dois motoboys em veículos possantes – os mesmos modelos usados pelos *paparazzi* – e fizemos uma minuciosa reconstituição dos minutos finais de Diana no trânsito de Paris. Partimos do luxuoso hotel Ritz, onde ela estava hospedada com o namorado egípcio e de onde saiu para nunca mais voltar. Contornamos a praça da Concórdia; no fim dela saímos à direita para a pista de mão dupla que acompanha o curso do rio Sena. Seguimos pela La Reine em direção ao Trocadéro. Passamos sob a ponte Alexandre III, depois debaixo da ponte dos Inválidos até alcançar o estreito túnel sob a praça d'Alma. Quem escolhera esse trajeto havia sido o chefe da segurança do Ritz, que decidiu ele próprio assumir a direção da Mercedes que levava no banco de trás Diana e o playboy milionário Dodi Al Fayed, o herdeiro do hotel. O casal queria ir até a casa de Dodi, próximo ao Arco do Triunfo, mas os *paparazzi* não desgrudavam deles.

Refizemos o trajeto várias vezes. Chegamos a atingir 120 km/h na reta da avenida La Reine, próximo ao local do acidente fatal. A sensação de insegurança na pista estreita e de asfalto irregular foi o bastante para compreender que, na velocidade com que a Mercedes se chocou contra as pilastras do túnel – a mais de 180 km/h de acordo com a perícia –, seria realmente muito fácil que o motorista tivesse perdido a direção.

Um mínimo descuido resultaria em desgraça. Se ainda levarmos em consideração que o homem ao volante, Henri Paul, tinha excesso de álcool no sangue e possivelmente nem sentiu que estava quase decolando com a

Mercedes blindada s500, é totalmente plausível a conclusão da polícia francesa de que Diana foi vítima de acidente de trânsito, provocado por motorista bêbado.

Nada se provou até hoje em sentido contrário. Na época, falamos de todas as teses conspiratórias que tentavam justificar a morte da princesa mais cobiçada do mundo. De atentado terrorista a um mirabolante suposto complô do Palácio de Buckingham que desaprovava o namoro de Diana com o magnata de ascendência árabe e família islâmica. Eram todas especulações, as mais fantasiosas e furadas, que de certa forma tentavam justificar – no imaginário dos pobres mortais – como fora possível que aquela princesa belíssima, no auge da fama, tivesse morrido de forma tão estúpida e chocante.

Pois foi sim uma série de infelizes coincidências: um motorista inexperiente e irresponsável – afinal, Henri Paul era segurança –, e o túnel da praça d’Alma era o único naquele longo trecho à margem do Sena que tinha pilastras de concreto separando as duas pistas.

E bem ali onde a Mercedes bateu com tudo, virando sucata, não havia *guard rail*, uma mureta, nada que servisse de anteparo. Ou seja: a tragédia não era uma possibilidade remota. Diana estava no lugar errado, na hora errada, com as companhias erradas. Perdeu a vida na Paris dos românticos, ao lado do namorado, e sob a Chama da Liberdade na praça d’Alma, um monumento aos membros da resistência francesa na Segunda Guerra Mundial. No mesmo domingo do acidente, o local se transformou em parada obrigatória de centenas de fãs, que deixavam flores, cartas e bilhetes de despedida.

Agora, em termos de comoção coletiva, nada se compara ao que encontrei na volta para Londres. Os preparativos do funeral de Diana simplesmente paralisaram a Inglaterra. Um mar formado por pétalas de rosas, flores, bichos de pelúcia, cartões e cartazes cobriu o gramado do palácio de Kensington, residência oficial da princesa; as extensas grades do Hyde Park; do palácio de Buckingham; os postes; os bancos de praça.

Nada menos do que 2,5 bilhões de pessoas em todo mundo acompanharam as cerimônias fúnebres pela televisão. Até hoje, foi um dos maiores acontecimentos televisionados do planeta. O que vi e senti em Londres me remeteu a outra cobertura de absoluta carga emocional: o enterro de Ayrton Senna, em maio de 1994. Eu tinha 23 anos e era repórter da Globo, em São Paulo. Quem não se lembra do Brasil de luto pela morte do nosso herói máximo? O caixão coberto com a bandeira nacional, seguindo em carro aberto dos bombeiros pelas ruas e avenidas de São Paulo até o cemitério do

Morumbi. A maior cidade brasileira estava literalmente aos prantos. Multidões assistiram à passagem do cortejo. O país parou para dar adeus ao tricampeão da Fórmula 1, orgulho nacional.

Na Inglaterra, foi igual com o funeral de Diana. Os ingleses choravam pelos cantos, de mãos dadas, abraçados, trocando palavras de consolo, confortando uns aos outros, como se todos pelas ruas se conhecessem, pertencessem à mesma família e se pusessem a chorar juntos a perda de um parente querido. Assim como o nosso Ayrton Senna, a princesa Diana partiu deste mundo no ápice da fama, da glória e da juventude. Ambos morreram de forma trágica. Essas coberturas jornalísticas me comoveram profundamente.



César Tralli, o produtor Edson Nascimbeni e Paulo Pimentel cobrem as homenagens pela morte da Princesa Diana, Londres, 1997.

## SOLTEIROS DA VILLAMIEL ESPANHA, 1997

Em 1997, César Tralli esteve duas vezes em Villamiel, no interior da Espanha. Para o *Fantástico*, ele e os repórteres cinematográficos Paulo Pimentel e Sergio Gilz revelaram um vilarejo onde a população era predominantemente masculina. Os moradores se reuniram e realizaram uma festa para atrair futuras esposas.

Imagine a seguinte situação: um lugar onde os homens enfrentam uma secura danada de mulher e aí você chega nesse local com um cinegrafista também do sexo masculino. Quem te espera está numa ansiedade só, e a pessoa olha para a dupla com aquele olhar de frustração e ironia, antes de disparar: “Puxa vida, nem para mandarem uma mulher!”. E todos caem na gargalhada.

A reação do presidente da Associação dos Solteiros de Villamiel foi um aperitivo do que estava por vir. Pensei comigo mesmo, feliz: acertamos em cheio na pauta. Dias antes estava eu na nossa redação em Londres lendo os tabloides ingleses, quando em um deles me deparei com uma nota de canto de página que repercutia um anúncio bizarro publicado originalmente nos classificados de jornais portugueses. Era algo assim: “Nós, homens solteiros de Villamiel, procuramos desesperadamente pretendentes. As interessadas estão convidadas para uma belíssima festa no vilarejo com tudo pago”. E ao convite inusitado seguia-se data, local e horário da festa. Quando li, quase enlouqueci e gritei, extasiado: “isso é sensacional!” A direção do *Fantástico* no Rio também pirou com a sugestão de reportagem. Bingo!

Viajamos Paulo Pimentel e eu para Lisboa e, de lá, seguimos algumas horas de carro, cruzando a fronteira espanhola. Na época, era o caminho mais prático para chegar à aldeia de ruínas medievais, encravada nas matas virgens da Sierra de Gata. A Associação dos Solteiros reunia 107 rapazes – a maioria donos de pequenos comércios ou propriedades rurais. Eles enfrentavam uma maldição. Por alguma má sorte do destino, de cada dez nascidos em Villamiel, oito eram do sexo masculino. O desequilíbrio matemático se repetia fazia algumas décadas, e a conta chegou bem cara: simplesmente estava faltando mulher no pedaço.

Para complicar a realidade da população masculina, a maioria das poucas jovens preferia estudar fora, em cidades maiores, buscando independência

financeira e ambições de progresso. As moças queriam também o agito das faculdades, dos bares, da noite de Madri e Barcelona, por exemplo, não mais a calmaria fúnebre do vilarejo da Extremadura, uma das regiões mais fechadas da Espanha. Em Villamiel, telefone ainda era artigo de luxo. Os poucos habitantes que tinham o aparelho só o compartilhavam em caso de emergência.

Diante da escassez feminina, acreditei piamente que estávamos levando esperança aos solteirões. Contamos na reportagem de apresentação quem eles eram, mostramos suas famílias, o modo de viver, a gastronomia, as tradições culturais e o desejo de amar e serem amados.

Logo depois do apelo exibido no *Fantástico*, começou a chover pretendentes brasileiras na horta dos espanhóis. As linhas da Globo congestionaram. E, em Villamiel, a enxurrada de interessadas chegou por fax. O aparelho da prefeitura do vilarejo quase pifou de superaquecimento. Foi preciso organizar uma vaquinha emergencial entre os solteiros, amigos e parentes para comprar mais rolos de papel.

Eram brasileiras de todas as regiões do país, de todas as idades, estado civil e formação. Elas mandavam fotos; muitas, a ficha completa, incluindo até mesmo cópia do RG e do passaporte. Tinha de tudo um pouco: separadas, divorciadas, encalhadas, viúvas, mães solteiras, menores, maiores, mulheres de meia-idade, de idade mais avançada. Uma loucura.

Os consulados da Espanha em território nacional amanhecera a segunda-feira com filas de candidatas dispostas a conhecer os solteirões. Para isso, buscavam informações sobre como viajar para Villamiel. A repercussão da reportagem do *Fantástico* foi tão estrondosa que mereceu uma ampla reportagem para o *Jornal Nacional*. Rendeu também o nosso retorno à cidadezinha dos homens carentes.

## DE VOLTA A VILLAMIEL

A equipe do *Fantástico* no Rio teve uma sacada genial. Pediu às afiliadas da Globo em várias regiões do país para gravar depoimentos de mulheres interessadas nos solteirões. O material foi gerado para Londres. Juntamos tudo numa fita de VHS e lá fomos nós de volta à Espanha. Não conseguia conter a expectativa.

Chegando lá pela segunda vez, fomos recebidos com festa. Nessa viagem, fui acompanhado de Sergio Gilz. Seguimos direto para a escola municipal, onde uma TV, um aparelho de videocassete e uma sala lotada já nos aguardavam. Ficou gente do lado de fora. A associação dos solteiros compareceu em peso, sem uma única ausência.

Olhos arregalados, sorrisos que saltavam da alma, corações em ritmo de bateria de escola de samba. Na televisão, cenas em close de pretendentes de norte a sul do Brasil. Elas se apresentavam, eles suspiravam. Elas sorriam, eles se derretiam nas cadeiras. Algumas endereçavam elogios a rapazes mostrados na primeira reportagem. Os alvos das cantadas queriam evaporar de tanta timidez. A sala inteira aplaudia. Foi demais.

Sobraram juras de amor, esperança real de relação correspondida, agendas preenchidas às pressas com endereços e telefones de candidatas brasileiras. Enfim, expectativa total e positiva em relação ao futuro. Eles pensavam: “Agora a gente tira a barriga da miséria de vez, descongela o coração e vai viver pelo e para o amor”.

Aquela altura, já tinha corrido o mundo a notícia sobre uma vila na Espanha onde os homens procuravam mulheres desesperadamente. Até equipes de TV do Japão se interessaram em visitar Villamiel. O assédio vinha de todos os lados.



## RECUO DOS SOLTEIROS

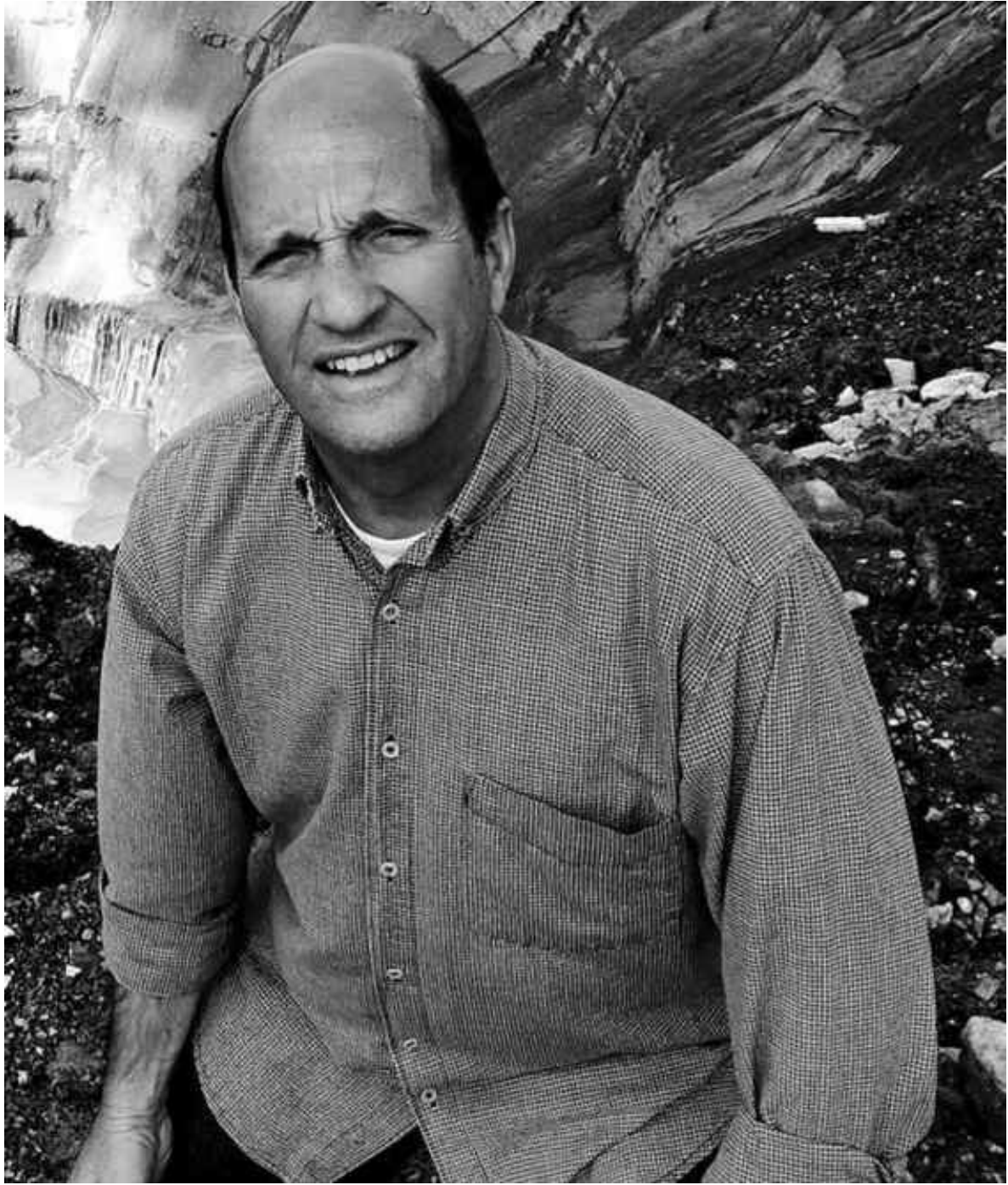
Mas, pasmem... Apesar da fartura, do milagre da multiplicação feminina, do tanto de mulheres que pareciam cair do céu, sabe o que aconteceu um mês depois da sessão de vídeo na escola de Villamiel? Quase nada. Inacreditável. Telefonei ansioso por notícias do presidente da Associação dos Solteiros. Constrangido, José Ramos respondeu que por pouco não foi agredido pelos amigos. Não parecia o mesmo Zé engraçado e falante dos dois encontros ao vivo.

A grande verdade, segundo ele, é que os solteiros não estavam preparados para essa sacudida geral na rotina historicamente pacata da cidade. Além do mais, as candidatas brasileiras não tinham condições de pagar pelas viagens. E eles temiam viajar para o Brasil e se decepcionar. Telefone, como eu disse anteriormente, era raridade. Por carta, ficava tudo mais difícil e demorado. Ou seja: foi fogo de palha.

Eles se empolgaram, mas logo depois se assustaram. Venceu a insegurança coletiva. Mas e o sonho de namorar, casar, arrumar mulher? Como é que ficava também o temor de continuar solteiro pelo resto da vida? Bem, parece que um ou outro levaram o desejo adiante e de fato estavam se relacionando com mulheres brasileiras. José Ramos não quis entrar em detalhes, talvez por medo de que eu sugerisse regressar ao vilarejo para uma terceira reportagem, quem sabe?

O representante dos solteiros tentou se justificar dizendo que eles não tinham estrutura psicológica nem grana para levar os contatos e o assédio feminino adiante. Terminamos a conversa telefônica chegando à mesma estranha conclusão: não seria mais por falta de oportunidade que os rapazes continuariam fadados à eterna solteirice, mas por puro medo, por pura falta de coragem para arriscar uma mudança de vida. Refugaram.

Para mim, a fantástica história dos espanhóis solteiros foi um mestrado em psicologia, sociologia e antropologia. Com medo, não se chega a lugar algum. Em algumas situações, como em Villamiel, nem do lugar se sai.



MARCOS UCHOA

CURIOSIDADE E BUSCA PELO CONHECIMENTO. Desbravador de lugares distantes e culturas exóticas, Marcos Uchoa tem no currículo um número extenso de reportagens que ensinam a conhecer melhor o mundo. Em suas coberturas, seja no esporte, em conflitos ou no carnaval, a intenção é informar e emocionar. E é isso que o carioca tem feito há 35 anos: traduzir para o telespectador os sentimentos das pessoas diante de alegrias e tragédias tanto no Brasil quanto no exterior.

Marcos Uchoa Cavalcanti nasceu no Rio de Janeiro, em 1º de julho de 1958. Sua mãe foi professora de inglês e psicanalista. Perseguido pela ditadura militar, o pai, professor de sociologia, passou dezesseis anos no exílio, em diversos países. Foi assim que, bem cedo, Uchoa começou suas viagens pelo mundo e, aos dezenove anos, falava inglês, francês, italiano e espanhol. Suas andanças já o levaram a 115 países.

Antes de escolher seguir a profissão de jornalista, Uchoa fez faculdade de Sociologia e Medicina, mas não concluiu nenhum dos dois cursos. No primeiro emprego, numa companhia aérea francesa, aprendeu a trabalhar sob pressão, sem poder errar. A experiência o ajudou no início da carreira de repórter esportivo em 1983, na TV Manchete. Logo em seguida, foi escalado para os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, e dois anos depois, para a Copa do Mundo no México.

Em 1987, Marcos Uchoa passou a cobrir esporte na Globo. No ano seguinte, embarcou para as Olimpíadas de Seul. Terminado o evento, ele decidiu aprender russo, porque nenhum repórter conseguira entrevistar os atletas que ganharam um terço das medalhas. A habilidade fez com ele se tornasse um dos principais nomes do jornalismo da Globo na Copa do Mundo da Rússia, em 2018.

Uchoa foi convidado em 1996 para ser correspondente internacional no escritório de Londres, onde ficou até 2007. De lá, cobriu o tsunami do sudeste da Ásia; a eleição de Ahmadinejad, no Irã; os dez anos do fim da Guerra da Bósnia; o terremoto na Caxemira, fronteira entre o Paquistão e a Índia; e o lançamento do foguete que levou ao espaço o astronauta brasileiro, Marcos Pontes. Com o desenvolvimento da internet e o kit correspondente, cobriu a Guerra do Iraque com entradas ao vivo nos telejornais da emissora.

Após três anos no Rio de Janeiro como repórter especial, Uchoa voltou à

Europa, dessa vez como correspondente da Globo em Paris. Acompanhou a eleição do papa Francisco, o tsunami que assolou o Japão, a guerra civil na Líbia e a guerra no Afeganistão. Terminado esse período, retornou ao Brasil, onde cobriu a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, tendo se dedicado desde então às coberturas esportivas da Globo.



## LONDRES, 1996 – 2007

Vivi em Londres de 1996 a 2007. Estive fora da Globo entre 1998 e 1999, cuidando dos filhos e namorando minha mulher. Como correspondente, viajava muito. Cobria basicamente esportes, então acompanhava as corridas de Fórmula 1, as lutas do Mike Tyson, milhões de coisas.

O dia a dia de um correspondente internacional é um trabalho privilegiado, porque você tem à sua disposição imagens de várias agências de notícias e uma variedade de jornais da Europa inteira. Então, você lê aquilo ali, tem uma quantidade de informação e de gente brilhante escrevendo coisas superinteressantes. Só esse trabalho, eu acho que já vale muito, que é você ser um pescador de histórias, de enfoques, de sacadas. Em seguida, é preciso organizar tudo aquilo para o público brasileiro. O grande barato de ser correspondente internacional é que você só pega o filé mignon. Se você fizer esporte, vai cobrir o jogo da seleção, a final do Guga no tênis. E eu sempre aproveitava essas viagens para fazer outras matérias gerais. É uma busca incessante pelo conhecimento. A pessoa deve se preparar para falar mais de uma língua. Só inglês não é suficiente. E é preciso ler muito. Reportagem é isso, um trabalho de cartografia: um mapa é algo abstrato, mas tudo tem que estar ali representado. Ainda que em escala muito menor, tudo tem que estar ali.

## GUERRA DO IRAQUE, 2003

Em 19 de março de 2003, os Estados Unidos, aliados à Inglaterra, iniciaram os bombardeios a Bagdá, deflagrando mais uma guerra no Golfo Pérsico.

Desde 2002 sabíamos que Bush estava querendo invadir o Iraque. Já não havia mais o que bombardear no Afeganistão, e Bush queria, tanto ideológica quanto pessoalmente, atacar Saddam Hussein. Ao longo de 2002, houve uma grande cobertura por parte da imprensa mundial sobre o que se fazia na ONU: o apoio da França e da Inglaterra à ação norte-americana e as queixas de abandono por parte do Iraque. Durante todo o ano, reportamos a possibilidade de um ataque, embora a situação fosse aos poucos se intensificando: os norte-americanos foram colocando suas tropas no Kuwait e fazendo tentativas para conseguir atacar também pela Turquia. Perto de a guerra começar, o parlamento turco disse que não permitiria que isso acontecesse, tanto que o ataque aconteceu só pelo Kuwait.

Trabalhar em Bagdá nessa época era muito difícil. Sempre tinha alguém do governo ao seu lado dizendo o que você podia ou não gravar. Como eu estava acompanhando tudo, sugeri que fôssemos para Bagdá no início de março. A verdade é que a guerra iria explodir de qualquer maneira, até por uma questão do sol, literalmente. Os americanos e os ingleses não podiam ficar mais tempo esperando para atacar porque estava esquentando, e o calor ficaria insuportável. Não se poderia fazer uma invasão no auge do verão e, em maio, não daria mais. Eles invadiram o Iraque no meio de março. Quando nós chegamos, eles ainda estavam no Kuwait, com aquela coisa de “vai atacar”, “não vai atacar”, e aquela mentirada toda de que ainda estavam tentando uma solução pacífica na ONU. Mentira. Em nenhum momento isso foi sério. Tanto que atacaram sem que as Nações Unidas aprovassem a ação.

## KUWAIT

Nesse começo, cobríamos as tropas norte-americanas e britânicas, as ameaças e o medo da população do Kuwait. Na época, dizia-se que Saddam teria armas químicas de destruição em massa. Um pouco antes de embarcarmos, Carlos Henrique Schroder, então diretor de Jornalismo, sugeriu que fizéssemos um curso de preparação para zonas de guerra. Era um curso oferecido por ex-oficiais do Exército britânico, no interior da Inglaterra. Os alojamentos eram no campo. No caminho, entrou um carro na nossa frente, saiu um monte de gente encapuzada, com armas, abriram a porta e nos jogaram no chão. Depois botaram um capuz na nossa cabeça, para não vermos nada. Os homens gritavam o tempo todo, como se fosse realmente um sequestro. É claro que nós sabíamos que não era, mas você tinha que ficar lembrando: “Isso não é um sequestro, não é verdade”. Mesmo assim, seu coração vai a mil.

Nesse curso, ficamos sabendo das mentiras de Hollywood, digamos assim: quando você ouve um tiro, não tem a menor noção de onde vem. Só em filme que o cara percebe logo de cara esse tipo de coisa. E ainda há aquelas questões: “Não fique atrás de uma parede, não fique atrás de um carro. Não ache que você vai se proteger com isso. Jogue-se no chão. A sua melhor chance é ficar deitado, com a cara no chão”. E nós fomos assimilando. Uma das coisas que tivemos que aprender era vestir a roupa e a máscara de gás, em caso de uso de armas químicas. Eu me lembro de brincar com o Sergio Gilz, achando que morreria, porque é preciso fazer isso muito rápido. O perigo não é só você respirar o gás, mas ele entrar em contato com a sua pele. Então, na verdade, se a bomba cair perto de você, já era.



## SOB AMEAÇA CONSTANTE

A imprensa mundial toda estava no Kuwait. Era onde dava para ficar. Muito pouca gente ficou em Bagdá. A maioria teve que sair, ou porque foi expulso ou porque era de televisão, e não dava para trabalhar lá porque era obrigatório estar sempre acompanhado de agentes do Saddam, aqueles caras que diziam o que você podia ou não gravar. Pouco depois, a guerra começou. O Exército norte-americano matou uma equipe britânica no primeiro dia. Era uma equipe da WTN, que estava com o carro todo cheio de adesivos escritos “imprensa”. Mas eles pararam perto de alguns soldados iraquianos que estavam se rendendo, e os americanos mataram todo mundo. Quer dizer, o repórter sobreviveu e foi posto numa ambulância pelos iraquianos. Assim que a ambulância saiu, o Exército americano atacou a ambulância e matou o repórter. Foi extremamente chocante, mas serviu de recado, claro: os americanos não querem equipe de ninguém andando por ali para fazer jornalismo independente. E eles não só fizeram isso, como obrigaram o Exército kuwaitiano a fechar as fronteiras.

## FRONT DA MÍDIA

Na guerra, existem dois fronts: o militar e o da mídia. Você tem que convencer as pessoas de que está certo, e o outro está errado. Nessa área, do lado americano, havia muita desinformação, muita mentira. Isso nos causava um problema: poderíamos repetir uma mentira em nossa cobertura? E como checar as informações? Claro, muitas vezes, reportávamos assim: “Segundo o Exército norte-americano, tal coisa aconteceu”. Mas chega uma hora que você também não consegue falar, a cada vírgula, “segundo o Exército norte-americano”.

Eu me lembro de que entramos ao vivo dando uma informação que depois se mostrou mentirosa. Certa vez, informamos que os norte-americanos iriam enfrentar uma coluna de tanques da Guarda Republicana – um corpo de elite do Exército iraquiano. Isso nunca aconteceu. Eles estavam justificando um momento em que seu ataque acabou empacando por alguns dias por terem encontrado mais resistência do que esperavam. Eu me lembro da história da Jessica Lynch, a soldado norte-americana que teria sido presa. Nunca existiu tiroteio, foi um acidente: o caminhão tombou, e ela foi tratada por médicos iraquianos. Jamais foi torturada. A quantidade de mentiras dos dois lados era muito grande, e a gente ali no meio, vulnerável, querendo tentar separar o joio do trigo.

VOCÊ VEIO DE ONDE?

À medida que a guerra terminava, os americanos e os kuwaitianos organizavam uma excursão dos jornalistas para ver o Iraque liberado. Nós levamos colete à prova de balas. Alguns mísseis caíram no Kuwait. Havia certo perigo, aquelas sirenes todas, mas não tinha por que ficar andando de colete. Nessa excursão a Safwan, os kuwaitianos levaram um caminhão com víveres para a população faminta apenas para mostrar: “Olha como somos bonzinhos: estamos atacando, matando vocês, mas somos bonzinhos”.

Houve um safári de jornalistas, inventando um perigo que não existia. O que cobrimos, de fato, foi essa distribuição de cestas básicas. Só que a coisa era feita de uma forma humilhante para a população. Eles jogavam caixas no chão, como se as pessoas fossem bichos; e elas, necessitadas, se jogavam no chão para pegá-las. Nessas horas, os homens se sobressaem, as mulheres sofrem, não têm força para disputar, e os velhinhos não chegam nem a tentar. Comecei a fazer uma reportagem, mostrando que isso não era maneira de tratar gente – o ponto de vista dos iraquianos era esse, havia várias pessoas revoltadas com o ataque e, agora, com a maneira como as estavam tratando.

## ENTRANDO NO IRAQUE — PRIMEIRA TENTATIVA

Tentamos entrar sozinhos no Iraque. Do Kuwait para a fronteira do Iraque, havia três barreiras do Exército kuwaitiano, que não deixava ninguém passar. Consegui combinar com uma equipe da Arábia Saudita, uma da televisão francesa e outra da televisão portuguesa de cruzarmos a fronteira por dentro do deserto. Na última entrada, não haveria jeito, precisaríamos atravessar uma barreira.

Por causa da Guerra do Kuwait, em 1991, havia uma espécie de fosso na fronteira, quase no estilo medieval: não dava para atravessar por dentro, havia campo minado. Por esse caminho, evitaríamos dois controles e só tentaríamos passar pelo último. Eu tinha confiança de que, com uma foto autografada do Ronaldo Fenômeno que eu tinha na bolsa – em 2003, ele estava no auge da fama –, conseguiria abrir portas. Fizemos a entrada ao vivo para o *Jornal Nacional*, enchemos o carro de gasolina – era preciso andar com gasolina e com água no carro. Não havia outro jeito, não existem postos abertos no meio de uma guerra, ou pelo menos não é fácil encontrá-los. Você se torna uma bomba ambulante, mas esse é o jeito, senão não tem como andar. E entramos no deserto.

Telefonei para o Rio, para avisar que eu estava tentando entrar no Iraque. Meu contato na época era a Márcia Menezes, então chefe de produção dos telejornais da rede. Ela disse: “Olha, acho que isso não vai dar certo, não”, e falou com o Schroder, que nos mandou voltar. Eu fiquei chateado, mas voltei, e continuamos cobrindo do Kuwait.

## A CAMINHO DE BAGDÁ

Conseguimos entrar no Iraque quando os americanos já estavam em Bagdá. Fomos a um banco trocar dinheiro, e o Sergio ficou batendo papo com o pessoal de lá. Alguém comentou que a caixa fazia aniversário. Ele, então, saiu, comprou uma flor e entregou para a moça. Ela contou ao Sergio que o irmão dela, Omar, trabalhava como tradutor para o Exército britânico. O rapaz estava em Baçorá, mas queria voltar. E tinha uma história melhor ainda: um amigo dele, o kuwaitiano Iaclub, era casado com uma iraquiana, e o casal não se via desde 1991. Depois que o Iraque invadiu o Kuwait, um kuwaitiano não podia ir ao Iraque, não tinha autorização. Então, esse cara não encontrava a mulher havia doze anos e estava louco para revê-la. Ele tinha lugar para ficar em Baçorá e em Bagdá. Eu falei: “Sensacional!”.

Desde o começo, eu não queria ficar em hotel em Bagdá, queria ir para a casa de uma família, justamente para mostrar como era viver sob o regime de Saddam Hussein, sob todos aqueles ataques. Desde 1991, já tinha havido mais de quatro períodos com ataques de mísseis a Bagdá – como é sobreviver a isso? Seria um achado ficar com uma família.

Enchemos o carro de gasolina e de água. Como os americanos eram muito nervosos com o dedo no gatilho, e atiravam em qualquer coisa, falei: “Eu não quero morrer porque alguém não entendeu que era para parar. Se eu morrer, será por minha culpa”. Por isso eu dirigia, e Iaclub ia ao meu lado; atrás de mim, seguiam o Sergio e o Omar.

Paramos para comer e fazer uma entrada ao vivo para o *Bom Dia Brasil* no meio de um descampado com tanques destruídos. Era longe, já estava no final da tarde quando chegamos a Bagdá. Escurecia, e eu perguntava ao Iaclub como faríamos para chegar à casa da mulher. “Ah, continue seguindo. Fica no caminho do aeroporto”, era a resposta dele. Eu me lembro de chegarmos a Bagdá e ser uma coisa meio surrealista: de um lado, havia vários prédios destruídos e pegando fogo, patrulhas do Exército norte-americano com soldados armados, um cenário de guerra total; do outro lado, campinhos de futebol, e o pessoal jogando bola. Mas não tínhamos tempo de parar e gravar: sabíamos que Bagdá não tinha luz, e era perigosíssimo quando anoitecia. Continuava havendo combates na cidade.

Chegamos a uma pracinha cheia de gente, Iaclub perguntou pela mulher, e as pessoas balançaram a cabeça negativamente.

Eu falei: “Iaqub, vamos agora para o hotel”. Ele insistiu: “Não, última chance. Volta para aquela rua. Em vez de virar à direita, vamos virar à esquerda”. Fizemos isso, chegamos a outra pracinha onde tinham acabado de instalar um gerador roubado de um dos palácios do Saddam Hussein. Como não havia eletricidade, aquilo valia ouro. O gerador era imenso. Iaqub, então, falou com um cara, que falou com outro, e apareceu um que era da família da mulher dele. Aquela coisa: abraça, beija. Chegamos.

Fomos conhecer a família. E foi incrível. Era uma casa com dezesseis pessoas. Eles nunca tinham visto laptop, câmera, estrangeiros. Era como se o circo tivesse chegado à cidade. Eles nos ofereceram o melhor quarto da casa, ao lado da cozinha – dormíamos eu e o Sergio na cama de casal, o Omar ficou no chão. Já o Iaqub foi descansar com a esposa. Eu e Sergio íamos nos deitar tarde, para gerar as matérias para o Brasil, e a criança acordava cedo... Enfim, era uma casa sempre lotada de gente.

O cunhado do Iaqub foi preso no Irã em 1984, na época da Guerra Irã-Iraque, entre 1980 e 1988. Só voltou para casa quinze dias antes do início dos novos conflitos, em 2003. Passou quase vinte anos preso. O cara, coitado, andava como um zumbi pela casa. Obviamente, sofreu muito na prisão.

No dia em que chegamos à casa de Iaqub, saímos correndo do carro, já estava quase escuro, e subimos na laje da casa para fazer uma entrada ao vivo para o *Jornal Hoje*. Assim que acabamos a entrada ao vivo, eu vejo um zum-zum-zum, uma gritaria lá embaixo. Perguntei ao Iaqub o que estava acontecendo, e ele disse: “O pessoal está reclamando que você está usando telefone de satélite, e os americanos bombardeiam lugares com esse tipo de telefone”. De fato, os americanos destruíram toda a rede de telefonia. Achavam que o Exército iraquiano só conseguiria se comunicar através de telefones por satélite. Então, se você não tivesse o seu telefone credenciado com os americanos, eles podiam jogar uma bomba. A primeira pessoa a morrer na guerra foi um motorista de táxi, que estava usando um telefone por satélite. Tive de me explicar para todo mundo, e os caras reclamando: “Pô, a gente tem criança, a gente é vizinho aqui. Imagina só se cai um míssil...”. Pertinho dali havia uma central telefônica toda destruída, um prédio enorme em ruínas. Eu expliquei: “Não, esse telefone está credenciado, os americanos sabem que telefone é esse”.

## OS DIAS EM BAGDÁ

Era clara a alegria das pessoas por Saddam Hussein ter perdido o poder. Ao mesmo tempo, já se via muita gente incomodada, querendo saber quanto tempo os norte-americanos iriam ficar ali. Também houve a fase de mais destruição, de ataques às instituições do governo, por conta de as pessoas estarem roubando coisas. Nessa hora não tem polícia, não tem segurança, fica tudo muito mais perigoso.

O Exército norte-americano, que tinha sido avisado de que era muito importante proteger tudo, não fez isso. Eles defenderam dois lugares: o Banco Central e o Ministério do Petróleo – o que só confirmou para os iraquianos a ideia de que os americanos estavam ali pelo petróleo. Não tinha polícia.

Havia pessoas visitando o Mukhabarat, o Serviço de Inteligência Iraquiano, onde muita gente morreu e foi torturada. Os prédios haviam sido destruídos, mas essas pessoas ainda assim os visitavam porque tinham sido torturadas ali ou tinham algum parente que morreu no local. Fizemos uma matéria com essas pessoas. Já nos palácios do Saddam, os soldados norte-americanos roubavam bens como se fossem suvenires.

Durante a noite, quando parávamos de trabalhar e voltávamos para a casa da família iraquiana para gerar tudo para o Brasil, era muito perigoso: estávamos a dois quarteirões do aeroporto, onde ficava a base do Exército norte-americano. Era tiroteio a noite toda. Às vezes, havia tiros de tanque, explosões, e todo mundo corria para a cozinha, que era o lugar mais protegido, onde havia os sacos de areia. Nós tínhamos esse privilégio de estar vendo o que era, de fato, viver uma guerra. É muito diferente de estar num hotel cheio de jornalistas, onde cada um fala de uma coisa. Deu muita pena das pessoas.

## HOTEL AL RASHEED

Queríamos fazer uma matéria sobre o hotel Al Rasheed, onde toda a elite do Saddam Hussein se juntava à noite para beber e ir à piscina. Era uma espécie de clube. Nesse hotel havia aquela famosa foto do Bush pai, que tinha sido presidente durante a Guerra do Golfo, em 1991, no chão: eles fizeram em mosaico na entrada, para obrigar todo mundo que entrasse a pisar na cara do Bush – uma das maiores ofensas do mundo islâmico é pisar na pessoa. Mostrar o sapato, a sola do pé, por exemplo, já é considerado ofensivo.

Fui o primeiro a chegar e estava negociando com um soldado para conseguirmos entrar, que me disse: “Como é que vocês descobriram? O general chegou agora”. Tommy Franks, que era o principal general americano da invasão, havia acabado de chegar ao hotel. Eu, então, disse que queríamos fazer uma entrevista com ele, mas o general mandou dizer que não iria falar, que já estava de saída.

Ficamos frustrados, mas resolvemos fazer uma reportagem no parlamento, que ficava em frente. Depois, montamos a nossa mesinha e entramos ao vivo da frente do hotel no *Bom Dia Brasil*. Foi quando passou o comboio do Tommy Franks, e o último carro parou. Saiu um coronel, que veio falar comigo: “Disseram que vocês são brasileiros. O que vocês querem?”. Eu falei: “A gente queria fazer uma matéria sobre o hotel, que é tão famoso, tão emblemático dessa atitude anti-Bush do Saddam Hussein”. Esse coronel disse que o general já havia mandado tirar o mosaico. Eu insisti, disse que dava para fazer mesmo assim, e ele falou: “Olha, eu vou deixar vocês entrarem porque passei minha lua de mel no Rio. Eu adorei a cidade!”. E ele abriu a porta para nós, só para nós. Fomos a primeira equipe jornalística a filmar o local.



## LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

Na volta de Bagdá, fomos a Najaf, uma cidade sagrada para os xiitas, um centro religioso histórico, cheio de aiatolás. Passamos pela Babilônia para ver as ruínas tão famosas. Saddam Hussein chegou a botar uns tijolinhos com o nome dele, como se fosse tão importante quanto o imperador Nabucodonosor. Depois, passamos em Nassíria e voltamos.

Eu me lembro da última imagem, quando estávamos indo embora: víamos, na outra pista, por quilômetros e mais quilômetros, o Exército norte-americano chegando com tanques e caminhões. Eles não ficariam ali dois ou três meses; mas, sim, de vez. E um monte de criancinhas iraquianas lhes pediam o que quer que fosse, famintas. Os soldados jogavam coisas no chão, e as crianças corriam que nem cachorro para pegar. Vi uma garotinha e paramos o carro para entregar a ela o que tínhamos de comida e água. Ela era pequenininha, os maiores iriam pegar as coisas dela, então paramos um pouco mais à frente e esperamos. Ela veio e pediu: “Me leva com vocês?”. Ela devia ter uns seis aninhos. Aquilo doeu. Você, como pessoa, não como repórter, não aguenta. É sofrimento demais, a verdade é essa.

## A HISTÓRIA DOS OUTROS

Em Bagdá, que era um lugar perigoso, não usávamos colete. O que acontece? Se o repórter usa colete, e a pessoa que ele está entrevistando não tem essa mesma proteção, o que fica subentendido? Que a minha vida vale mais do que a sua. Então, há uma barreira entre nós. Já tenho mais que vocês, sou ocidental, do lado que tem dinheiro e poder, sou branco num mundo em que se valoriza esse tom de pele. Se eu, ainda por cima, uso um colete, não vou conseguir desse entrevistado um sentimento de proximidade, pelo menos não o mesmo que eu obteria se estivesse vestido como ele. Houve uma ocasião em que fizemos algumas entrevistas sem usar colete, mas é um risco calculado para fazer um jornalismo melhor, de mais empatia.

Senti medo, principalmente à noite. Houve uma madrugada de intenso combate, e muito perto de onde estávamos. Não era tiroteio, eram bombas. E uma coisa que havíamos aprendido naquele curso na Inglaterra é que, numa guerra, morre-se muito pouco por tiro; são as bombas que matam. Entretanto, me senti seguro porque estava fazendo a cobertura do lado do Iraque, ao lado do povo do país. A sensação que eu tinha é que eles gostavam de mim, o que comprovei durante toda a viagem. Eles gostam de brasileiro. E eu estava com um cara que sabia aonde ia nos levar, sabia onde era mais barra-pesada, onde era menos.

Eu tive mais medo, por exemplo, quando estávamos de carro numa rua, fizemos uma curva e demos de cara com um tanque norte-americano. Os soldados apontaram as armas na nossa direção. Ali eu tive medo porque soube de várias pessoas que morreram dessa mesma forma. Os americanos, por sua vez, também tinham medo, era uma garotada acostumada com videogame, que simplesmente atirava, não estava nem aí para ninguém.

## KIT CORRESPONDENTE

A Guerra do Iraque era uma cobertura muito longa, e sabíamos que ficaríamos mais de um mês por lá, enviando matérias para todos os telejornais sobre o fato mais importante do mundo naquela hora. Nós viajamos para usar o kit correspondente: um laptop; a câmera, que sempre existiu; um telefone de satélite; e uma antena, com a qual podíamos levantar um sinal de qualquer lugar. Depois, no Iraque, estávamos num lugar sem luz, sem telefone, num caos total, e tínhamos que usar esse equipamento para gerar as matérias. Sergio Gilz ficou tão craque nesse tipo de operação que, em quinze minutos, estávamos falando com o Brasil, gerando material. Fizemos entradas ao vivo de Bagdá, do meio da rua, coisas incríveis. Esse equipamento, com a câmera menor, permitiu que tivéssemos mais agilidade.

## OS SAQUES E O DESCASO NORTE-AMERICANO

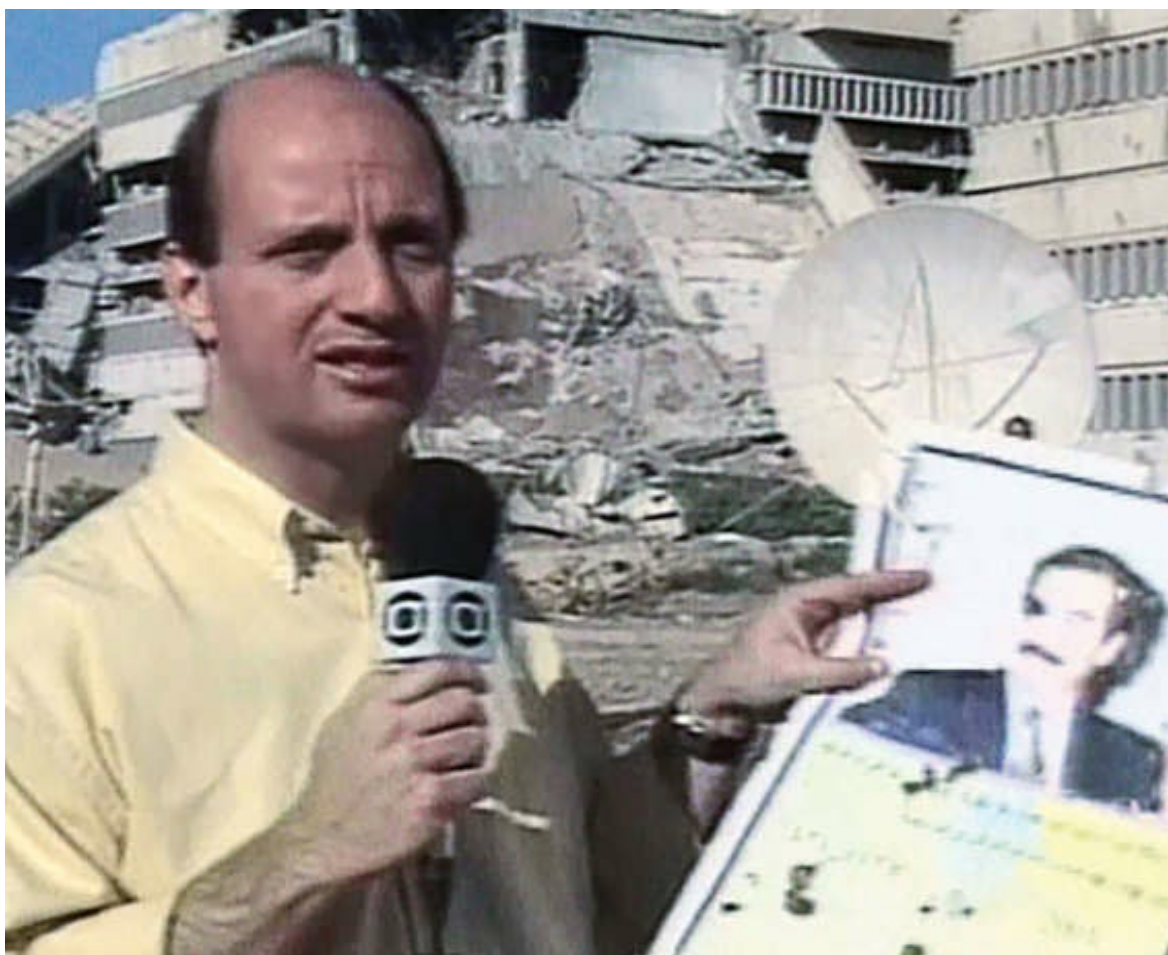
Eu me lembro de uma coisa que talvez tenha sido emblemática na relação dos iraquianos com os americanos: o roubo do Museu de Bagdá. Para o povo do Iraque, aquilo foi muito dramático; para os americanos, vergonhoso. Era considerado o melhor museu de antiguidades do mundo no tocante às origens da civilização. O Iraque fica onde era, antigamente, a Mesopotâmia. As primeiras cidades do mundo surgiram ali. A riqueza daquilo não era só iraquiana, mas do mundo, porém eles tinham orgulho porque eram os descendentes, digamos, dessa origem.

O museu estava destruído. Àquela altura, havia um tanque americano na frente do prédio, tomando conta do lugar, e os iraquianos estavam do lado de fora, revoltados com o descaso dos Estados Unidos com a civilização e a origem deles. Depois, já voltando para o Kuwait para irmos embora, passamos pela Babilônia. Ali já estava cheio de tropas norte-americanas, inclusive em locais proibidos, até pelo peso dos tanques e dos armamentos, que danificavam arqueologicamente o local. Imaginava-se, naqueles primeiros dias, que fosse uma coisa provisória.

Depois fomos a Najaf, a pequena Meca dos xiitas. A cidade é um centro importante para os peregrinos. O principal aiatolá está em Najaf. E o próprio Khomeini, do Irã, morou lá muitos anos antes de ir para Paris, de onde um tempo depois seguiu para o Irã.

Najaf é uma cidade onde, havia muitos anos, nenhum ocidental colocara os pés. Chegamos lá como brasileiros e fomos bem recebidos. É importante estar num lugar que é sagrado para tanta gente. Saddam era sunita e reprimia muito os xiitas, que eram maioria. Havia uma grande quantidade de gente andando pelas estradas retas sob aquele sol terrível para fazer a peregrinação, muitas vezes carregando caixões, porque enterrar seu morto em Najaf representa estar mais perto de Deus.

“Em Bagdá, nossa cobertura foi completamente diferente da dos outros correspondentes. Não ficamos na área de segurança, conhecida como linha verde. Em vez disso, nos hospedamos na casa de uma família iraquiana.” – Sergio Gilz



Marcos Uchoa segura um dos cartazes com o rosto de Saddam Hussein espalhados em meio aos escombros de Bagdá após um bombardeio, 2003.

## T<sub>SUNAMI</sub> ÁSIA, 2004

Na manhã de 26 de dezembro de 2004, um tsunami devastou a costa de oito países no oceano Índico – Sri Lanka, Indonésia, Tailândia, Maldivas, Índia, Bangladesh, Myanmar e Malásia –, deixando cerca de 250 mil mortos.

O tsunami aconteceu em um domingo. No começo, não se sabia ainda quão grave havia sido, mas já era certo que algo grande acontecera na Tailândia. Até que me ligaram do Brasil: “Olha, temos que ir até lá”. O pessoal do Brasil queria que eu embarcasse para o Sri Lanka, onde se achava que havia mais mortos. Sabia-se, também, que morrera bastante gente na Tailândia. Eu argumentei que, naquele momento, era mais importante irmos para a Tailândia, um lugar turístico, onde haveria gente de tudo quanto é país, o que não era o caso do Sri Lanka.

Phuket é um lugar no sul da Tailândia, com praias paradisíacas, que tinha sido muito atingido pelo tsunami. Ali era um local turístico por excelência. Quando Sergio e eu chegamos ao aeroporto, a preocupação era muito grande: a cada hora que passava, ia aumentando o número de mortos e a dimensão da tragédia. Embarcamos para Cingapura. Chegando lá, enquanto esperava o voo para Phuket, vi que havia outras equipes de televisão pegando o mesmo voo. No avião, falei com o Sergio: “Quando a gente chegar, você pega a mala e o equipamento. Eu vou sair correndo para arrumar um hotel”.

Como o tsunami destruiu muitos *resorts*, os sobreviventes precisavam ser realojados em outros hotéis. O europeu ia muito para Phuket para evitar o inverno e passar as festas de fim de ano. Foi a nossa sorte eu ter saído rapidamente do aeroporto. Fui a uma agenciuzinha de turismo para ver algum hotel, e não podia ser qualquer um, precisava ter pelo menos internet. Consegui os dois últimos quartos de um hotel legal. Sempre que fazíamos uma viagem, não adiantava chegar trabalhando: a primeira coisa era saber de onde você iria gerar. Não adianta fazer o material e não ter como mandá-lo.

## PHUKET

Chegamos ao hotel, era terça-feira de manhã, e o tsunami tinha acontecido no domingo. Imagina a praia de Copacabana com prédios bem mais baixos no primeiro e no segundo andares. E esses andares foram destruídos pela força do mar, mas o terceiro estava igualzinho. Era essa a situação. Nós chegamos até a entrevistar gente que afirmou ter passado a madrugada de sábado para domingo numa boate, acordou às duas da tarde e foi para a praia. Quando chegou à areia, deu de cara com aquela destruição total. As pessoas não tinham a menor noção do que havia acontecido.

Foi mais chocante ainda porque havia gente procurando corpos; carros virados em cima de prédio; e as histórias das pessoas que recolhiam coisas, porque houve gente que fugiu, mas estava voltando para os seus quartos para tentar recuperar alguma coisa, ou até junto das equipes em busca de corpos. Havia também muita gente aliviada, contando suas histórias: “Eu escapei por sorte. Fiquei com água até o pescoço, mas de repente a água começou a baixar”.

Não havia carro para alugar. Trabalhávamos com táxi, com moto – cada um numa motinha –, caminhão, pegando carona. Nós andamos de tudo quanto foi jeito para poder trabalhar. Só não andamos de elefante. Primeiro fomos a uma vila de pescadores, não queríamos mostrar simplesmente os turistas, mas também as pessoas locais, os mais pobres. Nessa comunidade de pescadores, havia um braço de mar que entrava como se fosse um rio, e as embarcações foram jogadas longe. Eram barcos pesqueiros, grandes, arremessados terra adentro. E as pessoas tentando recuperá-los. Não estamos falando somente das mortes: as pessoas têm que sobreviver, têm que trabalhar. A perda desses barcos significava uma miséria total para elas. Os barcos estavam empilhados, uns em cima dos outros.

## PILHA DE CADÁVERES

Depois fomos para Khao Lak, que era uma Angra dos Reis de Phuket. Ficava um pouco mais afastado, havia a praia e a montanha muito perto. Quando a onda veio, foi até a montanha, bateu e voltou. Quer dizer, foram duas forças, ao contrário de uma área plana, em que a onda vai se diluindo. E ali era uma região de muitos hotéis.

Quando estávamos ainda a caminho, vi algo que me deixou chocado: um caminhão grande lotado de corpos uns em cima dos outros. Nós demos a volta para seguir o caminhão, parado num templo tailandês, que serviu de mortuário. Obviamente, não tinha lugar suficiente, e os corpos estavam no chão. Parei o carro, nós descemos, e havia um pessoal da Cruz Vermelha, com um rapazinho dinamarquês que tinha ido reconhecer os corpos dos pais. Sergio entrou correndo, e um fotógrafo alemão falou para mim: “Olha, se prepara”. Eu não entendi muito, mas também entrei correndo. Um cara da Cruz Vermelha me deu uma máscara, com uma espécie de gel de hortelã. Continuei correndo, carregando aquilo, e quando cheguei um pouco atrás do Sergio, me deparei com uma cena tétrica: um pátio imenso lotado de cadáveres. Era verão na Tailândia, e haviam se passado três dias desde o tsunami. Botei a máscara no rosto do Sergio, que parecia estar começando a passar mal, mas, apesar disso, estava chegando mais perto para fazer as imagens.

Temos um pudor do que vamos mostrar para o telespectador. Não podemos exibir a imagem fechada daquela senhora, daquele menino, das pessoas que, de repente, viraram aqueles corpos. Fizemos imagens mais abertas, de longe. E, para falar a verdade, depois até evitei registrar esse tipo de local por razões muito simples. Essas são imagens que não podemos apresentar. Então, por que ir a um lugar que não vou poder levar ao ar e, ao mesmo tempo, faz tão mal a mim e ao Sergio? Ver gente morta não faz bem às pessoas.

Havia um contêiner cheio de gelo para preservar os corpos, ainda que apenas levemente. Os estrangeiros tinham um tratamento preferencial, iria demorar até as famílias chegarem dos seus países para reconhecer os corpos. O tsunami ocorreu de manhã, na hora em que o sol estava mais fraco. Exatamente o período do dia quando você leva os filhos à praia para eles não se queimarem muito; ou quando as pessoas estavam nos restaurantes dos hotéis tomando café da manhã. A hora do tsunami foi terrível também sob esse aspecto.



Existia muita ignorância das pessoas em relação ao que é um tsunami. Quando o mar retrocedeu, deixou muitos peixes se debatendo na areia, e muita gente entrou mar adentro. Aí o mar voltou.

Havia um centro de informações onde as pessoas deixavam mensagens do tipo: “Estou procurando minha mãe”, “Estou procurando meu filho”. Ali havia fotos de gente morta, um painel enorme com fotos de corpos, algo terrível, e as pessoas chorando e vendo aquilo. O embaixador brasileiro Marco Antônio Brandão estava lá. Morreu uma diplomata brasileira, Lys Amayo.

Houve um casal brasileiro que escapou. Eles estavam debaixo d’água fazendo mergulho e sentiram uma corrente diferente. Quando saíram do mar, estava tudo destruído. Muitos pescadores que estavam no mar deram sorte: foram em direção à onda e conseguiram escapar. Muita gente pensa no tsunami como uma onda que arrebenta, mas ela não faz isso: simplesmente levanta e empurra tudo que estiver no seu caminho. É um empurrão com uma força absurda.

## SRI LANKA

Eu achava que, mais ou menos, já havíamos contado a história da Tailândia e quis passar o Ano-novo no Sri Lanka, que tem um réveillon lindíssimo e templos fantásticos. O país, proporcionalmente, havia sido o local onde mais gente morreu. Primeira coisa: ir aos hotéis para ver onde tinha internet. Tudo estava fechado, afinal, era dia 31, véspera de Ano-novo.

Descobrimos uma brasileira que havia sobrevivido. O Sri Lanka é uma ilha. Ao sul de Colombo, a capital, na ponta da ilha, existe uma praia da moda aonde as pessoas vão para curtir. Essa brasileira estava com o namorado nessa praia. Às quatro da manhã, ela começou a sentir frio e quis voltar para a pousada. Como boa brasileira, ela havia demorado a fazer reserva e, quando resolveu de fato viajar, as melhores pousadinhas, à beira do mar, estavam lotadas. Ela só conseguiu uma pousada no terceiro quarteirão antes da praia. Os dois voltaram, e essa foi a sorte dela. Quando houve o tsunami, todo mundo que estava naquela praia morreu. Ela sobreviveu com a água batendo no pescoço. Depois, ela foi a um templo com as pessoas que haviam sobrevivido. Lá estava sendo distribuída comida. Nós a encontramos em Colombo, e fizemos uma matéria para o *Fantástico*.

No Sri Lanka, gravamos uma reportagem que, dias depois, a CNN também fez, com um trem que foi arremessado longe. O comboio, que estava lotado de gente que ia para a praia curtir o fim de semana, passava a quinhentos metros da praia. Havia 1,5 mil passageiros, aproximadamente, quando, na verdade, a lotação máxima era de quinhentos. Três pessoas sobreviveram: uma criancinha e dois adultos. Ninguém conseguia entender como o mar podia ser tão forte e jogar um trem longe. Cada vagão estava num lugar, muitos foram parar no meio da selva, que teve as árvores todas destruídas. Os corpos se espalharam.

## A TRAGÉDIA PARA QUEM FICA

Outra matéria que fizemos no Sri Lanka foi sobre o drama da população local. Em uma ilha, todo mundo sempre come muito peixe. Só que as pessoas não estavam querendo comê-los porque imaginavam que os peixes estavam comendo seus parentes. Nesses primeiros dias, que nem sei ao certo quantos foram, os pescadores estavam passando necessidade. Esse é um dos efeitos que às vezes não imaginamos numa tragédia, o que fica para os vivos.

Os engarrafamentos eram incríveis, pois as estradas haviam sido destruídas. Sergio e eu conhecemos um cara que era motorista de um tuc-tuc, uma motozinha pequena com uma espécie de carroceria atrás onde sentam duas pessoas, ou se empilham quatro, cinco. A vantagem é que o cara conseguia subir na calçada. Esse virou o veículo da Globo. Andávamos com uma placa onde se lia: “Brasil – TV Globo”.

## JAKARTA, INDONÉSIA

Houve uma conferência da ONU em Jakarta, capital da Indonésia, para ajudar todos esses países afetados. Então, de novo voamos para Cingapura e, de lá, pegamos um avião para Jakarta. Fomos com o Kofi Annan, o secretário-geral da ONU, que estava no mesmo avião. Cobrimos essa reunião porque, politicamente, era a grande notícia. O mundo ficou muito penalizado, houve muita contribuição. Essa atenção, entretanto, não se voltou para a Indonésia, primeiro país a ser afetado pelo tsunami.

O epicentro do terremoto foi no mar, mas perto da Indonésia, numa região chamada Aceh. É uma área muçulmana, de um povo separatista, bastante pobre, e que era muito reprimido pelo governo. Esse foi o único lugar onde, de fato, existiu uma destruição imensa pelo terremoto e pelo maremoto; os outros países foram afetados pelo tsunami.

## DESTRUIÇÃO TOTAL

Depois, fomos para Banda Aceh, a cidadezinha mais próxima do epicentro, e a mais destruída. O aeroporto é muito pequeno, então, a prioridade era dos aviões que levavam ajuda, e não passageiros. Finalmente conseguimos pousar, depois de entrar numa fila de madrugada. Chegamos, e eu avisei para o Sergio: “Vamos sair como se estivéssemos indo a algum lugar onde conhecemos alguém”, porque o aeroporto estava cheio de gente que queria ganhar dinheiro com as equipes de reportagem, com as ONGS, com quem está chegando para ajudar; e iriam cobrar uma fortuna porque precisavam sobreviver.

Saímos de Jacarta com duas mochilas com bateria, câmera, água, biscoito – e só. Sabíamos que não haveria hotel em Banda Aceh. Então fomos logo fazer matéria. Lá, exatamente porque não poderíamos gerar, já havíamos combinado: a EBU, a *European Broadcasting Union*, tinha um esquema de satélite que nos permitiria gerar de lá. Não havia jeito de mandar via internet.

Em Banda Aceh estava tudo destruído: sem luz, sem água, sem comida, sem nada. Foi tão chocante quanto aquela cena dos corpos. O mar entrou quilômetros adentro, devastando tudo com muita força. Pouquíssimas coisas ficaram de pé, entre elas uma grande mesquita. Era uma sexta-feira, e fomos até lá. Como esse é o dia sagrado dos muçulmanos, todo mundo estava indo rezar.

Aquela altura, por conta do calor e do estado de decomposição, com risco de doenças, os corpos já não estavam mais nem sendo identificados. Fizemos uma matéria sobre essa questão. Jogaram sacos pretos por toda a cidade para as pessoas colocarem os corpos e, depois, os deixarem na rua. Então passavam caminhões – nós fizemos a imagens deles e depois os seguimos – e levavam os corpos para uma fossa coletiva, como se fossem lixo.

## MAIS UM TERREMOTO

Havia uma espécie de estação de águas em um lugar mais alto, que não havia sido afetada. Não tinha mais luz, nem bomba d'água, mas havia tanques de água, onde podíamos nos lavar. Os tanques ficavam em lajes onde era possível deitar e dormir. Chegamos ao final da tarde, praticamente de noite, e houve um terremoto. Engraçado que eu estava sentado no chão e balancei. Pensei: “Meu Deus, será que estou tão cansado assim?”. Era um terremoto. Todo mundo gritava, nós saímos correndo, os postes tremiam. Foi um terremoto muito forte, de 6,5 graus na escala Richter.

Na rua, as pessoas estavam apavoradas, correndo, e tentavam subir em direção a esse lugar, que era mais alto, com medo de outro tsunami. Em uma cobertura assim, você fica até meio constrangido. O que perguntar para uma pessoa que perdeu a família, que perdeu tudo? As pessoas estavam sofrendo, mas, ao mesmo tempo, queriam contar suas histórias, então vinham e falavam. Eu me lembro de uma mulher, no hospital, que tinha cinco filhos e perdeu três. O marido dela também estava desaparecido.

Ficamos em Banda Aceh dois dias. As condições eram impossíveis para continuarmos trabalhando. Estávamos supercansados depois de dezessete dias de cobertura. Então, voltamos para Jacarta. Pela primeira vez em todo aquele tempo pudemos dormir direito. Preparamos uma matéria para o *Fantástico* e voltamos para Londres.

Na cobertura do tsunami, vimos realmente muita gente morta. E quando íamos dormir, as imagens dos corpos passavam em nossas cabeças. Esse é um fator de estresse. A sensação do cheiro também estava muito presente. Sem dúvida, foi uma cobertura que me chocou muito. Os números são muito variáveis, mas estamos falando de algo em torno de 250 mil mortos. E a partir desse número alarmante podemos calcular o número de famílias afetadas, todo o imenso sofrimento envolvido.

Há uma imagem impressionante de Banda Aceh: a água imunda e preta. Há momentos em que não se vê a água, tal a quantidade de detritos, de coisas passando e batendo umas nas outras. Mas também houve gente que sobreviveu, claro, e tinha muita gente ferida. Então, havia esses hospitais mambembes, improvisados muitas vezes, com muitos feridos e suas famílias sofrendo. Era um universo muito grande, em três países, misturado com o cansaço – foi uma cobertura muito marcante na nossa vida, no nosso trabalho, que me tocou muito

pessoalmente.

## ASTRONAUTA MARCOS PONTES MOSCOU E CAZAQUISTÃO, 2006

Marcos Pontes foi o primeiro astronauta brasileiro a ir ao espaço. A tripulação, composta ainda pelo norte-americano Jeffrey Williams e o russo Pavel Vinogradov, comandante da missão, decolou no dia 29 de março de 2006, no Centro de Lançamento de Baikonur, no Cazaquistão. Eles seguiram na nave Soyuz TMA-8 para a Estação Espacial Internacional. A missão durou dez dias. A equipe retornou no dia 8 de abril, a bordo da nave Soyuz TMA-7.

Muita gente criticou a história do astronauta, dizendo que o governo estava gastando dinheiro. Se não me engano, todo o projeto para mandar o brasileiro para o espaço custou 10 milhões de dólares. Depois, conversei com as pessoas do governo ligadas à questão e, na verdade, a briga que existia, e eu acredito que continue a existir, é que um país com o tamanho do Brasil precisa de satélite para monitorar suas fronteiras, para monitorar queimadas. Precisamos ter um programa espacial que nos permita cuidar melhor do nosso país. O astronauta foi uma forma de sensibilizar a sociedade brasileira para a importância do espaço.

Assim, fomos para Moscou conhecer Marcos Pontes. Seguimos com ele para Baikonur, já com os russos, para cobrir o lançamento. Baikonur é uma base militar que está caindo aos pedaços, de uma época em que a União Soviética era muito rica e investia alto no programa espacial.

No avião, fomos acompanhados por engenheiros experientes. Eu me lembro de que quando desembarcamos, eles escondiam as bandejinhas com o resto das comidas que tínhamos deixado e colocavam dentro das suas malas. Era nesse nível a pobreza dos engenheiros de um programa espacial na Rússia de hoje. Nos refeitórios, o que não comíamos, eles recolhiam. Ao mesmo tempo, o programa espacial russo é muito menos sofisticado tecnologicamente do que o norte-americano, mas dá muito menos problemas, ainda que a tecnologia seja quase a mesma dos anos 1960. Marcos Pontes foi para o espaço em uma nave russa.

O dia do lançamento foi muito bonito. Ficamos a uma certa distância e ainda assim sentimos a terra tremer. O impacto da energia do motor pode ser sentido a centenas de metros.

Depois, cobrimos também o retorno da expedição. Tentamos ir ao lugar



onde a nave realmente iria pousar, mas o próprio governo falou que os russos poderiam não deixar e disseram que era melhor estar em Moscou para não perdermos a chegada.

Daqui a séculos, é possível que o espaço seja uma coisa mais corriqueira para a humanidade, e as pessoas se lembrarão: “O primeiro brasileiro saiu da órbita da Terra em 2006”.

## PAQUISTÃO, 2009

Em maio de 2009, Marcos Uchoa e o repórter cinematográfico Sergio Gilz foram ao Paquistão para mostrar os aspectos culturais, religiosos e a realidade dos moradores do país.

Conhecíamos um cara do governo paquistanês e, em uma troca de e-mails, comentei que a imagem deles era péssima, que tudo que chegava ao Ocidente do Paquistão eram tragédias, atentados, só coisas ruins. E que as pessoas não conheciam o país. Baseado nesse papo inicial, eles nos convidaram para fazer uma reportagem, com a ajuda do governo paquistanês, sobre o outro lado do Paquistão.

A viagem era um misto do interesse do governo paquistanês – o que eles queriam que mostrássemos – com situações que queríamos registrar. Estava muito quente – no verão, a temperatura ultrapassou os 50°C. Ficávamos no ar-condicionado do carro e quando saíamos, a câmera condensava. Precisávamos esperar o equipamento voltar ao normal para poder trabalhar. De qualquer forma, o Paquistão é lindíssimo. Há 5 mil anos, havia em seu território civilizações chamadas Mohenjo-daro, contemporâneas da Mesopotâmia. Eles viviam às margens do rio Indus, eram uma civilização muito sofisticada e até hoje pouco conhecida.

Os primeiros indícios do budismo foram encontrados na Índia, mas em seguida eles se alastram para o Paquistão, de modo que há uma área incrível com templos fantásticos, budas encravados em rochas, coisas sensacionais. Existem santuários aonde as pessoas vão para venerar um sábio, alguém que possui aura santa, e o sufismo, uma mescla de dança, música e reza, cujos seguidores rodam sem parar ao ritmo de uma percussão que leva a pessoa ao transe e a aproxima de Deus.

As pessoas associam o Talibã ao Afeganistão, mas o grupo é igualmente presente no Paquistão. O Talibã realizou atentados em vários desses santuários, embora a maioria do povo paquistanês seja moderada.

## ACESSO À INFORMAÇÃO

Estávamos gravando em Karachi quando houve um atentado horrível em Lahore, que é a cidade mais bonita e capital cultural do Paquistão. Foi horrível, morreu um monte de gente.

Uma das cidades aonde eu queria ir era Peshawar, na fronteira do Paquistão com o Afeganistão. E o que se chama Área Tribal – Fata, *Federally Administered Tribal Areas* – é da tribo Pashtun, que historicamente sempre foi muito guerreira e orgulhosa, sempre teve suas armas e nunca aceitou ingerência de ninguém de fora. Exatamente por isso os ingleses quiseram rachar a região. E é uma área que nem os paquistaneses podem visitar, imagine só um jornalista estrangeiro.

Fomos fazer uma entrevista com um general que controlava a região de uma fortaleza imensa, muito antiga. Começamos a conversar, e notei que a atmosfera era amistosa. Lá pelas tantas, já estávamos havia uma hora e pouco batendo papo, ele perguntou o que estávamos achando do Paquistão. Eu disse que estava muito impressionado, que era muito diferente. E falei dessa coisa do sufismo e da percussão. Ele comentou que adorava percussão e as escolas de samba – foi uma coisa inusitada. Começamos a conversar sobre samba, batucada, instrumentos – e o cara gostou de nós. Até que perguntou: “Vocês querem conhecer a área tribal?”. Eu falei: “Claro! Lógico, eu adoraria”. “Então, daqui a dois dias, voltem aqui que vou arranjar uma escolta para vocês irem até lá.”

## A ÁREA TRIBAL

Voltamos para Peshawar. Quando chegamos pela manhã, havia uma escolta de quatro caminhonetes, com metralhadoras imensas no capô. Todos usávamos coletes à prova de bala. Foi uma viagem no tempo, como voltar a uma realidade quase medieval. As casas todas tinham muros imensos que impediam que víssemos as famílias. Só encontrávamos as mulheres quando elas estavam trabalhando no campo. Havia marcas de bala e de destruição para todo lado.

São sete áreas tribais, e nós visitamos três: Mohmand, Bajaur e Khyber. Bajaur era a pior, onde havia mais gente da Al Qaeda e onde eles estavam guerreando. Durante a viagem, dormimos em dois quartéis. Havia lugares onde não podíamos parar, nem para fazer imagens.

Conseguimos coisas incríveis, como uma entrevista com prisioneiros que tentaram escapar disfarçados com uma burca, mas o soldado desconfiou por causa do tamanho do pé da suposta mulher. O grupo de cinco homens foi aprisionado e suas armas, apreendidas, assim como seus alto-falantes – o Talibã usava carros com alto-falantes para ir às aldeias e dar ordens sobre o que os moradores podiam ou não fazer.

Outra coisa interessante é que o Talibã tem uma produtora que faz DVDs de propaganda deles. Eu pedi um dos discos que tinham sido apreendidos e havia um homem-bomba se despedindo dos colegas; todo mundo colocava bombas no corpo do homem e entravam num caminhãozinho. Ele mostrava o botão que iria apertar. Depois, eles subiam uma montanha com a câmera e o acompanhavam pela estrada, lá embaixo, até explodir num posto de controle do Exército. Um prédio ia pelos ares.

Em Peshawar, andávamos na cidade com escolta, o que era uma das coisas de que reclamávamos. Às vezes, eles ficavam muito perto, e polícia em volta sempre nos atrapalha. Depois que retornamos a Peshawar, vindos das áreas tribais, dormimos num hotel. Aí veio o lado perigoso. O local era muito legal, chamava-se Pearl, fazia parte de uma cadeia de hotéis paquistanesa. Na semana seguinte, explodiram a frente dele. São lugares em que você realmente tem que viver de sorte.

Ficamos quase um mês no Paquistão. Rodamos o país quase todo, visitamos o jazigo onde está enterrada Benazir Bhutto, duas vezes primeira-ministra paquistanesa e a primeira mulher a ocupar o cargo em um país muçulmano. O

pai dela, Zulfikar Ali Bhutto, também tinha sido primeiro-ministro e morreu enforcado, acusado de conspiração. É uma família que, culturalmente, tem um peso muito grande na política paquistanesa.

Mandamos matérias para o *Fantástico* e o *Jornal Nacional*, além de uma série para o *Jornal Hoje*, um programa para a GloboNews e um *Esporte Espetacular*. A viagem rendeu muito.



Uchoa mostra armas e explosivos do Talibã apreendidos pelo Exército paquistanês, 2009.

## TERREMOTO JAPÃO, 2011

Em março de 2011, um terremoto de 8,9 graus na escala Richter devastou a costa nordeste do Japão, provocando um tsunami e um vazamento na usina atômica de Fukushima.

Eu havia acabado de chegar para ser correspondente em Paris. Tinha uma entrevista com um repórter brasileiro que havia voltado da Líbia, e o Sergio Gilz veio de Londres para passar o dia na capital francesa e fazer essa matéria comigo. Enquanto ele estava no trem, eu soube o que havia acontecido no Japão. Como eu tinha muita experiência de tsunami, porque o Sergio e eu já tínhamos feito a cobertura do que ocorreu no sudeste da Ásia, depois fiz o do Chile em 2010, sabia da dificuldade relacionada a esse tipo de matéria.

Havia uma diferença em relação à cobertura do tsunami de 2004, muito maior do que o de Fukushima, que afetou muito mais gente, muito mais países. Mas, na época, a gente não tinha o hábito de fazer tantas entradas ao vivo, o que foi aumentando a partir de 2003 com o uso da internet. Quando o Sergio chegou, a gente foi correndo para o aeroporto e embarcamos na mesma noite para o Japão. Pela diferença de fuso horário, chegamos a Tóquio domingo de manhã.

Antes de ir, liguei para o Mitsuo Kawasaki, um dos três irmãos que ajudam a Globo em várias coberturas realizadas no Japão. Eu falei: “Olha, você vem para o aeroporto buscar a gente, enche o carro de comida, compra galocha e me traz um mapa”. Quando desembarcamos no aeroporto de Narita e pegamos o carro, ele me informou que as estradas provavelmente estariam afetadas. Existe uma autoestrada que corta o Japão, e o governo japonês a fechou porque a considerava importante para o transporte de ajuda, comida, bombeiros, ambulâncias e carros oficiais. A solução seria fazer o caminho por uma região de Tóquio que fica um pouco mais para cima, mas, como ela deveria estar atingida, o trânsito seria horrível, difícil. Então eu disse: “Vamos fazer ao contrário. Aparentemente demora mais, porém é mais fácil de chegar. Vamos cruzar o Japão pelo o outro lado do mar, subir e entrar por cima”. E foi a nossa sorte, porque realmente a gente conseguiu.

## RUMO AO INTERIOR

Assim que cheguei a Tóquio, liguei para o Roberto Kovalick, então correspondente da Globo no Japão, e perguntei: “Onde é que você quer ir? O lugar é teu”. E ele escolheu ir para Sendai, a principal cidade, mais próxima de Tóquio, que foi afetada pelo tsunami.

Eu decidi tentar ir para cidades no interior do Japão e que estariam menos afetadas pelo tsunami. Escolhemos Usha e fomos os primeiros jornalistas a chegar. Estávamos a cinquenta quilômetros da região do tsunami. Então eu tinha comida, água, hotel, e tudo isso é fundamental. Não adianta você trabalhar se não conseguir mandar o material. Em Sendai, que foi uma das cidades mais afetadas pelo tsunami, o Kovalick estava com muita dificuldade para comer, para dormir, para tudo.

O Japão foi uma decepção sob o aspecto de organização. Em dois dias, já não havia gasolina na região afetada. Até que conversamos com fotógrafos japoneses, e eles falaram: “Olha, a imprensa japonesa está tendo acesso a uma espécie de credencial que botamos no carro e permite que a gente encha o tanque em postos de gasolina que são separados só para ambulâncias e carros oficiais. E também libera que usemos a autoestrada”. Corremos para a delegacia mais próxima para explicar a situação e conseguimos a credencial. A partir desse momento, ganhamos uma coisa que só a imprensa japonesa tinha, que era a facilidade de conseguir combustível e de se movimentar muito rápido pela autoestrada, que estava vazia. E, em todos esses dias em que a gente ficou lá, não vimos mais ninguém da imprensa ocidental.

## USINA DE FUKUSHIMA

Houve um pânico por uma parcela da imprensa, um desconhecimento técnico muito grande e também uma comparação equivocada sobre o que era Fukushima em relação a Chernobyl. Muita gente achou que eram casos semelhantes. A usina de Chernobyl explodiu quando estava a todo vapor, Fukushima não estava funcionando quando foi afetada. Há uma diferença enorme em termos de repercussão de danos da tragédia. Fukushima ficou queimando duas semanas porque era revestida de grafite, um material muito combustível, de forma que lançou radioatividade no ar durante muito tempo.

Quando chegamos, havia uma chuva que diziam ser radioativa. Eu sou careca, e uma senhora, uma japonesinha, falou para eu botar um chapéu. Fizemos a reportagem e tivemos que sair logo em seguida.

Não era possível chegar à usina, não simplesmente por questões de segurança e saúde, mas porque o governo japonês também não permitia. Usha ficava a cerca de quarenta quilômetros da usina. Era uma cidade em que você via as pessoas meio zumbis, assustadas, com pouca informação.

Depois dessa reportagem, fomos para uma cidade chamada Higashidori, no norte do Japão. Nesse lugar, fizemos uma matéria mostrando barreiras construídas para evitar o avanço de ondas gigantes e outra usina nuclear, que não foi afetada, porque o tsunami parou logo antes.



## PERDA DA IDENTIDADE

O nordeste do Japão é uma região mais pobre, onde mora muita gente idosa e aposentada. Eram pessoas que não tinham como correr para outro lugar. Foi muito triste ver aquelas velhinhas abandonadas, com frio e fome, sozinhas. Na hora que você perde a sua casa, suas roupas, suas fotos, você perde a sua identidade. Numa guerra, mal ou bem, a pessoa que foge ainda pode levar alguma coisa. O tsunami entra destruindo tudo. Então, quem realmente sobreviveu, o fez com a roupa do corpo.

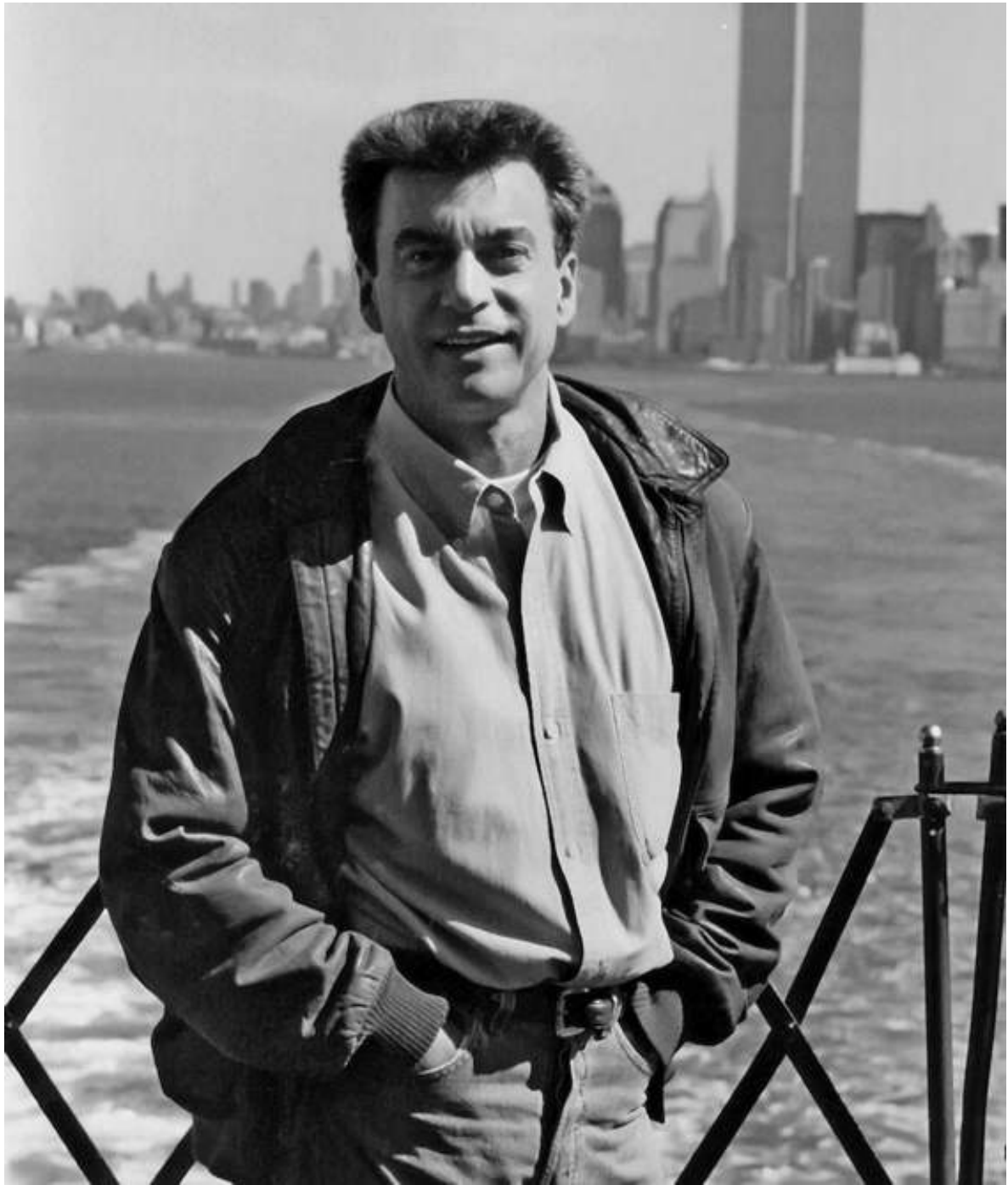
Era difícil entrar em hospitais. E, particularmente, acho que tem um limite de quanto sofrimento você consegue ver. O repórter também precisa se preservar, até para que seja capaz de fazer mais coisas. Grandes desgraças são traumáticas. Você entra numa nuvem negra, de desespero coletivo.

Muito das coisas que você vê, não pode mostrar, porque é chocante demais. Acho que os tsunamis têm uma coisa que a guerra não tem. Não é uma destruição no nível de Hiroshima, mas é quase, é uma coisa de terra arrasada. O tsunami leva tudo.

“Estávamos no carro quando vi uma imagem curiosa na estrada: eram lápides. Paramos. Pessoas recolhiam cinzas de familiares. O Uchoa as entrevistou com um microfone de lapela, e eu fiz *takes* de longe para não intimidar ninguém. O trabalho fluiu naturalmente.” – Sergio Gilz



Reportagem de Marcos Uchoa e Sergio Gilz sobre as barreiras antitsunami em Higashidori, Japão, 2011.



EDNEY SILVESTRE

O INTERESSE PELAS PALAVRAS SURTIU quando Edney Silvestre era criança, antes mesmo de saber ler. Tinha quatro, cinco anos. Ganhava livros de presente e se encantou pela briga dos Três Porquinhos contra o lobo mais forte. Via as ilustrações e imaginava as histórias. Logo estava na biblioteca de sua cidade natal, lendo tudo o que suas mãos alcançavam, sem ideia, nem idade, para saber quem eram os escritores que viriam despertar sua imaginação e talento: Jack London, Ernest Hemingway e Thomas Mann, lido aos treze anos. Adulto, tornou-se tradutor, publicitário, jornalista e escritor. Participou de grandes coberturas jornalísticas para a Globo e para a GloboNews e foi vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura e do prêmio Jabuti em 2010, com o romance *Se eu fechar os olhos agora*, que foi traduzido na França, Itália, Alemanha, Holanda e Sérvia.

Edney Célio Oliveira Silvestre nasceu em Valença, no estado do Rio de Janeiro, em 27 de abril de 1950. O pai, dono de um armazém, e a mãe, operária de fábrica, gostavam de notícias. Liam três jornais por dia. O hábito foi herdado pelo filho. Aos doze anos, Edney escreveu o conto “Os olhos verdes de Samira” e o submeteu aos editores do suplemento literário do jornal *Correio da Manhã*. A história não foi publicada, mas o autor recebeu elogios nunca esquecidos.

Para completar o ensino médio, Edney Silvestre mudou-se para o Rio de Janeiro. Estudou no Instituto Lafayette e no Colégio de Aplicação. Prestou vestibular para a faculdade de História, mas teve de abandonar o curso devido a dificuldades financeiras. Trabalhou como datilógrafo e tradutor na Manchete Press, agência de notícias da Bloch Editores. Logo foi convidado a escrever reportagens para as revistas *Fatos e Fotos* e *Manchete*. Nos anos 1970, passou a trabalhar com publicidade e a colaborar com o semanário *O Pasquim*.

Em 1991, mudou-se para Nova York. Foi correspondente do jornal *O Globo* e entrevistou o escritor Norman Mailer, duas vezes vencedor do prêmio Pulitzer. Cinco anos depois, estreava no programa *Milênio* da GloboNews, ao lado de Paulo Francis. Em 1997, Edney Silvestre foi contratado pela Globo. Cobriu fatos marcantes como a visita do papa João Paulo II a Cuba; a era pós-Guerra do Golfo no Iraque e os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos.

Atualmente é repórter especial do *Globo Repórter* e apresentador do *GloboNews Literatura*. Edney Silvestre também é autor dos livros *Dias de cachorro louco* (1995) e *Outros tempos* (2002), ambos com seleção de suas crônicas publicadas em *O Globo*; e *Contestadores* (2003), com 18 entrevistas realizadas ao longo de sua carreira. Seus outros livros são *A felicidade é fácil* (2011); *Vidas provisórias* (2013); *Boa noite a todos* (2014); e *Welcome to Copacabana & outras histórias* (2016).



## NOVA YORK, 1996

Em outubro, quando a GloboNews entrou no ar, eu estava de volta a Nova York, ainda pel’*O Globo*. A GloboNews, então, estreou com um programa internacional em sua grade, o *Milênio*. Além de matérias memoráveis realizadas pelo Paulo Francis, eu entrevistei da cantora Janet Jackson ao Harry Belafonte, ator, cantor e ativista político amigo de Martin Luther King; o dramaturgo Tony Kushner, autor de *Anjos da América*; o intelectual palestino Edward Said e o educador brasileiro Paulo Freire, um momento comovente.

Quando era correspondente d’*O Globo*, por três ou quatro vezes, o Evandro Carlos de Andrade, com quem eu havia trabalhado no jornal e estava na direção da Globo, me perguntou se eu gostaria de ir para a televisão. Eu tinha receio. Achava que iria perder a privacidade. Era entrar para uma emissora de abrangência nacional, que atinge dezenas de milhões de telespectadores. Entretanto, no fim de novembro de 1996, ele me ligou e disse assim: “Estou convidando você pela última vez. Você quer trabalhar na Globo?”. Ao que eu respondi: “Preciso de tempo para pensar”. “Tudo bem, te ligo em cinco minutos” – foi o prazo que o Evandro me deu. Comecei dois dias depois.

O escritório da Globo era dirigido pelo Jorge Pontual, que foi uma pessoa muito generosa comigo. Era ele que cedia equipamento, mandava cinegrafistas para as coberturas, supervisionava a edição de imagens. Da equipe também faziam parte as repórteres Sônia Bridi e Heloísa Villela; os editores de imagem Adriana Nagle, Fernando Baccarin e a chefe de redação Denise Cunha e três grandes câmeras, Orlando Moreira, Paulo Zero e Helio Alvarez.

## DE FRENTE PARA A CÂMERA

Minha primeira matéria foi sobre a presença de negros na Broadway – uma novidade, na época. Guardo a fita até hoje, sem coragem de ver a “passagem”. Gravávamos à noite na Broadway, e levamos, no mínimo, meia hora. Eu era inibido, não sabia como me colocar, como segurar o microfone, era dezembro, fazia frio, ventava. Lembro do Orlando Moreira com a câmera apoiada no ombro, dizendo para mim: “Se ajeita, segura o microfone. Está torto. Agora endireita aí, assim, agora levanta o ombro porque tá batendo o vento”. Eu obedecia, e ele continuava: “Vira pra cá, agora fica natural”. E eu repetindo que não conseguiria fazer aquilo. Foi muito ruim.

Falando francamente, não estou sendo falso modesto. Eu era um bom repórter, mas não tinha nenhuma intimidade com o vídeo e ficava vermelho com uma câmera na minha frente; se alguém gritava alguma coisa, me perdia. Nunca tinha feito uma “passagem”, não sabia nem o que era isso. O Helio Alvarez sofreu muito comigo. Eu fui gravar junto a uma igreja na Park Avenue e, seguramente, repetimos umas sessenta vezes, se não foi mais, e eu não conseguia, não acertava, fazia muito frio. As minhas bochechas começaram a enrijecer por causa da temperatura, aí não conseguia pronunciar direito as palavras. Foi muito difícil, vergonhoso. Aí, eu falei: “Gente, não vai dar certo. Sei que sou um bom repórter, sei fazer reportagem, mas não sei enfrentar uma câmera”. Nesse ponto, mais uma vez, o Evandro foi bárbaro, ele dizia: “O importante é que você é bom repórter, o resto se aprende”.

A Alice-Maria, então diretora-geral da GloboNews, outra pessoa de gentileza e atenção imensas comigo, me apoiou. Ela dizia: “É uma questão de tempo, você está se comparando a pessoas que cresceram na televisão, começaram já na frente da câmera. Seja você. Não interprete, porque o telespectador nota a sinceridade”. E o Evandro completava: “O telespectador percebe o conteúdo”. E eu não estava nem me comparando a ninguém, estava apenas me vendo. Eu percebia que era ruim. Se estivesse assistindo, eu diria que a reportagem é boa, mas a narração, a apresentação, tudo que diz respeito ao repórter é lamentável. A editora de texto Malu Guimarães dizia que se lembrava perfeitamente dessa primeira reportagem e pensava: “Esse rapaz não vai dar certo, não é possível, não sabe fazer nada”. E é verdade, eu não sabia fazer nada. Sabia fazer a reportagem, mas era muito ruim de vídeo. Cada vez que eu via, me sentia pior, porque tinha senso crítico. Tenho bom ouvido e não



conseguia entender o que eu mesmo dizia. A narração, a respiração, tudo era ruim.

## NEVE É UMA BELEZA NA TERRA DOS OUTROS

A reviravolta foi numa reportagem na cidade de Buffalo, no norte do estado de Nova York, sobre o que é viver na neve. Era um ano de grandes nevascas. A neve estava na altura da minha cintura – tenho 1,70m de altura. Visitei as casas das pessoas com o repórter cinematográfico Sherman Costa, que tinha começado a ser freelancer da Globo. Nessa reportagem, pela primeira vez, fiz alguma coisa à vontade. O Sherman falou: “Senta aí”. Eu falei: “Sentar?”. “É, senta.” Ele se referia à escada de uma casa. Então perguntou: “O que você falou pra mim agora há pouco?”. Eu lembrei: “Ah! Sobre viver na neve?”. “É. Fala isso pra câmera.” E eu falei. Foi a primeira vez que ficou natural. Pensei: “Ah! Então, é possível!”. E a frase era: “Neve é bom. Neve é uma beleza – na terra dos outros”. Comecei a entender o mecanismo, do que eu poderia fazer na televisão. Era um pouco do que eu fazia no jornal, quer dizer, trazer o que eu vivia, o que eu conhecia, para o público. E fui aprendendo. Primeiro com o Jorge Pontual, depois, com a Denise Cunha, uma maravilhosa editora de textos.

Estávamos no meio da década de 1990. Uma grande transformação estava em curso: os Estados Unidos tinham entrado na maior fase de prosperidade que o país já conhecera. Era o governo de Bill Clinton. Ainda não havia acontecido o escândalo da Monica Lewinsky, que evidentemente ganharia, quando explodiu em 1998, muito destaque. Mas, antes disso, Clinton era a estrela do noticiário econômico. Foi uma época de avanços na pesquisa científica, na medicina, no tratamento do câncer. Foi quando surgiram as primeiras notícias do que antes parecia só coisa de filme de ficção científica: as pesquisas com células-tronco. Fizemos uma matéria sobre clonagem de órgãos. Eles seriam criados em porcos para substituir os que são difíceis de conseguir por doação humana, como o coração e o fígado.

Possuíamos uma equipe de elite em Nova York, e eu tive essa sorte de aprender com eles. Eram pessoas como Helio Alvarez, Paulo Zero e Orlando Moreira, que pautam, têm visão de direção.

## VISITA DO PAPA JOÃO PAULO II A CUBA, 1998

O papa João Paulo II visitou a ilha caribenha em 1998, na época comandada por Fidel Castro. Edney Silvestre e o repórter cinematográfico Orlando Moreira acompanharam as missas e revelaram para o Brasil o dia a dia do povo cubano.

Em 1998, fomos a Cuba cobrir a visita do papa. A equipe era composta por Orlando Moreira, a editora Adriana Nagle, o produtor David Presas, o engenheiro Júlio Larcher e eu. A gente viajava de van pelo país, porque o papa ia parando de cidade em cidade. A cobertura era, como quase sempre, destinada a todos os jornais da Globo, porque, em uma cobertura dessa envergadura, não há repórteres diferentes disponíveis para o *Bom Dia Brasil*, o *Jornal Nacional*, o *Jornal da Globo* e o *Jornal Hoje*.

Num dado momento, quando a equipe estava em um ponto remoto do país, arranjaram um avião para alguns dos correspondentes, e a equipe disse: “Melhor você ir, vai descansar um pouco, chega um pouco antes”. O que eu não sabia é que era um avião dos anos 1930, aqueles de asa dupla. Para ser sincero, não tive medo, porque eu pensei: “Se esse avião está voando desde os anos 1930, e nunca caiu, por que ele vai cair agora?”. Foi fascinante, a aeronave não tinha pressurização, então, a gente viajava com aquele barulhão. Eu levei um walkman. Voávamos tão baixo que eu via as casas, as pessoas no quintal.

Em todos os lugares, a gente percebia no povo cubano uma esperança de abertura a partir da visita do papa, o que não aconteceu imediatamente, mas acabou se dando aos poucos, como tudo em Cuba, onde, como no Brasil, tudo acontece muito lentamente.

“NÃO TENHAM MEDO, NÃO TENHAM MEDO!”

Cobri todas as missas do papa. Em uma delas, João Paulo repetiu várias vezes uma frase linda, com sotaque: “*No tiengan miedo!*” Foi muito forte. E dava para ver a esperança no rosto das milhares de pessoas ali reunidas. Era tudo muito grandioso. Depois do papa, Orlando e eu fizemos várias reportagens sobre a dura realidade de Cuba naquele momento. Ficamos mais de um mês viajando pelo país.

O que se mistura um pouco na minha memória são as entrevistas que eu fiz, mas não puderam ser exibidas. Eram informações da população que vivia com muito medo. Eles faziam um gesto sobre o queixo que indicava uma barba quando queriam se referir a Fidel Castro. O povo temia a polícia, mas a imprensa estrangeira era muito bem tratada pelas autoridades. Cuba queria fazer um trabalho de relações públicas e mostrar que o país é deslumbrante. É mesmo. Tudo em Cuba é bonito, até os prédios decadentes. O Malecón – orla de Havana – é lindo, o mar é azul do Caribe, e o povo é de uma gentileza incomparável. Eles lembram muito os brasileiros e não por coincidência, pois os povos que foram levados da África para Cuba são os mesmos que foram trazidos para o Brasil, e a composição europeia dos cubanos é parecida com a nossa, formada por galegos do norte da Espanha e de Portugal. Somos muito parecidos, apresentamos os mesmos comportamentos.

Os cubanos são extremamente gentis. Fora o aspecto da prostituição muito disseminada – chocante, até – de jovens, meninos e meninas, eles têm um componente ingênuo, digamos assim. Os cubanos tinham uma esperança comovente naquela visita do papa, pois realmente acreditavam em uma abertura. O papa foi um dos artífices do fim do comunismo, com Ronald Reagan, presidente norte-americano nos anos 1980, e Margaret Thatcher, primeira-ministra britânica de 1979 a 1990. Foram anos e anos de negociação com Fidel Castro para que a visita do papa acontecesse. Tentamos muito uma entrevista com o líder cubano, mas não conseguimos.

## AS GRÁVIDAS DE CUBA

Vi uma coisa muito bonita que ajuda a entender um pouco o sucesso de vários programas de saúde em Cuba: um grupo de grávidas, todas de branco, passeando por uma praça. Era uma visão inédita para mim, eu nunca tinha visto dez, doze mulheres grávidas, mais ou menos no mesmo tempo, de oito, nove meses, e juntas, passeando. Os programas de saúde pública cubanos têm os seus fracassos, mas também demonstram muitos sucessos. Independentemente de críticas, é um país fascinante. Não foi um trabalho difícil porque havia interesse do governo cubano em tratar bem a imprensa internacional como um todo.

Após a viagem do papa, entretanto, os acessos se tornaram mais restritos, havia uma burocracia muito grande, e o governo nos dificultava bastante. Quando havia um guia nos acompanhando, sempre acontecia uma tentativa – novamente ingênua – de doutrinação: “Os americanos nos invadiram querendo acabar com a democracia”, disse o guia na Baía dos Porcos. Era esse tipo de coisa.

Para a minha geração, Cuba significava uma tentativa de “socialismo moreno”, uma tentativa de encontrar outro caminho para o socialismo. E o que você via era um sistema que, sem o apoio da então União Soviética, não funcionava. Era um país monitorado, que tinha o petróleo e o suporte financeiro da então União Soviética. E o que você via pelas ruas e praias? Jovens, muitos jovens, entre doze e catorze anos, se prostituindo. Esse foi o primeiro grande choque que eu tive. O segundo foi que, no meio da cobertura, na véspera da chegada do papa, de repente, as equipes norte-americanas saíram de Cuba. Em Washington, havia surgido uma história de uma estagiária que teria tido uma relação sexual com o presidente. Era o começo do escândalo Monica Lewinsky. A gente não tinha ideia do que seria, mas a imprensa norte-americana foi-se. Nós ficamos.

## FURACÃO FLOYD

### 1999

A passagem do furacão Floyd levou Edney Silvestre e o repórter cinematográfico Sherman Costa em uma viagem fantástica ao olho do furacão em pleno mar do Caribe. Uma experiência inesquecível para ambos.

Na cobertura do furacão Floyd, a gente fez uma coisa interessantíssima: acompanhamos os “caçadores de furacões”.

São meteorologistas que ficam circulando num avião de hélice, com radares e inúmeros aparelhos. Eles atravessam furacões para analisar não só o potencial de destruição que eventualmente o fenômeno tenha, como sua direção. Sherman e eu embarcamos com os cientistas e ficamos entrando e saindo do furacão Floyd. É impossível passar a ideia do que foi aquilo, do quanto sacudia, da intensa turbulência, é uma coisa de cinema. Depois é divertido, mas, durante aqueles momentos, a sensação é esquisita, para dizer o mínimo.

O Sherman é uma figura, ele adora reportagens em clima de aventura. Os olhos dele brilham se você disser: “Sherman, vai ter uma corrida de elefantes selvagens, histéricos, e precisamos de um *take* na hora que eles passarem por perto”. E lá vai ele, chega a se deitar no chão para captar as melhores imagens, é uma figura incrível. Como ele se divertiu com o furacão Floyd! Cada vez que a gente entrava no furacão, eu pensava assim: “Mas já fizemos isso. Precisa entrar outra vez?”. E o Sherman gritava: “Oba! Vamos entrar no furacão outra vez”.

## INDIANA JONES DOS FURACÕES

É muito bonita a hora em que, lá de cima, eu me via bem no meio do olho do furacão. A calmaria é total. Pela janelinha do avião, eu reparava naquele mar agitado lá embaixo, pequenininho: “Gente, eu *tô* no olho do furacão, nitidamente, no olho do furacão!”.

Íamos voando em direção à tempestade e, conforme íamos subindo, a aeronave começava a sacudir. Aí vinha a tal da turbulência, e quando a gente entrava no furacão, a turbulência era total, furiosa. Eu olhava para baixo, e a cena era deslumbrante, porque estávamos num funil e lá embaixo havia o mar do Caribe, um lugar lindo. Se a possibilidade de haver um acidente com o avião era grande? Eu pensava: “Ah, não tenho que me preocupar, há anos eles fazem isso e nunca aconteceu nada”. Descobri tempos depois que algumas aeronaves de caçadores de furacões tinham sido destruídas no meio de tempestades, e eles não revelam quantas foram as vítimas fatais. De qualquer forma, foi uma experiência maravilhosa. Essa é a parte Indiana Jones do jornalismo.

“Depois de muitas horas de voo, encontramos! Descemos em círculos na direção do olho do furacão: silêncio total. O avião batia, e as fuselagens rangiam. Tudo ficou escuro, havia muita chuva e vento. O mar tinha ondas gigantes, e a aeronave silenciou ao entrar num vácuo. Missão cumprida!” – Sherman Costa

## GUERRA DO GOLFO: DEZ ANOS DEPOIS

### IRAQUE, 2000

Dez anos depois da Guerra do Golfo, Edney Silvestre e o repórter cinematográfico Helio Alvarez foram ao Iraque de Saddam Hussein mostrar a destruição de cidades e do povo iraquiano e descobriram terras sagradas, como o Jardim do Éden.

Quando soube da possibilidade de ir para o Iraque, não contei para a minha família, inclusive para a minha mãe. Só quando estava tudo certo, eu liguei pra ela: “Olha, vou para o Iraque”. E a minha mãe perguntou: “Iraque? Não é a terra do Saddam Hussein?”, ao que eu respondi: “É, mãe, mas você sabe que a imprensa exagera muito, não? Lá é ainda a terra das histórias das *Mil e uma noites*”. Ela acreditou, ou fingiu acreditar, mãe prefere assim, era uma mentira piedosa. Fiz algo parecido na reportagem sobre os caçadores de furacões, só contei depois: “Amanhã não perca o *Jornal Nacional*, acho que você vai gostar, é divertido e tal”, e a minha mãe ficava muda do outro lado da linha.

Bom, fui para o Iraque com o repórter cinematográfico Helio Alvarez e, logo no início, começaram os problemas. A gente levou uma maleta que tinha um rádio que supostamente funcionava por satélite, através do qual a gente se comunicaria com o escritório de Nova York e com qualquer outro lugar fora do Iraque. Acontece que o troço não funcionava, então, passamos quase vinte dias completamente isolados. Isso foi em novembro de 2000, no pós-guerra, enquanto rodávamos pelo Iraque. Obviamente, não mandamos nenhuma matéria nesse período, fomos apenas juntando material. Chega uma hora em que a gente entrega a Deus – ou a Allah –, porque não há nada que se possa fazer.

O país estava isolado. Conseguimos ir para Mossul com o auxílio de uma ONG norte-americana. A gente foi para o norte de Bagdá e testemunhamos coisas terríveis. Mossul, que hoje está totalmente em ruínas, era chamada de “a Veneza do Oriente Médio”. Era uma cidade de canais, com construções muito bonitas.

Fizemos contato com pessoas contrárias à política de Saddam Hussein para conhecer um pouco da história que eles viviam. Eram refugiados escondidos na Jordânia. O nosso motorista era um ex-engenheiro, ou seja, havia uma falência de todo o sistema de trabalho no Iraque.



Nós entramos pelo deserto da Jordânia. Tínhamos permissão para circular pelo Iraque, estávamos com passaporte e visto para sair e entrar da Jordânia. Então, a gente atravessou o deserto, aquela estrada da morte. É muito estranho, porque essa rodovia parece ser interminável. Foram umas dezoito horas dentro de uma van. Eu nunca tinha visto um deserto como aquele. Conhecia desertos de areias brancas, com salinas. O do Iraque é um grande amarelo e, de vez em quando, a gente via ao longe alguns tanques destruídos. Não podíamos parar. Só quando chegássemos ao destino. Tínhamos alguns: Mossul, Bagdá, o norte, onde vivem os curdos, que é uma tristeza. Tudo paupérrimo, esgoto a céu aberto e havia crianças pelos terrenos baldios. Algumas jogavam futebol com uma bolinha feita sabe-se lá com o quê. E a bola chegou perto do Helio Alvarez, que começou a fazer embaixadas. As crianças ficaram encantadas e começaram a gritar: “Romário, Romário!”. Foi muito emocionante. Elas não sabiam falar inglês, nem francês, não sabiam nada de nada, mas conheciam o Romário. Foi a primeira vez que percebi o poder que o futebol, o nosso futebol, pode ter.

Fomos a um templo hoje destruído pelo Estado Islâmico. Como me explicaram, era o túmulo do Jonas bíblico, aquele da história da baleia. O túmulo ficava embaixo de uma grande torre. Existem nos arquivos da Globo imagens desse templo antes da destruição. O altar era todo cercado, e o túmulo ficava no centro.

## OS BUNKERS DE SADDAM

Eu imaginava Bagdá como uma cidade linda, exótica. Ainda existiam algumas mesquitas belíssimas, mas, no geral, era um lugar horrendo, com prédios construídos entre as décadas de 1960 e 1970 pelos russos. Então, eram aqueles prédios quadrados, aqueles caixotes com cara russa, com janelas pequenas, uns bunkers, tudo muito bruto. Passamos por vários, alguns dos quais seriam esconderijos de Saddam. E havia um clima de perigo de filme B. A gente ia comer no restaurante vazio do hotel. Aí, sem brincadeira, de repente, alguém se sentava ao nosso lado, e eu comentava: “Helinho, eu não estou acreditando, isso aqui parece realmente um filme de espião da pior qualidade”. Teve uma época que, por acaso ou não, era sempre a mesma pessoa, o espião era o mesmo, era ridículo. Eles não deviam ter tantos espiões que falassem português.

Outra coisa interessante de Bagdá era que tinha muito Passat pelas ruas, porque o Brasil havia sido um grande parceiro do Iraque. Uma construtora brasileira, a Mendes Júnior – responsável por grandes obras, inclusive pela estrada por onde passamos e que cruzava o deserto –, importava o modelo. Sobraram carros remendados, mas que mesmo assim estavam lá, circulando pela cidade.

Nós queríamos mostrar o retrato do país depois da Guerra do Golfo, porque ninguém sabia o que havia acontecido. Tudo bem, hoje em dia, há a internet, onde jornalistas locais e de outros países dão para os brasileiros uma visão do que está acontecendo, mas é uma ótica estrangeira. A nossa apresentação do Iraque era diferente. Para um norte-americano, não interessaria uma frota de Passats velhos pelas ruas, mas, para nós, era interessante para lembrar que o Brasil e o Iraque já haviam sido grandes parceiros. Além de carros, nosso país também forneceu milhões de frangos para o Iraque.

## O SOBREVIVENTE

Na volta do Iraque, entrevistamos um guerrilheiro anti-Saddam na Jordânia, que nos contou histórias terríveis que tinham acontecido com ele e o irmão, um ativista de Mossul. Eles foram metralhados num levante, onde os corpos daqueles que padeceram não puderam ser retirados, a polícia de Saddam não permitiu. Então, os cadáveres ficaram apodrecendo na cidade. Ele escapou porque estava embaixo de um dos mortos e foi se esgueirando por baixo dele até sair. O irmão foi preso, torturado e assassinado com uma bala na cabeça. Quando devolveram o corpo sujo de sangue para a família, a polícia de Saddam cobrou pela bala. Fizemos uma série para o *Fantástico* e para o *Jornal Nacional*, chamada “Vozes do deserto”, mostrando, entre outros fatos, que Saddam Hussein era de uma família de capangas que serviam iraquianos poderosos. O próprio Saddam havia sido um na juventude.

Tentamos chegar até Saddam através das autoridades. Havia também um escritório de jornalistas em Bagdá, modestíssimo, onde ficava um representante da CNN. Mandamos pedidos por todos que podíamos. O fato de o Iraque ter tido essa relação comercial intensa com o Brasil era a nossa esperança, mas não conseguimos entrevistá-lo.

## O IRAQUE DA BÍBLIA

Eu fiquei muito impactado com o Iraque da Bíblia, o território citado em diversas passagens dos textos sagrados. A gente foi parar numa área coberta de lixo, a confluência dos rios Tigre e Eufrates, onde supostamente ficava o Jardim do Éden. Fui à Babilônia. Saddam reconstruiu uma parte das muralhas com tijolos que tinham as iniciais dele. Entretanto, as ruínas dos Jardins da Babilônia continuam lá, assim como os leões assírios, de forma que tivemos diante de nós 5 mil anos de cultura. Isso dá uma perspectiva da história, aí se entende que Saddam não era nada diante de milênios de trajetória. Ele destruiu um país. Grande parte do corpo médico do Iraque era formado por mulheres antes da guerra. A escolaridade do Iraque era excepcional. Mas, a partir dos conflitos Irã-Iraque, as mulheres passaram a ser obrigadas a usar véu e não podiam mais trabalhar em hospitais. Começaram as restrições, e o Iraque libertário e moderno acabou completamente. Saddam Hussein e a Guerra do Golfo foram terríveis para nós, contemporâneos, mas não foram nada no decorrer da história. Os Jardins da Babilônia estão lá, sobrevivendo bravamente a tanta coisa. E a gente também foi à cidade perdida de Hatra, descoberta por arqueólogos alemães no início do século.

## “QUANDO TENTAM DESTRUIR SADDAM É A NÓS QUE DESTROEM”

Visitamos uma família local e uma mãe de dez filhos nos disse: “Quando nos bombardeiam, quando tentam destruir Saddam, é a nós que eles destroem”. Ela tinha perdido um dos filhos, o mais velho, em um bombardeio. Eles viviam quase como personagens do tempo das cavernas, com muito pouco, quase nada de comida, uma tribo diante da destruição.

Nós fomos a hospitais, vimos muitas crianças doentes. Existia uma suposta exposição à radiação por causa das bombas que jogaram lá. Muitas crianças desenvolveram diferentes tipos de câncer, era doloroso de ver, e não havia recursos, porque o bloqueio era a Saddam Hussein, mas, na verdade, era um bloqueio ao povo. Não se podia importar remédios e, quando alguém conseguia atravessar as fronteiras com medicamentos, se enfrentava uma rede de corrupção, que sumia com os produtos, como também acontecia em Cuba. Os remédios chegavam e sumiam. As tiranias fazem isso, dão poder aos contrabandistas, geram corrupção. É fácil, não tem imprensa livre. Era entristecedor ver aquela família vivendo em condições tão miseráveis. E pensar que aquele país teve tanto, havia educação para todos, ou pelo menos para maioria, tinha assistência médica para grande parte da população. As escolas passaram a ter os vidros quebrados, não se podia importar lápis porque o grafite era proibido. E tudo isso me fazia pensar: esse é o mesmo povo que construiu a Babilônia, o mesmo povo dos assírios, que criaram as primeiras leis, Código de Hamurabi. A gente estudou isso. O povo que criou a lei e a terra por onde Cristo passou foi reduzido a isso.

## FÁBRICA DE FACHADA

Lembro a série “Vozes do deserto”, nome de um grupo pacifista que acompanhamos no Iraque. Durante a semana, mostramos que país era aquele, como era o Iraque antes e depois da Guerra do Golfo. A juventude perdida, o número de crianças que vinha morrendo – passava de 600 mil e podia chegar a 1 milhão nesses nove para dez anos.

Ficamos procurando uma fábrica de armamentos químicos enquanto as autoridades negavam veementemente sua existência. Finalmente nos levaram a uma fábrica próxima a Bagdá, que produzia vacinas para doenças de ovelhas. Rodamos pelo local fazendo imagens. Em um dado momento, o guia, que obviamente era um espião do regime, se afastou. Era difícil saber quem era pró ou contra Saddam, porque todas as pessoas que conhecemos tiveram um parente torturado ou morto nas prisões. Quando ele nos deu as costas, a pessoa que nos conduzia disse que aquilo ali era apenas uma fachada. Sim, ali se fabricavam vacinas, mas também se produziam armas químicas e biológicas. Certa vez, o lugar fora fechado pela ONU, que quebrou todo o equipamento. Quem nos conduzia ia nos mostrando: “Olha o que a ONU fez. Eles quebraram tudo, sem distinção, até as máquinas que fabricavam vacinas. As nossas ovelhas estão morrendo”. Foi um superfuro que a gente deu.

## MOZART E SADDAM

Tem uma reportagem muito comovente pela precariedade que ela apresenta sobre as crianças do Iraque e a Orquestra Sinfônica de Bagdá. Nós fomos assistir a um concerto de uma peça de Mozart, e os músicos não tinham cordas para substituir aquelas que se rompiam. Obviamente, os instrumentos desafinavam e, ainda assim, eles tocavam com grande entusiasmo. Era muito comovente ver que, naquele mundo que ruía, a arte e Mozart sobreviviam naquele Iraque de Saddam Hussein. E nós vimos outras situações chocantes, revoltantes e impressionantes. Bagdá tinha, pra quem quisesse ver, uma população muito pobre, miserável. Pessoas vendiam coisas na rua, viviam do lixo. E havia um bairro, que era o dos protegidos do regime, com geladeira de 3 mil dólares, aparelhos de som, de ar-condicionado, CDs importados, perfumes, restaurantes de luxo. A gente mostrou tudo isso.

“Fomos autorizados a gravar numa antiga fábrica de produtos químicos. Com lixo espalhado, o local cheirava mal e era escuro. Improvisei a iluminação com lâmpadas fluorescentes encontradas ali mesmo.” – Helio Alvarez



Edney nas ruínas de Hatra, Iraque, 2000.



## ATENTADO AO WORLD TRADE CENTER NOVA YORK, 2001

A derrubada das torres do World Trade Center no atentado terrorista que marcou o século XXI deixou quase 3 mil mortos no centro financeiro de Nova York. Edney Silvestre e o repórter cinematográfico Orlando Moreira foram os primeiros jornalistas brasileiros de TV a chegar ao local da tragédia.

Entre eu sair da ginástica e ir para casa, aconteceu o primeiro choque. Saí da academia, passei por uma barraca de frutas, comprei banana e fui para casa. Estava molhado de suor, botei a camiseta para secar na varanda, liguei a TV e o computador. Foi impressionante ver aquele imenso buraco no World Trade Center. Ligaram do escritório. Tomei uma chuveirada, desci e fui para lá com o Orlando Moreira. O trânsito havia sido interrompido. A primeira torre não tinha caído ainda.

Nesse meio-tempo, os prédios ruíram. Vinham em nossa direção pessoas cobertas de pó, chocadas, porque aquilo era inimaginável. O Orlando registrou essas imagens. Uma coisa é ir para o Iraque, onde você espera ver destruição, bombardeios, radiação, crianças doentes; outra coisa é um prédio vir abaixo em Nova York, a capital financeira do império norte-americano. Não se tinha o número de mortos, mas circulavam por ali de manhã cerca de 5 mil pessoas.

Não se sabia também se era um ataque terrorista, mas havia grande possibilidade de ser. No meio da tarde, o presidente George W. Bush declarou que se tratava mesmo de um atentado. A primeira notícia foi que um avião de pequeno porte, de treinamento, havia batido contra o World Trade Center. Aí eu falei: “É impossível”. E repeti no ar. “Isso é impossível, não se pode voar sobre a ilha de Manhattan. Ninguém treina voo sobre Manhattan, e nenhum avião pequeno ia fazer aquele rombo. Então, isso não é verdade”. Pouco depois, tinha uma imagem do Bush numa escola da Flórida. Ele estava sentado com as crianças e ficou parado, inerte, enquanto alguém falava com ele.

Não fazíamos ideia da dimensão de tudo aquilo. Eu vivia por ali, sabia o número de pessoas que circulava na região e pensava: “Houve um morticínio”. Ali havia uma das principais estações de metrô da cidade e era o centro financeiro da cidade. A polícia começou a fazer barreiras. Como eu conhecia vários caminhos, e o Orlando também, achamos alternativas. Orlando morou

ali ao lado. Então, a gente passou por Chinatown e foi lá para cima pelas ruelas, para poder chegar perto. Enquanto isso, o Orlando gravava o que era necessário, a gente entrevistava quem podia. Conversamos com um capelão brasileiro, e ele só dizia assim: “Horrível, horrível”, mas ainda não havia nenhuma certeza sobre o que de fato acontecera. As pessoas que pularam, se suicidaram? O calor era tremendo, ninguém aguentava. A cobertura era grande demais para qualquer coisa que a gente estivesse preparado, a questão é que ninguém estava preparado. Orlando tinha muito mais experiência que eu, tinha coberto a guerra em El Salvador e outros conflitos, mas nada era parecido com aquilo. Havia acontecido dentro da cidade. Se mais recentemente, em maio de 2017, foi aquela comoção porque 22 pessoas foram atropeladas na Times Square, levando a uma morte, imagina como foi esse morticínio de 2001.

A nossa missão era preparar a reportagem sobre o atentado. Fizemos as imagens, tínhamos a cobertura e voltamos ao escritório para editar a matéria. Em algum momento do nosso trajeto, um norte-americano passou com uma caminhonete e nos viu com equipamento de filmagem, ofereceu carona e nos levou até perto do escritório. Nesse meio-tempo, quem estava na redação ficou se informando sobre coisas que nós não sabíamos porque estávamos na rua, sem comunicação. A Malu Guimarães editou o texto; Cacá Langer, as imagens. A matéria abriu o *Jornal Nacional* daquela noite.

## COMEÇOU O SÉCULO XXI

Fomos os primeiros jornalistas brasileiros de televisão a chegar ao local. O cheiro da cidade era pavoroso. Eram dois odores, não sei nem como qualificar, se disser “terrível” não basta. Era o cheiro de fumaça e o de carne queimada. Era uma lembrança permanente de que 3 mil pessoas morreram carbonizadas e depois esmigalhadas, de tal forma que não havia o que enterrar. A gente presenciava cenas dramáticas. O pai de dois bombeiros vítimas do atentado cavava a terra com as mãos e falava: “Você está aí, meu filho?”. É de cortar o coração. Eram muitos, muitos jovens.

Eu morava perto da Union Square, uma praça e uma estação de metrô para a qual confluíam diversas linhas. Logo nos dias seguintes, comecei a ver por ali, nas árvores e pelas lojas, cartazes com fotos de muitos jovens: “Esse é meu filho, se você tiver alguma notícia dele, por favor, ligue para esse número”. E a gente sabia que não havia nenhuma possibilidade de aquelas pessoas estarem vivas. Quando o Sherman Costa e eu passamos por um dos hospitais, lá no terceiro ou quarto dia, alguém nos disse: “A esperança dos pais, das mães, dos filhos, dos maridos, das mulheres, é que a pessoa estivesse chocada com tudo o que aconteceu e houvesse sumido”. Conforme os dias foram passando, a realidade se instalou, e as pessoas acendiam velas. É impossível não se comover, não pensar: “Poxa, a pessoa saiu lá do interior do Paquistão, enfrentou a miséria, botou o filho pra estudar, o filho estudou, fez vestibular, o cara pagou aquelas universidades norte-americanas caríssimas, o filho foi trabalhar em um lugar bacana e então desapareceu”. O cara não tinha nem o que enterrar. E todos falavam a mesma coisa, que era terrível não ter o que enterrar.

A saída da estação de Union Square fica em frente à Sétima Avenida, de onde dava para ver as torres, só que elas não estavam mais lá. Havia apenas aquela coluna de fumaça e luz. Levei um tempo até entender a extensão daquela destruição. Tudo que a gente vê hoje começou ali. Eis o início do século XXI: dois aviões se chocam contra duas torres, 3 mil pessoas morrem assassinadas e começam os atentados. Inicia-se outro terror. O cheiro de fumaça e carne queimada simplesmente não passava. Acho que já fazia um ano que eu tinha parado de fumar e comecei a ficar naquela angústia, naquela aflição, falando: “Não vou voltar a fumar, não vou voltar”. Aí, pensei: “Espera aí, eu estou vivendo uma situação excepcional, preciso descarregar

de alguma forma”. Aí, lá para outubro, decidi: “Vou voltar a fumar”. Para descarregar.

Ficava me lembrando do atentado toda hora. Talvez, se eu não estivesse tão integrado à cidade, não lembrasse tanto. Eu morava em Nova York desde 1990, conhecia pessoas cujos amigos morreram lá, como um que estava no primeiro avião. Eu nunca tenho as palavras certas para qualificar tudo aquilo, nem mesmo para descrever a minha reação. Tudo isso ainda me choca. A rotina de antes em Nova York nunca mais voltou.

Quando as pessoas falam de neurose de guerra, uma lembrança dolorosa permanente, eu entendo. Talvez seja a cobertura pela qual eu serei lembrado. Quando citarem meu nome, vão lembrar que fui o primeiro, que minha reportagem abriu o *Jornal Nacional* no Onze de Setembro. É lisonjeiro. Mas eu preferia que aquilo nunca tivesse acontecido.



Edney Silvestre, o primeiro repórter da televisão brasileira a se aproximar do World Trade Center no dia dos atentados de 11 de setembro, Nova York, 2001.

## TREINAMENTO DE GUERRA

Havia em Nova York a possibilidade de novos atentados. Pouco depois do Onze de Setembro, foram entregues envelopes com a bactéria antraz, enviados pelo correio. Havia uma grande agência no térreo do prédio onde ficavam os escritórios da Globo e existia a possibilidade de atentados em trens e ônibus. Se acontecesse em trens, a estação da linha que passa por ali, na época a Terceira Avenida, era no prédio ao lado do nosso. Os estudos mostravam que, se houvesse uma explosão, o prédio vizinho cairia sobre o nosso.

A gente teve treinamento para escapar em caso de incêndio e de bomba. Aprendemos para onde deveríamos ir; a ter água, kits de sobrevivência; e qual ponte deveríamos atravessar para sair de Nova York. Passamos por um treinamento que nunca imaginei experimentar, um treinamento de guerra. No piso do escritório, foi pintada uma faixa que se iluminaria em caso de falta de luz. Poderíamos escapar engatinhando em caso de incêndio e se houvesse muita fumaça. É um clima extremamente pesado, a gente vivia nessa atmosfera e com medo também de um ataque biológico pelos dutos de ar. O que mais podíamos fazer?

Entretanto, o jornalista não pode ter medo, quer dizer, até pode, mas deve deixar para ter medo em casa, não pode trabalhar com medo. Você tem uma missão. Tem que fazer o quê? Tem que reportar. Se você falar: “Ah, não quero passar por isso”, então é melhor desistir da profissão, não tem jeito. Se você for para o Iraque, seu telefone não funcionar e você decidir: “Ih, então, vamos voltar”, essa não é uma opção. A gente tem uma missão para cumprir. E é isso que fazemos todos os dias.

Essa lembrança está muito fresca, muito presente na vida das pessoas que, de alguma forma, foram afetadas pelo que aconteceu. A minha rotina de correspondente mudou. Passei a pensar que a vida é aqui e agora, ponto. O que era teórico passou a ser real. Quando voltei, propus fazer um programa com pessoas desconhecidas que fizessem o bem. O programa se chamou *Brasileiros*.

## MESES ANTES DOS ATENTADOS

Eu estava na Filadélfia e tinha que entrar ao vivo na cobertura das eleições norte-americanas de 2000. Estava preparado. George W. Bush era o candidato republicano, e eu entrei ao vivo para o *Jornal da Globo* durante a convenção. Deveria falar por cinquenta segundos e, normalmente, recebo um sinal quando esse tempo está próximo de se encerrar. E eu fui falando, e nada do sinal. Aí o engenheiro, o Júlio Larcher, pediu para eu continuar porque tinha perdido o contato, não sabia se no Brasil tinham cortado ou não. E continuei falando. Eu estava cheio de informações, tinha me preparado, por isso fui em frente. Eu sei que terminei contando que a atriz Bo Derek, que fez o filme *Mulher nota dez*, estava naquele palco. Eu não tinha mais assunto! Fiquei uns três minutos no ar, esgotei tudo que eu tinha me preparado e só me restou a Bo Derek.

Eu, o Orlando Moreira e o Júlio Lacher fizemos a transmissão ao vivo. Na hora que caíram os balões, na hora em que o Bush era aclamado, tivemos que sair para uma outra equipe entrar no nosso lugar. No espaço que ocupávamos, não podiam ficar duas equipes. Nessa hora fizeram uma oração no palco. Estávamos o Orlando e eu carregando material e, à nossa frente, no estádio, postaram-se dois sujeitos grandalhões que não se moviam, eles simplesmente não se moviam. E aí pedi licença várias vezes e nada de os homens saírem do lugar, até que finalmente berrei: “Dá licença!!!”. E aí fiz o gesto de agredi-los com sei lá o que eu estava carregando, e aí eles abriram caminho, mesmo assim eles queriam deixar claro que aquela era a hora da prece, que devíamos parar tudo o que estávamos fazendo e rezar. Aquilo me assustou. Na eleição de 2000, Bush venceu o candidato democrata Al Gore.

“Fomos os primeiros a chegar bem próximos ao World Trade Center. Fizemos uma matéria para o *Jornal Hoje*. O céu, antes azul, estava coberto por uma fumaça negra. Essa foi uma das mais tristes coberturas que já fiz. Jamais vou esquecer as cenas que testemunhei.” – Orlando Moreira

## OSCAR E ENTREVISTAS

Os bastidores do maior prêmio do cinema mundial e as curiosidades nas entrevistas com personalidades internacionais foram mostrados aos brasileiros por Edney Silvestre e o repórter cinematográfico Orlando Moreira.

O Oscar é uma daquelas coisas da vida jornalística que demandam sapatos confortáveis, porque você espera em pé muito tempo. Você fica naquele tapete vermelho, que não é o mesmo tapete vermelho dos atores, artistas, produtores; fica nas arquibancadas ou naquelas plataformas. E você espera, espera e espera. No dia 21 de março de 1999, queríamos filmar a chegada de Fernanda Montenegro. Ela era candidata ao Oscar de Melhor Atriz pelo filme *Central do Brasil*, de Walter Salles, que também concorria a Melhor Filme Estrangeiro. Acabou que a Fernanda chegou, fizemos a entrevista, mas não deu para entrar ao vivo porque estava no horário do Faustão, e o acontecimento do dia era o sequestro do irmão da dupla sertaneja Zezé di Camargo e Luciano. Wellington Camargo havia sido sequestrado no dia 16 de dezembro de 1998 e libertado no domingo do Oscar, dia 21 de março.

E nesse Oscar aconteceu um fato interessante. Cate Blanchett também era candidata a Melhor Atriz, com Emily Watson, Meryl Streep e Gwyneth Paltrow. Para nós, a disputa seria entre Cate, que tinha feito *Elizabeth*, onde estava estupenda, e Fernanda. Os jornalistas americanos não acreditavam na Fernanda, achavam que já era uma honra ela ter sido indicada. A gente torcia. E aí surgiu a Gwyneth Paltrow, uma loirinha americana. Ela tremia, estava visivelmente muito nervosa. Paltrow levou o prêmio de Melhor Atriz. *Shakespeare apaixonado* é um filminho simpático, uma graça, mas nem se compara a *Elizabeth*, que mostra a profunda transformação de uma menininha em uma mulher fria e poderosa, a primeira rainha Elizabeth. Aquilo sim é uma interpretação inesquecível.

Conheci Cate Blanchett, que se mostrou completamente acessível. Assim como Angelina Jolie, maravilhosa, bonitona, no começo da carreira, com um estilo todo alternativo. Eu a vi correndo e fiquei embasbacado: “Quem é essa mulher?”. E o Orlando Moreira me respondeu: “É Angelina Jolie, Edney”. Aí comentei: “Nunca vi”. Tinha um brilho ali. Existem mulheres mais bonitas? Claro que sim, mas não é essa a questão.

Uma gafe dessa cobertura: eu não quis entrevistar a Gwyneth Paltrow. E ela

ganhou o Oscar.



## ENTREVISTAS

Quando entrei na Globo, mostrei interesse pelas artes – cinema, teatro, literatura –, que estavam em pleno *boom* nos Estados Unidos. Os correspondentes antes de mim estavam mais próximos da política e da economia. Ninguém tinha entrevistado Mia Farrow, Norman Mailer, Daniel Day-Lewis.

Havia várias peças sérias fazendo grande sucesso na Broadway. O diretor George C. Wolfe causava impacto com *Anjos da América*, um diretor negro, também autor de teatro, um cara brilhante, que estava dirigindo obras de Shakespeare. Havia uma modificação cultural que o Brasil desconhecia. Você pensava em cultura negra norte-americana, e o que vinha à cabeça era o jazz, a cantora Billie Holiday, mas a peça de maior impacto daquela década tinha sido escrita por um rapaz judeu e dirigida por um rapaz negro. Inúmeros grandes atores negros, como Denzel Washington, que eu não entrevistei na época, tinham feito Shakespeare. Isso tudo acontecia numa era pré-internet. O que se sabia basicamente da cultura, chamemos assim, afro-americana, era relacionado à música.

O mesmo acontecia na literatura. Não gosto de falar de movimento das minorias, mas havia as “feministas”. Ninguém sabia bem o que pensavam Gloria Steinem ou Alice Walker, que tinha escrito *A cor púrpura*. Quem eram essas mulheres? Era uma chance de conhecê-las, são pessoas muito interessantes. Eu era contra começar assim: “Alice Walker é afrodescendente”. É reducionista. Esse é apenas um aspecto da Alice Walker, o fato maior é que ela escreve bem pra caramba, tem uma experiência única. Havia esse espaço para mostrar o que a imprensa brasileira ainda não havia apresentado.

Entrevistei o cineasta Woody Allen para o *Jornal Nacional*. Ele é exatamente aquilo. Faz muito bem o papel de Woody Allen: parece Woody Allen, se expressa como Woody Allen, fala coisas de Woody Allen. Então, não houve surpresa, diferente, por exemplo, da atriz Juliette Binoche. Eu estava com o Paulo Zero, a porta do elevador do hotel se abriu, e lá estava ela, com aquele olhar penetrante. E ela sorriu... Quem será que sorriu primeiro? Juliette ou nós? Possivelmente, nós, aquele sorriso bobão. E, aí, imediatamente eu falei: “Você poderia nos dar uma entrevista?”. E ela: “Não, agora eu não posso, eu vou...”. Ela ia dar uma entrevista para outra pessoa. “Nós também vamos gravar uma entrevista agora, mas quem sabe hoje à tarde?”. Deu certo.

Ela arrumou horário e deu a entrevista, linda. Eu conhecia histórias de Juliette que ela não imaginava que outros sabiam. Por exemplo, o pai era manejador de fantoches, viajava pela França toda fazendo espetáculos e a deixava com a irmã, Marion, na loja de brinquedos de uma senhora que conheci e que sempre contava essas histórias. Quando comecei a entrevista, contei: “Pois é, tem a história do seu pai...”. Ela ficou chocada. Como você encontra alguém em Nova York que conhece a dona de uma loja em Paris chamada Le Monde en Marche em que você ficava com a sua irmã? Era uma loja que só tinha brinquedos de madeira ou chumbo, tudo artesanal. A dona, Esperia Trombetta, me contou também que Juliette Binoche tinha ficado destruída quando o Jean-Luc Godard a expulsou das filmagens de *Je vous salue, Marie*. Ela era uma menina de uns vinte anos. Eu não sabia detalhes dessa história, e Juliette me contou.

A parte que achei mais interessante na nossa conversa foi a comparação de seu trabalho com o ato de descascar uma cebola. Juliette disse que uma atriz é como o bulbo: você vai tirando as camadas e se expondo. Ela ganhou o Oscar 1997 de Melhor Atriz Coadjuvante por sua atuação no filme *O paciente inglês*. Tinha uma cena em que o doente, no meio de tantas dores, já agonizante por meses, pede que a personagem dela, uma enfermeira, acabe com a vida dele. “Por favor, me mate”, ele pede com o olhar. Mas ela é uma enfermeira, tem que salvar vidas. A personagem sente que acabar com o sofrimento do doente seria a melhor coisa que poderia fazer pelo homem, porém essa é uma grande dor para ela. Juliette contou que fez a cena aos prantos e, então, o diretor, Anthony Minghella, lhe disse: “Está muito lindo, Juliette, mas vamos fazer com menos intensidade agora”. E ela fez não sei quantos *takes* e cada vez ele pedia: “Menos, menos”. Ela decidiu então perguntar: “Como assim, menos?”. E ele explicou: “Não, Juliette, o sofrimento tem que estar dentro de você, não fora”. Ela seguiu a instrução. A cena é maravilhosa, e ela ganhou o Oscar.

Quem também contou uma história linda sobre o ofício de ator foi o Patrick Swayze, que morreu de câncer em 2009 e tinha feito *Dirty Dancing*, de 1987. Ele me disse: “Sou um ator, então eu vou lá, fico em carne viva, e as pessoas querem que depois eu me comporte como um gerente de banco, uma pessoa normal. Eu não sou normal”.

Quando eu perguntei para o ator Johnny Depp por que ele largou um seriado de enorme sucesso nos anos 1980, *Anjos da lei*, ele disse: “Porque queriam fazer de mim um iogurte, aquele produto que você põe na prateleira e vai

vendendo. Eu não sou um iogurte”. Isso é maravilhoso! Foi o título da matéria.

A atriz Mia Farrow também me proporcionou uma experiência interessante. Foi a primeira vez que ela falou da separação do Woody Allen. Ela ainda estava muito ferida, depois fez uma dedicatória para mim no livro que estava lançando, agradecendo a delicadeza: “Olha, nós estamos no meio da sua separação, de tudo que aconteceu, não sei se você vai querer abordar isso, mas é meu trabalho como repórter perguntar”. Aí ela disse: “Poxa, obrigada pela amabilidade, conto sim”. Ela falou sem entrar em detalhes, mas que para ela tudo aquilo era um choque, porque o companheiro tinha se unido a uma filha adotiva dela, Soon-Yi, quer dizer, uma pessoa com quem seu marido conviveu desde pequena.

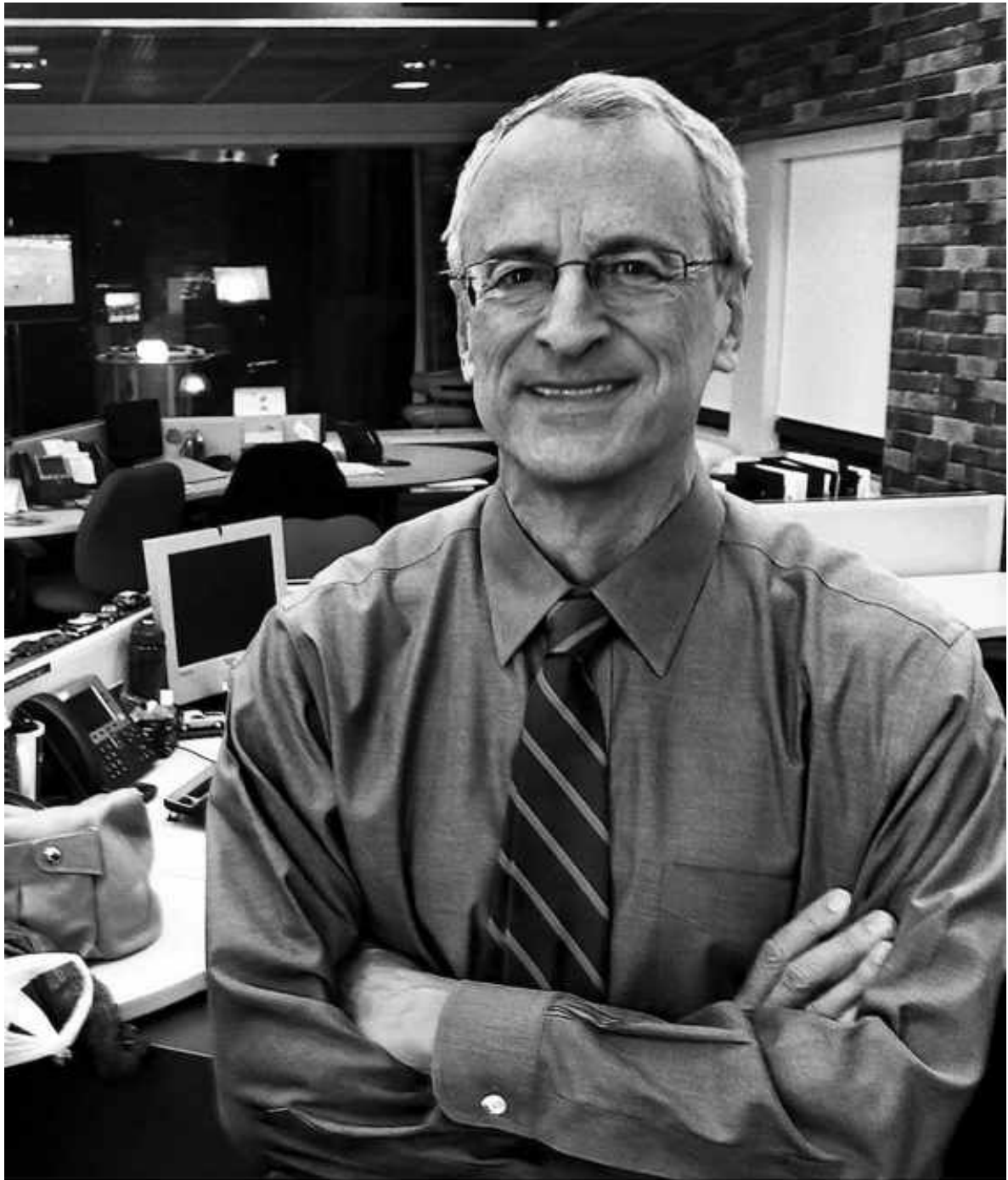
Shirley MacLaine foi um aprendizado, uma oportunidade sensacional: fizemos uma *junket* – o estúdio que produziu o filme, ou o distribuidor, seleciona órgãos de imprensa em várias partes do mundo para entrevistarem alguma, ou várias, estrelas do filme. A Globo foi uma das selecionadas para *O entardecer de uma estrela*, estrelado por Shirley MacLaine, em 1996. Entrei na sala onde aconteceria a entrevista, numa suíte de um hotel de Manhattan. Eles me indicaram a cadeira, eu me sentei, fiquei aguardando. Ela chegou, me cumprimentou com toda a gentileza, sentou-se, mas logo se levantou. Nesse curto espaço de tempo, deu para perceber que, com aquela iluminação, as rugas do rosto dela ficavam muito visíveis. Ela também tinha percebido e foi conversar com alguém da produção, um papo que não consegui ouvir. Pouco depois, a assessora de imprensa veio, pediu desculpas, perguntou se eu me incomodava de esperar um pouco do lado de fora da suíte: “A Shirley MacLaine está mudando a luz”. E ela entendia mesmo de iluminação, como tantas outras estrelas da época dela, e mudou toda luz. E aí, quando eu voltei, ela já estava sentada, e sua pele, com a luz que ela mesma tinha arrumado, parecia jovem e sem rugas.

Com a cantora Barbra Streisand teve a história da minha gravata. Era dia dos namorados, e eu fui para a entrevista com uma gravata de corações. Ela apontou e falou: “Ah, corações, são para mim?”. Ao que eu respondi: “Claro que são para você”. Foi também uma linda entrevista.

Outra matéria que adorei foi com a atriz Lauren Bacall, em 1996. Eu a tinha visto numa festança no museu Metropolitan, uma festa do pessoal da moda. Vi quando ela saiu, desceu as escadarias, estava com uma roupa de gala, um vestido comprido. Fui olhar, porque ela era a lendária viúva do ator Humphrey Bogart e uma das mulheres mais bonitas de seu tempo em

Hollywood, um mito do cinema. Ela fez sinal para um táxi e entrou. Não entendi nada: “Ué, e a limusine, o que aconteceu?”. Quando fui entrevistá-la, eu perguntei sobre isso, e ela falou: “Mas que limusine?! Sou nova-iorquina, não ando de limusine, eu tomo táxi ou ando de metrô”. Ela também revelou que o que mais detestava era ser lembrada como “a viúva” de Humphrey Bogart.

Persegui durante um tempo o poeta da geração *beat* – movimento literário norte-americano de meados dos anos 1950 –, Allen Ginsberg. Ele tinha acabado de se mudar para um apartamento no Lower East Side, e tínhamos amigos em comum. Ele não queria dar entrevistas naquela época porque estava se mudando. As coisas estavam desorganizadas, e parte do acervo dele tinha sido doada para a Universidade de Colúmbia. Um dia ele topou, e fomos, Paulo Zero e eu, para a casa dele. Era um apartamento gigantesco em Nova York, um *loft*, numa parte bem boêmia da cidade. Laurie Anderson, uma artista experimental americana, também era assim, morava num lugar que hoje é caríssimo, o Meatpacking District. Mas aí, fomos para o *loft* do Ginsberg. Ele tinha um aparelho de videocassete que alguém tinha dado, e eu comentei: “Ah, um aparelho de videocassete”. E ele falou: “Mas não adianta nada, eu não sei como ligar isso, não sei como se faz, tem que conectar”. Aí o Paulo Zero se ofereceu para colocar o aparelho para funcionar. Ginsberg ficou encantado porque tinha um monte de fitas que queria ver, inclusive dele mesmo. O Allen Ginsberg estava doente, e eu não sabia que essa era uma das razões para ele não querer dar entrevistas. Ele tinha hepatite. Mesmo assim, a entrevista foi ótima. Ele comentou sobre uma foto dele, meio pelado, correndo pelo Hyde Park, com uma capa, doidão. Ele fumava todas, bebia todas. Falou dos pais, que eram esquerdistas e idealistas, e que aprendeu muito com eles, e só sobrava ele da família. Conversou sobre o escritor Jack Kerouac, disse que chegaram a ter relações físicas, uma única vez. Ele amava o Kerouac, mas o Kerouac não o amava. Ele tinha muito senso de humor. Morreu, em 1997, antes de a entrevista ir ao ar.



JORGE PONTUAL

JORGE PONTUAL COMEÇOU NA GLOBO EM 1972. Cabelo até o ombro, brinco em uma orelha e bata indiana: era hippie. Com bom humor, lembra os primeiros anos na emissora, quando ainda batia os textos na máquina de escrever, fazendo cópia com papel carbono. Segundo o próprio, nunca quis ser correspondente internacional. Aliás, nem aparecer na TV. Considerava-se tímido.

Jorge Alexandre Faure Pontual nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 4 de novembro de 1948. O domínio do inglês e do francês ajudou o filho de Jorge, piloto aposentado, e de Geneviève, dona de casa, no início da vida profissional. Depois de cursar Sociologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), o rapaz foi trabalhar em uma das maiores agências de notícias do mundo, a britânica Reuters. Tornou-se redator e tradutor.

Na Globo, começou como redator no *Jornal Internacional*, passou pelo *Jornal Amanhã*, foi editor-chefe do *Jornal da Globo* e do *Globo Repórter*. Em 1995, foi convidado para comandar o escritório de Nova York. Ele tinha 47 anos e nunca vivera no exterior. Com a família, começou uma nova vida. Ao fim de dois anos, missão cumprida, recusou a oferta de voltar. Os filhos preferiram ficar para estudar nos Estados Unidos.

Passou a ser repórter freelancer: primeiro na revista *Época*, depois na GloboNews, em 1998, contribuindo para o *Sem Fronteiras* e o *Milênio* – o qual julga ser seu maior orgulho profissional. Para quem nunca se imaginou como repórter de vídeo, Pontual surpreendeu ao adotar um lado descontraído em suas reportagens ou em comentários ao vivo, principalmente no programa *Em Pauta*, onde dançou a famosa coreografia “Gangnam Style”, fantasiou-se de lenhador, Drácula, Homem-Mosca, Darth Vader e Chewbacca. Usou ternos cor de rosa e estampados, vestiu um parangolé de Hélio Oiticica. Perdeu o medo do ridículo. Também no programa, se arriscou a apresentar poemas que traduz de outras línguas por hobby. O carinho do público é uma de suas maiores recompensas; entretanto, nas redes sociais deixou de ler os comentários, “por ordem do médico”, explica.

Além da GloboNews, nos últimos anos, tem participado de grandes coberturas da Globo, como os atentados de 11 de setembro, a crise econômica dos Estados Unidos e todas as eleições presidenciais americanas.

Pontual não faz planos. Aceita tudo o que vem com muita gratidão. Em 2018, completa setenta anos e ainda se sente aquele garoto, o hippie da redação, que se apaixonou por fazer televisão há mais de quatro décadas. Já assistir, é outra coisa. Como dizia um dos seus mentores, o jornalista Hedyl Valle Jr., ele ganha para fazer, não para assistir. “Quero continuar fazendo TV até o fim”, completa.





## RENÚNCIA DE RICHARD NIXON WASHINGTON, 1974

O presidente norte-americano Richard Nixon foi reeleito em novembro de 1972. Seu segundo mandato foi marcado pelo escândalo Watergate, que o levou à renúncia em 9 de agosto de 1974. Jorge Pontual foi enviado aos Estados Unidos para cobrir a reeleição e, dois anos depois, redigiu o texto sobre a saída de Nixon, lido pelo apresentador Heron Domingues na bancada da edição extraordinária do *Jornal Internacional*.

Em novembro de 1972, Heron Domingues e eu fomos enviados para fazer a cobertura da reeleição de Richard Nixon, presidente norte-americano, para o *Jornal Nacional*. Os recursos vinham do governo dos Estados Unidos, que convidou jornalistas de vários países para trabalhar em um estúdio em Washington. Foi a minha primeira entrada ao vivo no telejornal. Eu era redator, não era repórter. E foi uma experiência única, de entrar ao vivo, na rua, da capital norte-americana.

Eu tinha 24 anos e foi a primeira vez que viajei para cobrir um assunto internacional. Os estúdios ficavam no famoso e cavernoso prédio do Old Post Office, na Pennsylvania Avenue, perto da Casa Branca, onde hoje fica o Trump International Hotel. Passávamos o dia inteiro trancados lá dentro. Heron ficou muito feliz com a reeleição de Nixon por uma avalanche de votos – o democrata George McGovern só ganhou no estado dele –, já eu – que era contra a Guerra do Vietnã – fiquei arrasado. O engraçado é que não dei a mínima para entrar ao vivo no *Jornal Nacional*. Só tempos depois, quando Sérgio Chapelin me disse que nunca tinha visto ninguém tão natural na TV, é que me toquei.

O Heron Domingues era fã do Nixon, ele o considerava um grande líder. Em seu primeiro mandato, o político fez muita coisa importante, como a aproximação com a China, em 1972, que mudou a política internacional. Quando aconteceu o escândalo Watergate, na eleição de 1972, fiz uma reportagem sobre o caso. Ainda era o começo, e ninguém prestava muita atenção, porque não se sabia exatamente o que tinha acontecido. Só depois de meses de investigação, e das reportagens do *Washington Post*, foi feita a ligação entre a invasão do escritório do Partido Democrata no prédio Watergate e a turma de Nixon na Casa Branca. Virou uma bola de neve que

acabou na renúncia. O Heron acreditava que o Nixon ia superar o escândalo. A saída do político foi um choque para ele. Heron morreu horas depois. Obviamente, devia ter algum problema cardíaco, não morreria só por isso. Mas deve ter sido um desgosto muito grande.

## TRANSMISSÃO AO VIVO DA RENÚNCIA

Na noite do dia 9 de agosto de 1974, a Globo decidiu transmitir o pronunciamento do presidente norte-americano ao vivo. O sinal foi aberto minutos antes do discurso, e decidiu-se colocar as imagens no *Jornal Internacional* para todo mundo ver o Nixon se preparando. Ele fazia caretas e gracinhas. O Armando Nogueira, então diretor de Jornalismo, me disse: “Escreve um ‘boa-noite’”. O jornal já estava no ar, e eu redigi.

O texto era um comentário, como se fosse uma crônica sobre o final do governo, meio gaiato, engraçado, sobre um grande líder que caía. Entrei no estúdio com o texto e o entreguei ao Heron por baixo da câmera, para não aparecer. Nessa hora, o jornal exibia outra imagem, ele não estava no ar. Não cheguei a interrompê-lo. Mas, enfim, ele estava tenso, preocupado, e leu de primeira. Foi incrível. O “boa-noite” do programa deixou todo mundo emocionado.

Depois, Heron saiu para jantar com o Armando, voltou para o hotel e morreu dormindo. Era uma grande figura.

## O INÍCIO EM NOVA YORK, 1996

Fui convidado pelo Evandro Carlos de Andrade, então diretor de Jornalismo, para chefiar o escritório de Nova York, e o assumi em janeiro de 1996. Na mesma época, chegava à sucursal a repórter de rede Sônia Bridi.

Uma das primeiras coisas que fiz foi falar com o Renato Machado, editor-chefe do *Bom Dia Brasil*, para conseguir um quadro de crônicas de Nova York, feito pelo jornalista Paulo Francis. Foi ideia do Francis, na verdade. Ele ficava solto! Dizia qualquer coisa que viesse à cabeça, fazia reportagens na cidade, o que era legal. Francis conhecia Nova York profundamente, uma Nova York sofisticada, e botava isso na televisão, coisa que ninguém nunca tinha feito. Eram assuntos ligados à cultura e a comportamento.

## GLOBONEWS: ENTREVISTAS EM NOVA YORK, 1996 – 2016

A GloboNews estreou no dia 15 de outubro de 1996. Era o primeiro canal de notícias 24 horas do Brasil. De Nova York, a partir de 1998, Jorge Pontual passou a contribuir com os programas *Milênio* e *Especial Internacional*, que se transformaria no *Sem Fronteiras*, em 2000.

Tive a felicidade de participar da gestação da GloboNews. Evandro Carlos de Andrade e Alice-Maria, diretora-geral do canal na época, foram a Nova York e pediram que eu marcasse uma visita a uma estação de notícias 24 horas, a NY1, que estava começando. A Time Warner Cable, que opera a TV a cabo em grande parte de Nova York, lançou essa estação local, a custo mínimo, pequena, e basicamente para dar as informações locais que mais interessam ao público: tempo e tráfego. Ficamos sabendo que os repórteres eram contratados recém-formados, a um salário máximo de 30 mil dólares por ano, e mais: saíam sozinhos, fazendo sua própria câmera, sem carro da empresa; iam de metrô ou, em condições extraordinárias, de táxi. Os repórteres editavam suas matérias, praticamente não havia pessoal técnico. Os âncoras operavam as próprias câmeras por controle remoto. Anos mais tarde, descobri que esse é o sistema adotado pela Bloomberg TV, com equipamento, hardware e software infinitamente mais caros e avançados do que os da NY1, mas o princípio é o mesmo: os repórteres e editores fazem quase tudo. Nenhum dos empregados era sindicalizado.

Passaram-se meses, a GloboNews entrou no ar, e esse modelo norte-americano foi adaptado à nossa realidade. No meu caso, a contribuição foi fazer um programa semanal de entrevistas, uma antiga ideia do Paulo Francis, com uma condição: que alguém, mesmo que freelancer, fosse contratado para arrumar os entrevistados para ele. Francis trouxe o Edney Silvestre e logo surgiram entrevistas com os escritores Norman Mailer e John Updike, entre outras celebridades. Estava criado o *Milênio* com grande sucesso.

## O AMIGO PAULO FRANCIS

Francis foi uma figura inacreditável, era um doce de pessoa. Ele tinha aquela *persona*, um personagem que ele inventou, era um ator. Depois, virou crítico de teatro. Ficava na redação para gravar um quadro para o *Jornal da Globo*. Imagina o escritório, com telefones tocando na hora do fechamento do telejornal, um inferno. E, se tocasse o telefone, ele parava e reclamava com todo mundo. Ele não lia *teleprompter* – o dispositivo que apresenta, em uma tela ou em um rolo de papel, as palavras a serem lidas pelo apresentador. Ele tinha aquele texto longo memorizado, em tópicos. Ele falava muito bem, era muito eloquente, tinha uma formação shakespeariana, então, sabia construir períodos longos. Era aquela coisa improvisada, mas bem estruturada, porque ele tinha escrito antes. A gente conseguiu construir um estúdio para ele. Encomendamos uma poltrona – era um trono –, que chegou no dia que ele morreu, 4 de fevereiro de 1997. Nunca estreou. Ele conhecia tudo, literatura, teatro, cinema, arte, ópera, balé. Sabe um homem da Renascença? Então, esse faz uma falta danada.

O próprio Edney fez algumas entrevistas com gente do show business. Isso durou até a morte do Francis. A partir daí, o Lucas Mendes passou a colaborar, assim como o Sílio Boccanera. E minha rotina mudou. Passei a fazer o *Milênio* uma vez por mês.

Com a estreia do *Especial Internacional* em 1998 e a mudança do nome para *Sem Fronteiras*, em 2000, comecei a me dedicar ao programa quase toda semana. Para as duas produções, entrevistei gente interessantíssima.

## REFLEXO RÁPIDO

A primeira vez que entrevistei o jornalista Fareed Zakaria foi em 1999 para o *Especial Internacional*. O programa era sobre a Guerra dos Bálcãs, e o escritor falaria sobre os altos custos do conflito, principalmente para os Estados Unidos. Durante a gravação em um salão suntuoso do Conselho de Relações Internacionais, em Nova York, o repórter cinematográfico Orlando Moreira tropeçou num dos stands de luz, que caiu na direção de um vaso chinês, atrás do entrevistado. Eu assisti à cena petrificado, vendo em câmera lenta o desastre, prestes a acontecer. O ilustre jornalista se virou num milésimo de segundo e agarrou o vaso no ar, salvando a preciosa peça que certamente nos custaria os olhos da cara se tivéssemos que repô-la. “Como você sabia que o vaso ia cair?”, perguntou o Orlando. “Vi no reflexo dos seus óculos”, disse o Fareed, olhando para mim. E seguimos a entrevista.

## MINHA MELHOR ENTREVISTA

Freeman Dyson, o físico inglês. Ele trabalhava no escritório que foi do próprio Albert Einstein no Instituto de Estudos Avançados, em Princeton, Nova Jersey. Também em 1999, eu o entrevistei com o repórter cinematográfico Helio Alvarez para o *Especial Internacional*, em um programa chamado “Viagem ao futuro”. Quando chegamos ao Instituto, aquele velhinho pequeno e magrinho apareceu dizendo que seu escritório ficava no terceiro andar, sem elevador. Mas ele pegou o carrinho pesado que o Helio usava pra levar o equipamento e o foi levando escada acima, com a maior disposição. O lugar era de uma simplicidade espartana, com velhos quadros negros nas paredes cobertos de fórmulas. Freeman tem fala doce e baixa, e as ideias mais visionárias sobre o futuro – o que vai acontecer daqui a um século, um milênio, 10 mil e 100 mil anos. Sempre cito essa como a melhor entrevista que fiz.

Dyson foi um dos primeiros cientistas a antever – a sério, não como ficção científica – a integração entre biologia e tecnologia. Um exemplo, entre muitos: o que ele batizou de *astrochicken*, a astrogalinha, uma nave robô que nasce de um ovo no espaço e viaja entre as estrelas coletando dados. Dyson prevê que, ainda neste século, a biotecnologia estará ao alcance de todos, não apenas dos grandes laboratórios. Assim como um bando de garotos criou a revolução digital nas garagens do Vale do Silício nos anos 1980, neste século outros garotos criarão em suas garagens a revolução biológica. Para mim, o mais importante foi ouvir as ideias dele sobre ciência e religião, que não são nada antagônicas. Um cientista pode ser uma pessoa religiosa, como ele, e rigorosamente científico.



## HAROLD BLOOM DESCABELADO

Em agosto de 2000, o cinegrafista Sherman Costa e eu fomos a New Haven para entrevistar o genial crítico literário Harold Bloom, professor da Universidade de Yale. Ele tinha entendido que seria uma entrevista para jornal. Quando viu a câmera, a mulher dele veio com um pente e o deixou bem arrumadinho. Assim que ela atravessou a porta, Bloom passou as mãos gorduchas nos longos cabelos brancos, até ficar de novo totalmente descabelado. E foi assim: de suspensórios, descalço e com meias vermelhas que ele passou a interpretar Falstaff, Cleópatra, Shylock, Hamlet, Macbeth, Rosalind e outros personagens de Shakespeare. Foram mais de duas horas de entrevista, ou melhor, de uma performance brilhante, porque não precisei perguntar nada.

Sua entrevista foi editada para o *Milênio* em duas partes. Na primeira, ele comenta a crítica do escritor português Fernando Pessoa à obra de Shakespeare; diz quais produções literárias de Pessoa mais gosta e por que acredita que Shakespeare inventou o humano. Cada um dos grandes personagens de Shakespeare – Hamlet, Otelo, Falstaff, Cleópatra, Rosalind, Shylock, entre outros – encarna pela primeira vez na literatura características psicológicas muito específicas e diferenciadas, que servirão de guia para a compreensão da natureza humana. Na segunda, ele fala sobre sua própria obra, suas influências, para quem escreve.

Bloom está no centro de uma polêmica importante: ele é o maior defensor do “cânone” da cultura ocidental, o estudo, no currículo universitário das Ciências Humanas, dos grandes mestres. Infelizmente, Bloom perdeu essa guerra. Hoje o mundo acadêmico nos Estados Unidos é dominado por uma ideologia multicultural que considera o cânone ocidental um instrumento do colonialismo e do imperialismo. Sai Shakespeare, entra Toni Morrison, Nobel de literatura em 1993, que costuma retratar mulheres negras com personalidades fortes e histórias de vida marcantes.

## MÚSICO E CICLISTA

O grande músico David Byrne, considerado tímido e lacônico, é notoriamente difícil de dar entrevista. Mesmo assim, ele topou falar para o *Milênio* em 2011, mas exclusivamente sobre seu livro *Diários de bicicleta*, de 2009, onde descreve as viagens que fez pelo mundo. Assim, ele apresenta seus shows, para os quais sempre leva uma bicicleta com qual ele explora, nas horas vagas, os arredores das cidades que sediam os concertos. O resultado é um olhar muito original sobre lugares conhecidos, mas que, vistos por um ciclista, revelam ângulos inusitados. Então, fiz o seguinte: comprei o mesmo modelo de bicicleta que ele usa no livro, uma dobrável, e a levei desmontada para o escritório onde ele nos recebeu, no Soho, bairro de Nova York. Fazendo jus à fama, ele estava de cara fechada. Eu ataquei: “Estou usando a sua bicicleta. No manual diz que leva trinta segundos para abrir e montar. Vamos ver qual é o seu tempo, vou cronometrar”.

Ele se desculpou, não usava mais esse modelo havia anos, mas topou o desafio. Ele levou quarenta segundos. Nada mal. Ele adorou a brincadeira, quebrei o gelo, e a entrevista foi espetacular. E eu, que não andava de bicicleta, continuo andando até hoje, seis anos depois, ainda que em outro modelo. O interessante para mim é que, naquela época, pouca gente andava de bicicleta em Manhattan. A construção de ciclovias pelo prefeito Michael Bloomberg mudou Nova York. Hoje há tantos nova-iorquinos seguindo o exemplo de David Byrne que chega a dar engarrafamento de bicicletas em certas horas do dia. De precursor na música, ele virou também precursor da mobilidade urbana.

## SAQUE NO MUSEU

Mohammed Arkoun, que era um dos maiores filósofos contemporâneos do islamismo catedrático da Sorbonne, por sorte estava de passagem por Nova York em 2003. Eu o entrevistei em 21 de abril. Conversamos sobre a queda da estátua de Saddam Hussein, em Bagdá. Isso despertou nele muita indignação, não por Saddam, mas pela história milenar da cidade, pela invasão que comparou à dos mongóis em 1258.

Arkoun se especializou no estudo da dinastia Abássida em Bagdá, destruída pelos mongóis, um dos períodos de florescimento intelectual da história, quando os árabes estudavam os textos dos filósofos gregos e desenvolveram a álgebra, os fundamentos da matemática e das ciências. O temor de Arkoun, de que os remanescentes de uma grande civilização estavam em sério risco, se confirmou no dia seguinte com o saque do museu de Bagdá. Foi uma das entrevistas mais apaixonadas e eloquentes, em francês, que eu já gravei.

## QUANDO NOS SURPREENDEMOS

A entrevista era com Marc Miringoff, professor da Universidade Fordham e sociólogo responsável pelo índice de desenvolvimento social dos Estados Unidos. O assunto era a pobreza no país mais rico do mundo, pauta ignorada pelos políticos. Quando chegamos e vi a cara do entrevistado, me apavorei. Ele tinha olheiras negras até o meio do rosto, dentes escuros e escassos, cara de morto-vivo. “Orlando, diz que a câmera quebrou e não vamos poder gravar. Olha a cara dele, ninguém vai aguentar 23 minutos de *Milênio* com esse sujeito.” O Orlando, entretanto, ponderou: “Que é isso, amigo, vamos gravar, sim, quem sabe ele não fala muito bem e vai ser ótimo?”. Concordei a contragosto.

Orlando tinha razão. Marc Miringoff tinha passado a vida numa cruzada, chamando a atenção dos americanos para a pobreza, e falou com paixão e indignação contagiantes. O programa foi um sucesso. Duas semanas depois, em março de 2004, ele morreu. A causa da morte não foi revelada. Pelo menos, ele brilhou na última entrevista.

## DIVA TEMPERAMENTAL

Para o *Milênio*, conversamos com a cantora lírica Jessye Norman, a diva, no Café Carlyle, em Nova York. Os cinegrafistas Luiz Novaes, o Tigrão, e Anderson Gazio chegaram bem cedo para montar a luz. O assessor de imprensa da soprano, no entanto, mandou que eles parassem: “Está horrível, ela vai odiar e mandar mudar tudo. É melhor trocar logo antes de ela chegar. Podem refazer todo o set”.

Ele não disse de que jeito a luz seria aceitável para a diva, só repetia que ela era muito exigente e temperamental e não podia ser contrariada. Em pânico, porque faltava pouco tempo, os dois mudaram a luz toda, as posições de câmera, sem saber se iam agradar. Quando ela chegou, majestosa, um sorriso imenso, me beijou efusiva. Achou tudo lindo e gravou uma entrevista emocionante e deliciosa. Uma deusa.

Naquele ano de 2010, a cantora visitaria o Brasil, por isso falou um pouco sobre sua expectativa com a vinda ao país e seu gosto pela cultura afro-brasileira. No passado, ela se envolveu na luta contra a segregação racial nos Estados Unidos e contou que teve a oportunidade de conhecer Martin Luther King.

Essa entrevista teve um momento muito emocionante pra mim, quando me lembrei da histórica gravação do “Liebestod”, última ária da ópera *Tristão e Isolda*, de Wagner, que ela havia gravado com o maestro Herbert von Karajan, em 1987. Ela se emocionou ao recordar.

## DIVA PUNK

Gravamos um *Milênio* com Patti Smith, a roqueira, no estúdio da Globo em Tribeca, Nova York, em 2011. Anderson Gazio arrumou o set num canto onde há um papel de parede que imita os tijolos dos lofts da cidade. Patti viu aquilo e balançou a cabeça. “Tá horrível, totalmente *fake*. Que tal a gente gravar no meio do estúdio, mostrando essa escada, essa bagunça, as outras câmeras, os tripés?”.

Que ideia ótima! Um cenário autêntico. Anderson pôs o microfone nela, como sempre tentando esconder o cabo. “Não! Que coisa mais brega esconder o cabo. Tem que aparecer tudo!”. E assim foi, uma entrevista bem punk.

Inspirado pelo maravilhoso livro de Patti, *Só garotos*, sobre memórias dos encontros dela com a poesia, a música e o amigo Robert Mapplethorpe, pedi que lesse o início do poema de Allen Ginsberg “Nota de pé de página para *Uivo*”, que começa falando de tudo que é sagrado. Foi para abrir com o astral lá no alto, e deu certo.

## ATENTADO TERRORISTA DE 11 DE SETEMBRO ESTADOS UNIDOS, 2001

Os Estados Unidos foram alvo de ataques terroristas organizados pela rede Al Qaeda, liderada por Osama Bin Laden. As torres gêmeas do World Trade Center foram derrubadas, cada uma por um Boeing 767. Jorge Pontual e o repórter cinematográfico Helio Alvarez acompanharam a tragédia no dia do atentado.

Eu estava dentro de um avião, e íamos fazer uma cobertura em Washington das manifestações programadas contra o FMI. Ia ter uma coletiva dos manifestantes, e eu aproveitaria para fazer o programa *Sem Fronteiras* para a GloboNews. Fui com o repórter cinematográfico Helio Alvarez, mas chegamos atrasados. Eu consegui embarcar, mas ele ficou para trás. Era mais demorado para ele por conta dos equipamentos, e o Helio resolveu ir no voo seguinte.

Embarquei, porém o tempo passava e nada de o meu avião decolar. Estava há quarenta minutos dentro da aeronave quando disseram: “O aeroporto está fechado”, mas não contaram por quê. Aí finalmente pediram que todos os passageiros desembarcassem. Saio do avião e encontro o Helio na sala de embarque. Ele levou um susto, e eu perguntei: “O que foi, Helio?”. “Puxa, eu achei que o seu avião era o que tinha sido derrubado.” “Derrubado?”, eu não sabia de nada. “É, caíram dois aviões nas Torres Gêmeas, e eu achei que era o seu voo.”

Pegamos um táxi para Manhattan, vendo as torres queimando ao fundo, e o motorista falou: “Não tem acesso à ilha, está tudo fechado: túnel, ponte, não tem acesso algum”. “Então, deixe a gente perto de uma ponte, a gente vai a pé”. Ficamos próximos a uma ponte no Bronx. Se fôssemos a pé, provavelmente estaríamos andando até hoje, porque era longe pra burro. A Simone Duarte, chefe do escritório na época, nos ajudou pelo telefone: “Vou mandar uma bicicleta buscar vocês”. Porque não tinha como passar pela ponte. Tentei parar uma ambulância, e o cara me xingou: “Tem gente morrendo, e você quer carona?”. Parou um carro preto com uma moça loira, linda, parecia uma cena do seriado *Miami Vice*. A moça espetacular que dirigia o SUV preto falou: “Entrem aí”. Era uma policial, parte da segunda geração de policiais de sua família, que estava indo trabalhar. Tinha passe-livre. Veio um cara correndo e falou: “Eu também sou jornalista”. Era o editor-chefe do tabloide

*Daily News.*

Conseguimos atravessar as barreiras e chegamos perto. Gravamos as cenas de pessoas que tinham conseguido descer do prédio e ainda corriam, cobertas de pó, uma coisa dramática. Era gente que estava dentro do prédio e viu pessoas caindo. Riam porque tinham se salvado, aquele riso nervoso de quem só sabe que está vivo. Foi difícil até a gente perceber a dimensão da tragédia. O primeiro dia foi um choque muito duro. O cheiro tomou conta da cidade durante um bom tempo, aquele cheiro de queimado...

Cinco dias depois, fui com Orlando Moreira para o local do desabamento das torres. Fomos uns dos primeiros a conseguirem entrar no marco zero. Tinham muitas barreiras, mas os policiais deviam estar cansados. Era domingo à tarde. O Orlando sugeriu: “Encosta nos prédios no outro lado da rua e vai andando. Eles não vão ver a gente”. Ninguém nos viu. Demos de cara com tudo ainda queimando, um calor sufocante.

“Tínhamos a missão de chegar o mais próximo possível do World Trade Center, mesmo com as barreiras policiais. Disse ao Pontual para ele me seguir. De repente, chegamos aos escombros. Com imagens impressionantes, fizemos uma matéria exclusiva para o *Fantástico*.” – Orlando Moreira



“ONDE ESTÁ MEU FILHO?”

No dia seguinte, conversei com parentes de desaparecidos. Imediatamente, apareceram aquelas fotos que as pessoas imprimiam com os rostos, os nomes e um telefone. Eram ações das famílias com a ilusão de que iam encontrar essas pessoas, que talvez estivessem em um hospital ou com amnésia. Encontrei uma senhora, numa calçada, com a foto do filho: “Eu sou paquistanesa. O meu filho é motorista de ambulância, paramédico, e também é cadete da polícia. Ele estava em casa, viu a tragédia na televisão e se sentiu obrigado a ajudar. Pegou o metrô, conseguiu atravessar a ponte a pé, foi para a cidade e não voltou. Onde é que está o meu filho? Me ajuda”. E me deu seu número de telefone. O nome dele era Mohammad Salman Hamdani.

O jornal *New York Post* publicou uma foto do rapaz, dizendo que ele era um dos suspeitos e que não estava nada desaparecido, mas era, sim, parte da conspiração. A casa da mãe dele, Talat Hamdani, foi apedrejada, os vizinhos ligavam, ela recebeu ameaças de morte. Meses depois, acharam os restos mortais do rapaz, identificado pelo DNA fornecido pela mãe. Ele foi enterrado como herói. Na cerimônia, ela fez um discurso dizendo que, se ele se chamasse Jesus ou então Moisés, não teria sido visto como criminoso. Mas como se seu nome era Mohammad...

Eu entrevistei Talat em uma manifestação contra a Guerra do Iraque. Ela participava de uma organização de parentes das vítimas do Onze de Setembro que eram contra a vingança, contra usar o atentado para fazer ataques à população islâmica, como aconteceu.

Naquela semana, teve também o *Globo Repórter*, intitulado “Terror nos EUA”, com matérias sobre os brasileiros que estavam nas torres, pessoas num estado de confusão mental, de depressão, de angústia, de temor. A gente sentiu muito medo nos primeiros dias. Logo depois veio a ameaça de um ataque bioterrorista com a bactéria antraz. Qualquer um poderia ser atingido. O escritório da Globo, na época, ficava no prédio principal dos correios em Nova York. A ventilação e o ar-condicionado central eram os mesmos. Qualquer coisa que entrasse ia parar no nosso andar também. Tinha todo um esquema de evacuação, faixa de segurança pintada pelo chão, kits de sobrevivência, só não tinha máscara contra gases. Havia um clima de “nós vamos ser atacados de novo” na cidade inteira. As pessoas choravam na rua. Durou um tempão, era muito medo. Havia um boato de ataque à usina nuclear

de Indian Point, que fica pertíssimo da cidade. Se atacassem a usina, Manhattan inteira teria que ser evacuada. Atualmente, só na ilha tem mais de 1,5 milhão de habitantes. Na grande Nova York, há mais de 8,5 milhões de pessoas. Como se pode tirar toda essa gente dali? Não dá para fazer isso, seria um caos.

Se alguém atacasse aquelas piscinas de urânio, e a usina explodisse, a radioatividade se espalharia por um raio que inclui a grande Nova York. Está muito perto. Fui explicar isso na GloboNews, e uma amiga que estava com passagem comprada para Nova York cancelou a viagem. Fiquei muito chateado. A gente não quer ser alarmista, não é essa a nossa função. Mas por mais que você tente não fazer escândalo, a notícia em si era preocupante demais. Como você vai saber a reação do público? Eu ouvi várias vezes: “Ah, o tom de voz que vocês usam na matéria é de alguém que está assustado”. Talvez estivéssemos nervosos demais, e essa tensão passasse para as pessoas. Mas o objetivo não era esse. Acho que a gente cobriu corretamente uma tragédia que atingiu a humanidade. Uma coisa terrível, sem precedentes.

Depois do Onze de Setembro, a cidade deu uma deprimida. Foram 100 mil vagas de trabalho perdidas e que não foram repostas. Eu peguei Nova York no auge, em 1996. A gente dizia: “Ah, vivemos na capital do mundo”. Existia uma certa arrogância, mas a cidade estava então de crista baixa.

Consegui fazer muita coisa na cobertura do Onze de Setembro. Acho que a Globo fez um excelente trabalho, com a Simone Duarte à frente da equipe, e acabamos indicados ao Emmy Internacional. A Globo foi uma das quatro finalistas, ao lado da alemã RTL e das britânicas ITN e BBC. A vencedora foi a BBC, que concorreu com sua série de reportagens sobre a tomada de Cabul, capital do Afeganistão, pelas tropas norte-americanas. Eles estavam sozinhos lá. Mas acho que, em matéria de cobertura do Onze de Setembro, a nossa teve um nível capaz de competir com as melhores. Tentamos realmente fazer um trabalho equilibrado, imparcial.

“A expressão do olhar das pessoas era de terror. Elas não controlavam o que sentiam e tinham reações muito fortes. Estávamos à flor da pele, mas criamos um mecanismo de proteção: você se emociona, mas continua trabalhando.” – Helio Alvarez



Jorge Pontual e Sherman Costa, ao vivo, na cobertura dos dez anos dos atentados de 11 de setembro, Nova York, 2011.

## MUDANÇAS CLIMÁTICAS

### NANTUCKET, 2009

Ao longo da última década, Jorge Pontual acompanhou as notícias sobre aquecimento global e mudanças climáticas no centro de um dos países que mais poluem no mundo: os Estados Unidos. Para a GloboNews, produziu o *Sem Fronteiras*, intitulado “Aquecimento global: as duas caras da América” (2009).

O que leva a gente que está trabalhando nos Estados Unidos a tratar desse assunto é o fato de estarmos em um dos países que mais contribuem para o aquecimento global e que resiste a mudanças de política para enfrentar o problema. Por que os norte-americanos têm essa resistência? Por que têm essa dificuldade em aceitar um fato científico? Esse foi o tema do programa que eu fiz para o *Sem Fronteiras*. Eu conversei com o cientista Richard Lindzen no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), pessoa que nega que o aquecimento global seja provocado pela queima de combustível. Tentamos ouvir o outro lado, o porquê dessa resistência. Foi interessante ter essa opinião, embora seja minoritária cientificamente. Foi um programa em que mostrei que a sociedade norte-americana estava mudando de atitude.

Durante o governo Obama, houve uma virada na opinião pública, que passou a ser majoritariamente a favor da tomada de medidas para enfrentar o aquecimento global. A maioria, inclusive, é a favor do Acordo de Paris – aprovado por 195 países, em 2015, para reduzir a emissão de gases do efeito estufa. Foi uma mudança importante que aconteceu e que a gente foi documentando ao longo do tempo. Isso, claro, antes de 2017, quando o governo de Donald Trump oficializou às Nações Unidas sua intenção de deixar o Acordo.

Mas, naquela época, havia muita iniciativa entre os jovens. Para esse *Sem Fronteiras* de 2009, fui a uma universidade em Vermont, onde entrevistei alguns deles. Eles falavam com entusiasmo da redução de carbono que a própria universidade estava fazendo, dos estudos que eles desenvolviam com o professor Bill McKibben, um dos principais ativistas norte-americanos pelo meio ambiente.

## *CARBON ZERO MAN*

Para o mesmo programa, fomos a Nantucket, um dos condados do estado norte-americano de Massachusetts. Lá, a população tinha um problema enorme com o lixo porque não tinha onde jogar os detritos. No entanto, eles conseguiram fazer um programa eficiente de reciclagem.

Em Nantucket, encontrei um personagem muito impressionante: Colin Beavan, um inglês que mora nos Estados Unidos há muitos anos, virou americano e passou anos vivendo como *carbon zero man*, o homem com emissão zero de carbono. Foi uma coisa meio maluca. Ele fez a família, que mora num apartamento em Nova York, não pegar elevador, não usar luz elétrica em casa, não usar máquina de lavar, não usar nem papel higiênico. Só comiam alimentos produzidos localmente para evitar o gasto de combustível no transporte. Ele analisou tudo o que a gente faz no dia a dia, para chegar a cada quantidade, por menor que seja, de carbono, petróleo, gás e carvão gastos para atender nossas atividades absolutamente corriqueiras. Ele mudou todo um modo de vida durante um ano, algo extremamente radical! Ninguém vai fazer isso, mas nossa reportagem mostrou o extremo de sua atitude, que é quase uma crítica irônica do que a gente faz na nossa sociedade. O máximo que as pessoas pensam é em reciclar o lixo ou gastar menos água.

## CRISE ECONÔMICA

### ESTADOS UNIDOS, 2007 – 2008

Instituições financeiras dos Estados Unidos acumularam prejuízos bilionários em função de empréstimos de alto risco, os chamados *subprimes*, para a compra de imóveis, em 2007. Bancos pediram concordata, e cidadãos foram à falência. Jorge Pontual acompanhou para a GloboNews a crise que afetou a economia mundial.

Fiz uma reportagem para o *Jornal das Dez*, em novembro de 2008, com um brasileiro que morava em Nova York e não tinha documentos. Era um imigrante ilegal e músico, que vivia de fazer bico em Nova Jersey, estado vizinho. Quando o entrevistei, ele já tinha falido e me contou sua história.

Esse rapaz chegou a comprar trinta casas sem apresentar qualquer documento. E também não precisava comprovar nenhum ativo. O banco financiava 100% da aquisição de uma casa. O que ele fazia? Pegava o dinheiro no banco, comprava as casas, dividia em apartamentos e alugava bem barato. Ficou rico. Só que ele, como todos os outros que entraram nessa fraude, não checaram os contratos e não tomaram nenhuma precaução.

Um belo dia, o valor da hipoteca foi para o espaço, subiu muito, e eles tiveram que vender as casas. O nosso entrevistado faliu, abandonou tudo e largou os inquilinos. Não devolveu o dinheiro do depósito e fugiu para o Brasil. É um exemplo do que aconteceu. Os bancos davam financiamento a troco de nada para a compra de imóveis e depois revendiam esses títulos da dívida. Eram os tais papéis podres. Os bancos lucraram milhões de dólares em cima da revenda desses papéis. E quando quebraram, os clientes já tinham falido antes. Isso causou enorme perplexidade. As pessoas perderam tudo o que tinham. Tinha gente com aposentadoria privada, com investimentos, tudo perdido. As taxas de desemprego eram altíssimas. Fiz várias matérias em filas de desempregados que eram de cortar o coração. Você via aquelas filas enormes, dando voltas e mais voltas no quarteirão com pessoas de classe média que antes tinham um emprego bom, profissionais liberais... Estavam há um, dois, três anos sem conseguir nada. E isso durou bastante tempo.

Em janeiro de 2008, fiz para o *Sem Fronteiras* uma entrevista com o economista Nouriel Roubini, um dos primeiros a prever que isso tudo ia acontecer. Em 2014, no *Milênio*, fiz outra com o Thomas Piketty, um

economista francês que fez uma análise incrível da desigualdade de renda, especialmente nos Estados Unidos.

## BRINCANDO COM O CAPITAL

Piketty virou uma celebridade internacional instantânea com o imenso *O capital no século XXI* (2013), um calhamaço de quase mil páginas. A produtora Simone Delgado e eu penamos durante meses para convencer Piketty a nos dar uma entrevista para o *Milênio* numa passagem dele por Nova York.

Vi muitos vídeos de entrevistas do economista em inglês. Ele é fluente, rápido, mas totalmente incompreensível por causa do sotaque francês carregadíssimo. Já que tenho nacionalidade francesa e domino a língua, decidi entrevistá-lo em sua língua natal. Eu tinha lido o livro na tradução em inglês. Tive que reler em francês para me familiarizar com os termos usados no original. Mil páginas de novo! Mas o problema maior era como ajudar o público a visualizar a altíssima concentração de renda diagnosticada por Piketty. Solução: comprei uma caixa de Lego e montei uma pirâmide para mostrar que o 1% no topo detém quase toda a renda. Funcionou, e ele gostou.

A principal contribuição de Piketty e sua equipe foi coletar dados precisos sobre a distribuição de renda de um grande número de países, o que permitiu ao economista provar que, nas últimas décadas, o crescimento econômico levou a uma enorme desigualdade, com a riqueza concentrada nas camadas mais altas. Assim, ele forneceu fundamentação à proposta de políticas de aumento da tributação sobre as grandes fortunas, um tópico extremamente impopular nos Estados Unidos e que acabou elegendo Donald Trump com a proposta de cortar radicalmente os impostos sobre os mais ricos –, mas muito popular exatamente na faixa que saudou Piketty como herói: a esquerda e o mundo acadêmico.

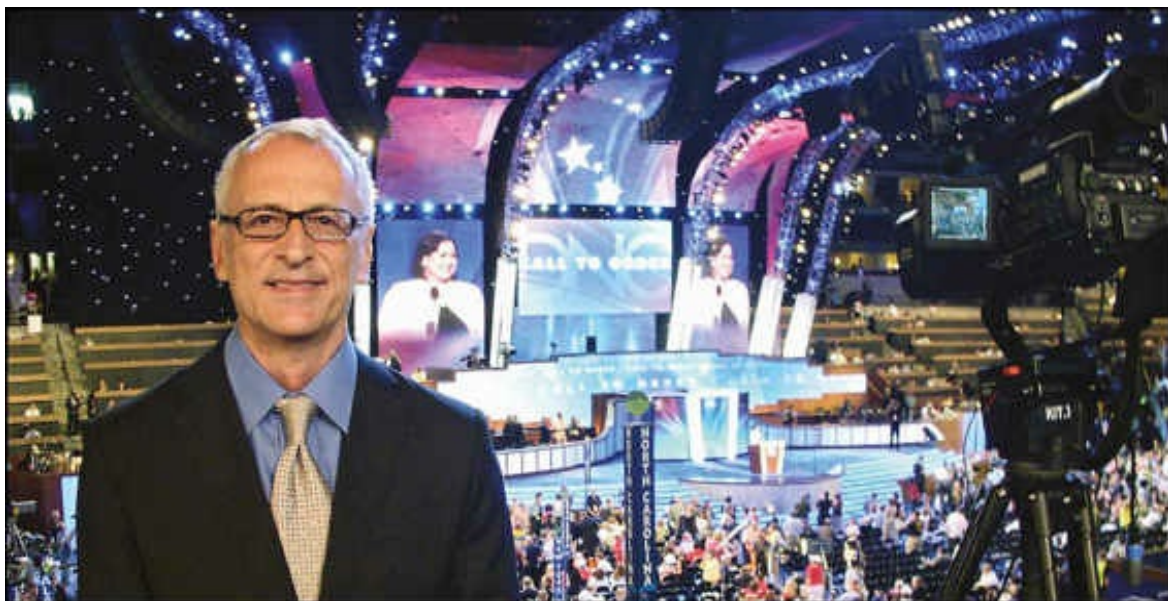


## BARACK OBAMA: A PRIMEIRA ELEIÇÃO, WASHINGTON, 2008

Eleito em novembro de 2008, Barack Hussein Obama governou os Estados Unidos de janeiro de 2009 a janeiro de 2017. Na primeira eleição, o democrata derrotou o candidato republicano John McCain e tornou-se o primeiro negro a comandar o país. Jorge Pontual cobriu a posse a uma temperatura abaixo de zero.

O que me marcou no primeiro mandato do Obama foi ter coberto a posse. Estava um frio do cão – nunca passei tanto frio –, e a gente tinha que chegar ao local em Washington às cinco horas da manhã por causa da segurança. O evento começou às onze. Ficamos seis horas no frio. As TVs norte-americanas tinham suas tendas aquecidas, infraestrutura para os repórteres, mas nós ficamos ao relento. Quando eu entrei ao vivo no *Estúdio I*, apresentado pela Maria Beltrão na GloboNews, fazia muito frio. Ela me pediu para dar um depoimento, dizer o que significava para mim estar ali. “Eu sou um picolé feliz”, respondi. Fazia uns quinze graus abaixo de zero.

Não sei se foi o frio intenso, mas, ao deixar o Mall, o longo parque que vai do Congresso até o Memorial de Lincoln, a multidão recorde – várias vezes maior que a da posse de Donald Trump –, não parecia tão entusiasmada quanto na chegada. Em parte, porque o discurso de Obama foi muito longo e difícil, e o som dos alto-falantes não permitia ouvir direito, mas principalmente porque, apesar das esperanças, havia também o medo de que não desse certo: afinal, o primeiro presidente negro acabava de herdar uma economia em ruínas, com desemprego em alta. Foi um começo difícil, mas Obama acabou consagrado.



Jorge Pontual na Convenção do Partido Democrata, Denver, 2008.

*YES, WE CAN!*

Obama fez o discurso da vitória em Chicago. Foi um dos melhores dele, talvez o melhor. Estava todo mundo exultante, e ele repetiu: “*Yes, we can*” – “Sim, nós podemos”. Foi o clímax. Contou a história do movimento dos direitos civis nos Estados Unidos e a das conquistas populares e democráticas ocorridas ao longo do século XX.

Ele usou como pano de fundo a vida de Ann Nixon Cooper, personagem escolhida para humanizar a história norte-americana. Ela tinha 106 anos na época da posse e participou de vários momentos marcantes da história dos Estados Unidos. Era amiga de Martin Luther King, que frequentava a casa dela, em Atlanta, onde ele morava. Mrs. Cooper era realmente uma personagem importante nessa luta dos direitos civis.

## “PARECIA UM PASSARINHO”

Na quinta-feira, 6 de novembro de 2008, dois dias depois do discurso de Obama, eu fui a Atlanta para uma reportagem que foi ao ar no *Fantástico*. Mrs. Cooper me recebeu em sua casa, onde passei a tarde. De vez em quando, ela apagava, dormia, parecia um passarinho. De repente, fechava os olhinhos, passava cinco, dez minutos dormindo, aí, de repente, acordava e continuava a falar, lembrando de tudo. Ela tinha uma cabeça ótima. Sentadinha numa cadeira, não tinha muito movimento, mas não estava mal, não. Era uma pessoa fragilizada pela idade, mas permanecia comunicativa, engraçada, espirituosa, recebendo um monte de visitas. Ela ficou famosa de repente, então, não parava de chegar gente, televisões de outros lugares. Ela estava se divertindo muito e me convidou para o seu aniversário de 107 anos. Não pude ir. E ela nos deixou em dezembro de 2009.

## NO ALASCA DE SARAH PALIN

Ainda na corrida presidencial de 2008, fui ao Alasca com o cinegrafista Emmanuel Bastien, o Manu, gravar o perfil de Sarah Palin, candidata à vice de John McCain, do Partido Republicano. Palin fazia campanha contra limites ao uso de armas de fogo e divulgou fotos segurando um rifle ao lado de um alce, morto por ela. “Nós temos que encontrar um alce”, eu disse em inglês ao Manu – ele é francês, mas só fala comigo em inglês. Subimos morro atrás de alces, nada. “Cadê o alce?”, eu perguntava a todo mundo. “Passou um aqui, cinco minutos atrás”, era sempre a resposta. Não vimos nenhum alce vivo, mas achamos um amigo de infância de Sarah Palin, que tinha uma garagem com várias carcaças escorrendo sangue. Tivemos que nos contentar com produtos típicos do Alasca: brincos feitos com cocô seco de alce e um pacote de carne moída, também de alce.

## SEGUNDO MANDATO DE OBAMA

Para a reeleição de Obama, em 2012, preparei um *GloboNews Especial* em Chicago, a cidade dele, onde fez a carreira política, e outro no Arizona, um dos estados mais republicanos, os chamados *red states* – estados vermelhos. Foram dois programas maravilhosos. De Chicago, mostramos uma cidade dominada pelo Partido Democrata e, do Arizona, um dos estados mais conservadores dos Estados Unidos, mostramos quem eram os eleitores republicanos.

Primeiro o repórter cinematográfico Gui Machado e eu fomos ao Arizona. O objetivo era mostrar a realidade de um *red state*. Na malfadada eleição de 2000 – que marcou a vitória do republicano George W. Bush no colégio eleitoral, na qual perdeu para o democrata Al Gore no voto popular –, os mapas eleitorais nas TVs norte-americanas adotaram o hábito de colorir de vermelho os estados republicanos e de azul os democratas. A convenção pegou e hoje virou parte da identidade e do uniforme dos dois partidos.

O Arizona é bem representativo dos *red states*. Naquele ano, era dominado pelo recém-fundado Tea Party, a facção mais radical dos republicanos, que surgiu como reação ao plano de Barack Obama de estender a assistência médica ao maior número possível de americanos. Em Nova York, onde vivemos, era muito difícil achar membros do Tea Party. No Arizona, foi fácil. Eles nos receberam com muita hospitalidade durante uma reunião do partido, onde ouvimos barbaridades, como “Barack Obama é comunista” e “Hitler era marxista”. O grupo estava se preparando para a tomada dos campos de golfe locais pela ONU!

Nossa aventura no Arizona nos levou ao extremo sul, para ver a cerca que divide a cidade de Nogales, que fica metade nos Estados Unidos e metade no México. Seguimos um protesto dos indígenas locais contra novas leis que restringiram o estudo das tradições nativas, parte da onda anti-imigração que então começava e que culminaria quatro anos depois na eleição de Donald Trump. Entrevistamos o xerife Joe Arpaio, símbolo do ódio aos imigrantes e aos mexicanos, que na época trabalhava com Donald Trump para tentar provar que Barack Obama tinha nascido no Quênia, não no Havaí. Pura fantasia, mas até hoje a base do Partido Republicano acredita nisso. Arpaio se tornaria um dos principais cabos eleitorais de Donald Trump, mas acabou sendo condenado em 2017 pelas práticas discriminatórias da polícia local contra os

imigrantes. Certo dia, dirigimos até o magnífico Grand Canyon e voltamos a Phoenix para nos despedir desse estado deslumbrante que vive o choque entre a mudança demográfica, que favorece os hispânicos, e a resistência dos brancos.

Em Chicago, Gui e eu decidimos fazer de bicicleta a reportagem sobre a cidade adotiva de Barack Obama, e sede de uma das maiores máquinas eleitorais do Partido Democrata. É uma cidade plana, por isso é cheia de ciclovias – muito antes de Nova York –, e dona de uma arquitetura fabulosa. Mostramos como funciona a máquina democrata, visitamos a Universidade de Chicago, onde Obama foi professor, refizemos o trajeto do presidente quando era líder comunitário em bairros pobres. Na época, já se delineava o declínio social que acabou fazendo de Chicago a cidade mais violenta dos Estados Unidos, um choque entre o idealismo de Obama e dos democratas, com seus programas sociais, e a realidade da profunda desigualdade racial e social herdada do período da escravidão. De um lado, havia uma cultura negra, criativa e original; do outro, a vida nos guetos.

No confronto entre conservadores e liberais, estes levaram a melhor graças ao carisma de Obama, mas o revide viria quatro anos depois com a eleição de Donald Trump.



Reportagem de Jorge Pontual sobre o presidente Barack Obama, Chicago, 2012.

## EXPLORAÇÃO DE GÁS XISTO PENSILVÂNIA, 2013

O *Cidades e Soluções* mostrou em maio de 2013 a exploração de gás xisto nos Estados Unidos, um tipo de energia controversa. Jorge Pontual e o repórter cinematográfico Orlando Moreira foram até Pittsburgh, onde gravaram o programa “Gás de xisto: problema ou solução?”, que conquistou o Prêmio Petrobras de Jornalismo.

Jornalistas que não trabalham em televisão nem sempre entendem o que é a produção de jornalismo em TV. A função de produtor foi inventada nos Estados Unidos e é a chave para as reportagens televisivas. Ele levanta as pautas antes de o repórter sair em campo, elabora um roteiro prévio, marca as entrevistas e gravações, providencia tudo para as viagens da equipe. O ideal é que viaje junto, mas nem sempre é possível. Os orçamentos são muito apertados.

Em 2013, para reportagens sobre o *fracking* – apelido em inglês para “fraturamento hidráulico”, tecnologia empregada para a extração não convencional de gás de xisto –, o orçamento permitia que Orlando Moreira e eu dormíssemos apenas duas noites em Pittsburgh, percorrendo de carro por centenas de quilômetros a região do oeste da Pensilvânia. Foi uma coprodução do *Bom Dia Brasil* com o *Cidades e Soluções*. A produtora Angela Pontual conseguiu marcar mais de dez entrevistas nesse tempo curto, cobrindo desde vítimas do *fracking* pela contaminação da água por metano até defensores da tecnologia e autoridades locais interessadas na exploração de xisto. Também entrou em contato com um pesquisador que estuda os casos de contaminação e o geólogo que descobriu as reservas desse gás na área.

Foi uma correria, trabalhamos o dia todo, dirigimos sem parar, mas no fim deu tudo certo. Sem a Angela, que ficou em Nova York e ia orquestrando pelo telefone as gravações, teria sido impossível. Ela nos orientou para chegar a uma fonte natural onde a água literalmente pega fogo, tal a quantidade de metano. Foi uma surpresa total pra mim: nunca tinha visto ou sequer imaginado que água pudesse pegar fogo, muito menos numa fonte natural. A chama chegava até a minha cintura. Durante uma hora, acendemos e apagamos o fogo nessa fonte. O dono da propriedade, que teve sua água contaminada pelo metano na extração do gás de xisto, disse que outras equipes de TV tinham



estado lá para filmar o fenômeno, mas que a chama nunca subira tão alto quanto para nós.

Entretanto, o que mais me comoveu foi o drama das vítimas, que foram reunidas para nós pelo pesquisador Yuri Gorbi, que organizou o registro de centenas de casos de pessoas que tiveram sua saúde prejudicada pela exploração do gás de xisto. O mais triste é que essa exploração trouxe prosperidade não só àquela região, mas a um grande número de estados norte-americanos, e tornou o país autossuficiente em combustíveis fósseis. Não há a menor chance de que as preocupações ambientais e de saúde se imponham diante do avanço avassalador da exploração do xisto.

## CORRIDA PRESIDENCIAL VERMONT E PENSILVÂNIA, 2016

O empresário Donald John Trump foi eleito pelo Partido Republicano depois de disputar a presidência dos Estados Unidos com a candidata democrata Hillary Clinton. Jorge Pontual traçou o perfil dos dois candidatos para o *Sem Fronteiras* em setembro de 2016.

Para o perfil de Donald Trump, o cinegrafista Rob Langhammer e eu fomos ao norte do estado de Vermont entrevistar Gwenda Blair, a biógrafa da família Trump, que estava passando as férias numa fazenda isolada. O GPS naquele lugar distante não era muito preciso. Passamos da entrada, descemos uma imensa ladeira e só lá embaixo percebemos o erro. Aí o carro atolou na estrada de terra. Não subia de jeito nenhum. Deixamos o veículo e subimos a ladeira íngreme a pé, carregando todo o equipamento. Xinguei o tempo todo e amaldiçoei os Trumps até a última geração. Isso explica tudo.

Foi muito difícil conseguir alguém que defendesse o Trump. É claro que essas pessoas existiam, mas ninguém queria falar. Pretendíamos gravar um *Sem Fronteiras* que tivesse opiniões em defesa e contra. Tentamos de todas as maneiras, mas os caras marcavam e cancelavam com a gente na porta do prédio. Ouvi outras pessoas que conheciam a trajetória de Trump, como o jornalista Bret Stephens, editor do *The Wall Street Journal*, gente que cobre Nova York normalmente, já que Trump é um personagem da cidade. Fizemos um programa interessante, com várias histórias legais sobre ele. Não ficou totalmente negativo, de jeito nenhum. Conseguimos mostrar como ele chegou até onde está hoje.

## “INIMIGA DO POVO”

Rob Langhammer e eu também fomos a Phoenix, no Arizona, cobrir um comício de campanha de Donald Trump. Chegamos bem cedo para entrevistar pessoas na fila, esperando para entrar. Assessores, amigos, pessoas próximas, não eram somente eleitores. Todos muito gentis e simpáticos, famílias com crianças, senhoras encantadoras. Horas depois, já dentro do Centro de Convenções, Trump começou a falar e instigou a multidão contra nós, dezenas de jornalistas, que estávamos dentro de um curralzinho ao fundo. As mesmas pessoas, antes tão boazinhas, viraram feras: gritavam, xingavam, ameaçavam. Temi pela nossa integridade física. Um cidadão mais calmo veio pedir ao Rob, que estava ainda mais branco que de hábito, que não levasse aquele ataque para o lado pessoal. Trump foi embora feliz, após fazer com que a multidão se voltasse contra a imprensa, que ele chama de “inimiga do povo”.

## CANDIDATA HILLARY

Com a Hillary Clinton foi mais ou menos a mesma coisa. Conseguimos falar com pessoas próximas a ela, mas também tudo muito sacrificado. É difícil para a imprensa estrangeira conseguir acesso.

O perfil da Hillary foi mais pessoal. Fui a Kansas e entrevistei pessoas que trabalharam com ela. Eu tentava humanizar a personagem, mostrar quem era a pessoa por trás da figura pública, as coisas menos conhecidas da vida dela. Gail Sheehy, biógrafa de Hillary, nos recebeu em seu sofisticado apartamento na Riverside Drive com vista para o rio Hudson, em Nova York. Enquanto esperávamos por ela, o repórter cinematográfico Luiz Novaes sentou-se num dos sofás. O que parecia ser uma almofada branca e felpuda era um cãozinho de raça. O bichinho saiu ganindo justo quando a entrevistada chegava ao salão. “Você se sentou no meu cachorro!” Luiz, mais conhecido como Tigrão, pediu mil desculpas. Graças a Deus, ela acabou amansando e deu a entrevista. Anos depois, voltamos de novo para falar sobre Hillary. Dessa vez, ela marcou num parque. Eu perguntei: “Você marcou no parque para o Luiz não se sentar de novo no seu cão?” Ela tinha se esquecido da história e ficou novamente furiosa com o Tigrão. Até hoje ele reclama.

## VERÃO DO AMOR SÃO FRANCISCO, 2017

Em junho de 2017, o Verão do Amor, que marcou o início do movimento hippie nos Estados Unidos, completou cinquenta anos. O *Fantástico* exibiu uma reportagem especial de Jorge Pontual e do repórter cinematográfico Lúcio Rodrigues, na qual eles viajam até São Francisco, a cidade onde tudo começou, para mostrar o que mudou.

Para a reportagem sobre os cinquenta anos do Verão do Amor, o repórter cinematográfico Lúcio Rodrigues e o produtor Luigi Sofio tiveram uma ideia genial: eu entrei em São Francisco pela ponte Golden Gate a bordo de uma Kombi toda pintada com imagens psicodélicas, como as que os hippies usavam nos anos 1960.

Foi a gravação mais complicada da qual já participei. O motorista e eu atravessamos a ponte umas dez vezes. Tínhamos câmeras instaladas na Kombi, e o Lúcio e o Luigi iam ao lado num outro carro, gravando. Tudo sincronizado. Era hora do rush, o tráfego pesado, foi bem complicado e arriscado. Teve uma hora em que vi um carro de polícia vindo e achei que íamos ser presos, mas no fim deu tudo certo. O Lúcio ainda subiu num morro para filmar a Kombi e a ponte do alto. O editor Davy Areia deu um *timing* perfeito à montagem de todos esses *takes*, com a música “San Francisco”, de Scott McKenzie, ao fundo. Todo mundo sabe que televisão é trabalho de equipe, mas são nessas horas que a gente vê como contar com um time criativo é fundamental.

Nosso objetivo era mostrar não só o saudosismo da época dos hippies – através de entrevistas com os sobreviventes, como Marty Balin, do grupo Jefferson Airplane, e Dennis McNally, que foi o publicista dos Grateful Dead –, mas como o espírito do Verão do Amor – idealismo, quebra de paradigmas, revolução cultural – permanece vivo num novo avatar: os jovens empreendedores do Vale do Silício. Ao contrário dos hippies, eles visam o lucro e dominam a economia de mercado, mas mesmo assim querem mudar o mundo, levar a revolução digital a todo o planeta e desenvolver ao máximo o potencial humano. Foi o que encontramos entre os jovens das *startups* que entrevistamos.

Se além de Nova York eu pudesse escolher onde viver nos Estados Unidos, iria para São Francisco. Quem sabe será minha próxima aventura?



MARCOS LOSEKANN

MARCOS LOSEKANN NASCEU EM 8 de janeiro de 1966, no Rio Grande do Sul, mas é cidadão do mundo. Morou em tantas cidades que perdeu a conta. Partindo da pequena Independência, filho único de Elaine Ciechowicz Losekann e do caminhoneiro Ary Losekann, ele cresceu em Três Passos. O interesse pela faculdade de Direito o levou para Cruz Alta, onde, por um golpe de sorte, descobriu o jornalismo. Em 1984, incentivado por um funcionário da RBS TV, afiliada da Globo, fez suas primeiras reportagens para a televisão, uma delas sobre a obra do escritor cruz-altense Erico Veríssimo, tendo como gancho o lançamento da minissérie *O tempo e o vento* (1985). Dono de um faro jornalístico aguçado, ele largou o Direito para se dedicar à nova paixão.

Determinado, seu objetivo era tornar-se um repórter completo, com experiência em todas as mídias. Para tanto, passou pela Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, e também pelos jornais *Zero Hora* e *Diário Catarinense*. Em televisão, também pela RBS TV, trabalhou em Pelotas, Caxias do Sul e Florianópolis, de onde entrou, aos 22 anos, para o time do *Jornal Nacional*. Em 1990, foi contratado pela Globo de Brasília, de onde conquistou o Brasil, destacando-se na cobertura do julgamento dos assassinos do ambientalista Chico Mendes, em Xapuri, no Acre. Coincidentemente, foi na Amazônia que Losekann deu seu primeiro grande furo de reportagem: a descoberta, no meio da selva, de um avião de garimpeiros abatido pela Guarda Nacional da Venezuela, desmentindo a versão oficial de que a queda havia sido acidental. Devido à euforia nacional em torno da conferência Rio-92, Losekann foi enviado pela Globo à Amazônia, onde passou três anos e meio. A experiência na região deu origem ao livro *O ronco da pororoca: histórias de um repórter na Amazônia*, lançado em 1999.

Em 2000, o repórter recebeu o convite que, para ele, coroou sua trajetória profissional: ser correspondente da Globo em Londres. Ao chegar à capital inglesa, Losekann cobriu as guerras do Iraque e do Afeganistão. Quatro anos depois, inaugurou o posto de correspondente no Oriente Médio. De Jerusalém, fez reportagens sobre os conflitos entre Israel e a Autoridade Palestina, a morte de Yasser Arafat (2004), o sequestro e assassinato no Iraque do engenheiro brasileiro João Vasconcellos (2007) e a guerra entre Israel e Líbano (2006). Em 2007, voltou a Londres para assumir a coordenação do escritório, onde planejou coberturas, como o casamento do príncipe William



com a plebeia Kate Middleton (2011) e a renúncia do papa Bento XVI (2013).

Em agosto de 2013, Losekann retornou ao Brasil, com destino a Brasília. Desembarcou na capital federal na época da prisão dos envolvidos no Mensalão. Quando a operação Lava-Jato e o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff dominaram o noticiário, ele assumiu as reportagens sobre o poder judiciário, especialmente o Supremo Tribunal Federal.

Em meio às coberturas nacionais e internacionais, Marcos Losekann escreveu a trilogia de ficção *Entrevista com Deus*, que reúne os livros *O dossiê Iscariotes*, *O segredo do salão verde* e *Entre a cruz e a suástica*, publicados de 2006 a 2009.



## JERUSALÉM, 2004

O convite para trabalhar como correspondente no Oriente Médio valeu como um prêmio. Depois de quatro anos em Londres, eu seria o primeiro repórter de um canal latino-americano baseado em Jerusalém. Como requer o bom jornalismo, me instalei em um campo neutro. Eu prezava pela tão necessária isenção. Embora renegada pela ONU durante anos, a capital de Israel, na prática, era Jerusalém, onde ficam os ministérios, o parlamento e toda a estrutura burocrática. A Cidade Santa, além de tudo, era muito aprazível, um lugar bom para morar, o que me fez feliz nos três anos em que lá fiquei.

Já na chegada, na tarde de um sábado de maio de 2004, senti que estava em casa. Eu havia visitado Israel como turista em janeiro de 2000, porém foram incomparáveis as impressões que tive de tudo o que havia entre o aeroporto Ben Gurion, em Tel Aviv, e o hotel Mount Zion, em Jerusalém, onde fiquei hospedado. Eu respirava fundo para guardar na memória os cheiros, tentava não piscar para manter no cérebro as imagens daquele momento. Meus ouvidos absorviam a babel de idiomas ao meu redor. Funcionou! Hoje, basta fechar os olhos para, de certo modo, sentir tudo de novo.

Logo aprendi que eu tinha que me cuidar: evitar lugares muito cheios, como mercados públicos e ônibus – alvos prediletos de homens-bomba. Andava muito a pé, mesmo quando carregava equipamento. Adorava sentir o vento que refrescava o calor escaldante. Rapidamente, fiz amigos, a começar pelo staff do hotel. Meu predileto era o Charli, apelido ocidentalizado do Mahmoud, o barman. Viramos grandes amigos. Ele tirava uma cerveja com colarinho largo, do jeitinho brasileiro, porque sabia que eu gostava.

Comer nunca foi problema para mim. Descobri onde eu poderia encontrar comida internacional, mas adorava também as iguarias locais: quibe, kafta, tabule; os mais variados tipos de pães. Nunca me senti sozinho, tanto na cidade velha, quanto na nova. Minha mulher, Ana Lélia, que ficara em Londres nos primeiros dois dos três anos que passei na Terra Santa, também fazia amigos toda vez que ia me visitar. Uma noite fizemos uma grande feijoada em duas versões: *kosher* – alimentos permitidos pela dieta judaica – para os judeus e palestinos, sem derivados de porco; e normal, para os demais. Porém, como havia caipirinha no cardápio, o pessoal foi bebendo, e logo ninguém mais tinha noção de qual feijoada comia. Todos cometeram o pecado da gula.

## INTIFADA

Naqueles tempos, a Terra Santa estava no olho do furacão. A Intifada ainda sacudia o país e espalhava estilhaços por todo o planeta. O muro de segurança que separa Israel dos territórios muçulmanos ainda não estava pronto, portanto havia uma mistura muito rica nas ruas. Eu comecei a descobrir um jornalismo perigoso, mas intensamente vivo, nada mais paradoxal. Parecia que ali, sim, eu estava sendo correspondente internacional de verdade, uma coisa que realmente fazia jus ao meu preparo de toda uma vida.

E não demorou para começarem a aparecer matérias interessantes além das fronteiras da guerra: mostramos, por exemplo, que o nível do mar Morto estava baixando porque o rio Jordão, seu principal afluente, era sugado ao longo do caminho pelas fazendas de produção agrícola localizadas nas margens. Irrigavam-se as plantações enquanto o mar morria. Mostramos os romeiros carregando cruzes pelas ruas da velha Jerusalém como pagamento de promessas, sobretudo na época da Páscoa. Visitamos os lugares sagrados que têm significado para o cristianismo e fizemos reportagens sobre os sítios arqueológicos. Porém, claro, em número de reportagens, nada se compara à temática de guerra.

Em Jerusalém, eu não tinha equipe: levei ao pé da letra a proposta do kit correspondente, produzindo sozinho as matérias e contratando um cinegrafista local apenas eventualmente. O profissional que mais me agradou pelo jeito de ser e pela forma quase brasileira de trabalhar foi o Francesco Speroni. Como o sobrenome denuncia, ele é um italiano nato; fazia alguns trabalhos para a RAI, a TV italiana, mas não tinha emprego fixo. Acabou sendo um bom ajudante de vez em quando. Em certas ocasiões, quando havia uma situação fora do comum, chamávamos um de nossos próprios repórteres cinematográficos, como foi no caso da morte de Yasser Arafat, em 2004.

## MORTE DE YASSER ARAFAT CISJORDÂNIA, 2004

Em novembro de 2004, o líder da Autoridade Palestina, Yasser Arafat, morreu em um hospital próximo de Paris, após passar dias internado. Seu enterro foi acompanhado por uma multidão em Ramallah, na Cisjordânia.

Era madrugada quando meu telefone tocou. Eu já imaginava o que seria. Do outro lado da linha, o então assessor de imprensa do Ministério das Relações Exteriores de Israel, Ilan Sztulman, israelense nascido e criado em São Paulo, confirmava a notícia em bom português, mas com inconfundível sotaque de influência hebraica: “Arafat acabou de morrer”.

Eu fiz a cobertura do enterro com Sergio Gilz, que viajou da Inglaterra para Israel na madrugada do dia da morte e me encontrou em minha casa – nessa época, eu havia alugado um apartamento na Hein Rogel, uma simpática rua próximo ao centro, com um belo visual da cidade sagrada. Gilz estava de malas prontas em Londres havia duas semanas. Quando eu senti – e a sorte ajudou nisso novamente – que o estado de saúde de Arafat havia se deteriorado, avisei ao escritório de Londres que era para o Gilz embarcar. Batata! Ele já chegou gravando imagens – como dizemos quando os fatos estão acontecendo ao nosso redor.

Começamos a trabalhar ao raiar do sol. Entrevistamos pessoas nas ruas, no lado israelense e no palestino. Fechamos matérias para o *Bom Dia Brasil* e para o *Jornal Hoje*. Até aquele momento não havia pressa, pois o corpo do líder palestino estava sendo velado no Cairo, cidade natal de Arafat. À tarde, partimos para Ramallah, a capital administrativa da Autoridade Palestina. Era onde Yasser Arafat seria enterrado. Em determinado momento, ouvindo o ronco do helicóptero da Força Aérea Egípcia que trazia o caixão, decidimos subir em um prédio onde toda a imprensa estava trabalhando, mas a força da multidão derrubou os tapumes que isolavam os repórteres do povo, e as pessoas começaram a invadir. Eu falei para o Gilz: “Se a gente subir, seremos apenas mais uma equipe confinada, melhor procurar outro edifício”. Andamos um pouco e achamos um prédio, mais distante, em que ninguém estava interessado. Lá, a gente deitou e rolou.

Novamente, a sorte: quando o helicóptero chegou, passou exatamente por cima daquele prédio da imprensa, e o vento provocado pelas hélices arrancou

o toldo de proteção. Foi antena parabólica voando para todo lado, fora a poeira que levantava feito um tufão. Quem estava ali não tinha a menor condição de fazer boas imagens, ao contrário do prédio para onde fomos. Pegamos com exclusividade o pouso, e eu, na frente da câmera, fazendo a minha “passagem”, mostrando o que estava acontecendo *in loco*. Foi show!

As cenas daquele dia foram impressionantes: as pessoas disparando com as armas para cima, o povo apaixonado seguindo o caixão. Às duas e meia da madrugada, hora local, a reportagem abriu a edição do *Jornal Nacional* – ainda do dia anterior, no Brasil. Naquele tempo, não tínhamos acesso à Globo Internacional, por isso não assistimos à nossa matéria, mas estava tudo guardado na memória. Até hoje, me arrepio só de lembrar.

“No alto do prédio, usamos um canto para gravar a chegada do corpo de Arafat. Combinamos a ‘passagem’: aparecendo o helicóptero no céu, eu faria o movimento de câmera, e Losekann, a narração. Não teríamos segunda chance. Deu certo!” – Sergio Gilz

## SEGUNDA GUERRA DO LÍBANO, 2006

Em julho de 2006, Israel investiu a maior ofensiva contra o Líbano desde 1982. Era uma guerra declarada contra o grupo fundamentalista islâmico Hezbollah, que sequestrara dois soldados israelenses e matara outros três. Um mês depois, o Conselho de Segurança da ONU aprovou uma resolução que forçava as duas partes a cessarem os conflitos armados na região.

Foi tudo de repente, como costuma ser nas grandes tragédias e catástrofes. E a guerra é isso: trágica, catastrófica, vil... Eram nove da manhã do dia 12 de julho de 2006 quando o conflito militar começou no norte de Israel e ao sul do Líbano. Envolveu as Forças de Defesa Israelenses, o braço armado do Hezbollah e, em menor grau, o Exército Libanês. Israel respondeu ao sequestro de dois soldados e à morte de outros três, que patrulhavam a fronteira, com a chamada Operação Justa Recompensa. Eu nem pensei. Em duas horas estava no front. Naquele primeiro dia, como costumava fazer, fui sozinho. Dirigi o carro da Globo pela rodovia praticamente deserta que liga Jerusalém ao norte do país. No campo de batalha, eu mesmo filmei as primeiras operações da artilharia, ataques aéreos e bombardeios navais sobre aproximadamente quarenta locais no sul do Líbano – quase todos redutos do Hezbollah, segundo Israel. Além de preparar matéria especial e completa para o *Jornal Nacional*, entrei ao vivo, por telefone, em todos os jornais da Globo, bem como no programa *Mais Você*. Foi uma jornada longa e intensa.

Faminto e sem dormir, passei dois dias naquele inferno em que se transformou a região. Enfim, vencido pelo cansaço e pela fome – eu só bebia água mineral e comia os biscoitos que tomei o cuidado de pôr na mochila –, voltei para Jerusalém e enviei a reportagem de casa, onde organizei o plano de guerra. No dia seguinte, no raiar do sol, já na companhia do cinegrafista Francesco Speroni, retornei ao front, dessa vez ciente de que aquilo não seria um conflito passageiro. No porta-malas do carro, além de equipamentos, levei uma mala com roupas e outra com víveres: latas de alimentos em conserva, geleia, pães, biscoitos, muita água... As estradas para o local do conflito estavam liberadas para a imprensa. Em duas horas, eu estava de volta ao inferno.

Chamou minha atenção a displicência com que o Exército israelense lidava com os jornalistas. Na visão da Força de Defesa Israelense, se você está lá é

porque foi devidamente licenciado, recebeu apoio da empresa para a qual trabalha e, principalmente, está ciente dos riscos. De fato, todos os jornalistas credenciados passam por um longo processo de avaliação antes de receber o sinal verde para trabalhar. Portanto, é cada um por si, e Deus por todos. Não há nenhuma restrição. Eu chegava a gravar passagens ao lado de tanques atirando.

Mas essa liberdade tinha um preço. Volta e meia a gente se metia no meio do fogo cruzado, inadvertidamente. Foi o que aconteceu certa vez na cidade de Metula, na fronteira de Israel com o Líbano. Eu gravava uma “passagem” explicando que a cidade estava vazia justamente porque os moradores receberam ordens para deixar suas casas a fim de fugir das bombas do Hezbollah que caíam a esmo. De repente, um foguete *katyusha*, de fabricação rudimentar, caiu a menos de cinquenta metros de onde estávamos. Sorte que entre nós e o local atingido havia uma plantação de macieiras. As árvores absorveram os estilhaços, se não certamente eu não estaria aqui para contar essa história.

As reportagens eram geradas, via internet, pelo kit correspondente, da cidade de Tiberíades, um verdadeiro oásis à beira do mar da Galileia. Lá, tínhamos alugado dois quartos de hotel, onde a conexão de internet era sofrível, mas pelo menos havia algum sinal. Entre uma geração e outra, tirávamos uma soneca. E logo estávamos, de novo, ouvindo tiros e cheirando a fumaça dos canhões e dos *katyushas* que caíam por toda parte.

O Conselho de Segurança da ONU se recusou a discutir o assunto nos primeiros dias de guerra. Somente um mês depois, em agosto, foi aprovada a Resolução 1701 que determinava, entre outros pontos, a cessação das hostilidades; a retirada das tropas israelenses do território libanês; o desarmamento do Hezbollah; e o reforço da Força Interina das Nações Unidas no Líbano, uma entidade internacional, para guardar a fronteira no sul do país. A resolução foi acatada pelas duas partes. O cessar-fogo ocorreu no dia 14 de agosto, 33 dias depois de ter começado o conflito. Finalmente, foi possível voltar para casa.

Eu queria ter sido correspondente da paz. Infelizmente, saí dessa minha experiência no Oriente Médio sem ter realizado esse sonho, e é lamentável que isso tenha acontecido, porque numa guerra não há vencedores em nenhum dos lados.



Marcos Losekann com soldados israelenses na guerra do Líbano, 2006.



## NAS GARRAS DO HEZBOLLAH BEIRUTE, 2008

Em agosto de 2008, Marcos Losekann e o repórter cinematográfico Paulo Pimentel foram a Beirute cobrir o drama da brasileira Nariman Chiah. Nessa viagem, os correspondentes da Globo foram sequestrados e interrogados por membros do Hezbollah.

Fomos ao Líbano para contar a história da Nariman, uma paranaense que estava ameaçada de morte pelo marido libanês e queria fugir de qualquer jeito. Sobrevivia com a ajuda de uma ONG e apoio da Embaixada do Brasil em Beirute. Essa reportagem foi simples de fazer: eu e Paulo Pimentel gravamos tudo em apenas um dia. Para compensar a viagem, resolvemos fazer mais uma matéria em Beirute, uma pauta extra.

Logo que descemos no aeroporto, no dia anterior, ouvimos falar da Buns and Guns, algo como Pães e Armas, uma lanchonete cujo tema decorativo era a guerra: metralhadoras, cápsulas de foguetes, granadas... até o som ambiente era exótico: a gravação de um tiroteio. Os sanduíches tinham nomes de armas. Uma coisa curiosa, diferente e, obviamente, interessante. Sabíamos que tal lanchonete ficava no coração de um reduto do Hezbollah, na periferia sul de Beirute. Nós tínhamos documentação do governo do Líbano para poder trabalhar, então não havia razão para maiores temores. Descobrimos o local e fomos de táxi até lá.

Falei com o dono do estabelecimento, e ele não viu problema em fazermos a reportagem. Pelo contrário, parecia orgulhoso por imaginar que seus compatriotas que vivem no Brasil pudessem vê-lo na TV. A lanchonete era uma ode ao mau gosto, mas era inusitada o suficiente para valer uma matéria jornalística. E olha que era muito bem frequentada. Das dez mesinhas, contei oito que estavam ocupadas. Nas paredes, pintadas nas cores camufladas do Exército, via-se fotos e pôsteres de mártires, além, é claro, da decoração bélica. Atrás do balcão, o dono ficava na caixa registradora e três funcionários faziam os mais variados tipos de sanduíches. Um deles, certamente, fez mais do que lanches naquele dia... Desconfio que fomos denunciados.

Enquanto produzíamos a matéria, chegaram homens do Hezbollah que não quiseram nem saber das nossas boas intenções. Sem delongas, nos obrigaram a

entrar em um carro com o vidro fumê. Ficaram rodando pela cidade com a gente trancafiado no banco de trás – as portas não abriam por dentro. Depois, nos mudaram para uma van com cortinas pretas que impediam totalmente a visão para o lado de fora, e a coisa foi se complicando.

Após certo tempo, pararam o carro em frente a uma casa completamente vazia, onde nos colocaram em salas separadas para um interrogatório. As tais salas estavam inundadas, repletas de água suja e só havia uma cadeira bem no meio. Nossos sapatos haviam sido confiscados. Para não ficar pisando naquele chão nojento, fiquei de cócoras sobre a cadeira. Eram vários homens fazendo perguntas e comparando nossas respostas, que iam de uma sala para outra. Confiscaram nossos passaportes e telefones celulares, nos deixaram com medo.

Foi o mais perto da morte que já cheguei até hoje, porque sei que esse tipo de grupo odeia Israel, contra quem tinha acabado de lutar e, se um deles escrevesse meu nome na internet iria achar mil citações da minha presença em Israel. No mínimo iam saber que eu tinha mentido quando eles perguntaram: “Você já esteve naquele Estado sionista?” Obviamente eu dissera que não. Àquela altura, eu achava que tínhamos o pior destino traçado. Eles perguntavam coisas cada vez mais sem sentido. Um chegou a indagar sobre o número de esposas que eu teria. “Uma só, obviamente”, respondi. E eles riam. Acho que passei por idiota diante daqueles jovens armados com fuzis e pistolas. Eles queriam as fitas – naquele tempo a gravação ainda era analógica – e, habilmente, Paulo Pimentel entregou duas com gravações sem importância, feitas horas antes de chegarmos à lanchonete. Ele havia, como um ilusionista, retirado da câmera as fitas com as imagens daquela bizarrice e escondido na cueca – sem que nenhum de nossos raptos visse. Por sorte, não sofremos uma revista, digamos, mais íntima.

Foram cerca de cinco horas de tortura psicológica. Os homens exibiam suas armas, falavam grosso e nos desdenhavam. Eu só me lembrava dos meus filhos, Arthur e Helena – que ainda era bebê –, da minha mulher que estava grávida da nossa caçula, Mariana, dos meus pais e amigos no Brasil... Deu um nó na garganta. Foi quando, de uma hora para outra, os sequestradores decidiram nos reunir novamente na van para nos levar até um restaurante. Mas, claro, não era para jantar. É que lá havia um rapaz, integrante do partido xiita que nos sequestrara, capaz de falar inglês fluente. Ele tinha sotaque americano e seu inglês, de fato, era impecável. Fez perguntas objetivas, quis realmente saber nossas razões, e, pelo visto, acreditou. Meia hora mais tarde eles nos

deixavam com os equipamentos e todos os nossos pertences, exceto os chips dos celulares, em uma estrada deserta. O produtor local que havíamos contratado, Tariq Saleh, perguntou em árabe como sairíamos dali. “De táxi”, um deles respondeu. Achei que fosse gozação. Mas tão logo eles desapareceram numa curva, de outra direção surgiu... um táxi! Óbvio que foram nossos sequestradores os responsáveis por aquela salvação. Uma hora mais tarde estávamos todos no hotel, de banho tomado, começando a nos recuperar daquele dia de pavor.

Na manhã seguinte, Paulo e eu embarcamos de volta a Londres no primeiro avião. Quando chegamos, relatei tudo ao então diretor-executivo de Jornalismo, Ali Kamel, que solicitou que eu fizesse uma reportagem para contar, tintim por tintim, o que havia acontecido.

No jornalismo existem algumas armadilhas e, não sei se ainda acometido pela emoção decorrente dos fatos ou se por simples descuido, acabei caindo em uma delas. Ao ver as imagens de arquivo que o editor César Cardoso selecionava, apontei para uma AK-47 em close e gritei: “Isso, isso... era esse tipo de fuzil que os caras apontavam para nós”. César separou a imagem e seguiu sua pesquisa nas fitas de arquivo. Ocorre que não me dei conta de que a frase em que eu falava sobre as armas usadas pelos militantes do Hezbollah fazia parte do parágrafo inicial, ou seja, da narração do factual e não do histórico do grupo que nos sequestrou. Obviamente, não cabia ali a inserção de uma imagem de arquivo, muito menos daquela arma que até podia ser igual, mas não era propriamente a usada pelos sequestradores. Pior é que César percebeu o equívoco e tentou me avisar, mas na hora pedi um tempo e depois acabei me esquecendo de checar. Só percebi o erro no ar. Ali Kamel também viu que aquela imagem era um equívoco e me ligou para dar uma orientação e, com toda a razão, uma bronca: “Temos que fazer uma errata na próxima edição do *Jornal Nacional*, sem falta. E você, como chefe do escritório, procure ficar mais atento”. Na noite seguinte, tudo foi devidamente corrigido. E eu aprendi uma lição: jamais deixe de revisar uma reportagem antes de colocá-la no ar.

Entretanto, o maior aprendizado foi o sequestro em si: aprendi que nessas horas tudo o que a gente não pode perder é a calma e a fé. Felizmente, tudo acabou bem. O caso ganhou repercussão na imprensa internacional. Recebemos apoio e solidariedade de jornalistas de todo o planeta.

## PRIMAVERA ÁRABE TUNÍSIA E LÍBIA, 2011

Manifestações populares pela democracia tomaram conta de países no norte da África e no Oriente Médio a partir de janeiro de 2011, com a queda do ditador tunisiano Zine El Abidine Ben Ali. Era a Primavera Árabe. Marcos Losekann e o repórter cinematográfico Sergio Gilz estavam em Kiev, na Ucrânia, fazendo uma reportagem sobre Chernobyl, quando a situação na Líbia se agravou.

Nem tudo são flores na primavera. Pelo menos, não quando existe uma causa pela qual lutar, uma luta que inicialmente ninguém imaginava que iria se alastrar daquele jeito, se transformando numa revolução intercontinental. Pois a chamada Primavera Árabe começou na Tunísia, quando a população se revoltou contra o ditador Ben Ali, que estava no poder havia 23 anos. Acharam que não ia dar em nada, mas surtiu um efeito dominó de revoltas em série do norte da África até a Síria, no Oriente Médio. Quando os movimentos chegaram à Líbia, a situação esquentou, porque virou uma guerra civil. Havia dois exércitos brigando: o do governo e o do povo.

Quando os conflitos eclodiram, eu e Sergio Gilz estávamos na Ucrânia, fazendo uma matéria sobre os 25 anos do acidente nuclear de Chernobyl. Tínhamos viajado até a fantasmagórica cidade que um quarto de século antes se tornara o epicentro da maior tragédia nuclear civil da história. Quando gravamos a última cena, encerrando a reportagem, veio a notícia dos eventos decorrentes da Primavera Árabe.

Sérgio e eu voltamos correndo para Londres, porque precisávamos de outras roupas – as que levamos para a Ucrânia eram para enfrentar temperaturas de até vinte graus negativos, e, na Líbia, não haveria tal necessidade. Fazia frio também, mas não tanto. Sergio telefonou para a mulher dele, e eu para a minha. Ambas prepararam novas malas para nós, e o produtor Edson Nascimbeni passou em nossas casas para apanhá-las. No aeroporto de Heathrow, em Londres, trocamos a bagagem, pegamos as passagens e, uma hora e meia após o pouso, estávamos decolando, dessa vez para Túnis, capital da Tunísia. Nosso destino era uma das coberturas mais extremas de que participei.

## À MARGEM DO CONFLITO

A Tunísia estava pacificada. De Túnis, percorremos quinhentos quilômetros de carro até a fronteira com a Líbia. Ali era muito perto da capital Trípoli, e a fronteira estava muito bem controlada pelas forças leais ao ditador Muamar Kadafi, de modo que não conseguimos cruzá-la. Nos hospedamos em Ben Gardane, uma cidade fronteiriça, também próxima ao litoral, para começar a gravar. Ficamos num hotel com sérios problemas de encanamento. As pessoas tomavam banho na pia do corredor. Lembro bem que o nosso banheiro tinha água, mas o ralo estava entupido. Sergio Gilz foi o primeiro a tomar banho e achou que tinha sido um sucesso, mas, quando viu, estava com água até a canela. A água transbordou e invadiu o quarto, molhou tudo. Nessa primeira noite, enquanto eu dormia, minha coberta encostou no chão. E o que acontece com aquela ponta que toca na água? Ela vai chupando umidade, encharcando o tecido. De repente, me virei na cama e acordei. “O que é isso?”, gritei. A coberta estava toda molhada em cima de mim. Só fui tomar o primeiro banho decente depois de uma semana, já em Túnis, antes de pegar um voo, via Roma, para o Egito, país que também faz fronteira com o Líbano, só que pelo lado oriental.

Ficamos na fronteira da Tunísia com a Líbia durante uma semana produzindo matérias para todos os telejornais, principalmente sobre a situação dos refugiados que chegavam em multidões. O governo da Tunísia disponibilizara barracas, cobertas e colchões. E algumas ONGs providenciaram comida. Mas os refugiados queriam o quanto antes sair dali. A primeira matéria que a gente fez para o *Jornal Nacional* foi sobre uma briga entre pessoas que queriam ir embora: eles se digladiavam para embarcar nos poucos ônibus disponíveis, se acotovelavam, jogavam as malas para dentro dos coletivos pelas janelas. Quem estava dentro jogava tudo de volta. Era mala para todo lado. Aquelas pessoas levavam a vida nas costas, pois não sabiam se um dia iriam voltar. Tínhamos os elementos necessários para uma boa história: a situação de guerra, o clímax, as pessoas chegando, e um brasileiro. Há sempre um brasileiro em qualquer lugar. Nesse caso, era um engenheiro que morava ali e estava ajudando a levar comida para as vítimas. Ele reconheceu o microfone da Globo e veio nos procurar. Todo dia, dava uma entrevista, nos ajudava com a tradução, era um valioso apoio.

Quando não conseguíamos achar mais novidades na fronteira, conversei

com o editor Eric Hart, coordenador de Internacional do *Jornal Nacional*, que sugeriu a volta para Túnis. De lá, pegaríamos um avião para Roma e, então, para o Cairo. Ou seja, entraríamos na Líbia pela fronteira com o Egito.

## COBERTURA DO FRONT

Depois de horas voando, a jornada prosseguiu no chão. Alugamos um carro com motorista na capital do Egito e subimos até Alexandria, no litoral norte do país. De lá, pela costa do Mediterrâneo, viajamos até a fronteira e praticamente nem nos demos conta de que estávamos ali. A fronteira encontrava-se escancarada, não havia nenhum tipo de controle. Simplesmente entramos. O motorista egípcio explicou que não podia avançar mais e nos deixou à beira da estrada na companhia de alguns camelos que pastavam tranquilamente perto do asfalto. Gilz e eu parecíamos dois retirantes, carregando malas e equipamentos. No horizonte, como uma miragem, enxergávamos as casas de Bardia, a primeira cidade depois da fronteira. Mas não demos nem meia dúzia de passos, e uma caminhonete muito pequena parou ao nosso lado. Jornalismo é isso, como sempre digo, temos que contar com a sorte também. O motorista olhou para nós e cumprimentou: “*Salaam Aleikum, Habib*” – “Que a paz esteja sobre vós”. Ele não falava uma palavra em inglês, mas entendeu que queríamos pegar uma carona e ofereceu a carroceria. Gilz e eu quase nos abraçamos de tanto frio que fazia. O deserto é assim: calor infernal de dia, frio congelante à noite. Antes que acontecesse o pior, ciente de que uma dor de garganta poderia me deixar afônico e me tirar de combate, bati no teto da cabine e pedi para ir na frente. O Gilz, mais preparado com casacos, continuou na carroceria, encolhido. Dentro do carro, além do motorista, havia um homem, uma mulher e um menino de dez anos. Apertados, todos no mesmo banco, mas um pouco mais aquecidos, chegamos a Bardia. O Gilz conseguiu alugar um carro e rumamos para Tobruk, cem quilômetros adiante. Era uma cidade bem maior, onde foi possível trocar dinheiro e comprar um casaco verde, lindo, parecia roupa de astronauta.

Próximo destino, Benghazi, a capital dos rebeldes. No meio do trajeto, trocamos de carro, ideia dos nossos anfitriões que ofereceram um veículo bem mais confortável para aquela longa jornada. O preço acertado foi altíssimo por causa das circunstâncias, mas pelo menos conseguiríamos chegar ao epicentro do conflito. No caminho, comecei a calcular a hora em que precisaríamos estar em Benghazi para gerar a matéria a tempo de entrar no *Jornal Nacional*. Só daria certo se começássemos a gravar imediatamente. Acabamos fazendo a reportagem no trajeto, filmando o que víamos: o *checkpoint*, um tanque abandonado, o clima das cidades, a refinaria de

petróleo dominada pelos rebeldes... A ocupação das refinarias, aliás, era o que estava estrangulando o ditador Kadafi, que já estava sem dinheiro para manter a resistência. Gravei tudo em primeira pessoa, com microfone, relato após relato, como testemunha ocular daquela história. Quando chegamos à cidade, fizemos contato com a Globo no Rio e recebemos as coordenadas do canal de satélite já reservado para enviar o material. Enfileirei aquele monte de *stand ups* – quando o repórter permanece enquadrado no vídeo, transmitindo a notícia – e *offs* – textos narrados pelo repórter – e fui gerando tudo para o Brasil. Na ilha de edição, o Eric Hart montou tudo.

Ficamos baseados em Bengazhi, a segunda maior cidade do país. Fizemos uma matéria muito interessante em uma antiga cadeia subterrânea onde os homens de Kadafi costumavam torturar seus inimigos. Conseguimos uma rara licença para filmar. Pelo fato de sermos brasileiros, as portas foram abertas sem restrições. Durante as duas semanas de cobertura *in loco* dessa guerra, ficamos hospedados em um hotel grande, cuja luz era cortada durante a noite, de forma que não podíamos contar com o elevador. Ficamos no nono andar e, sempre que um avião passava em voo rasante, era um susto. Gilz e eu nos lembrávamos do curso de segurança que nós, correspondentes, fazemos para coberturas em locais de conflito. De acordo com as orientações, devíamos ficar em quartos até o quinto andar – porque é o limite de alcance da maioria das escadas magirus, usadas por bombeiros.

Nesse hotel – muito caro por sinal –, a água também era fria. Mas o interessante é que, no calor dos acontecimentos, vivendo a notícia, a gente geralmente não sofre. Parece que a adrenalina não deixa ninguém pensar nos problemas. Só depois, retrospectivamente, a gente se dá conta do que viveu. Aí lembramos que não dormimos direito, que não tomamos banhos suficientes e que não nos alimentamos de forma saudável. Em situação de guerra, a comida é basicamente biscoito ou alguma outra coisa industrializada, de preferência enlatada, para não correr risco de pegar uma intoxicação alimentar.



## NO CORAÇÃO DA PRIMAVERA

Três dias nesse hotel e decidimos ir ao front da batalha, ver a guerra com nossos próprios olhos. Viajamos de carro para um local a cerca de cem quilômetros de Benghazi. Eu vestia meu casaco novo, verde-oliva, e vi que estava parecendo um militar das forças rebeldes. Logo percebi que virei um alvo em potencial. Tinha gente que até batia continência para mim. Virei o casaco do avesso, com o forro para fora, que era de outra cor, para andar por ali de forma, digamos assim, mais discreta. E não é que deu certo? Outras vezes, para gravar, eu simplesmente tirava o casaco, mesmo fazendo frio. Esse agasalho deu o que falar!

No final, lá pelo décimo quinto dia, nosso dinheiro estava acabando, era hora de voltar. Foi uma cobertura difícil, cansativa, penosa. Quando chegamos ao Cairo, conseguimos algumas das últimas passagens no último voo para Londres. Não tinha classe executiva, mas pegamos uma chamada de *plus*, cuja poltrona pelo menos reclinava. Entrando no avião, dormimos pesado por sete horas. As pessoas acham que ser correspondente é um glamour, que nossa vida se resume a viagens e diversão, que somos uma espécie de Agente 007 da notícia. Só que a verdade é que não há nada disso! Entretanto, eu não teria essas histórias se não tivesse encarado essas situações. Convenhamos, foi muito bom.

## CASAMENTO REAL

### LONDRES, 2011

O casamento do príncipe William, da Inglaterra, com a plebeia Kate Middleton no dia 29 de abril de 2011 foi acompanhado pela TV por milhões de pessoas ao redor do mundo. A cobertura da Globo foi planejada pelo escritório de Londres, do qual Marcos Losekann era o coordenador.

Era uma vez um príncipe que se apaixonou por uma mocinha... Pois, dessa vez, não foi conto de fadas, mas sim a vida real, em ambos os sentidos da palavra. O fato é que o casamento real do príncipe William e da plebeia Kate Middleton, em Londres, foi o acontecimento mais empolgante que coordenei – e cobri – na minha trajetória como correspondente e coordenador no exterior. Bem no início do planejamento, foi decidido na Globo do Rio que iríamos fazer a transmissão ao vivo do casamento. Seria em uma sexta-feira, bem cedo, no horário do *Bom Dia Brasil*.

O casamento era a união de uma linda jovem com um príncipe bonitão, moderno, piloto de helicóptero de resgate, um herói. Era um grande momento para a equipe do novo escritório aparecer com toda a pompa. Planejamos inserir matérias de diversos perfis em todos os telejornais naquela semana. A Cecília Malan, naquela época, já era repórter, mas fazia poucas matérias. A prioridade dela ainda era sua função original: a produção. Apostei que seria o momento de ela crescer, como de fato ocorreu.

O *Globo Repórter* também queria cobrir, então decidimos levar a Ilze Scamparini para Londres, para ajudar nessas reportagens. O Pedro Bassan, que estava em Portugal, e o Marcos Uchoa, de Paris, também contribuíram. Como eu estava no planejamento com o Eric Hart, que viajou do Rio para Londres, fiquei responsável pelas entradas ao vivo no dia do casamento. Acho que nós fizemos um trabalho realmente bacana naquela sexta-feira, 29 de abril de 2011. Dominamos a programação da Globo. No dia seguinte, todos nós fizemos matérias repercutindo o assunto. O Bassan foi à cidade em que o casal real iria morar; o Uchoa fez um desfecho analítico; a Cecília preparou uma matéria de comportamento com os súditos; e eu cuidei de uma reportagem sobre o fim de feira da imprensa que ocupara uma extensa área diante do Palácio de Buckingham e da Abadia de Westminster, e a repercussão internacional do casório.

Aquele casamento foi mundialmente importante. Um casamento real, em qualquer lugar do mundo, é interessante pelo glamour e pelo conto de fadas se tornando realidade. Aquele casamento na realeza britânica, entretanto, ganhou um componente a mais: a monarquia estava sem prestígio popular havia um tempo, precisava de algo que lhe devolvesse vida. E de fato a monarquia dos Windsor ganhou novos ares com esse casal jovem, que qualquer pessoa poderia encontrar em um restaurante ou balada de Londres, devolvendo à família real boa parte da popularidade que havia sido perdida.

## MORTE DE OSAMA BIN LADEN PAQUISTÃO, 2011

Osama Bin Laden, o terrorista mais procurado desde os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, foi morto na madrugada do dia 1º para 2 de maio de 2011. Bin Laden foi descoberto pelas tropas norte-americanas em uma fortaleza a 120 quilômetros de Islamabad, no Paquistão. A notícia foi divulgada oficialmente por Barack Obama. Marcos Losekann e o repórter cinematográfico Sergio Gilz chegaram ao Paquistão no dia 3 de maio.

O reino de Elizabeth II estava em festa. Na última hora, a rainha decidiu presentear os súditos, decretando feriado também na segunda-feira, dia 2 de maio. Uma folga extra para que todos pudessem comemorar as bodas reais um pouco mais. Só que a nossa festa não duraria muito. Naquela madrugada, chegava de Abbottabad, no Paquistão, a notícia que colocaria os jornalistas de novo em alerta: soldados norte-americanos mataram Osama Bin Laden.

Fui com o Sergio Gilz à Embaixada paquistanesa e vi que tinha uma fila de uns oitocentos jornalistas. Dez minutos depois, vários chegaram atrás de nós. Joguei a toalha: “Gilz, acabou antes mesmo de começar”, e ele concordou. Além da fila gigante, a embaixada estava fechada por conta do tal feriado. Só abriria no dia seguinte e dava para prever a avalanche de jornalistas que tentariam ser os primeiros a tirarem o visto. Nossos colegas correspondentes nos locais onde não era feriado, talvez, tivessem mais sorte. O jeito era ir almoçar e desencanar. Aquele assassinato era o maior evento da Terra, Bin Laden era o homem mais caçado da história recente. Eu queria muito conseguir o visto. Mas como? Eis que me lembrei de uma coisa curiosa. “O Jamal é de onde, Gilz?”, perguntei. Jamal era o engenheiro que cuidava dos equipamentos do escritório, e ele parecia ser daquela região. Pelo sim, pelo não, liguei e, para minha surpresa, era isso mesmo. E mais: o pai dele era general do Exército do Paquistão, um homem muito respeitado por lá. Pedi ao Jamal que fizesse um grande favor, que achasse um jeito de agilizar nosso visto. Ele falou que ia tentar. Fiquei esperançoso, mas mantive os pés no chão. “Só um milagre”, disse ao Gilz, que balançou a cabeça, concordando.

O garçom ainda nem tinha trazido os nossos pratos quando tocou o telefone. “Losekann, vá à Embaixada, não entra na fila, dobra à direita na quadra, acha os fundos do prédio. Lá tem um portãozinho, onde um homem vai receber

vocês.” Gilz e eu saímos correndo, parecia cena de filme. Um senhor muito baixinho e bigodudo abriu o tal portão e nos deixou entrar. Num gesto tipicamente comum nos países árabes, ele acendeu um cigarro, soltou uma baforada que impregnou a sala e pegou nossos passaportes. Poucos minutos depois, ainda fumando, voltou para nos entregar os documentos com os vistos. Não cobrou nem um centavo, mas lembrou: “Somente seis dias, não se esqueçam, seis dias”. Eu olhei para o Gilz, o Gilz olhou pra mim: “Bora!” E saímos correndo para o aeroporto de Heathrow. O produtor Edson Nascimbeni pegou nossas malas e nos encontrou lá. O pessoal do escritório havia providenciado as passagens. No meio da tarde, no único voo disponível, decolamos. Destino: Islamabad.

This visa is valid only for entry into Pakistan and is not valid for entry into any other type in any case, ....  
for any reason.

**ISLAMIC REPUBLIC OF  
PAKISTAN**

Visa. \_\_\_\_\_ S.No. **VF737832**  
No. of Passport YA388037  
Visa No. HCP/10648/2011  
Type of visa Entry Islamabad only  
Date of issue 02 May 2011  
Good for journey upto 16 May 2011  
No. of visits allowed Single  
Duration of each stay 6 Days  
Purpose of visit Journalist  
Also valid for 0 Child/Children  
endorsed on the passport

Signature and  
Name of  
Visa issuing authority

Seal  
HON. SEC. GEN.  
AR DIVISION  
PAKISTAN  
LONDON

Signature and  
Name of  
Visa issuing authority

Seal  
HON. SEC. GEN.  
AR DIVISION  
PAKISTAN  
LONDON

VISTOS VISAS

VISIT TO CANTONMENT AREAS REQUIRES M/O INTERIOR,  
ISLAMABAD OR PROVINCIAL HOME DEPARTMENTS PERMISSION

Visto paquistanês de Marcos Losekann para a cobertura da morte de Osama Bin Laden, 2011.

## PRIMEIRA EQUIPE BRASILEIRA NO PAQUISTÃO

Fizemos uma viagem muito cansativa até a capital paquistanesa. A pressa foi inimiga do conforto, viajamos em cadeiras que praticamente não reclinavam. Na manhã do dia 3 de maio, estávamos em Islamabad. Do escritório de Londres, a Cecília Malan conseguiu alugar um carro muito bom, com motorista experiente. Do aeroporto, partimos para Abbottabad em alta velocidade por uma estrada esburacada, cheia de curvas e um abismo perene ao lado. No trajeto, passamos por muitos *checkpoints* com homens armados. Um sufoco que parecia não ter fim.

Cerca de três horas depois, chegamos ao esconderijo do terrorista mais caçado da história. Não havia muito tempo para pensar. O *Bom Dia Brasil* estava prestes a entrar no ar. Eram três da tarde no Paquistão, sete da manhã no Rio de Janeiro. Sem mais delongas, próximo à casa onde Bin Laden havia sido morto, Gilz montou as antenas Began, que se comunicam direto com o satélite via internet. Nem deu tempo de fazer mais do que um rápido teste, e estávamos no ar, ao vivo. Essa entrada foi uma confusão. Eu comecei a narrar o que estava vendo, a situação do local, bem em frente à casa que serviu de esconderijo para o chefe da Al Qaeda, e o Gilz me avisou que não estavam me ouvindo no estúdio, no Rio. Somente minha imagem chegava, mas o áudio havia sumido. Imediatamente ele me passou o telefone celular que estava sendo usado para comunicação com a central técnica da Globo. Nossos colegas cariocas perceberam a manobra e conectaram o som do celular no lugar do áudio perdido, e eu comecei a falar pelo aparelho. Volta e meia, o áudio original voltava, e eu trocava o telefone pelo microfone. Foi uma situação curiosa, porque às vezes aparecia a mão do Gilz no vídeo me entregando um ou outro. Achei que iam odiar, mas adoraram! O que importa é a informação em um caso desses. Respiramos aliviados quando o *Bom Dia Brasil* acabou, mas logo começamos a nos preparar para o *Jornal Hoje*. Foi assim até o *Jornal Nacional*, quando nosso material e nossas ideias estavam mais organizadas.

Para o *Jornal Nacional*, de fato, a reportagem ficou bem melhor, pois conseguimos entrevistar várias pessoas da região, inclusive um menino que conhecia as crianças que moravam na casa do Bin Laden. Ele contou que deu um casal de coelhos para os vizinhos e que via as mulheres, mas nunca os homens fora dos muros. Os paquistaneses pareciam atordoados com o que

tinha acontecido, não acreditavam que o terrorista mais procurado do planeta estava morando ali, em área militar. E eu estava nadando de braçada naquela cobertura, afinal não tem coisa que um jornalista quer mais fazer na vida do que dar um furo de reportagem. E, graças ao Jamal, nós éramos uma das primeiras televisões ocidentais a cobrir aquele evento no local, vendo tudo com nossos olhos, filmando com nossa câmera, narrando sob nossa ótica.

Nossos colegas da imprensa só começaram a chegar ao Paquistão no dia 4. Para o nosso deleite, passei a semana lá. Na reportagem, mostrei o caminho, as dificuldades, questionei como Bin Laden passou por tantos *checkpoints* sem ser notado, dando sutilmente a entender que ele poderia ter recebido ajuda de alguém de dentro do Paquistão. Uma autoridade, talvez? Nossa reportagem teve o tom e o enfoque de uma equipe que estava havia uma semana no local e conhecia um pouco melhor a região.

Nessa cobertura, sem falsa modéstia, não houve nenhuma genialidade, apenas agilidade: chegar antes de todos, montar nosso próprio equipamento, filmar rapidamente, escrever e gravar sem delongas... E o Gilz, justiça seja feita, sempre foi um cinegrafista incomparável. Ele tem a malícia, tem jeito para falar com a população local e, ao mesmo tempo, paciência, nunca perde a calma em momentos de tensão. A gente caía numa blitz e, quando eu via, ele estava lá tentando nos tirar do problema, conversando, fumando um cigarro com os guardas. E quando tudo falhava, bastava puxar assunto de futebol. Pelé, Zico, Ronaldinho, Romário, nossos verdadeiros embaixadores. Em nome deles, abrimos cada porta!

Ficamos hospedados em Islamabad, a capital, uma cidade grande, mais ou menos do tamanho de Brasília, diferente de Abbottabad, praticamente um vilarejo que mal tem energia elétrica e hotéis. Além disso, tinha toque de recolher às nove da noite. Por isso, viajávamos três horas de carro para lá para apurar os fatos, fazer entrevistas e gravar as passagens, depois voltávamos para Islamabad. À noite, para o *Jornal Nacional* e o *Jornal da Globo*, eu fazia vivos do terraço do hotel – subia quinze andares de escada por causa das constantes faltas de luz. No início, fizemos as transmissões pela antena Began, porque a internet não era confiável. Gastávamos muito dinheiro: a tecnologia na época era dominada pelos americanos, que cobravam quantias exorbitantes por minuto de upload de material em vídeo. Foi assim até que pensei em outra solução: pagamos separadamente, a mais, para que o servidor que atendia nosso hotel aumentasse a potência do pacote da internet deles. Todos os hóspedes se beneficiaram da nossa ideia nos seis dias em que



ficamos hospedados, mas mesmo assim ficou mais barato. E funcionou muito bem. A transmissão de dados melhorou muito e, de quebra, foi possível trabalhar no conforto dos nossos quartos. O melhor de tudo é que enquanto a matéria era enviada, gigabyte por gigabyte, dava pra tirar um cochilo – coisa rara numa cobertura tão tensa e intensa.



Diante da fortaleza onde o terrorista Osama Bin Laden foi assassinado, Paquistão, 2011.

## VIAGEM DE VOLTA

Queríamos aproveitar até o último minuto do nosso visto no Paquistão. Nossa passagem foi comprada para uma da manhã do sétimo dia, apenas uma hora depois do permitido. O problema é que no aeroporto, no controle de passaporte, os caras só viam uma coisa: “Hoje é o sétimo dia”. Eu argumentava: “Mas meu amigo, nós estamos na sala de espera, nós chegamos ao aeroporto às onze da noite, nosso voo é a uma da manhã. Tecnicamente, nós entramos em área internacional antes da meia-noite”. Quase precisei acionar o embaixador do Brasil, mas, no fim, eles liberaram. A gente teve que pegar um voo para a China. E, de Pequim, outro avião para Londres. Meia volta ao mundo.

## RENÚNCIA DO PAPA BENTO XVI

### ROMA, 2013

Menos de oito anos após ser eleito, o papa Bento XVI renunciou ao pontificado, alegando falta de disposição para exercer o cargo. O anúncio inesperado de que deixaria a função foi feito durante um encontro com cardeais em 11 de fevereiro de 2013.

Nem só de confete e serpentina se faz uma folia. Eu, particularmente, prefiro descansar no carnaval. E se for para trabalhar, que seja bem longe de batuques e samba no pé. É uma questão pessoal. Nos treze anos que passei a serviço da Globo no exterior, o reinado de Momo significou pausa para o ócio, salvo exceções. O problema é esse, a exceção. A mais significativa delas ocorreu em uma segunda-feira de carnaval. Eu estava em casa fazendo ginástica, levantando peso, quando a Cecília Malan me ligou do escritório: “Você está com a televisão ligada?”. Meu aparelho estava sem som e perguntei a ela se deveria olhar ou não, já imaginando que boa coisa não seria. Virei para trás e vi nas legendas da CNN a notícia: “Papa renuncia”. Na hora percebi que aqueles dois halteres que tinha nas mãos eram levinhos perto do peso da cobertura que viria pela frente.

Os editores no Rio já estavam ligando para o escritório de Londres pedindo alguém em Roma. A princípio, achei que fosse simplesmente para apoiar a cobertura, já que era área da correspondente Ilze Scamparini, por isso me arrumava com calma. Só que, para o nosso azar, e eu não sabia, a Ilze estava de férias no Rio de Janeiro. Estavam querendo até fretar um jatinho para que chegássemos à capital italiana o mais rápido possível, pois não havia mais passagens em voo comercial. Arrumei as malas e fui, com o Sergio Gilz, para o aeroporto de Heathrow, mas tive que mudar o trajeto várias vezes, porque ninguém sabia ao certo em qual aeroporto o jatinho estaria à nossa espera. Finalmente, decidiram: Luton.

A Globo contratou um jatinho novo em folha. O Gilz e eu tiramos fotos antes de embarcar, animadíssimos. No meio da tarde, decolamos. Estava tudo bem até o avião se aproximar de Roma, onde o tempo estava muito fechado. De repente, turbulência. Achei que o avião ia se desmontar, porque ele dava uns pinotes, jogava para cima e para os lados. Gilz e eu levávamos cada pancada! Pela janela dava para ver muitos raios caindo sobre Roma e o Vaticano.

Perguntei o que estava acontecendo, mas o piloto não sabia sequer se conseguiríamos pousar. Por outro lado, eu só lembrava que tínhamos que descer de qualquer maneira para fazer o *Jornal Nacional* daquela noite, ou todo o investimento naquele bendito jatinho não ia adiantar nada.

O piloto rumou para o Ciampino, um aeroporto pequeno, secundário, localizado ao sul de Roma. Mesmo sem muita visibilidade, começou a se aproximar da pista. E o vento, implacável, jogava o avião para os lados, que por sua vez saía do prumo, saltitando no céu. Eu me segurava na cadeira e torcia para dar certo. A chuva não dava trégua. Daquele jeito, o avião foi chegando, cada vez mais perto da pista e... arremeteu.

No link ao vivo que eu fiz mais tarde no *Jornal Nacional*, ainda nervoso, cheguei a errar: “O avião quase arremeteu várias vezes”, eu disse, quando na verdade era para dizer que arremeteu mesmo, ou seja, o correto seria dizer “várias vezes quase pousou, sem sucesso”. Não pousamos na primeira tentativa, nem na segunda, muito menos na terceira. Então, o piloto acelerou e foi lá em cima fazer uma curva para tentar de novo. De repente, sem mais nem menos, ele me disse que iria desviar para pousar em Pisa, porque ali, definitivamente, não daria. Pisa? Como assim? A cidade, famosa pela torre inclinada, fica a cerca de quatrocentos quilômetros de Roma, seria impossível voltar de carro ou trem a tempo de entrar no *Jornal Nacional*. O que eu faria? Entraria no jornal falando sobre o Vaticano, mas com uma “passagem” mostrando a torre de Pisa atrás? Não, impossível! Eu estava inconformado: “Mas, comandante, não tem sentido! Temos nosso jornal daqui a duas horas. Por favor, comandante, pelo amor de Deus”. Eu tinha que convencê-lo. Por fim, ele cedeu, admitindo arriscar só mais uma vez, até porque o combustível não daria para outra tentativa. Subimos de novo, fizemos a curva no meio das nuvens, e lá foi o avião balançando para todos os lados. Entretanto, até eu já percebia que os solavancos não eram mais tão fortes. A chuva tinha diminuído. No fim, graças a Deus, conseguimos pousar, mesmo com a pista toda cheia de água. Sãos e salvos, apenas com os sapatos encharcados. Fiquei a noite inteira pisando naquela coisa, aquele barulho de pé molhado, grudento, já imaginando o chulé no dia seguinte. Cadê o glamour da profissão nessa hora?

Batalhamos para conseguir um táxi: metade dos motoristas não queria nos levar porque a corrida era ruim demais, a praça do Vaticano estava muito tumultuada por causa da renúncia. Até que um, finalmente, aceitou. Depois de vencer um trânsito horroroso – como em toda cidade com chuva demais e veículos de sobra –, chegamos ao local onde a produção conseguiu marcar o

nosso link. Do Rio, o Eric Hart havia me mandado o texto para eu ler na abertura, ao vivo, chamando uma matéria feita por mim mesmo, com uma reportagem que resumia a história da renúncia. Essa matéria foi feita em menos de meia hora, ali mesmo, na Via della Conciliazione, principal acesso à Praça São Pedro. Faltando cinco minutos para o início do *Jornal Nacional*, subi correndo no endereço indicado e descobri que tinham mudado de prédio. Desci tudo, atravessei a rua e encontrei o local certo. Parei esbaforido diante da câmera indicada – havia umas dez delas ali, lado a lado, todas apontadas para a Basílica de São Pedro –, e quando me colocaram o fone e alcançaram o microfone, estava rodando a vinheta do *Jornal Nacional*. Ouvi, pelo ponto, quando o editor Fernando Castro gritou para os apresentadores: “O Losekann chegou, podemos contar com ele”.

Alexandre Garcia e Heraldo Pereira estavam na bancada e chamaram os enviados especiais Marcos Losekann e Sergio Gilz, em frente ao Vaticano. Tuf! Apareci na tela. Pensei: “Meu Deus, agora é tarde demais pra desistir”. Quando me passaram a bola, comecei a narrar onde eu estava, como chegamos até ali, falei sobre a tempestade, o jatinho. E isso não foi combinado, não me pediram para contar nada dessa história, só sei que fui falando. Foram muitas entradas ao longo daquela edição, sempre atualizando o público com as últimas informações e chamando as reportagens dos meus colegas espalhados pelo planeta.

Quando terminou o *Jornal Nacional*, eu relaxei. Foi uma das coberturas mais punks que fiz em mais de trinta anos de carreira. Eu estava ofegante, ansioso, molhado e sem fonte de informação. Dependia totalmente das agências de notícias que meus colegas no Brasil liam e repassavam para mim, na hora, pelo ponto. No dia seguinte, a Ilze chegou, e eu fiquei mais tranquilo.

## *HABEMUS PAPAM*

Entre o anúncio da aposentadoria do papa Bento XVI e sua efetiva renúncia, passaram-se alguns dias. Nesse período, voltei para Londres. Só retornei ao Vaticano no dia anterior à despedida de Joseph Ratzinger. Foi um momento emocionante. A Praça São Pedro estava lotada quando, de trás da Basílica, surgiu o helicóptero branco da Força Aérea Italiana, levando o agora papa emérito para seu descanso em Castel Gandolfo, um pequeno vilarejo a meia hora do sul de Roma. Começaria o conclave e a expectativa em torno da fumaça branca na chaminé da Capela Sistina.

Naquele momento, tudo indicava que o novo papa seria europeu, talvez africano. Eu estava de malas prontas para viajar à terra natal do novo pontífice, já que essa era a minha área de cobertura, mas acabou que foi eleito o portenho Jorge Mario Bergoglio. Foi a Delis Ortiz, então correspondente em Buenos Aires, quem mostrou o país de origem do novo papa.



ROBERTO KOVALICK



O filme *TODOS OS HOMENS DO PRESIDENTE*, de 1976, sobre o escândalo Watergate (1972), foi a inspiração para Roberto Kovalick decidir ser jornalista. Repórter da Globo desde 1990, passou por Nova York, Tóquio, Londres e contabiliza inúmeras viagens e coberturas pelo mundo.

Nascido em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, em 24 de março de 1965, Roberto Kovalick Amado se formou em Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1986, fez estágio na Rádio Gaúcha e trabalhou por três anos na RBS TV, ambas em Porto Alegre. Em 1990, entrou na Globo, como repórter da editoria Rio do *Jornal Nacional*. Nessa época, fazia reportagens também para o *Jornal Hoje*, o *Globo Cidade*, o *Globo Comunidade* e o *RJTV*, além de ter apresentado o *Bom Dia Rio*. Atuou em coberturas marcantes como a Rio-92; a Chacina da Candelária, em 1993; e a implantação do Plano Real, em 1994. Em Brasília, onde ficou até 2004, participou da cobertura das eleições de 2002 e apresentou o *Espaço Aberto*, da GloboNews.

Em 2005, foi trabalhar como correspondente em Nova York, onde ficou até 2008. Kovalick noticiou a morte de Slobodan Milosevic, ex-presidente da antiga Iugoslávia, e foi para o Haiti cobrir a morte do general brasileiro Urano Bacellar, comandante da Força de Paz da ONU, além das eleições locais. Nessa época, também cobriu a eleição de Barack Obama e a crise econômica dos Estados Unidos.

Chegou a Tóquio em 2009 para se tornar o primeiro correspondente da emissora no Japão. Treinou profissionais locais para o modo brasileiro de fazer televisão, enquanto se adaptava aos hábitos japoneses. Em março de 2011, encarou o seu maior desafio: enviar informações para o Brasil sobre o terremoto e o tsunami que atingiram o país.

Em julho de 2013, Roberto Kovalick assumiu o posto de correspondente em Londres. No ano seguinte, acompanhou a crise política da Ucrânia, que deflagrou a independência da Crimeia e sua anexação à Rússia. Em janeiro de 2015, integrou a equipe que cobriu os atentados terroristas na França, com ataques ao semanário *Charlie Hebdo* e a um supermercado judaico. Em novembro do mesmo ano, voltou a Paris para noticiar uma nova série de atentados que atingiu o Stade de France, um estádio multiuso, e o Bataclan, uma casa de espetáculo, deixando 130 mortos. Em janeiro de 2016, retornou

ao Brasil para ser repórter especial da Globo em São Paulo.



## CORRESPONDENTE EM NOVA YORK, 2005 – 2008

Sempre quis ser correspondente, sempre foi um objetivo tanto pessoal quanto profissional. E pedi para a direção da Globo. Eu dizia: “Olha, quando vocês acharem que eu estou preparado, por favor, lembrem o meu nome”. E, depois de cinco anos em Brasília, surgiu uma vaga em Nova York, e o Carlos Henrique Schroder, diretor de Jornalismo na época, me convidou. Foi uma alegria enorme, um desafio muito grande, uma responsabilidade gigantesca. Você sabe que não pode falhar. Existe um ditado no cinema que é o seguinte: você é tão bom quanto o último filme que você fez. Ou seja, se fez um filme ruim, pode se recuperar no próximo. Mas quando você vai para o exterior como correspondente, é como ir para uma guerra com uma única bala, e você não pode errar, porque está todo mundo vendo. Quando você vai para o exterior, o Brasil inteiro está de olho em você.

## O QUE INTERESSA PARA OS BRASILEIROS

Nesse posto, é preciso entender o nosso país. E o grande trabalho do correspondente é traduzir o exterior para o telespectador brasileiro. Não só em termos de língua, mas de cultura, mostrar o significado para ele. No início, antes de fazer essa tradução, é necessário entender como as coisas funcionam no país em que você se encontra, e isso demora. Quando você começa a trabalhar, tem que ter cuidado para não fazer uma tradução equivocada, para não olhar as coisas com preconceito. Esse era o grande desafio no começo. Pisamos em ovos. Mas, passada essa fase, tudo acontece naturalmente. O trabalho é mostrar: por que estamos cobrindo eleição presidencial norte-americana? Porque a vida do brasileiro pode ser alterada por uma decisão do presidente dos Estados Unidos. Quando eu estava em Nova York, fiz várias reportagens sobre a crise econômica. Por que o sujeito que mora no interior da Califórnia está perdendo a casa dele e por que isso é importante para o nosso telespectador? Porque isso vai criar uma crise econômica que vai afetar o mundo inteiro, chegando até o brasileiro. E aí a Bolsa de Valores do Brasil vai cair, o dinheiro vai migrar para o exterior, porque as empresas vão tirá-lo daqui. Lá pelas tantas, os juros do Brasil vão aumentar, e, na hora em que as pessoas forem comprar sua geladeira, o preço estará mais alto. Não adianta o correspondente dizer apenas: “Olha, Fulaninho, no interior da Califórnia, perdeu sua casa porque foi tomada pelo banco”. É preciso explicar o processo todo, como aquilo afeta a vida do brasileiro. Esse é um dos desafios do repórter no exterior.

## O DIA A DIA EM NOVA YORK

O ideal, em qualquer reportagem, é ir até o local dos acontecimentos. Estar presente, ouvir as pessoas e ter a nossa visão do fato, moldada pelo que observamos com nossos próprios olhos. Nos Estados Unidos, isso nem sempre é possível. É um país muito grande, não dá para estar em todos os lugares. Em Nova York, trabalhamos algumas vezes com material de agências. Também cobríamos Canadá, México, América Central, e tudo mais, porém sempre com a nossa visão. Podemos usar as imagens e até entrevistas de agências, mas o texto é feito com base em informações que apuramos de várias fontes e pela nossa experiência nos Estados Unidos. Em situações importantes ou reportagens de interesse específico do Brasil, viajamos para o local. Digamos que um brasileiro tenha morrido na fronteira. Na época, havia muita imigração ilegal, e vários morreram. Nesses casos, a gente viaja até lá e faz uma reportagem. Se, por algum motivo, a gente não consegue ir até o local, a gente apura a informação por telefone ou de alguma outra forma. Hoje em dia, dá para fazer uma entrevista com boa qualidade pela internet. Ou seja, podemos produzir uma reportagem bem encorpada usando a tecnologia, se não pudermos estar presentes no local.

A pauta do dia é muito semelhante ao que acontece em qualquer redação. De manhã cedo, lemos os principais jornais – *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Wall Street Journal* – e, mesmo em casa, ligamos a TV no noticiário matinal. Nossa experiência de vida também ajuda a criar muitas pautas. Uma ida ao supermercado, uma conversa de rua, essas situações podem render boas reportagens. Também temos fontes, pessoas que ligam para o repórter ou para o escritório sugerindo pautas. Aí, a chefia do escritório distribui as propostas conforme o interesse de cada telejornal. Então, digamos, sou escalado para fazer matéria sobre a crise econômica norte-americana, para explicar aos brasileiros como funciona. Faço uma pesquisa: pego todo o material disponível na internet, nos jornais americanos e tento achar uma relação com o Brasil. Ligo para especialistas ou vou ao mercado financeiro. Posso ouvir um brasileiro que esteja sofrendo os reflexos dessa crise, porque o telespectador sempre gosta de ouvir pessoas em português; é melhor do que ouvir em outro idioma e fazer a tradução. Aí, ouço alguém do mercado financeiro: “Vem cá, Fulano, e aí? Essa crise, como ela vai afetar o Brasil?”. E assim fecho uma reportagem. Essa costuma ser a nossa rotina.

## A MORTE DO GENERAL URANO BACELLAR E AS ELEIÇÕES HAITI, 2006

Em 7 de janeiro de 2006, o general brasileiro Urano Bacellar, comandante militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, foi encontrado morto na capital Porto Príncipe. No mesmo ano, René Garcia Préval – que já havia sido presidente do Haiti entre 1996 e 2001 –, foi eleito novamente em maio, no primeiro turno. Kovalick esteve no país nas duas ocasiões.

Quando o general brasileiro Urano Bacellar morreu, havia uma suspeita de suicídio. Ele comandava a missão de paz no Haiti, e o caso era muito importante. O Exército tinha receio de falar sobre essa hipótese, até porque não havia elementos que confirmassem essa afirmação. Fui para o Haiti e fiquei hospedado no hotel Montana, o mesmo onde Urano faleceu. E, no segundo ou terceiro dia, se concluiu que foi suicídio. Nesse período, não tive tempo de mostrar a situação dos soldados brasileiros.

Numa segunda viagem, quando houve a eleição, o cinegrafista Sherman Costa, que me acompanhou na empreitada, conseguiu fazer reportagens espetaculares. A coisa começou a esfriar depois de uma semana, e todos os jornalistas foram embora. Nós iríamos também. Só que, quando chegamos ao aeroporto, o nosso voo foi cancelado porque estava nevando muito em Nova York, o avião não podia pousar. Sugeriu que voltássemos para o hotel. No caminho, porém, pedi para o motorista de táxi: “Olha, se surgir alguma coisa, você vem aqui e nos chama”. Lá pelas cinco horas da tarde, volta o motorista: “Está acontecendo um quebra-quebra na cidade. Vocês querem que eu leve vocês lá?”. Eu, claro, concordei na hora.

Os partidários do presidente René Préval exigiam que ele fosse declarado vitorioso, e os dos outros candidatos reivindicavam que não. A cidade tinha virado um caos. As pessoas se enfrentavam nas ruas. Por conta disso, a gente acabou ficando mais uma semana no Haiti. Teve um dia em que nosso hotel foi cercado por barricadas, pneus e carros, e os manifestantes fizeram trincheiras com fogo. O hotel ficou bloqueado por uma parede de chamas, que isolava a quadra inteira. O Exército brasileiro teve que entrar com carros blindados para resgatar alguns oficiais que também estavam hospedados no hotel. Quando eles entraram nos blindados, nós os acompanhamos. Os veículos

conseguiram passar por aquela coluna de fogo.

## CERCADOS PELA MULTIDÃO

Nosso motorista, que era muito esperto, dizia: “Olha, vocês escrevam Brasil em francês, no carro, na câmera, ponham em tudo que é lugar. Isso vai ajudar muito”. Um dia, eu e o Sherman estávamos no meio da rua, gravando. E nisso veio um bando de pessoas – umas cinquenta, com paus e facas – para cima da gente, e nos cercaram. Aí a gente se perguntou: “E agora?” Eles queriam saber o que estávamos fazendo por ali. Nós começamos a gritar “Brasil! Brasil!”. E eles responderam: “Ronaldinho, Ronaldo”. Eu falo francês e comecei a conversar com eles: “Olha, a gente está aqui para mostrar o que está acontecendo”. Então, eles nos levaram para dentro da favela, e tudo estava pegando fogo.

Uma coisa engraçada é que os haitianos sentiam uma revolta muito grande em relação à *Minustah*, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti, mas não contra o nosso país. Só que os brasileiros compunham uns 70% da *Minustah*. E não dava para entender aquilo. Eu lembro que teve um rapaz que, em cima de um carro, disse: “*Minustah*”, e abaixou o polegar, em sinal negativo. Em seguida, falou: “Brasil”, e ergueu o polegar, em sinal positivo. É engraçado como o futebol abre as portas para nós.

A gente acompanhou tudo até o resultado da eleição ser divulgado. A nossa última reportagem foi sobre a festa na rua, mostrando as pessoas com camisetas da seleção brasileira em cima dos tanques do Brasil, festejando.

“No Haiti, recebemos a notícia de que o hotel Montana havia sido invadido pela população enfurecida. Corremos para lá e chegamos no momento exato. A tensão era grande. Filmei um soldado venezuelano chorando, com medo. Aquilo me impressionou muito.” – Sherman Costa





Sherman Costa e Roberto Kovalick com soldados brasileiros na cobertura das eleições no Haiti, 2006.

## VITÓRIA DE BARACK OBAMA NOVA YORK, 2008

Em 4 novembro de 2008, os norte-americanos foram às urnas para escolher o novo presidente dos Estados Unidos, o sucessor de George W. Bush. As eleições tiveram recorde de participação. O democrata Barack Obama venceu a disputa com o republicano John McCain.

Em 2008, houve um reforço na equipe de Nova York, com a chegada do Pedro Bial. Foi muito bom ter um correspondente lendário como ele na redação. Eu acompanhei duas prévias eleitorais. Depois, no dia da eleição, fiquei em Nova York para cobrir a repercussão na cidade. Fiz uma reportagem muito legal sobre a festa na Times Square. Nova York parecia tomada de uma felicidade como eu nunca vi em lugar algum. O nova-iorquino não tem aquele jeito caloroso do brasileiro, mas, quando saiu a vitória do Obama, as pessoas cantavam no metrô, se abraçavam na rua. Era uma felicidade imensa.

## IMIGRAÇÃO ILEGAL NOS EUA

Antes das eleições, uma das reportagens que a gente fez foi sobre imigração ilegal nos Estados Unidos. A matéria para o *Fantástico* mostrou uma brasileira que não resistiu ao calor e morreu ao atravessar a fronteira. Refizemos o caminho, mostrando os pontos por onde as pessoas passavam e como era a situação dos brasileiros, as dificuldades, os coiotes. Enfim, entrevistamos a polícia e vários compatriotas que viviam no país de forma ilegal. E, ao mesmo tempo, existia um esforço do governo norte-americano de coibir essa entrada, mas não só a de brasileiros. Foi quando começou para valer a ação dos Estados Unidos para tentar evitar o ingresso de estrangeiros no país.

Esse movimento casou com a crise econômica em 2007, 2008. Enquanto não havia essa turbulência, os estrangeiros não eram problema. A partir do momento que surge uma crise, sempre se acha um culpado. “Quem está tirando o emprego são os estrangeiros.” Isso não é verdade, porque os imigrantes estão nos Estados Unidos fazendo o trabalho que os americanos não querem fazer. Essa é a realidade. Eles não querem mais cortar grama, não querem o emprego pesado. Não existe relação entre o desemprego nos Estados Unidos e os estrangeiros, mas eles acabam sendo os bodes expiatórios. Foi um momento de muita tensão.

## MUDANÇA DO ESCRITÓRIO DE PEQUIM PARA TÓQUIO, 2009

Em 2009, houve a decisão de mudar o escritório asiático de Pequim para Tóquio por vários motivos – um deles porque é difícil trabalhar na China. Há censura, bloqueio de internet. Na época em que eu ia com frequência ao país, era muito difícil mandar material pelo kit correspondente. A censura era chamada na época de *the great wall of fire*, numa alusão à grande muralha e ao *firewall*, o sistema de computadores que bloqueia a entrada de vírus. E isso tornava o envio de conteúdo para o Brasil muito lento. Pelo kit correspondente, a gente mandava o material por grandes blocos de informação. A experiência foi a seguinte: o primeiro bloco costumava ir bem. Já o segundo bloco, simplesmente não ia ou era enviado de forma extremamente lenta. Ficava claro que, de alguma forma, a gente estava sendo observado. Na China, o acesso à informação também é difícil, pelo menos quando eu era correspondente e tinha que fazer alguma cobertura lá. A programação, até mesmo a da CNN, saía quando entra qualquer assunto proibido pelo governo.

Já o Japão é uma democracia, onde há total liberdade. Existe uma comunidade brasileira muito grande no país. Os laços culturais do Brasil com o Japão são muito maiores do que os nossos laços com a China. Quando cheguei ao país, encontrei uma afiliada que nos ajudou muito. Tinha estúdio, profissionais, câmera, produtor, cinegrafista, carro. Chamava-se IPC. Retransmitia a programação da Globo para a comunidade brasileira e apresentava, também, conteúdo local. Exibia um jornal diário, equivalente ao *RJTV*, ao *SPTV*, e outros programas. Ou seja, tinha uma estrutura excelente e uma equipe competentíssima.

Por todos esses fatores, a Globo achou melhor transferir o escritório de Pequim para Tóquio, e eu fui escolhido para ser o correspondente.

## NOVO ESCRITÓRIO

Eu conhecia Tóquio e queria ter mais uma experiência profissional no exterior antes de voltar para o Brasil. Quando essa oportunidade me foi oferecida, eu aceitei na hora. A Globo nunca tivera um correspondente no Japão, eu seria o primeiro. É um desafio desbravar um lugar ainda pouco conhecido.

A maior das dificuldades foi eu ter chegado ao Japão no auge da crise econômica mundial, entre 2007 e 2008, que teve grandes reflexos no país. Muitos brasileiros saíram de lá, e a afiliada sofreu muito, porque o número de assinantes caiu. Houve uma redução grande de equipe. Então, o meu trabalho foi treiná-los com a cultura e a exigência da Globo, tentar mostrar para eles o nosso jeito de trabalhar. Os canais japoneses funcionam de um jeito diferente. A reportagem que interessa à Globo não é necessariamente relevante para a TV japonesa.

## DIFERENÇAS CULTURAIS ENTRE O BRASIL E O JAPÃO

Eu passei a admirar profundamente o Japão. No começo, o país me cativou porque é muito diferente do Brasil. Tudo que funciona no nosso país de um jeito, lá funciona de outro. A Bolsa de Valores, por exemplo. Aqui no Brasil, se a ação está subindo, é verde; se está caindo, é vermelho. No Japão, é o contrário: se está subindo, é vermelho; se está caindo, é verde. Aqui, quando táxi está ocupado, aparece com um sinal vermelho na frente. Lá é o contrário. Vermelho significa que o carro está livre. Eu ficava um tempão, às vezes, esperando táxi. E ficava espantado: “Estão todos ocupados?” O problema é que eu não entendia o que estava escrito no ideograma que significava “livre”.

Outras coisas foram me conquistado: a limpeza, a pontualidade. Você não pode chegar nem um minuto antes nem um minuto depois, mas exatamente no horário combinado. É o oposto do Brasil, em todos os aspectos. Ou você se adapta, passa até a gostar dos modos do país e descobre que esse tipo de comportamento é bom e que, no fim das contas, você está sendo beneficiado; ou odeia. Alguns brasileiros e estrangeiros simplesmente não se adaptam.

No aspecto profissional, comparado com Nova York, há muitas vantagens. Primeiro porque os japoneses conhecem e admiram o Brasil. Muitos americanos não sabem nada do nosso país. E os japoneses são curiosos. É mais fácil trabalhar por lá. Você liga para uma empresa no Japão informando que é da Globo, do Brasil, e logo ouve do outro lado da linha: “Opa, que legal que você é do Brasil!”. Essa relação cultural facilita muito.

Além disso, o Japão tem tantas peculiaridades, que tudo pode virar uma reportagem. Eu andava pelas ruas anotando pautas.

## TECNOLOGIA

Matérias de tecnologia fazem muito sucesso no Brasil. Era meu assunto mais frequente, o povo adora. Nosso país avançou bastante nos últimos anos, a gente já tem equipamentos muito semelhantes aos que existem lá fora. Você pode até viajar para os Estados Unidos, e vai conseguir comprar mais barato, mas há no país quase tudo que existe no exterior em termos de tecnologia. Os japoneses e os coreanos também se interessam pelo assunto. Eles estão sempre à frente, inclusive entre os países com as melhores internets do mundo. Tudo que é novidade em tecnologia surge lá.

## TERREMOTO JAPÃO, 2011

Na manhã do dia 11 de março de 2011, o pior terremoto registrado no Japão até então, que bateu 8,9 graus na escala Richter, assolou a costa nordeste do país, provocando um tsunami e o vazamento da usina atômica de Fukushima.

Eu estava em Kioto fazendo uma reportagem sobre robôs, que, comandados pelo cérebro, movimentavam os braços e as pernas obedecendo às ondas mentais do operador. Eu tinha pedido ao cientista para realizar um teste. Queria saber se eu conseguiria, com as minhas ondas mentais, fazer o robô se mexer. A gente tentava essa reportagem havia dois anos até que finalmente o cientista concordou. No decorrer da matéria, de repente, o robô começou a trepidar. E o cientista: “Ué, eu não liguei, está desligado, como ele está se mexendo? Ih, terremoto, terremoto!” Mas, até aí, não era nada demais. A gente estava acostumado com esse tipo de situação. O Japão tem, em média, três terremotos por dia, porém não sentimos a maioria deles. Seria mais um como tantos outros. Kioto fica mais ao sul, então, o abalo não foi forte.

A minha produtora, Sanae Ono, estava comigo e comentou: “Vou ligar para Tóquio para saber o que aconteceu”. Porém, a ligação não completava. Começamos a ficar preocupados. Tentei falar com a minha esposa e nada. O telefone não estava funcionando. Nisso, recebemos a informação de que um tsunami estava chegando. A gente pensou: “Temos que voltar para Tóquio”. E encerramos a reportagem sobre o robô. Naquela confusão, até perdemos a fita. Tanto que tivemos que voltar, alguns meses depois, para refazer a matéria.

Tentamos pegar um trem. Levava meia hora de onde estávamos até a estação de Kioto e, de lá, era possível pegar o trem-bala para Tóquio. A estação estava lotada; o trem-bala, parado. E aí a gente viu, nos monitores da estação, aquela imagem da onda chegando, todo mundo apavorado. Eu tinha levado comigo o kit correspondente – o computador e a antena 3G, que eu usava quando estava viajando. Só que a câmera do Katsumi Suzuki, o repórter cinematográfico da IPC, não conectava diretamente ao kit, precisava de outro equipamento que nós não tínhamos naquele momento. E a minha preocupação era com o horário. Eram quatro horas da tarde no Japão, quatro da manhã no Brasil. O *Bom Dia Brasil* iria ao ar em pouco tempo, e a comunicação estava difícil. “Temos que transmitir, temos que entrar ao vivo”, eu pensava.



Conseguimos fazer a conexão. O pessoal do Rio viu o que estava acontecendo, a equipe do *Bom Dia Brasil* havia chegado mais cedo e disse: “Vamos fazer um ao vivo da estação de Kioto”. Depois, foi a vez do *Mais Você*, com a Ana Maria Braga, e participamos de todos os telejornais.

## SEM NOTÍCIAS DA FAMÍLIA

Foi muito dramático para mim e para toda a equipe o fato de não conseguirmos entrar em contato com as nossas famílias. A gente não sabia o que tinha acontecido com eles em Tóquio. Houve um incêndio numa refinaria. A gente via aquelas chamas e não sabia se os nossos parentes estavam vivos ou mortos. Várias vezes, entre uma entrada ao vivo e outra, eu começava a chorar. Fiquei desesperado.

Por sorte, minha esposa estava num shopping center, que, por acaso, era um abrigo antiterremoto. Pelo fato de ela estar nesse local protegido, eu não conseguia comunicação com ela, ninguém conseguia. E Tóquio não parava de tremer. A produtora também estava desesperada, assim como o cinegrafista, o Suzuki, que tinha uma mãe velhinha. Lá pelas nove, dez da noite, nós conseguimos falar com nossos familiares e ficamos mais tranquilos.

## NOITE NA ESTAÇÃO DE TREM

Estávamos nos preparando para o *Jornal Hoje*, e a gente não tinha lugar para dormir. Todos os hotéis estavam lotados. As primeiras pessoas que chegaram à estação e viram o trem parado correram para algum hotel. Ficamos na estação, congelando. Nunca senti tanto frio na minha vida. No Japão, há muitas máquinas automáticas que vendem tudo quanto é tipo de coisa. Ficamos tomando chá a noite toda para tentar aquecer. Já era mais de uma da manhã quando fizemos uma entrada no *Jornal Hoje*. Depois, passamos a noite toda acordados. Entramos ao vivo também no *Jornal Nacional*, e já eram oito e quinze da manhã no Japão. Finalmente, por volta de nove horas, o trem-bala voltou a funcionar. Fomos para Tóquio.

## A CHEGADA EM TÓQUIO E O ACIDENTE EM FUKUSHIMA

A cidade estava deserta. Nem parecia a Tóquio que a gente conhecia. Havia muita sujeira na rua. A cidade estava meio em choque, uma coisa estranha, embora não tivesse caído nenhum prédio. Fui para casa, a minha mulher estava desesperada. Enfim, eu disse: “Olha, você está bem, está viva, está ótima, e eu tenho que ir para a região do tsunami”. Nevava, continuava a fazer muito frio. Peguei algumas roupas e, no fim da tarde, fui de carro em direção à região do tsunami. Só que, entre Tóquio e o local da tragédia, há a usina atômica. Quando a gente estava na estrada, a usina explodiu. Ficamos sem saber o que fazer.

Tínhamos ordens expressas para não comprometer a nossa segurança. Antes de iniciarmos a viagem, falei por telefone com o Ali Kamel, diretor de Jornalismo da Globo, e ele deixou claro que a nossa segurança era a prioridade. Não haveria problema em deixar de ir a um lugar, de apurar uma informação, se avaliássemos que isso nos colocaria em risco. A orientação era clara. Entretanto, não tínhamos dimensão da explosão, nem da extensão dos perigos à nossa frente. Todos já havíamos passado por tufões, terremotos e outras situações de risco. Éramos experientes, mas aquela era uma situação nova e desconhecida.

Eram cerca de sete horas da noite. A equipe era formada por mim, a produtora Sanae Ono, o cinegrafista Katsumi Suzuki e o nosso motorista, o Marcelo Takenaka. Recebemos treinamento no Japão para terremotos, sabemos nos virar. E quando há tsunamis, é só ficar longe da costa. Porém, não havíamos recebido nenhum tipo de informação sobre como nos proteger em casos de escape de radiação atômica. A estrada passava justamente ao lado da usina. E, no fim das contas, eu fiquei com muito receio, porque não era só a minha segurança, era a de toda a equipe; e eu era o chefe ali. Resolvi então sugerir uma votação. Se a maioria achasse que a gente deveria voltar, seria o que faríamos. Dei o primeiro voto, informando que acreditava que nossa missão é seguir em frente. Ao consultar os outros três, entretanto, a resposta que tive foi: “Você decide.” E é o tipo de decisão que depende de quem está em campo. Não adianta eu ligar para o Brasil e perguntar, porque quem atender não tem a menor noção do que está acontecendo. Eu tinha que resolver.

Ligamos para a IPC. Eles me disseram: “Olha, só tem o seguinte: você não pode ir por essa estrada que passa ao lado da usina, porque está fechada. Há

outra que cruza as montanhas e vai pelo oeste do país, contornando o mar do Japão, que marca a fronteira com a China. Vocês terão que cruzar as montanhas e ir costeando o mar. Vai levar dezoito horas para chegar lá, enquanto que, pela outra estrada, levaria duas, porém esse é o caminho mais garantido”. E foi o que nós fizemos. A minha primeira reportagem no dia seguinte foi mostrando como a gente conseguiu chegar. Quem pegou a estrada mais curta – os concorrentes brasileiros e os estrangeiros – ficou preso no meio do caminho.

## A CHEGADA A SENDAI

Fomos pelas montanhas e conseguimos chegar a Sendai às seis horas da manhã. Foi a cidade mais atingida pelo tsunami. Eu estava desesperado, porque já eram seis da tarde no Brasil. O editor do *Jornal Nacional* devia estar louco por não saber da gente, sem informação do nosso paradeiro. O celular não pegava no meio das montanhas. Finalmente, quando chegamos a Sendai, liguei para o Brasil e avisei: “Olha, chegamos”. Fomos os primeiros jornalistas brasileiros a chegar a Sendai, e uns dos primeiros do mundo. Os japoneses já estavam lá, porque eles têm uma grande estrutura. E a gente deu uma sorte danada, aquela sorte que só ajuda os audazes: ao chegar, vimos que, na entrada da cidade, tinha uma escola com uma fila para distribuir sopa. E era um dos poucos lugares onde havia conexão de internet. Eu botei a antena 3G no computador e comecei a mandar para o Brasil o material que a gente tinha feito na estrada. Nisso, o cinegrafista Katsumi Suzuki foi filmar a fila do pessoal distribuindo sopa. Nessa primeira reportagem, tínhamos que mostrar que estávamos em Sendai. Era uma questão de honra. E conseguimos mandar o material para o Brasil. O tsunami aconteceu na sexta-feira e conseguimos entrar no *Jornal Nacional* de sábado com novas informações e as primeiras imagens de Sendai feitas por uma equipe brasileira.

Tivemos muitas dificuldades. Não havia postos de gasolina abertos – o combustível do nosso carro estava no fim –, não tinha água para vender, não tinha onde dormir. Ficamos uma semana comendo batata frita de saquinho. A nossa grande preocupação era a gasolina, porque fazia muito frio, e a gente não podia ficar sem o aquecedor do carro. Era preciso economizar. Imagina ficar sem gasolina no meio do caminho? Lá pelas tantas, a água também estava acabando. Passamos numa cidadezinha onde tinha um comércio aberto, umas frutas e uns garrações grandes. Comprei alguns, levei para o carro e avisei o cinegrafista: “Olha só, consegui água!” E ele disse: “Só que isso é saquê! Você não sabe ler?” Estava escrito “saquê” em japonês. Bem, apesar da melhor das intenções, não consegui resolver o nosso problema.

## O REFORÇO DE MARCOS UCHOA

Passamos uma semana em Sendai, antes de voltar para Tóquio. Pouco depois, Marcos Uchoa me substituiu em Sendai. A Globo estava muito preocupada com a nossa segurança por causa da usina atômica. O Uchoa recebeu ordens para voltar a Paris, e eu, de abandonar Tóquio e procurar um local seguro. A minha mulher foi para Cingapura, assim como a maioria dos estrangeiros. Fica a sete horas de voo de Tóquio. Fui para Nagoia, a 350 quilômetros ao sul, para ficar a uma distância segura.

A IPC continuou funcionando em Tóquio, num esquema quase kamikaze. Eles cobriram o escritório com um plástico azul antirradiação e deixaram três garrafas de água para cada funcionário, para o caso de a usina explodir de novo, e a radiação chegar a Tóquio. Esse acidente foi diferente do que aconteceu em Chernobyl, porque o reator de Fukushima não tinha explodido, embora houvesse essa possibilidade. Em Chernobyl, a poeira radioativa chegou a quinhentos quilômetros de distância. Se comparássemos os casos, Tóquio estaria dentro do raio de alcance da nuvem de radiação de Fukushima – estava a apenas 280 quilômetros de distância. Poucos funcionários da IPC ficaram no escritório. Caso a usina explodisse, eles ficariam trancados com os três litros d'água, esperando resgate. E assim ficaram lá, transmitindo.

O presidente da IPC, Arthur Muranaga, ficou com eles, deu um exemplo de dedicação inesquecível. Ele tinha acabado de ser pai, e eu lhe falei: “Arthur, a sua família precisa de você vivo. Se você morrer, o que vai ser da sua filhinha?” Arthur pensou, pensou... e disse: “Kovalick, a IPC não pode parar de transmitir. Se parar, os brasileiros do Japão ficarão sem informação, desesperados. E isso vai se espalhar para as famílias deles no Brasil, que também ficarão sem notícias. Vou mandar a minha família para Nagoia. Sua mulher pode ir junto. E eu gostaria que você fosse também. Se o reator explodir, e a gente parar de transmitir, você precisa manter os parentes de toda a comunidade no Brasil informados. Mas eu preciso continuar aqui ao lado dos meus funcionários”.

Eu fui para Nagoia, como stand-by para a IPC. Estimava-se que seria um lugar seguro. Fiquei uma semana lá, fazendo reportagens. Depois voltei para Tóquio, porque a situação já estava mais controlada. O abastecimento de água e de comida voltou ao normal, o medo da radiação foi diminuindo. A cobertura diária nos telejornais durou praticamente um mês.

## A SOLIDARIEDADE DO POVO JAPONÊS

O que mais me marcou, e eu procurei mostrar nas reportagens, nem foi a dimensão da tragédia, foi a organização do povo japonês, a noção de civilidade, de doação e de sacrifício. São coisas que não existem no resto do planeta. As pessoas esperavam na fila, ordeiramente, sem precisar de ninguém para organizá-la. Eu me lembro de uma cena que me emocionou. Foi na praça de Sendai. Não havia mais comida, nem água ou combustível. Fazia muito frio. Havia alguns ônibus que levavam as pessoas para outras cidades, para o sul. Faziam exatamente aquele caminho das montanhas que nós tínhamos cruzado dias antes. Havia uma fila gigantesca de pessoas, todo mundo esperando a sua vez. Chovia. Parecia uma cena de guerra. Tinha um senhor no meio da fila que já estava ali há um tempão. Dava para ver, pelas roupas e pela mala de grife que ele carregava, que era uma pessoa rica. E a mulher e o filho dele, uma criança de uns quatro anos, estavam embaixo de uma espécie de casamata, na estação do metrô. Em nenhum momento eles exigiram algum privilégio, nem pelo fato de serem ricos, nem por estarem com criança pequena no frio e na chuva. Eles esperaram a vez deles na fila, como todo mundo. E isso a gente via em todo lugar. No supermercado, surgiu o anúncio: “Vai ter pão de manhã”. Formou-se uma fila gigantesca de madrugada. Só que o pão, lá pelas tantas, acabou. Ninguém se revoltou. “Paciência, vamos para outro lugar.” Acabou a água? “Paciência, vamos para outro lugar.” Isso me marcou muito.

E, assim, eles conseguem resolver as coisas: com planejamento e sacrifício pessoal pelo bem do grupo. Uma estrada foi reconstruída em seis dias; outra, em doze horas. É espantoso. Não houve nenhum saque a supermercado, a loja, nada. As pessoas poderiam inclusive quebrar as máquinas automáticas e pegar as coisas dali de dentro. Era muito fácil. Entretanto, não vi uma única quebrada.



## DESAFIOS DA COBERTURA

Essa cobertura foi difícil por ter envolvido um aspecto pessoal muito forte. Uma coisa é você estar num local, sozinho, com o seu trabalho. Como quando eu fui fazer a cobertura do terremoto na Indonésia com o cinegrafista Katsumi Suzuki. Outra coisa é você fazer reportagem de uma tragédia em que a sua família está envolvida, em que você também é vítima. Então, é muito difícil. Como separar? Como não enlouquecer? Como não começar a chorar no meio de uma reportagem?

Tudo isso passava pela minha cabeça. Eu estava desesperado porque não conseguia contato com a minha mulher, porém muita gente estava desesperada porque tinha perdido a mulher. Então, que direito eu tinha de ficar mostrando a minha tristeza, quando a das outras pessoas era muito maior do que a minha? Eu pensava sempre: mostro ou não o meu drama e a minha tristeza nas reportagens? Várias vezes durante a cobertura, a gente não tinha lugar para dormir, não tinha o que comer. Eu ficava sempre me perguntando: que direito eu tenho de reclamar que estou comendo batata frita quando tem gente que nem sequer tem isso para comer? Vivi esse dilema.

Um dia, conversei com o editor do *Bom Dia Brasil*, e ele perguntou: “Como vocês estão aí?” Eu disse: “A gente não tem o que comer, não tem onde dormir”. E ele sugeriu: “Por que você não conta isso no ar?” E eu disse: “Eu me sinto constrangido, porque a minha tragédia é muito pequena em relação à das outras pessoas. Eu, sinceramente, tenho medo de passar do ponto, temo que o telespectador diga: ‘Vem cá, e aí? Não morreu ninguém da sua família, por que é que você está contando isso?’”. Mas também tem outro aspecto: o telespectador quer saber o que estamos passando. Por fim, concordei.

Foi uma cobertura que exigiu decisões extremamente difíceis. Sigo ou não em frente por causa da explosão da usina atômica? Volto ou não para Tóquio? Cada decisão não envolvia só trabalho, mas também segurança, envolvia tudo. E tivemos que fazer isso extremamente cansados. Eu dormia duas, três horas por noite. A gente tinha que abastecer todos os telejornais. E, no meio disso tudo, eu me preocupava também com a reação da minha família no Brasil: se a minha mãe não me ver num telejornal, vai achar que eu morri. Então, esse era mais um motivo para fazer questão de aparecer em todos.

Depois dessa cobertura, eu percebi uma mudança na maneira como as pessoas me tratam na rua, no Brasil. Quando eu era repórter no Rio de Janeiro,

eu era “o cara da Globo”. Quando eu estava em Nova York, eu era: “o cara lá de Nova York”. Depois do tsunami, eu virei Roberto Kovalick.



Roberto Kovalick e equipe diante dos estragos causados pelo tsunami no Japão, 2011.

## CRÔNICA DE DESPEDIDA

Quando chegou ao fim meu período como correspondente no Japão, fiz uma crônica para o *Jornal Hoje*. Foi uma das experiências mais marcantes para mim. O texto saiu da memória e do coração. Seria muito difícil voltar ao país, muito longe do Brasil. Então, seria legal levar para casa coisas que lembrassem o período que vivi lá. Quando o pessoal do *Jornal Hoje* pediu uma coluna para me despedir, eu me perguntei: “O que quero levar do Japão?” E me dei conta de que as melhores coisas não cabem na bagagem. Surgiu a ideia de pegar uma malinha para brincar com essa ideia: “Ah, vou recolher coisas do Japão que eu possa levar”. Mas não é possível levar a segurança, a simpatia, a educação, a saúde, a limpeza. São coisas que vão na sua cabeça, no seu coração. No fim da crônica, eu abria aquela mala e só tinha fotografias de várias das minhas reportagens, vários momentos que eu vivi. Tentei mostrar todo o meu sentimento, aquela experiência maravilhosa que eu tive durante cinco anos.

Dali, fui para Londres ser coordenador do escritório, o principal da Globo na Europa.

## CORRESPONDENTE EM LONDRES, 2013 – 2016

Em Londres, tem a cobertura da família real, que é bem complicada. Depois da morte da Lady Di, a situação ficou mais apertada ainda. Eles restringiram bastante o trabalho dos jornalistas. E há certo acordo da imprensa britânica com a família real de não invadir demais a vida deles. É muito protocolar. Quando querem divulgar alguma coisa, eles definem um monte de regras. Cobri o nascimento dos dois filhos do príncipe William, coberturas bem britânicas, bem organizadas. A gente fica na frente do hospital St. Mary's e acompanha toda a movimentação junto com a imprensa local. É bem interessante perceber como a família real é um fator de união nacional. Por exemplo, a gente pode pensar: "O que nos faz ser brasileiros, somos brasileiros por quê? O que nos une?". Porque nascemos no mesmo território, temos a mesma língua, a mesma constituição, a mesma bandeira, o mesmo hino. Ok, isso nos faz brasileiros, é o que nós temos em comum. Os britânicos também têm várias coisas em comum; entre elas, a família real.

## O NASCIMENTO DOS BEBÊS E O SISTEMA DE SAÚDE BRITÂNICO

Uma coisa que me chamou atenção foi o hospital onde nasceram os filhos do príncipe. Um dia, me levaram para conhecer o lugar, que é absolutamente espartano, não tem nada de luxo. Eu escolhi aquele hospital para que minha filha nascesse, porque tinha uma emergência e uma UTI. Algumas maternidades não contam com todo esse aparato. Um percentual gigantesco das britânicas tem filho em casa, com doulas. Quando fui visitar o hospital, a enfermeira perguntou: “Você quer conhecer o quarto onde nasceram os príncipes?” Claro que eu queria! Era um pouco maior do que o quarto onde a minha mulher ia ficar. Não tinha nada especial. As clínicas que atendem às classes média e alta no Brasil têm quartos muito maiores, bem mais luxuosos. Na mesma maternidade, tem um prédio que atende convênios particulares e outro, absolutamente igual, que atende o National Health System (NHS), o SUS britânico. No particular, só há um pouco mais de conforto. Os príncipes britânicos têm um atendimento muito semelhante ao de qualquer outro cidadão inglês.

## CRISE POLÍTICA UCRÂNIA, 2013

A Ucrânia entrou em uma grave crise social e política em novembro de 2013, quando o governo do então presidente Viktor Yanukovich desistiu de assinar um acordo comercial com a União Europeia para favorecer as relações do país com a Rússia. Milhares de ucranianos favoráveis à adesão à UE tomaram as ruas de Kiev para exigir que o presidente retomasse as negociações com o bloco. Roberto Kovalick e o repórter cinematográfico Sergio Gilz registraram os primeiros confrontos.

A gente estava acompanhando de longe a Ucrânia porque é um país muito distante do nosso radar, mas havia uma questão geopolítica importante. A Ucrânia, que já fez parte da antiga União Soviética, era um país dividido: no leste, as pessoas falavam russo; no oeste, ucraniano.

A gente começou a acompanhar a crise, e a situação foi piorando. Teve o dia em que as pessoas acamparam na praça de Kiev. No início de dezembro, tomamos a decisão: “Vamos para Ucrânia ver o que está acontecendo”. Eu lembro que fazia um frio de rachar. Estava com o Sergio Gilz, que já tinha ido ao país e escolheu um hotel perto da praça para a nossa estadia. Ficava no alto de um morro e, entre o hotel e a praça, havia um shopping center com um vidro na frente. Eu conto isso porque estava tão frio, mas tão frio, que nós não conseguíamos ficar muito tempo na praça. A gente ia, gravava e voltava para o shopping. Tinha um café com internet e, de lá, olhava o movimento do lado de fora, escrevia o meu texto, mandava para o Brasil as imagens e voltava para a rua.

Teve um dia que a gente estava no quarto do hotel, à noite, e o Sergio Gilz me chamou: “Kovalick, olha lá, a polícia vai invadir a praça!”. A gente viu os policiais se aproximando e começamos a gravar. Descemos correndo e fomos para o meio da confusão. Havia barricadas, policiais com capacetes pretos e manifestantes com capacetes laranja. A imagem era muito interessante, dava para ver bem a divisão.

A gente ficou no meio dos dois exércitos. Era assustador, porque os ucranianos são muito altos, todo mundo tem mais de 1,80m de altura e é muito forte. Se houvesse um confronto, eu estaria lascado. No fim, a polícia acabou indo embora.

A gente fazia a reportagem para todos os telejornais. Hoje em dia, tem duas tecnologias que ajudam muito o trabalho: o kit correspondente e o *Live U*, um espetáculo, que permite entradas ao vivo, via internet, com qualidade muito boa. O material também é gerado mais rápido do que pela internet comum. A produtividade aumentou barbaramente.

O fato de ser brasileiro abre muitas portas, em função do futebol, da música, como contei antes. Quando você dizia que era brasileiro, era bem recebido pelos dois lados, o da polícia e o dos manifestantes. Assim, em nenhum momento a gente sofreu violência. O Sergio Gilz colava uma bandeira do Brasil na câmera para ser imediatamente reconhecido como brasileiro.

“Numa madrugada com frio de trinta graus negativos, fui fumar na varanda. Vi tropas descendo a rua, prestes a atacar. Peguei meu equipamento, corri para a praça e registrei os primeiros embates. Liguei para o Kovalick, e nós estávamos em posição privilegiada.” – Sergio Gilz



Cobertura da crise na Ucrânia, 2013.



## ATENTADO PARIS, 2015

No dia 7 de janeiro de 2015, dois terroristas invadiram a redação do jornal *Charlie Hebdo*, em Paris. A ação resultou em doze mortos, entre jornalistas e policiais. Dois dias depois, mais terror: a polícia francesa matou os responsáveis pelos ataques ao *Charlie Hebdo* e outro extremista que assassinara quatro reféns em um mercado judaico. Em 13 de novembro, a França foi alvo de uma nova série de atentados. Ataques a locais como o Stade de France e o Bataclan deixaram 130 mortos e 352 feridos.

Eu estava de férias no Brasil quando aconteceu o ataque ao *Charlie Hebdo*. Os repórteres André Luiz Azevedo, correspondente em Portugal, e Cecília Malan, de Londres, estavam encarregados dessa cobertura. E eu fiquei na dúvida se voltava ou não ao batente. A direção falou para eu ficar no Brasil, mas eu estava me coçando para ir. Repórter não pode ver notícia. Eu estava indo para Porto Alegre visitar minha mãe, já tinha feito o check-in, estava prestes a embarcar no avião, quando tocou o telefone. Era o Ernani Lemos, que, na época, era produtor em Londres, e me substituía na coordenação do escritório quando eu estava fora. Ele disse: “Kovalick, acho que agora você tem que vir, porque houve um segundo atentado. A gente precisa de você pelo menos para dar apoio aqui no escritório”. E eu disse na mesma hora: “Vou aí nem que seja para servir cafezinho, quero estar no meio da notícia fazendo qualquer coisa, levo água para o povo, faço tudo para estar junto do fato”.

No dia 9 de janeiro, os irmãos argelinos Said e Cherif Kouachi, responsáveis pelos ataques ao *Charlie Hebdo*, foram localizados numa gráfica a 35 quilômetros de Paris, onde mantinham reféns. A polícia cercou o local e matou os terroristas. No mesmo dia, na zona leste da cidade, o francês Amedy Coulibaly tomou um supermercado judaico, assassinou quatro reféns e acabou morto pela polícia. Investigações confirmaram a ligação entre os irmãos Kouachi e o invasor do mercado, seguidores da rede terrorista Al Qaeda.

Na hora do embarque para Porto Alegre, tentei explicar para a funcionária da companhia aérea que controlava a entrada na aeronave: “Não posso embarcar”. Ela não entendeu nada: “Como o senhor não pode embarcar? Já despachou sua mala, já fez check-in, aí o senhor chega à porta do avião e diz que não pode embarcar?”. Eu completei: “Tenho que ir para Paris agora”. Ela

retrucou: “Meu amigo, a sua passagem é para Porto Alegre, como o senhor vai para Paris?”. E eu: “É uma emergência de trabalho. Sinto muito, mas não vou embarcar”. Fui correndo com outra pessoa da companhia aérea procurar minha mala, passei na casa da família da minha mulher para pegar uns casacos e, à noite, embarquei para Paris. No dia seguinte, entrei na cobertura.

A cidade estava uma loucura. O André e a Cecília retornaram aos seus respectivos escritórios, e eu fiquei participando daquela segunda etapa, com um medo danado. Foi uma cobertura muito tensa, porque não se sabia de onde poderia surgir um novo ataque, os terroristas estavam armados nas ruas.

Fui à redação do jornal *Libération*, que cedeu espaço para receber os jornalistas sobreviventes do *Charlie Hebdo* e ajudou na realização da primeira edição após o atentado, com uma tiragem de cinco milhões de exemplares. Depois, fomos para as bancas de madrugada esperar a chegada do jornal. Havia uma fila enorme de gente para comprar o *Charlie Hebdo*. Todo mundo usava camisetas com o slogan “*Je suis Charlie*” – “Eu sou Charlie”, em português. Foi talvez uma das maiores lições de respeito que eu vi à democracia, à liberdade de opinião.

Houve manifestações com milhões de pessoas nas ruas. Eles respeitavam aquela máxima: eu posso não concordar, mas defenderei até a morte o direito de você dizer o que pensa. O povo francês percebeu com perfeição que não foi apenas um ataque a um jornal, *Je suis Charlie* significava o apoio à liberdade de expressão.

Na entrevista coletiva com os sobreviventes do *Charlie Hebdo*, marcou muito o fato de todos estarem cercados de segurança, de homens armados, porque eram grandes alvos dos extremistas. É apavorante, porque você não sabe de onde e como vêm esses ataques, que podem ser causados por qualquer pessoa. De repente, uma câmera pode explodir, como já aconteceu quando os terroristas se disfarçaram como uma equipe de TV. O suposto cinegrafista apertou um botão, e o equipamento explodiu. O terrorismo é a coisa mais apavorante que eu já vi na vida.

## ATENTADO AO BATACLAN, EM NOVEMBRO

Eu estava em Londres e sabia que voltaria em breve para o Brasil, então essa foi a minha última grande reportagem como correspondente. O atentado aconteceu em uma sexta-feira. Eram seis e meia da noite no Brasil, e eu estava na redação me preparando para ir embora, quando piscou em alguma agência na internet a notícia sobre um atentado na França. A Fátima Baptista, coordenadora da Produção de Rede do Rio de Janeiro, me ligou: “Kovalick, acho que teve um atentado na França, dá uma olhada, talvez a gente dê uma nota”. Aí eu liguei a TV em um canal local, vi que a situação estava piorando e expliquei para ela: “Olha, Fátima, acho que uma nota não vai ser suficiente”. O *Jornal Nacional* inteiro foi sobre o atentado. A gente teve duas horas para preparar o material. Havia gente morta no estádio de futebol, o Stade de France; na sala de espetáculos Bataclan; em um restaurante vietnamita. Até aquele momento, as autoridades haviam declarado quarenta mortes, mas os números logo pularam para oitenta.

Na redação, liguei o meu tablet na TV francesa e ia vendo outras coisas no computador. Eu tinha quatro ou cinco fontes de informação. Do Brasil, o William Bonner me chamava toda hora ao vivo. Várias vezes, eu entrei no ar tendo que traduzir da TV francesa. Pelo subtítulo e pela imagem, eu ia tentando adivinhar o que estava acontecendo, e a televisão tinha que ficar sem som porque eu precisava de comunicação com o Brasil. O importante naquela hora era informar logo. Ainda teve o *Jornal da Globo*, que foi até de madrugada.

Decidimos que iríamos para Paris no dia seguinte, no primeiro trem. Mal deu tempo de passar em casa para pegar uma mala. Não tínhamos certeza se conseguiríamos chegar lá. Havia a notícia de que os trens não estavam funcionando e que as fronteiras estavam fechadas. Isso acabou não se confirmando na prática.

Eu e o Paulo Pimentel chegamos a Paris por volta das nove horas da manhã e já tivemos que entrar na programação do Brasil. Aquilo virou o único assunto, não havia outro no planeta Terra além daqueles atentados. Fomos em direção ao Bataclan, andando pela mesma avenida onde houve a passeata do *Charlie Hebdo*, meses antes.

O número de vítimas ia crescendo de forma assustadora. Chegou a 130 mortos. É muito desafiador trabalhar dessa forma. O governo proibiu manifestações e houve uma reação dos franceses semelhante àquela do

*Charlie Hebdo*. As pessoas queriam fazer manifestações públicas e houve confronto com a polícia.

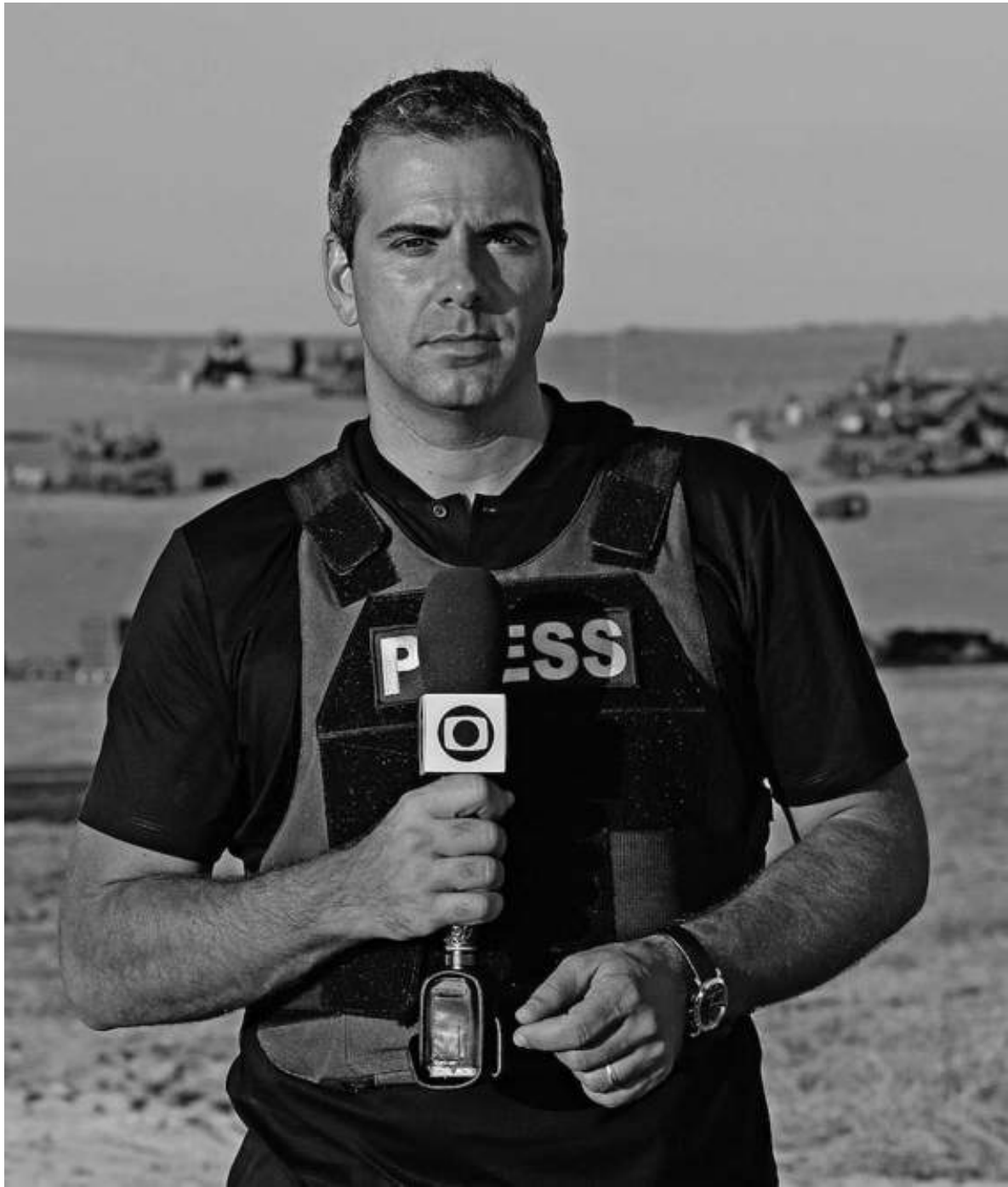
Fizemos uma reportagem sobre o perfil dos terroristas. Alguns tinham assumido esse papel há poucos meses, alguns nem eram mulçumanos radicais, eram pessoas absolutamente comuns, mas em três, quatro, cinco meses, viravam assassinos suicidas, alguém que está disposto a morrer e matar. Como isso acontecia?

O governo francês declarou guerra ao Estado Islâmico, só que ninguém sabia o que fazer, porque o terrorismo não é um inimigo que atua às claras. Não é uma força convencional, e os soldados não têm nenhum tipo de preparo militar. Os governos não fazem ideia do que esses homens são capazes. Não é possível enviar tanques e aviões para um campo de batalha. O Estado Islâmico continua atuando, não desapareceu.

## CORRESPONDENTE INTERNACIONAL: UMA REFLEXÃO

Eu fiquei dez anos no exterior e foi, possivelmente, o melhor período na minha carreira de jornalista. E, se eu dissesse: “Quero fazer isso nos próximos dez anos”, eu, ou qualquer outra pessoa, seria capaz de repetir tudo. Nenhum dinheiro paga o que vivi e o que vi como correspondente. Não só por ir a lugares, mas por conversar com pessoas. É uma chance que nós, jornalistas, temos, afinal essa é a nossa profissão – ir a um determinado lugar, sentar com as pessoas, tentar levantar informações da vida delas, estar não apenas no lugar, mas na hora certa, como em Paris, como no terremoto do Japão. Nada faz a gente crescer tanto como profissional e como ser humano do que isso.

Foi um período maravilhoso e que também nos levou a desafiar os nossos limites. Achar soluções em situações extremas é, ao mesmo tempo, impactante e desafiador. Como contar uma determinada história, achar as pessoas certas, ouvi-las, conseguir captar o que elas viveram, o que sentiram, o que estão enfrentando, empacotar tudo e mandar para o Brasil de forma que as pessoas gostem e entendam. Quando terminamos um trabalho que deu certo, isso renova o nosso amor pela profissão.



RODRIGO ALVAREZ

“SEM SORTE, MELHOR NEM SAIR DE CASA”, costuma brincar Rodrigo Alvarez. Para o jornalista, o acaso não é decisivo, mas é bom estar disposto a ser ajudado por ele. É por isso que guarda um espaço para o imprevisto em suas reportagens especiais. Unindo a sorte à ousadia, Rodrigo Alvarez se transformou em correspondente da Globo, tendo passado por Estados Unidos, Oriente Médio, Alemanha e França.

Rodrigo Nascimento Alvarez nasceu em 8 de junho de 1974, no Rio de Janeiro. Formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) e fez pós-graduação em Negócios Internacionais no Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec). Seu primeiro trabalho foi como editor de vídeo na GloboNews, em 1996. Em três anos, tornou-se repórter da madrugada, mas achou que tinha potencial para ir mais longe. Apaixonado por tecnologia, juntou dinheiro e viajou por conta própria para a Califórnia, em 2000. Sua ideia era investir em um modelo de jornalismo autossuficiente. Sozinho, filmou, produziu e editou uma série de reportagens sobre o Vale do Silício, onde entrevistou os fundadores de empresas de tecnologia que ficariam famosas, como o Google. O material foi exibido no *Jornal das Dez*. A série tornou Rodrigo mais conhecido, e ele passou a realizar coberturas importantes pelo canal por assinatura.

Em 2001, foi o único jornalista a registrar o naufrágio da Plataforma P-36 da Petrobras, em Macaé, no Rio de Janeiro. Em 2002, viajou novamente por conta própria e fez uma série de reportagens para o *Jornal das Dez* sobre a adoção do euro como moeda única da União Européia. Em 2006, foi contratado pela Globo e se tornou correspondente nos Estados Unidos, de onde cobriu o massacre na Universidade de Virgínia, em abril de 2007; as eleições presidenciais de 2008, com destaque para a série “Americanos”, do *Jornal da Globo*, que resultou no livro *No país de Obama* (2009). E, dos Estados Unidos, partiu para uma das coberturas que considera a mais extrema de sua carreira: o terremoto no Haiti, em 2010. A experiência de doze dias no país pobre destruído pelo sismo abalou o repórter que, para digerir tudo o que viu e ouviu, dedicou-se ao livro *Haiti, depois do inferno* (Globo Livros, 2010).

De volta ao Brasil, em 2010, Rodrigo tornou-se repórter do *Fantástico*. Teve a oportunidade de rodar o país em matérias especiais, como no projeto



“Expedição Xingu”, que repetiu a experiência dos irmãos Villas-Bôas na conquista do centro-oeste brasileiro. Em 2013, fez as malas e foi com a família para Jerusalém, tornando-se correspondente da Globo no Oriente Médio. Em 2016, assumiu o posto na Alemanha, de onde passou a acompanhar o drama dos refugiados na Europa, trabalho que continua a executar de Paris, após ser transferido, em janeiro de 2018, para o escritório da capital francesa.

Além de biógrafo do padre Fábio de Melo, ele escreveu outros livros com temática religiosa, como *Aparecida* (2014), *Maria* (2015) e *Milagres* (2017), todos publicados pela Globo Livros.



## “AMERICANOS” ESTADOS UNIDOS, 2008

Na semana que antecedeu as eleições que levaram Barack Obama à presidência dos Estados Unidos, em 2008, o *Jornal da Globo* exibiu a série “Americanos”, de Rodrigo Alvarez e Sergio Telles. Os correspondentes percorreram dezoito estados para entender como pensavam os eleitores do país.

Nessa época, eu era correspondente em São Francisco e tinha a missão de cobrir a Costa Oeste dos Estados Unidos, onde a internet explodia, o meio ambiente era tema constante de novas pesquisas, e Hollywood continuava em alta. A proposta da série, pensada pelo então editor-chefe do *Jornal da Globo*, Erick Brêtas, era mostrar a eleição a partir do ponto de vista da população. Como os americanos estavam vendo a possibilidade de eleger um presidente negro pela primeira vez na história? Em plena crise econômica, havia esperança? Sim, eles acreditavam em uma grande mudança. E quem concorria com o democrata Barack Obama era o republicano John McCain.

Traçamos um caminho que cruzava o país, de costa a costa, até Washington. De lá, desceríamos até Nova Orleans. Foi uma imersão nos Estados Unidos e na cabeça dos americanos, uma grande aventura jornalística. Fizemos uma reportagem em movimento, onde tentávamos responder a seguinte pergunta: o que os americanos estavam esperando naquele momento tão importante?

## PÉ NA ESTRADA

Começamos a viagem por São Francisco e, no primeiro dia, Sergio Telles e eu fizemos gravações nessa cidade que tem um pensamento muito liberal, moderno, onde havia uma expectativa muito positiva da vitória de um candidato negro. Seguimos para Provo, no Utah, considerada a cidade mais republicana do país. Queríamos entender quem eram os conservadores. De repente, nos vimos em um lugar peculiar: havia uma igreja mórmon no centro, rapazes missionários de terninho, camisa branca e gravata preta. Eram donos de um pensamento cristão conservador radical: contra aborto, contra qualquer tipo de inovação, a favor da pena de morte. Para eles, era impensável eleger Barack Obama.

Outro lugar curioso foi uma cidade em Nevada, no distrito de Tonopah, no meio do deserto, perto de Las Vegas. Era uma das muitas cidades-fantasma dos Estados Unidos. Havia sido abandonada por falta de oportunidades econômicas, e só tinham sobrado sete pessoas, que andavam armadas com espingardas, com aquele jeitão caipira, camisa quadriculada, suspensórios, barbas brancas imensas, pareciam personagens de desenho animado. Os sete moradores eram adeptos do Partido Libertário, defensores de que o governo nem deveria existir. Não queriam saber de nenhum dos candidatos.

Em uma das últimas paradas da viagem, perto de Nova Orleans, na região do Mississípi, chamada de Cinturão da Bíblia, encontramos uma senhora que tinha fundado uma igreja. Seu meio de transporte era um carrinho de cortar grama. Logo de cara, ela ficou apavorada com a nossa aproximação, achando que o repórter cinematográfico e eu queríamos roubá-la: “Eu estou armada. Tenho uma arma aqui, meu marido está ali”. Depois ela viu que queríamos apenas conversar e se soltou.

A viagem foi nos mostrando como é difícil definir o que é uma nação daquele tamanho. Foi um aprendizado também no sentido de reportagem, porque fizemos tudo sem planejamento algum, do jeito que eu gosto de trabalhar. No fim do dia, olhávamos o mapa e decidíamos onde dormiríamos e qual seria nosso destino. Os personagens simplesmente apareciam. Em outra ocasião, quando dirigíamos em uma daquelas estradas largas, e surgiram dois andarilhos no acostamento. Sergio e eu tivemos uma discussão: daríamos ou não carona para eles? Pelo bem da reportagem, eles entraram com mochilas e cheirando a suor. Os dois eram profissionais da área de construção civil.

Usavam chapéu porque estava muito sol. Eles se mudavam para arrumar trabalho. Tivemos uma conversa interessante sobre a alta taxa de desemprego nos Estados Unidos naquela época.

Decidimos ir a Wyoming, no norte do país, uma região conhecida por seus imensos pastos, o estado menos povoado dos Estados Unidos. Dirigíamos por quilômetros e não víamos nada além de pastagens e montes. De repente, chegamos a um local cheio de carros, com muitas obras em andamento. Estavam construindo uma nova cidade: Pinedale. Encontramos outro tipo de americano, a pessoa que corre atrás das oportunidades. Parecia que estávamos de novo dentro de um filme: trabalhadores, prostitutas, imigrantes, muitos bares e drogas... como no Velho Oeste. Nessa cidade, haviam sido descobertos campos de gás e petróleo, por isso toda essa efervescência no meio do nada. Os únicos hotéis estavam lotados para atender aos trabalhadores. Não conseguimos filmar tudo em um único dia e, por isso, precisaríamos retornar no dia seguinte. Tivemos que dirigir 240 quilômetros em busca de hotel com quartos disponíveis.

## APROXIMAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Outra coisa interessante dessa reportagem foi que não usamos microfone aparente. Optamos por esconder um na minha camisa, sem que a pessoa reparasse, para não assustá-la. Da mesma forma, trabalhamos com uma câmera distante para que ninguém se incomodasse ou ficasse intimidado. O Sergio ficava de longe, usando muito zoom. No final da conversa, eu explicava o motivo da reportagem, que tinha gente filmando, mas o primeiro ato era me aproximar. A ideia era que os depoimentos fossem os mais reais e honestos possíveis, que as pessoas não falassem para a câmera, mas para mim, um estranho que se apresentou como jornalista brasileiro.

Às vezes, nem perguntavam quem eu era e, quando víamos, estávamos na maior conversa. Um exemplo foi um senhor negro que vestia um terno branco e tinha acabado de voltar de um enterro num subúrbio de Chicago. Estava muito comovido e a conversa foi sensacional. A maior dificuldade do jornalista de televisão é tirar a câmera do meio, porque as pessoas mudam quando veem que estão sendo filmadas. Até o sorriso fica diferente.

Sempre percebi que depois que o equipamento é desligado, as pessoas ficam mais naturais. Por isso optei por fazer essa reportagem de um jeito que os entrevistados não percebessem que estavam sendo filmados. No final, pedíamos autorização para usar a imagem delas e, com isso, obtivemos depoimentos sinceros e descontraídos, o que acabou sendo o grande barato da série. Fizemos um documentário para ser exibido no *Jornal da Globo*.

Na volta a São Francisco, em preparação para a cobertura da eleição, editamos o material, linha por linha das conversas. Transcrevemos todas as entrevistas e, a partir dali, montamos as matérias, seguindo a cronologia da viagem. O especial foi intercalado com as notícias do dia sobre as campanhas dos candidatos.

## A ELEIÇÃO

Ao retornar dessa série, estávamos próximos do dia da votação. Minha base de trabalho era São Francisco, e fiquei muito tempo ao vivo, entrando em *flashes* ao longo do dia. O curioso foi que havíamos comprado uma luz muito forte para usar nas transmissões, uma iluminação que imita a do sol. Fiquei sob aquele holofote até de madrugada. Até aí, tudo bem. Mas, terminada a cobertura, fui para casa, cansado, e dormi. Quando acordei no dia seguinte, abri os olhos, e tudo estava escuro. Eu não enxergava nada. Fiquei desesperado. Precisei ser levado com urgência para o hospital, e o médico me disse que eu tinha algo como uma queimadura na retina. Fiquei mais tranquilo quando ele me explicou que acontecia o mesmo com pessoas que praticavam esqui sem óculos escuros e que eu iria ficar um tempo assim. Foram três dias. Comecei a ver vultos, imagens turvas e, aos poucos, fui recuperando a visão.

Acho que eu vi tanto durante aquela viagem que meus olhos disseram: “Chega, já enxergou o bastante!”. Foi, então, que fiquei cego. Nunca mais usamos aquela luz.

“Na reportagem sobre o crescimento de Pinedale, Wyoming, fomos surpreendidos com hotéis lotados. Na estrada, à procura de um lugar para dormir, fomos seguidos e parados pela polícia por excesso de velocidade. Estávamos a 60 km/h. Levamos uma bronca e uma multa.” – Sergio Telles

## CAÇADORES DE TORNADOS COLORADO, 2010

Durante oito dias, os repórteres Rodrigo Alvarez e Luiz Claudio Azevedo percorreram seis estados dos Estados Unidos com a missão de filmar tornados nas planícies do Meio-Oeste. A reportagem foi exibida em junho, no *Fantástico*.

Nossa missão era clara: não voltaríamos para casa enquanto não encontrássemos um tornado. Essa era a pauta que desenhamos no escritório de Nova York, com nosso produtor Luigi Sofio, para o *Fantástico*, em 2010. Eu e o cinegrafista Luiz Claudio Azevedo ficaríamos o tempo necessário nas planícies do Meio-Oeste americano para filmar um tornado de perto, viver e contar essa experiência.

Viajamos para Denver, no Colorado, onde encontramos o especialista Tim Tornado. Nos Estados Unidos, assim como o Tim, há muitas pessoas que vivem em busca desses fenômenos, em uma mistura de loucura, aventura e ciência. Quando você começa a fazer isso, logo percebe que está viciado. Alugamos um furgão que nos dava segurança para atravessar ventanias e decidimos trabalhar de sol a sol.

Durante uma semana, viajamos com o Tim pelas rodovias da região conhecida como Cinturão dos Tornados, correndo no limite da velocidade e acompanhando os boletins meteorológicos. Para onde o radar apontava alguma chance de vermos o fenômeno, lá íamos nós. Essa tarefa, entretanto, era difícilíssima, porque até hoje a ciência não sabe com certeza quando e onde um deles pode aparecer.

Ficamos sete dias rodando seis mil quilômetros, dormindo em hotéis de beira de estrada, sem um mapa definido de viagem. Chegamos a ver dois tornados muito de longe. Toda hora nos deparávamos com uma nuvem suspeita, parecia que ia acontecer, mas não tocava o chão. Só podemos chamar de tornado quando aquele cone encosta no chão ainda rodando, levando tudo em volta. Os dias iam passando, e não encontrávamos nada.

Até que, no sétimo dia, o Tim nos disse: “Olha, gente, estou cansado, e a previsão de aparecimento de tornados amanhã é de 2%. Vamos dar um tempo”. Nem o Azevedinho nem eu ficamos contentes com aquela história. O Azevedinho é um cara que entende tudo de imagem e de posicionamento de

câmera, mas, além disso, se envolve, mergulha mesmo naquilo que está fazendo. Fomos jantar e decidimos ir sozinhos, porque tínhamos aprendido como funcionavam os radares públicos, que utilizam uma série de sistemas via satélite, uma meteorologia muito refinada. Acordamos e saímos. Ele dirigia, e eu ia com o computador ao lado, olhando os satélites.

A gente estava viciado naquilo. É um fenômeno incrível, e você fica encantado com as nuvens maravilhosas que antecedem a geada. Depois, há chuvas fortíssimas, seguidas de arco-íris. Não há nenhum prédio ou montanha, só planície. Víamos as tempestades bem de longe, enquanto estávamos debaixo de sol, e, lá no fundo, aquela nuvem negra parecia vir na nossa direção. Não fazia sentido algum esperar pelo Tim e ficar um dia descansando.



## UM GIGANTE EM MOVIMENTO

Estávamos dirigindo por alguma estrada quando vimos um carro passando correndo, escrito: “Caçadores de tornado”. Aí eu olhei para o Azevedo e disse: “Vamos! Segue esse carro!” Parecia cena de filme. Buzinamos e conseguimos nos comunicar com eles por gestos, mostrando que queríamos filmar a aventura, que éramos repórteres. E eles aceitaram. Horas depois, vimos que começava a se formar uma espiral mais à frente, só que, em algum momento, nos perdemos dos caçadores. Nem pudemos pensar, porque, de repente, à esquerda do carro, começou a descer um tornado. Fico arrepiado só de lembrar, sonho com isso frequentemente.

Parecia que eu estava em uma história mágica, em um fenômeno fora deste universo. O tornado começou a baixar e, quando vimos, encostou no chão. Fomos correndo com o carro em direção a ele e paramos em uma encruzilhada – porque essa é a regra básica: parar em algum caminho que ofereça possibilidade de fuga.

Saltamos do furgão, montamos o equipamento e começamos a filmar. O tornado estava vindo na nossa direção. Era muito perto. Fiquei contemplando aquilo e narrando o que eu estava pensando na hora. Enquanto ele se aproximava, trouxe uma ventania seguida de gelo. Pedras de granizo caíam sobre nós e sacudiam ainda mais o carro. Foi uma correria danada, gravamos durante muito tempo. O tornado arrastou tudo que estava pela frente durante quinze minutos. Ia para um lado e para o outro, parecia um gigante em movimento.

Quando ele começou a ir embora, corremos para o carro levando granizo na cabeça. Fiz uma força enorme para conseguir fechar a porta, que quase foi arrancada pelo vento. Jogamos câmera, tripé e todo o resto para dentro do furgão e seguimos nosso rumo. Nessas horas, obedecemos às regras de segurança e seja o que Deus quiser – ou melhor, seja o que o tornado quiser!

Depois de tudo isso, a única coisa que passava pela nossa cabeça era: precisamos achar outro, porque aquele foi maravilhoso. Quem sabe? E foi exatamente o que aconteceu.



Rodrigo em reportagem sobre tornados, Colorado, EUA, 2010.

## UMA AGULHA NUM PAÍS INTEIRO

Olhamos o radar e achamos uma previsão para um local próximo. Chegando lá, quem encontramos? Os caçadores de tornados. Perto deles havia outro grupo e uma banda de rock que tinha como hobby ir atrás desses fenômenos. Em quinze minutos, as nuvens se movimentaram, e outro gigante desceu na nossa frente. Foi uma emoção! Depois ele se desfez, e ficou todo mundo rindo à toa.

Mesmo os caçadores passam dias procurando a tempestade e, às vezes, não conseguem vê-la. É como encontrar uma agulha, não num palheiro, num país! E, além disso, quando o tornado desce, temos apenas uma única oportunidade para acertar nosso trabalho. Não podemos errar. Nosso combinado era que, quando ele aparecesse, não parariamos de gravar por nem mesmo um único minuto – faríamos tudo como se fosse ao vivo, com narração daquilo que estava acontecendo, como se estivéssemos transmitindo um jogo de futebol. Eu sabia que a emoção daquele momento não poderia ser gravada depois com um texto em *off*, registrado no estúdio. A única maneira de mostrar para as pessoas o que eu estava sentindo diante de um tornado era dizer o que me viesse à cabeça. Ou mesmo ficar em silêncio.

A cena que encerra a reportagem é muito bonita e emocionante até de lembrar. Sou eu olhando para o tornado. É uma cena de contemplação, uma posição interessante para o correspondente se colocar: de costas para a câmera, observando um acontecimento de dimensões inexplicáveis. Quando o repórter tem que se voltar para o fato e não para a câmera é porque algo grandioso está acontecendo. Foi o momento em que eu me dei conta da minha pequenez como ser humano neste universo. Diante daquele gigante, me senti uma parte mínima da natureza, mas profundamente integrado a ela.

Para nossa sorte, todos os tornados foram benignos, não causaram mal a ninguém, nem destruição. Tivemos toda a beleza da natureza, sem nenhum estrago. E, nos dois momentos, curiosamente, não ficamos com medo. Era uma mistura de satisfação e encantamento com o nosso trabalho em um nível inigualável. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Eu sonho com tornados até hoje e me prometo que ainda vou ver outro.

“Era uma expectativa que só aumentava. A reportagem virou um vício. A maior emoção foi quando confiamos no nosso faro jornalístico, mesmo contra as previsões. Vivenciei a formação de uma das

mais belas manifestações da natureza. Um presente fantástico!” – Luiz Claudio Azevedo

## TERREMOTO HAITI, 2010

Em 12 de janeiro de 2010, um terremoto de 7,3 graus na escala Richter atingiu a capital do Haiti, Porto Príncipe. Cerca de 230 mil pessoas morreram e mais de 1 milhão ficaram desabrigadas. No dia seguinte, os repórteres Rodrigo Alvarez, Lilia Teles e Luiz Claudio Azevedo embarcaram para Santo Domingo, na República Dominicana, de onde partiriam rumo ao país vizinho.

Naquela semana de janeiro, eu iria ao Alasca para uma reportagem especial para o *Fantástico*. De repente, tudo mudou. Um telex chegou à redação com a notícia de que um terremoto de grandes proporções atingira o Haiti. Em seguida, soubemos que havia muitos mortos. A Mônica Barbosa, coordenadora do escritório em Nova York na época, decidiu enviar a Lilia Teles e o Luiz Claudio Azevedo ao local. Eu vi as proporções daquele terremoto e pensei que caberia mais um repórter. Pedi à Mona que eu acompanhasse a Lilia, para ajudar com o que fosse preciso. Ela comprou a ideia, e eu peguei o voo seguinte ao dos meus colegas. Como eu sabia filmar, poderia trabalhar sozinho.

O Haiti estava devastado, não havia internet nem energia elétrica. Encontrei a Lilia e o Azevedo na República Dominicana, já que os aeroportos do Haiti não estavam funcionando. Lá, dividimos um helicóptero com jornalistas japoneses e fomos até Porto Príncipe.

Pousamos com as câmeras ligadas, e as primeiras matérias foram feitas e enviadas do próprio aeroporto, onde havia hospitais improvisados e uma quantidade enorme de equipes de salvamento. A chegada foi rápida. Não havia mais posto de controle de passaporte – essa área do aeroporto estava com papéis espalhados por toda parte, e entramos sem mostrar documentação. Gravamos o material ali mesmo, e editei a matéria de dentro de um avião oficial do Brasil, que levava membros do corpo diplomático.

Mas como enviar as matérias de Porto Príncipe? Equipes autônomas montaram geradores móveis com antenas de satélite e ficaram prestando esse serviço lá. Por sorte, havia um brasileiro e ele nos salvou naquele primeiro dia. Quando nossas reportagens ficaram prontas, corremos para enviá-las a tempo do *Jornal Nacional*, mas uma equipe japonesa já havia comprado a hora completa do satélite, o que nos jogaria para mais tarde. Perderíamos o

prazo. Enquanto os colegas do Japão terminavam de editar, o brasileiro pediu licença e passou nosso material na frente. A reportagem chegou em cima da hora, mas a tempo de entrar no telejornal.

## TRAGÉDIA BÍBLICA

Ao sair do aeroporto, vimos a destruição. Os resgates eram feitos sob muito calor. Os sobreviventes estavam desesperados, havia muitos corpos pelas ruas, um cenário digno do purgatório de Dante, uma tragédia inacreditável. Toda a cidade havia sido devastada. Um terremoto de sete graus lá era como um de dez no Japão, porque mesmo antes da tragédia já não havia estrutura alguma. O Haiti foi maltratado pela história, e o povo estava mais uma vez pagando por isso.

Naquela época, o Exército brasileiro já estava no país como representante das Nações Unidas. Após o terremoto, os soldados combatiam o caos, tentando evitar roubos e outros crimes. Os sobreviventes passavam fome, e eram as tropas que cuidavam da distribuição de comida. Lembro que havia filas enormes, as pessoas botavam a mão uma no ombro da outra para não perder o lugar.

Não conseguimos parar de trabalhar um minuto. Ficamos acampados na base militar, e parte da nossa rotina era acompanhar os soldados. Saíamos com eles para os resgates de manhã cedo e voltávamos à noite. Eu ia em um carro-tanque, e a Lilia em outro, com o Azevedo. Nós nos encontrávamos no fim do dia no acampamento e, lá, editávamos o material. O envio era feito pela internet disponível na base, que, graças a uma antena, era ótima.

O Exército foi nosso anjo. Os soldados dividiram até a comida com os jornalistas, nós jantávamos e tomávamos café com eles. As outras refeições eram biscoitos e alguma fruta que levávamos na mochila. Nessas missões, não podíamos carregar muita coisa. Era uma rotina de guerra, um calor danado, todo mundo suando em bicas e mesmo assim lembro que usei a mesma camisa por vários dias porque não tinha como lavá-la. Um dia, o Luiz Fernando Ávila, que era editor-chefe adjunto do *Jornal Nacional*, me deu uma chamada: “Rodrigo, não tem outra roupa, não?” Ao que eu respondi: “Não tenho. Estou só com essa camiseta aqui, não era nem para usar pra gravar matéria, mas acabou tudo”. E entrava no ar com roupa amassada e repetida porque fiz uma mala de viagem bem compacta. Não sabia quanto tempo iria ficar, mas não podia carregar peso porque atrapalharia a cobertura. Encaramos realmente condições de guerra com os soldados. Enquanto eles cumpriam a missão de salvar, a gente se dedicava à nossa de reportar o que estava acontecendo.

## O QUE FICOU DE PÉ

A cada dia vivíamos uma surpresa. Em uma noite, sentimos um tremor. Todo mundo acordou com outro terremoto, pequeno, mas forte o suficiente a ponto de a gente se sentir em uma cama elástica, balançando dos pés à cabeça. Em outro momento, acompanhando uma missão do Exército, fui a um lugar onde tinham acabado de enterrar quarenta pessoas no meio de uma rua de terra, bem no cruzamento. Os moradores cavaram e fizeram os enterros ali mesmo, porque não tinham onde colocar os corpos. Estávamos presenciando algo muito raro, não é qualquer terremoto que tem aquela dimensão. O que estava diante dos nossos olhos era uma tragédia de dimensões bíblicas, ou até mesmo algo maior do que isso.

Quando trabalho nessas situações, a adrenalina me faz seguir sem pensar muito. Vou atrás das histórias para contá-las, como na última reportagem que fiz para o *Fantástico* depois de doze dias naquele lugar. A pauta era contar o que ficara de pé no Haiti. A gente foi para um porto chamado Labadee, que é um paraíso turístico, longe do centro do terremoto, onde a vida seguia seu ritmo normal.

Em outra reportagem para o *Fantástico*, estive no local onde dona Zilda Arns morreu. Ela tinha ido ao Haiti em missão humanitária e faleceu no desabamento de uma escola católica, onde fazia uma palestra. Chegando lá, vi que tudo em volta tinha caído menos a imagem de Cristo. O crucifixo enorme, de pé diante dos escombros, atraía a atenção dos haitianos que, em meio a tragédia, se ajoelhavam e rezavam. Filmei essa cena forte, que transcende a religião. Evocava o que é sagrado, o que é humano, aquilo que nos toca.

Nessas andanças, eu filmava tudo sozinho. Como não tinha condições de carregar um tripé, às vezes o jeito era apoiar a câmera em cima de escombros. Acabei usando ângulos estranhos, mas que, naquela situação, eram interessantes.



## NOITES INSONES

Ao percorrer o mesmo caminho todos os dias, uma das coisas que mais me abalaram nessa cobertura foi ver os mesmos corpos, cada vez mais decompostos, nos mesmos lugares. Eles acabavam servindo como alimento para porcos e outros animais. Um deles vai ficar na minha mente para sempre: o de uma mulher que parecia estar se apoiando em alguma coisa. Nos primeiros dias, o corpo ainda estava vestido, parecia que estava viva. Eu passava toda hora por ela e imaginava quem tinha sido aquela mulher, que vida ela teria tido, o que fazia na hora do terremoto. Com o passar do tempo, o cadáver foi se desfazendo.

Quando terminamos a cobertura, voltei ao Brasil para tirar alguns dias de descanso. Tive pesadelo atrás de pesadelo, não conseguia dormir. Passei pelo que se chama transtorno de estresse pós-traumático, que costuma atingir soldados que vão para a guerra e não conseguem retomar a vida normal porque a tragédia retorna às suas mentes o tempo todo. Não conseguia digerir aquilo tudo. Eu já tinha visto gente morta, mas não mais de 200 mil pessoas, gente que não podia ser enterrada porque não havia espaço, nem quem as enterrasse. E os sobreviventes feridos sofriam jogados pelas ruas, sendo carregados aos postos de atendimento até mesmo em carrinhos de mão.

O terremoto no Haiti mudou a maneira como eu entendo a vida e a morte. Conversando com meu irmão, que é psicanalista, fui aconselhado a escrever para tirar aquilo tudo de dentro de mim. Foi quando surgiu meu segundo livro, *Haiti, depois do inferno* (2010). Foi uma terapia.

Acho que essa cobertura também foi para mim um exemplo que sintetiza todas as dificuldades que um correspondente enfrenta em seu trabalho. Além da solidão de viver e transitar por um lugar estranho, havia muitas situações de risco: primeiro, a violência; depois, a falta de recursos. Outra dificuldade era o lado psicológico, foi pesado. Encontrávamos pessoas carentes que precisavam, inclusive, ser ouvidas. Os sobreviventes vinham me contar histórias, me chamavam para ver a casa deles, e eu sentia que era importante acompanhá-los e oferecer algum conforto. Nesses momentos, sou eu, Rodrigo, que quero e posso dar um abraço neles. Posso ser um pouquinho o amigo de quem perdeu tudo e todos.

“Essa cobertura exigiu o controle das emoções. Eu me lembro de um hospital com crianças feridas e órfãs. Fixei o enquadramento no semblante triste de uma delas. Olhei em seus olhos e percebi que os problemas que eu tinha até ali haviam se dissipado.” – Luiz Claudio Azevedo

## MORTE DE NELSON MANDELA ÁFRICA DO SUL, 2013

Nelson Mandela, ícone da luta pela igualdade racial na África do Sul, morreu em 5 de dezembro de 2013, aos 95 anos, em Pretória, a capital executiva do país. O funeral do ex-presidente durou dez dias, passando por várias cidades. Seu corpo foi enterrado na aldeia de Qunu, na província do Cabo Oriental, onde nascera. Rodrigo Alvarez voou para a região no dia da morte e permaneceu lá durante toda a cobertura.

Mandela estava muito doente, o que colocou alguns repórteres da Globo em sobreaviso. Em Jerusalém, o cinegrafista Jeremy Portnoi e eu já havíamos providenciado visto e vacinas, caso fosse preciso viajar. Tínhamos contra nós o fato de que só havia um voo direto por semana de Israel para a África do Sul. O acaso, entretanto, nos ajudou. Mandela morreu justamente no dia do voo, quando faltavam apenas três horas para o embarque. Corri para o aeroporto onde me encontraria com Jeremy. Não levei quase nada: joguei o material de trabalho dentro da mala e acabei tendo que comprar roupas na África do Sul. Ou pegávamos aquele avião ou só chegaríamos dois dias depois.

Em Joanesburgo, o Lawrence, um motorista simpático e dedicado, nos aguardava no aeroporto. Na cidade, as pessoas deixavam flores nos diversos lugares que tinham sido importantes na vida de Mandela, dançavam e cantavam em homenagem ao “pai” que acabavam de perder. Tomado pela energia do lugar, fui esperando tristeza pela morte de alguém tão amado, mas descobri que os sul-africanos não lamentavam. Ao contrário, eles comemoravam a vida. Era emocionante demais para a nossa cabeça ocidental, que vê a morte como um fim, uma tristeza.

Mandela tinha libertado o povo negro da África do Sul, era um herói, e as pessoas estavam comemorando o fato de ele ter existido. Foi um sentimento que eu não conhecia. E, além de tudo, as músicas eram maravilhosas. Muitos tambores, corais... Quando eu via, estava dançando com eles!

Dividi esse trabalho com o repórter Renato Ribeiro, enviado especialmente para cobrir o funeral. No fim do dia, gerávamos o material para o Brasil. A internet não era boa, mas tínhamos uma vantagem de fuso horário, então o material chegava com folga para o *Jornal Nacional*. Eu fiz ali uma coisa que

aprendi em Israel: editava a matéria no hotel, botava o computador no carro e procurava uma antena de telefonia. Embaixo dela, conseguia um sinal maravilhoso para gerar via celular.

Um dos momentos mais marcantes foi na manhã do dia 10 de dezembro, a caminho do memorial em tributo a Mandela, no estádio Soccer City. Eu e Jeremy acordamos muito cedo pra fazer o trajeto com o povo. Entramos num trem lotado e, de repente, foi como se fôssemos transportados para um musical da Broadway. As pessoas começaram a cantar em sincronia, parecia que tinham ensaiado a vida toda para aquele dia. Eram vozes afinadas, em diferentes tons, com músicas em homenagem a Tata Madiba – papai Mandela. Aquilo tudo, associado à história e à importância daquele homem, me arrepiava.

Mandela foi um gigante. Era praticamente uma unanimidade. E a cantoria abriu a matéria daquele dia no *Jornal Nacional*. Foi uma das reportagens que mais gostei de fazer. Eu vejo aquele trem como uma simbologia da vida, da passagem do tempo, uma coisa ritualística de começo e fim da existência. E o trem ia a um lugar especial: uma grande cerimônia com líderes do mundo inteiro que foram prestar homenagem ao ex-presidente da África do Sul. Como eu gostaria de refazer essa viagem!



Na cobertura da morte de Nelson Mandela, África do Sul, 2013.

## RISO E CHORO NO ADEUS A MANDELA

Aquela semana que passamos lá foi inteira de celebrações em várias cidades. Em Pretória, na sede do governo, houve um velório para o qual as pessoas ficaram acampadas na fila durante três dias. Elas queriam se despedir, ver Tata Madiba pela última vez. Fomos registrar essa fila gigantesca que atravessava ruas. Gravei uma “passagem” para o *Jornal Nacional* aguardando a minha vez de entrar, pacientemente, como se fosse um sul-africano. Eu narrava o que estava vendo como se fosse ao vivo, sem cortes, deixando a emoção fluir. Havia muita gente, e o caminho ia se afunilando até ser possível dar a volta no caixão. O Jeremy ficou de fora e me mostrou na fila, na escada e na descida final, depois de ver o corpo daquele gigante no caixão.

Outro momento inesquecível foi o enterro na aldeia de Qunu. Mandela dizia que uma pessoa deve morrer onde nasceu. Ele não conseguiu morrer em Qunu, mas seu corpo foi levado para lá porque as autoridades interpretaram essa frase como um pedido. O vilarejo é algo que, no Brasil, se aproximaria a uma comunidade do sertão nordestino ou a uma aldeia indígena. As casinhas são pequenas, com fogões a lenha e construídas de forma rudimentar.

Chegamos no dia anterior ao enterro. Já sabíamos que não haveria hotéis, por isso, havíamos comprado barracas de camping e dormimos no pátio de uma escola. Acordamos muito cedo e vimos o vilarejo em festa.

O povo organizou uma cerimônia que envolveu toda a comunidade. Autoridades de mais de noventa países estavam presentes, uma quantidade de chefes de Estado sem precedentes em qualquer outro funeral. Havia um cerco para abrigar todas essas autoridades e telões espalhados pela vila, onde a população podia assistir a tudo. O Renato Ribeiro cobriu a parte do enterro e os discursos; e eu, a festa popular.

Durante essa espera, foi servido um almoço preparado por muitas mãos. Várias senhoras com roupas tradicionais, bem coloridas, cozinham para todos que estavam ali. Só vi os sul-africanos chorarem, pela primeira vez, quando o corpo foi colocado debaixo da terra.

## GUERRA DE GAZA, 2014

Em 8 de julho de 2014, Israel lançou ofensiva contra a Faixa de Gaza após sofrer ataques de mísseis por parte do Hamas. O conflito era o terceiro – e mais violento – desde que o grupo islâmico assumira o controle da região, em 2007. Em 26 de agosto, os combates se encerraram, deixando mais de 2 mil pessoas mortas no lado palestino e mais de sessenta entre os israelenses. Rodrigo Alvarez, correspondente em Jerusalém, cobriu a guerra desde o início.

Durante os anos em que fui correspondente no Oriente Médio, o Hamas lançava mísseis esparsos contra Israel, mas, em julho de 2014, a situação mudou. O grupo islâmico realizou uma série de bombardeios com mísseis de maior alcance, o que provocou uma reação fortíssima do Exército israelense. Primeiro, destruíram os foguetes no ar e contra-atacaram. Depois, se lançaram por terra com objetivo de enfraquecer o Hamas e destruir a rede de túneis subterrâneos que o grupo havia construído.

Gaza é um pequeno território palestino – do tamanho de um bairro – cercado por muros e também pelo mar, onde a Marinha israelense impede que os barcos inimigos ultrapassem o limite estabelecido. A novidade da guerra foi que esses novos mísseis que o Hamas tinha recebido do Irã alcançavam, pela primeira vez, as maiores cidades de Israel, o que tornou o conflito de 2014 o pior deles. Do terraço do edifício onde eu fazia entradas ao vivo, cheguei a ver alguns deles sendo abatidos no céu. A guerra chegou a mim e à minha família com força. Quando tocava a sirene, minha esposa ia com as crianças para o abrigo antimíssil do prédio, e – preciso confessar – eu subia com o Jeremy para filmar a guerra.

Ainda nos primeiros dias, passamos muito tempo observando a guerra da fronteira. Registrávamos as trocas de tiros de um ponto de observação muito bom: uma trincheira abandonada, de outra guerra, que consideramos um bom local para nos protegermos. Usávamos capacete, colete à prova de balas, estávamos razoavelmente seguros. Estacionávamos em um morrinho bem próximo até que veio a notícia: um túnel do Hamas passava exatamente por esse lugar, e não era só isso. Os homens do Hamas tinham aberto uma saída e esfaqueavam quem passasse perto. Seis soldados israelenses morreram naquele ataque surpresa. Se fosse um dia antes, provavelmente as vítimas

seríamos nós.

Em outra situação na fronteira, fomos para uma entrevista coletiva com um general israelense. No meio do trabalho, um míssil pequeno passou raspando por cima das nossas cabeças. Foi tenso, caiu a duzentos metros de nós. Só ouvi aquele chiado. Miraram na gente, ainda bem que erraram. Eu sempre digo: “Se estiver sem sorte nem saia de casa!”. Em muitas das minhas grandes reportagens, acho que fui sortudo. Claro, não controlamos o destino, mas o que quero dizer é que precisamos nos dispor a receber uma ajuda da sorte.



Rodrigo Alvarez em um dos túneis construídos pelo grupo islâmico Hamas, Jerusalém, 2014.

## FORA DA LINHA DE TIRO

Nós cobrimos essa guerra até onde a preocupação da Globo com a segurança nos permitiu entrar. Acompanhamos as investidas do Exército de Israel pelo ar e por terra, o que nos dava uma visão parcial do conflito. O que pudemos fazer para compensar essa condição foi usar material de agências, com imagens do outro lado da guerra. Tivemos também ajuda de uma equipe de produção palestina, que gravou relatos de brasileiros que moravam em Gaza.

Com o passar das semanas, havia uma pressão internacional grande para que a guerra acabasse. Os palestinos acusavam Israel de cometer crimes de guerra e vice-versa.

Um dos maiores protestos muçulmanos ocorreu na capital, Ramallah, no dia 24 de julho. A cidade fica longe de Gaza, na Cisjordânia, e tinha uma barreira militar em Qalandia, onde o protesto deveria terminar. Por ser um território violento, possui uma vigilância constante. Os soldados usam armas letais para contenção de protestos. Chegamos ao local, filmamos uma manifestação que começou pacífica, com famílias inteiras nas ruas de Ramallah. Acompanhados da palestina Nuha, jornalista e dona de uma galeria de arte, vimos o movimento ser reprimido por soldados israelenses em Qalandia. Eles atiravam com munição de verdade contra a multidão. Foi um caos. Três pessoas morreram.

Nessa confusão, ficamos fora da linha de tiro, sem chances de sermos atingidos tanto pelo fogo israelense quanto pelas bombas caseiras lançadas pelos palestinos. Usávamos máscaras antigás, coletes à prova de balas e capacetes. Parecíamos robôs. Um soldado israelense viu todo aquele aparato e jogou uma bomba de gás lacrimogênio contra nós. Acho que ele queria espantar a imprensa. E a bomba caiu praticamente em cima de mim. Mesmo todo o aparato não segurou o efeito. Quando a fumaceira veio para cima da gente, saímos correndo porque o gás queimava nossa pele e fazia arder muito os olhos.

Naquele dia, outro fato marcante havia acontecido mais cedo. O porta-voz do Ministério das Relações Exteriores de Israel, Yigal Palmor, chamara o Brasil de “anão diplomático” após a decisão do Itamaraty de convocar seu embaixador em Tel Aviv para consultas. Editei a reportagem com tudo isso – o protesto e a crise diplomática – e enviei o material para o editor Eric Hart, coordenador de Internacional do *Jornal Nacional*. A matéria chegou sete



minutos antes do jornal entrar no ar.

A verdade é que, durante cinquenta dias de guerra, volta e meia havia uma situação de bastante risco para nós, vindo tanto do lado do Hamas quanto de Israel. Foi um tempo muito difícil, em que a experiência que eu tinha como correspondente ajudou a realizar uma cobertura à altura. E acredito que meu trabalho ajudou os brasileiros a compreenderem bem melhor o que era aquele conflito terrível.

## GUERRA NA SÍRIA E OS REFUGIADOS, 2013 – 2017

O crescimento do Estado Islâmico e o drama dos refugiados da guerra na Síria foram pauta de reportagens realizadas pelo correspondente Rodrigo Alvarez desde 2013. De Israel, ele partiu para viagens à Jordânia, Grécia, Turquia e Alemanha, cobrindo a maior tragédia humanitária desde a Segunda Guerra Mundial.

Como correspondente em Israel, vivi um período de transição no Oriente Médio que foi da calma ao caos. Cobri não só o conflito gravíssimo entre Israel e o Hamas, como o início da Guerra na Síria e o crescimento assustador do Estado Islâmico. Vi o surgimento dos campos de refugiados na Jordânia e acompanhei as primeiras ondas de pessoas que buscavam asilo na Europa. Foi só eu chegar a Jerusalém que o incêndio no vespeiro começou; e saiu tiro pra todos os lados.

## O ESTADO ISLÂMICO GANHA FORÇA

No começo, o grupo se chamava Estado Islâmico do Iraque e Levante (Eiil) e era associado a uma frente islâmica radical ligada à Al Qaeda. O Estado Islâmico se tornou mais conhecido no Ocidente após a divulgação de vídeos de extremistas cortando cabeças de inimigos na Guerra Civil da Síria. Com o tempo, o grupo cresceu e tomou conta da cidade de Raqqa, onde montou seu quartel-general. De lá, eles se expandiram para o mundo, espalhando o terrorismo. Quando começaram a virar notícia, em 2013, fui com Jeremy Portnoi à fronteira da Síria com a Jordânia investigar como eram recebidas as pessoas feridas, atendidas em hospitais improvisados, que aceitavam, inclusive, os soldados rebeldes.

Em uma das primeiras reportagens, visitamos Zaatari, o maior campo de refugiados sírios. O acampamento era cercado por grades, parecia uma prisão. As pessoas não podiam sair, e ali se criou uma pequena cidade, muito pobre e violenta, formada por barracas. Na entrada, havia um posto de triagem, onde todos eram identificados e recebiam da ONU um kit de sobrevivência. Mas, lá dentro, era cada um por si.

O lugar era pobre. Alguns pulavam os muros, fugiam ou tentavam se misturar à população das cidades da Jordânia. Aquelas pessoas perderam suas casas, trabalho, família, sua história, tudo fora destruído pelas bombas. É o mais próximo que eu já vi da ideia bíblica do inferno: um território sem ida nem volta.

As rivalidades da Síria se transformavam em pequenas guerras e grandes crimes dentro de Zaatari. Outra coisa que me impressionou foi o alto nível de prostituição: muitas mulheres fugiram sozinhas, tiveram os maridos mortos na guerra e se tornaram prostitutas. O campo era terra de ninguém, apesar de ser cercado pela polícia. Em algum momento dessa visita, começamos a ser perseguidos e saímos correndo para o carro, porque pessoas nos jogavam pedras. Nós estávamos filmando numa área onde provavelmente algo ilegal acontecia. E isso era pura banalidade em Zaatari.

Numa reportagem na fronteira da Síria, presenciamos uma cena horrível: o enterro de um menininho de um ano de idade, que morreu de fome quando o bairro onde a família vivia foi cercado por forças inimigas. Para fugir das bombas, os pais atravessaram a fronteira e enterraram o corpo num cemitério improvisado na Jordânia. Nós os acompanhamos e fomos até a mesquita, onde

os parentes prestavam homenagens àquele corpinho envolto num pano branco, como é tradição. Foi meu primeiro contato com essa tragédia da Síria, me marcou muito. Na época, meu filho tinha a mesma idade daquela criança, o que tornou tudo ainda mais violento para mim.

## MORTE DO MENINO AYLAN

Em setembro de 2015, uma imagem fez o mundo acordar e perceber a maior tragédia humanitária desde a Segunda Guerra Mundial. A fotografia do menino Aylan Kurdi, encontrado morto de bruços na praia de Bodrum, na Turquia, simbolizou o sofrimento de milhões de pessoas. Na mesma semana, eu e o cinegrafista Ricardo Wolokita achamos a pequena praia e descobrimos que ali era um porto de barcos clandestinos. Os sírios contratavam contrabandistas para levá-los até a Grécia.

As famílias pagavam caríssimo, às vezes tudo o que tinham, pela promessa de barcos a motor capazes de cruzar o mar agitado durante a madrugada. Só que, quando chegavam ao local combinado, só havia botes infláveis a remo. O menininho Aylan viveu uma história parecida com a de muitos sírios. Ele embarcou com a família em um bote superlotado, em um dia de mar agitado. A embarcação naufragou, e o corpo dele voltou à praia.

Na reportagem, decidimos fazer a travessia em um barco grego, para mostrar como era esse trajeto entre Turquia e Grécia. Ainda de madrugada, acompanhamos os botes a remo no mar. Durante a viagem, eles iam enchendo de água, e os passageiros usavam pequenas garrafas para tentar esvaziá-los. Da embarcação em que estávamos, conseguíamos ir e voltar até esses botes e filmar a situação. Não sei se era porque havia uma câmera, mas a guarda-costeira grega resgatou muitas dessas pessoas, as levou à praia e encaminhou os refugiados para serem registrados. Era o primeiro passo da jornada que mostraríamos em outra reportagem: o drama dos refugiados, seguindo por terra, em direção à Alemanha.

Ricardo e eu entendemos como funcionava a travessia por mar. Para fechar essa primeira reportagem, quisemos mostrar a chegada desses grupos à Grécia. Foi numa madrugada bonita, iluminada pela luz da lua. Estacionamos o carro próximo a uma pequena praia, com muitas pedras, onde nos disseram que era comum o desembarque dessas pessoas. Mas ninguém chegou.

Às seis da manhã, decidimos ir embora. Resolvemos fazer uma caminhada pela areia, pois estávamos a trinta minutos do hotel e queríamos tentar até o último minuto. Avistamos um barquinho lá no horizonte. Era um grupo de paquistaneses que esperou até o fim da madrugada para realizar a travessia com o dia clareando. O Paquistão também era um país em guerra, com problemas econômicos seríssimos, e os paquistaneses fugiam em massa.

Filmamos a chegada das oito pessoas. Estavam destruídas, cansadas de remar, mas pulavam de alegria ao pisar em terra firme. Demos alguns passos e avistamos outro barco, dessa vez, cheio de sírios, no mesmo estado de exaustão. Eles desabaram na praia, fatigados. Era emocionante ver a comemoração deles nessa primeira etapa concluída, mas ainda teriam toda a Europa pela frente até chegar a algum país que os recebesse e lhes desse as mínimas condições de vida. A primeira coisa que faziam ao chegar era pegar um telefone celular dentro de um saquinho plástico e ligar para casa. Era curioso.

## TRAVESSIA POR TERRA

Depois de reportar o desembarque nas praias da Grécia, eu queria saber como era o restante do trajeto dessas pessoas até a Alemanha. Fiz a reportagem “Europa fechada”, exibida no *Fantástico*, em dezembro de 2015. Durante uma semana, com os irmãos Wolokita – Felipe e Ricardo, produtor e repórter cinematográfico brasileiros-israelenses que trabalhavam comigo, acompanhei uma leva enorme de pessoas que fugiam da guerra pela rota dos Bálcãs. Viajamos por sete países desde a fronteira entre Grécia e Macedônia, que acabara de ser fechada e estava altamente controlada.

No primeiro ponto da fronteira, encontramos um iraquiano que tinha perdido os documentos em um naufrágio. Os soldados macedônios, em um inglês muito ruim, o mandavam voltar para casa. E o iraquiano, desesperado, dizia: “Como assim voltar para casa? Eu não tenho casa!”. Assim, ele foi enviado para o limbo, que é o acampamento na fronteira, um lugar muito sujo, cheio de lixo. Vimos um processo de seleção terrível: “Você passa, você volta!”, o que talvez significasse: “Você vive, você pode morrer”.

Depois, seguimos de carro para uma cidade na Macedônia onde havia outro acampamento. Felipe, nosso produtor, sempre estava a um passo à frente da gente no trajeto para descobrir onde poderíamos dormir, comer, o que gravar e até como nos disfarçar entre os refugiados para viajar com eles. Nosso transporte era improvisado, alugávamos carros, usávamos táxi, andávamos a pé. Conseguimos pegar um trem com os refugiados na Sérvia.

Compramos passagens de cinco euros em uma estação e embarcamos em um dos vagões abarrotados de gente. Tivemos o cuidado de não sentar para não roubar o lugar de alguém. Eu falo um mínimo de árabe, o suficiente para me apresentar e iniciar uma conversa. Entrevistei alguns sírios e afegãos. As histórias eram muito parecidas. Havia perdido parentes na guerra, queriam chegar à Alemanha ou foram forçados a deixar tudo o que tinham para trás. Havia comerciantes, gente com bons empregos, mas que precisou ir embora, levando a família inteira, carregando sua trouxinha pra tentar uma vida nova na Europa.

Ficamos amigos de algumas famílias, pois acabamos cruzando com eles em alguns pontos diferentes do trajeto. Foi o caso do sírio Mohamed, que estava indo para o norte da Alemanha encontrar o irmão. Ele era de Damasco, capital da Síria, e tinha planos de trabalhar, juntar dinheiro e buscar os parentes.

Aquilo me pareceu um ato heroico, muito corajoso e, ao mesmo tempo, trágico. A família continuava correndo perigo na guerra, mas ele não quis levá-los porque não sabia se ia dar certo. Depois de um ano, telefonei para ele e perguntei como estava. Mohamed tinha aprendido a falar alemão e acabado de receber a mulher e os filhos.

Outra cena bonita foi em Salzburg, na Áustria. Em um trem, encontramos três afegãos muito alegres. Tinham viajado por setenta dias, entre campos de refugiados e barcos, passando pela rota dos Bálcãs. Finalmente, estavam chegando à Alemanha. Essa imagem representava a vitória do refugiado. Acompanhamos quando eles desceram do trem em Munique e vimos uma enormidade de outros refugiados transitando pela estação.

Foi muito curioso testemunhar tudo isso no tempo em que morei em Jerusalém e, depois, em 2016, quando me tornei correspondente na Alemanha, acompanhando a mesma situação pelo outro lado. Coisas da vida: os melhores amigos dos meus filhos na escolinha em Berlim eram Hamed e Mohamed, dois meninos sírios divertidíssimos.



## OS REPÓRTERES CINEMATOGRAFICOS

Antonio Carlos Marins, o Toninho, é carioca de 1954. Entrou na Globo como repórter cinematográfico em 1972. Assumiu a chefia do setor entre 1985 e 1987. Cobriu cinco edições de Copa do Mundo e guerras civis na América Central e na África. Fez imagens icônicas, como a do formigueiro humano na premiada reportagem com Pedro Rogério sobre a corrida do ouro em Serra Pelada (1980). Foi correspondente na Argentina em 1978 e ajudou a formar novas gerações de repórteres cinematográficos da emissora no Rio de Janeiro, onde trabalha até hoje.

Cleber Schettini nasceu no Rio de Janeiro e aos vinte anos, em 1972, ingressou na Globo como assistente de câmera. Nos 46 anos em que trabalhou na emissora, foi repórter cinematográfico, supervisor de imagens e produtor cinematográfico. Em 1982, cobriu a seleção italiana, campeã da Copa do Mundo na Espanha. Foi a primeira das nove Copas de sua carreira. No Mundial de 1990, fez uma imagem exclusiva, vendida internacionalmente: a do jogador Maradona partindo para briga com torcedores italianos.

Helio Alvarez começou a carreira na RBS em 1978, aos vinte anos. Gaúcho de Santana do Livramento, foi operador de áudio da Globo em Nova York entre 1985 e 1987. Após passagem pela TV Manchete, voltou ao escritório como repórter cinematográfico de 1993 a 2001. Entre suas principais coberturas estão os conflitos entre Paquistão e Índia na Caxemira em 1998; os atentados terroristas de 11 de setembro e a Guerra do Afeganistão, os dois últimos em 2001. Desde 2011 é gerente de captação e edição de imagem da Globo.

Henderson Royes nasceu em 1953, em Bagé, Rio Grande do Sul, e sempre quis viver no exterior. Concluiu o curso de Jornalismo e candidatou-se à vaga de repórter cinematográfico da Globo em Paris, em 1977. Foi enviado a Nova York e partiu para grandes coberturas, como as guerras civis na Nicarágua (1978) e em El Salvador (1980). Em 1987, deixou o escritório, mas continuou nos EUA como freelancer associado à Reuters. Integra a equipe do *Manhattan Connection* desde a estreia, em 1993.

José Wilson da Mata era mineiro, de Capitólio e repórter cinematográfico autodidata. Na Globo, foi correspondente em Nova York e, em 1977, foi enviado para Paris com o repórter Roberto Feith para montarem um escritório na França. Em 1980, foi transferido para Londres. Cobriu a Guerra Irã-Iraque (1980) e a visita do papa João Paulo II ao Brasil (1980). Retornou ao seu país natal em 1982, integrando a equipe do *Globo Rural*. No mesmo ano, morreu em um acidente de carro, aos 28 anos.

Lúcio Rodrigues é gaúcho, nasceu em Passo Fundo, em 1963. Em 1982, foi contratado pela RBS TV como repórter cinematográfico. Foi para a Globo em 1987 e, um ano depois, fez imagens exclusivas do naufrágio do Bateau Mouche no réveillon do Rio de Janeiro. Em 1996, ganhou o prêmio Vladimir Herzog com Caco Barcellos pela reportagem “Riocentro – Quinze anos depois”. Rodou o mundo pelo *Fantástico* e pelo *Globo Repórter*, e se fixou em Nova York como correspondente entre 2004 e 2007. Retornou ao escritório em 2013, onde ficou até 2017. Atualmente, é reporter cinematográfico na Globo Rio.

Luiz Claudio Azevedo nasceu no Rio de Janeiro em 1963 e tornou-se conhecido pelos flagrantes em reportagens investigativas para o *Fantástico*. Ele começou na Globo como assistente de câmera em 1981 e tornou-se repórter cinematográfico em 1986, ao voltar da cobertura da Copa do Mundo do México. Rodou o Brasil com a “Caravana JN”, série realizada para as eleições de 2006. Foi correspondente em Nova York de 2008 a 2011, onde participou de reportagens marcantes, como a eleição e a posse de Barack Obama (2008/2009) e o registro de tornados no Meio-Oeste (2010). De volta ao Brasil, compõe a equipe dos cinegrafistas do Rio.

Marco Antonio Gonçalves nasceu em São Paulo e em 1971 foi contratado como assistente de câmera na Globo. Dois anos depois, começou a trabalhar no *Globo Réporter* como cinegrafista. Registrou os incêndios dos edifícios Andraus, em 1972, e Joelma, em 1974. Em 1980, foi ao Paraguai cobrir o assassinato do ex-ditador da Nicarágua, Anastasio Somoza. Foi correspondente em Londres de 1983 a 1987, de onde cobriu a primeira vitória de Ayrton Senna na Fórmula 1, em 1985, e os atentados terroristas do IRA na Inglaterra nessa época.

Mario Ferreira, catarinense de Itajaí, nasceu em 1952. Mudou-se para o Rio

de Janeiro em 1971 e ingressou na Globo. Foi o primeiro repórter cinematográfico do *Globo Repórter*, em 1973. Cinco anos depois tornou-se correspondente na Alemanha e, em seguida, em Londres, até 1982. Entre suas coberturas mais marcantes estão a Revolução Islâmica (1979), a Guerra Irã-Iraque (1980), as Olimpíadas de Moscou (1980) e as Copas do Mundo da Espanha (1982) e Itália (1990). Mario faleceu em dezembro de 2014 devido a um câncer no pulmão.

Maurizio Della Costanza nasceu em Roma, em 1964. Tornou-se repórter cinematográfico no fim dos anos 1980. Trabalhou para a Reuters e realizou documentários em áreas de conflito, como Bósnia (1995) e Iraque (1991 e 2003). Em 1999, começou a trabalhar com Ilze Scamparini como correspondente da Globo na Itália, onde está até hoje. Cobriram a morte do papa João Paulo II; a eleição e a renúncia de Bento XVI, em 2005; o conclave do papa Francisco, em 2013. Acompanham desde 2016 o drama dos refugiados na Europa.

Newton Quilichini, paulistano de 1954, entrou na Globo como office boy em 1969. Logo tornou-se auxiliar de repórter cinematográfico. No Brasil, fez imagens marcantes: o incêndio do edifício Joelma (1974), o massacre do Carandiru (1992) e o cortejo fúnebre de Ayrton Senna (1994). Foi correspondente na Argentina (1978), quando cobriu a Copa do Mundo, e em Londres (1982). Esteve em regiões conflagradas como Líbano e Nicarágua, e acompanhou prêmios de Fórmula 1. Desde 2007, auxilia na supervisão dos cinegrafistas em São Paulo.

Orlando Moreira, primeiro repórter cinematográfico da Globo em Londres, nasceu no Rio de Janeiro, em 1944. Ingressou na emissora pouco antes de sua primeira transmissão, em 1965. Em 1970, viu a seleção brasileira de futebol ser tricampeã, no México. Como correspondente na Europa, cobriu a Revolução dos Cravos, em 1974. Dois anos depois, foi transferido para o escritório de Nova York, onde permanece até hoje. Ao longo de sua carreira, fez diversas imagens exclusivas, como as da cobertura dos atentados terroristas de 11 de setembro, em 2001.

Paulo Pimentel nasceu no Rio de Janeiro e começou como assistente de câmera na Globo, em 1977. Em 1980, fez imagens exclusivas do papa João Paulo II no Brasil e despontou como jovem talento da emissora. Como

correspondente em Londres, desde 1981, cobriu conflitos como as guerras civis em Angola (1992) e na Iugoslávia (1995). Registrou a Queda do Muro de Berlim (1989) e a Copa do Mundo de 2002. Durante uma reportagem no Líbano, em 2008, foi sequestrado por membros do Hezbollah.

Paulo Zero, carioca nascido em 1957, começou como repórter cinematográfico na Globo de Nova York, em 1978. Cobriu conflitos armados na América Central, África, Europa e Oriente Médio, com destaque para imagens exclusivas da Praça da Paz Celestial, em 1989, na China, após o massacre de estudantes e intelectuais. Com Sônia Bridi, implantou uma base de jornalismo no país, em 2004. De volta ao Rio em 2009, tornou-se coordenador de qualidade do *Fantástico*. Pelo programa, rodou o mundo para as séries “Terra: que tempo é esse?” (2010); “Planeta Terra: lotação esgotada” (2012); e “A jornada da vida” (2014, 2016 e 2017).

Rogério Rocha nasceu em 1968, em São Paulo. Começou como repórter cinematográfico na Rede Record, em 1990. Contratado pela Globo em 2002, fez reportagens como a visita do papa Bento XVI ao Brasil (2007), e a série “Água, planeta em crise”, passando por EUA, Austrália e Cingapura. Participou das coberturas da Copa do Mundo do Brasil (2014) e das Olimpíadas do Rio (2016); e foi à Colômbia registrar o acidente com o avião da Chapecoense (também em 2016).

Sergio Gilz nasceu no Rio de Janeiro em 1953. Aos 21 anos, tornou-se assistente de câmera na Globo e logo foi promovido a repórter cinematográfico. Em 1982, foi convidado para ser correspondente em Londres, onde permaneceu até dezembro de 2016. Foi enviado à Guerra do Golfo (1991) e testemunhou o fim da URSS (1991). Em 1993, fez imagens exclusivas que levaram à prisão de PC Farias. Em 2011, cobriu a morte de Osama Bin Laden, a Primavera Árabe e o acidente nuclear em Fukushima.

Sergio Telles nasceu em 1968. Tornou-se repórter cinematográfico em 1991 na TV Manchete, e foi contratado pela GloboNews em 1998. Realizou reportagens especiais na Grécia (2004), Alemanha (2006) e China (2007). Em 2007, tornou-se correspondente da Globo em São Francisco, seguindo para Nova York no ano seguinte. Cobriu as eleições presidenciais norte-americanas de 2008, a morte do cantor Michael Jackson (2009) e o furacão Sandy (2012). Em 2014, voltou para a Globo Rio.

Sherman Costa, carioca nascido em 1964, é um especialista em jornalismo investigativo. Entrou em 1992 no SBT como repórter cinematográfico. Desde 1998, trabalha no escritório da Globo em Nova York. De lá para cá, cobriu todas as eleições presidenciais norte-americanas; denunciou, no Líbano, o tráfico de escravas do Sri Lanka (1998); desceu de avião no olho do furacão Floyd (1999); e flagrou o esquema de trabalho infantil organizado pela chamada Máfia da Bola, na Índia (2002).



## ÍNDICE DE TERMOS PARA PESQUISA

Agente 007

Aldama, Juan

Al-Fayed, Dodi

Ali, Zine El Abidine Ben

Allan, Jim

Allen, Woody

Allende, Salvador

Almeida, Wellington

Altman, Suzy

Alvarez, Helio

Alvarez, Rodrigo Nascimento

Alves Correa, Samuel

Alves, Mário Jorge de Oliveira

Alves, Rosental Calmon

Amato, Giuliano

Amayo, Lys

Amin, Hafizullah

Anderson, Laurie

Anderson, Susan

Andrade, Evandro Carlos de

Andrade, Luís Edgar de

Angelo, Giovanni

Annan, Kofi

Annenberg, Sandra

Arafat, Yasser

Areia, Davy

Arkoun, Mohammed  
Arns, Zilda  
Arpaio, Joe  
Assis, Luiz Carlos Nóbrega de  
Ávila, Luiz Fernando  
Awi, Fellipe  
Azambuja, Marcos  
Azevedo, André Luiz  
Azevedo, Luiz Claudio (Azevedinho)  
Aziz, Tariq  
Bacall, Lauren  
Baccarin, Fernando  
Bacellar, Urano  
Balin, Marty  
Ballack, Michael  
Bani-Sadr, Abolhassan  
Baptista, Fátima  
Barão de Sigognac  
Barbosa Lima, Fernando  
Barbosa, Mônica  
Barcellos, Caco  
Barsi, Marcy  
Barzini, Luigi  
Bassan, Pedro  
Bastien, Emmanuel  
Bats, Joël  
Bazargan, Mehdi  
Bearzot, Enzo  
Beavan, Colin  
Becker, Wolfgang

Begin, Menachem  
Belafonte, Harry  
Belém, Fafá de  
Beltrão, Maria  
Bergoglio, Jorge Mario (papa Francisco)  
Berlinck, Deborah  
Berlusconi, Silvio  
Betti, Laura  
Beuttenmüller, Maria da Glória Cavalcanti  
Bhutto, Benazir  
Bhutto, Zulfikar Ali  
Bial, Pedro  
Bicalho, Bel  
Biggs, Ronald  
Binoche, Juliette  
Blair, Gwenda  
Blair, Tony  
Blanchett, Cate  
Bloom, Harold  
Bloomberg, Michael  
Blystone, Richard  
Boccanera, Silio  
Boff, Leonardo  
Bogart, Humphrey  
Bonfim, Otavio  
Bonner, William  
Borsellino, Paolo  
Braga, Ana Maria  
Braga, Célio  
Brandão, Ignácio de Loyola



Brasil, Antônio Cláudio  
Brejnev, Leonid  
Brêtas, Erick  
Bridi, Sônia  
Brito, Jayme  
Brown, Louise  
Bruno, Giovanni  
Bueno, Galvão  
Buscetta, Tommaso  
Bush, George  
Bush, George W.  
Byrne, David  
Cacoyannis, Michael  
Cadillac, Rita  
Caetano, Marcello  
Camargo, Luciano  
Camargo, Wellington  
Camargo, Zezé di  
Caputto, Michelle  
Cardoso, César  
Cardoso, Fernando Henrique  
Carlos, Roberto  
Carneiros, Augusto  
Carter, Jimmy  
Castilho, Carlos  
Castro, Fernando  
Castro, Fidel  
Ceașescu, Nicolae  
Cerezo, Antonio Carlos (Toninho)  
Chamorro, Pedro Joaquín

Chapelin, Sérgio  
Chapman, Mark David  
Chávez, Hugo  
Chewbacca  
Chiah, Nariman  
Chiara, Renata  
Christo, Carlos Alberto Libânio (Frei Betto)  
Clapper, James  
Clark, Walter  
Cleópatra  
Clinton, Bill  
Clinton, Hillary  
Coimbra, Arthur Antunes (Zico)  
Colasanti, Marina  
Collor de Mello, Fernando  
Cooper, Ann Nixon  
Cordeiro, Ronaldo  
Cortez, Pedro  
Costa, Hélio  
Costa, Sherman  
Costanza, Maurizio Della  
Coulibaly, Amedy  
Coutinho, Henrique  
Craxi, Bettino  
Cruz, Alberico de Souza  
Cruz, Joaquim  
Cruz, Selma Santa  
Cunha, Denise  
Dada, Idi Amin  
D'Addario, Patrizia

D'Alema, Massimo  
D'Alincourt, Heitor  
D'Ávila, Roberto  
Darth Vader  
Day-Lewis, Daniel  
Decker, Mary  
Delfim Netto, Antônio  
Delgado, Simone  
Depp, Johnny  
Derek, Bo  
Döblin, Alfred  
Domingues, Heron  
Drácula  
Drummond, Antonio Carlos (Toninho)  
Dr. Wei (Médicos Sem Fronteiras)  
Duarte, Simone  
Dyson, Freeman  
Dzerjinsky, Félix  
Edwards, Robert  
Eistein, Albert  
Eremeev, Wladimir  
Escobar, Otávio  
Falcone, Giovanni  
Falcone, Mônica  
Falstaff  
Farias, Paulo Cesar  
Faria, Romário de Souza  
Farrow, Mia  
Feith, Roberto (Bob)  
Fellini, Federico

Ferreira, Mario  
Figueiredo, João Batista  
Fornero, Elsa  
Francis, Paulo  
Franco, Francisco  
Franks, Tommy  
Freire, Paulo  
Fujimori, Alberto  
Furtado, Manuela  
Furkim, Luiz Demétrio  
Gallo, Robert Charles  
Galtieri, Leopoldo  
Galytsina, Irina  
Gama Júnior, Leovegildo Lins da  
Gandhi, Indira  
Gandhi, Mahatma  
Garcia Préval, René  
Garcia, Alexandre  
Gaspari, Elio  
Gaswëin, Georg (padre)  
Gautier, Théophile  
Gazio, Anderson  
Geisel, Ernesto  
Gemayel, Bashir  
Gentiloni, Paolo  
Gilz, Sergio  
Ginsberg, Allen  
Ginsberg, Susan  
Godard, Jean-Luc  
Gogh, Vincent Van

Gomes, Gonçalo  
Gonçalves, Adlio de Oliveira  
Gonçalves, Marco Antonio  
González, Felipe  
Gorbachev, Mikhail  
Gorbachev, Raisa  
Gorbi , Yuri  
Gore, Al  
Graça, Milton Coelho da  
Grass, Günter  
Graziani, Francesco (Ciccio)  
Greenwald, Glenn  
Guerra, Paulo  
Guimarães, Malu  
Guimarães, Woile  
Gurion, Ben  
Hamdani, Mohammad Salman  
Hamdani, Talat  
Hamlet  
Harrison, George  
Hart, Eric  
Hemingway, Ernest  
Henning, Hermano  
Henry Harrison, William  
Heródoto (historiador grego)  
Herzog, Vladimir  
Hitler, Adolf  
Holiday, Billie  
Homem-Mosca  
Honecker, Erich

Hudson, Rock  
Hussein, Saddam  
Irmãos Villas-Bôas (Claudio e Leonardo)  
Jackson, Janet  
Jackson, Michael  
Jennings, Peter  
Jock, Thiago  
Jolie, Angelina  
Jones, Jim  
Kadafi, Muamar  
Kalili, Narciso  
Kamel, Ali  
Karajan, Herbert von  
Karmal, Babrak  
Kawasaki, Mitsuo  
Kelly, Petra  
Kennedy, John F.  
Kerouac, Jack  
Khomeini, aiatolá Ruhollah  
King Jr., Martin Luther  
Koch, Marita  
Kohl, Helmut  
Kouachi, Cherif  
Kouachi, Said  
Kovalick, Roberto  
Krenz, Egon  
Kuerten, Gustavo (Guga)  
Kurdi, Aylan  
Kushner, Tony  
Labarthe, Mônica

Laden, Osama Bin  
Langer, Cacá  
Langhammer, Rob  
Larcher, Júlio  
Laukenickas, Sandra (Sandra Passarinho)  
Lefebvre, Marcel  
Leme, João Pedro Paes  
Lemos, Ernani  
Lennon, John  
Lessa, Ivan  
Letta, Gianni  
Lewinsky, Monica  
Lewis, Carl  
Linares, Palomo (Paco)  
Lindzen, Richard  
Litewski, Chaim  
Lombardi, Federico (padre)  
London, Jack  
Lopes, Mauro Borja Lopes (Borjalo)  
Losekann, Marcos  
Luttazi, Silvio  
Lynch, Jessica  
Macbeth  
Machado, Cláudio  
Machado, Guilherme  
Machado, Renato  
Machel, Samora  
MacLaine, Shirley  
Mailer, Norman  
Maki, Faiki

Malan, Cecília  
Maluf, Paulo  
Mandela, Nelson (Tata Madiba)  
Mann, Thomas  
Manso, Geraldo Costa  
Maomé  
Marinho, Roberto  
Marins, Antonio Carlos (Toninho)  
Martinez, Antônio Beltran  
Marx, Flávio  
Masina, Giulietta  
Mata Neto, Benevides da  
Mata, José Wilson da  
Mautner, Jorge  
McCain, John  
McGovern, George  
McKenzie, Scott  
McKibben, Bill  
McNally, Dennis  
Meirelles, Domingos  
Mello, Sergio Motta  
Melo, Fabio de (padre)  
Mendes, Chico  
Mendes, Lucas  
Menezes, Jean Charles de  
Menezes, Márcia  
Mennea, Pietro  
Mercadante, Luiz Fernando  
Merkel, Angela  
Meselmani, Hasna Mohamed



Mesquita, Cristiana  
Middleton, Kate  
Milosevic, Slobodan  
Minghella, Anthony  
Miranda, David  
Miringoff, Marc  
Mitterrand, François  
Mondale, Walter  
Monicelli, Mario  
Monteiro, Amaury  
Montenegro, Fernanda  
Montesinos, Vladimiro  
Monti, Mario  
Montini, Giovanni Battista Enrico Antonio Maria (papa Paulo VI)  
Montoro, Franco  
Moraes Neto, Geneton  
Moraes, Dirceu  
Moreira, Cid  
Moreira, Orlando  
Moreira, Ronaldo de Assis (Ronaldinho Gaúcho)  
Moreyra, Eugenia  
Morgado, Manoel  
Moro, Aldo  
Morrison, Toni  
Moses, Edwin  
Mozart, Wolfgang Amadeus  
Mubarak, Hosni  
Mujica, José  
Muranaga, Arthur  
Nagle, Adriana

Napolitano, Silvio  
Nascimbeni, Edson  
Nascimento, Edson Arantes do (Pelé)  
Nascimento, Luiz (Luizinho)  
Nascimento, Marco  
Nazário de Lima, Ronaldo Luis (Fenômeno)  
Neves, Tancredo de Almeida  
Newman, Paul  
Nixon, Richard  
Nogueira, Armando  
Nogueira, Cláudio  
Nolasco, Sonia  
Norman, Jessye  
Novaes, Luiz (Tigrão)  
Nunes, Antônio (Lico)  
Obama, Barack Hussein  
Obama, Mama Sarah  
Obama, Said  
Oiticica, Hélio  
Oliveira Sobrinho, José Bonifácio de (Boni)  
Oliveira, Cesar Paim de  
Oliveira, João Batista Nunes de  
Oliveira, Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de (Sócrates)  
Ono, Sanae  
Ono, Yoko  
Ortega, Daniel  
Ortiz, Delis  
Ostrovsky, Reynaldo (Ingo Ostrovsky)  
Otelo  
Owens, Jesse

Paglia, Ernesto George  
Pahlavi, Mohammad Reza  
Paixão, Milton Queiroz da (Tita)  
Palin, Sarah  
Palmor, Yigal  
Paltrow, Gwyneth  
Paolo Pasolini, Pier  
Paranhos, Vitor  
Parker, Ken  
Parron, Milton  
Patarra, Judith  
Paul, Henri  
Pereira, Heraldo  
Pereira, Humberto  
Pereira, Ricardo  
Peres, Shimon  
Pessoa, Fernando  
Petry, Luiz 226  
Piketty, Thomas  
Pimentel, Paulo  
Piño, Oscar  
Pinochet, Augusto José Ramón  
Pinto, Luís Fernando Silva  
Piquet, Nelson  
Plassman, Raul Guilherme  
Poitras, Laura  
Pontes, Marcos  
Pontual, Angela  
Pontual, Jorge Alexandre Faure  
Portillo, José López

Portnoi, Jeremy  
Presas, David  
Prestes, Luís Carlos  
Previn, Soon-Yi  
Príncipe Charles  
Príncipe William  
Prodi, Romano  
Pulcinella  
Quilichini, Newton  
Quinn, Anthony  
Rabin, Yitzhak  
Rainha Elizabeth II  
Ratzinger, Joseph (papa Bento XVI)  
Reagan, Nancy  
Reagan, Ronald  
Rei Juan Carlos  
Reiniger, Alice-Maria  
Reis, Denise  
Reis, José Roberto  
Renzi, Matteo  
Rezende, Marco Antonio de  
Ribeiro, Renato  
Rocha, Rogério  
Rodrigues, Claufe  
Rodrigues, Felipe  
Rodrigues, José Lúcio  
Rogério, Pedro  
Romano de Sant'Anna, Affonso  
Romero, Carlos Humberto  
Romero, Óscar

Rosalind  
Rossellini, Roberto  
Rossi, Paolo  
Rothier, Bianca  
Roubini, Nouriel  
Rousseff, Dilma  
Royes, Daniela  
Royes, Henderson  
Ryan, Leo  
Sadat, Anwar  
Said, Edward  
Salazar, António de Oliveira  
Saleh, Tariq  
Salerno, Mariane  
Salles Jr., Walter  
Sánchez, José (  
Santana, Telê  
Santos, Osmar  
Sarney, José  
Scamparini, Ilze  
Schabowski, Günter  
Scheel, Walter  
Schettini, Cleber  
Schroder, Carlos Henrique  
Scola, Ettore  
Senna, Ayrton  
Shakespeare, William  
Sheehy, Gail  
Shevardnadze, Eduard  
Shylock

Sica, Vittorio De  
Silva, Fausto (Faustão)  
Silva, Luiz Inácio Lula da (Lula)  
Silvestre, Edney Célio Oliveira  
Smith, Patti  
Snowden, Edward  
Soares Carbonar, Orlando  
Sofio, Luigi  
Somoza, Anastasio  
Souza Filho, Henrique de (Henfil)  
Spencer, Diana (Lady Di)  
Speroni, Francesco  
Stalens, Marion  
Stalin, Josef  
Steinem, Gloria  
Stephens, Bret  
Steptoe, Patrick  
Stewart, Bill  
Stravinsky, Ígor  
Streep, Meryl  
Streisand, Barbra  
Stroessner, Alfredo  
Suárez, Adolfo  
Suzuki, Katsumi  
Swayze, Patrick  
Sztulman, Ilan  
Takenaka, Marcelo  
Taylor, Elizabeth  
Teles, Lilia  
Telles, Sergio

Thatcher, Margaret  
Thompson, Daley  
Tito, Josip Broz  
Tornado, Tim  
Torres, Marcio  
Tralli, César Augusto  
Troisi, Massimo  
Trombetta, Esperia  
Trump, Donald  
Tutu, Desmond  
Tyson, Mike  
Uchoa, Marcos  
Updike, John  
Valle Jr., Hedyl  
Vance, Cyrus  
Vasconcellos, João  
Veríssimo, Erico  
Verster, Victor  
Videla, Jorge Rafael  
Vileanovsky, Naim  
Villela, Heloísa  
Vinogradov, Pavel  
Waack, William  
Wagner, Richard  
Walesa, Lech  
Walker, Alice  
Wallach, Arthur  
Wallach, Joe  
Walters, Barbara  
Washington, Denzel

Watson, Emily  
White, Kathleen  
Wianey Pinheiro, Francisco (Pinheirinho)  
Williams, Jeffrey  
Wojtyła, Karol Józef (papa João Paulo II)  
Wolfe, George C.  
Wolokita, Ricardo  
Wolokita, Felipe  
Yanukovich, Viktor  
Yeltsin, Boris  
Zakaria, Fareed  
Zappa, Ítalo  
Zero, Paulo  
Zero, Romeo



## REFERÊNCIAS

### DEPOIMENTOS AO MEMÓRIA GLOBO

Caco Barcellos (07/02/2006, 10/02/2006, 23/03/2018)

César Tralli (15/04/2010, 22/03/2017)

Cleber Schettini (04/04/2017, 15/08/2017)

Edney Silvestre (17/11/2003, 09/01/2012, 19/05/2017)

Ernesto Paglia (15/05/2002, 24/05/2010, 06/07/2016, 21/03/2017)

Helio Alvarez (13/10/2014, 22/08/2017)

Henderson Royes (17/07/2017)

Ilze Scamparini (02/03/2015, 21/08/2017)

Ingo Ostrovsky (13/04/2017)

Jorge Pontual (08/03/2004, 09/06/2017)

Lucas Mendes (28/01/2009, 29/03/2017)

Lúcio Rodrigues (17/11/2014, 03/03/2017, 17/08/2017)

Luís Fernando Silva Pinto (26/03/2010, 24/02/2017, 03/03/2017, 08/03/2017, 12/04/2017, 13/04/2017, 17/05/2017)

Luiz Claudio Azevedo (28/07/2017)

Maurizio Della Constanza (08/08/2017)

Marco Antonio Gonçalves (25/06/2015, 25/08/2017)

Marcos Losekann (28/05/2009, 02/06/2017)

Marcos Uchoa (14/08/2001, 27/09/2010, 05/10/2010, 26/10/2010, 10/03/2017)

Mario Ferreira (14/05/2012)

Newton Quilichini (24/06/2015, 08/03/2017)

Orlando Moreira (19/12/2001, 02/03/2015, 23/08/2017)

Paulo Pimentel (12/04/2017, 19/05/2017, 25/08/2017)

Paulo Zero (19/10/2009, 22/08/2017)

Pedro Bial (25/05/2001, 20/12/2007, 14/07/2016)

Renato Machado (23/11/2001, 04/05/2017, 11/05/2017, 18/05/2017)  
Ricardo Pereira (18/03/2004, 14/06/2017, 14/08/2017)  
Roberto Feith (24/11/2003, 24/05/2017)  
Roberto Kovalick (12/01/2012, 20/03/2017)  
Rodrigo Alvarez (19/07/2011, 12/06/2017, 13/06/2017)  
Rogério Rocha (21/11/2017)  
Sandra Passarinho (19/07/2000, 25/07/2016, 23/02/2017, 04/05/2017)  
Sergio Gilz (10/11/2008, 03/04/2017)  
Sergio Motta Mello (12/06/2002, 30/06/2017)  
Sergio Telles (18/09/2017)  
Silio Boccanera (05/04/2004, 10/03/2017)  
Sherman Costa (23/08/2017)  
Sônia Bridi (26/10/2009, 18/04/2017)  
Toninho Marins (30/08/2017)

## LIVROS

- ABREU, Alzira Alves de; Lattman-Weltman, Fernando; Rocha, Dora. (orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ABREU, Alzira Alves de; Beloch, Israel, Lattman-Weltman, Fernando; Sérgio Tadeu de Niemeyer. Lamarão, *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*, vols. I, II, III, IV, V. Rio de Janeiro: FGV, 2001,
- ALVAREZ, Rodrigo. *Haiti, depois do inferno: Memórias de um repórter no maior terremoto do século*. Rio de Janeiro: Globo, 2011.
- BARBOSA, Gustavo Guimarães; RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- BIAL, Pedro. *Crônicas de repórter*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- BIAL, Pedro. CASTELO BRANCO, Renée. *Leste Europeu: a revolução ao vivo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1990.
- BOCCANERA, Silio. *A revolução da Nicarágua*. Mil Novecentos, 1979.
- BONNER, William. *Jornal Nacional: modo de Fazer*. Memória Globo. Rio de Janeiro: Globo, 2009.
- BRIDI, Sônia. *Laowai: Histórias de uma repórter brasileira na China*. Rio de Janeiro: Letras Brasileiras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Diário do clima*. Rio de Janeiro: Globo livros, 2012.
- MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional: a notícia faz história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004
- MENDES, Lucas. *Conexão Manhattan: crônicas da Big Apple*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Manhattan re-conexões*. São Paulo: Harbra, 2004.
- OLIVEIRA SOBRINHO, J.B. de. (projeto e supervisão). *50 anos de televisão no Brasil*. São Paulo: Globo, 2000.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *Muito além do Jardim Botânico*. São Paulo: Summus, 1985.
- SILVESTRE, Edney. *Dias de cachorro louco: trinta historias de Nova York*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

\_\_\_\_\_. *Outros tempos*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

\_\_\_\_\_. *Contestadores*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TRALLI, César. *O olhar crônico*. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

## ARTIGOS E PERIÓDICOS

Abreviações: *Época* (EPO); *O Estado de S. Paulo* (ESP); *Folha de S. Paulo* (FSP); *O Globo* (GLO); *Jornal do Brasil* (JB); *Veja* (VJ).

Agência Brasil. “Gregos fazem protesto em Atenas contra a austeridade econômica”, *O Globo Online*, 1/11/2014;

Agencia EFE. “Grécia tem nova jornada de manifestações contra medidas de austeridade”, *GI, Mundo*, 25/11/2010;

ANGELO, Claudio; COELHO, Luciana; SALOMON, Marta. “Cúpula acaba sem metas de corte de CO<sub>2</sub>”, *FSP*, 19/12/2009, p.A18;

AZEVEDO, Cristina. “A nova face dos Estados Unidos”, *GLO*, 5/11/2008, p.28;

BARBERO, Luis. “Êxodo de Mariel, um dos grandes movimentos migratórios do século 20, completa 35 anos”, *UOL*, 15/9/2015;

BARBOSA, Bernardo. “O mundo perde seu guerreiro da liberdade”, *GLO*, 6/12/2013, p.33;

BERLINCK, Deborah. “A benção aos gays”, *GLO*, 30/7/2013, p.8;

BERLINCK, Deborah; EICHENBERG, Fernando. “Ânimo renovado”, *GLO*, 18/3/2013, p.22;

BOURNIER, Any. “Papa julgará questão de Boff com Igreja”, *GLO*, 8/9/1984, p.3;

BRAGA, Paulo Henrique. “Charles acompanha o corpo da princesa Diana de volta a Londres”, *FSP*, 1/9/1997, p.2;

BROWNE, Anthony. “Oh! What a lovely war”, *The Guardian*, 17/3/2002;

CABRAL, Paulo. “Embaixada do Brasil procura mais de 50 na Tailândia”. *BBCBrasil.com*, 3/1/2005.

CHIMANOVITCH, Mário. “Conferência começa hoje sob segurança rígida”, *JB*, 14/12/1977, p.13;

COELHO, Luciana. “Após reeleição por margem reduzida, Barack Obama acena a republicanos”, *FSP*, 8/11/2012, Caderno Especial, p. 1;

COELHO, Luciana. “Obama defende direitos de gays, mulheres e imigrantes, na segunda posse”, *FSP*, 22/1/2013, p.10;

COELHO, Luciana; ANGELO, Claudio; SALOMON, Marta. “Proposta de fundo do clima ganha força”, *FSP*, 16/12/2009, p.A18;

CROSSETTE, Barbara. “Thai refugee camp, door of hope, will be closed”, *NYT*, 31/12/1986;

DÁVILA, Sérgio. “Choque e pavor”, *FSP*, 22/3/2003, p.13;

DÁVILA, Sérgio. “EUA avançam para Bagdá e mantém bombardeio”, *FSP*, 23/03/2003;

\_\_\_\_\_. “EUA invadem Iraque”, *FSP*, 21/3/2003, p.13;

\_\_\_\_\_. “Obama chega como favorito ao dia de decisão histórica contra McCain”, *FSP*, 4/11/2008, Caderno Especial, p.A1;

EICHENBERG, Fernando. “Um presidente em seu melhor momento”, *GLO*, 3/5/2011, p.4;

FIGUEIREDO, Janaína. “Relembre a guerra das Malvinas”, *O Globo Online*, 22/2/2010;

GAWENDO, Michel. “Hezbollah declara guerra total a Israel”, *FSP*, 15/7/2006, p.10;

GIELOW, Igor. “Peru preparou ação durante três meses”. *FSP*, 24/4/1997, p.16;

*GLOBO 2000*, Suplemento de *O Globo*, nº 28;

GREENWALD, Glenn; KAZ, Roberto; CASADO, José. “Na teia da espionagem”, *GLO*, p.36;

GUIMARÃES, Mauro. “Brasil pode dispor de experiência inglesa no petróleo”, *JB*, 4/5/1976, p.4;

KAZ, Roberto; CASADO, José. “Uma base espiã em Brasília”, *GLO*, 6/7/2013, p.21;

KHOURI, Ramig. “ONU abre caminho no Líbano para solução sem barbárie”, *FSP*, 27/8/2006, p.22;

KOIFMAN, Henrique. “Além do sinal da CNN”, *Ele Ela*, março 1991;

KUSUMOTO, Meire. “Roberto Feith deixa a diretoria da editora Objetiva”. *Veja*, 25/3/2015;

MACEDO, Sandro. “Guerra civil de El Salvador deixou mais de 60 mil mortos entre 1980 e 1992”, *Acervo O Globo*, 11/1/2017;

MAISONNAVE, Fabiano. “Gays precisam ser integrados à sociedade, afirma

Francisco”. *FSP*, 30/7/2013, p.A4;

MALKES, Renata. “Alerta para efeito dominó no mundo árabe”, *GLO*, 12/12/2011, p.5;

MARTINS, Marília. “A mudança chegou”, *GLO*, 6/11/2008, O Mundo, p.1;

MARTINS, Marília. “No 1o dia de trabalho, Iraque e Gaza”, *GLO*, 21/1/2009, p.27;

MARTINS, Marília; PASSOS, José Meireles. “Barack Obama, o presidente negro”, *GLO*, 5/11/2008, p.27;

MELLO, Patrícia Campos. FLECK, Isabel. “A América profunda”, *FSP*, 10/11/2016, p. 20;

MELO, Adriana. “A história da descoberta da Aids”, *Ciência Hoje Online*, 7/1/2001;

MEROLA, Ediane. “Refugiados de guerra buscam a paz no Rio”, *GLO*, 28/03/2010, p. 21;

MIRANDA, André. “Conspiração global”, *GLO*, 5/4/2015, Segundo Caderno, p.1;

PAREJO, Luis Carlos. “História, independência e Revolução Sandinista”, *Uol Educação*, 24/9/2007;

PASSOS, José Meirelles. “ONU teme vingança contra os sérvios”, *GLO*, 11/6/1999;

PETER, Jeremy. “Voto antecipado pode dar vitória a Hilary antes do dia da eleição”, *FSP*, 12/10/2016;

PRIAL, FRANK J. “Begin visits Cairo; calls on Mubarak and pledges peace”, *New York Times*, 10/10/1981;

RODRIGUES, Cassia Maria. “Diana morre em acidente de carro”, *GLO*, 31/8/1997;

ROSSI, Clóvis. “Multidão na praça festeja João Paulo II”, *FSP*, 4/04/2005, Caderno Especial, pp.1-12;

ROSSI, Clóvis. GIELOW, Igor. “Joseph Ratzinger, Bento XVI”. *FSP*, 20/4/2005, Caderno Especial, pp.1-14;

SILVA, Carlos Eduardo Lins. “Com Reagan, marketing político atingiu seu auge”, *FSP*, 6/6/2004;

TARDÁGUILA, Cristina; GAMA, Júnia. “EUA espionam Dilma”, *GLO*,

2/9/2013, p.3;

TRUZZI, Oswaldo. “Sociabilidades e valores: Um olhar sobre a família árabe muçulmana em São Paulo” In: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 51, nº 1, 2008, pp. 37-74;

“Onze de setembro entra para a história”, *Acervo O Globo*, 7/8/2013;

“A aproximação Egito-Israel”, *FSP*, 20/11/1977, pp.14-16;

“A morte e a morte de Osama”, *GLO*, 3/5/2011, p.3;

“Acordo põe fim à guerra com El Salvador”, *GLO*, 2/1/1992;

“Adido militar da França é morto a tiros no Líbano”, *FSP*, 19/9/1986, p.6;

“África do Sul: *apartheid* começa a cair”, *GLO*, 3/2/1991, p.21;

“Alemães já começam a demolir o muro”, *GLO*, 11/11/1989, p.20;

“Anwar Sadat é assassinado por extremistas em outubro de 1981”, *Acervo O Globo*, 28/1/2013;

“Após caçada que durou uma década, Osama Bin Laden é morto e jogado ao mar”, *Acervo O Globo*, 6/8/2013;

“Assassinato de Falconi agrava crise italiana”, *FSP*, 25/5/1992, p.8;

“Ataque a refugiados faz 75 mortos”, *GLO*, 15/4/1999, p.34;

“Atônitos, novaiorquinos demoram a entender fatos”, *FSP*, 12/9/2001, p.5;

“Barack Obama é eleito o 44º presidente dos Estados Unidos, em 2008”, *Acervo O Globo*, 7/8/2013;

“Bebê de profeta já é bom partido: nasceu rica”, *JB*, 27/7/1978, p.37;

“Begin gets cool greeting in Cairo heat”, *Chicago Tribune*, 3/4/1979, p.2;

“Bomba em templo libanês: 15 mortos e 80 feridos”. *GLO*, 5/3/1985, p.16;

“Brasil ganha medalha de bronze no Mundial”, *GLO*, 10/8/1983, p.1.

“Brasil registra o maior número de assassinatos da história em 2016; 7 pessoas foram mortas por hora no país”, *GI*, 30/10/2017;

“Caos e destruição no Haiti”, *GLO*, 13/1/2013, p.25;

“Caso Watergate”, *GLO*, 17/6/1973, p.10;

“Cessar-fogo na Croácia dura apenas uma hora”, *GLO*, 8/8/1991, p.19;

“Chefe religioso diz que Irã terá ‘Conselho da Revolução’”, *GLO*, 14/1/1979, p.1;



“Choques na Albânia matam ao menos 3”, *FSP*, 1/3/1997, p.14;

“Comissão da UE desembarca na Albânia”, *FSP*, 8/3/1997, p.11;

“Conflito via satélite”, *Istoé Senhor*, 23/1/1991;

“Confundido com terrorista, Jean Charles foi morto pela Scotland Yard em 2005”, *Acervo O Globo*, 10/10/2013;

“Conselho de regência assume poder na Espanha”, *GLO*, 20/11/1975, p. 20.

“Croatas pedem devassa no Exército”, *GLO*, 12/7/1991, p. 16;

“Descoberta do vírus da Aids completa 30 anos”, *Governo do Brasil*, 6/6/2011;

“Dor nos dois lados do Atlântico”, *GLO*, 1/6/2009, p.1;

“Egito acusa marxistas de desviarem não-alinhados”, *GLO*, 31/8/1979, p.14;

“El Salvador em clima de guerra civil”, *GLO*, 26/3/1980, p.18;

“Eleito, Trump deve unir políticos e executivos para reformar governo”, *FSP*, 10/11/2016, p.18;

“Em Gaza, Israel mata mais de 23 palestinos”, *FSP*, 13/7/2006, p.10;

“Em Genebra, Reagan e Gorbachev condenam corrida armamentista”, *GLO*, 19/11/1985, p.1;

“Emoção toma conta das ruas de Berlim”, *GLO*, 12/11/1989, p.38;

“Eslovênia ratifica Acordo de Brioni”, *GLO*, 11/7/1991, p.18;

“EUA admitem suspender ataques”, *GLO*, 5/6/1999, p.33;

“EUA sofrem maior ataque da história”, *FSP*, 12/9/2001, p.1;

“EUA temem que russos invadam a Polônia”, *GLO*, 16/8/1980, p. 15;

“Família de jornalista morto na Nicarágua responsabiliza Somoza”, *GLO*, 11/1/1978, p.18;

“Fanatismo leva 400 ao suicídio”, *FSP*, 21/11/1978, p.12;

“Federal desbarata quadrilha do ‘chefão’ das drogas”, *GLO*, 25/10/1983, p.13;

“Filho de Indira faz dramático apelo contra violência”, *GLO*, 4/11/1984, p.24;

“Franco morreu”, *GLO*, 20/11/1975 p. 1;

“Franco, o silêncio da morte”, *JB*, 20/11/1975, p.10;

“Fronteira entre Índia e Paquistão, palco de tensões há 70 anos”, *EM.com/Internacional*, 14/08/2017;

“Geisel inicia sua visita à Inglaterra”, *GLO*, p.6;

“General derruba Stroessner e promete democracia”, *FSP*, 4/2/1989, p.6;

“General Spínola anuncia os propósitos da Junta”. *JB*, 26/4/1974, p.2;

“Governo da Líbia anuncia prisão de filho de Kadafi”, *FSP*, 20/11/2011, p.39;

“Guerra civil de El Salvador deixou mais de 60 mil mortos entre 1980 e 1992”, *Acervo O Globo*, 11/1/2017;

“Guerra Civil na Nicarágua”, *Acervo O Globo*, 19/9/2013;

“Guerra do Golfo, liderada pelos EUA, mobiliza 700 mil soldados e arrasa Iraque”, *Acervo O Globo*, 27/8/2013;

“Guerra europeia em solo espanhol”, *JB*, 20/11/1975, p.10;

“Há 30 anos, iranianos ocuparam embaixada”, *ESP*, 5/11/2009;

“Índia em estado de alerta empossa filho de Indira”, *GLO*, 1/11/1984, p.14;

“Indira Gandhi é assassinada em 1984”, *Acervo O Globo*, 10/9/2013;

“Íntegra do discurso de posse de Barack Obama”, *O Globo Online*, 20/1/2009;

“Iraque cerca a maior refinaria do Irã”, *GLO*, 24/9/1980, p.18;

“Iraque invadiu o Kuwait em 1990, provocando uma reação mundial”, *Acervo O Globo*, 12/12/2013;

“Israel afunda navio em ataque a porto do Líbano”, *GLO*, 24/7/1985, p.15;

“Israel ameaça intensificar ofensiva na Faixa de Gaza”, *FSP*, 10/7/2014, p.12;

“Israel aprova plano para deixar o sul do Líbano em três etapas”, *GLO*, 15/1/1985, p. 16;

“Israel é alvo de foguetes vindo do Líbano e conflito pode crescer”, *FSP*, 12/7/2014, p.12;

“Israel e palestinos acertam trégua permanente em Gaza”, *FSP*, 27/8/2014, p.11;

“Israel invade e ocupa toda a zona ocidental de Beirute”, *GLO*, 16/9/1982, p.16;

“Israel invade o Líbano e permite a chacina de mil refugiados”, *Acervo O Globo*, 6/9/2013;

“Israel invade o sul do Líbano após ataques do Hezbollah”, *FSP*, 13/07/2006, p.1;

“Israel volta a atacar o Líbano. Mais 48 mortos”, *GLO*, 6/6/1982, p.42;

“Israel x Palestina, o mais duradouro conflito e tensões nas fronteiras”, *Acervo O Globo*, 11/9/2013;

“Iugoslávia é dividida”, *Acervo O Globo*, 27/9/2013;

“João Paulo II”, *FSP*, 3/4/2005, Caderno Especial, pp.1-15;

“Jornal dá programa de protestos”, *JB*, 4/5/1976, p.6;

“Junta controla Portugal e anuncia Constituinte”, *JB*, 26/4/1974, p.1;

“Junta dissolve polícia e partido salazaristas”, *JB*, 27/4/1974, pp. 8-11;

“Khomeini desembarca em Teerã na sexta-feira”, *GLO*, 21/1/1979, p.25;

“Khomeini em Teerã anuncia fim da monarquia”, *GLO*, 2/2/1979, p.16;

“Lançada em duas frentes a nova ofensiva de paz no Oriente Médio”, *GLO*, 15/12/1977, p.22;

“Lentos avanços sobre Kosovo”, *GLO*, 13/6/1999, p.41;

“Líbano cria conselho para evitar ruína total”, *GLO*, 15/6/1982, p.15;

“Listening to Africa. Unesco: passing the baton. Six-monthly bulletin of Africa Department.” United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco). Paris, 2010;

“Lopez Portillo toma posse pedindo união e produção”, *FSP*, 2/12/1976, p.10;

“Luta Irã-Iraque ameaça petróleo do Golfo”, *GLO*, 23/9/1980, p.15;

“Mães da Praça de Maio completam 40 anos de luta pela memória e pela vida”, *EBC*, 30/4/2017;

“Máfia prende chefe da máfia e estende caça aos EUA”, *GLO*, 1/10/1984, p.10;

“Mafioso protegido por federais até a hora do embarque”, *GLO*, 15/7/1984, p.18;

“Mais de 3.500 mortos em El Salvador este ano”, *GLO*, 6/3/1981;

“Mais de 600 milhões assistem ao maior espetáculo do século”, *GLO*, 30/7/1981, p.1;

“Mandela concilia e quer diálogo com brancos”, *GLO*, 13/2/1990, p.16;

“Massacre em Beirute: mais de mil palestinos morrem”, *GLO*, 19/9/1982, p.1;

“México: atentados à véspera da posse do novo presidente”, *GLO*, 1/12/1976, p.16;

“Mil mortos na Itália até agora”, *GLO*, 25/11/1980, p.1;

“Milosevic ganha o primeiro round da guerra”, *GLO*, 18/4/1999, p.43;

“Mortos na Itália podem chegar a cinco mil”, *GLO*, 25/11/1980, p.16;

“Mortos por radiação na URSS podem ser 2 mil”, *GLO*, 30/04/1988, p.16;

“Mrta ainda pode atacar, afirma Fujimori”, *FSP*, 24/4/1997, p.17;

“Na Guiana, seita mata deputado e jornalistas”, *FSP*, 20/11/1978, p.9;

“Na primeira sessão todos pedem acordo amplo”, *JB*, 15/12/1977, p.14;

“Na vida real, fuga de reféns do Irã também teve cenas cinematográficas”, *Globo.com*, 8/8/2013;

“Nasce Louise, o primeiro bebê de proveta”, *Jornal do Século*, suplemento do *JB*, 24/12/2000;

“Nixon quer ajuda de todos contra espiões da sede democrata”, *GLO*, 3/8/1972, p.8;

“Nixon renuncia à presidência dos EUA”, *Acervo O Globo*, 11/5/2017;

“Nixon, o primeiro presidente a renunciar na história dos EUA”, *GLO*, 9/8/1974, p.14;

“Noite histórica na TV”, *GLO*, 9/8/1974, p.15;

“Nove países com poder nuclear têm um arsenal de 14.934 armas”, *El País/Internacional*, 6/10/2017;

“O Aprendiz”, *FSP*, 10/11/2016, p.17;

“O Haiti em ruínas”, *FSP*, 14/1/2010, pp.13-14;

“O horror nuclear em Chernobyl e a nuvem radioativa que se espalhou sobre a Europa”, *Acervo O Globo*, 13/9/2013;

“O maior atentado da história da humanidade”, *GLO*, 12/9/2001, p.2;

“O maior desastre aéreo envolvendo o Brasil”, *GLO*, 2/6/2009, p.2;

“O melhor está por vir, discursa presidente”, *FSP*, 8/11/2012, Caderno Especial, p.2;

“O Papa das Américas”, *GLO*, 14/3/2013, Caderno Especial, pp. 1-5;

“O Papa em Varsóvia: ‘Não se pode tirar Cristo da história de um povo’”, *GLO*, 3/6/1979, p.1;

“Ocidente discute intervenção militar na Albânia”, *FSP*, 15/3/1997, p. 16;

“Os sauditas esperam ataque do Iraque”, *GLO*, 7/8/1990, p.16;

“Papa alega saúde frágil e abdica ao Pontificado”, *GLO*, 12/2/2013, p.15;

“Papa Bento surpreende o mundo e renuncia”, *Acervo O Globo*, 11/2/2013;

“Perseguida por paparazzi, Lady Di morreu num acidente de carro em Paris”, *Acervo GLO*, 29/8/2013;

“Polícia busca fotógrafo que teria imagem de Di no local do acidente”, *FSP*, p.3;

“Polícia Federal revela como as famílias mafiosas agem no país”, *GLO*, 11/11/1983, p.13;

“Premier interino Ariel Sharon pede para dar continuidade à obra de Rabin”, *GLO*, 6/11/1995, pp.19-23;

“Preso em São Paulo, Tommaso Buscetta delatou mais de 300 mafiosos italianos”, *Acervo GLO*, 22/10/2013;

“Primavera Árabe: governos autoritários começam a desmoronar”, *Acervo O Globo*, 6/8/2013;

“Prisão de mafiosos interrompe a rota do tráfico”, *GLO*, 29/10/1983, p.13;

“Rabin é assassinado”, *GLO*: 5/11/1995, pp. 43-47;

“Radiação de usina da URSS atinge quatro países”, *GLO*, 29/4/1986, p.15;

“Relatório atribui queda do voo AF 447 a ‘reação inapropriada da tripulação’”, *GI*, 13/5/2014;

“Resgate de US\$4 bilhões finda sequestro de 41 dias”, *JB*, 19/12/1986, p.4;

“Sadat em Israel”, *GLO*, 20/11/1977, pp.46-47.

“Saddam Hussein nas mãos dos EUA”, *FSP*, 15/12/2003, p.11;

“Saiba mais sobre a invasão da Embaixada dos EUA no Irã”, *FSP*, 31/5/2006;

“Scalfaro é o novo presidente da Itália”, *FSP*, 26/05/1992, p.9;

“Série de terremotos na Itália mata e destrói”, *GLO*, 24/11/1980, p.17;

“Spínola assume o poder: junta convocará eleições”, *GLO*, 26/4/1974, pp.13-15;

“Sucessão mobiliza Palestina”, *GLO*, 12/11/2004, p.31;

“Suprema Corte encerra investigação por morte de Salvador Allende”, *GI.com/mundo*, 7/1/2014;

“Talentos do Fla encanta europeus”, *GLO*, 14/12/1981, p.1;

“Tea Party surgiu em 2009, protestando contra gastos sociais do governo dos

- EUA”, *Acervo O Globo*, 6/11/2013;
- “Terror abala centro de poder nos EUA”, *FSP*, 12/9/2001, p.4;
- “Terror mata mais 5 em Paris; polícia não tem pistas”, *FSP*, 18/9/1986, p.12;
- “Tommaso é preso para ‘fins de extradição’”, *GLO*, 4/11/1983, p.13;
- “URSS alega que invadiu Afeganistão ‘a pedidos’”, *GLO*, 29/12/1979, p.15;
- “URSS pede ajuda para apagar incêndio em usina nuclear”, *GLO*, 30/4/1986, p.1;
- “Vaticano pede ação na Albânia”, *FSP*, 15/3/1997, p.15;
- “Visita à Inglaterra. Entrevista concedida a jornalistas brasileiros”, *Biblioteca da Presidência da República*, 6/5/1976;
- “Xá abandona o Irã e segue para o Egito”, *GLO*, 16/1/1979, p.15.

## SITES:

[abul.com.br/](http://abul.com.br/)

[acervo.folha.uol.com.br/](http://acervo.folha.uol.com.br/)

[acervo.oglobo.globo.com/](http://acervo.oglobo.globo.com/)

[acervo.veja.abril.com.br/](http://acervo.veja.abril.com.br/)

[archives.chicagotribune.com/](http://archives.chicagotribune.com/)

[bbc.com/](http://bbc.com/)

[biblioteca.presidencia.gov.br/](http://biblioteca.presidencia.gov.br/)

[brasil.gov.br/](http://brasil.gov.br/)

[corriere.it/](http://corriere.it/)

[cienciahoje.org.br/](http://cienciahoje.org.br/)

[ebc.com.br/](http://ebc.com.br/)

[edition.cnn.com/](http://edition.cnn.com/)

[educacao.uol.com.br/](http://educacao.uol.com.br/)

[estadao.com.br/](http://estadao.com.br/)

[extra.globo.com/](http://extra.globo.com/)

[falklands.gov.fk/](http://falklands.gov.fk/)

[folha.uol.com.br/](http://folha.uol.com.br/)

[intelsatgeneral.com/](http://intelsatgeneral.com/)

[intersputnik.com/](http://intersputnik.com/)

[islambr.com.br/](http://islambr.com.br/)

[itamaraty.gov.br/](http://itamaraty.gov.br/)

[g1.globo.com/](http://g1.globo.com/)

[globo.com/](http://globo.com/)

[hemerotecadigital.bn.br/](http://hemerotecadigital.bn.br/)

[lemonde.fr/](http://lemonde.fr/)

[memoria.oglobo.globo.com/](http://memoria.oglobo.globo.com/)

[memoriaglobo.globo.com/](http://memoriaglobo.globo.com/)

[nytimes.com/](https://nytimes.com/)

[oglobo.globo.com/](https://oglobo.globo.com/)

[rai.it/](https://rai.it/)

[w2.vatican.va/](https://w2.vatican.va/)

[washingtonpost.com/](https://washingtonpost.com/)



## REPORTAGENS

Abreviações: *Jornal Nacional (JN)*; *Bom Dia Brasil (BDBR)*; *Jornal da Globo (JG)*; *Fantástico (FANT)*; *JH (Jornal Hoje)*; *Globo Repórter (GREP)*; *Jornal das Dez (J10)*

Sandra Passarinho

PASSARINHO, Sandra. “Acidente em usina nuclear de Londres”. *JG*, 5/4/1979.

\_\_\_\_\_. “Arcebispo Marcel Lefebvre desafia o papa ordenando dezoito padres em missa na Suíça”. *JN*, 29/6/1978.

\_\_\_\_\_. “Bebê de proveta: expectativa do nascimento de Louise Brown”. *JN*, 18/7/1978.

\_\_\_\_\_. “Eleição no Parlamento inglês”. *JH*, 28/03/1979.

\_\_\_\_\_. “Eleições na França: votação no segundo turno”. *FANT*, 19/3/1978.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com o secretário-geral da Anistia Internacional, Martin Ennals, sobre o prêmio Nobel da Paz conquistado pela entidade”. *JG*, 10/10/1977.

\_\_\_\_\_. “Maharishi e a meditação transcendental”. *FANT*, 12/01/1975.

\_\_\_\_\_. “Presidente Geisel em Londres”. *Jornal Amanhã*, maio/1976.

\_\_\_\_\_. “República da Irlanda e Turquia: análise da situação política na Turquia”. *JG*, 10/12/1979.

\_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à República da Irlanda e à Turquia”. *JN*, 1/10/1979.

\_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à República da Irlanda e à Turquia”. *JG*, 29/11/1979.

\_\_\_\_\_. “Zulfikar Ali Bhutto é condenado a enforcamento; eleições parlamentares na Espanha, e Menachem Begin visita o Cairo”. *JN*, 3/4/1979.

\_\_\_\_\_. “Zulfikar Ali Bhutto é enforcado no Paquistão acusado pela morte de um adversário político”. *JN*, 4/4/1979.

PASSARINHO, Sandra; BRAGA, Célio. “Refugiados cambojanos”. *JG*, 26/05/1980.

Lucas Mendes

MENDES, Lucas. “Aids: entrevista exclusiva com o cientista Robert Gallo, um dos responsáveis pela identificação do vírus”. *JN*, 13/8/1985.

\_\_\_\_\_. “Copa de 1986: ‘Allez les Bleus’, o adeus da torcida e da seleção do Brasil a Guadalajara”. *COPA 86*, 23/6/1986.

\_\_\_\_\_. “Guerra Civil em El Salvador: situação política”. *JG*, 29/10/1979.

\_\_\_\_\_. “Posse de Ronald Reagan em seu segundo mandato”. *FANT*, 20/1/1985.

\_\_\_\_\_. “Revolução Sandinista: crise econômica da Nicarágua”. *JG*, 28/2/1980.

\_\_\_\_\_. “Viagem de Gorbachev a Cuba: Gorbachev é recebido por Fidel Castro e multidão”. *JN*, 2/4/1989.

\_\_\_\_\_. “Viagem de Gorbachev a Cuba: Gorbachev visita monumento e centro de ciência e tecnologia, despede-se de Fidel e retorna à URSS”. *JN*, 3/4/1989.

MENDES, Lucas; BLINDER, Caio; MAINARDI, Diogo; ANDRADE, Pedro; AMORIM, Ricardo. “*Manhattan Connection*: estreia na Globonews”. *Manhattan Connection*, 23/1/2011.

MENDES, Lucas; COSTA, Hélio; ROYES, Henderson. “Suicídio em massa na seita liderada por Jim Jones”. *FANT*, 26/11/1978.

MENDES, Lucas; MOREIRA, Orlando. “Povo egípcio apoia Sadat; manifestação no Cairo”. *JN*, 12/12/1977.

\_\_\_\_\_. “Reunião de gabinete israelense”. *Jornal Amanhã*, 27/12/1977.

\_\_\_\_\_. “Série sobre Cuba: as possibilidades e resistências diante das reformas nos países socialistas”. *JG*, 28/5/1990.

\_\_\_\_\_. “Série sobre Cuba: falta de liberdade de expressão e entrevistas com dissidentes”. *JG*, 30/5/1990.

\_\_\_\_\_. “Série sobre Cuba: o turismo”. *JG*, 31/5/1990.

\_\_\_\_\_. “Série sobre Cuba: os problemas de abastecimento e

transporte”. *JG*, 29/5/1990.

MENDES, Lucas; ROYES, Henderson. “Entrevista exclusiva com o líder palestino Yasser Arafat”. *JN*, 25/06/1979.

MENDES, Lucas; ZERO, Paulo. “Eleições presidenciais em El Salvador e a atuação de guerrilheiros esquerdistas no país”. *JN*, 24/3/1984.

\_\_\_\_\_. “Guerra Civil em El Salvador: análise dos problemas políticos e sociais”. *JG*, 8/2/1980.

\_\_\_\_\_. “Guerra civil em El Salvador: marcha de protesto do Bloco Popular Revolucionário”. *JG*, 7/2/1980.

\_\_\_\_\_. “Guerra Civil em El Salvador: morte de Oscar Romero”. *JG*, 25/3/1980.

\_\_\_\_\_. “Guerra Civil em El Salvador: reforma agrária”. *JG*, 6/3/1980.

\_\_\_\_\_. “Revolução Sandinista: Nicarágua após Anastásio Somoza”. *JG*, 5/3/1980.

Roberto Feith

FEITH, Roberto. “Guerra Irã-Iraque: combate em Basra”. *JN*, 2/10/1980.

\_\_\_\_\_. “Guerra Irã-Iraque: destruição das refinarias de Abadan e Basra”. *JN*, 9/10/1980.

\_\_\_\_\_. “Revolução Islâmica, Irã: comício em defesa das tradições islâmicas feministas”. *Jornal Amanhã*, 23/3/1979.

\_\_\_\_\_. “Revolução Islâmica, Irã: organização marxista faz oposição a Khomeini”. *Jornal Amanhã*, 1/3/1979.

\_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Polônia: congresso do sindicato Solidariedade em Gdansk”. *JN*, 3/10/1981.

\_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Polônia: multidão nas ruas”. *FANT*, 10/6/1979.

\_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Polônia: papa canta no mosteiro Jasna Góra”. *JN*, 4/6/1979.

\_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Polônia: papa reza missa campal próximo às montanhas de Nowy Targ”. *JN*, 8/6/1979.

FEITH, Roberto; FERREIRA, Mario. “Guerra Irã-Iraque: frente de guerra em Mehran”. *JN*, 29/9/1980.

- \_\_\_\_\_. “Revolução Islâmica, Irã: abalo dos costumes ocidentalizados”. *FANT*, 4/3/1979.
- \_\_\_\_\_. “Revolução Islâmica, Irã: cidade de Qom, capital espiritual do governo de Khomeini”. *JN*, 6/3/1979.
- FEITH, Roberto; MATA, José Wilson da. “Invasão soviética ao Afeganistão”. *JN*, 18/1/1980.
- FEITH, Roberto; MENDES, Lucas; MATA, José Wilson da. “Revolução Islâmica, Irã: crise política afeta indústrias inglesas e americanas no Irã”. *Jornal Amanhã*, 23/1/1979.
- FEITH, Roberto; ROYES, Handerson. “Visita do papa João Paulo II à Polônia: primeira visita ao país após ter sido eleito”. *JN*, 2/6/1979.

Luís Fernando Silva Pinto

- PINTO, Luís Fernando Silva. “Morte de Indira Gandhi: distúrbios na Índia após a morte da primeira-ministra da Índia”. *JN*, 1/11/1984.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Indira Gandhi: funeral e cremação”. *JN*, 3/11/1984.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Indira Gandhi: hindus atacam minoria sikh na Índia para vingar a morte de Indira Gandhi”. *FANT*, 4/11/1984.
- PINTO, Luís Fernando Silva. RODRIGUES, Lúcio. “Furacão Katrina: a costa sul dos EUA”. *JN*, 31/8/2005.
- \_\_\_\_\_. “Furacão Katrina: caos na cidade de Nova Orleans”. *JN*, 1/9/2005.
- \_\_\_\_\_. “Furacão Katrina: destruição no Sul dos EUA”. *FANT*, 04/9/2005.
- \_\_\_\_\_. “Furacão Katrina: estragos em Nova Orleans”. *JN*, 2/9/2005.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: acordo de paz entre israelenses e palestinos”. *JN*, 19/8/1982.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: manifestação em Tel Aviv contra o governo israelense devido ao massacre nos campos de refugiados, em Beirute, e entrevista com Shimon Peres”. *FANT*, 19/9/1982.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: o enterro das vítimas do massacre palestino em Beirute”. *JN*, 22/9/1982.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: ofensivas das tropas israelenses contra a resistência palestina em Beirute Ocidental”. *JN*, 17/9/1982.

PINTO, Luís Fernando Silva; PIMENTEL, Paulo. “Viagem do Egito até Israel por terra”. *FANT*, 18/10/1981.

PINTO, Luís Fernando Silva; QUILICHINI, Newton. “Protesto das mães da Praça de Maio, em Buenos Aires”. *Painel*, 21/11/1977.

PINTO, Luís Fernando Silva; TANAKA, Kimiaki. “Hiroshima, 40 anos depois da bomba atômica”. *GREP*, 8/8/1985.

Ricardo Pereira

PEREIRA, Ricardo. “Copa do Mundo da Espanha: 20 anos do bicampeonato mundial”. *JN*, 17/6/1982.

\_\_\_\_\_. “Copa do Mundo da Espanha: a tristeza dos torcedores”. *JN*, 5/7/1982.

\_\_\_\_\_. “Copa do Mundo da Espanha: comemoração da torcida brasileira”. *JN*, 23/6/1982.

\_\_\_\_\_. “Copa do Mundo da Espanha: os jogadores reservas”. *JN*, 22/6/1982.

\_\_\_\_\_. “O encontro de Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev em Genebra: acordo de manter segredo sobre as conversas até o final das negociações”. *JN*, 19/11/1985.

PEREIRA, Ricardo; FERREIRA, Mario. “Morte de Anwar Al Sadat: funeral”. *JH*, 10/10/1981.

PEREIRA, Ricardo; GUERRA, Paulo. “Cuba: Conferência dos Não Alinhados”. *JN*, 1/9/1979.

\_\_\_\_\_. “Cuba: Conferência dos Não Alinhados”. *JN*, 3/9/1979.

\_\_\_\_\_. “Terremoto, Itália: buscas em Avelino”. *JN*, 27/11/1980.

PEREIRA, Ricardo; MATA, José Wilson da. “Terremoto, Itália: ajuda aos sobreviventes”. *JN*, 29/11/1980.

\_\_\_\_\_. “Terremoto, Itália: réveillon dos atingidos pelo terremoto na cidade de Lioni”. *JN*, 1/1/1981.

PEREIRA, Ricardo; MOREIRA, Orlando. “Copa do Mundo da Espanha: dia de folga da seleção brasileira”. *JN*, 19/6/1982.

PEREIRA, Ricardo; NETO, Benevides da Mata. “Flamengo campeão mundial, Japão: final do Campeonato Mundial de Clubes”. *FANT*, 13/12/1981.

\_\_\_\_\_. “Flamengo campeão mundial, Japão: preparativos para o jogo Flamengo x Liverpool”. *JN*, 10/12/1981.

\_\_\_\_\_. “Entrevista exclusiva com Saddam Hussein, Bagdá”. *Globo Revista*, 29/6/1981.

PEREIRA, Ricardo; QUILICHINI, Newton. “As medalhas de Joaquim Cruz: Campeonato Mundial de Atletismo de Helsinque”. *JN*, 9/8/1983.

\_\_\_\_\_. “Guerra das Malvinas: um ano depois”. *JG Especial*, 6/4/1983.

Sergio Motta Mello

MELLO, Sergio Motta. “Assassinato de John Lennon: homenagens”. *FANT*, 14/12/1980.

\_\_\_\_\_. “Natal de Ronald e Nancy Reagan”. *JN*, 25/12/1984.

\_\_\_\_\_. “Primeira eleição de Ronald Reagan: campanha de Carter e Reagan”. *FANT*, 2/11/1980.

\_\_\_\_\_. “Primeira eleição de Ronald Reagan: convenção do partido democrata nos EUA”. *JN*, 11/8/1980.

\_\_\_\_\_. “Ronald Reagan responde a Sergio Motta Mello sobre a doença de Tancredo Neves”. *JN*, 4/4/1985.

\_\_\_\_\_. “Segunda eleição de Ronald Reagan: a convenção do partido republicano norte-americano”. *JG*, 21/8/1984.

\_\_\_\_\_. “Segunda eleição de Ronald Reagan: campanha eleitoral americana começa a esquentar”. *JN*, 3/10/1984.

\_\_\_\_\_. “Segunda eleição de Ronald Reagan: Jesse Jackson consegue em Cuba a libertação de 22 prisioneiros americanos e de 26 presos políticos cubanos”. *JN*, 28/6/1984.

\_\_\_\_\_. “Segunda eleição de Ronald Reagan: visita de Margaret Thatcher aos EUA”. *JN*, 22/12/1984.

MELLO, Sergio Motta; QUILICHINI, Newton. “Revolução Sandinista: o ditador Anastasio Somoza concede entrevista exclusiva”. *JN*, 8/6/1979.

\_\_\_\_\_. “Revolução Sandinista: o país do sol e da tragédia”. *GREP*, 10/7/1979.

MELLO, Sergio Motta; ZERO, Paulo. “Crise no Irã: análise da situação do Irã com a queda do xá Reza Pahlavi”. *FANT*, 2/12/1979.

- \_\_\_\_\_. “Crise no Irã: entrevista com o líder dos sequestradores dos funcionários da Embaixada americana em Teerã”. *JN*, 29/11/1979.
- \_\_\_\_\_. “Entrevista com o presidente Augusto Pinochet”. *PAINEL*, 9/1/1978.
- \_\_\_\_\_. “Guerra civil em El Salvador: clima de tensão nas eleições”. *FANT*, 6/5/1984.
- \_\_\_\_\_. “Libertação de Ronald Biggs e telefonema para o filho”. *JN*, 23/4/1981.
- \_\_\_\_\_. “Segunda eleição de Ronald Reagan: a vitória de Ronald Reagan e a derrota dos democratas”. *JN*, 7/11/1984.

### Silio Boccanera

- BOCCANERA, Silio. “Atentados em Londres: informações ao vivo sobre as explosões no metrô”. *BDBR*, 7/7/2005.
- \_\_\_\_\_. “Atentados em Londres: repercute na imprensa britânica a morte do brasileiro Jean Charles de Menezes”. *FANT*, 24/7/2005.
- \_\_\_\_\_. “Conflitos no Leste Europeu: a luta entre eslovenos e tropas federais da Iugoslávia “. *JN*, 02/7/1991.
- \_\_\_\_\_. “Conflitos no Leste Europeu: mulheres muçulmanas são estupradas por sérvios”. *JN*, 27/2/1993.
- \_\_\_\_\_. “Conflitos no Leste Europeu: situação na Iugoslávia”. *JN*, 26/6/1991.
- \_\_\_\_\_. “Guerra das Malvinas: famílias inglesas voltam para casa”. *JN*, 15/4/1982.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Golfo: Iraque ordena a retirada de 40 jornalistas estrangeiros de Bagdá”. *JN*, 19/1/1991.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Golfo: Jordânia vive a tensão de estar no meio de uma possível guerra”. *FANT*, 13/1/1991.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Golfo: o Iraque divulga as primeiras imagens de destruição em Bagdá”. *JN*, 21/1/1991.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: domingo de calma em Beirute”. *FANT*, 15/8/1982.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: população busca diversão durante cessar-

fogo”. *FANT*, 20/6/1982

\_\_\_\_\_. “Virgínia: Especial – A inclusão de jovens negros”. *Sem Fronteiras*, 31/10/2008.

BOCCANERA, Silio; GILZ, Sergio. “Guerra do Golfo: retirada de funcionários da Mendes Júnior do Iraque”. *JN*, 3/10/1990.

\_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: controle israelense em Beirute”. *FANT*, 20/6/1982.

\_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: entrevista com George Habash sobre saída da OLP do Líbano”. *JN*, 19/8/1982.

\_\_\_\_\_. “Guerra do Líbano: fronteira entre Israel e Líbano”. *JN*, 12/6/1982.

BOCCANERA, Silio; PIMENTEL, Paulo. “Conflitos no Leste Europeu: Pali, cidade sérvia da Bósnia onde os dois militares brasileiros foram capturados”. *FANT*, 11/6/1995.

\_\_\_\_\_. “Queda do Muro de Berlim”. *GREP*, 17/11/1989.

\_\_\_\_\_. “Queda do Muro de Berlim: alemães orientais comemoram a queda do Muro de Berlim”. *JN*, 10/11/1989.

\_\_\_\_\_. “Queda do Muro de Berlim: especial 20 anos”. *Sem Fronteiras*, 5/11/2009.

\_\_\_\_\_. “Queda do Muro de Berlim: especial 20 anos”. *Sem Fronteiras*, 12/11/2009.

Renato Machado

MACHADO, Renato. “Abertura política do Chile”. *GREP*, 7/10/1988.

\_\_\_\_\_. “Quarenta anos do Dia D”. *GREP*, 7/6/1984.

\_\_\_\_\_. “Upsala, Suécia: suecos apreensivos com a nuvem de radioatividade”. *JN*, 3/5/1986.

MACHADO, Renato. GILZ, Sergio. “Série ‘Provença’: cultura e palácio papal”. *JH*, 10/12/2014.

\_\_\_\_\_. “Série ‘Provença’: produção de vinhos biodinâmicos”. *JH*, 11/12/2014.

\_\_\_\_\_. “Série ‘Provença’: produtos orgânicos”. *JH*, 9/12/2014.

\_\_\_\_\_. “União Soviética: Djuna Davitashvili, uma soviética com



poderes extrassensoriais”. *FANT*, 3/2/1985.

\_\_\_\_\_. “União Soviética: terapia com bebês baseada no condicionamento na água”. *FANT*, 10/2/1985.

MACHADO, Renato; GONÇALVES, Marco Antonio. “Governo brasileiro concede asilo político ao presidente deposto do Paraguai, Alfredo Stroessner, que embarca no aeroporto de Assunção com destino ao Brasil”. *JN*, 5/2/1989.

MACHADO, Renato; MARINS, Toninho. “Guerrilha na América Central”. *GREP*, 22/9/1983.

MACHADO, Renato; PIMENTEL, Paulo. “Julgamento de Leonardo Boff: encontro do teólogo brasileiro com autoridades do vaticano”. *JN*, 7/9/1984.

\_\_\_\_\_. “Touradas na Espanha: toureiros”. *GREP*, 18/10/1984.

Ernesto Paglia

PAGLIA, Ernesto. “Grupo terrorista IRA assume responsabilidade pelo atentado ao centro comercial Harrods em Londres”. *FANT*, 18/12/1983.

\_\_\_\_\_. “Libertação de Nelson Mandela: presidente Frederik de Lerk convoca entrevista coletiva para anunciar a libertação do líder negro Nelson Mandela”. *JN*, 10/2/1990.

\_\_\_\_\_. “Libertação de Nelson Mandela: primeira entrevista coletiva de Mandela após sua libertação”. *JN*, 12/2/1990.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Afeganistão: destruição no país e consequências para o Paquistão”. *JN*, 18/10/2001.

\_\_\_\_\_. “Roubo do século em Londres: ladrões levam três toneladas de ouro”. *JN*, 26/11/1983.

PAGLIA, Ernesto; GILZ, Sergio. “Guerra no Afeganistão: situação no Afeganistão e Paquistão”. *FANT*, 14/10/2001.

PAGLIA, Ernesto; GONÇALVES, Marco Antonio. “Expedição ao Ártico”. *GREP*, 12/5/1995.

\_\_\_\_\_. “Expedição ao Ártico: 12 anos depois”. *GREP*, 16/11/2007.

PAGLIA, Ernesto; PIMENTEL, Paulo. “Guerra Irã-Iraque: brasileiros comemoram início da trégua”. *JN*, 20/8/1988.

\_\_\_\_\_. “Guerra Irã-Iraque: filial da construtora Mendes Júnior no

Iraque é paralisada devido à Guerra Irã-Iraque”. *JG*, 7/9/1988.

\_\_\_\_\_. “Guerra Irã-Iraque: povo iraquiano comemora o cessar-fogo”. *FANT*, 21/8/1988.

PAGLIA, Ernesto; ROCHA, Rogério. “Série Quênia, as raízes de Obama: esperança de um país africano”. *JH*, 19/1/2009.

\_\_\_\_\_. “Série Quênia, as raízes de Obama: família Obama vive com segurança reforçada”. *JH*, 20/1/2009.

\_\_\_\_\_. “Série Quênia, as raízes de Obama: guerreiros da tribo Masai”. *JH*, 21/1/2009.

\_\_\_\_\_. “Série Quênia, as raízes de Obama: Parque Nacional do Lago Nakuro”. *JH*, 23/1/2009.

\_\_\_\_\_. “Série Quênia, as raízes de Obama: sobre racismo e os refugiados de guerra”. *JH*, 22/1/2009.

PAGLIA, Ernesto.; SCHETTINI, Cleber. “Copa da Espanha: crise entre a seleção italiana e a imprensa”. *JN*, 26/6/1982.

\_\_\_\_\_. “Copa da Espanha: entrevista com o técnico italiano Enzo Bearzot sobre a final”. *FANT*, 11/7/1982.

Pedro Bial

BIAL, Pedro. “Fim da União Soviética: acaba o partido comunista e inicia-se o mercado de ações soviético”. *JN*, 29/8/1991.

\_\_\_\_\_. “Fim da União Soviética: em Moscou, o povo faz barricadas e vigília diante do Parlamento”. *JN*, 19/8/1991.

\_\_\_\_\_. “Fim da União Soviética: manifestações políticas na capital”. *GREP*, 23/8/1991.

\_\_\_\_\_. “Fim da União Soviética: manifestantes reúnem-se diante de prédio sede da KGB, picham os muros e tentam derrubar a estátua do criador da polícia secreta soviética”. *JN*, 22/8/1991.

\_\_\_\_\_. “Fim da União Soviética: o povo de Moscou resiste ao golpe que derrubou Gorbachev e faz comício em frente ao Parlamento russo”. *JN*, 20/8/1991.

\_\_\_\_\_. “Fim da União Soviética: renúncia de Gorbachev”. *JN*, 25/12/1991.

- \_\_\_\_\_. “Guerra da Bósnia”. *GREP*, 23/9/1994.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Golfo: a situação dos brasileiros retidos no Iraque”. *JN*, 3/9/1990.
- \_\_\_\_\_. “Guerra do Golfo: entrevista coletiva com ministro Tarik Aziz sobre tropas do Iraque no Kuwait e ajuda esperada do Brasil”. *JN*, 21/8/1990.
- \_\_\_\_\_. “Queda do Muro de Berlim: Copa 2006 – crônica”. *BDBR*, 7/7/2006.
- \_\_\_\_\_. “Queda do Muro de Berlim: reunificação alemã”. *JN*, 2/10/1990.
- \_\_\_\_\_. “Queda do Muro de Berlim: reunificação alemã cinco anos depois”. *Contagem regressiva*, 13/6/1995.
- BIAL, Pedro; FRANCIS, Paulo; GILZ, Sergio. “Crise no Leste Europeu: primeiro dia dos poloneses sob o governo do Solidariedade e entrevista com Bronislaw Geremek”. *JN*, 21/8/1989.
- BIAL, Pedro; GILZ, Sergio. “A queda de Ceaușescu: combates entre o Exército romeno e as forças do *securitat* recomeçam em Timisoara, mas a população comemora o Natal e a vitória sobre o governo do país”. *JN*, 25/12/1989.
- \_\_\_\_\_. “A queda de Ceaușescu: Exército romeno mantém guarda nas ruas de Timisoara em busca de membros do *securitat*”. *FANT*, 24/12/1989.
- \_\_\_\_\_. “A queda do ditador Nicolae Ceaușescu: em discurso no congresso, presidente Mikhail Gorbachev diz estar pronto para ajudar a Romênia, onde a situação é tensa depois da deposição do governo”. *JN*, 23/12/1989.
- \_\_\_\_\_. “Crise no Leste Europeu: alemães orientais fogem para Hungria e Áustria, na tentativa de obterem visto de entrada para a Alemanha Ocidental”. *FANT*, 9/9/1989.
- \_\_\_\_\_. “Crise no Leste Europeu: Alemanha Oriental comemora 40 anos de formação do estado e jovens pedem liberdade nas ruas”. *JN*, 7/10/1989.
- \_\_\_\_\_. “Crise no Leste Europeu: entrevista exclusiva de Lech Walesa ao repórter durante comício”. *JN*, 28/8/1989.
- \_\_\_\_\_. “Crise no Leste Europeu: Mikhail Gorbachev visita a Alemanha Oriental na comemoração dos 40 anos da constituição do país em meio a

protestos contra o governo comunista”. *JN*, 6/10/1989.

\_\_\_\_\_. “Guerra do Golfo: imagens do Iraque que luta para sair das ruínas da guerra e de um povo que ainda está em combate”. *JN*, 6/3/1991.

Ilze Scamparini

SCAMPARINI, Ilze. “Copa do Mundo”. *GREP*, 2/6/2006.

\_\_\_\_\_. “Escolha do novo papa: Joseph Ratzinger”. *JN*, 19/4/2005.

\_\_\_\_\_. “*Fantástico* volta a Chernobyl 15 anos depois do acidente nuclear”. *FANT*, 5/8/2001.

\_\_\_\_\_. “Manifestações contra a visita do papa Bento XVI a Turquia”. *JN*, 27/11/2006.

\_\_\_\_\_. “Papa João Paulo II envia cardeal ao Iraque em um esforço para evitar a guerra”. *JN*, 10/2/2003.

\_\_\_\_\_. “Primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi oferece emprego na TV para uma prostituta de luxo”. *FANT*, 13/9/2009.

\_\_\_\_\_. “Viagem do papa Bento XVI ao Brasil: entrevista a bordo do avião”. *JN*, 5/9/2007.

SCAMPARINI, Ilze; CORDEIRO, Ronaldo. “África do Sul”. *GREP*, 5/7/1996.

SCAMPARINI, Ilze; COSTANZA, Maurizio Della. “Atualização sobre o estado de saúde do papa João Paulo II”. *JN*, 30/3/2005.

\_\_\_\_\_. “Eleição do papa Francisco: detalhes do processo eleitoral no Vaticano”. *JN*, 11/3/2013.

\_\_\_\_\_. “Eleição do papa Francisco: início do conclave para a eleição de um novo papa”. *JH*, 12/3/2013.

\_\_\_\_\_. “Eleição do papa Francisco: o anúncio do novo papa”. *JN*, 13/3/2013.

\_\_\_\_\_. “Grécia”. *GREP*, 26/1/2001.

\_\_\_\_\_. “Grécia”. *GREP*, 17/9/1987.

\_\_\_\_\_. “Morte do papa João Paulo II: o velório”. *FANT*, 3/4/2005.

\_\_\_\_\_. “Morte do papa João Paulo II: prováveis candidatos a assumirem o cargo de sumo pontífice”. *JN*, 2/4/2005.

\_\_\_\_\_. “Protestos e confrontos na Grécia”. *JN*, 5/5/2010.

\_\_\_\_\_. “Renúncia do papa Bento XVI: a despedida”. *JN*, 28/2/2013.

\_\_\_\_\_. “Renúncia do papa Bento XVI: momentos marcantes do pontificado de Joseph Ratzinger”. *JN*, 11/2/2013.

\_\_\_\_\_. “Renúncia do papa Bento XVI: os motivos”. *JN*, 12/2/2013.

\_\_\_\_\_. “Última visita do papa João Paulo II à Polônia”. *FANT*, 3/4/2005.

\_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Ucrânia”. *FANT*, 8/7/2001.

SCAMPARINI, Ilze; GILZ, Sergio. “Especial Ettore Scola: homenagem aos 20 anos da morte de Federico Fellini”. *Starte*, 1/7/2014.

SCAMPARINI, Ilze. GILZ, Sergio. “Máfia Italiana”. *GREP*, 13/11/1992.

SCAMPARINI, Ilze; ZERO, Paulo. “Clandestinos nos EUA”. *GREP*, 3/5/1991.

Caco Barcellos

BARCELLOS, Caco. “Artistas de rua em Paris”. *JN*, 2/3/2004.

\_\_\_\_\_. “Campanha contra as drogas em Nova York e o atendimento de emergência aos drogados”. *FANT*, 25/10/1992.

\_\_\_\_\_. “Equipe da Globo vive momentos de perigo ao investigar envolvimento de Michelle Caputto no sequestro de Antônio Beltran Martinez, no Paraguai”. *FANT*, 18/10/1987.

\_\_\_\_\_. “Guerra EUA x Iraque: Força Aérea britânica inicia bombardeios, e decolagem dos aviões B-52 atrai curiosos”. *JN*, 22/3/2003.

\_\_\_\_\_. “Perfil de Ross Perot, candidato à presidência dos EUA”. *FANT*, 1/11/1992.

\_\_\_\_\_. “Sequestro de brasileiros na Colômbia”. *FANT*, 23/4/1989.

\_\_\_\_\_. “Sequestro de engenheiros brasileiros na Colômbia: as ações dos guerrilheiros do Exército de Libertação Nacional”. *JN*, 24/4/1989.

\_\_\_\_\_. “Sequestro dos engenheiros brasileiros na Colômbia: terroristas se comunicam com autoridades colombianas”. *JN*, 25/4/1989.

\_\_\_\_\_. “Série sobre intolerância: guerras na África (4ª matéria)”. *JN*, 21/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Treze anos do sequestro do vice-presidente do Bradesco, Antônio Beltran Martinez”. *Espaço Aberto, GloboNews*, 12/6/2000.

BARCELLOS, Caco; ALMEIDA, Wellington. “Resgate dos mineiros no Chile”. *Profissão Repórter*, 19/10/2010.

BARCELLOS, Caco; FURKIM; Demétrio, Luiz. “Entrevista exclusiva com Tommaso Buscetta”. *FANT*, 16/07/1995.

BARCELLOS, Caco; GILZ, Sergio. “Equipe da Globo é atacada em Israel”. *JG*, 15/04/2002.

\_\_\_\_\_. “Israel: na área de conflito”. *FANT*, 14/4/2002.

\_\_\_\_\_. “Soldado de Israel atinge carro de reportagem da Globo”, *JN*, 15/4/2002.

BARCELLOS, Caco; GONÇALVES, Marco Antonio. “Angola: crianças, as maiores vítimas da guerra (2ª parte)”. *FANT*, 10/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Guerra de Angola: minas terrestres”. *FANT*, 17/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Guerra de Angola: o pior lugar do planeta para nascer segundo a ONU (1ª parte)”. *FANT*, 10/12/2000.

BARCELLOS, Caco; MEIRELLES, Domingos. “Sequestro na Colômbia: em busca dos reféns”. *GREP*, 2/6/1989.

Sônia Bridi

BRIDI, Sônia. “Estátua de cupido descoberta em Nova York pode ser escultura inacabada de Michelangelo”. *JN*, 24/1/1996.

BRIDI, Sônia; GREENWALD, Glenn; ZERO, Paulo. “Caso Edward Snowden: Reportagem especial – esquema de espionagem dos EUA monitorou até a presidente Dilma Rousseff”. *FANT*, 1/9/2013.

\_\_\_\_\_. “Caso Edward Snowden: Reportagem especial mostra esquema de espionagem dos EUA que monitorou a Petrobras”. *FANT*, 8/9/2013.

BRIDI, Sônia; KOVALICK, Roberto; ZERO, Paulo. “Caso Edward Snowden: David Miranda, companheiro de jornalista que recebeu as denúncias de Edward Snowden, é detido em Londres”. *FANT*, 18/8/2013.

BRIDI, Sônia; ZERO, Paulo. “Caso Edward Snowden: documentos revelam o esquema de espionagem dos Estados Unidos em telefonemas e e-mails brasileiros”. *FANT*, 7/7/2013.

\_\_\_\_\_. “Caso Edward Snowden: entrevista com o casal David Miranda e Glenn Greenwald sobre a prisão do brasileiro no aeroporto em Londres”.

*JN*, 19/8/2013.

---

\_\_\_\_\_. “Caso Edward Snowden: entrevista exclusiva com o ex-agente da NSA”. *FANT*, 1/6/2014.

---

\_\_\_\_\_. “Caso Edward Snowden: jornalista americano Glenn Greenwald diz que representações diplomáticas do Brasil no exterior podem ter sido alvo de espionagem”. *JN*, 8/7/2013.

---

\_\_\_\_\_. “Caso Edward Snowden: NSA envia nota sobre denúncia de espionagem contra a Petrobras”. *FANT*, 8/9/2013.

---

\_\_\_\_\_. “Operação Chavín de Huantar: entrevista exclusiva com Alberto Fujimori”. *FANT*, 11/5/1997.

---

\_\_\_\_\_. “Operação Chavín de Huantar: libertação dos reféns da embaixada do Japão no Peru”. *JN*, 23/4/1997.

---

\_\_\_\_\_. “Operação Chavín de Huantar: resgate dos reféns na embaixada ocupada em Lima”. *FANT*, 27/4/1997.

---

\_\_\_\_\_. “Preparativos para a conferência do conselho político do povo chinês”. *JN*, 4/3/2005.

---

\_\_\_\_\_. “Queda do avião da Air France: investigações e missa em Paris”. *JN*, 3/6/2009.

---

\_\_\_\_\_. “Queda do avião da Air France: luto na França”. *JN*, 2/6/2009.

---

\_\_\_\_\_. “Queda do avião da Air France: o Airbus A-330 estava voando em velocidade errada”. *JN*, 4/6/2009.

---

\_\_\_\_\_. “Queda do avião da Air France: presidente francês Nicolas Sarkozy vai ao aeroporto confortar as famílias das vítimas”. *JN*, 1/6/2009.

---

\_\_\_\_\_. “Queda do avião da Air France: repercussão na França”. *JH*, 2/9/2006.

---

\_\_\_\_\_. “Série ‘A jornada da vida’: Estados Unidos têm árvores de cinco mil anos”. *FANT*, 21/12/2014.

---

\_\_\_\_\_. “Série ‘A jornada da vida estreia’: visita à ilha com espécies de 50 milhões de anos”. *FANT*, 23/11/2014.

---

\_\_\_\_\_. “Série ‘A jornada da vida’: Galápagos, berço da teoria de Darwin”. *FANT*, 30/11/2014.

---

\_\_\_\_\_. “Série ‘A jornada da vida’: origem dos brasileiros há 13 mil anos”. *FANT*, 14/12/2014.

- \_\_\_\_\_. “Série ‘A jornada da vida’: viagem até o berço da humanidade, a Etiópia”. *FANT*, 7/12/2014.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Planeta Terra, lotação esgotada’: 1º episódio”. *FANT*, 20/5/2012.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Planeta Terra, lotação esgotada’ - 2º episódio”. *FANT*, 27/5/2012.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Planeta Terra, lotação esgotada’ - 3º episódio”. *FANT*, 3/6/2012.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Planeta Terra, lotação esgotada’ - 4º episódio”. *FANT*, 10/6/2012.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Planeta Terra, lotação esgotada’ - 5º episódio”. *FANT*, 17/6/2012.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Planeta Terra, lotação esgotada’ - 6º e último episódio”. *FANT*, 24/6/2012.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Terra, que tempo é esse’: Austrália”. *FANT*, 5/12/2010.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Terra, que tempo é esse’: Butão”. *FANT*, 19/12/2010.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Terra, que tempo é esse’: emissão de gases da China”. *FANT*, 7/11/2010.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Terra, que tempo é esse’: Groenlândia (Estreia)”. *FANT*, 17/10/2010.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Terra, que tempo é esse’: monte Kilimanjaro”. *FANT*, 12/12/2010.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Terra, que tempo é esse’: Peru”. *FANT*, 14/11/2010.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Terra, que tempo é esse’: Salar de Uyuni”. *FANT*, 24/10/2010.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Terra, que tempo é esse’: Veneza”. *FANT*, 21/11/2010.
- \_\_\_\_\_. “Uma potência chamada China”. *GREP*, 30/7/2004.

César Tralli

TRALLI, César. “Ataque israelense em refúgio de civis no sul do Líbano mata mais de cem pessoas”. *JN*, 6/5/1996.

\_\_\_\_\_. “Conflito Israel x Líbano: bombardeios israelenses em Beirute;



tropa do Hezbollah faz juramento de morte e beija o Alcorão na TV”. *JN*, 15/4/1996.

\_\_\_\_\_. “Israel ataca o Líbano”. *JN*, 25/6/1999.

\_\_\_\_\_. “Morte da princesa Diana: acusações de que o acidente teria sido causado por paparazzi”. *FANT*, 31/8/1997.

\_\_\_\_\_. “Morte da princesa Diana: entrevista com o médico brasileiro a que atendeu”. *FANT*, 31/08/1997.

\_\_\_\_\_. “Morte da princesa Diana: o acidente que a matou”. *GREP*, 5/9/1997.

\_\_\_\_\_. “Pai libanês sequestra os filhos e os leva para o Líbano”. *FANT*, 10/8/1997.

TRALLI, César; GILZ, Sergio. “Brasileiras respondem aos solteiros de Villamiel”. *FANT*, 11/5/1997.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com o líder do grupo fundamentalista islâmico Hezbollah”. *JN*, 21/4/1996.

TRALLI, César; NASCIMENTO, Marco. “Teste de coletes à prova de bala de fabricação inglesa”. *FANT*, 5/5/1996.

TRALLI, César; PIMENTEL, Paulo. “A síndrome de Jerusalém”. *FANT*, 24/12/1995.

\_\_\_\_\_. “Assassinato de Yitzhak Rabin em manifestação pela paz em Tel Aviv”. *FANT*, 5/11/1995.

\_\_\_\_\_. “Assassinato de Yitzhak Rabin: repercussão mundial da morte do primeiro-ministro de Israel”. *JN*, 4/11/1995.

\_\_\_\_\_. “Assassinato de Yitzhak Rabin: televisão israelense divulga imagens de cinegrafista amador”. *JN*, 19/12/1995.

\_\_\_\_\_. “Assassinato de Yitzhak Rabin: vida começa a voltar ao normal na Palestina com a retirada das tropas”. *JG*, 20/12/1995.

\_\_\_\_\_. “Chernobyl, dez anos depois: mães de Chernobyl”. *JN*, 26/4/1996.

\_\_\_\_\_. “Chernobyl, dez anos depois: Pripyat”. *JN*, 10/4/1996.

\_\_\_\_\_. “Cristãos, muçulmanos e judeus ortodoxos convivem em paz no Natal em Belém, na Palestina”. *JN*, 25/12/1995.

\_\_\_\_\_. “Hasna: a menina que ‘chora’ cristais no Líbano”. *FANT*,

6/10/1996.

\_\_\_\_\_. “Hasna: entrevista com a menina libanesa que ‘chorava’ cristais”. *FANT*, 13/10/1996.

\_\_\_\_\_. “Os solteiros de Villamiel”. *FANT*, 4/5/1997.

Marcos Uchoa

UCHOA, Marcos. “Astronauta Marcos Pontes, Moscou e Cazaquistão: cosmonauta brasileiro inicia viagem espacial na nave Soyuz”. *JN*, 30/3/2006.

\_\_\_\_\_. “Astronauta Marcos Pontes: preparação para ir à Estação Espacial Internacional”. *FANT*, 8/1/2006.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: ao vivo de Bagdá nos jardins do palácio de Saddam Hussein”. *BDBR*, 16/4/2003.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: baderna nas ruas”. *JN*, 11/4/2003.

\_\_\_\_\_. “Paquistão: escalada de violência”. *J10*, 28/5/2009.

\_\_\_\_\_. “Tsunami na Ásia: pessoas recorrem à fé budista no Sri Lanka”. *JN*, 31/12/2004.

UCHOA, Marcos, GILZ Sergio. “Acidente em Fukushima: barreiras instaladas no mar falharam na proteção a cidades.” *JN*, 21/3/2011.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque”. *JN*, 28/3/2003.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: comboios militares americanos continuam a entrar no país”. *JN*, 26/4/2003.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: delírio de Saddam Hussein passa por cima de tesouros da humanidade”. *FANT*, 27/4/2003.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: família recebe repórter em Bagdá”. *JN*, 18/4/2003.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: peregrinação para Najaf e Karbala”. *JN*, 22/4/2003.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: preparativos para a guerra no Kuwait”. *JG*, 17/3/2003.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: primeiro dia de ataques no Kuwait”. *BDBR*, 20/3/2003.

\_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: saque ao museu nacional”. *FANT*, 20/4/2003.

- \_\_\_\_\_. “Guerra no Iraque: visita ao hotel Al Rasheed em Bagdá”. *JN*, 19/4/2003.
- \_\_\_\_\_. “Paquistão: o perigo dos talibãs da fronteira com o Afeganistão”. *FANT*, 26/7/2009.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Paquistão’: dança e cultura”. *JH*, 13/11/2009.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Paquistão’: mulheres paquistanesas tentam se libertar do rigor das leis do país”. *JH*, 14/11/2009.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Paquistão’: o trânsito de caminhões coloridos “. *JH*, 12/11/2009.
- \_\_\_\_\_. “Série ‘Paquistão’: um país abalado pelo terrorismo, mas cheio de curiosidades”. *JH*, 10/11/2009.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto no Japão: destruição e desaparecidos após tsunami”. *FANT*, 13/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto no Japão: falta de abastecimento”. *BDBR*, 16/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto no Japão: população apreensiva com risco de acidente nuclear”. *JG*, 15/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto no Japão: risco de acidente em usinas nucleares”. *FANT*, 13/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Tsunami na Ásia: brasileira volta ao local da tragédia no Sri Lanka”. *FANT*, 2/1/2005.
- \_\_\_\_\_. “Tsunami na Ásia: chega a 155 mil o número de mortos”. *JN*, 3/1/2005.
- \_\_\_\_\_. “Tsunami na Ásia: destruição em Banda Aceh, na Indonésia”. *JN*, 7/1/2005.
- \_\_\_\_\_. “Tsunami na Ásia: destruição na Tailândia”. *JN*, 29/12/2004.
- \_\_\_\_\_. “Tsunami na Ásia: mortos, feridos e desaparecidos na Tailândia”. *JN*, 28/12/2004.
- \_\_\_\_\_. “Tsunami na Ásia: pescadores no Sri Lanka”. *JN*, 4/1/2005.
- \_\_\_\_\_. “Tsunami na Ásia: secretário da ONU, Kofi Annan chega a Jacarta para ajudar vítimas”. *JG*, 5/1/2005.
- UCHOA, Marcos; HART, Eric; GILZ, Sergio. “Guerra no Iraque: equipe na fronteira”. *JN*, 29/3/2003.

Edney Silvestre

“Ana Maria Braga recebe o repórter Edney Silvestre que fala sobre a morte do terrorista Osama Bin Laden”. *Mais Você*, 3/5/2011.

SILVESTRE, Edney. “Bailarino abre escola de dança para crianças carentes no Ceará”. *Brasileiros*, 17/6/2010.

\_\_\_\_\_. “Cientistas descobrem vacina contra o câncer de pele nos EUA”. *JN*, 3/3/1998.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com a atriz Lauren Bacall”. *Milênio*, 23/03/1997.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com a atriz Mia Farrow”. *Milênio*, 02/03/1997.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com Alice Walker”. *Milênio*, 14/12/1997.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com George Wolf”. *Milênio*, 13/4/1997.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com o educador Paulo Freire”. *Milênio*, 30/3/1997.

\_\_\_\_\_. “Oscar 1999: Fernanda Montenegro concorreu na categoria melhor atriz”. *JN*, 23/3/1999.

\_\_\_\_\_. “The Blue Man Group: entrevista com os integrantes do grupo”. *Milênio*, 24/11/1996.

SILVESTRE, Edney; ALVAREZ, Helio. “Equipe do *Fantástico* acompanha Katty Kelly, do Vozes do Deserto, ao Iraque”. *FANT*, 10/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Iraque – o berço da civilização”. *FANT*, 17/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Série sobre o Iraque, o país excluído: como vivem os perseguidos pelo ditador Saddam Hussein”. *JN*, 13/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Série sobre o Iraque, o país excluído: contrabando após embargo da ONU”. *JN*, 14/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Série sobre o Iraque, o país excluído: dez anos após a Guerra do Golfo”. *JN*, 11/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Série sobre o Iraque, o país excluído: fábrica de armas biológicas”. *JN*, 12/12/2000.

\_\_\_\_\_. “Série sobre o Iraque, o país excluído: o trabalho da Orquestra Sinfônica de Bagdá”. *JN*, 15/12/2000.

SILVESTRE, Edney; COSTA, Sherman. “Família nos EUA enfrenta inverno rigoroso”. *JN* 17/1/1997.

\_\_\_\_\_. “Furacão Floyd: no olho do furacão”. *JN*, 16/9/1999.

- \_\_\_\_\_. “Furacão Floyd: voo em direção ao olho do furacão”. *JN*, 15/9/1999.
- SILVESTRE, Edney; MOREIRA, Orlando. “Atentados de 11 de setembro: o entorno do World Trade Center”. *JN*, 11/9/2001.
- \_\_\_\_\_. “Turismo: vida em Cuba”. *FANT*, 22/2/1998.
- \_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Cuba: desembarque em Havana”. *JN*, 21/1/1998.
- \_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Cuba: despedida”. *JN*, 26/1/1998.
- \_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Cuba: encontro com Fidel Castro e missa em Camagüey”. *JN*, 23/1/1998.
- \_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Cuba: missa em Havana”. *FANT*, 25/1/1998.
- \_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Cuba: missa em Santa Clara”. *JN*, 22/1/1998.
- \_\_\_\_\_. “Visita do papa João Paulo II à Cuba: terceira missa em Cuba”. *JN*, 24/1/1998.
- SILVESTRE, Edney; MOREIRA, Orlando; LACHER, Júlio. “Eleições americanas: ao vivo, na convenção do Partido Republicano dos EUA”. *JG*, 3/8/2000.
- \_\_\_\_\_. “Eleições americanas: convenção do Partido Republicano na Filadélfia”. *JN*, 4/8/2000.
- SILVESTRE, Edney; ZERO, Paulo. “Entrevista com a atriz Juliette Binoche”. *Milênio*, 2/2/1997.
- \_\_\_\_\_. “Entrevista com o poeta Allen Ginsberg”. *Milênio*, 27/4/1997.

Jorge Pontual

- PONTUAL, Jorge. “Aquecimento global: as duas caras da América”. *Sem Fronteiras*, 10/12/2009.
- \_\_\_\_\_. “Armas, Deus e batom a caminho da Casa Branca”. *Sem Fronteiras*, 2/10/2008.
- \_\_\_\_\_. “Atentados de 11 de setembro: a busca pelos desaparecidos”. *JN*, 14/9/2001.

- \_\_\_\_\_. “Atentados de 11 de setembro: terror nos EUA”. *GREP*, 14/9/2001.
- \_\_\_\_\_. “Crise econômica nos EUA: efeitos da crise financeira no mercado imobiliário”. *J10*, 17/11/2008.
- \_\_\_\_\_. “Eleições Americanas: entrevista com Ann Cooper”. *JN*, 7/11/2008.
- \_\_\_\_\_. “Eleições Americanas: posse de Barack Obama com comentários ao vivo de Washington”. *Estúdio I*, 20/1/2009.
- \_\_\_\_\_. “Entrevista com o economista Thomas Piketty”. *Milênio*, 9/6/2014.
- \_\_\_\_\_. “Entrevista com o filósofo argelino Mohammed Arkoun”. *Milênio*, 21/4/2003.
- \_\_\_\_\_. “Entrevista com o músico David Byrne”. *Milênio*, 4/7/2011.
- \_\_\_\_\_. “O mulçumano americano”. *Sem Fronteiras*, 25/8/2011.
- \_\_\_\_\_. “Os desafios de Obama”. *Sem Fronteiras*, 6/11/2008.
- \_\_\_\_\_. “Série sobre o Alasca e Sarah Palin: atividades da caça e entrevista com o pastor da candidata”. *J10*, 3/10/2008.
- \_\_\_\_\_. “Série sobre o Alasca e Sarah Palin: os críticos da candidata”. *J10*, 4/10/2008.
- PONTUAL, Jorge; ALVAREZ, Helio. “Atentados de 11 de setembro: o caos em Nova York”. *JN*, 11/9/2001.
- \_\_\_\_\_. “Viagem ao futuro: entrevista com o físico inglês Free-man Dyson”. *Especial Internacional*, 18/2/1999.
- PONTUAL, Jorge; BASTIEN, Emmanuel. “Série sobre o Alasca e Sarah Palin: origens da candidata”. *J10*, 3/10/2008.
- PONTUAL, Jorge; COSTA, Sherman. “Entrevista com o crítico literário Harold Bloom”. *Milênio*, 4/9/2000.
- PONTUAL, Jorge; MACHADO, Gui. “Arizona e o conservadorismo em alta na América progressista”. *GloboNews Especial*, 13/5/2012.
- \_\_\_\_\_. “Chicago: que América é essa?” *GloboNews Especial*, 20/5/2012.
- PONTUAL, Jorge; MOREIRA, Orlando. “Atentados de 11 de setembro: imagens exclusivas do local do desabamento das torres do World Trade

Center”. *FANT*, 16/9/2001.

\_\_\_\_\_. “China e Kosovo: entrevista com o jornalista Fareed Zakaria”. *Especial Internacional*, 13/5/1999.

\_\_\_\_\_. “Entrevista com o sociólogo Marc Miringoff”. *Milênio*, 9/2/2004.

\_\_\_\_\_. “Gás Xisto: problema ou solução?”. *Sem Fronteiras*, 1/5/2013.

Marcos Losekann

LOSEKANN, Marcos. “Casamento do príncipe William com Kate Middleton”. *BDBR*, 29/4/2011.

\_\_\_\_\_. “Intifada: campo de refugiados chamado ‘Brasil’”. *JN*, 24/5/2004.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: entrevista coletiva com primeiro ministro de Israel Ehud Olmert”. *JN*, 10/7/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: informações ao vivo no programa *Mais Você*”. *Mais Você*, 18/7/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: Israel atravessou a fronteira e invadiu o território palestino”. *BDBR*, 6/7/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: ofensiva de Israel”. *JH*, 18/7/2006

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: ofensiva israelense no sul do Líbano”. *JN*, 13/7/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: pela primeira vez em seis anos, tropas israelenses invadem o sul do Líbano”. *JN*, 12/7/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: reação do Hezbollah ao bombardeio que devastou o Líbano”. *JH*, 4/8/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: suspensa a negociação entre Israel e os sequestradores de soldado israelense”. *BDBR*, 4/7/2006.

LOSEKANN, Marcos; GILZ, Sergio. “Morte de Osama Bin Laden: a casa onde se escondia o terrorista”. *JN*, 3/5/2011.

\_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: a situação no Paquistão”. *BDBR*, 4/5/2011.

\_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: ao vivo, direto de Abbottabad, Paquistão”. *BDBR*, 3/5/2011.

- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: casa onde terrorista morou e a curiosidade de moradores”. *JG*, 3/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: curiosos em volta da casa de Bin Laden no Paquistão”. *JN*, 5/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: entrevistas com vizinhos do esconderijo do terrorista no Paquistão”. *JH*, 3/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: governo do Paquistão se defende de acusação de não ter identificado presença de Bin Laden no país”. *JG*, 4/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: informações ao vivo no *Bom Dia Brasil*”. *BDBR*, 5/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: investigação na casa que servia de esconderijo para o terrorista em Abbottabad”. *JH*, 5/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: manifestações contra a morte de Bin Laden em vários países”. *JN*, 6/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: militares do Paquistão criticam EUA após operação que executou Osama Bin Laden”. *JG*, 5/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: reforço da segurança no Paquistão”. *JH*, 4/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Osama Bin Laden: trajeto até o esconderijo do terrorista”. *FANT*, 8/5/2011.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Yasser Arafat: enterro em Ramallah”. *JN*, 12/11/2004.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Yasser Arafat: preparativos para o enterro”. *BDBR*, 11/11/2004.
- \_\_\_\_\_. “Paquistão e a sua história marcada por guerras”. *Globonews Especial*, 08/05/2011.
- \_\_\_\_\_. “Primavera Árabe: correspondentes chegam a Benghazi, na Líbia, durante revolta política”. *JN*, 3/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Primavera Árabe: rebeldes enfrentam as forças de Muamar Kadafi”. *JN*, 5/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Primavera Árabe: refugiados da Líbia na fronteira da Tunísia”. *JN*, 25/2/2011.



- \_\_\_\_\_. “Renúncia do papa Bento XVI: circunstâncias da renúncia e a reação dos cardeais”. *JN*, 11/2/2013.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: conflito Israel x Líbano. *FANT*, 16/7/2006.
- \_\_\_\_\_. “Situação em Benghazi, chamada de ‘capital da revolução’ é dominada por rebeldes na Líbia”. *JN*, 4/3/2011.
- LOSEKANN, Marcos; PIMENTEL, Paulo. “Brasileira é refém do marido no Líbano”, *FANT*, 17/8/2008.
- \_\_\_\_\_. “Repórter Marcos Losekann e equipe são sequestrados pelo Hezbollah no Líbano”. *JN*, 18/8/2008.
- LOSEKANN, Marcos; SPERONI, Francesco. “Projeto para salvar o Mar Morto da extinção”. *JN*, 8/6/2004.
- \_\_\_\_\_. “Repórter Marcos Losekann acompanha aviões de combate em base aérea de Israel”. *JN*, 8/8/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: ataque de Israel mata civis na cidade de Qana”. *BDBR*, 31/7/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: ataque mais violento do Hezbollah contra Israel”. *FANT*, 6/8/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: ataques na fronteira; repórter Marcos Losekann corre para escapar de uma bomba”. *JN*, 04/8/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: bombardeio no Líbano”. *JN*, 14/7/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: combates se intensificam”. *JN*, 24/7/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: começa o cessar-fogo entre Israel e o Hezbollah”. *BDBR*, 14/8/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: estrangeiros fogem do Líbano; mortos são enterrados em Nazaré. *JH*, 20/7/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: grupo Hezbollah declara guerra a Israel”. *JG*, 14/7/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: Israel avança em território libanês”. *JN*, 22/7/2006.
- \_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: Israel bombardeia Beirute e outras

ciudades do Líbano; Hezbollah reage”. *JH*, 25/7/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: Israel declara guerra”. *JN*, 21/7/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: Israel faz o ataque mais violento desde o início do conflito no Oriente Médio”. *FANT*, 30/7/2006.

\_\_\_\_\_. “Segunda Guerra do Líbano: ofensiva terrestre de Israel no Líbano”. *JH*, 19/7/2006.

Roberto Kovalick

KOVALICK, Roberto. “Atentado em Paris: atiradores deixam pelo menos 40 mortos em pontos diferentes da cidade”. *JN*, 13/11/2015.

\_\_\_\_\_. “Atentado em Paris: número de mortos passa de 60”. *JN*, 13/11/2015.

\_\_\_\_\_. “Atentado em Paris: policial francês afirma que atentados de novembro foram muito piores do que os de janeiro”. *JN*, 13/11/2015.

\_\_\_\_\_. “Atentado em Paris: presidente francês confirma que os tiroteios e explosões foram ataques terroristas”. *JN*, 13/11/2015.

\_\_\_\_\_. “Atentado em Paris: reféns começam a ser liberados em boate”. *JN*, 13/11/2015.

\_\_\_\_\_. “Haiti: clima de tensão durante apuração da eleição no Haiti”. *JN*, 14/2/2006.

\_\_\_\_\_. “Haiti: haitianos pedem vitória de René Préval como presidente”. *FANT*, 12/2/2006.

\_\_\_\_\_. “Haiti: missão da ONU enfrenta desafio de garantir a tranquilidade durante as eleições”. *JG*, 6/2/2006.

\_\_\_\_\_. “Haiti: morte de Urano Bacellar”. *JN*, 9/1/2006.

\_\_\_\_\_. “Haiti: morte do general brasileiro Urano da Matta Bacellar”. *BDBR*, 9/1/2006.

\_\_\_\_\_. “Haiti: multidão pede que René Préval seja declarado eleito no primeiro turno”. *JN*, 13/2/2006.

\_\_\_\_\_. “Haiti: patrulha do Exército brasileiro em favela”. *JN*, 6/2/2006.

\_\_\_\_\_. “Haiti: René Préval declarado presidente no primeiro turno”. *JN*, 16/2/2006.

- \_\_\_\_\_. “Imigração ilegal: brasileira morre ao tentar entrar nos EUA”. *FANT*, 24/7/2005.
- \_\_\_\_\_. “Mudança do escritório de Pequim para Tóquio: despedida”. *JH*, 6/7/2013.
- \_\_\_\_\_. “Tecnologia: feira de brinquedos em Tóquio”. *JN*, 17/07/2010.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto, Japão: ao vivo, de Kyoto, com as primeiras informações”. *BDBR*, 11/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto, Japão: japoneses saem de Tóquio com destino a Nagoya para fugir da radiação”. *JN*, 18/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto, Japão: o pior tremor registrado no país deixou mais de 350 mortos”. *JN*, 11/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto, Japão: situação em Tóquio e viagem do repórter para Sendai”. *JN*, 12/3/2011.
- \_\_\_\_\_. “Terremoto, Japão: tsunami arrasa cidades costeiras”. *JN*, 11/03/2011.
- KOVALICK, Roberto; FILLUS, Acyr. “Imigração ilegal: brasileiros estão voltando por causa da crise econômica norte-americana”. *JN*, 28/1/2008.
- KOVALICK, Roberto; GILZ, Sergio. “Crise política, Ucrânia: governo ameaça punir os manifestantes que ocupam o centro da capital e pedem a renúncia do presidente e do primeiro-ministro”. *JN*, 4/12/2013.
- \_\_\_\_\_. “Crise política, Ucrânia: manifestantes ocupam a Praça da Independência em Kiev”. *JN*, 7/12/2013.
- \_\_\_\_\_. “Crise política, Ucrânia: polícia tenta desocupar praça, mas manifestantes não cedem”. *JN*, 11/12/2013.
- \_\_\_\_\_. “Crise política, Ucrânia: protestos contra acordo com a Rússia”. *JN*, 9/12/2013.
- \_\_\_\_\_. “Príncipe William e a esposa Kate apresentam oficialmente o filho recém-nascido”. *JN*, 23/7/2013.
- KOVALICK, Roberto; MARCHAND, Carlos. “Vitória de Barack Obama, Nova York: festa nas ruas dos EUA na comemoração da eleição”. *JN*, 5/11/2008.
- KOVALICK, Roberto; PIMENTEL, Paulo. “Atentado em Paris: ataque no Bataclan deixa maior número de vítimas na série de ataques terroristas”. *JN*, 14/11/2015.

\_\_\_\_\_. “Atentado em Paris: governo da França anuncia medidas para combater o terrorismo”. *JN*, 13/1/2015.

\_\_\_\_\_. “Atentado em Paris: jornal satírico *Charlie Hebdo* volta a circular na França”. *JN*, 14/1/2015.

\_\_\_\_\_. “Atentado em Paris: segurança na França reforçada depois do ataque terrorista”. *JN*, 12/1/2015.

KOVALICK, Roberto; SUZUKI, Katsumi. “Mudança do escritório de Pequim para Tóquio: brasileiros passam dificuldades no Japão devido à recessão econômica”. *JN*, 26/2/2009.

Rodrigo Alvarez

ALVAREZ, Rodrigo. “Morte de Nelson Mandela: moradores de Qunu assistem ao enterro pelo telão”. *FANT*, 15/12/2013.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: as ruas da cidade do sol”. *JN*, 16/1/2010.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: busca de sobreviventes em supermercado de Porto Príncipe”. *FANT*, 17/1/2010.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: destruição em Porto Príncipe está entre as piores dos últimos cem anos”. *JG*, 15/1/2010

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: estragos em Porto Príncipe”. *JN*, 13/1/2010.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: o caos em Porto Príncipe”. *JN*, 15/1/2010.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: sobreviventes desesperados por água e comida enquanto corpos continuam espalhados pela cidade”. *JG*, 14/1/2010.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: trabalho dos militares brasileiros na distribuição de comida e água”. *JN*, 19/1/2010.

ALVAREZ, Rodrigo; AZEVEDO, Luiz Claudio. “Equipe do *Fantástico* caça tornados”. *FANT*, 06/06/2010.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: atendimento médico improvisado no meio da rua”. *JH*, 15/1/2010.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: controle norte-americano em Porto Príncipe”. *JN*, 21/1/2010.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: moradores tentam voltar à rotina”. *JN*, 18/1/2010.

- \_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: o Haiti que não foi atingido pela tragédia do terremoto”. *FANT*, 24/1/2010.
- ALVAREZ, Rodrigo; PORTNOI, Jeremy. “Guerra de Gaza: aumenta o número de vítimas por causa do confronto entre radicais do Hamas e da Jihad islâmica e o Exército israelense”. *JN*, 10/7/2014.
- \_\_\_\_\_. “Guerra de Gaza: entrevista exclusiva com porta-voz do ministério de relações exteriores de Israel Yigal Palmor”. *JN*, 24/7/2014.
- \_\_\_\_\_. “Guerra de Gaza: fracassa a tentativa de cessar-fogo entre Israel e o grupo radical Hamas”. *JN*, 15/7/2014.
- \_\_\_\_\_. “Guerra de Gaza: imagens exclusivas feitas por moradores de Gaza em momentos de ataque israelense”. *JN*, 24/7/2014.
- \_\_\_\_\_. “Guerra de Gaza: operação ‘Margem Protetora’”. *JN*, 11/7/2014.
- \_\_\_\_\_. “Guerra de Gaza: passa de duzentos o número de palestinos mortos na ofensiva israelense à faixa de Gaza”. *JN*, 16/7/2014.
- \_\_\_\_\_. “Guerra na Síria e os refugiados: como são tratados os feridos que conseguem escapar da guerra civil na Síria”. *JN*, 13/9/2013.
- \_\_\_\_\_. “Guerra na Síria e os refugiados: cotidiano no campo de refugiados de Zaatari, na Jordânia”. *JN*, 5/9/2013.
- ALVAREZ, Rodrigo; TELLES, Sergio. “Eleições americanas: dia de votação na Califórnia”. *JN*, 4/11/2008.
- \_\_\_\_\_. “Guerra na Síria e os refugiados: morte de refugiados sírios na Jordânia”. *JN*, 12/9/2013.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Nelson Mandela: população se despede de Mandela no estádio Soccer City”. *JN*, 10/12/2013.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Nelson Mandela: reação de autoridades e da população”. *JN*, 6/12/2013.
- ALVAREZ, Rodrigo; PORTNOI, Jeremy. “Guerra de Gaza: tensão aumenta entre Israel e Palestina depois do assassinato de um adolescente palestino”. *JN*, 2/7/2014.
- \_\_\_\_\_. “Morte de Nelson Mandela: sul-africanos fazem fila para ver caixão”. *JN*, 12/12/2013.
- ALVAREZ, Rodrigo; TELES, Lilia; AZEVEDO, Luiz Claudio. “Série Americanos: América em-pobrecida”. *JG*, 30/10/2008.

\_\_\_\_\_. “Série Americanos: Cinturão da Bíblia”. *JG*, 31/10/2008.

\_\_\_\_\_. “Terremoto no Haiti: repórter em Porto Príncipe”. *JN*, 14/1/2010.

ALVAREZ, Rodrigo; TELLES, Sergio. “Série Americanos: como pensa o eleitor americano”. *JG*, 27/10/2008.

\_\_\_\_\_. “Série Americanos: eleitores americanos muçulmanos”. *JG*, 29/10/2008.

\_\_\_\_\_. “Série Americanos: os redutos republicanos”. *JG*, 28/10/2008.

ALVAREZ, Rodrigo; WOLOKITA, Ricardo. “Guerra na Síria e os refugiados: família do menino Aylan”. *FANT*, 6/9/2015.

\_\_\_\_\_. “Guerra na Síria e os refugia-dos: Europa fechada, e o drama dos refugiados para chegar à Alemanha”. *FANT*, 27/12/2015.

\_\_\_\_\_. “Guerra na Síria e os refugiados: voluntários se cadastram para receber refugiados na Europa”. *FANT*, 13/9/2015.

## CRÉDITOS DAS FOTOS DE PERFIL

SANDRA PASSARINHO: Globo/Acervo

LUCAS MENDES: Globo/Leandro Justen

ROBERTO FEITH: Frame de vídeo/ Globo

LUÍS FERNANDO SILVA PINTO: Frame de vídeo/ Globo

RICARDO PEREIRA: Acervo pessoal Ricardo Pereira/Cadu Salles

SERGIO MOTTA MELLO: Frame de vídeo/Globo

SILIO BOCCANERA: Clayton Nunes/Acervo

RENATO MACHADO: Globo/Renato Velasco

ERNESTO PAGLIA: Globo/Itamar Junior

PEDRO BIAL: Globo/Renato Velasco

ILZE SCAMPARINI: Acervo pessoal Ilze Scamparini

CACO BARCELLOS: Globo/Renato Pizzutto

SÔNIA BRIDI: Frame de vídeo/Globo

CÉSAR TRALLI: Globo/Zé Paulo Cardeal

MARCOS UCHOA: Globo/Divulgação

EDNEY SILVESTRE: Acervo pessoal Edney Silvestre

JORGE PONTUAL: Acervo pessoal Jorge Pontual/Flávio Fachel

MARCOS LOSEKANN: Acervo pessoal Marcos Losekann

ROBERTO KOVALICK: Globo/Bob Paulino

RODRIGO ALVAREZ: Acervo pessoal Rodrigo Alvarez

## CRÉDITOS DAS FOTOS DA CAPA

Sandra Passarinho: Acervo pessoal Sandra Passarinho

Marcos Uchoa: Frame de vídeo/Globo

Sônia Bridi: Acervo pessoal Sônia Bridi/Paulo Zero

Ilze Scamparini: Acervo pessoal Ilze Scamparini

Pedro Bial: Frame de vídeo/Globo

Jorge Pontual: Acervo pessoal Jorge Pontual/Flávio Fachel

Edney Silvestre: Frame de vídeo/Globo

Caco Barcellos: Frame de vídeo/Globo

Roberto Kovalick: Frame de vídeo/Globo

Renato Machado: Acervo pessoal Renato Machado

Ernesto Paglia: Acervo pessoal Ernesto Paglia

Luís Fernando Silva Pinto: Acervo pessoal Paulo Pimentel

Silio Boccanera: Frame de vídeo/Globo

Sergio Motta Mello: Acervo pessoal Sergio Motta Mello

Ricardo Pereira: Frame de vídeo/Globo

Marcos Losekann: Acervo pessoal Marcos Losekann

Rodrigo Alvarez: Frame de vídeo/Globo

Roberto Feith: Frame de vídeo/Globo

César Tralli : Frame de vídeo/Globo

Lucas Mendes: Frame de vídeo/Globo

Montagem: Luis Felipe Cavalleiro



## NOTAS

1. “Grândola, Vila Morena” é uma canção composta e gravada por Zeca Afonso, considerada o hino da Revolução dos Cravos. (N.E.)

[\[ ««« \]](#)

2. Os perfis dos repórteres cinematográficos incluídos nesta obra [podem ser encontrados aqui](#).

[\[ ««« \]](#)

3. Nome dado aos seguidores do Partido Comunista da Kampuchea, partido governante no Camboja de 1975 a 1979. (N.E.)

[\[ ««« \]](#)

4. Instalada no 17º andar do prédio da Fundação Cásper Líbero, na avenida Paulista, em São Paulo, a cerca de noventa metros do solo, desde meados dos anos 1960, a sirene da TV Gazeta toca durante vinte segundos diariamente ao meio-dia, em um volume que alcança 160 decibéis. (N.E.)

[\[ ««« \]](#)

5. “Companheiro”, na gíria local. (N. E.)

[\[ ««« \]](#)

## SOBRE A MEMÓRIA GLOBO

MEMÓRIA GLOBO, área da Globo criada em 1999, tem como objetivo preservar a história dos veículos integrantes do Grupo Globo. Para tanto, colhe, organiza e estuda documentos, fotos, filmes, vídeos e arquivos institucionais e pessoais, de antigos e atuais colaboradores. O ponto central do Memória Globo são os mais de mil depoimentos de história oral, gravados em vídeo ou áudio com profissionais que participaram ou participam do dia a dia das empresas. Exemplo desse esforço são também os livros *Jornal Nacional: A notícia faz história* (2004), *Almanaque da TV Globo* (2006), *Autores: Histórias da teledramaturgia* (2008) e *Jornal Nacional: Modo de fazer* (2009).

Copyright © 2018 Editora Globo S. A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº54, de 1995).

#### MEMÓRIA GLOBO

*Pesquisa, redação e edição de texto:* Alice Melo; Carla Peixoto e Juliana Felício

*Pesquisa de vídeo:* Anna Durão; Fernanda Chinelli; Max Nette e Itamar Junior (supervisão)

*Pesquisa iconográfica:* Bia Durão; Juan Silva e Paula França

*Entrevistas:* Adriana Vianna; Alice Melo; Ana Cristina Frias; Ana Paula Goulart; Ana Viana; Carla Peixoto; Carla Siqueira;

Fernanda Chinelli; Irene Chaves; Itamar Junior; Juliana Felício; Juliana Saba; Leandro Paz; Lilian Arruda;

Luciana Azevedo; Mariana Torres; Rafael Teixeira; Rodrigo Linares e Sílvia Fiuza

*Produção de entrevistas:* Julio Araujo e Paula França

*Colaboração de texto:* Juliana Saba

*Revisão final:* Juliana Felício

*Supervisão de texto:* Ana Viana

*Coordenação geral:* Teresa Cavalleiro

*Supervisão editorial:* Ali Kamel – Diretor-Geral de Jornalismo da Globo

*Capa:* Estevão Britto e Luis Felipe Cavalleiro

*Criação do layout do caderno de fotos:* Juan Silva

#### GLOBO LIVROS

*Editora responsável:* Amanda Orlando

*Assistente editorial:* Lara Berruezo

*Revisão:* Bruno Fiuza e Raïtsa Leal

*Diagramação:* Filigrana

*Editora de livros digitais:* Livia Furtado

*Conversão para e-book:* Joana De Conti

*Revisão do e-book:* Fernanda Dias

1ª edição impressa, 2018

1ª edição digital, agosto de 2018

ISBN: 978-85-250-6696-1 (digital)

ISBN: 978-85-250-6559-9 (impresso)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C85

Correspondentes [recurso eletrônico] : bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo / organização Memória Globo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Globo Livros, 2018.

recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788525066961 (recurso eletrônico)

1. Telejornalismo - Brasil - História. 2. Rede Globo de Televisão - História. 3. Livros eletrônicos. I. Memória Globo.

18-51763 CDD: 070.190981  
CDU: 070.1(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

13/08/2018 15/08/2018

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.

Rua Marquês de Pombal, 25 – 20.230-240 – Rio de Janeiro – RJ

[www.globolivros.com.br](http://www.globolivros.com.br)

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

Imagem 1: ACERVO PESSOAL SANDRA PASSARINHO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 2: ACERVO PESSOAL SANDRA PASSARINHO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 3: ACERVO PESSOAL LUCAS MENDES

[\[ <<< \]](#)

Imagem 4: ACERVO PESSOAL LUCAS MENDES

[\[ <<< \]](#)

Imagem 5: ACERVO PESSOAL PAULO PIMENTEL

[\[ <<< \]](#)

Imagem 6: ACERVO PESSOAL PAULO PIMENTEL

[\[ <<< \]](#)

Imagem 7: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 8: ACERVO PESSOAL SERGIO GILZ

[\[ <<< \]](#)

Imagem 9: ACERVO PESSOAL PAULO PIMENTEL

[\[ <<< \]](#)

Imagem 10: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 11: ACERVO PESSOAL RICARDO PEREIRA

[\[ <<< \]](#)

Imagem 12: ACERVO PESSOAL NEWTON QUILICHINI

[\[ <<< \]](#)

Imagem 13: ACERVO PESSOAL SERGIO MOTTA MELLO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 14: ACERVO PESSOAL SERGIO MOTTA MELLO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 15: ACERVO PESSOAL SILIO BOCCANERA

[\[ <<< \]](#)

Imagem 16: ACERVO PESSOAL PAULO PIMENTEL / FOTO PAULO PIMENTEL & FRAME  
DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 17: ACERVO PESSOAL SILIO BOCCANERA

[\[ <<< \]](#)

Imagem 18: ACERVO PESSOAL RENATO MACHADO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 19: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 20: ACERVO PESSOAL RENATO MACHADO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 21: ACERVO PESSOAL ERNESTO PAGLIA

[\[ <<< \]](#)

Imagem 22: ACERVO PESSOAL ERNESTO PAGLIA

[\[ <<< \]](#)

Imagem 23: ACERVO PESSOAL ERNESTO PAGLIA

[\[ <<< \]](#)

Imagem 24: FOTO SERGIO GILZ

[\[ <<< \]](#)

Imagem 25: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 26: ACERVO PESSOAL SERGIO GILZ

[\[ <<< \]](#)

Imagem 27: ACERVO PESSOAL SERGIO GILZ

[\[ <<< \]](#)

Imagem 28: ACERVO PESSOAL ILZE SCAMPARINI

[\[ <<< \]](#)

Imagem 29: ACERVO PESSOAL ILZE SCAMPARINI

[\[ <<< \]](#)

Imagem 30: ACERVO PESSOAL ILZE SCAMPARINI

[\[ <<< \]](#)

Imagem 31: ACERVO PESSOAL ILZE SCAMPARINI

[\[ <<< \]](#)

Imagem 32: ACERVO PESSOAL CACO BARCELLOS

[\[ <<< \]](#)

Imagem 33: ACERVO PESSOAL CACO BARCELLOS

[\[ <<< \]](#)

Imagem 34: ACERVO PESSOAL CACO BARCELLOS

[\[ <<< \]](#)

Imagem 35: ACERVO PESSOAL SÔNIA BRIDI / FOTO PAULO ZERO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 36: ACERVO PESSOAL SÔNIA BRIDI / FOTO PAULO ZERO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 37: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 38: GLOBO / DIVULGAÇÃO

[\[ <<< \]](#)



Imagem 39: ACERVO PESSOAL CÉSAR TRALLI

[\[ <<< \]](#)

Imagem 40: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 41: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 42: ACERVO PESSOAL SERGIO GILZ

[\[ <<< \]](#)

Imagem 43: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 44: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 45: ACERVO PESSOAL EDNEY SILVESTRE

[\[ <<< \]](#)

Imagem 46: ACERVO PESSOAL JORGE PONTUAL

[\[ <<< \]](#)

Imagem 47: ACERVO PESSOAL SHERMAN COSTA

[\[ <<< \]](#)

Imagem 48: ACERVO PESSOAL JORGE PONTUAL

[\[ <<< \]](#)

Imagem 49: ACERVO PESSOAL MARCOS LOSEKANN

[\[ <<< \]](#)

Imagem 50: ACERVO PESSOAL MARCOS LOSEKANN

[\[ <<< \]](#)

Imagem 51: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 52: ACERVO PESSOAL ROBERTO KOVALICK

[\[ <<< \]](#)

Imagem 53: ACERVO PESSOAL SHERMAN COSTA

[\[ <<< \]](#)

Imagem 54: ACERVO PESSOAL ROBERTO KOVALICK

[\[ <<< \]](#)

Imagem 55: ACERVO PESSOAL RODRIGO ALVAREZ

[\[ <<< \]](#)

Imagem 56: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)

Imagem 57: FRAME DE VÍDEO / GLOBO

[\[ <<< \]](#)